

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Estéticas de um mundo plano e estacionário:**

Ciência, religião e conspiracionismo no ecossistema digital terraplanista

Jorge Garcia de Holanda

Porto Alegre,

2023

**Jorge Garcia de Holanda**

Estéticas de um mundo plano e estacionário: ciência, religião e conspiracionismo no ecossistema digital terraplanista

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli

Porto Alegre,

2023

### CIP - Catalogação na Publicação

Holanda, Jorge Garcia de  
Estéticas de um mundo plano e estacionário:  
ciência, religião e conspiracionismo no ecossistema  
digital terraplanista / Jorge Garcia de Holanda. --  
2023.  
323 f.  
Orientador: Emerson Alessandro Giumbelli.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Social, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Pós-verdade. 2. Imagem. 3. Ciência. 4. Religião.  
5. Teorias da conspiração. I. Giumbelli, Emerson  
Alessandro, orient. II. Título.

Jorge Garcia de Holanda

ESTÉTICAS DE UM MUNDO PLANO E ESTACIONÁRIO: CIÊNCIA, RELIGIÃO  
E CONSPIRACIONISMO NO ECOSSISTEMA DIGITAL TERRAPLANISTA

Tese submetida ao programa de Pós-Graduação  
em Antropologia Social da Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutor em Antropologia  
Social.

Porto Alegre, 21 de agosto de 2023

Resultado: Aprovado com louvor.

BANCA EXAMINADORA:

---

Emerson Alessandro Giumbelli (Orientador)  
Departamento de Antropologia  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Rafael Antunes Almeida  
Departamento de Antropologia  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Rodrigo Toniol  
Departamento de Antropologia  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

Bernardo Lewgoy  
Departamento de Antropologia  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

## **Agradecimentos**

Meus agradecimentos se dirigem a quem tornou essa pesquisa e a realização do meu doutorado possíveis e esteve presente num período tão desolador como o da pandemia de COVID-19, com todas as turbulentas ramificações desse acontecimento, coincidente com meus anos de doutorado:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida durante a maior parte do meu doutorado, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida num período mais curto, poucos meses antes.

Ao meu orientador, Emerson Giumbelli, que acompanhou o desenvolvimento dessa pesquisa. Seu equilíbrio entre estímulo, atenção e paciência deram toda a tranquilidade e o cuidado fundamentais ao andamento da pesquisa, à escrita da tese e à manutenção de uma agradável e respeitosa relação orientador-orientando.

Aos professores Bernardo Lewgoy, Rafael Almeida e Rodrigo Toniol, por aceitarem compor a banca de avaliação desta tese e por todos os comentários no dia da defesa. Agradeço também a Eduardo Dullo e, mais uma vez, a Rafael por avaliarem o texto de qualificação. O agradecimento a Rafael se estende também aos diálogos em ocasiões anteriores, praticamente desde o início desta pesquisa, dada a convergência de nossos objetos de estudo.

Ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na figura de professoras, professores e demais funcionários, pela minha formação desde a época do mestrado. Agradeço também ao Ciências na Vida, um espaço acolhedor e de incentivo à prática de pesquisa. Agradeço à professora Patrice Schuch, que me orientou durante todo meu primeiro ano de doutorado, antes da minha mudança de tema de pesquisa.

Às amigas criadas ou retomadas em Porto Alegre durante o doutorado, especialmente a Filipe Rosado, Yuri Neves, Hiro Okido, Bruna Klöppel, Roney Marques e Maíra Costa. Felizmente eu estava enganado quando imaginei que não desenvolveria vínculos profundos ao chegar na cidade. Agradeço pelas conversas e pelo compartilhamento de momentos tão bons, e principalmente por fazerem eu me sentir em

casa. Agradeço a colegas do PPGAS com quem convivi, além de nomes já mencionados, destacando aqui os queridos Oscar Giovanni Martínez e Calvin Furtado. Agradeço às amigadas de Fortaleza, especialmente a Daniel Soares, Tainã Alcântara e Alene Leal, pelas décadas de companheirismo e risadas. Agradeço a Mateus Brandão, grande amigo com quem mantenho conversas praticamente diárias desde os tempos de graduação. Agradeço também a Stephanie Ribeiro e Larisse Amaral pela possibilidade de compartilhar muitos dilemas da vida acadêmica.

A Jefferson, Ana e Viviane, que foram fundamentais para a organização da minha cabeça. Ao Minhoca, saudoso companheiro felino que dividiu muitos tempos vazios da escrita desta tese, e que partiu cedo demais. A Nilo e Teta, por estarem presentes na vida da minha mãe e do meu pai, especialmente num momento tão difícil como o da pandemia.

Ao meu pai, Firmino Holanda, por muito mais do que eu conseguiria dizer num texto tão curto, e com quem aprendi e aprendo tanto. Agradeço por todo seu amor, seu apoio e sua disposição em ser tanto um pai como um amigo. À minha mãe, Silvana Garcia, pelo carinho por toda a minha vida e pelo amparo num dos momentos mais pesados da pandemia. Ao meu irmão, André Garcia, pelo enorme conforto de poder contar com sua presença constante, seja no mútuo entusiasmo das nossas conversas, seja nos diálogos que dispensam as palavras.

À Mayara Queiroz, que acompanhou desde a minha seleção de doutorado até a finalização do curso e que dividiu comigo a intimidade da vida caseira da primeira à última linha da tese. Agradeço por ser a pessoa mais companheira que já conheci, por todo o apoio em momentos de maior fragilidade e pela chance de acessar cotidianamente sua inteligência, seu humor e seu carinho.

## RESUMO

Em meados da década de 2010, uma onda de disseminação do *modelo da Terra Plana* tomou forma em plataformas digitais em diversos países, incluindo o Brasil. Seus defensores — em sua imensa maioria, pessoas sem formação ou atuação na ciência oficial — afirmavam que o contato recente com vídeos, grupos e páginas sobre o assunto havia sido decisivo para, em suas palavras, “despertarem” para a “verdade”, “ocultada” da humanidade, de que vivemos num mundo plano e estacionário, radicalmente distinto do que descreve o paradigma heliocêntrico. A presente tese etnografa a emergência contemporânea do terraplanismo no Brasil tomando sua produção audiovisual divulgada no YouTube como ponto de partida, analisando-a em suas dimensões estéticas e de formação de públicos. Assim, discute-se aqui como o cruzamento entre imagens, discursos e práticas — bem como condições e limites de sua organização, circulação e impulsionamento na plataforma e fora dela — viabilizou a produção de subjetividades e públicos para os quais a versão cosmológica materializada em vídeos correspondia à própria realidade do mundo, a despeito de sua inadequação aos consensos científicos. Para isso, são investigadas três linhas discursivas e complementares que orientam essa produção: *ciência* (mimetizada e modificada pelo terraplanismo, produzindo o que chamam de “ciência de verdade”), *religião* (com a delimitação terraplanista de uma “cosmologia bíblica”, apresentada como convergente ao seu modelo cosmológico) e *conspiracionismo* (base de *mapeamentos cognitivos* que relacionam o indivíduo terraplanista a um modo de suposta dominação global). São também abordadas as dinâmicas do próprio ecossistema digital terraplanista: por um lado, sua constituição no YouTube e outras plataformas *online*; por outro, os esforços de alguns de seus membros para levar a defesa do modelo para além do universo digital.

Palavras-chave: terraplanismo; pós-verdade; imagem; ciência; religião; teorias da conspiração.

## ABSTRACT

In the mid-2010s, a wave of dissemination of the *Flat Earth model* took shape on digital platforms in several countries, including Brazil. Its defenders — in their vast majority, people without training or experience in official science — claimed that recent contact with videos, groups and pages on the subject had been decisive for, in their words, their “awakening” to the “truth” (“hidden” from humanity) that we live in a flat and stationary world, radically different from what describes the heliocentric paradigm. This thesis ethnographs the contemporary emergence of flat earthism in Brazil, taking its audiovisual production released on YouTube as a starting point, analyzing it in its aesthetic dimensions and in the formation of publics. Thus, it’s discussed here how the intersection between images, discourses and practices — as well as the conditions and limits of their organization, circulation and promotion on the platform and beyond — enabled the production of subjectivities and audiences for which the cosmological version materialized in videos corresponded to the very reality of the world, despite its inadequacy to scientific consensus. For this, three discursive and complementary lines that guide this production are investigated: *science* (mimicked and modified by flat earthism, producing what they call "true science"), religion (with the flat earth delineation of a "biblical cosmology", presented as convergent to its cosmological model) and conspiracy (base of *cognitive mappings* that seek to relate the individual to a supposed domination on a global scale). The dynamics of the flat-Earther digital ecosystem are also addressed: on the one hand, its constitution on YouTube and other online platforms; on the other, the efforts of some of its members to take the model's defense beyond the digital universe.

Keywords: flat-earthism; post-truth; image; science; religion; conspiracy theories.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Frame</i> com vista superior da maquete.....	15
Figura 2 - <i>Frame</i> com vista lateral da maquete.....	15
Figura 3 - Categoria <i>Cosmologia da Terra Plana</i> e suas linhas.....	45
Figura 4 - Categoria <i>tópicos correlatos</i> e suas linhas.....	45
Figura 5 - O destaque às distorções de imagem em vídeo de módulo espacial.....	68
Figura 6 - Inspeção imagética do trajeto de um microfone. ....	69
Figura 7 - Forma observada em imagem do solo lunar comparada com uma válvula... 70	
Figura 8 - Formato de rocha lunar comparada com fósil de animal marinho.....	70
Figura 9 - Formato de rocha marciana comparada com um esquilo. ....	71
Figura 10 - Comparação entre uma panela e uma imagem do solo marciano.....	72
Figura 11 - A Terra como um botijão de gás.....	72
Figura 12 - Pintura digital de um buraco negro.....	74
Figura 13 - Distorção digital produzida por aplicativo de celular em imagem de um buraco negro. ....	75
Figura 14 - Conexões conspiratórias .....	80
Figura 15 – Cruzamentos anti-heliocêntricos entre ciência, ficção científica e religião.81	
Figura 16 - Cosmograma da Terra Plana.....	119
Figura 17 - Teste de curvatura na astronomia zetética de Rowbotham.....	138
Figura 18 - Usos terraplanistas da matemática.....	140
Figura 19 - Ilha do Farol pela câmera de Marthins .....	144
Figura 20 - Ilha da Queimada Pequena pela câmera de Marthins. ....	144
Figura 21 - Ilha da Queimada Grande observada por meio da câmera de Marthins ....	145
Figura 22 - Cosmograma divulgado por terraplanistas como exemplo de ilustração contida em algumas edições da Bíblia.....	168
Figura 23 - Continuum criacionismo-evolucionismo.....	170
Figura 24 - Desenhos de tendas sobre modelos de Terra. ....	175
Figura 25 - <i>Sprites</i> como materialização visual do domo. ....	177
Figura 26 – Diferentes colorações como materializações visuais do domo.....	178
Figura 27 - Imagem de condução à contemplação da Terra Plana.....	179
Figura 28 - A Terra Plana como conteúdo de “Baixíssima Qualidade”.....	214
Figura 29 - Meme pré-FlatCon.....	233

Figura 30 - Logomarca da FlatCon Brasil 2019. ....	237
Figura 31 - Primeira versão do <i>banner</i> da FlatCon. ....	239
Figura 32 - Terceira versão do <i>banner</i> da FlatCon. ....	250
Figura 33 - <i>Hall</i> do Teatro Liberdade no dia da FlatCon 2019. ....	257
Figura 34 - Dupla presença da simbologia maçom na entrada do Teatro Liberdade. ...	262
Figura 35 - Alguns atores do discurso conspiracionista do terraplanismo. ....	265
Figura 36 - Uma lista de tópicos conspiratórios. ....	266
Figura 37 – Uma montagem conspiratória. ....	280
Figura 38 - A “pirâmide de controle do sistema”. ....	286
Figura 39 - Contramapeando terraplanista do universo do heliocentrismo. ....	293
Figura 40 - Um cosmograma da Terra Plana, pela linha da “ciência de verdade”. ....	303
Figura 41 - Um cosmograma da Terra Plana, pela linha da “cosmologia bíblica”. ....	304

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>Precedentes e atualizações de uma “ideia infame” .....</b>	<b>17</b>
<b>O terraplanismo como ecossistema digital: público antiestrutural e estética das imagens .....</b>	<b>25</b>
<i>Ecossistema digital terraplanista e a formação de um público antiestrutural .....</i>	<i>27</i>
<i>Estética: produção de imagens e formação da comunidade terraplanista .....</i>	<i>35</i>
<b>O terraplanismo dentro e fora do YouTube e a produção terraplanista dentro e fora da Terra Plana .....</b>	<b>42</b>
<b>1 O FAKE: TERRAPLANISTAS CONTRA AS IMAGENS DO HELIOCENTRISMO .....</b>	<b>56</b>
<b>A imagem “falsa” .....</b>	<b>60</b>
<b>Práticas visuais de “refutação e desmascaramento” .....</b>	<b>64</b>
<b>A caracterização de um espectador “doutrinado” e “devoto” .....</b>	<b>82</b>
<b>2 O RABBIT HOLE TERRAPLANISTA .....</b>	<b>85</b>
<b>Imersão e captura em um objeto distribuído .....</b>	<b>89</b>
<b>A formação estética de um “questionador” .....</b>	<b>107</b>
<b>3 A MIMESE TERRAPLANISTA DA CIÊNCIA: REJEIÇÕES E APROPRIAÇÕES PRÁTICAS E RETÓRICAS .....</b>	<b>110</b>
<b>A reivindicação de uma “ciência de verdade” .....</b>	<b>112</b>
<i>Redescrição de mundo: a mimetização do discurso científico .....</i>	<i>118</i>
<i>Contestação da ciência: a mimetização da autoridade epistêmica da ciência .....</i>	<i>121</i>
<b>Cenas de um terraplanismo experimental .....</b>	<b>125</b>
<i>Ascensão e queda do Centro de Pesquisas Terra Plana Brasil .....</i>	<i>126</i>
<i>A oposição empírico x fantasioso .....</i>	<i>130</i>
<i>O experimento terraplanista como modalidade audiovisual I: refutando a gravidade ....</i>	<i>134</i>
<i>O experimento terraplanista como modalidade audiovisual II: o teste de curvatura .....</i>	<i>137</i>
<i>Mimese do dispositivo experimental da ciência como um modo de partilha do sensível .</i>	<i>145</i>
<b>4 A COSMOLOGIA BÍBLICA SEGUNDO O TERRAPLANISMO .....</b>	<b>148</b>
<b>A equação bíblica do terraplanismo: inserir o Criador, subtrair o “sistema religioso”</b>	<b>149</b>
<i>Alguns apontamentos sobre o terraplanismo “fora das igrejas” .....</i>	<i>159</i>
<b>Delineando uma “cosmologia bíblica” .....</b>	<b>167</b>
<i>A modalidade audiovisual do literalismo bíblico terraplanista .....</i>	<i>174</i>
<i>Da palavra à imagem: revelação .....</i>	<i>179</i>
<b>5 TERRAPLANISMO COMO FENÔMENO DE PLATAFORMA .....</b>	<b>185</b>

<b>A exposição às recomendações do YouTube</b> .....	186
<b>O lugar do YouTube na consolidação, expansão e retração do terraplanismo</b> .....	192
<i>“Como o algoritmo do YouTube distorce a verdade”?</i> .....	197
<i>Terra Plana como objeto de moderação: a categoria de “conteúdo borderline”</i> .....	205
<b>A formação de influenciadores: o terraplanismo no YouTube e o YouTube no terraplanismo</b> .....	218
<b>6 ESFORÇOS POR UM TERRAPLANISMO ALÉM DO DIGITAL</b> .....	<b>230</b>
<b>A “bolha digital” e seus públicos</b> .....	231
<b>“2019 é o ano da Terra Plana no Brasil”</b> .....	234
<i>Interações com a mídia profissional</i> .....	238
<i>Instauração de uma crise: limites da “saída da bolha”</i> .....	246
<i>A proximidade do evento e um episódio inédito no terraplanismo brasileiro</i> .....	250
<i>A realização da FlatCon e o retorno à “bolha”</i> .....	256
<b>7 MAPEANDO E FIGURANDO CONSPIRAÇÕES</b> .....	<b>264</b>
<b>“Totalidade como conspiração”: fantasmas de uma dominação mundial</b> .....	267
<b>O terraplanismo como superconspiração: dos fragmentos ao todo</b> .....	278
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>291</b>
<b>Contramapeando o heliocentrismo, mapeando a Terra Plana</b> .....	293
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>306</b>

## INTRODUÇÃO

Em 2015, o *terraplanismo* ganhava milhares de adeptos no Brasil. A ideia de que nosso planeta não possui formato esférico, e sim plano, resumidamente expressa no termo, é suficientemente extravagante para que, num primeiro contato, incite algum tipo de reação — repulsa, riso, incredulidade, fascínio. Isso é admitido pelos próprios *terraplanistas*, pessoas que se sentiram tão radicalmente transformadas por essa premissa que passaram a reconhecê-la como um traço decisivo de quem são e de como se relacionam com o mundo. Porém, como notam, há algo de enganoso no termo, na medida em que a afirmação nele contida é apenas um ponto de partida: quando falam de *Terra Plana*, querem se referir a um *modelo cosmológico* mais amplo, dentro do qual, segundo eles, o formato plano ganha plena coerência. Quanto mais alguém se aprofunda no funcionamento do modelo, mais se afasta do *heliocentrismo*<sup>1</sup>, e é nessa cisão irreconciliável que o terraplanista assenta sua certeza de que a Terra Plana descreve o mundo tal como ele é — ainda que para seu nêmesis, o *globalista* ou *globaloide*<sup>2</sup>, isso seja visto como a negação de uma cadeia cada vez mais longa de fatos estabilizados pela ciência.

Marthins, primeiro terraplanista brasileiro a formar uma audiência sólida no YouTube, publicou no fim de 2015 um vídeo intitulado “Terra Plana – entenda o conceito de forma simples (para iniciantes)”<sup>3</sup>. Não foi a primeira, muito menos a última de suas produções sobre o assunto, mas a promessa de didatismo parece adequada à Introdução desta tese. Nos seus quase quatro minutos, uma sequência de legendas resume o modelo da seguinte maneira:

A terra é um disco, semelhante a uma “pizza”. Coberta por um firmamento (domo). O Sol e a Lua estão dentro deste domo. Não existem os polos, o Norte é o centro da Terra. A borda da Terra é a Antártida. As estrelas estão presas ao firmamento/domo. O Sol, a Lua e as estrelas giram em torno do Norte. O magnetismo do Norte é o que faz tudo girar. A Antártida (borda) é um lugar proibido e você não pode explorar. Tudo funciona como um campo magnético.

<sup>1</sup> Durante esta tese, o termo *heliocentrismo* aparece não apenas como sinônimo do modelo cientificamente aceito do sistema solar, mas numa acepção mais ampla, comumente usada por terraplanistas, abarcando uma pluralidade de fatos estabilizados pela astronomia moderna (incluindo desde a esfericidade da Terra até uma premissa tão aceita como a de que o espaço sideral existe).

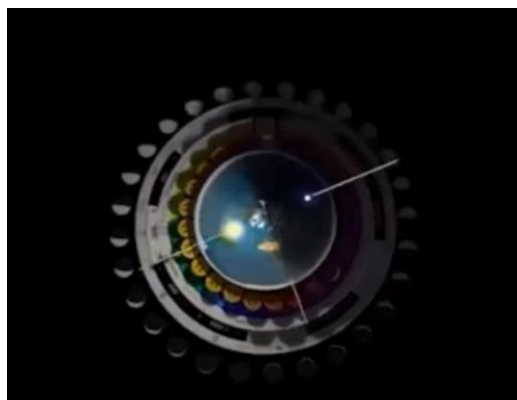
<sup>2</sup> *Globalista* e *globaloide* são os dois termos mais utilizados por terraplanistas para se referirem à pessoa que, em conformidade com os conhecimentos estabilizados pela ciência, reconhece que a Terra tem formato esférico e que as demais definições do paradigma heliocêntrico são corretas.

<sup>3</sup> Vídeo publicado em 18 de dezembro de 2015 no canal *Sem Hipocrisia*. Disponível em: [https://youtu.be/\\_7chLVkOMq0](https://youtu.be/_7chLVkOMq0). Acesso em: 27/06/2023.

A estrela do Norte, ou Polaris, é a única que não gira pois está sempre acima do norte magnético. (...)

Na maior parte do vídeo, o que se vê é a animação digital em 3D de uma maquete da Terra Plana, de intenção apenas parcialmente realista: a descrição do modelo se passaria apenas no seu círculo central, dentro do qual se observaria a formação do dia e da noite com o giro do Sol e a da Lua (Figura 1), enquanto que, nos discos concêntricos abaixo dela, representa-se a contagem das horas, dos dias da semana, dos meses e das fases da Lua (Figura 2). A figura é exibida por ângulos diversos, num sobrevoo incessante que não permite um exame minucioso da quantidade de informações visuais ali concentradas. Mas não é mesmo esse o objetivo do vídeo: além de traduzir imageticamente as principais alegações do modelo da Terra Plana, o engenhoso movimento das várias camadas da maquete parece evocar a impressão mais fundamental do mundo plano como um mecanismo perfeito e harmônico, tal qual uma intrincada peça de relojoaria.

Figura 1 - *Frame* com vista superior da maquete: o modelo da Terra Plana corresponderia ao círculo central, de cor azul, revestido por um domo.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Sem Hipocrisia*).

Figura 2 - *Frame* com vista lateral da maquete: detalhes dos mecanismos abaixo do modelo da Terra.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Sem Hipocrisia*).

Nessa breve apresentação da Terra Plana proposta por Marthins, não há menção direta ao “Criador”, mas ele está presumido na associação do modelo à perfeição — ao espectador, é curta a distância entre este vídeo e a farta produção terraplanista, nesse ou noutros canais, com argumentos e demonstrações bíblicas que vinculam o modelo ao criacionismo cristão. Similarmente, não são desenvolvidas no vídeo hipóteses conspiratórias relativas a por que, como e quem teria decidido pela armação de um grande plano voltado a esconder da humanidade a realidade de uma Terra plana, mas é essa ideia que está (não tão) discretamente contida na legenda que encerra o vídeo: “Seja bem vindo à VERDADE!” — e, da mesma forma, a passagem para um próximo vídeo tem grandes chances de arremessar o espectador nessa linha de argumentação.

\*\*\*

Esses youtubers e os seus vídeos não são um elemento quaisquer na eclosão do fenômeno do terraplanismo: muitos dos atuais defensores do modelo atribuem a eles papel determinante no processo de “despertar” para a Terra Plana; a maior parte das chamadas “evidências” da realidade do modelo, igualmente, é produzida nesses canais; a reunião e o crescimento de audiências terraplanistas se deve em grande medida à atuação no YouTube; muito dos debates que consumiram a atenção de terraplanistas em grupos de Facebook, WhatsApp e Telegram foram pautados por esses youtubers; foram eles os principais escalados para as poucas convenções presenciais terraplanistas; da mesma forma, quase todas as interações do terraplanismo com a grande mídia passaram por esses criadores de vídeo. Esta tese aposta na possibilidade de etnografar a onda recente de disseminação do modelo da Terra Plana tomando essa produção audiovisual como ponto de partida. No decorrer dos capítulos, busco analisar como o cruzamento entre imagens, discursos e práticas — bem como condições e limites de organização, circulação e impulsionamento em plataformas digitais e fora delas — viabilizou a produção de subjetividades e públicos para os quais a versão de mundo materializada em vídeos correspondia à própria realidade do mundo, a despeito de sua inadequação a diversos consensos científicos. Até meados da década de 2010, “terraplanismo” era uma categoria desconhecida para a grande maioria dos brasileiros que deram corpo à onda de interesse pelo tema, impulsionada e consolidada *em* plataformas digitais e *por meio* delas. Entender as condições que tornaram possível a emergência recente desse público passa inevitavelmente por recuar a um precedente moderno desse tipo de ideia, com continuidades e descontinuidades em relação ao terraplanismo contemporâneo.



## Precedentes e atualizações de uma “ideia infame”

*Flat Earth: The history of an infamous ideia*, livro da historiadora Christine Garwood (2010), é até agora o único trabalho dedicado estudar a emergência da defesa de uma Terra de formato plano na Inglaterra vitoriana da primeira metade do século XIX, seguindo sua disseminação — pequena, mas persistente — para a América do Norte no século seguinte. A concepção inicial desse terraplanismo oitocentista é entendido pela autora como obra de um único homem: o inglês Samuel Rowbotham (1816–1884), de codinome Parallax, personagem com um passado como praticante de charlatanismo medicinal devotado a tornar a humanidade imortal e sem relação com universidades, observatórios ou outros tipos de instituição afinada aos conhecimentos e práticas astronômicas então consolidadas (Garwood, 2010). Na década de 1840, ele formulou o que chamou de *astronomia zetética* e passou a promovê-la por meio de conferências públicas, livros e panfletos<sup>4</sup>. Rowbotham defendia basicamente que, por meio de experimentos de observação, cálculos matemáticos e outros procedimentos de inspiração cientificista, além da interpretação de uma série de passagens da Bíblia, seria possível provar que a Terra era plana e estacionária, situada numa cosmologia geocêntrica que reescreveria relações e distâncias entre o planeta e os corpos do espaço sideral (Garwood, 2010).

É grande a semelhança dessa formulação com ideias e procedimentos do terraplanismo contemporâneo, e o nome de Rowbotham é diretamente citado no arcabouço de referências hoje mobilizado para a defesa dessa cosmologia. A premissa de um planeta de formato plano, evidentemente, não era novidade mesmo no século XIX, e, de modos distintos, remonta à Antiguidade, detectável entre sumérios, babilônios, egípcios, hebreus e chineses (Garwood, 2010; Couprie, 2018). Na história ocidental, filósofos pré-socráticos da Grécia Antiga já haviam sistematizado tanto uma Terra plana (caso de Anaxágoras) como uma Terra esférica — por exemplo, Pitágoras, cuja influência se estenderia a Platão e a Aristóteles; este último, por sua vez, conceberia o modelo cósmico (ainda geocêntrico) que perduraria na Europa por mais de um milênio (Couprie,

---

<sup>4</sup> Com *zetética*, de radical grego *zétesis*, Rowbotham remetia seu projeto à ideia de investigação e de dúvida, querendo indicar que sua defesa de uma Terra Plana estava fundamentada na valorização do “questionamento” de todas as certezas e de uma apreensão “direta” do mundo, autointitulando-se como uma formulação dos “verdadeiros investigadores objetivos, os praticantes ideais da ciência”, “buscadores honestos da verdade”, praticantes de uma “ciência de verdade” [*true science*], ainda que conciliada com um forte teor bíblico e apocalíptico (Garwood, 2010, p. 49-50, 113) — temas que, como veremos no decorrer da tese, repetem-se no terraplanismo contemporâneo.

2018; Garwood, 2010). A esfericidade da Terra, como argumenta Garwood (2010), já era consenso entre gregos por volta de 300 a.C., e o debate havia se deslocado para os modos adequados de medir as dimensões do planeta. Nesse contexto, o matemático Eratóstenes (*persona non grata* na “história da ciência” retraçada por terraplanistas contemporâneos) realizou célebre experimento por meio do qual aferiu a circunferência da Terra, no que é hoje recuperado como a primeira das muitas provas de sua esfericidade. Durante a Idade Média, coube a alguns poucos e isolados teólogos (caso de Lactantius e Cosmas Indicopleustes, nomes que nunca vi serem citados por terraplanistas contemporâneos) a defesa de uma Terra plana, calcada em interpretações bíblicas, mas na contramão do pensamento cristão hegemônico, com forte herança dos conhecimentos astronômicos greco-romanos (Garwood, 2010). O historiador Jeffrey Burton Russel (1991) atribui a parte da própria historiografia dos séculos XIX e XX a propagação do que ele chama de “erro plano” [*flat error*] — a comum alegação de que os tempos medievais teriam sido dominados por trevas anticientíficas comprometidas com a sustentação de um mundo plano, heroicamente revertidas pelas viagens marítimas de Cristóvão Colombo. Segundo o autor, ao contrário,

nos quinze primeiros séculos da era cristã, cinco escritores parecem ter negado o globo, e alguns poucos eram ambíguos e desinteressados na questão. Mas a opinião erudita quase unânime declarava que a Terra era esférica, e por volta do século XV toda dúvida já havia desaparecido. (Russel, 1991, p. 26).

A partir do século XVI, uma sequência de astrônomos e matemáticos (Copérnico, Kepler, Galileu, Newton e outros) desenvolveu, aperfeiçoou e consolidou o heliocentrismo como modelo de descrição da posição e do movimento da Terra em relação ao Sol, à Lua e aos demais astros, fundamentados, mais uma vez, na esfericidade do planeta, consenso não apenas dentro como fora das instituições de investigação astronômica. Era na contramão de todo esse longo histórico de acúmulo de conhecimentos em torno de uma Terra esférica — e num cenário de aceleradas transformações que estabilizavam a própria ciência enquanto disciplina e a figura institucional do cientista durante o século XIX — que se situava a empreitada de Rowbotham, reavivando uma descrição cosmológica de sistemas descontinuados e sem tração na cultura europeia dos últimos séculos (Garwood, 2010; Allen, 2009; Shapin, 2006). Segundo Couprie (2018), a “astronomia zetética” reprisava alguns traços dos modelos encontrados na Antiguidade, mas não era exatamente uma derivação deles (o contato de Parallax com eles, em alguns casos, seria até mesmo improvável); o terraplanismo moderno, em outras palavras, pode

ser entendido muito mais como uma invenção recente, que, como sugere Garwood (2010), sintetizava uma série de conflitos que se expressavam na sociedade inglesa daquele século<sup>5</sup> (Garwood, 2010, Gordin, 2021).

Como mostra Garwood (2010), as atividades de Rowbotham geraram algum burburinho à época, em grande parte marcado por uma mescla de desprestígio, rejeição, curiosidade e exotismo, mas também arrebanhou discípulos, vários deles comprometidos com a causa até o fim de suas vidas. Parallax chegou ainda a fundar em 1883, um ano antes de sua morte, a *Zetetic Society*, com base na Inglaterra e com uma filial em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Nomes como William Carpenter (1830–1896), Lady Elizabeth Blunt (1850–1935) e Samuel Shelton (1903–1971) — todos britânicos, nenhum deles vinculado às redes tecnocientíficas de suas épocas — levaram adiante o infame legado zetético, incorporando novos argumentos e táticas de publicização e trabalhando na difusão da teoria para outros países de língua inglesa<sup>6</sup>, mas, durante a maior parte do século XX, os ápices de popularidade da defesa da Terra Plana eram cada vez menores (Garwood, 2010). Charles Kenneth Johnson (1924–2001), estadunidense que assumiu a presidência da *International Flat Earth Research Society* a partir da morte de Blunt, tinha como agenda central a depreciação da agência espacial norte-americana, a NASA. Ele chegou a reunir 4 mil membros pelo mundo (em sua maioria, de países de língua inglesa), mas sua ocasional penetração nos jornais do país durante à década de 1990 — facilitada pelo crescimento no interesse nacional por teorias da conspiração — já havia arrefecido próximo ao fim de sua vida (Garwood, 2010).

Sociedades terraplanistas ainda menores foram criadas nas últimas décadas daquele século nos Estados Unidos, mas pouca ou nenhuma documentação sobre elas é

---

<sup>5</sup> Para Garwood (2010, p. 48), o zeteta soube decifrar a predominância de sentimentos antielitistas “na cultura científica da classe trabalhadora de seu tempo” e de uma ideologia, corrente nas suas classes mais abastadas, do “auto aperfeiçoamento”, segundo a qual “qualquer um podia acumular fatos e alcançar a verdade”; assim, Rowbotham “calculava que sua ideologia democrática zetética poderia ter um poderoso apelo”, explorando isso nas estratégias de divulgação da teoria, materializada em publicações, palestras, debates, desafios públicos e na presença intermitente em reportagens de jornal.

<sup>6</sup> Carpenter emigrou para os Estados Unidos e articulou novas alianças, algumas vinculadas a atividades religiosas, e editou e disseminou novas publicações, suas e de escritos de Rowbotham, defendendo uma Terra plana; Blunt foi a responsável por dar as essas ideias novo fôlego na Inglaterra do início do século XX, fundando a *Universal Zetetic Society*, engrossando os argumentos baseados no literalismo bíblico (agora também em contraposição ao evolucionismo darwiniano) e arregimentando alguns novos apoiadores nas classes mais abastadas do país; Shelton reativou em 1956 a sociedade de Blunt sob o nome de *International Flat Earth Research Society*, dando vida a argumentos conspiratórios em resposta às então nascentes agências espaciais e à consequente nova proliferação de imagens e documentações de eventos astronômicos (Garwood, 2010).

hoje disponível (Garwood, 2010; Olshansky, 2018; Mohammed, 2019). Em 2004, o estadunidense e então residente na Inglaterra Daniel Shelton (sem parentesco com o antepassado terraplanista Samuel Shelton) reacendeu o terraplanismo reivindicando a linhagem iniciada por Rowbotham e criando a *Flat Earth Society*. O grupo construiu um site reunindo textos, documentos e imagens que eram resultado do acúmulo de argumentos, práticas e estratégias de publicidade dos mais de 100 anos de terraplanismo moderno, contando também com um fórum online, onde debates acerca do modelo e da organização do grupo eram realizados. De acordo com o jornalista Michael Marshall, que acompanhou atividades da sociedade e entrevistou alguns de seus participantes em 2013<sup>7</sup>, o fórum era um espaço marcado por um amigável dissenso argumentativo, com diferentes modelos alternativos de Terra sendo propostos a partir da premissa inicial da planicidade. Uma parcela de seus membros era assumidamente descrente quanto à realidade da Terra Plana e se engajava nas formulações pelo prazer de exercitar raciocínios extravagantes, em algo como um experimento coletivo de ficcionalização científica — inclusive, alguns deles tinham formação e atuação na ciência oficial.

Isso estava em continuidade com um modo satírico de engajamento com a Terra Plana que, como conta Garwood (2010), teve início com a criação da divisão canadense da *Flat Earth Society* pelo professor universitário de Filosofia Leo Ferrari — ainda que reprovado aos olhos de muitos dos que acreditavam seriamente no modelo. Também por esse motivo, o terraplanismo, como conta Marshall, chegava ao ano de 2013 despertando pouca preocupação de grupos de divulgação científica dedicados à refutação de negacionismos e pseudociências. E, sobretudo, seu alcance era baixíssimo: naquele início de década, a Sociedade contava com menos de 500 membros (eram predominantemente dos Estados Unidos e da Inglaterra, e nenhum do Brasil)<sup>8</sup>. A baixa inserção do terraplanismo nos meios de comunicação tradicionais rendia reportagens ocasionais sobre a *Flat Earth Society*<sup>9</sup>, sempre retratando seus membros como pouco mais do que figuras

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/podcast/episode/flat-earth-ers-what-they-believe-and-why/> e <https://youtu.be/ZvPNVCdWW9w>. Acesso em: 02/03/2023.

<sup>8</sup> Mais precisamente, 480, segundo dados disponíveis no site da *Flat Earth Society*, chegando a 555 membros em 2016, ano em que a contagem foi encerrada: <https://theflatearthsociety.org/home/index.php/about-the-society/membership-register>. Acesso em: 27/07/2022.

<sup>9</sup> “Do they really think the earth is flat?”, de 04/08/2008: [http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/magazine/7540427.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/magazine/7540427.stm); “The Earth is flat? What planet is he on?”, de 23/02/2010: <https://www.theguardian.com/global/2010/feb/23/flat-earth-society>; “Miedo a un planeta esférico”, de 19/03/2010: [http://elpais.com/diario/2010/03/19/tentaciones/1269026579\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2010/03/19/tentaciones/1269026579_850215.html). Acesso em: 27/07/2022.

peculiares que surpreendentemente insistiam em manter vivo um conjunto de ideias excêntricas num mundo sem lugar para sua pregação solitária. Algumas dessas caracterizações permaneceriam em reportagens dos anos seguintes, mas agora com uma diferença fundamental: seus defensores já não eram tão solitários, formando em plataformas digitais como YouTube ou Facebook audiências de, no mínimo, dezenas de milhares de pessoas ao redor do mundo.

A relação entre as atividades online da *Flat Earth Society* e essa nova onda de “terraplanismo contemporâneo” são pouco lineares, e sua elucidação exigiria seguir uma linha de investigação à qual não me dediquei. O técnico de informática e ex-jogador profissional de jogos de videogame norte-americano Mark Sargent, por exemplo, frequentemente lembrado como o primeiro terraplanista a “viralizar” no YouTube, filiou-se à *Flat Earth Society* em agosto de 2014, frequentando seus fóruns e não chegando a assumir nela nenhum tipo de cargo (posteriormente, desvinculando-se). No YouTube, entretanto, sem reivindicar o nome da organização<sup>10</sup>, criou um canal pessoal, onde divulgou em 10 de fevereiro de 2015 a primeira parte de “*Flat Earth Clues*”, longa série de vídeos na qual compilava e interpretava os supostos sinais de uma grande conspiração ocultando o “verdadeiro formato da Terra”<sup>11</sup>. Seu vídeo não era a primeira publicação no YouTube defendendo a Terra Plana, mas sua súbita e inesperada “viralização” — provavelmente o resultado do desenho do algoritmo de recomendação da plataforma naquele momento (questão discutida mais a fundo no Capítulo 5) — impulsionou não apenas a trajetória de Sargent como youtuber e proeminente defensor da Terra Plana, mas também o próprio fenômeno contemporâneo do terraplanismo (Landrum, Olshansky e Richards, 2019; Marshall, 2020).<sup>12</sup>

“Eu lhe asseguro: isso não é uma piada”, dizia uma das cartelas de texto do vídeo, antecipando as reações esperadas de um espectador comum que, assim como o próprio Sargent, aprenderam “um dos nossos dois fatos básicos de infância: primeiro, que um mais um é igual a dois; segundo, que a Terra é um globo”. Como uma espécie de minidocumentário amador, a produção encadeava imagens coletadas na internet (algumas

---

<sup>10</sup> O endereço do site da *Flat Earth Society* era um dos links disponibilizados junto ao vídeo, mas foi posteriormente removido por Sargent.

<sup>11</sup> Até o momento, este primeiro vídeo conta com mais de 1,2 milhão de visualizações. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T8-YdgU-CF4&t=306s>. Acesso em: 27/07/2022.

<sup>12</sup> Sargent é também o protagonista do documentário “A Terra é plana” (*Behind the Curve*), de 2018, dirigido por Daniel J. Clark e obtendo relativo sucesso ao ser lançado em fevereiro de 2019 na plataforma Netflix.

meramente ilustrativas, outras se prestando ao papel de “evidências” de seus argumentos) junto à voz de Sargent, fio condutor que apresentava o modelo alternativo de planeta e elaborava perguntas que visavam colocar em suspeição as certezas de quem o assistia. A síntese desse procedimento é encontrada na frase que conclui o vídeo: “Espalhe a palavra, ensine a controvérsia”. Repetidamente, Sargent se dirigia a um espectador imaginário, convocando-o a tomar para si a aparente confusão mental do narrador, lentamente sedimentando um ponto de vista para o qual a inacreditável ideia de uma Terra plana parecesse cada vez menos absurda:

Eu sei, eu sei. É loucura. (...) Eu era e ainda sou um cara muito ligado em conspirações. Eu literalmente esgotei os novos assuntos do estilo “chapéu de alumínio”<sup>13</sup> que eu podia pesquisar, mas mesmo assim sentia algum constrangimento quando olhava pra esse [o assunto da Terra Plana]. Mas sempre que eu batia o olho nele, havia algo ainda não resolvido. E quando eu vi a quase perfeição do plano completo, eu fui fígado. Faça sua tarefa de casa, faça as perguntas, permita essa possibilidade e veja se consegue passar para uma imagem ainda mais ampla [*an even bigger picture*] — como: “quem construiu o domo?” e o porquê. É aí que as coisas começam a ficar realmente interessantes e a se abrir.

O primeiro vídeo de Sargent já concentrava alguns elementos marcadamente presentes na produção audiovisual terraplanista que se multiplicaria no YouTube de 2015 em diante: um enquadramento discursivo de natureza conspiratória, a expressão de uma experiência radical de transformação pessoal na contramão dos consensos e evidências científicas, a convocação de um trabalho de pensamento do espectador, o engajamento imersivo resultante de ser “fígado” para dentro de uma temática que promete abalar certezas, a apreensão totalizante que conecta as descrições do modelo terraplanista a uma poderosa e imensa estrutura de poder; ainda mais importante, *o reconhecimento de vídeos publicados em canais de YouTube como formato válido e privilegiado de construção e defesa de um modelo de Terra Plana*. A partir daí, o número de youtubers dedicados a defender a Terra Plana cresceu.

Eric Dubay, estadunidense residente na Tailândia (onde trabalhava como professor de inglês e instrutor de ioga), já era figura ativa em blogs e fóruns dedicados a teorias da conspiração que negavam, por exemplo, a veracidade dos atentados de 11 de setembro às Torres Gêmeas, das viagens à Lua e do aquecimento global<sup>14</sup>. Aproximou-se

---

<sup>13</sup> “Chapéu de alumínio”, ou *tin hat*, é uma gíria comumente utilizada na internet para se referir, de modo depreciativo, a pessoas que acreditam em teorias da conspiração.

<sup>14</sup> Esses e muitos outros tópicos defendidos por Dubay desde 2008 estavam presentes no seu blog *The Atlantean Conspiracy*, de relativo sucesso: <http://www.atlanteanconspiracy.com>. Acesso em: 24/04/2023.

da Terra Plana em 2014, ano em que publicou um *ebook* gratuito, *200 Proofs that the Earth is not a Spinning Ball*, um compilado amador de citações retiradas das publicações de terraplanistas antigos (Rowbotham e outros mais obscuros), imagens e textos originais, assumindo a linguagem da “prova” e da certeza do modelo. O livro, que já circulava na nascente renovação de interesse na Terra Plana, teve seu impulsionamento definitivo quando foi transformado num longo vídeo de mais de duas horas, publicado no YouTube em outubro de 2015, tornando-se referência indispensável no meio terraplanista — hoje, a entrada do livro no site *Google Books* diz que este é “O livro mais popular sobre a Terra Plana já escrito, traduzido para mais de 20 idiomas”; o vídeo, cuja postagem original foi removida do YouTube, vem sendo republicado na plataforma desde então, com traduções em 19 línguas, por terraplanistas de diversos países<sup>15</sup>. O também norte-americano Rob Skiba, nome tão querido entre novos terraplanistas quanto o de Dubai, já publicava em seu canal no YouTube vídeos habilmente editados sobre ufologia, misticismo, criacionismo bíblico e teorias da conspiração (ele se apresentava como um “graduado no *Hollywood Film Institute*”<sup>16</sup> e levava a sério a ideia de que produzia “documentários”). Entrevistou Sargent em abril de 2015 em seu canal, e pouco depois aderiu ao terraplanismo, redirecionando sua produção audiovisual para a temática.

A formação de audiências no YouTube, simultaneamente à criação de páginas e grupos dedicados ao assunto em plataformas como o Facebook, deram início à nova onda de terraplanismo. Do ponto de vista da história dessa “ideia infame” (Garwood, 2010), a diferença desse novo momento, como aponta Shaheed Mohammed (2019), era que o terraplanismo ganhava um outro tipo de acesso às mídias hegemônicas, não estando mais submetidas à difícil penetração nos veículos de massa tradicionais, como televisão e rádio, com escolhas editoriais mais restritivas. Com condições renovadas de propagação, por meio de plataformas como YouTube ou Facebook, a Terra Plana se reproduzia independentemente da centralidade anteriormente dada a grupos como a *Flat Earth Society* (Carbone e Achterberg, 2021; Melo, Passos e Salvi, 2020; Bach, 2018). No berço do terraplanismo contemporâneo, os Estados Unidos, movimentações para “fora” das plataformas chegaram a realizar convenções presenciais — caso das convenções anuais da *Flat Earth International Conference*, iniciadas em 2017. Mesmo nelas, como mostra Alex Olshansky (2018, p. 41), o YouTube parecia funcionar como “a cola da comunidade

---

<sup>15</sup> Traduções para o português podem ser encontradas em diversos canais, como em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z91jP8GYHPY>. Acesso em: 28/07/2022.

<sup>16</sup> Informação que não consegui confirmar em nenhuma outra fonte.

terraplanista”: era à plataforma que seus interlocutores atribuíam o “papel significativo em introduzi-los [na temática] e eventualmente convertê-los”; o quadro de palestrantes era formado por youtubers terraplanistas, e seus espectadores se diziam ansiosos para conhecer suas “personalidades favoritas do YouTube”<sup>17</sup>.

Fora dos Estados Unidos, uma produção digital terraplanista ganhou forma na segunda metade da década de 2010 em países como Reino Unido, Canadá, Argentina, Dinamarca, Holanda, Itália, Alemanha, Chile, Portugal, Uruguai, Espanha, Israel, Japão, Rússia e, claro, Brasil. Em língua portuguesa, páginas e grupos de Facebook foram criados a partir de 2015; no mesmo ano, canais no YouTube começaram a traduzir material de vídeos como os de Dubai ou Skiba. Os terraplanistas Jean e Esaías relembram esse momento em que um público de defensores do terraplanismo começou a se formar no país<sup>18</sup>: entre 2015 e 2016, o *Terra Plana Cosmologia* “era um grupo muito grande”, com mais de 70 mil membros; “os principais terraplanistas hoje que têm canal estavam ali”, quando a produção sobre o assunto “ainda não era tão forte, tava começando”. Também no Facebook, páginas como *Terra Plana Portugal* e *A Terra é Plana* foram “divisoras de águas”, com uma produção de texto e imagem que “abriu a mente de muita gente”. No YouTube, enquanto isso, a atividade ainda escassa no primeiro semestre de 2015 mudaria de figura a partir de novembro, quando o canal *Sem Hipocrisia* assumiu a dianteira da produção na plataforma com vídeos traduzidos e originais, “viralizando” e formando uma das maiores e mais consistentes audiências terraplanistas.

É também Jean quem relembra a importância desse canal e de seu youtuber para o terraplanismo brasileiro:

O canal *Sem Hipocrisia*, o mais importante para mim e para muitos, foi sem dúvida nenhuma a bússola que guiou a grande maioria dos terraplanistas. Esse canal conquistou uma enorme legião de inscritos (...). Jota Marthins, um dos grandes pioneiros do movimento terraplanista brasileiro, desbravou esse tema com muitos testes empíricos que comprovaram definitivamente o real formato da Terra, sem fantasia ou invencionismo. O tempo foi passando, muita gente começou a despontar em seus canais aqui no Youtube, elevando o movimento

---

<sup>17</sup> Contatada para uma reportagem da rede de notícias CNN sobre a edição de 2019 da *Flat Earth International Conference*, a *Flat Earth Society* negava qualquer tipo de vínculo com a convenção, autodefinindo-se como uma “organização de teóricos da Terra Plana que antecede a maioria dos novatos” que enchem o evento. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/11/16/us/flat-earth-conference-conspiracy-theories-scli-intl/index.html>. Acesso em: 04/01/2023.

<sup>18</sup> Conversa transmitida num *hangout* em 20 de julho de 2021 no canal *Esaías Navi – Círculo da Terra*. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/2RkJAgNaemQ>. Acesso em: 20/04/2023.



para um outro patamar. (Jean em postagem de 29 de junho de 2020 em sua página de Facebook *Terra Plana Brasil*).<sup>19</sup>

Jota Marthins, por sua vez, aderindo ao terraplanismo também em 2015, toma Dubai como sua maior influência. Assim como o estadunidense, fez questão de publicar um livro (no seu caso, em formato físico); nos agradecimentos de seu *O universo que não te apresentaram: expondo a maior mentira da humanidade*<sup>20</sup>, além da menção aos poucos canais brasileiros anteriores ao *Sem Hipocrisia*, lemos: “Agradeço imensamente ao youtuber e escritor norte-americano Eric Dubay que foi a primeira pessoa a resgatar o movimento terraplanismo nos Estados Unidos nos tempos atuais”. O dado é relevante por ilustrar bem como o fenômeno do terraplanismo no Brasil não só é bastante recente como deve muito mais à sua elaboração contemporânea com forte penetração em plataformas digitais do que ao modelo de fórum da *Flat Earth Society* ou à institucionalização de uma tradição que necessariamente remeta a Rowbotham como alguma espécie de pai fundador (ainda que se atribua importância à sua atuação).

### **O terraplanismo como ecossistema digital: público antiestrutural e estética das imagens**

Quando iniciei esta pesquisa, em janeiro de 2019, o terraplanismo brasileiro contabilizava 57 canais no YouTube (Albuquerque e Quinan, 2019) — um número que podia ser maior, pois há notícia de alguns canais encerrados de 2015 até aquele ano. No Facebook, existiam pelo menos 7 grupos<sup>21</sup>, sendo *Terra Plana Brasil Exclusivo* o mais movimentado naquele momento, com um ritmo diário de postagens e comentários de seus mais de 30 mil membros (hoje, 38,5 mil). Além de páginas com milhares de seguidores no Facebook e de perfis no Instagram, multiplicavam-se grupos privados no WhatsApp (em grupos, páginas e canais das outras plataformas eram divulgados links de acesso a alguns deles). A partir de 2020, outros grupos (e também “canais de transmissão”, com

<sup>19</sup> Link indisponível (página excluída).

<sup>20</sup> Daqui em diante, refiro-me ao livro apenas como *O Universo...* Sua primeira edição, de 2016, é uma publicação independente; a segunda, saiu pela pequena editora OH! Publicações, dirigida pelo próprio Marthins e de propriedade de um amigo, também terraplanista. Por meio dela, a partir de 2020, vem sendo lançada a coleção “Clássicos da Terra Plana”, com traduções de terraplanistas de séculos passados, como Rowbotham e Carpenter.

<sup>21</sup> Não fiz um levantamento exaustivo de grupos, e também não contei grupos excluídos (caso, por exemplo, do anteriormente citado *Terra Plana Cosmologia*). Eram eles: *Terra Plana Brasil Exclusivo*, *Terra Plana*, *Terra Plana - A Verdade Revelada*, *Grupo de Estudos Terra Plana Brasil*, *Flat Earth - Reino Plano*, *Terra Plana Pesquisa*, *Sociedade da Terra Plana - Brasil*.

permissão de postagem apenas a seus donos) eram criados no Telegram, concentrando números dezenas de vezes maiores que os do WhatsApp. Nesses poucos anos desde sua chegada ao Brasil, o terraplanismo consolidou um pequeno *ecossistema digital de comunicação* — termo que aqui tomo emprestado de Leonardo Nascimento *et al.* (2021), significando que a produção de conteúdo de cada um desses ambientes tende a fazer pontes com as demais plataformas, por meio de *links*, formas indiretas de redirecionamento (sugestões, pedidos de inscrição etc.) ou da própria circulação do material produzido (audiovisual, imagético, textual, sonoro).

Ao mesmo tempo, a centralidade do YouTube para esse universo de produção digital terraplanista foi percebida em outros trabalhos da (ainda baixa) produção acadêmica diretamente dedicada ao terraplanismo. Um artigo de Asheley Landrum, Alex Olshansky e Othello Richards (2019) investiga a capacidade de persuasão desses vídeos a partir da medida de suscetibilidade de diferentes perfis populacionais, verificando uma tendência geral de baixa suscetibilidade ao conteúdo terraplanista, mas que aumentava quanto mais altos fossem os níveis de “mentalidade conspiratória”<sup>22</sup>. Afonso de Albuquerque e Rodrigo Quinan (2019) analisaram o “discurso anticiência” de um canal terraplanista brasileiro, o *Professor Terra Plana*, dando alguma atenção ao papel da arquitetura algorítmica da plataforma na promoção desse tipo de conteúdo (assunto ao qual retomarei no subtópico seguinte). John Paolillo (2018) realizou um levantamento de vídeos terraplanistas na plataforma, sugerindo a produtividade de se pensar a “Terra Plana como mídia de YouTube” — da mesma maneira que se pode pensar o fenômeno “como teoria da conspiração” ou “como epistemologia” —, levando em conta sua influência por outros “gêneros” e “estilos discursivos” comuns na plataforma (o *clickbait*, a trollagem, a produção sobre outras modalidades de teoria da conspiração).

Para compreender como YouTube e outras “redes sociais” se associam nesse *ecossistema digital terraplanista*, excedendo a linha histórica que remete aos escritos de Rowbotham, é necessário situá-lo no contexto mais amplo de consolidação das próprias plataformas digitais, observando como estas se aliam ao fenômeno emergente da pós-

---

<sup>22</sup> Ainda de acordo com os classificadores utilizados por Landrum, Olshansky e Richards (2019), essa segunda tendência diminui quando essas mesmas pessoas apresentam grau maior de “inteligência científica”. O dado é especialmente relevante por ser, segundo os autores, o oposto do que se vê em casos como o dos negacionistas da crise climática, onde se constata o emprego do “raciocínio motivado” (neste caso, uma maior instrução científica em pessoas com perfil político conservador não aponta para uma maior concordância com a comunidade científica, e a “inteligência científica” passa a alinhar-se às suas visões e valores políticos).

verdade. O subtópico seguinte trata disso, buscando também definir o tipo de público que emerge daí: recorro à noção de *público antiestrutural* (Cesarino, 2022), peça-chave para caracterizar o terraplanismo, passando ainda por uma discussão mais ampla sobre constituição de públicos. Depois disso, num novo subtópico, trato da centralidade da produção de imagens na disseminação do terraplanismo, momento em que introduzo uma noção de *estética* vinculada à sua expressão material, fundamental à formação de comunidade no ecossistema digital terraplanista e às tentativas de defensores da Terra Plana de ultrapassar limites de visibilidade pública encontrados nas plataformas digitais.

### *Ecossistema digital terraplanista e a formação de um público antiestrutural*

É na formação de um ecossistema digital que se inscreve a especificidade histórica e sociotécnica do terraplanismo contemporâneo. De acordo com José van Dijck (2013), a formação de um “ecossistema de mídia conectiva” é uma das grandes transformações da internet — consolidada na década de 2010 —, quando as “interconexões de plataformas” fazem emergir uma “nova infraestrutura digital”, com uma “socialidade platformizada”. Plataforma, portanto, é o termo chave desse processo — segundo Nick Srnicek (2017, p. 30, 31), o “novo tipo de firma” característico das reformulações recentes do capitalismo global, funcionando como “uma maneira eficiente de monopolizar, extrair, analisar e usar quantidades cada vez maiores de dados” registrados como traços deixados pelos seus usuários. A “mediatização profunda” (Couldry e Hepp, 2017) contemporaneamente experimentada com a hegemonia e pervasividade de plataformas como YouTube, Facebook ou Instagram<sup>23</sup> diz respeito não apenas à intensificação e saturação dessas mediações no espaço social, mas também à própria reorganização de atividades políticas, econômicas, financeiras e sociais pela centralidade adquirida pela arquitetura dessas plataformas (Couldry e Hepp, 2017; D’Andréa, 2020).

Decomposta em seus elementos básicos, uma plataforma digital é uma infraestrutura “alimentada por *dados*, automatizada e organizada por meio de *algoritmos* e *interfaces*, formalizada através de relações de *propriedade* orientadas por *modelos de negócios* e regida por *acordos de usuários*” (Dijck, Poell e Waal, 2018, p. 9). Como aponta Carlos D’Andréa (2020), levar em conta essa arquitetura implica em reconhecer

---

<sup>23</sup> O “capitalismo de plataforma” (Srnicek, 2017) — ou a “sociedade de plataforma” (Dijck, Poell e Waal, 2018) — estende-se, evidentemente, a mídias que excedem as preocupações desta tese, como Uber, Amazon, IFood, Airbnb etc.

os limites de abordagens do campo digital pela via da “cultura de participação” e das redes sociais como novas ferramentas de interação e comunicação<sup>24</sup>. Isso, evidentemente, não implica em desconsiderar o que os usuários fazem *nas* plataformas e *por meio* delas — a maior parte desta tese, na verdade, dedica-se a observar exatamente isso. Na definição de Benjamin Bratton (2015, p. 604), plataformas são “mecanismos que definem os termos de participação de acordo com protocolos fixos, mas que ganham tamanho e força pela mediação de interações não planejadas ou não planejáveis”; o terraplanismo e parte da movimentação de seus propagadores, até certo ponto, podem ser tomados como exemplos de conteúdos e uso não previsto.

No entanto, seguindo observação de Letícia Cesarino (2021b, p. 312), é importante notar que, “embora não haja dúvidas de que existe uma circularidade entre agência dos usuários e das plataformas (...), reciprocidade não significa simetria”. O Capítulo 5 desta tese segue mais diretamente esse caminho, analisando alguns dos impactos, sobre os rumos do terraplanismo, da responsabilização do YouTube como um impulsionador desse tipo de vídeo. Mas essa assimetria entre plataforma e usuário é decisiva também quando levamos em conta um efeito mais amplo das arquiteturas de plataformas — aquilo que Tarleton Gillespie (2018, p. 96) chamou de “formas culturais que emergem de suas sombras”. Como mostra Cesarino (2022, p. 107), na “reciprocidade assimétrica e invertida” dessas novas mídias, usuário e plataforma estão em “planos de agência” diferentes: para o primeiro, a agência “se limita ao plano local dos conteúdos postados e visualizados”; para o segundo, a agência “é de ordem funcional, ou seja, se dá no âmbito da infraestrutura técnica que enquadra esse conteúdo”, produzindo, “nos ‘bastidores’, outros tipos de efeito, de ordem propriamente sistêmica”, que dizem respeito ao modo como dados, algoritmos, modelos de negócios e demais componentes da arquitetura de uma plataforma organizam uso, recomendação algorítmica de conteúdo, distribuição de anúncios etc. — portanto, onde operam os “vieses organizacionais” que estão “embutidos em seu design”, ainda que não pretendidos pelos designers, e que “só emergem plenamente na relação com grupos e atores concretos (incluindo aí os próprios algoritmos)” (Cesarino, 2022, p. 93, 94).

---

<sup>24</sup> Muitos trabalhos chamam atenção para essa mudança de abordagem, costumeiramente localizando uma transformação na percepção das plataformas digitais em meados da década de 2010 (por motivos parcialmente relatados no Capítulo 5); entre eles, estão: Tufekci (2015), Morozov (2018), Noble (2018), Bory (2020), Gillespie (2018), Cesarino (2021b; 2022), Roberts (2019) Daniels (2018), Gorwa, Binns e Katzenbach (2020), Suzor (2019) e Kaye (2019).

Plataformas digitais possuem um “espaço-tempo” que “vai no sentido contrário ao da infraestrutura sociotécnica que sustenta a democracia liberal e o sistema de peritos moderno” (Cesarino, 2022, p. 111) — como resume Jayson Harsin (2014), promovendo fragmentação, aceleração temporal, compressão espacial, captura da atenção fugidia dos usuários, sobrecarga de informações e novos hábitos de consumo de notícias e outros tipos de conteúdo. Até certo ponto (e a diferença será retomada adiante), aquilo que Cesarino (2022, p. 113) entende como um estado de “crise permanente” no cenário dessas novas mídias, produzindo “novas subjetividades individuais e coletivas” que “enfraquecem as formas de subjetivação e produção de verdade baseadas no reconhecimento universal”, é o que Harsin (2015, p. 330) irá nomear como a “hipersegmentação da sociedade”, formadora de “mercados de verdade” baseados em “marketing, algoritmos, ciclos epistêmicos e o ímpeto de participação digital por meio de conteúdo gerado por usuários, *likes* e compartilhamentos”. Para Harsin (2014, 2015), está aí o nó entre uma “nova ecologia de mídia” e o fenômeno contemporâneo que vem sendo chamado de *regime de pós-verdade*.

Peter Dahlgren (2018), descrevendo atributos das novas mídias semelhantes àqueles listados por Harsin (abundância e velocidade das informações), define a pós-verdade como uma “crise epistêmica” na qual emerge uma “cultura política da desconfiança”. Lista-se aí o enfraquecimento da confiança na democracia, na ciência, nas escolas, nos veículos de mídia tradicionais (Dahlgren, 2018), numa “desintegração das hierarquias tradicionais de informação” (Kalpokas, 2019, p. 2) definida como uma “revolta contra a expertise” (Edis, 2020), ou, mais precisamente, uma “crise do sistema de peritos” de cada um desses domínios (Cesarino, 2021a, 2022; Miguel, 2022). Nesse cenário, ganham condições renovadas de circulação conteúdos tais como discursos radicalizados, extremistas, politicamente incorretos e de extrema-direita, rumores, *fake news* e trollagens, retóricas conspiratórias, controversas ou reacionárias, milenarismos, esquemas de pirâmides e pseudociências (Harsin, 2015; Lewandowsky, Ecker e Cook, 2017; Dahlgren, 2018; Kalpokas, 2019; Cesarino, 2021a; Phillips e Milner, 2021).

O efeito epistêmico disso, num sentido mais amplo, é que as “novas mídias alteram profundamente as formas de produção da realidade outrora dominantes” (Cesarino, 2022, p. 23). Ignas Kalpokas (2019, p. 5), ao definir a pós-verdade como “condição geral de cisão entre as reivindicações de verdade e a verificabilidade dos fatos” (Kalpokas, 2019, p. 5), defende que essa transformação diz respeito à submissão dos

critérios de verdade às “lógicas de mídia”, que organizam a “experiência” a partir da forma como essa infraestrutura comunicacional opera e da relação produtor–audiência na qual ela se baseia. Na esteira do processo de “mediatização profunda”, em que há um “aumento da dependência de todos os processos sociais sobre infraestruturas de comunicação em escalas que vão até o global” (Couldry e Hepp, 2017, p. 51), as novas mídias tornam diferentes domínios (política, mercado, ciência, entretenimento etc.) potencialmente “indistinguíveis” (Kalpokas, 2019) — o que Cesarino (2022) chama de “colapso de contextos”. Para Kalpokas (2019), essa configuração de mídia torna possível o deslocamento dos critérios de verificação dos fatos para a eficácia performativa e afiliativa no circuito produtor–audiência, na qual a “verdade” corresponde àquilo que mantém essa relação ativa, engajante e recompensadora para ambos. Na medida em que essas mídias se tornam “ferramentas primárias para a interação e construção social de mundos de vida compartilhados” (Kalpokas, 2019, p. 6) — nos termos de Couldry e Hepp (2017, p. 27), o próprio “horizonte” do mundo social —, as “narrativas” da pós-verdade passam a funcionar como uma “ficção cocriada”, circulando em ambientes digitais sem “pontos de ancoragem fixos”, com apelos afetivos, simbólicos e subjetivos (Kalpokas, 2019). Há pontos questionáveis na argumentação de Kalpokas, um tanto rígida ao caracterizar as diferenças entre verdade e pós-verdade nos termos de razão/emoção, objetivo/subjetivo e outros divisores. Ela é útil, no entanto, por chamar atenção para o que se passa entre determinada “lógica de mídia” e um processo de *criação de engajamento com* algo com um valor de verdade circunstancial, incompatível com os critérios que pretende desafiar.

O terraplanismo contemporâneo é, enfim, outro exemplar desse cenário de “pós-verdade” (Cesarino, 2021a, 2022; Almeida, no prelo; Miguel, 2022), emerge exatamente no bojo desses processos que, nos termos de Cesarino (2022), viraram o centro normativo “do avesso”, constituindo-se enquanto “públicos antiestruturais”. Para entender a relevância do termo, é importante observar algumas variações da noção de *público* dentre as quais ele se situa. Como alvo de um duradouro investimento teórico capitaneado por Jürgen Habermas, o conceito de *esfera pública* remete ao processo histórico de ascensão da burguesia europeia dos séculos XVIII e XIX em consonância com a formação da divisão moderna entre o privado e o público e da democracia deliberativa (Carreira, 2001). Ainda para Habermas (1974, 1989), essa esfera pública, enquanto mediadora entre a sociedade e o Estado, constitui-se pela reunião de indivíduos privados que discutem,

divergem, consensualizam e deliberam acerca de questões de interesse comum, promovendo o *debate público* e formando a *opinião pública*. Na caracterização habermasiana, essa qualidade comunicacional da esfera pública estaria calcada no emprego da racionalidade, provedora de uma equalização entre indivíduos — a despeito de suas diferenças — em torno da validade argumentativa e do entendimento mútuo (Habermas, 1989; Carreira, 2001). A clássica formulação de Habermas é entendida por Nancy Fraser (1992) como uma ferramenta útil (desde que submetida a amplo escrutínio crítico) para pensar os limites da “democracia realmente existente” nas sociedades do capitalismo tardio, a despeito das limitações sócio-históricas desenhadas nas elaborações originais do autor — para Habermas (1989), a passagem entre os séculos XIX e XX seria o momento de degeneração e decadência da esfera pública, dada uma ambiguidade entre interesses públicos e privados da imprensa e das emergentes mídias de massas.

São muitos os problemas encontrados por Fraser (1992) no conceito, mas aqui nos interessa chamar atenção para um em específico<sup>25</sup>. A autora observa que, em Habermas, a esfera pública burguesa é tomada como modelo desejável na medida em que seja unitária, singular; a multiplicação de arenas públicas, por outro lado, equivaleria à “fragmentação” e ao “declínio” de seu potencial democrático. Para Fraser (1992), ao contrário, é na interação entre uma pluralidade de públicos que se expande o espaço discursivo e a contestação de processos de subalternização, a partir de um princípio de publicidade voltado à amplificação de públicos, e não a um “separatismo” fragmentário; nas palavras de Fraser (1992, p. 124), ainda que um processo de enclausuramento de grupos possa se dar involuntariamente, predominaria uma dialética entre a “reclusão” de grupos e “atividades de agitação direcionadas a públicos mais amplos”. Trata-se aí daquilo a que a autora se refere como *contrapúblicos subalternos*, constituídos por membros de grupos sociais submetidos às assimetrias de poder dos marcadores de gênero, sexualidade, raça e classe e cuja possibilidade de formulação de contradiscursos que validem suas “identidades, interesses e necessidades” passa pela manutenção dessas “arenas discursivas paralelas” (Fraser, 1992, p. 123).

---

<sup>25</sup> Sobre os demais, resumidamente, Fraser (1992) critica a flagrante desconsideração dos efeitos das desigualdades de gênero, classe e status sobre o “debate público”, que resulta numa concepção masculinista e burguesa; o dualismo entre público e privado, que veria no contágio do segundo sobre o primeiro um problema incontornável, é também rejeitado; além disso, a autora questiona a divisão entre sociedade civil e Estado, regida em Habermas por lógica semelhante àquela que impõe sobre a relação público/privado.

O conceito de *contrapúblicos subalternos*, que Fraser (1992, p. 124) já reconhece também poder referir-se a grupos “explicitamente antidemocráticos e anti-igualitários”, é retomado por Michael Warner (2002) com a ampliação dessa ressalva. Antes vale enfatizar o modo como esse autor concebe a noção de públicos em seu processo de constituição. Como define Warner (2002, p. 50, 55), “um público é um espaço de discurso organizado por nada mais do que o próprio discurso”, existindo “em virtude de seu endereçamento” e criando o espaço social de “circulação reflexiva do discurso”. Para o autor, trata-se de uma “habilidade performativa”: o endereçamento a um público é também a “criação de um mundo”, que “postula e caracteriza” o objeto ao qual se dirige, desde que o reconheça “não como um objeto inteiramente ficcional (...), mas como um caminho real para a circulação do discurso. Esse caminho é então tratado como uma entidade social” (Warner, 2002, p. 64). Com essa caracterização, os *contrapúblicos*, para Warner, não estão necessariamente vinculados a condições sociais e políticas de subalternidade (entre os exemplos do autor estão os fundamentalistas cristãos norte-americanos), pois o que os define prioritariamente é a consciência do pertencimento a um status de conflito com um “público dominante”, diferenciando-se dele em termos de ideias, políticas, “gêneros discursivos”, “modos de endereçamento” dos discursos a outros públicos e posição diante de “hierarquias de mídias” (Warner, 2002, p. 86).

De volta a Fraser, essa percepção de assimetria dos *contrapúblicos* em relação às esferas públicas oficiais eram, como observa a autora, parcialmente reduzidas com a formação de circuitos comunicacionais contradiscursivos: tomando como exemplo um público subalternizado — a cena feminista nos Estados Unidos —, notava-se a criação de “jornais, livrarias, editoras, redes de distribuição de filme e vídeo, palestras, centros de pesquisa, programas acadêmicos, conferências, convenções, festivais e locais de encontro” (Fraser, 1992, p. 123). Essa lista poderia ser estendida a ambientes *online*. Como mostra Elisabeth Jay Friedman (2017), a formação de uma rede transnacional feminista na internet no início da década de 1990 não apenas conectou globalmente diversos desses coletivos como teve papel ativo numa história mais longa de construção sociotécnica de um projeto de internet descentralizada, emancipadora e favorável à conexão de outros *contrapúblicos*. Trata-se de um cenário frontalmente distinto ao capitalismo de plataforma da década de 2010. Robyn Caplan e Danah Boyd (2016, p. 3) observam que o amplo otimismo direcionado à “comunicação em rede” — quando “esferas públicas (*contrapúblicos*) emergiam em fóruns e salas de chat onde o discurso



podia florescer sem a necessidade de mediação de veículos de notícias” — foi frustrado por um desenvolvimento da internet que culmina em ambientes “não menos imunes ao controle do que os sistemas de mídia anteriores”, com arquiteturas que “operam sem supervisão pública” e atravessadas pela lógica da personalização algorítmica e da publicidade segmentada [*targeted advertising*].

Essa configuração comunicacional é regida por uma dinâmica *homofílica* — segundo Laura Kurgan *et al* (2019, p. 14), uma escolha de arquitetura algorítmica que, sob a égide do princípio de que “similaridade gera conexão”, tende a aproximar usuários baseada em interesses e perfis de consumo semelhantes, promovendo uma curadoria de conteúdo que reitera e reforça os vieses desses usuários ao formar mundos sociais nos quais “identidades e posições previamente sustentadas são reforçadas e concentradas, ao invés de desafiadas ou hibridizadas”. Nas palavras de Eli Pariser (2011, p. 10), isso pode ser entendido como a formação de uma “bolha de filtro”, efeito pelo qual o “universo de informação” de um usuário de plataformas digitais se torna o resultado de “mecanismos de previsão, constantemente criando e refinando uma teoria de quem você é e do que você irá fazer e querer em seguida”. Extraindo algumas consequências disso para uma vida pública cada vez mais dependente da figura do usuário de plataforma e que produz “formas de vida (...) inseparáveis de procedimentos computacionais e das determinações (parciais) correspondentes que tais sistemas impõem”, Patricia Reed (2018, sem página) diagnostica uma fratura na noção esfera pública: a “negociação do incomum necessária à vida pública” estaria sobreposta à “premissa estrutural da inclusão baseada na similaridade”. Isso equivaleria, para autora, não à multiplicação de contrapúblicos orientados pela expansão dos discursos públicos, mas à “dissolução da gramática da esfera pública em dialetos específicos de comunidades cujas formas de vida já não podem interagir ou ser mutuamente compreensíveis” (Reed, 2018, sem página).

As formações daí derivadas podem ser pensadas de diferentes maneiras. Crystal Abidin (2021) propõe a noção de *públicos refratados* para pensar uma série de estratégias digitais de manutenção de grupos “abaixo do radar” — por exemplo, com a efemeridade de publicações *online*, automaticamente removidas pouco depois de publicadas, ou com uso de expressões e lógicas de pensamento pouco inteligíveis fora dos iniciados naquele contexto de produção. A autora chama a atenção para a co-construção (humana e algorítmica) desses públicos caracterizados por uma “silosociabilidade” — ou seja, a busca por uma visibilidade “intensamente comunal e localizada”, “feita sob medida para

*rabbit-holes* e subcomunidades específicas e que podem não ser acessíveis ou legíveis para *outsiders*” (Abidin, 2021, p. 4). De modo um pouco distinto, mas ainda relacionável a essa linha argumentativa, a eleição presidencial de Jair Bolsonaro em 2018 foi analisada por Camila Rocha e Jonas Medeiros (2021) como o momento da produção de uma *contrapublicidade dominante* no Brasil: contrapúblicos de extrema-direita que desde anos anteriores se imaginavam em conflito com um público dominante — representado como o “sistema” ou o “*establishment*” — se expandiram com a construção de uma hegemonia discursiva, ao mesmo tempo em que mantinham a lógica do conflito e do “choque constante com outras arenas discursivas, dentro e fora do estado, com o fim de manter seus apoiadores constantemente mobilizados” (Rocha e Medeiros, 2021, p. 14).

Letícia Cesarino (2022) segue outra via, propondo a noção de *públicos antiestruturais* para pensar a emergência recente de populismos de extrema-direita, conspiracionismos, negacionismos e afins. O conceito, em primeiro lugar, dá continuidade à noção de públicos refratados de Abidin, formados na coemergência entre “um substrato difuso de usuários comuns”, “decisões algorítmicas” e a “ação tática de influenciadores organizados” que exploram os vieses técnicos da infraestrutura das plataformas produzindo “efeitos não intencionados, porém sistêmicos” (Cesarino, 2022, p. 23, 131). Contudo, para Cesarino (2022, p. 139), eles não são contrapúblicos, na medida em que “não apenas não se ancoram na mesma lógica política da esfera pública liberal e do Estado democrático de direito, como pressionam suas instituições e pressupostos na direção de um limiar verdadeiramente transformacional”. Ainda segundo a autora, apesar desse tipo de público “ocupar e tensionar a normatividade sociopolítica a partir de suas margens”, numa relação de forte antagonismo, com o fim de “virá-la do avesso”, não há uma ruptura definitiva dessa “camada normativa”, e sim a conformação “aos poucos [de] outra camada do real”, inclusive com processos de “*mainstreamização*”, como em “canais no YouTube que operam na zona cinzenta entre mídia profissional e mídia alternativa” (Cesarino, 2022, p. 140).

Para a autora, a emergência da *pós-verdade* equivale a uma reconfiguração “antiestrutural” catalisada pelas novas mídias (o que não significa que essa relação seja de simples causalidade direta). A noção de um estado de “crise permanente” implica naquilo que está no próprio núcleo do conceito de “pós-verdade” como crise no sistema de peritos, e que a autora reconhece como “desintermediação”, ou seja, o “desengajamento dos elementos do sistema de sua estrutura normativa anterior”

(Cesarino, 2022, p. 16). Segundo Cesarino (2022, p. 18), esse processo, acelerado pelas novas mídias, corresponde ao “enfraquecimento dos mediadores do sistema de peritos anterior: a mídia pré-digital, os partidos, a academia, a ciência” — e acrescento à lista as instituições religiosas, relevantes no caso do terraplanismo, como ficará mais claro no Capítulo 4. Porém, como argumenta a autora, essa dinâmica não é linear, como se a ordem anterior levasse à ruptura e transformação num novo estado de estabilidade (enfim aplacando a crise). Ao invés disso, a “desintermediação”, para Cesarino (2022, p. 16), coexiste com formas de “reintermediação”, que reestruturam, por meio das próprias mídias digitais, um tipo de “resolução” que acirra o tensionamento. Formam-se aí o que a autora chama de “públicos antiestruturais”, e entre eles podemos situar o público organizado em torno do ecossistema digital terraplanista.

O movimento geral descrito por Cesarino (2022, p. 15), portanto, é o de crise do “centro organizador”, a partir da qual emerge a antiestrutura — “camadas marginais, latentes, heterodoxas do sistema numa dada configuração sócio-histórica” —, que passam a coexistir enquanto um público antiestrutural “tensionando o sistema como um todo na direção de seus limites estruturais” e produzindo inversões, antagonismos acirrados e reorganização de divisores (por exemplo, verdadeiro/falso). As teorias da conspiração e as “ciências alternativas”, para Cesarino (2022), são algumas dessas formas de “reintermediação” que atravessam esses públicos — dentre aqueles, os populismos de extrema-direita e os antivacina e defensores do “tratamento precoce” de COVID-19. O que se passa nesses públicos, para falarmos nos termos de Noortje Marres (2018), não é o “desmantelamento total da autoridade dos fatos”, mas sim dos “fatos públicos”; neles, segundo Cesarino (2022, p. 133), há antagonismo à mídia tradicional, à ciência etc., mas há também assimilação de algumas de suas formas, bem como a produção de outros tipos de “peritos”, sob outros critérios — caso da coprodução entre a figura do “influenciador digital” e sistemas algorítmicos.

### *Estética: produção de imagens e formação da comunidade terraplanista*

Mas há mais que isso: como veremos no Capítulo 6, no qual descrevo o processo de organização de uma convenção terraplanista, o caráter conflitivo e reintermediador encerrado na definição do terraplanismo como público antiestrutural coexiste com atitudes ambíguas diante de tal “centro organizador”. Whitney Phillips e Ryan Milner

(2021) sugerem o papel de dinâmicas de retroalimentação entre jornalismo profissional e teorias da conspiração disseminadas em meio digital a partir do simples ato de noticiá-las, amplificando decisivamente sua “tração cultural”. Por reconhecerem justamente a continuidade do poder de alcance e visibilidade desses meios fora das fronteiras de seu ecossistema digital, terraplanistas mantiveram em mais de um momento delimitações de “público” não inteiramente explicadas pela condição de “público antiestrutural” na qual estavam encerrados. Para entender isso que nas palavras de terraplanistas foi nomeado como (tentativas de) “saída da bolha digital”, há outras dimensões teóricas da ideia de *público* a serem abordadas, que possam dar conta, nos termos de Emerson Giumbelli (2018, p. 97), de seus “processos de composição”, observando “empiricamente as situações variadas que podem encarná-la”<sup>26</sup>.

Ainda que terraplanistas com frequência adotem certa disposição conflitiva empenhada em instaurar e sustentar uma controvérsia de interesse público acerca do formato do planeta, esta tese discute menos essa dimensão dos “processos de composição” de públicos (Giumbelli, 2018), e mais as condições de publicização do terraplanismo. Sobre esse aspecto, Daniel Cefaï, numa perspectiva pragmática<sup>27</sup>, indica que a formação de um “problema público” envolve o trabalho de conquista de “atenção pública” e a abertura de “palcos de publicização”, o que, por sua vez, requer “uma trama de suportes e conexões materiais” e simbólicas (Cefaï, 2017, p. 193), “ambientes instrumentais ou organizacionais, conceituais ou morais” e “disposições e dispositivos de ação” (Cefaï, 2017, p. 204). Desenha-se aí o que Giumbelli (2018) delinea como duas outras variações da noção de *público*<sup>28</sup>: *publicness* (o registro do que se torna publicamente relevante) e *publicity* (os “meios que produzem essa relevância”) — respectivamente, as atribuições do que se deve ser tornado visível, com orientação a um espaço comum, e as mediações que materializam tal visibilidade (Giumbelli, 2018, p. 22). Nos debates de uma Antropologia da Religião interessada na noção de “religião pública” em interseção com a atenção às materialidades, essas modulações apontam para as mediações que constituem coletivos religiosos que colocam para si o problema da

---

<sup>26</sup> Como também indica Meyer (2011), trata-se não de trocar categorias normativas por uma noção ampla e genérica de *público*, mas de partir de sua compreensão prática e empírica, para a partir daí poder confrontá-las analiticamente — o que, para Montero (2016), implica em colocar as próprias fronteiras entre elas como objeto de análise.

<sup>27</sup> O autor se vale não da perspectiva normativa de Habermas, mas de uma tradição pragmatista de nomes como John Dewey, Robert E. Park e George H. Mead.

<sup>28</sup> A terceira delas, segundo Giumbelli (2018), é a noção de “públicos endereçados” de Warner (2002), que remete aos coletivos que constituem um público.

conquista de atenção pública, superando empiricamente aparatos teóricos que conformam o religioso ao domínio da crença desmaterializada e privada (Hirschkind, 2001; Meyer, 2011; Meyer, 2019b; Engelke, 2013; Montero, 2016; Giumbelli, 2018; Giumbelli, Rickli, Toniol, 2019). Paula Montero entende a religião pública como o “resultado das dinâmicas de publicização colocadas em ação pelos atores na disputa pela atenção pública” (Montero, 2016, p. 144), o que implica na visibilidade como “condição mesma de existência dos agentes na esfera social” (Montero, 2016, p. 140) a partir de “diferentes formas de produção de públicos e de publicidade pelos atores religiosos por meio de variadas tecnologias/artefatos de visibilidade” (Montero, 2016, p. 129, 130).

Nos termos de públicos endereçados, Warner (2002) entende a *atenção* como condição básica para a constituição de (e o pertencimento a um) público, num processo que, em algum nível, leva em conta que aquilo que se diz, mostra e faz poderá alcançar “estranhos”, mesmo que não se direcione voluntariamente a eles. Como ainda escreve Warner (2002, p. 55), “um público está sempre em excesso em relação à sua base social conhecida”. De certo modo, é essa a premissa que está em jogo na análise de Birgit Meyer (2011, p. 150, 152) sobre o pentecostalismo em Gana, que aparece como religião pública a partir de “assuntos e grupos caracterizados pela abertura e acessibilidade”, e cujo processo de “ir a público” [*going public*] acontece ao se “assumir uma aparência pública por meio da qual uma religião é visível e audível aos outros”<sup>29</sup>. A disputa por atenção pública, portanto, diz respeito também a uma produção sensorial de “imagens, textos, sons (...) compartilhados” (Meyer, 2011, p. 153).

Assim, a autora propõe “investigar estratégias e atos reais por meio dos quais a religião pública se materializa” (Meyer, 2019c, p. 152, 156)<sup>30</sup> e entende que isso pode se realizar por uma ampla variedade de mídias, incluindo-se meios modernos de comunicação de massa — no seu contexto de campo, a produção visual cristã no sul de Gana, filmes exibidos em cinemas, vídeo e televisão ocupam lugar central. Para Matthew Engelke (2013), a despeito da ideia de degeneração da esfera pública pelas mídias de massa presente na formulação original de Habermas, é justamente por meio delas que se pratica a publicidade [*publicity*] entre os membros da *British and Foreign Bible Society*

---

<sup>29</sup> Giumbelli (2018) explica que opera aí o sentido de *publicness*, orientado ao “comum”, e para o qual a produção de visibilidade diz respeito a “tornar controverso” (Latour, 2005 *apud* Giumbelli, 2018).

<sup>30</sup> Para Meyer, interessa analisar os “mediadores que materializam o religioso em práticas corporais e objetos específicos” (Giumbelli, Rickli, Toniol, 2019, p. 15).

(organização cristã atuante na divulgação da Bíblia em nível nacional e internacional). Atento aos “suportes” por meio dos quais se “conquista publicidade” [*publicity*] (Giumbelli, 2018, p. 8), Engelke (2013, p. xxv) descreve estratégias utilizadas pelo grupo para ocupar o *mediascape* britânico da época (“livros, jornais, revistas, programas de rádio, programas de televisão, internet, blogs, eventos”), realizando ações que resultavam na cobertura por veículos de mídia tradicional ou que produziam presença pública (por exemplo, em atividades pouco movimentadas em cafeterias e *shoppings*, mas que se tornavam perceptíveis por outros públicos exatamente por não serem realizadas em ambientes de acesso restrito).

Seja nos esforços de constituição disso que chamo aqui de um *terraplanismo público*, seja na sua condição enquanto *público antiestrutural* dependente de um ecossistema de plataformas digitais, mediadores materiais surgem como os nós — ou os nexos de intencionalidades, nos termos de Gell ([1998], 2020) — que articulam a circulação, o aprendizado, a contestação ou a perpetuação do modelo da Terra Plana. Mas o papel exercido especificamente por vídeos e outros recursos visuais (gravuras, fotografias, montagens, memes etc.) no processo subjetivo de “despertar” e na produção e manutenção de um público autoidentificado como terraplanista exige mais alguns comentários, que levem em conta uma dimensão *estética* do terraplanismo. No histórico de engajamento da Antropologia com o estudo de objetos audiovisuais, já se observou sua importância para “a produção de identidades individuais e coletivas” do grupo a eles vinculados (Ginsburg, Abu-Lughod e Larkin, 2002, p. 1, 2). Para David MacDougall (1999, p. 283, 284), esses artefatos podem ser encarados como “formas culturais visíveis”, em muitos casos criados como “expressão autoconsciente de identidade política e cultural, dirigida em parte a se contrapor a representações feitas por outros”. Além disso, como expressão cultural de um povo, podem exibir concepções reflexivas “de si” tanto quanto conhecimento de mundo e valores (Sprague, 1978).

Terraplanistas e seus vídeos não se encaixam no quadro povo/artefatos. Entretanto, essa produção audiovisual implica em efeitos de formação de grupo — mesmo num sentido mais amplo e aberto do termo, como aquele empregado por Latour (2012) — que merecem exame. Birgit Meyer fornece um programa teórico que ajuda a pensar o objeto desta tese — ainda que as décadas de trabalho de campo da antropóloga com o pentecostalismo do sul de Gana e sua coordenação de projetos de pesquisa eminentemente voltados para os estudos de religião (Giumbelli, Rickli e Toniol, 2019) analisem contextos

muito distintos do terraplanismo contemporâneo. Em linha com o que foi apontado em parágrafos anteriores, Meyer parte de uma abordagem material, entendendo que “a religião se torna concreta e palpável por meio das pessoas, cujas ideias e práticas implicam uma ampla variedade material” (Giumbelli, Rickli e Toniol, 2019, p. 17). Em outras palavras, trata-se de tomar religião como mediação e analisar “os modos concretos” de “fabricação” de “um senso de algo divino, espiritual, sublime ou transcendente” (Meyer, 2019d, p. 185), buscando não incorrer na circunscrição moderna do religioso ao âmbito mentalista, individualizante e desmaterializado da “crença” (Meyer, 2019b).

Uma vez que imagens, textos, sons, corpos e outros mediadores concretizam a religião em “formas e formações tangíveis na vida social”, a produção de sujeitos e de comunidades aparece como eixo fundamental da “relação religião-mídia-comunidade”, que à autora interessa investigar (Meyer, 2019a, p. 45). Para responder à questão de como se combinam os vínculos entre pessoas, objetos e a transcendência, Meyer (2019a) retoma o conceito de *comunidades imaginadas* de Benedict Anderson como uma espécie de contraexemplo teórico, que termina por encontrar limites por razões em parte semelhantes à insuficiência da noção de “crença”. Argumentando que “Estado-nação”, “condição nacional” e “nacionalismo” são categorias culturais modernas, surgidas e disseminadas a partir do final do século XVIII, Anderson (1991, p. 32, 34) entende nação como “uma comunidade política imaginada”, formada e vinculada por meio de símbolos e instituições (literárias, cartográficas, estatísticas etc.) e dependente da formulação de uma “imagem viva de comunhão” e “camaradagem horizontal”, a despeito das desigualdades internas e da impossibilidade de conhecer cada um de seus membros.

Meyer (2019a) reconhece a pertinência da análise de Anderson (e nota que, também nela, as mediações ocupam papel central na produção de vínculos), mas propõe, no lugar de “comunidade imaginada”, o conceito de *formação estética*. Como argumenta a autora, o termo *formação*, de caráter mais processual, “abrangente e dinâmico”, permite ir além da noção de comunidade enquanto “grupo social fixo, delimitado”, ao mesmo tempo em que não descarta um sentido de “entidade social” (Meyer, 2019a, p. 53) — uma solução que é, portanto, mais afinada a públicos como o que analiso nesta tese<sup>31</sup>. O termo *estética*, por sua vez, redistribui o núcleo imaginativo de Anderson para o corpo,

---

<sup>31</sup> Pinney (2006, p. 142) sugere deslocamento semelhante ao se referir à existência de modalidades de visão, reguladas em práticas específicas, que não se encontram “dentro dos limites histórica e territorialmente limitados de culturas específicas”, mas distribuídas em redes.

permitindo falar (também) de sensorialidade, experiência, afeto e demais atributos não comportados na noção cognitivista — nas palavras de Meyer (2019a, p. 53), materializando as imaginações, “experimentadas como reais, e não [como] meras representações intercambiáveis alocadas na mente”. Há uma modulação conceitual importante neste segundo termo, que exige alguns comentários antes de falarmos o que Meyer pretende extrair da noção de formações estéticas e do uso que dela faço nesta tese.

O sentido kantiano de estética (*aesthetica*), como argumentam Meyer e Jojada Verrips (2008), iniciou um legado teórico que deu peso assimétrico ao cognitivo, em detrimento da dimensão corporal e multissensorial. Nessa perspectiva, o “belo” e o “sublime” são apreendidos (prioritariamente pela visão) por um sujeito desinteressado (e, portanto, cognitivamente capaz de emitir juízos estéticos) (Carroll, 2022), sentidos como prazer ou desprazer na “confluência não intencional de imaginação e razão”<sup>32</sup> (Meyer e Verrips, 2008, p. 22). Perseguindo outra via, Meyer e Verrips (2008, p. 21) recorrem à definição aristotélica de estética (*aisthesis*), que “se refere à nossa experiência sensorial total do mundo e ao nosso conhecimento sensorial dele”, considerando uma “capacidade corporal com base em um poder dado em nossa psique para perceber os objetos no mundo por meio de nossos cinco diferentes modos sensoriais” — em poucas palavras, “engajamento sensorial com o mundo” (Meyer, 2019d, p. 192). Assim, *estética*, no sentido sugerido pelas autoras, trata mente e corpo como indissociáveis: “a produção de sentido e conhecimento (que é usualmente associada ao domínio da mente) sempre envolve experiência e emoções corporais *bem como* reflexões sobre isso” (Meyer e Verrips, 2008, p. 29). Ao mesmo tempo, seus objetos são não apenas aqueles privilegiados pela história da arte, mas também os de contexto religioso ou uso cotidiano<sup>33</sup>.

Levando isso em conta, o conceito de *formação estética* se refere, então, ao “impacto formativo de uma estética compartilhada através da qual sujeitos são forjados pela modulação de seus sentidos, pela indução de experiências, pela moldagem de seus

---

<sup>32</sup> Ou, como resume Carroll (2022, p. 382), “Há um excesso, uma beleza verdadeira que só pode ser apreciada através do ato desinteressado de apenas, simplesmente, olhar. Isso é o que Kant quis dizer com sua famosa sugestão de que a estética é uma ‘finalidade sem fim’; a estética persegue a exploração cognitiva sem encontrar uma explicação racional (é uma finalidade), mas, ao invés de facilitar a compreensão cognitiva (fim), ela traz prazer por meio da apreciação da Beleza”.

<sup>33</sup> A abordagem é consonante com a emergência dos estudos de *cultura visual*, que, por vias distintas, como mostra Pinney (2006, p. 131, 139), deslocam-se “do objeto de arte para a cultura de percepção, e das tradições de elite para as práticas e interações cotidianas mais difusas”, atentando-se aos “processos sociais da visualidade”. Gell ([1998], 2020) fez o mesmo com sua teoria do nexa da arte (retomada no Capítulo 2).



corpos e pela produção de sentidos; uma estética que se materializa nas coisas”, que implica na “convergência entre processos de formação de sujeitos e de constituição de comunidades — como formações sociais” (Meyer, 2019a, p. 54). Para os propósitos da autora, isso faz da religião “um domínio da estética por excelência”<sup>34</sup> (Meyer, 2019d, p. 192), ainda que não se restrinja a esse campo, pois há um “reconhecimento crescente de que o surgimento e a continuidade de formações sociais dependem de estilos que formam e vinculam sujeitos” (Meyer, 2019a, p. 79). Na medida em que incide sobre uma formação social moldando “ideias, emoções, disposições, valores e práticas comuns, e um ‘senso comum’ compartilhado por meio de modos habituais de percepção, técnicas corporais e um ambiente ou habitat material”, é possível identificar na dimensão estética a capacidade de “afetar seus observadores e induzir neles um senso de verdade e poder” (Meyer, 2019a, p. 53; 2019d, p. 195). Isso implica numa ambiguidade analiticamente importante, retomada ainda nesta Introdução: no contexto de uma formação estética, é possível produzir “efeitos de realidade” e percepções de “imediatez”, o que “depende assim da mediação e da sua negação” (Meyer 2019a, p. 63; 2019b).

Um último ponto a ser destacado vem, primeiramente, na forma de uma ressalva feita pela própria autora. Apontar a importância das materialidades, diz Meyer (2019a, p. 80), “não deveria se traduzir em uma mera celebração da corporeidade, nem [em] uma adoção acrítica do corpo como o terreno real da experiência”. Para ela, “o corpo e os sentidos estão sujeitos a manipulação e inscrição social”, de modo que o atributo *conceitual* participa de sua definição de estética, tanto qual o *sentimental* (Meyer 2019d, p. 169; 2019a). Assim, aquilo que concerne à mente (linguagem, cognição, símbolo etc.) permanece como dimensão fundamental para a análise das formações estéticas — afinal, é defendendo sua investigação integrada à corporalidade que Meyer e Verrips (2008) sintetizam sua definição de estética. É importante enfatizar esse aspecto, especialmente no caso do terraplanismo, que entroniza a ideia de que recusar o heliocentrismo equivale a uma espécie de retorno a uma percepção pura, e por isso mais verdadeira, da realidade. Evidentemente, isso remonta a efeitos de realidade e de imediatez que são produzidos na formação estética (Meyer, 2019a), mas é necessário notar que esse próprio processo de

---

<sup>34</sup> A dimensão estética, escreve Meyer (2019d, p. 193), implica na “moldagem do conjunto dos sentidos de um fiel e [n]a gênese de sensibilidades e emoções por meio de práticas estéticas distintivas e autorizadas (...). Essas práticas estéticas são a base material para a produção do sentido. A produção do significado não é algo desencarnado e abstrato, mas profundamente sensorial e material, contrariamente ao que o viés protestante sugere”.

“modular”, “forjar” e “induzir” sujeitos depende decisivamente de certas operações cognitivas acionadas na relação com essas formas concretas — assim, seguindo Timothy Carroll (2022, p. 381, 395-396), *estética* se refere a “apreensão somática” tanto quanto à capacidade cognitiva “de resposta intuitiva e empática a padrões” materializados em artefatos<sup>35</sup> (retornamos a essa questão no Capítulo 2).

À luz do que foi apontado até aqui, a escolha de tomar imagens como ponto de partida para a análise do terraplanismo se apoia em dois aspectos observados no fenômeno contemporâneo de defesa desse modelo de mundo: primeiramente, imagens são a principal forma de tornar o terraplanismo público, ainda que outras modalidades de publicização sejam acionadas e que as próprias imagens dependam de sua articulação a universos discursivos que lhes deem sentido; em segundo lugar, e não menos importante, as imagens terraplanistas consolidam uma estética, por meio da qual palavra e visualidade dão forma aos próprios meios de validação interna do modelo — aquilo que seus defensores reconhecem como “evidências”, como argumentos apropriados e, em suma, como “a verdade”.

### **O terraplanismo dentro e fora do YouTube e a produção terraplanista dentro e fora da Terra Plana**

Uma vez que o ecossistema digital terraplanista se espraia por plataformas como o Facebook ou o WhatsApp, cujos modelos de “grupos” não são definidos pela divisão produtor–espectador que organiza o acesso ao YouTube, é evidente que há outras lógicas de participação no meio terraplanista, fundamentais no próprio processo de despertar (nesta Introdução, foi pontuada mais de uma vez a importância desses ambientes). No entanto, assim como noutros públicos antiestruturais (Cesarino, 2022), a figura do *influenciador* tem um papel importante no ecossistema terraplanista. Ele ocupa o lugar daquilo que Luis Felipe Miguel (2022, p. 204) descreve como um efeito importante da “crise de legitimidade” do jornalismo profissional, que, num cenário de fragmentação comunicacional, desloca a função de *gatekeeper* — “alguém que recolha, selecione e

---

<sup>35</sup> Carroll (2022, p. 380) observa outras tendências de pensamento sobre estética, além daquelas de matriz kantiana e aristotélica: a terceira, tomando a estética como o “domínio dos elementos constitutivos formais dessas formas sensuais externas, do estilo e da harmonia das relações dentro dos artefatos artísticos ou cotidianos e da prática social”; a quarta, empregando o termo como “semelhante à beleza ou à ornamentação”. Sua proposta de resolver essa instabilidade conceitual corresponde, em suas palavras, a uma síntese das três primeiras definições em “um modelo mutuamente informado” (Carroll, 2022, p. 181).

hierarquize as informações” — da mídia tradicional para indivíduos que conseguem uma projeção diferencial em cada bolha informacional das novas mídias. No público aqui analisado, essa posição é facilmente reconhecida, pelos próprios terraplanistas, na figura de youtubers que consolidaram grandes audiências em seus canais, o que se confirma nos seus números de visualizações, inscritos e comentários e na recorrente menção, indicação e compartilhamento de seus vídeos nos grupos<sup>36</sup>.

De modo geral, embora a análise de um acervo de vídeos de Youtube tenha sido privilegiada, o acesso a outras plataformas do ecossistema digital terraplanista foi fundamental para essa pesquisa, e não apenas nos trechos da tese em que se faz alguma menção direta a esses espaços. No Facebook, acompanhei desde janeiro de 2019 as publicações e comentários do grupo *Terra Plana Brasil Exclusivo* (naquele momento, o maior em número de inscritos); no WhatsApp, estive presente, em momentos diferentes desde 2019, em 6 grupos; no Telegram, entre canais de transmissão e grupos, estive em 15 (apenas 2 deles não eram administrados por youtubers). As mídias *offline* consultadas foram poucas, mas importantes: o livro *O Universo...*, anteriormente citado (escrito por um youtuber), e a primeira edição da *Revista Terra Plana*, lançada em 2019, resultado do trabalho de um grupo de 21 terraplanistas (13 deles, youtubers). Também estive presente na única edição da convenção FlatCon Brasil, realizada em 10 de novembro de 2019, no Teatro Liberdade, em São Paulo. Além disso, conversei, com diferentes graus de interação (e sempre virtualmente), com 5 terraplanistas (o único nominalmente citado nesta tese foi Henrique, no início do Capítulo 2).

Mas o material mais farto da tese está concentrado no YouTube. Meu acesso a vídeos, *lives*, comentários e postagens de texto e imagem (a plataforma permite esse formato na aba *Comunidade*) abrangeu produções de 2015 a 2022 (com maior concentração no período 2015–2020) distribuídas por 22 canais. Dentre eles, os vídeos de 6 youtubers formam a espinha dorsal do material de campo da tese: Marthins (do *Sem Hipocrisia*), Bruno (do hoje fora do ar *Mistérios do Mundo* e do *Cb Bruno Alves*), Gilberto (do *Terra Plana Reloaded* e *O Caminho Estreito*), Afonso (do *Ciência de Verdade*), Flávio (do *Canal do Evangelista Flávio*) e Leandro (do *Inteligência Natural*, em poucas

---

<sup>36</sup> Essa não é uma característica exclusiva do terraplanismo brasileiro. Olshansky (2018, p. 41) aponta que terraplanistas estadunidenses com quem teve contato eram unânimes ao descrever o YouTube como “uma fonte confiável e irrestrita de material visual baseado em evidências [*visual evidence-based material*] produzido por indivíduos buscadores da verdade”, e a plataforma era “citada como uma das fontes mais confiáveis de notícias não enviesadas”, tomando a mídia *mainstream* no sentido inverso.

ocasiões acompanhado de sua companheira, Clarissa, também terraplanista) — com destaque para um sétimo nome, Jean (do extinto *O Questionador* e do *Flat Con Brasil*), ainda que apareça no Capítulo 6 menos como youtuber, e mais como organizador da FlatCon. A escolha desses nomes teve a ver com sua popularidade em 2019, ano em que iniciei a pesquisa (fosse em termos de números na plataforma ou de menções nos grupos em que estive inserido), e com a grande quantidade de cruzamentos entre si (tanto na forma de alianças como de conflitos). Os outros nomes que aparecem no decorrer da tese — alguns com mais frequência, outros em citações pontuais — são: Alê (*O Evidencialista*), Débora (*Débora G. Barbosa*), Akira (*Akira Dunada*), Priscila (*Prisca de Côco*), Katia (*Reino Plano*), Lisarde (Canal Ciência Bíblica), Siddartha (*Professor Terra Plana*), Anderson (*Mr Anderson Terra Plana*), Elaine e Amanda (*Eu & Ela Curiosa*), Esaías (*Esaías Navii — Círculo da Terra*), Thiago (*Teologia & Verdades*) e Max (*Escatologia e Ciência de Verdade*)<sup>37</sup>.

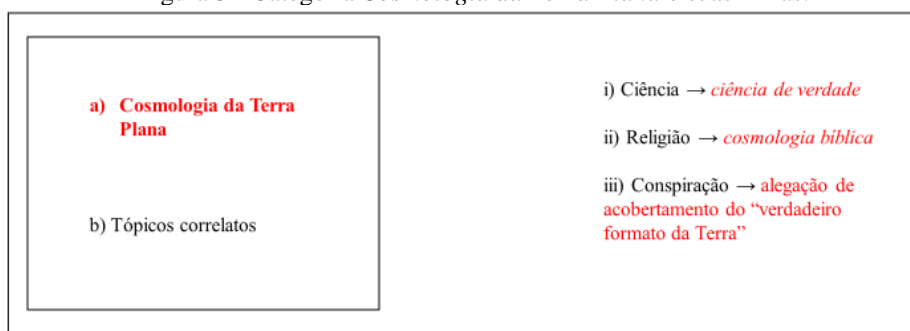
De modo geral, podemos dividir o conteúdo desses canais em duas categorias temáticas, cada uma delas se expressando em três *linhas* discursivas (combinações entre elas podem ser encontradas dentro de um mesmo canal ou de um mesmo vídeo). Os tópicos nos quais esta tese se concentra estão, em sua maioria, diretamente relacionados à categoria temática da *cosmologia da Terra Plana*; esses canais, entretanto, dificilmente se restringem a falar sobre terraplanismo, abrangendo também um tipo de tema nomeado aqui com a categoria aberta de *tópicos correlatos*. *Ciência, religião e teoria da conspiração* atuam como as principais linhas que organizam discursivamente o conteúdo tanto da categoria *cosmologia da Terra Plana* como dos *tópicos correlatos* (Figuras 3 e 4). A lógica interna de cada uma das linhas varia: a *ciência* e a *religião* são os dois campos centrais cujas autoridades epistêmicas (Gieryn, 1999) são disputadas por terraplanistas (ainda que as condições de enunciação e estabilização de fatos próprias a cada um desses campos, em suas formas “não terraplanistas”, sejam distintas entre si); *teoria da conspiração*, enquanto isso, já é o próprio estilo discursivo adotado por terraplanistas ao abordarem questões envolvendo poder político, econômico, cultural etc. Para cada linha,

---

<sup>37</sup> Não documento aqui as ocasionais alterações nos nomes desses canais. Além disso, é relativamente comum que alguns vídeos sejam removidos ou ocultados pelos próprios youtubers (nas notas de rodapé, constará a expressão “link indisponível”). O caso de *Mistérios do Mundo* é diferente: por razões explicitadas no Capítulo 5, o canal inteiro foi retirado do ar pelo próprio YouTube.

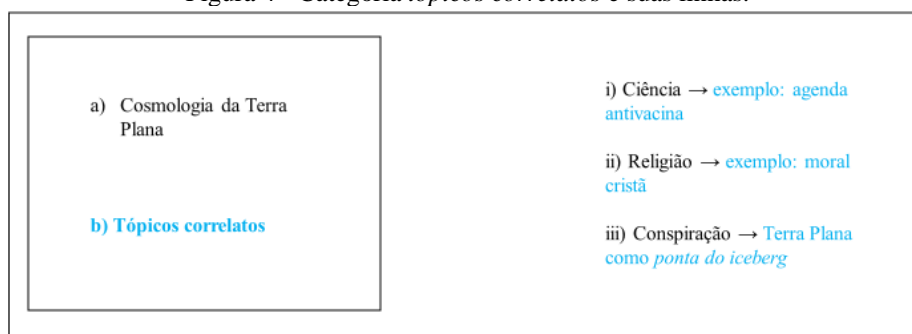
diferentes “efeitos de realidade” (Meyer, 2019a) são produzidos, fundamentais para a compreensão da formação estética terraplanista.

Figura 3 - Categoria *Cosmologia da Terra Plana* e suas linhas.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 4 - Categoria *tópicos correlatos* e suas linhas.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A categoria temática da *cosmologia da Terra Plana* (Figura 3), ao adotar práticas e argumentos expressamente antagônicos (ainda que repletos de mimetismos) à “ciência estabelecida” e àquilo que chamam de “sistema religioso”, toma ambas como pertencentes ao domínio do “falso” e produz suas próprias versões (antagônicas, mas também miméticas) de cada uma: a *ciência de verdade* (o uso amador de jargões científicos e de dispositivos “experimentais” para apresentar “evidências” da Terra Plana) e a *cosmologia bíblica* (a interpretação literal da Bíblia como meio de “comprovação” da cosmologia terraplanista) são apresentadas nesses canais como dois dos principais fundamentos (complementares) do terraplanismo. A abordagem da Terra Plana pela linha da *teoria da conspiração*, enquanto isso, parte da premissa de que o “verdadeiro formato da Terra” foi ocultado da humanidade por forças poderosas que atravessam os campos da ciência, da religião e além, desdobrando daí “demonstrações”, acusações e o elenco desses atores (a NASA e outras agências espaciais, o papa e a Igreja Católica, a indústria do entretenimento etc.).

A categoria temática que abrange *tópicos correlatos* (Figura 4), enquanto isso, tem na linha da *teoria da conspiração* uma outra importante premissa, que mantém o terraplanismo como um programa aberto à potencialmente infundável articulação de outras agendas: a ocultação do “verdadeiro formato da Terra”, dizem, seria apenas “a ponta do iceberg” de um universo muito maior de teorias da conspiração com foco no controle da humanidade — com o início da pandemia de COVID-19, por exemplo, a maior parte dos youtubers aqui citados esteve engajada com a disseminação de conteúdo sobre o assunto sem que sua conexão com a cosmologia terraplanista precisasse ser demonstrada, mas presumida em sua negação da gravidade da doença e das medidas recomendadas pelos órgãos de saúde para combatê-la, tratando a crise de saúde como uma conspiração mundial interessada no controle populacional. A linha da *ciência* se mantém em tópicos correlatos: a pauta antivacina, por exemplo, era abordada mais veladamente antes da pandemia, mas se generalizou depois dela, ao mesmo tempo em que terapias “alternativas” eram defendidas como formas mais “verdadeiras” e seguras de cuidado com a saúde. Na linha da *religião*, outros tópicos correlatos ganham espaço na produção audiovisual terraplanista: a leitura da Bíblia excede as tentativas de comprovação da cosmologia da Terra Plana, servindo como bússola moral e espiritual ou meio de enunciação do fim dos tempos.

Evidentemente, esse modo de organizar o conteúdo produzido nos canais é conveniente para uma pesquisa que toma a Terra Plana como ponto de partida, mas é também impreciso se for entendido como hierarquização entre um tema central e aquilo que dele se desvia. Com a emergência do interesse pela *cosmologia da Terra Plana* no Brasil, essa logo se transformou em categoria temática própria, com canais que se apresentavam como especializados no seu desenvolvimento; *tópicos correlatos*, enquanto isso, podiam ser abordados anterior, simultânea ou posteriormente (neste último caso, acompanhando ou não o movimento de encadeamento sintetizado na fórmula “terraplanismo como ponta do iceberg”). *Sem Hipocrisia*, por exemplo, já publicava durante a maior parte de 2015 conteúdo que, do ponto de vista da identidade que assumiria a partir de novembro daquele ano, seria classificável como *correlato* (como teorias da

conspiração sobre crises imigratórias, *chemtrails*<sup>38</sup> e projeto *Blue Beam*<sup>39</sup>). O *Canal do Evangelista Flávio*, por sua vez, sempre esteve voltado à sua atuação como pastor e intérprete de um curso de leitura da Bíblia, tomando a cosmologia terraplanista como um ponto importante, mas inserido num programa religioso mais amplo. Já o canal *Cb Bruno Alves* redirecionou definitivamente sua produção para a defesa de pautas da extrema-direita bolsonarista após o enorme salto em número de visualizações ao republicar em 2022 um vídeo que expressava a esperança por um golpe militar pós-eleitoral<sup>40</sup>.

Esse último exemplo merece mais alguns comentários. Longe de constituir caso anômalo, o terraplanismo e o ecossistema digital mais amplo da “nova direita” que se consolidava no Brasil na década de 2010 (Cesarino, 2021a) sempre estiveram em algum nível integrados. Entre 2015 e 2018, período de turbulência política e econômica marcado pelo *impeachment* de Dilma Roussef, pela Operação Lava Jato, por manifestações de rua com pautas “anticorrupção” e “antissistema”, pelo crescimento de uma onda conservadora e por um acúmulo de derrotas no campo da esquerda no país<sup>41</sup>, questões políticas não eram os tópicos correlatos mais recorrentes em grandes canais terraplanistas, mas, quando surgiam, eram marcadamente identificáveis a pautas e discursos situados à direita do espectro político — muitas vezes, na sua forma “antipolítica” ou declaradamente “antiesquerdista”. Encontrava-se nessa produção aquilo que Rodrigo Nunes (2022) chama das “matrizes discursivas”<sup>42</sup> vocalizadas por diferentes parcelas da sociedade brasileira em meados da década, gradualmente compatibilizadas em “gramáticas comuns” que, em linhas gerais, convergiram com a eleição, em 2018, de Jair

---

<sup>38</sup> A teoria da conspiração dos *chemtrails*, muito popular nos Estados Unidos desde a década de 1990, afirma que linhas de vapor condensadas atrás de aeronaves comumente observadas no céu seriam “rastros químicos” usados num plano secreto de controle da população e do clima do planeta.

<sup>39</sup> Outra teoria da conspiração surgida nos anos 1990, que afirma que está em curso um programa de falsificação de invasões alienígenas e do retorno de Jesus, com o intuito de justificar a implementação de duras medidas de controle populacional.

<sup>40</sup> O vídeo conta hoje com 839 mil visualizações, contrastante à média de 3,5 mil visualizações dos vídeos anteriores. Disponível em: <https://youtu.be/HUo76KBIfvQ>. Acesso em: 28/04/2023.

<sup>41</sup> Sobre o cenário político do país no período, cf., Kalil (2018), Facchini e Sívori (2017), Paraná e Tupinambá (2022) e os textos reunidos em Almeida e Toniol (2018).

<sup>42</sup> Segundo Nunes (2022), militarismo policial, anti-intelectualismo, empreendedorismo, anticomunismo, combate à corrupção, conservadorismo e libertarianismo econômico, ao que se acrescenta o sentimento “antissistema” (Ortellado e Solano, 2016) — um repertório que, segundo Isabela Kalil (2020), está sintetizado na figura do “cidadão de bem”, velho conhecido do imaginário brasileiro.

Bolsonaro — ao qual alguns dos maiores canais terraplanistas declaravam apoio desde o ano anterior<sup>43</sup>.

Isso não significa que essa integração fosse garantida ou invariável: em certos momentos, esses mesmos canais se queixavam das adjetivações negativas proferidas por influenciadores de extrema-direita contra o terraplanismo<sup>44</sup>, enquanto que, numa direção oposta, o ideólogo de extrema-direita Olavo de Carvalho acenava, em maio de 2019, para o ecossistema terraplanista ao se declarar favorável aos “questionamentos” levantados por esses produções, compartilhando seus vídeos em suas redes e citando nominalmente alguns desses influenciadores (Afonso e Marthins)<sup>45</sup>; no contexto de organização e divulgação da FlatCon, os responsáveis pelo evento costumavam declarar que o terraplanismo não era um movimento de apoio a atores políticos, mas de 2020 em diante, muitos desses canais (no próprio YouTube ou migrando conteúdo para o Telegram) propagavam material produzido no ecossistema bolsonarista em apoio à agenda do governo (concernente, por exemplo, à expectativa de golpe de Estado nos 7 de setembro de 2021 e 2022 ou às alegações de fraude na eleição presidencial de 2022).

Traçar os acordos e desacordos pragmáticos entre terraplanistas e atores da nova direita ou observar num nível sistêmico as “ressonâncias” e “padrões infraestruturais” que os aproximam e os “reforçam mutuamente” (Cesarino, 2021a, p. 89) são vias de análise importantes, mas que não foram seguidas nesta tese. A razão disso não tem a ver com alguma tentativa de isolar o fenômeno terraplanista desse contexto político — ao contrário, há efeitos diretos nessa produção audiovisual, não apenas ao ser abordado como tópico correlato, mas ao funcionar como vetor discursivo e prático que fazia do problema do alinhamento político do terraplanismo uma questão recorrentemente discutida, dentro

---

<sup>43</sup> Por exemplo, em vídeo de 13/03/2017 do *Inteligência Natural* (<https://youtu.be/4n69Wy7Ara8>) ou em *hangout* transmitido em 21/05/2017 pelo *Sem Hipocrisia* (<https://www.youtube.com/watch?v=XH18RuoPfgE>). Acesso em: 29/04/2023.

<sup>44</sup> Isso foi discutido, por exemplo, em vídeo publicado em 15/03/2019 no *Sem Hipocrisia* (<https://youtu.be/0aWtITgKNkQ>) e em *hangout* transmitido em 17/03/2019 no *Inteligência Natural* (<https://www.youtube.com/watch?v=NadFZJDOszA&t=2169s>). Acesso em: 29/04/2023.

<sup>45</sup> Suas manifestações ocorreram principalmente no Twitter (numa longa série de *tweets*, o primeiro deles disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1133838337570217984>). Olavo fez o aceno mais importante, mas não foi o único: um mês antes, o influenciador olavista e bolsonarista Bernardo P. Küster publicou vídeo com a mesma ambiguidade (Leandro reage a isso em vídeo disponível em: <https://youtu.be/GgheqwiGDr4>); em 2017, o canal de extrema-direita *Terça Livre* já havia recebido youtubers dos canais *Além da Nuvem* e *Minhas Verdades* para um debate sobre o formato do planeta (Marthins fala sobre isso em *live* transmitida em 24/01/2018, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m0ah4algr1I>). Acesso em: 29/04/2023.



ou fora desse ecossistema<sup>46</sup>. Mas a própria lacuna que impede uma via identificatória de mão dupla (maiorias terraplanistas se situam à direita do espectro político, mas não há indicativos de que as maiorias na direita brasileira sejam terraplanistas) sugere a importância de se compreender o que há de particular no surgimento desse novo público que, desde 2015, passou a se ocupar da defesa de um modelo cosmológico às avessas dos conhecimentos cientificamente estabilizados. Nesta tese, entendo que essa particularidade merece aprofundamento e precisa ser entendida em seus próprios termos.

Antes de apresentar o conteúdo dos capítulos, passo para alguns comentários sobre como aportei no tema do terraplanismo e quais dificuldades e escolhas encontrei e assumi durante a pesquisa. Ingressei no doutorado em 2018 com um projeto sem qualquer relação com esta tese<sup>47</sup>, oficialmente abandonado nos primeiros meses de 2019. Durante meu segundo semestre, já gradualmente perdendo interesse na pesquisa que vinha desenvolvendo, cursei a disciplina optativa de Antropologia da Modernidade, ministrada por Emerson Giumbelli, que foi decisiva para minha mudança de rumo e para uma nova orientação no curso de doutorado. Seu foco estava em abordagens materiais de sensorialidade, percepção e experiência, atravessando campos diversos, especialmente arte, religião e ciência; as leituras e discussões das aulas, sempre muito estimulantes, reconectaram interesses anteriores — acadêmicos<sup>48</sup> e pessoais — por estudos de imagem. O ambiente teórico da disciplina configurou meu primeiro olhar sobre o terraplanismo. O contato inicial com a temática aconteceu em dezembro de 2018, “ao acaso”, por meio da inesperada recomendação de vídeos sobre o assunto enquanto eu acessava no YouTube conteúdo não relacionado (um tipo de encontro decisivo no processo de “despertar” de muitos terraplanistas, como descrevo no Capítulo 5). Notei ali o quão vasta era a produção digital dos defensores da Terra Plana, mas também como essas pessoas recorriam a uma série de registros e experiências visuais tomados como “provas” do modelo. Ainda com

---

<sup>46</sup> Ainda que esta pesquisa não tenha se dedicado a traçar um perfil político dos espectadores de canais terraplanistas, era notório nos grupos o espelhamento da tendência à direita — fosse aceitando o termo “direita”, fosse com a posição “nem esquerda, nem direita” que expressamente estabelecia a bandeira “antiesquerda”/“anticomunismo” como pauta mínima. De modo geral, a filtragem de conteúdo identificável como “de esquerda” era bastante eficiente: as únicas três vezes em que observei publicações nesse sentido foram seguidas de reações de repúdio e contrárias à “politização” dos grupos (ainda que conteúdo identificável à direita circulasse sem obstáculos).

<sup>47</sup> O projeto tentava dar continuidade à minha pesquisa de mestrado (realizado também na UFRGS), que investigava práticas políticas de pessoas em situação de rua, sob orientação da professora Patrice Schuch.

<sup>48</sup> Minha monografia de conclusão de graduação (em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Ceará, sob orientação do professor Leonardo Sá) foi um exercício de análise da circulação e a recepção de imagens de “horror real” publicadas num extinto site brasileiro dedicado ao universo do “bizarro”.

uma ideia imprecisa de como fazer disso uma pesquisa, em março de 2019 ele foi assumido como tema de minha tese, juntamente com a nova orientação acadêmica.

Evidentemente, o fenômeno que escolhi estudar é, no mínimo, espinhoso. Dos últimos anos da década de 2010 até aqui, “terraplanista” e variações se tornaram modos de depreciação tão recorrentes no vocabulário cotidiano do país que soa repetitivo recobrir a lista de noções associadas ao termo. Mas seleciono algumas delas a partir das representações da palavra “fundamentalista”, em artigo de Susan Harding (1991, p. 373) sobre o tipo de grupo social que a autora designou como “outro repugnante”: “dogmático, ignorante, enganado, retrógrado, (...), não escolarizado, anticientífico, anti-intelectual, irracional, (...) reacionário, fanático”. A autora discutia desafios da Antropologia diante de alteridades construídas não só por suas próprias práticas e ideais (no seu caso, defensores antievolucionistas do criacionismo bíblico, nos Estados Unidos), mas também pelo aparato categórico moderno que as exterioriza positivamente a partir de uma série de representações essencializantes e estereotipadas — e, portanto, gerando “dialogicamente seu ‘outro’” (Harding, 1991, p. 392). Como sugere, não se trata de nos aliarmos a eles, mas de evitar tomar essas representações como categorias explicativas — sob o risco de sua essencialização e homogeneização —, apostando em “leituras mais nuançadas, complicadas, parciais e locais de quem eles são e o que eles fazem”, para, a partir disso, sermos capazes de “projetar estratégias políticas mais eficazes para se opor diretamente às posições e políticas específicas que defendem” (Harding, 1991, p. 393).

Em grande medida, concordo com Harding — e também, decerto, percebi o terraplanismo como um tema que valia a pena ser pesquisado porque fui tacitamente movido por um “pressuposto moderno”, recortando esse “outro repugnante” como uma “categoria de pessoas cujo comportamento desafia expectativas razoáveis e que, portanto, precisa — e pode — ser explicada” (Harding, 1991, p. 374). No entanto, o contexto de escrita desta tese é outro, diferindo da garantia de distribuição assimétrica de poder que parece estar presumida no texto de Harding (o antropólogo no centro e o “outro repugnante” na margem). Rafael Almeida, antropólogo que também pesquisa o terraplanismo, vem elaborando alguns apontamentos sobre os dilemas de se etnografar coletivos associados ao problema contemporâneo da “pós-verdade”<sup>49</sup>: pesquisá-los num

---

<sup>49</sup> Recorro aqui à memória (correndo o risco de estar alterando ou não representando da melhor forma seus argumentos) de suas conferências em eventos acadêmicos: “‘A ciência não é aquilo que os cientistas fazem’: pós-verdade, conspiração e ‘empatia hostil’”, apresentada no seminário Antropologia e

momento de ascensão de forças políticas de extrema-direita que hegemonomizam discursos e atitudes de suspeita frente à ciência e teorias da conspiração não é o mesmo que estudar esses temas em momentos anteriores, quando estavam indubitavelmente à margem do *mainstream*; os riscos de empregar categorias estereotipadas não é menor do que o de, reversamente, ter sua posição como pesquisador numa universidade pública enquadrada por seus interlocutores numa série de suspeitas de compactuação com aquilo que entendem como inimigos; se nos recusamos a ter os membros desses coletivos como aliados e a construir com eles novos mundos, evitar a descrição ingênua é um movimento de pesquisa tão básico como os cuidados para que não se perca o compromisso antropológico de conhecê-los.

Dados esses desafios, a ética de pesquisa que adotei dependeu de tentativas de me equilibrar numa série de negativas: não fazer desse trabalho uma denúncia do terraplanismo, mas também não tratá-lo como um fenômeno cultural qualquer; não banalizá-lo, mas também não demonizá-lo; não inflar seu tamanho e alcance, mas também não tomá-lo como irrisório<sup>50</sup>; não descrever seus argumentos como erros que exigem minha correção, mas também não me furtar de apontar em que medida suas ideias se afastam dos consensos científicos dos quais elas abdicam. Pragmaticamente, iniciei com uma fase exploratória que ocupou todo o ano de 2019, e que consistiu em acompanhar postagens e situações de interação em grupos de Facebook e WhatsApp (basicamente, na posição de *lurker*<sup>51</sup>), para conhecer ali temas, argumentos e referências (de canais,

---

Conspiração, em 2019, no Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia UFC/UNILAB, e “Etnografia e coletivos conspiratórios: o caso dos terraplanistas”, apresentada no Cosmoencontro - Grupo de Pesquisa Cosmopolíticas (UFF), em 2021. Aproveito para destacar que, devido à coincidência de nossas pesquisas, mantive diálogos com Almeida desde 2019, a quem agradeço também pelas sugestões de leituras e pelo estímulo para apresentar os resultados da pesquisa em eventos acadêmicos na UNILAB.

<sup>50</sup> Um dado relevante, mas com o qual nunca soube bem como lidar, é a pesquisa do Instituto Datafolha divulgada em 14 julho de 2019, segundo a qual 7% dos brasileiros — cerca de 11 milhões de pessoas — acreditam que a Terra é plana. O fato de não existir qualquer coisa parecida com uma série histórica não chega a ser o maior dos dilemas, mas sim o fato de que esse número parece se refletir de forma muito modesta na quantificação de audiências no YouTube e no número de membros de grupos (*Sem Hipocrisia*, mais tempo no ar entre os canais de maior sucesso, tem apenas 152 mil inscritos; o grupo de Facebook com mais membros não chega aos 100 mil). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/07/7-dos-brasileiros-afirmam-que-terra-e-plana-mostra-pesquisa.shtml#:~:text=Na%20pesquisa%20do%20Datafolha%2C%20o,%E2%80%949411%25%20adotam%20a%20cren%C3%A7a..> Acesso em: 11/07/2023.

<sup>51</sup> O conhecimento do termo veio depois de praticá-lo: é assim que Nascimento, Cesarino e Fonseca (2020) se referem ao modo como pesquisaram um grupo de extrema-direita no Telegram, não realizando nenhum tipo de interação com seus membros.

imagens, textos) mais recorrentes e observar processos de formação de grupo<sup>52</sup> e conflitos (internos ou com “globalistas”, com o jornalismo profissional etc.), somando-se a isso minha presença na FlatCon 2019. Em todo esse período, mantive registros em cadernos de campo. A motivação implícita era a de que a pesquisa ganharia contornos de uma etnografia clássica, interessada em compreender o que terraplanistas dizem e fazem (ênfatisando aí o papel das “provas” visuais) a partir daqueles espaços digitais ou presenciais que mais pareciam traduzir um senso de grupo, a ser posteriormente complementada com entrevistas.

Em reunião de orientação no começo de 2020, traçamos uma primeira divisão de capítulos da tese, com uma distribuição de núcleos — imagem, públicos, ciência, religião e conspiracionismo<sup>53</sup>, os três últimos já reconhecidos como as linhas mais recorrentes do ecossistema terraplanista — que persistiu quase inteiramente nesta versão final. As ênfases, no entanto, mudaram: até 2020, presumi que o farto acervo audiovisual encontrado no YouTube seria utilizado apenas como um material de apoio em função de situações de interação observadas em grupos e eventos e das entrevistas; de janeiro de 2021 em diante, notei que o foco deveria recair no que se passava no próprio YouTube. Há algumas razões para isso. Primeiramente, a pandemia de COVID-19 não apenas restringiu as possibilidades de deslocar as atividades de pesquisa para fora do ambiente doméstico como desacelerou o ritmo de discussão sobre a cosmologia da Terra Plana em muitos grupos, com temas relacionados à doença marcando uma presença crescente. Segundo, como já enfatizado nesta Introdução, o próprio campo indicava a importância de youtubers e seus vídeos na movimentação daquele ecossistema. Em terceiro lugar, a maioria das minhas tentativas de contatar terraplanistas rendeu um material pouco aproveitável para a tese, e, ao mesmo tempo, instrutivo para os rumos da pesquisa: conversas sobre os fundamentos do modelo e o volumoso envio de links de vídeos (bem como de imagens e textos encontrados nos grupos) me direcionavam de volta ao material que eu já vinha acessando no YouTube e demais plataformas e para sua importância estética e discursiva. Por fim, ao voltar a atenção para os youtubers, podia acessar em seus canais uma quantidade imensa de vídeos e *lives* que mesclavam a defesa da Terra

---

<sup>52</sup> Posteriormente, foi importante a leitura da tese de Sabrina Testa (2020), que lidava com questões parecidas ao tratar da organização predominantemente digital, mas com esforços de encontro presencial, do movimento neoateísta brasileiro.

<sup>53</sup> Fazia parte desse primeiro esquema uma discussão sobre práticas de saúde e cuidado de si, tópico correlato que se mostrou menos relevante no decorrer da pesquisa.

Plana com, por exemplo, relatos de experiências pessoais e comentários sobre o próprio fenômeno social do terraplanismo, numa condição já assentidamente pública, e que permitiam a profundidade analítica necessária à tese.

Entrevistá-los era uma opção, mas a frequente insatisfação com suas representações em meios não terraplanistas, muitas vezes transformada em assunto em seus vídeos, somada à assimetria das condições de enunciação durante o processo da pesquisa (eu, falando para um público muito restrito e esporádico na academia; eles, falando constantemente para audiências bem consolidadas e, naturalmente, parciais, de dezenas milhares de pessoas), indicava que isso poderia implicar a abertura de uma tensão entre demandas desnecessária para o recorte definido para a tese<sup>54</sup>. Há perdas e ganhos nessa escolha. Questões como o processo de produção dos vídeos e demais condições de bastidores não foram acessadas, a não ser quando já mencionadas ou exibidas em seus canais; o mesmo se passa com a dimensão de formação de grupo ou das histórias de vida. Por outro lado, experimentei por uma quantidade incontável de horas (especialmente entre 2020 e 2022) um aspecto-chave do processo de transformação dessas pessoas e de manutenção de laços com o terraplanismo, colocando-me como espectador atento ao que esses porta-vozes do modelo da Terra Plana dizem e exibem (mantendo também cadernos de campo com transcrições, comentários e *prints*) e levando a sério o que parecia de comum acordo entre terraplanistas: o mundo que defendem ser real é aquele que se mostra nos vídeos. Sem me alongar muito, antecipo duas questões que me parecem importantes. O terraplanismo se mostrou logo de início um objeto situado na interface de vários campos de discussão (interessante não apenas do ponto de vista da Antropologia da Ciência, como poderia parecer à primeira vista), e a escolha por abordá-lo na tese dessa maneira preserva algo da preocupação etnográfica clássica, com a consciência de que uma visão mais abrangente era a mais adequada para um tema novo e pouco estudado. Também não me furtei de utilizar, quando considerei adequado, a forma *o terraplanismo* (e variações do tom generalizante), mesmo que esteja tratando aqui de um fenômeno com suas diferenças e desacordos; a intenção não é a homogeneização, mas, simplesmente, a atenção ao que há mais de recorrente e durável no fenômeno.

---

<sup>54</sup> Em meados de 2020, cheguei a entrar em contato com Jean, organizador da FlatCon, por meio do WhatsApp. Expliquei que escrevia um trabalho sobre “a história da defesa da Terra Plana no Brasil”, e ele assentiu que lhe enviasse perguntas sobre a organização do evento, mas explicou que, por motivos de trabalho, não poderia responder naquele momento. As respostas não vieram, e, com as redefinições da pesquisa, considerei desnecessário retomar o contato.

\*\*\*

Os oito capítulos desta tese podem ser agrupados em quatro pares temáticos. O primeiro deles foca mais diretamente em operações nas (ou das) imagens: no Capítulo 1, discuto o descrédito de terraplanistas pelo que chamo de *imagens do heliocentrismo*, submetidas a uma série de práticas de “refutação” e “desmascaramento” (termos deles) e motivadoras de fantasias sobre como se daria a atitude do outro “globalista”/“globaloide” frente a elas; no Capítulo 2, mais breve, proponho algumas ferramentas teóricas para pensar o consumo de vídeos de YouTube pelos próprios terraplanistas a partir da noção de *rabbit hole* [toca do coelho], que designa o processo de imersão audiovisual e digital que resulta no que entendem como um “despertar”. No segundo par de capítulos, passamos para a relação ciência–religião na defesa de uma Terra plana e estacionária: o Capítulo 3 é conduzido pela noção de “ciência de verdade”, por eles defendida, a fim de entender como retóricas e práticas científicas são mimetizadas em materiais audiovisuais e textuais de terraplanistas, esboçando também alguns apontamentos sobre sua apartação de redes tecnocientíficas; no Capítulo 4, discuto a rejeição de terraplanistas ao que chamam de “sistema religioso”, apenas sobrevoando seus tipos de relações com redes religiosas para chegar, então, na análise da modalidade de vídeos dedicada a sustentar uma “cosmologia bíblica” da Terra Plana.

O terceiro par está voltado para a relação entre o ecossistema digital terraplanista (mais especificamente, o YouTube) e a formação de públicos: no Capítulo 5, discuto o contexto técnico que deu condições para a formação e consolidação de *rabbit holes* e youtubers terraplanistas, apresentando uma cronologia da emergência desse fenômeno no seu país de origem, os Estados Unidos, junto à delimitação dos problemas da “desinformação” e da “pós-verdade”; no Capítulo 6, descrevo o processo de organização da FlatCon 2019, analisando como terraplanistas à frente do evento lidaram pragmaticamente com o problema da construção de um terraplanismo público, sintetizado por eles no bordão da “saída da bolha digital”. A última dupla de capítulos trata da relação entre conspiracionismo, mundo e “mapeamentos cognitivos” (Lynch ([1960]1989; Jameson, 1988, 1992, 1995): o Capítulo 7 desenvolve a discussão sobre este último conceito a fim de compreender certas operações estéticas de teorias da conspiração apresentadas no ecossistema digital terraplanista; encerrando a tese, as Considerações Finais retomam alguns pontos anteriores enquanto apontam rapidamente como novas

experiências sensoriais do mundo, iniciadas a partir do “despertar”, recorrem ao mapeamento de um modelo plano e estacionário.

## 1 O FAKE: TERRAPLANISTAS CONTRA AS IMAGENS DO HELIOCENTRISMO

Com mais de 13 milhões de visualizações, as filmagens restauradas da Apollo 11 — a primeira viagem tripulada à Lua, em julho de 1969 — encontram-se publicadas no canal oficial da NASA no YouTube<sup>55</sup>. As hiperreproduzidas cenas da primeira ida do homem à Lua foram registradas por Neil Armstrong e Buzz Aldrin, dois dos três astronautas presentes na missão. Elas exibem, na maior parte do tempo, e sem cortes, um cenário estático, formado pelo módulo espacial, pelo desértico solo lunar e pela cor negra dominante no espaço sideral, em contraste pelos lentos movimentos dos astronautas em seus pesados trajes espaciais caminhando na baixa gravidade da Lua, realizando pequenos experimentos (quase indiscerníveis, dada a baixa nitidez das imagens) e fincando no chão a bandeira dos Estados Unidos. Na transmissão televisionada do evento, os astronautas conversaram por meio de ligação telefônica com o então presidente norte-americano, Richard Nixon, que se encontrava na Casa Branca<sup>56</sup>.

\*

*O Primeiro Homem*<sup>57</sup>, longa-metragem estadunidense lançado em 2018, é baseado na vida do astronauta Neil Armstrong e narra alguns dos eventos que levaram ao bem-sucedido retorno da Apollo 11 à Terra. Na parte final do filme, o pouso na Lua é reencenado. O módulo lunar, sua tripulação e a Lua são, diferentemente dos registros originais, vistos dos mais diversos ângulos, graças ao amplo leque de efeitos visuais permitidos pelas mais atuais tecnologias de imagem: planos de detalhe, cenas panorâmicas, enquadramentos do alto e de baixo, movimentos exploratórios sobre a superfície do satélite natural da Terra e visão em primeira pessoa conduzem o olhar, com tensão e beleza, para o cenário espacial realisticamente composto pelo híbrido de CGI<sup>58</sup>, atores humanos e cenários e artefatos materiais de estúdio.

\*

---

<sup>55</sup> Disponível em: <https://youtu.be/S9HdPi9Ikhk>. Acesso: 19/02/2021.

<sup>56</sup> As imagens podem ser vistas em <https://youtu.be/VLyJ9FHDO-c>. Acesso em: 22/02/2021.

<sup>57</sup> Título original: “*First Man*”, dirigido por Damien Chazelle.

<sup>58</sup> Sigla para *computer-generated imagery*, tecnologia de computação gráfica usada para construir imagens digitais (efeitos especiais, animações em 2D e principalmente em 3D etc.).



E se a tão celebrada missão Apollo 11 não tivesse sido bem sucedida? Essa é a premissa do ficcional *In Event of Moon Disaster*<sup>59</sup>, curta-metragem lançado em 2020. Imagens originalmente gravadas em 1969 pelos astronautas ainda dentro da espaçonave são remontadas num ritmo frenético que sugere a iminência de um desastre. O ponto alto do filme, que motivou sua realização e que impulsionou sua repercussão, vem a seguir: Nixon, numa transmissão de televisão de última hora, comunica aos norte-americanos a morte dos astronautas. Aqui, o que vemos não é um ator representando Nixon, ainda que a situação exibida nunca tenha realmente ocorrido: foi empregada no filme a tecnologia do *deep fake*<sup>60</sup>, mimetizando com altíssima fidelidade o rosto e a voz do então presidente. Um espectador desavisado poderia facilmente ver nessas imagens um documento histórico da época, ainda que se saiba que os fatos não se sucederam tal como no curta-metragem.

\*\*\*

Essas três versões audiovisuais da primeira viagem à Lua se relacionam e se diferenciam entre si a partir de algumas fronteiras majoritariamente assumidas como evidentes. No primeiro caso, há o registro de um evento real, exibindo astronautas, Lua, espaçonave e outros elementos que se reconhecem como reais. A cena tem valor documental e histórico, e, em termos de produção de imagem, seu efeito de realidade reside na dupla indexicalidade: vemos um referente que existiu e apreendemos o “gesto performativo” de uma câmera que aponta para um “evento no mundo” e “atrai a realidade para o campo da imagem” (Green e Lowry, 2003, p. 48). No segundo caso, um evento original é reencenado, com atores, efeitos gráficos e materiais que apenas se assemelham àqueles do primeiro registro, reunidos numa peça audiovisual que se sabe ser ficcional. Seria possível falar dele em termos de estilo, extraindo consequências cinematográficas de sua construção como produto audiovisual hollywoodiano; mas, numa dimensão anterior, ele é mais um dentre incontáveis outros filmes ficcionais “baseado em fatos reais”. O terceiro caso, por fim, se aproxima do segundo pela ficcionalização, mas se distancia pelo nível de fidelidade do qual escolhe abdicar: ele reescreve a história, e o faz por meio de uma das tecnologias de imagem que protagonizam os dilemas

---

<sup>59</sup> Dirigido por Francesca Panetta e Halsey Burgund.

<sup>60</sup> *Deep fake* é o nome dado a um conjunto de tecnologias de produção de imagens que, baseadas em alguns métodos de aprendizagem de inteligência artificial, são capazes de mimetizar os rostos e as vozes de pessoas de modo cada vez mais convincente.

contemporâneos em torno da fronteira entre fato e ficção. Num momento em que pós-verdade e *fake news* estão na ordem do dia, uma cena como essa convoca discussões sobre os riscos de imagens ficcionais com profunda semelhança com personagens reais instruírem erroneamente, de forma desavisada ou intencional.

A descrição é tediosa, dada sua previsibilidade. Mas os atributos dessas cenas se alterariam radicalmente, como num efeito dominó, caso removêssemos o estatuto de verdade do primeiro artefato e do próprio evento nela exibido. Negando a viagem à Lua, as fronteiras entre o primeiro e o segundo vídeo entrariam em colapso; nessa confluência, a primeira produção audiovisual seria tratada, ela mesma, como uma encenação produzida em algum estúdio de Hollywood, enquanto que a segunda equivaleria à encenação da encenação — Hollywood representando a si mesma, encadeando camadas cada vez mais farsescas de sustentação de uma mentira original. O curta-metragem que altera os rumos da viagem à Lua, por sua vez, estaria criando uma realidade tão falsa como a da cena original, num novo grau de banalização dos grandes investimentos envolvidos na produção do longa-metragem biográfico hollywoodiano; ao mesmo tempo, ela seria tratada como um indício da facilidade de se criar, por meio de imagens, histórias convincentes que podem ser tomadas como verdade. Esse ponto de vista e suas consequências estariam mais próximos daquilo que afirmam os terraplanistas quando dirigem o olhar às imagens do espaço.

Alegações de que essa e as demais missões do Projeto Apollo seriam uma farsa remontam já a 1969, ano do primeiro pouso na Lua. Van Riper (2003) resume os principais argumentos em torno dessa especulação, indicando a contestação das imagens das missões como um de seus aspectos centrais:

A versão convencional da teoria de que a viagem à Lua é um *hoax*<sup>61</sup> está construída em torno de três ideias centrais. A primeira é que a NASA, incapaz de realmente enviar alguém à Lua, nunca permitiu que os astronautas da Apollo fossem além da órbita da Terra. A segunda é que as fotografias e filmes oficiais da NASA das missões Apollo mostram sinais reveladores de sua criação em um palco seguramente terrestre. A terceira é que a NASA e seus co-conspiradores em outras partes do governo mantiveram aqueles com conhecimento da conspiração em silêncio por trinta anos. O restante da teoria da farsa consiste em uma teia de suposições e “histórias prováveis” conectando essas três ideias. (Van Riper, 2003, p. 501).

---

<sup>61</sup> *Hoax* significa farsa, boato; o termo é comumente utilizado no original, designando histórias falsas criadas intencionalmente para enganar.

Circulando e sendo reavivada desde então em livros, filmes, programas de televisão e páginas na internet (Van Riper, 2003), a hipótese da “farsa” da viagem à Lua existia independentemente do terraplanismo, mas já era parte dos argumentos de terraplanistas contemporâneos ao evento, que se viam com a tarefa de conciliar seu modelo de universo com as cada vez mais presentes imagens fotográficas e em vídeo da Terra e dos demais astros do espaço sideral (Garwood, 2010)<sup>62</sup>. Em anos recentes, a negação da viagem à Lua permanece como um tópico de grande interesse entre terraplanistas — não raro, a “porta de entrada” para o modelo da Terra Plana. Suas produções para o YouTube, enquanto isso, preservam e agudizam as preocupações e procedimentos em torno das cenas que registram esse evento.

A objeção terraplanista a essas imagens não implica no seu simples descarte ou desconsideração; ao contrário, elas são repetidamente examinadas e dissecadas, tomadas como artefatos capazes de revelar a “falsidade” dos eventos e elementos retratados nessas cenas e de invalidar a própria ciência moderna e os conhecimentos sobre a Terra e o universo por ela estabilizados. Essas práticas de *refutação e desmascaramento*, objeto central deste capítulo, são um de seus “métodos caseiros” de contestação de enunciados científicos por qualquer pessoa a um baixo custo (Cesarino, 2021a), procedimentos recorrentes em canais terraplanistas no YouTube — ainda que não sejam exclusivos aos defensores da Terra Plana. Stef Aupers (2020, p. 480) observa que a mesma plataforma abriga uma quantidade ainda maior de teóricos da conspiração devotados a “ler e decodificar”, a partir de um grande conjunto de textos e imagens produzidos por mídias de massa, “signos e símbolos em detalhes estéticos aparentemente triviais que, juntos, supostamente desvendam a ideologia subjacente à indústria cultural”<sup>63</sup>. No caso aqui analisado, os “sentidos subjacentes” interpretados nessa “semiótica pop” (Aupers, 2020) excedem a indústria cultural, ainda que a incluam. Terraplanistas tomam como alvo o que chamo de *imagens do heliocentrismo* — um corpo heterogêneo e aberto de imagens (estáticas ou em movimento) produzidas no fazer científico, como material de divulgação científica ou mesmo no campo do entretenimento, alheamente às práticas científicas,

---

<sup>62</sup> Em resumo, todo terraplanista nega que essa e as demais viagens à Lua tenham acontecido (esse corpo celeste, o espaço sideral, a atividade astronáutica, as distâncias envolvidas e tudo mais que cerca esse evento é inconciliável com o modelo da Terra Plana), mas nem toda pessoa que nega a viagem à Lua é terraplanista.

<sup>63</sup> Aupers (2020) se concentra na decodificação conspiratória de signos Illuminati — sociedade secreta existente durante o século XVIII e posteriormente transformada por teóricos da conspiração num significante flutuante preenchido, de forma menos ou mais explícita, com personagens e grupos diversos, aos quais se atribui poder de controle e dominação que tende ao incomensurável. Terraplanistas também recorrem a menção aos Illuminati, e isso é discutido mais detidamente no Capítulo 7.

todas elas reconhecidas como exemplares de uma grande *farsa* científica sobre o formato da Terra e a física do universo.

Retrabalhadas por terraplanistas como artefatos audiovisuais disponibilizados em seus próprios canais no YouTube, elas são uma amostra da dinâmica que Mitchell (2015, p. 65) nomeia como “migração das imagens”: elas não são fruto apenas da livre “circulação”, e sim de um processo “muito mais carregado de contradição, dificuldade, fricção e oposição”, que, no caso aqui analisado, é marcado por operações em torno dos pares *verdadeiro/falso* e *realidade/ficção* (e demais variações). A noção de “iconoclash”, proposta e desenvolvida por Latour (2008), lança luz sobre a suspensão entre iconofilia e iconoclastia observada no tratamento terraplanista dessas imagens a partir do problema da criação do *fake*. Por meio de uma “análise da análise” terraplanista sobre imagens do heliocentrismo, ela mesma produtora de novas imagens, aponto um conjunto mais amplo de questões relativas à produção terraplanista de um tipo de particular de “espectador emancipado” (Rancière, 2012), bem como de argumentos textuais e visuais que buscam consolidar a agenda de defesa da Terra Plana.

### **A imagem “falsa”**

As cenas da viagem à Lua (da primeira delas, de 1969, ou das expedições seguintes) são um exemplo paradigmático de evento tecno-científico incontornável para os terraplanistas de hoje e de ontem, mas a identificação de “imagens do heliocentrismo” se repete mesmo diante de cenas simbolicamente menos carregadas. Um exemplo recente é o pouso da sonda espacial Perseverance em Marte, em fevereiro de 2021, que deu início a uma expedição em busca de indícios de vida microbiana extraterrestre e gerou novos dados sobre o planeta vermelho — dentre eles, imagens fotográficas em alta resolução disponibilizadas publicamente no site da NASA. Em paralelo à cobertura da missão na grande mídia e em meios de divulgação científica, onde as imagens produzidas pela sonda eram celebradas dada a inédita obtenção de registros visuais do ambiente marciano, o tema estava sendo abordado em vídeos de youtubers terraplanistas, que tratavam todas aquelas imagens como falsificações deliberadas, fabricadas em programas de edição de imagem, estúdios de filmagem ou paisagens terrestres.

Parte do expediente terraplanista no YouTube consiste em expor e comentar atualidades científicas, especialmente do campo da astronomia<sup>64</sup>, a partir de um *olhar* particular: além da *compreensão* terraplanista de que aquilo que a “ciência oficial” produz (junto à “mídia *mainstream*” que a divulga) é “falso”, o ordenamento do visível (Rancière, 2012) praticado pelo terraplanista incita a *ver* as imagens geradas pela ciência como, também, falsas. Há aí, nitidamente, a contraposição de uma “contranarrativa” de tonalidade conspiratória ao que se figura como a “narrativa oficial”, sendo os artefatos midiáticos produzidos por esta última o meio através do qual a primeira busca se estabelecer (McKenzie-McHarg, 2019; Aupers, 2020). Assim, aquilo que reúne a diversidade de “imagens do heliocentrismo” é, além da evidente compreensão de que todas elas participam de um mesmo paradigma astronômico, a percepção de que todas elas só podem ser falsificações, mentiras substanciadas em imagens — por isso mesmo, devendo ser destrinchadas, analisadas, até que sejam completamente *desmascaradas e refutadas*.

A “promessa de uma verdade” a partir da demonstração das “inconsistências” de determinados registros visuais é, segundo Andrew McKenzie-McHarg (2019), um fenômeno relativamente recente. O autor analisa e compara três casos marcantes de produção de “contranarrativas” políticas de fundo conspiratório nos Estados Unidos: o ataque à base naval de Pearl Harbor, em 1941, o assassinato de Kennedy, em 1963, e o ataque às Torres Gêmeas, em 11 de setembro 2001. Diferentemente dos demais, as alegações de que os Estados Unidos teriam forjado um ataque a fim de justificar sua participação direta na Segunda Guerra Mundial pouco se basearam em imagens. Os grupos interessados em avançar nessa contranarrativa não apenas dispunham de poucas imagens relevantes ao tema como concebiam documentos e testemunhos como meios mais seguros de chegar a fatos supostamente ocultados por uma movimentação conspiratória dos agentes da política externa norte-americana. Na década do pouso na Lua, “a crescente disponibilidade de imagens fotográficas e filmicas” (McKenzie-McHarg, 2019, p. 141) colocava outras condições técnicas para a difusão de contranarrativas: o atentado que matou John Kennedy enquanto o ex-presidente desfilava num carro aberto fora filmado por câmeras amadoras de transeunte, e foi ao se

---

<sup>64</sup> O destaque à astronomia se dá por motivos óbvios. Entretanto, após a pandemia de COVID-19, houve uma inflexão em direção a vírus, vacinas e objetos correlatos — apesar de que, nesses casos, a conexão com o modelo da Terra Plana era apenas indireta.

disponibilizar publicamente um desses registros — que mostrava o momento exato dos tiros — que as contranarrativas sobre o caso ganharam força.

A obsessiva e detalhada análise amadora dessas imagens defendia haver uma contradição entre o que as cenas supostamente mostravam e a versão oficial dos fatos da comissão governamental responsável pela investigação<sup>65</sup>. Para McKenzie-McHarg (2019, p. 142), a mediação da câmera — material e discursiva: a geração do registro visual de uma situação real e a confiança na objetividade e capacidade evidencial dessa mídia — criava a posição da “testemunha ocular” do evento trágico, e era ela que movia a elaboração contranarrativa. Com isso, teóricos da conspiração adotavam “uma atitude ‘semiótica’ em relação às imagens”, praticando sua “leitura” dos “sinais que apontem para uma verdade escondida por trás do que é fácil de ver na superfície” (McKenzie-McHarg, 2019, p. 142). No caso da morte de Kennedy, essa “superfície” corresponderia aos discursos oficiais; para alguns teóricos da conspiração dedicados ao 11 de setembro, no entanto, essa “superfície” equivaleria às próprias imagens. Para além de quem se debruçava sobre as dezenas de registros fotográficos e audiovisuais do atentado buscando indícios de que os Estados Unidos teriam sido os responsáveis por promovê-lo — numa operação visual semelhante à análise amadora da filmagem da morte de Kennedy —, havia aqueles que partiam dessas imagens para dizer que não houve atentado algum e que os aviões que atingiram os edifícios eram apenas efeitos de computação gráfica (McKenzie-McHarg, 2019).

Segundo McKenzie-McHarg (2019, p. 155), a suspeita recaía sobre a própria “testemunha ocular”: por um lado, as pessoas presentes no local eram tomadas como “atores” que participaram desse gigantesco *hoax*; por outro, a posição de “testemunha ocular virtual”, capaz de ver nas imagens a realidade do evento, era erodida e definida como um alvo de um “gigantesco engano [*deception*] — mas também o local onde esse engano pode ser descoberto pelo estudo paciente dos vestígios que demonstram como o registro visual no qual se baseia esse testemunho ocular virtual foi manipulado”. A

---

<sup>65</sup> Em resumo, a contranarrativa interpretava os movimentos corporais de Kennedy (junto a outros detalhes visuais da cena) como evidências de que a quantidade de tiros e a trajetória das balas diferiam do que constava no relatório oficial de investigação; a implicação disso era a de que, para os defensores dessa hipótese, existiria outro atirador além de Lee Harvey Oswald — oficialmente considerado o assassino solitário de Kennedy (McKenzie-McHarg, 2019).

comum comparação metafórica do atentado a filmes de Hollywood era quase literalizada pelos defensores dessa teoria da conspiração:

em vez de Hollywood olhar para a realidade por interesse na verossimilhança, as pessoas agora olham para Hollywood na tentativa de dar sentido à realidade. Essa inversão sugere, por sua vez, uma mudança significativa no status forense assumido pelas imagens: em vez de serem simplesmente uma fonte de verdade sobre a conspiração, agora se acreditava que as imagens traíam sinais de adulteração, manipulação ou até mesmo fabricação total. (McKenzie-McHarg, 2019, p. 151).

Os registros televisivos e amadores do atentado, assim, seriam equalizados ao serem tratados como objetos sob suspeita, como “(arte)fatos encenados e ferramentas de manipulação para enganar o público e ocultar a conspiração subjacente” (Aupers, 2020, p. 469).

Classificações êmicas do *falso* [*fake*] e do *verdadeiro* suscitam formas diversas de socialidade pautadas em concepções de fraude, engano e desconfiança [*mistrust*] (Copeman e Da Col, 2018; Carey, 2017)<sup>66</sup> — que, evidentemente, não se resumem a grupos que levantam suspeitas conspiratórias. Jacob Copeman (2018) nomeia o movimento de exibir a inautenticidade de algo que venha a ser definido como falso como “lógica do *exposé*” — uma retórica particular, um estilo argumentativo que pode tomar forma num ato de desmascaramento [*debunking*]. Para o autor, há contido nesse gesto os dois termos de um par: demonstra-se a falsidade na mesma medida em que se revela uma verdade. Essa verdade alcançada pelo desmascaramento, para Copeman (2018), pode estar atrelada a um marcador de distinção (quando se compreende que o conhecimento necessário para a decodificação é restrito), assim como pode ser percebida por seus operadores como uma prática de liberdade. Uma “falha” no processo de desmascaramento, em contrapartida, pode implicar no reforço e consolidação da condição de falsidade do objeto denunciado.

O que Copeman (2018) descreve a partir do par falsidade/verdade guarda alguma semelhança com o conceito de *iconoclash*, proposto por Latour (2008). Pensando na relação entre imagens como uma cascata, um fluxo que não é interrompido no ato de destruição de uma imagem, Latour chama atenção para a dimensão positiva desse gesto:

---

<sup>66</sup> Organizados por Copeman e Da Col (2018), outros trabalhos antropológicos recentes partem da noção de *fake* para pensar questões como: a performatividade da interação entre as “imitações instrumentais” e uma dimensão cultural ou cosmológica mais ampla de falsificação (Jones, 2018); a condição de ser “falso para si mesmo” e seu vínculo com a emergência do novo a partir do familiar (Das, 2018); a eficácia de um *fake* pela perspectiva das relações estabelecidas entre o enunciador e seus públicos (Severi, 2018); o *fake* como performatividade política do absurdo (Yurchak, 2018).

a tentativa de destituir o poder de uma imagem, como aponta o autor, pode produzir novas imagens, talvez ainda mais fortes que a anterior, e reestabelecer sua autoridade como mediador privilegiado — menos por uma “falha”, como no caso de Copeman, e mais como um processo em que não se sabe de antemão se é destruidor ou construtivo. A iconoclastia ataca e denuncia uma imagem pela “crença na natureza falaciosa de sua representação” (Eatough, 2004, sem página), o que, para Latour (1998), trata-se de uma crença na crença do outro: o iconoclasta presume que seu gesto incide sobre a confiança do outro na autoridade de uma imagem, de modo que, por extensão, atacar a imagem é atacar o outro; porém, atacar uma imagem enquanto se atribui ao outro a condição de paciente do poder de uma imagem é também reconhecer e validar o próprio poder daquela imagem. Entendidas como *iconoclash*, essas dinâmicas suspendem a iconoclastia, situando a análise na sua ambiguidade — ou no duplo vínculo [*double bind*] — com a iconofilia (Latour, 2008; Eatough, 2004).

Dinâmica semelhante pode ser observada no caso terraplanista. O *desmascaramento* e a *refutação de imagens do heliocentrismo* fazem da “lógica do exposé” (Copeman, 2018) um gênero de sucesso entre os defensores da Terra Plana. Como veremos nesse próximo tópico, a análise terraplanista das imagens — aqui exemplificada em três modos, complementares entre si, que nomeio como *escrutínio*, *mimese* e *deslegitimação gráfica* — também produz suspensões e dilemas diante das (e por meio de) imagens que, além de sua dimensão prática, remetem a concepções de sujeito importantes para o terraplanismo (aquele que crê e aquele que não crê nas imagens do heliocentrismo).

### **Práticas visuais de “refutação e desmascaramento”**

A alocação do carioca Bruno Alves como penúltimo palestrante na longa programação da FlatCon 2019 era um reflexo de sua relevância nas redes terraplanistas. Seu canal no YouTube, o *Mistérios do Mundo*, contava até então com cerca de 126 mil inscritos e seu nome era um dos mais cotados para a escalação do evento. Seu destaque teve início poucos meses depois da criação do canal, em 2016, quando decidiu fazer vídeos focados em apontar os “absurdos da NASA”, apresentando e satirizando “erros”<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> É o que conta Bruno em *hangout* no canal do terraplanista Akira: <https://youtu.be/KFmLOjXe6PU>. Acesso em: 05/10/2022.



Em sua palestra na FlatCon, escolheu abordar o mesmo assunto, e logo de início explicou a relevância das imagens produzidas por agências espaciais: elas teriam sido as principais responsáveis por um arrefecimento da defesa da Terra Plana em meados do século XX — “A partir daí, o homem foi pro espaço, pô. Ele viu: ‘a Terra é esférica’. Não é isso?”, ironizava Bruno. Mas, em sua cronologia, aquilo que outrora desacelerou o terraplanismo foi o que permitiu hoje o seu reaparecimento:

Mas o que é que aconteceu, gente? Essa própria tecnologia que avançou começou a chegar em nossas mãos. E a partir do momento que essa tecnologia chegou em nossas mãos, nós pudemos então começar a avaliar: “Peraí. Tem alguma coisa errada aí.” Né? Então, começamos a observar que alguns erros que a gente vê, por exemplo, de gravação em filmes de Hollywood, em séries, esses astronautas [também] começaram a cometer. Então a pergunta que não quer calar é a seguinte, olha só. (...) Todo mundo me pergunta isso há 3 anos no YouTube: “Todas as agências espaciais mentem?” Eu não sou leviano pra dizer isso. Eu não vou *dizer* que todas mentem. Eu *mostro*! (Trecho da palestra de Bruno Alves na FlatCon Brasil 2019; grifos meus).

Anunciado o redirecionamento do *dizer* para a autoridade do *ver*, Bruno transforma sua palestra numa versão presencial daquilo que já fazia no YouTube. A primeira das imagens do heliocentrismo exibidas no telão do auditório é o trecho de um vídeo que mostra quatro astronautas num módulo espacial — um deles se valendo da baixa gravidade para dar uma cambalhota. O trecho foi editado para exibir a cena de poucos segundos em *loop*, ao que se acrescentava um *zoom* numa mancha visual que Bruno convoca a plateia a observar: “[Por que] um astronauta em gravidade zero tem um cabo segurando ali, oh? Se ele tá em gravidade zero ele não precisa de um cabo segurando a cintura dele, obviamente. Vamo lá. Vamo rever.” O terraplanista mostrava a seguir cenas dos bastidores de gravação de *Gravidade*<sup>68</sup>, filme ficcional hollywoodiano com temática espacial. Seu intuito era comparar a utilização de cabos, suposta pelo terraplanista na primeira imagem: “Você percebe que é a mesma técnica utilizada. Vê que eles podem rodar, dar cambalhota, como fazem nos filmes”.

Novas imagens surgem no telão. Agora, o que se vê é outra espaçonave, com dois astronautas flutuando lentamente, em contraste com o súbito aparecimento de um terceiro, num veloz movimento de queda. No mesmo vídeo, logo em seguida, há uma alternância súbita da câmera interna do módulo espacial para uma gravação na Terra, no que aparenta uma sala da agência espacial. Bruno está interessado tanto no registro da diferença de velocidade dos corpos dos astronautas como na mudança de câmera: “E eles

---

<sup>68</sup> Título original: *Gravity*, 2013, dir. Alfonso Cuarón.

cortam. Enquanto os outros continuam flutuando normalmente, oh lá, oh. Um despenca. Teria sido o cabo que arreventou? (...) E eles cortam por que, correndo?”. Na sequência, são exibidos mais dois vídeos. Em um, o momentâneo descompasso gestual numa interação aparentemente banal entre dois astronautas — o primeiro entrega um tanto desajeitadamente o boné para o segundo — é perscrutado com *loop*, *zoom*, câmera lenta e a especulação sobre o boné ser fruto de uma edição de imagem (“O boné não é da cena real. Isso é típico de Hollywood, obviamente”, diz Bruno). No outro, estende-se ao máximo os poucos segundos nos quais se vê uma mancha verde no fundo de uma nave espacial, destacando uma suposta “falha” técnica reveladora da farsa dessas imagens. Recorrendo novamente a cenas de bastidores de filmes de ficção, Bruno explica como a técnica de *chroma key*<sup>69</sup> permite a alteração de imagens.

Bruno atribui a essas imagens nada menos que o estatuto de *evidências* de uma manipulação encampada por diversas agências espaciais:

Tudo que eu faço eu verifico de forma observável, reproduzível, que a Terra é plana. A única prova que eu tenho da curvatura vem disso aí. Vem dessas agências espaciais. A pergunta que não quer calar: são dignas de credibilidade? Eu já pedi a inúmeros doutores do Brasil inteiro. Respondam isso pra mim. Refutem essas imagens. Sabe por que eles não podem refutar? Que eu costumo dizer: imagens valem mais do que mil palavras. Então, ninguém aparece pra refutar aquilo ali. E eu só posso dizer uma coisa, pra terminar: é nessa hora que o globalóide chora e mamãe não vê. (Trecho da palestra de Bruno Alves na Flat Con Brasil 2019).

Do ponto de vista terraplanista, o que as agências espaciais (e, por extensão, a ciência e toda a rede de sustentação do heliocentrismo) apresentariam como evidências do seu modelo de Terra seriam *apenas imagens* — “a única prova que eu tenho da curvatura vem disso aí”, em contraposição a um terraplanismo definido a partir de um empirismo *além das imagens*. Fundamentado nesse apelo à legitimidade atestadora da verdade de um visível mediado por imagens, o heliocentrismo tropeçaria em suas próprias pernas ao oferecer imagens *falsificadas* (“sem credibilidade”). Aí, o discurso é rapidamente reorientado para a validação das imagens como meio privilegiado de demonstração da verdade: elas “valem mais do que mil palavras”, a falsificação nelas contida seria impossível de se “refutar”. As imagens se tornariam uma fonte de evidências indesejada pelos seus criadores, desde que destrinchadas e revertidas pelo olhar terraplanista, que colocaria em destaque outras regiões do visível. A “farsa”, enfim, seria

---

<sup>69</sup> O *chroma key* consiste numa técnica de produção de efeitos visuais que permite a inserção de imagens sobre uma cor específica (comumente, o verde). Numa gravação em estúdio, um fundo pintado com a cor, em tom homogêneo, pode ser posteriormente substituído por quaisquer imagens.

desmascarada e refutada em seu próprio terreno, e o potencial de evidenciação das imagens estaria novamente liberado.

A prática de desmascaramento da ciência a partir de imagens, tal como realizada por Bruno em sua palestra e em seu canal, não consiste apenas em afirmar que uma imagem é forjada. Ela é também isso, evidentemente, e o tratamento endereçado a cada uma delas corresponde a uma abdução da agência (Gell, 2020) de seus produtores — desde que se chame atenção para as agências além da “superfície” (McKenzie-McHarg, 2019), enfatizando a “verdadeira” intenção conspiratória. Para isso, as imagens são decompostas em elementos específicos que se comportariam privilegiadamente como *índices* da alegada manipulação — nesse caso, por um nexo demonstrável de uma causalidade, relativo ao seu referente (Peirce, 2012). Essa espécie de rastro da “falsificação” seria, para terraplanistas, a própria materialização do fazer científico, a conversão ao visível de sua missão como instituição da “mentira”, pois atribuem a essas imagens a representatividade daquilo que o heliocentrismo cientificamente *é*.

A pequena amostra de imagens levada por Bruno à FlatCon contém um dos principais modos por meio dos quais terraplanistas reconhecem os indícios da alegada “farsa”: o direcionamento do olhar a elementos em cena indesejados pelos autores das imagens, tomados como a materialização visual de falhas ou lapsos do heliocentrismo, inscritos no momento de criação e divulgação dos registros. Nesse procedimento, o olhar terraplanista sobre essas imagens funciona como uma espécie de um flagrante — mas um flagrante ativo, que mergulha no flagrado para destacar e enfatizar o signo que lhe faria ruir. Realiza-se com isso um *escrutínio* das imagens. Em casos como aqueles trazidos por Bruno, há intervenções materiais que as reelaboram: as cenas do heliocentrismo migram (Mitchell, 2015) para o terreno audiovisual terraplanista, mas já não são as mesmas, agora submetidas à câmera lenta, à repetição, à pausa e ao *zoom*. As ferramentas-padrão do escrutínio, portanto, agem decompondo e modificando o visível a fim de que o olhar seja reorientado para elementos que interessam à agenda terraplanista, supostamente em cena. Como aponta Michael Taussig (1993) a partir das teses benjaminianas acerca das máquinas miméticas modernas, as “novas” tecnologias de reprodução de imagens (e aqui a novidade é o cinema, do século XIX) são meios que exploram sensorialmente outras velocidades e aproximações com o visível, fazendo do olho “um órgão de tatilidade”; nesse “conhecimento tátil”, é estabelecida uma relação cirúrgica com a realidade, abrindo e expandindo o “inconsciente óptico”. O escrutínio, assim, estaria próximo daquilo que

Jacques Aumont (1999), de modo semelhante, chama de princípio “háptico”, ou seja, da possibilidade de um olhar tátil que modifica as distâncias e proximidades da visão ao amplificar o detalhe e revelar pormenores.

O escrutínio terraplanista se serve dessa exploração “tátil”, hoje naturalizada enquanto parte do repertório cotidiano de produção e recepção de imagens, como um meio privilegiado para recortar supostas anomalias visuais, tratá-las como elementos dignos de suspeição e fazê-las revelar a “verdade” das imagens do heliocentrismo. Há ainda outras ferramentas que expandem essa tatalidade. Em vídeo republicado pelo canal *Sem Hipocrisia*<sup>70</sup>, seu narrador comenta euforicamente o que vê num trecho de uma filmagem transmitida ao vivo pela Estação Espacial Internacional (*International Space Station*, ou ISS), quando uma breve distorção de forma e cor borra a imagem original dos astronautas — ou “atornavtas”, termo comum entre terraplanistas, que reitera a noção de uma teatralidade farsesca da exploração espacial.

Figura 5 - O destaque às distorções de imagem em vídeo de módulo espacial.



Fonte: Frame de vídeo terraplanista (canal *Sem Hipocrisia*).

A inserção de setas (e também da legenda) destaca o aparecimento da cor verde, reiterando a denúncia do narrador e funcionando como “verificadores internos” de um “quase-objeto” com valor evidencial (Pinney, 2008, p. 537):

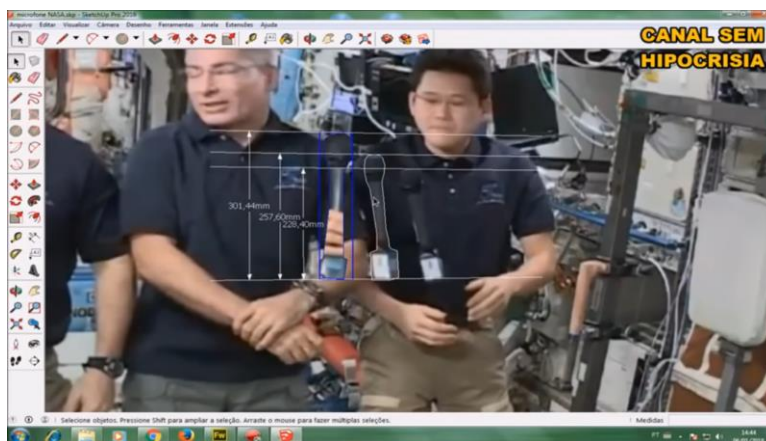
(...) o computador dele lá, do sistema, não reconheceu... Olha lá! Olha lá a camada deles pegando fogo! Olha o verde do *chroma key* atrás deles! Eu não fiz isso, gente. (...) Isso aí é de lá, é deles. Eles cortaram por isso. (...) É truque. É montagem. (Narração do autor original do vídeo citado).

<sup>70</sup> Vídeo original de *Verdade Oculta*, republicado no *Sem Hipocrisia* em 06/01/2018 e intitulado “Terra Plana – ISS derrete ao vivo (Parte 1)”. Disponível em: <https://youtu.be/dhUIfeR5gZI>. Acesso em: 24/03/2021.

Uma cartela de texto define a sigla CGI (*Computer-Generated Imagery*), tecnologia de produção de imagens que o terraplanista acredita ter sido utilizada pela estação espacial na elaboração do alegado *fake*. Os destaques do elemento visual em questão e as explicações oferecidas pelo narrador reverberam nos comentários ao vídeo, expandindo as consequências de tomar tais imagens do heliocentrismo como “montagem”: “Com essa falha era pra acabar de vez com a credibilidade da NASA, mas ainda vai ter gado acreditando nessa merda”; “A Nasa produziu ao vivo uma prova contra eles e ainda tem globalista fanático (pior que religioso) que tenta defender o que, para mim, é indefensável!”; “parabéns e ainda tem gente que acredita na nasa quero ver agora explica essa imagen kkkkkkkkkkkkkkkk”.

Noutro vídeo republicado pelo canal *Sem Hipocrisia*<sup>71</sup>, seu narrador comenta o trecho de outra transmissão da ISS. Exibindo-o em câmera lenta, explica que um microfone presente em cena, passado de um astronauta a outro, seria um objeto criado em CGI, algo supostamente percebido por uma sutil variação em seu tamanho no intervalo de poucos segundos. O autor do vídeo não se contentou em alterar distâncias e tempos da imagem, realizando uma demonstração visual um pouco mais intrincada: três frames da transmissão original foram capturados e, através de um programa de edição de imagens, extraiu-se a figura do microfone em cada um deles, colando-as lado a lado, respeitando seu trajeto no vídeo original.

Figura 6 - Inspeção imagética do trajeto de um microfone.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Sem Hipocrisia*).

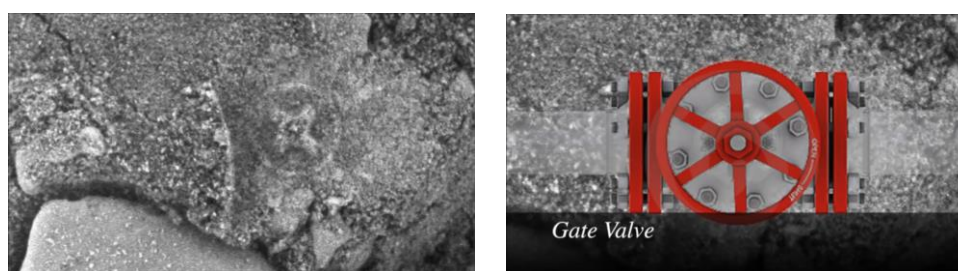
<sup>71</sup> Vídeo original de *Maranhense 22*, republicado no *Sem Hipocrisia* em 07/01/2018 com título “Terra Plana — Fim da NASA (1958-2018) — ISS derrete ao vivo (Parte 2)”. Disponível em: <https://youtu.be/qh51aAceoMw>. Acesso em: 24/03/2021.

Linhas e valores numéricos gerados pelo próprio *software* de edição medem os diferentes tamanhos de cada um dos recortes do microfone, adicionando a autoridade visualmente objetivante desejada pelo terraplanista. Para ele, se na imagem esquadrihada a figura se comporta dessa maneira, então ela não pode corresponder a um objeto real e tangível; há nela uma deformação e isso é um “erro gravíssimo” que torna o vídeo um “falso total”. A análise não se basta no vídeo, e alguns espectadores se detêm na mesma imagem, empenhados em preencher outras lacunas. Um deles escreve:

Com a explicação do tamanho do microfone (pois o que aconteceu com o microfone indica que os astronautas são gravados em separado), vejo que o que gerou o *bug* não foi o japa, mais sim do gordinho careca, notem que depois do aceno ele se desloca para o lado invadindo o espaço do atornauta ao lado, isso gerou o *bug*, pois eles são camadas (os atornauta) o que explica também a diferença de tamanho do microfone.

A atenção às imagens procede também pela observação de fotografias espaciais, frequentemente com o interesse de localizar nelas elementos contextualmente inusitados. Um vídeo de autoria própria do canal *Sem Hipocrisia* compila uma série de imagens desse tipo<sup>72</sup>. Terraplanistas afirmam já ter encontrado seres e objetos variados em registros visuais divulgados pela NASA — uma válvula, o fóssil de um animal marinho e até mesmo animais (um rato, um urso polar, um camelo, um lagarto, dentre outros) —, costumeiramente apresentados em *zoom* e seguidos de imagens comparativas.

Figura 7 - Forma observada em imagem do solo lunar comparada com uma válvula.



Fonte: *Frames* de vídeo terraplanista (canal *Sem Hipocrisia*).

Figura 8 - Formato de rocha lunar comparada com fóssil de animal marinho.



Fonte: *Frames* de vídeo terraplanista (canal *Sem Hipocrisia*).

<sup>72</sup> Publicado em 02/12/2015 com o título “Terra Plana — NASA encontra vida no planeta ‘Terra’”. Disponível em: [https://youtu.be/8ZauEVh\\_Kek](https://youtu.be/8ZauEVh_Kek). Acesso em: 24/03/2021.

Figura 9 - Formato de rocha marciana comparada com um esquilo.



Fonte: *Frames* de vídeo terraplanista (canal *Sem Hipocrisia*).

Os argumentos que envolvem tais comparações fotográficas, longe de sugerirem a presença de animais e tecnologias humanas no solo da Lua e de Marte, afirmam que esses elementos são “provas” de que essas imagens teriam sido produzidas em simples e familiares locações na Terra<sup>73</sup>. A operação visual em questão é corriqueira: busca-se extrair da capacidade do espectador perceber similaridades sensíveis (Benjamin, [1933], 1994) em formas e cores um potencial de desmonte de toda a cadeia de sustentação da autoridade das imagens de agências espaciais. O escrutínio em busca do detalhe demolidor contido nas imagens participa desse procedimento, mas seu núcleo é a *mimese*. Na passagem da imagem do heliocentrismo para a figura comparativa, a segunda tem a função de identificar a primeira, transformando e localizando o detalhe extramundano num elemento que participa da vida terrestre. Como no conceito de mimesis delineado por Taussig (1993), a mimese terraplanista não apenas produz uma semelhança como faz dela um meio para absorver o poder do original e, enfim, despotencializá-lo: num movimento de assimilação, no duplo sentido da palavra, a montagem visual enfatiza a semelhança para capturar e incorporar a imagem do heliocentrismo num modelo de planeta que dispensa a existência de astros além dos limites da Terra<sup>74</sup>.

A mimese terraplanista assume ainda outras formas, que intensificam a intenção despotencializadora. Num vídeo de Gilberto, dono do canal *Terra Plana Reloaded*, sobre a sonda Insight, levada a Marte em 2018<sup>75</sup>, o terraplanista promete a revelação da “fraude”

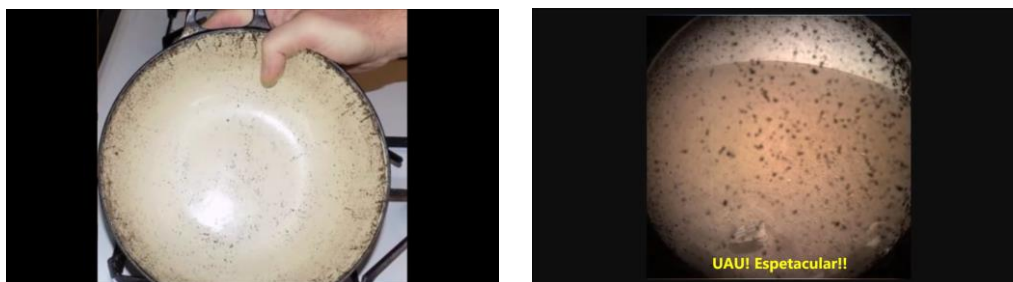
<sup>73</sup> Deserto Negro e do Atacama (no Egito e no Chile) e Ilha de Devon (no Canadá) são alguns dos lugares mencionados por terraplanistas como cenários onde agências espaciais falsificariam esses registros. A Ilha de Devon recebe atenção especial e coloca mais uma camada de suspeita na diluição da fronteira entre verdade e ficção, por haver nela uma base de pesquisas experimentais da NASA (exatamente por conta de sua semelhança com o solo marciano).

<sup>74</sup> Como bem apontou Emerson Giumbelli, orientador desta tese, durante a revisão da primeira versão deste capítulo, ocorre aí um “corte na cadeia das correspondências que sugerem a veracidade de imagens produzidas pelas agências espaciais”; assim, a imagem original “passa a flutuar”, e o desmascaramento terraplanista procede pela evidência mimética da semelhança.

<sup>75</sup> Vídeo publicado em 29/11/2018. Disponível em: <https://youtu.be/q5yjd1hDwi8>. Acesso em 30/03/2021.

das imagens produzidas pela expedição. O tom predominante é abertamente jocoso e a imagem de Marte gerada pela sonda é considerada ridícula. Após cartela de texto que anuncia ironicamente a “foto sensacional” feita pela sonda, é exibida uma primeira imagem, ironizada logo a seguir: “Ops!! Pequena confusão com o fundo de uma panela... Agora sim a foto realmente impressionante de Marte!!” — ao que se segue a imagem prometida.

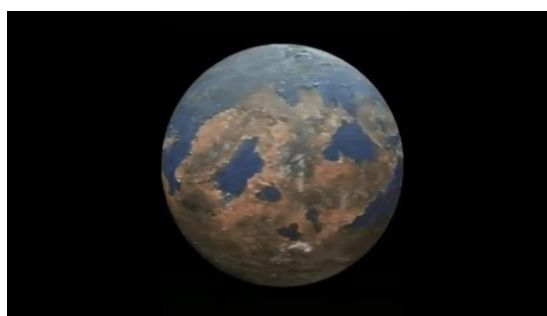
Figura 10 - Comparação entre uma panela e uma imagem do solo marciano.



Fonte: *Frames* de vídeo terraplanista (canal *Terra Plana Reloaded*).

A comparação da imagem da sonda com uma panela não explicita se a alegada fraude consistiria, de fato, no uso desse mesmo objeto banal e cotidiano durante a produção da imagem original ou se o procedimento do terraplanista é apenas uma paródia que sugere uma frivolidade generalizada do material visual gerado por agências espaciais. Gilberto utiliza o mesmo recurso noutro vídeo<sup>76</sup>, de apenas 10 segundos, em cujo título se anuncia a demonstração de “como a NASA faz imagens da Terra globo no espaço”. Com um efeito “olho de peixe” (uma lente grande-angular que distorce a imagem num formato esférico), é filmada a superfície de um botijão de gás, revelado apenas nos segundos finais, quando a câmera se afasta. Os oceanos e continentes do globo terrestre, portanto, não passariam de tinta azul e oxidação de outro utensílio doméstico.

Figura 11 - A Terra como um botijão de gás.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Terra Plana Reloaded*).

<sup>76</sup> Vídeo publicado em 08/01/2020, com o título “Como a NASA faz imagens da Terra globo no espaço!!”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F31jtlEyLHw>. Acesso em: 01/04/2021.



Nesses dois casos, a mimese terraplanista declaradamente visa produzir o riso — e, mais do que buscar fazer o espectador rir, o próprio youtuber ri. Numa *live* em seu canal *Terra Plana Revolutions*<sup>77</sup>, Gilberto exhibe a imagem de Marte e diz (referindo-se à reação do dono de um canal de divulgação científica do YouTube): “Ele ficou tão emocionado com essa foto: 'Olha, é a foto de Marte! Superfície de Marte!' Nossa, cara, os cara... [interrompe a fala para rir] Os cara do *chat* comemorando, é muito engraçado.” A mobilização afetiva de Gilberto é o oposto da atitude do sujeito por ele descrita: enquanto o terraplanista gargalha da imagem do heliocentrismo, o outro para o qual aponta (o youtuber divulgador de ciência, mas também a figura ampliada do “globaloide”) se emociona, quase como um *devoto*, em admiração e reverência (e este é um ponto importante retomado mais à frente).

Na mimese que aciona outros tipos de mediadores, o uso de programas simples de edição de imagem não visa complexificar os métodos de comparação de imagens coletadas na rua ou na internet, mas sim reiterar a facilidade de se despotencializar imagens do heliocentrismo. Gilberto, na mesma *live*, transforma em menos de 1 minuto uma fotografia na Ilha de Devon numa imagem que, pelos critérios terraplanistas, poderia se passar por um registro em Marte: “Pegar um filtro. Efeitos. Esse efeito aqui, girassol. Olha, já vai se transformar em Marte. (...) Pronto, virou Marte. Sem o filtro, é Terra, certo? [risos]”. A aplicação de um tom avermelhado na imagem de uma paisagem rochosa é apresentada como modificação imagética suficiente para eliminar toda a imensa e complexa logística espacial<sup>78</sup>:

Isso porque eu não sei editar muito bem. Mas qualquer um faz, uma criança faz isso aqui. (...) Que beleza, hein? Então, cada um de nós podemos abrir uma agência espacial. Para você abrir uma agência espacial, você só precisa ter um computador DualCore [risos], uma placa de vídeo e um editor de vídeo que pode ser gratuito. Esse aqui eu comprei (...), mas o Movie Maker faz isso que eu tô fazendo. (Gilberto na *live* citada).

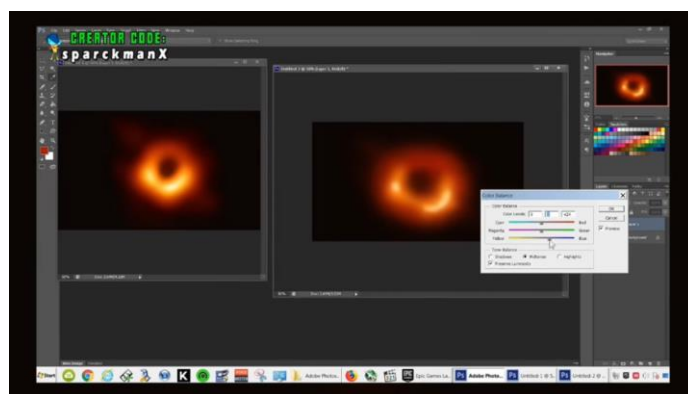
É a isso que Bruno se refere em sua palestra na FlatCon quando diz que “Essa própria tecnologia que avançou começou a chegar em nossas mãos”. Na semana em que jornais e páginas de divulgação científica repercutiam a notícia da divulgação da primeira

<sup>77</sup> Comentários feitos na live “A conquista do planeta vermelho! Sonda Perseverance em Marte”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mj4aHq-pxdw&t=2928s>. Acesso em: 01/03/2021.

<sup>78</sup> Segundo Grogan, Yue e Weck (2011), numa descrição resumida da cadeia de suprimentos por trás de uma missão espacial há, por exemplo: propulsores e combustíveis; infraestruturas técnicas (sistemas de robótica, de mobilidade sobre superfícies, de energia, de utilização de recursos, de serviço em órbita); peças, instrumentos, produtos e baterias de manutenção e conservação; provisões e equipamentos operacionais de equipe (em caso de missão tripulada) etc.

imagem de um buraco negro, o canal de Bruno publicava uma sequência de quatro vídeos duvidando de sua veracidade<sup>79</sup>. Num deles, com o sugestivo título “Faça seu buraco negro sem sair de casa”, a mimese terraplanista aparecia em sua versão mais acentuada. Se nos exemplos anteriores a produção da similaridade recorria a referentes materiais ou elementos figurativos (a imagem de um animal, um botijão de gás, uma fotografia da Ilha de Devon etc.), desta vez a construção partia do zero, como na reprodução de uma pintura pela aplicação de cores numa tela em branco.

Figura 12 - Pintura digital de um buraco negro: à esquerda, a imagem original; à direita, a recriação terraplanista.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Mistérios do Mundo*).

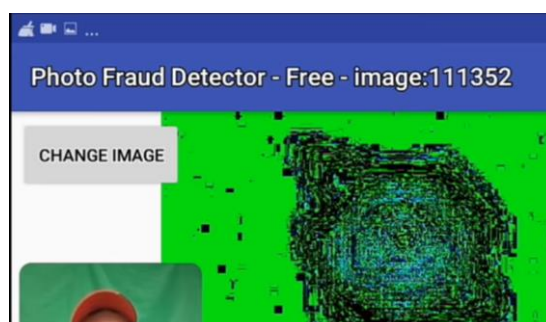
Nos comentários, celebrava-se o efeito de desmonte da extensa rede tecnocientífica da qual a imagem original era um produto: “E nem precisou enfrentar 500 quintilhões de quilômetros de distância! Kkkk”; “E nem custou os 10 bilhões ao contribuinte!”; “Um Buraco negro caseiro ahahahah, vale mais a pena que um feito pelo o sistema. Vou começar a fazer em casa e vender para os babacas alegando que foi tirada do telescópio da NASA ahahaha”. A explosão da correspondência entre imagem e referente era também um convite ao olhar participativo do espectador, habilitado não apenas a “reproduzir a reprodução” terraplanista, mas a projetar na imagem do heliocentrismo suas próprias figurações: “Ou então tire a foto de um tomate-maçã e desfoque-o [emojis de risos]”; “Amigos, fiz um exame de cintilografia miocárdica, e a foto é igualzinha a do buraco negro. Será que tenho isso dentro de mim e não sei. (...) Procurem por imagens de cintilografia miocárdica Tudo mentira.”; “Buraco negro é o

<sup>79</sup> “Enfim primeira foto de buraco negro revelada”, de 10/04/2019; “Foto do buraco negro saiba a verdade”, de 11/04/2019; “Buraco de Einstein a piada do algoritmo”, de 15/04/2019; “Faça seu buraco negro sem sair de casa”, de 17/04/2019. Todos os vídeos estão indisponíveis após remoção do canal *Mistérios do Mundo*. Acesso em: 31/03/2021.

fiofó espacial na tela da ilusão [emojis de riso]”; “Essas partes amareladas ou douradas, são as hemorroidas... RsRsRsRs”.

Um terceiro modo de refutação e desmascaramento já está presumido nos dois anteriores: a *deslegitimação gráfica* (seja pela abdução da ação falsificadora, seja pelo desprezo e pela ridicularização induzidos na mimetização da superfície das imagens do heliocentrismo) contesta sua autoridade como registro visual válido da Terra e do universo. Porém, ela pode prescindir dos métodos de escrutínio e mimese, porque está fundamentada na defesa de uma equivalência incontornável entre computação gráfica e falsificação. Noutro de seus vídeos dedicados à notícia da imagem do buraco negro, Bruno leva a figura a um duvidoso aplicativo gratuito para celular, de interface simples e nome atrativo (“*Photo Fraud Detector*”), e aciona o único botão nele disponível (“mudar imagem”).

Figura 13 - Distorção digital produzida por aplicativo de celular em imagem de um buraco negro.



Fonte: Detalhe de *frame* de vídeo terraplanista (canal *Mistérios do Mundo*).

O aplicativo não entrega nenhum tipo de diagnóstico, mas, dada a transformação da imagem num aglomerado de *pixels* verdes, a associação feita por Bruno, aos risos, vem com facilidade:

ele identifica apenas uma montagem das mais ridículas, né, da qual a... com um troço, uma coisa verde ali, que isso aí pode ser relacionado a *chroma key*, né? (...) e tudo mais, o fundo verde. (...) Não identifica *frame*, não identifica nada. Totalmente montada, né, num programa de computação gráfica. (Trecho de Bruno no vídeo “Enfim primeira foto de buraco negro revelada”).

O qualificador “ridículas” injeta nas imagens o desprezo que terraplanistas nutrem por elas e, mais que isso, consiste numa percepção fundamental para o “despertar” terraplanista (falo mais sobre a noção correlata de heliocentrismo como “absurdo” nas Considerações Finais). A adjetivação negativa é inseparável da deslegitimação gráfica

terraplanista<sup>80</sup>, mas o ponto mais importante de um procedimento como esse é a distribuição dos termos do verdadeiro/falso em duas variáveis julgadas antagônicas: como diz Bruno noutro vídeo sobre o assunto, ou “essa foto do buraco negro (...) é verdadeira”, “ou é Photoshop” — e sua resposta, claro, não é outra: “Resumindo: photoshop. O único resumo que se tem disso aí, e depois eles passam pro computador... É isso aí, Photoshop. Computação gráfica”. É de se notar que a expectativa da *imagem verdadeira* seja, como diz Bruno, a de uma “foto”. A despeito da utilização por terraplanistas de ferramentas de computação gráfica na composição de seus vídeos, um de seus dilemas fundamentais repousa na cobrança de transparência (a “janela aberta”) e indexicalidade (a atração da “realidade para o campo da imagem”) (Alloa, 2015; Green e Lowry, 2003, p. 56). O apelo ao mesmo efeito de realidade de uma fotografia tradicional é, de fato, inaplicável a uma imagem como a do buraco negro: ela é um compósito (Kurgan, 2013), resultado da captação de dados (as ondas de rádio em volta desse objeto cósmico) obtidos por oito telescópios situados em partes diferentes da Terra, cruzados por meio de um algoritmo criado para preencher dados faltantes (devido à fragmentação, ao ruído de sinal e às interferências atmosféricas) e, só após um trabalho de quase dois anos tocado por uma equipe de mais de 200 pesquisadoras e pesquisadores, materializados numa imagem<sup>81</sup>.

Como mostra Emma Frow (2014), interrogações acerca da confiança e objetividade das imagens científicas processadas digitalmente participam do próprio estabelecimento de critérios para sua publicação em artigos de periódicos científicos, frequentemente remetendo a noções de “cuidado” e “habilidade” na correspondência entre dado e imagem como forma de controlar os riscos de se “embelezar” ou “fabricar” seu produto final. Contudo, como argumenta a autora, um efeito advindo dessas controvérsias é a produção de normas mais estritas sobre as imagens digitais (por exemplo, requisitando metadados sobre os ajustes e equipamentos utilizados) que terminam por conferir um maior nível de controle sobre sua produção do que sobre as imagens analógicas — a compreensão da fotografia como processo mecânico de registro

---

<sup>80</sup> Outro exemplo é a ironia de Gilberto num vídeo onde compara animações em 3D produzidas pela NASA para simular o pouso de uma sonda no solo de Marte com a qualidade gráfica de um aparelho de videogame hoje considerado tecnologicamente defasado: “Como gastar 1 bilhão de dólares com gráficos de Playstation 2”, escreve o terraplanista (vídeo de 29/11/2018 intitulado “Sonda Insight em Marte! Como gastar \$ 1 bilhão com gráficos de Playstation 2! Fraude revelada!”; disponível em: <https://youtu.be/q5yjd1hDwi8>; acesso em: 13/04/2021).

<sup>81</sup> As informações são de <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-exatas-e-da-terra/dia-historico-para-a-ciencia-revelada-a-primeira-imagem-de-buraco-negro/> e <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47886045>. Acesso em: 02/03/2023.

visual, assim, viria com o custo de uma menor transparência quanto aos processos envolvidos em sua elaboração (Frow, 2014). Além disso, os trabalhos de tradução próprios à prática científica na transformação de dados em representações implicam necessariamente na produção de composições sociotécnicas nas quais o par estético/científico não possui fronteiras tão rígidas (Lynch e Edgerton, 1988; Kessler, 2007; Frow, 2014).

Michael Lynch e Samuel Edgerton (1988), já no início da utilização de tecnologias digitais de imagem pela astronomia, apontavam que pesquisadores partiam de uma distinção entre a arte e técnica, de acordo com o público de destino das imagens em questão: havia, respectivamente, “belas imagens” do espaço voltadas à popularização da ciência e imagens “científicas” de uso entre astrônomos. Porém, como argumentam os autores, atributos valorizados por astrônomos podem ser entendidos, eles mesmos, como um valor estético, na medida em que mobilizam uma noção de “realismo” no “trabalho de compor coerências visíveis, discriminar diferenças, consolidar entidades e estabelecer relações evidentes” (Lynch e Edgerton, 1988, p. 212). Elizabeth Kessler (2007, p. 479) acentua que o trânsito também é inverso: imagens astronômicas endereçadas ao grande público também “mantêm um forte vínculo científico em seu esforço de apresentar uma imagem de alta resolução e realista”. Seja qual foi seu público, como argumenta a autora, o “processamento de imagens inevitavelmente envolve um grau de julgamento estético”, na medida em que se está trabalhando com parâmetros de luz, cor, formato de apresentação e interações com a lente (manchas a serem ou não removidas da imagem final)<sup>82</sup> (Kessler, 2007, p. 486).

A deslegitimação gráfica encampada pelo terraplanismo se depara com alguns indicadores desses processos de composição e, medindo-os de acordo com o efeito de realidade do registro fotográfico tradicional, promovem a desconfiança em torno de qualquer tipo de compósito do heliocentrismo marcado pela intervenção digital. Grande parte das reportagens sobre a imagem do buraco negro, por exemplo, chamava atenção para esse fato<sup>83</sup>, e há outras ocasiões em que esse tipo de informação, obtida em meios

---

<sup>82</sup> Como lembra Kessler (2007, p. 486, 487), isso muitas vezes não envolve *acrescentar* elementos a imagem, mas sim, necessariamente, *remover* informação: “as distinções na intensidade da luz detectadas pelos instrumentos do Hubble excedem as capacidades de representação da tela do computador ou da página impressa. (...) os astrônomos ajustam a escala fotométrica dos dados, reduzindo a faixa de luz incluída na imagem e ampliando os valores dentro dessa faixa”.

<sup>83</sup> Entretanto, a utilização do termo *fotografia* no título de algumas dessas reportagens (mesmo quando elucidavam no corpo do texto o processo de produção da imagem) se tornou um alvo fácil de terraplanistas,

não terraplanistas, é tomada como referência para deslegitimar qualquer imagem da ciência. Outro exemplo vem de Bruno, que descrevia<sup>84</sup> sua experiência de busca de imagens astronômicas como um encontro com “concepções artísticas”:

Fui direto no site da NASA e encontrei essa imagem [de Marte], inclusive vou deixar o link na descrição. (...) Porém, o que eles afirmam é o seguinte: eles afirmam que essa imagem é uma concepção artística. Lá no próprio site da NASA (...) O que aconteceu, galera? O cara fez uma imagem, né, antes da sonda ser lançada até Marte (...), [corrigindo-se] supostamente ser lançada! O cara fez uma concepção artística. (...) Agora a pergunta que não quer calar: todas as imagens do espaço são concepções artísticas. São feitos (...) em programas de computação gráfica. Isso é fato. Né? São coisas simples. Se você buscar “satélite geostacionário” no Google, vai ter concepção artística [exibe resultado da busca no Google Imagens]. Se você buscar no Google “telescópio Hubble”, só concepção artística [exibe resultado da busca no Google Imagens]. Se você buscar no Google “imagens da Terra”, “imagens da Terra vista do espaço”, concepções artísticas, onde a própria NASA admite: “é uma concepção artística, não é a imagem real”.

“Concepção artística”, aí, é uma senha para a confluência entre imagens de divulgação científica e de uso acadêmico e a generalização para toda e qualquer imagem — inclusive (e especialmente), imagens do globo terrestre de um ponto de vista externo ao planeta. Uma das ideias mais repetidas entre terraplanistas é a de que “não existe imagem real da Terra a partir do espaço, tudo é montagem”<sup>85</sup>, frequentemente num tom de desafio, com a promessa de aceitação da esfericidade da Terra desde que se exiba uma fotografia “não manipulada” do planeta. A frase “*It is photoshopped, but it has to be*” [“É Photoshop, mas tem que ser”], atribuída a Robert Simmon, engenheiro responsável pela imagem da Terra intitulada *Blue Marble 2002*, é insistentemente replicada em vídeos terraplanistas como a confissão de uma fraude — também ela, junto à maioria das versões de *Blue Marble*, um compósito (Kurgan, 2013).

Existem duas fotografias da Terra que atenderiam ao pedido de “prova” terraplanista, ambas registradas por um astronauta, externo ao planeta, apontando uma câmera analógica em direção à Terra (Kurgan, 2013). *Earthrise*, de 1968, e a icônica primeira versão de *The Blue Marble*, de 1972, não raro são sugeridas por “globalistas” nos conflituosos diálogos em grupos terraplanistas de Facebook como argumentos finais

---

utilizando-as como “prova” de seus questionamentos. Dois exemplos são: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2019/04/foto-de-um-buraco-negro-e-revelada-pela-primeira-vez-na-historia.html> e [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/ciencia/1554906802\\_123817.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/ciencia/1554906802_123817.html). Acesso em: 02/03/2023.

<sup>84</sup> Vídeo publicado no *Mistérios do Mundo* em 02/09/2020 com o título “Imagem falsa de Marte causa confusão no Facebook”. Link indisponível. Acesso em: 01/04/2021.

<sup>85</sup> As aspas são de fala de Leandro, do canal *Inteligência Natural*, em vídeo de 28/09/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0uPDOB1YA6E>. Acesso em: 05/01/2023.

— um gesto sem sucesso, sendo as fotografias frequentemente descartadas como uma construção de estúdio, uma pintura ou uma maquete. A predominância de técnicas de computação gráfica (não apenas nas práticas astronômicas, mas no atual ambiente de mídia como um todo) torna-a um tropo recorrente entre terraplanistas, mesmo que a deslegitimação gráfica venha a recorrer a outras técnicas de construção visual como indícios de manipulação humana nos efeitos de realidades. Para o terraplanismo, as sentenças “O ‘espaço’ é produzido no Photoshop” e “O espaço pode ser a fronteira final, mas é feito num porão em Hollywood” se equivalem<sup>86</sup>. E, aqui, retornamos ao exemplo que abriu o capítulo: registros da Apollo 11 no solo lunar, em 1969, são colocados por terraplanistas num longo histórico de “farsa” espacial, que precede as tecnologias digitais. Em todas elas, uma mesma operação se repete: a sobreposição entre *realidade* e *ficção*.

Trata-se de uma pequena, porém importante variação no par *verdadeiro/falso*: aquilo que o termo *ficção* abre, no caso do terraplanismo, é uma equalização entre ciência e ficção científica, com consequências importantes para seu modo de conceber o tipo de olhar reservado às imagens do heliocentrismo e que conjunto de imagens ele abarca. Um exemplo de “indício” dessa sobreposição para terraplanistas aparece no escrutínio de um outro tipo de material audiovisual, comum entre públicos interessados em vasculhar mensagens subliminares em produtos da indústria cultural. Gilberto exibe num de seus vídeos<sup>87</sup> um quadro onde se traçam equivalências visuais entre *frames* de desenhos animados da Disney, imagens da Terra esférica e de Plutão produzidas pela NASA e uma suposta mensagem subliminar de natureza satânica; no canto inferior esquerdo, Walt Disney, fundador da companhia que leva seu nome, posa ao lado de Wernher Von Braun, importante engenheiro de foguetes da NASA (Figura 14).

---

<sup>86</sup> A primeira, formulação recorrente entre terraplanistas, foi aqui retirada do título de vídeo de 09/12/2019 do canal *Terra Plana Reloaded* (disponível em: <https://youtu.be/uh4PhAi7KKQ>. Acesso em: 05/01/2023); a segunda é comumente citada em vídeos, páginas e memes terraplanistas, retirada de verso da canção *Californication*, do grupo norte-americano Red Hot Chili Peppers (no original, “*Space may be the final frontier but it's made in a Hollywood basement*”).

<sup>87</sup> O mesmo referenciado na nota anterior.

Figura 14 - Conexões conspiratórias: Disney, NASA e malignidade satânica (666 na assinatura de Walt Disney)



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Terra Plana Reloaded*).

Cada um desses elementos é fartamente explorado por terraplanistas, entendido com valor evidencial equivalente aos indícios da “farsa” das imagens do heliocentrismo. Como diz Gilberto num título de outro de seus vídeos<sup>88</sup>, a alegação terraplanista é de que “Disney e NASA são essencialmente a mesma coisa”, compactuadas na “fábula surreal da exploração espacial”. E essa é apenas uma das muitas equivalências traçadas entre ciência e indústria do entretenimento: a NASA teria se utilizado da mesma imagem do globo terrestre presente na logomarca dos anos 1920 do estúdio Universal Pictures; o filme *O Iluminado*, de Stanley Kubrick, estaria repleto de mensagens subliminares através das quais o diretor expressaria o fardo de guardar por anos o segredo de ter sido o responsável pela criação em estúdio das viagens tripuladas à Lua; o Centro Espacial John F. Kennedy, aberto à visitação pública com atrações como cinema em 3D, lançamento de foguetes e museu, não passaria de um “parque de entretenimento”, entregando ao público CGI, simuladores e objetos de cena.

Do encontro entre entretenimento e exploração espacial, o título de televisão e cinema *Star Trek* (e, em menor frequência, *Star Wars*), de temática espacial, torna-se termo-chave da categorização terraplanista do outro “globalista”/“globaloide”. Ser alguém que “crê” no heliocentrismo, do ponto de vista terraplanista, é o mesmo que participar do “sonho”, “culto”, “seita” ou “religião” *Star Trek*; trata-se, nas palavras de Gilberto, de uma “*devoção* do público bolista à ficção científica da fantasia do espaço sideral” (grifo meu)<sup>89</sup>, semelhante à base de fãs do programa que nutre obsessão por seus

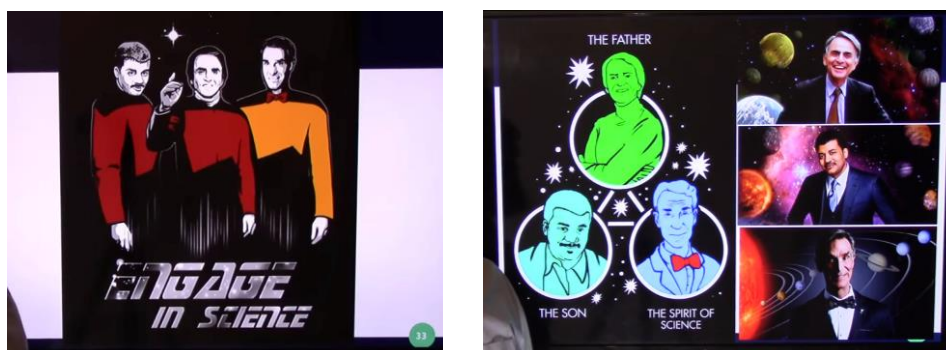
<sup>88</sup> Vídeo publicado em 17/01/2021 no canal *Terra Plana Reloaded*. Disponível em: <https://youtu.be/hvqcHhqvXLU>. Acesso em: 03/03/2023.

<sup>89</sup> Fala do mesmo vídeo referenciado na nota anterior. Nesse trecho, curiosamente, Gilberto lê um texto disponível no site oficial da NASA, atribuindo à descrição histórico-cultural da página (em referência direta



personagens, coleciona memorabilia, participa de convenções, conhece a fundo seu enredo e aprende os nomes de todos os elementos de seu universo ficcional (planetas, armas, naves, aparelhos etc.). O termo se comporta aí como uma metáfora, mas não deixa de pressupor contiguidade com a relação globaloide–heliocentrismo: para terraplanistas, a atitude de *devoção* diante de imagens espaciais — tanto as da ciência heliocêntrica como as da ficção científica (e *Star Trek* não contradiz muitos dos parâmetros do modelo heliocêntrico) — seria a mesma. Num vídeo do canal *Ciência de Verdade*<sup>90</sup> dedicada ao que também nomeia como “religiões *Star Trek*”, Afonso apresenta alguns dos “indícios” da passagem heliocentrismo–ficção–devoção.

Figura 15 – Cruzamentos anti-heliocêntricos entre ciência, ficção científica e religião.



Fonte: Detalhes de frames de vídeo terraplanista (canal *Ciência de Verdade*).

O argumento sugerido por terraplanistas não depende dessas imagens colhidas em páginas não terraplanistas, mas encontra nelas a demonstração do cruzamento denunciado. Em duas ilustrações exibidas, três famosos divulgadores de ciência<sup>91</sup> são traduzidos em símbolos da série *Star Trek* e da religião cristã: Carl Sagan, Neil deGrasse Tyson e Bill Nye aparecem com trajes típicos de personagens da franquia de ficção científica, acompanhados da frase “Se engaje na ciência”, e são organizados como, respectivamente, “pai”, “filho” e “espírito da ciência” (Figura 15). *Engajar-se na ciência*, para Afonso, significaria permitir a unidirecionalidade da “doutrinação”: “Você não pode questionar, a ciência te dá todas as respostas”, porque “Aparentemente, as pessoas pararam de pensar. Tá todo mundo estático, só olhando e babando”, diz o terraplanista.

a um trabalho do historiador Walter A. McDougall) um sentido literal e generalizante. O trecho diz: “Perhaps more important, he says, the public’s post-war devotion to science fiction was a ‘form of cultural anticipation’ regarding the coming space age.” Disponível em: [https://www.nasa.gov/centers/marshall/history/vonbraun/disney\\_article.html#1](https://www.nasa.gov/centers/marshall/history/vonbraun/disney_article.html#1). Acesso em: 03/03/2023.

<sup>90</sup> Vídeo de 09/06/2019 intitulado “Religião *Star Trek* (DIA 7)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CSSFyPhrYA4>. Acesso em: 03/03/2023.

<sup>91</sup> É mais comum que terraplanistas se refiram a eles simplesmente como cientistas.

*Só olhar e babar*: a descrição da figura do globalista/globaloide, não à toa, desenha uma cena formada por um espectador, um objeto observado e a incapacidade de pensá-lo.

### **A caracterização de um espectador “doutrinado” e “devoto”**

Como vimos no decorrer do tópico anterior, uma vez retidas, domadas, esquadrihadas, mimetizadas, ridicularizadas, transformadas e esvaziadas nos canais de YouTube terraplanistas, as imagens do heliocentrismo são exibidas como objetos ao mesmo tempo insignificantes e profundamente reveladores — uma suspensão própria de um *iconoclash* (Latour, 2008). Terraplanistas não são simplesmente iconoclastas: seu fim é a deslegitimação desses mediadores, mas eles fazem isso produzindo novas imagens (pela comparação mimética, que abre a imagem original a um encadeamento visual engajante, mas também pelo próprio meio audiovisual onde o desmascaramento e a refutação são praticados) e nutrindo uma necessária intimidade com as imagens do heliocentrismo (fixando o olhar, aprofundando o campo de visão, tateando por meio de ferramentas que adicionam, recortam, repetem e reduzem). Ao mesmo tempo, terraplanistas também não são apenas iconófilos: repulsa, descrença e ou deboche diante das cenas do heliocentrismo são as bases da própria valoração negativa necessária à “recriação de mundo” (Goodman, 2013) do terraplanismo.

A capacidade de “refutar” e “desmascarar” essas imagens significaria, basicamente, demonstrar que elas são “falsas”, artefatos “ficcionalis” que põem abaixo todo o modelo heliocêntrico, de modo a imanentizar o extramundano, afirmando que o *fora* estaria sempre e necessariamente *dentro* (nas paisagens terrestres, objetos caseiros, estúdios ou tecnologias de computação gráfica)<sup>92</sup>. Podemos dizer que o próprio conjunto de imagens reunido nessas práticas embaralha as fronteiras entre verdadeiro/falso e realidade/ficção (exemplificadas pelos diferentes efeitos de realidade dos três registros da viagem à Lua que iniciam este capítulo). Do ponto de vista terraplanista, no entanto, o embaralhamento já existiria de antemão num modo “doutrinado” pelo heliocentrismo. Reagindo a um comentário de Neil deGrasse Tyson sobre os diferentes graus de

---

<sup>92</sup> O que, como veremos, não significa que terraplanistas não concebiam um fora (nas “águas acima do firmamento” ou na figura divina do Criador).

aproximação entre diferentes universos de ficção científica e conhecimentos estabelecidos pela ciência, Afonso dizia<sup>93</sup>:

Você já percebeu esse negócio? Existia verdadeiro e existia falso. Agora existe o falso verdadeiro, o verdadeiro falso, o falso falso, o verdadeiro verdadeiro. Você tá de piada comigo. (...) Verdade [ou] mentira? "Não, isso é uma mentira meio verdadeiro e aquilo ali é um verdadeiro meio mentira". Você tá de piada comigo, não? É isso a ciência agora? Uau! Caramba! [interjeições irônicas]. Não sabe nem usar a língua? Lógico que sabe. *É intencional*. (Afonso no vídeo citado; grifo meu).

O terraplanista, nesse sentido, se vê como alguém capaz de reestabelecer o que é verdadeiro e real, assumindo uma atitude diante das imagens do heliocentrismo que seria simetricamente oposta ao tipo de olhar atribuído ao “globalista” — este, “estático”, “só olhando e babando”, emocionado e maravilhado diante de cenas da exploração espacial. A lista de termos utilizados para retratá-los é extensa: ele estaria imerso na “ilusão”, em “transe”, sob “hipnose”, num “estado de torpor cerebral”; “O problema é que o gado está acostumado a ser enganado, ainda tem um monte de comedor de capim que acha que alguém foi na Lua, mesmo esfregando na lata deles que foi tudo uma fraude”; “Só cego que nao vê que estão encenando”; “Eles não conseguem ver a verdade escancarada na cara deles (...) Estão dormindo”; “Se esse vídeo não acordar o cara é porque já virou zumbi”; “mesmo vendo não acreditam, já tá tão enraizado que é difícil desfazer o sofisma, mente cauterizada já q não conseguem nem mais distinguir o real do condicionamento ou da fantasia Disney/Hollywood”; “O engraçado é que se você mostrar esse vídeo mil vezes para aqueles que defendem a NASA e a agências espaciais, eles não sabem explicar”<sup>94</sup>.

A atitude visual de *devoção* especulada pelo terraplanista acerca do globalista não é diferente do ato de ver devocional descrito por David Morgan (2012, p. 91): uma “absorção extasiada dos devotos diante da imagem do culto, que eles contemplam com um modo de ver que pode lembrar o desejo do amante pelo amado”. A hiperbólica cena é elaborada nos termos da relação imagem–audiência porque, ao fim e ao cabo, não existiria o espaço sideral (sem o qual o heliocentrismo não é possível), mas apenas suas *imagens* (humanamente criadas, sem referente real). Nessa dissolução do extramundano heliocêntrico, que iguala ciência e indústria do entretenimento, terraplanistas recorrem à noção de que “vivemos num grande show, onde somos meros espectadores”<sup>95</sup>. Tudo o

<sup>93</sup> A fala foi retirada do vídeo “Religião Star Trek (DIA 7)”, anteriormente citado.

<sup>94</sup> As aspas vêm de descrições de vídeo e comentários de vídeos do canal *Minuto Terra Plana*. Disponível em: <https://youtu.be/4iwwffprOEWc> e [https://youtu.be/ouUxa7\\_kmlU](https://youtu.be/ouUxa7_kmlU). Acesso em: 06/04/2021.

<sup>95</sup> A ideia, comumente repetida, é aqui citada a partir da descrição de um vídeo do canal *Minuto Terra Plana*. Disponível em: <https://youtu.be/R1oFInUjpo0>. Acesso em: 06/04/2021.

que se imputa ao inimigo globaloide é o inverso da concepção de si terraplanista: ao invés de espectador passivo, performa-se a condição de um “espectador emancipado”; “questionar”, “pesquisar” e “estudar”, noções centrais para o terraplanismo, caracterizariam o processo dentro do qual ganha lugar a autoatribuída capacidade de “refutar” e “desmascarar” imagens. No capítulo seguinte, examinamos as condições de construção dessa posição de espectador no terraplanismo.

## 2 O RABBIT HOLE TERRAPLANISTA

A adesão de Henrique ao terraplanismo, no início de 2020, foi, em suas palavras, uma “mudança de chave”, “como se tivesse acordado, sabe?”<sup>96</sup>. O jovem, na época com pouco mais de 20 anos de idade, estava em preparação intensiva para um concurso da Polícia Militar — o que, por si só, já era uma mudança nos planos de se tornar padre, após doze anos na Igreja Católica —, até ser acometido, em janeiro, por um problema de saúde súbito, que deixou metade do seu corpo paralisado. Felizmente, após meses em recuperação, não sobraram sequelas. Henrique reelabora essa experiência como um “livramento”, uma intervenção de Deus que lhe retirou de um destino profissional no qual estaria submetido a riscos piores e que fez sua família se reaproximar para cercá-lo de cuidados — “nada a reclamar”, ele me conta. Nesse contexto, dando início ao longo período de reabilitação dentro de casa, a Terra Plana surgiu como o fio condutor de um processo de redescoberta do mundo. Um pouco antes disso, havia tido uma conversa com o irmão, que lhe contara ter se tornado um terraplanista. Henrique desconhecia o assunto, reagindo com espanto: o irmão “estava doido”.

Intrigado, buscou o celular para procurar mais informações e rapidamente descobriu canais de YouTube (*Sem Hipocrisia*, *Minuto Terra Plana*, *Ciência de Verdade* e outros) dedicados a defender aquela ideia que inicialmente lhe pareceu absurda. A partir dali, imergiu no consumo desses vídeos, encontrando em grupos de Facebook e WhatsApp ambientes de troca (de links, imagens e testemunhos), de diálogo com terraplanistas convictos e de desentendimento com *globalistas* (sempre presentes para confrontar os argumentos ali defendidos). Henrique me conta que, “para você conseguir absorver realmente a Terra Plana, você precisa esquecer os conceitos do globo”, porque no modelo plano “tudo é diferente”: por exemplo, o heliocentrismo é abandonado em nome do geocentrismo; “no globo, o Sol é milhares de vezes maior que a Terra, [mas] na Terra Plana é menor”, girando abaixo de um enorme domo semiesférico que recobre o planeta; “no modelo Terra Plana, não há gravidade, e sim densidade”. Henrique se tornou

---

<sup>96</sup> Essas e as demais informações sobre Henrique foram obtidas em entrevistas e conversas realizadas virtualmente, em dois momentos diferentes: primeiro, em diálogos distribuídos entre 03 e 06 de junho de 2020; posteriormente, com uma retomada de contato em 30 de setembro de 2021, culminando na realização de duas entrevistas, em 08 e 18 de outubro de 2021.

um terraplanista. Revisitando a impressão sobre seu irmão, passou a considerar que “doido é quem não busca conhecimento para entender o que a gente tá falando”.

A cada contato com um novo atributo do modelo plano, novas perguntas surgiam, e um exercício de pensamento apoiado pelo material audiovisual, imagético e textual encontrado nessas plataformas digitais tentava adequá-lo a seus parâmetros centrais. No meu primeiro contato com Henrique, cerca de cinco meses depois de sua entrada nesse mundo, ele ainda era movido por certas questões em aberto: “Eu tenho uma grande dúvida com o núcleo da Terra, dizem que existem camadas, mas ninguém nunca viu”. Isso não significava que suas premissas cosmológicas recém-adquiridas estivessem sob risco de implodir a qualquer momento. A imersão nesses canais, páginas e grupos e o processo de fazer “novas perguntas” são o movimento esperado disso que Henrique e muitos outros terraplanistas nomeiam como *estudo, pesquisa, busca de conhecimento*. Ele me diz que “com o terraplanismo é diferente do globismo, aqui você vê as coisas e vai buscar informação”, adentrando cada vez mais num assunto “muito complexo”, um “leque muito extenso” que requer que “a pessoa [esteja] aberta a entender, [a] ver como é que funciona”.

Isso significa também revisitar momentos diversos da vida em que, direta e indiretamente, o modelo heliocêntrico foi ensinado: Henrique se recorda das aulas de Ciências durante a infância e adolescência, das imagens do globo terrestre na escola, em programas infantis, na igreja, das cenas de exploração espacial em telejornais e no cinema — “Nada ajuda a gente, entendeu? É tudo contra a gente”, diz. Henrique e outros terraplanistas acreditam que a “verdade” da Terra Plana foi intencionalmente escondida da humanidade, numa promoção generalizada do “engano”, da “mentira”, de modo que “a gente foi condicionado a crer dessa forma, que é impossível crer diferente”. Essa transformação pessoal radical pode ter consequências espirituais: o *despertar*<sup>97</sup> levou Henrique de volta ao cristianismo, mas por uma via muito diferente de sua experiência anterior: “eu, como cristão e não religioso, falo a você que Jesus é o caminho”, mas “hoje eu sigo a Cristo, [e] quando eu era católico, até então, eu seguia a Igreja Católica”. Agora, ele se vê distante do “sistema religioso” — mais um ambiente de controle por meio de “mistificação”, “engano” —, trocado por uma aproximação da Bíblia (e de livros apócrifos, como o de Enoque): “tiro minhas próprias conclusões e sigo os mandamentos”.

---

<sup>97</sup> Expressão usada com frequência por terraplanistas para nomear a transformação pessoal advinda da adesão ao terraplanismo.

Ecoando a fala da notória maioria dos terraplanistas, Henrique me diz que é muito difícil desassociar a Terra Plana de um “Criador”: “Eu não consigo ver uma pessoa planista sem acreditar no Criador, porque a Terra é basicamente fundamentada na Bíblia”. Esse vínculo está expresso também numa parcela da produção digital consumida por ele, tão vasta quanto aquela que assume jargões cientificistas para falar sobre o funcionamento do magnetismo ou a dinâmica dos eclipses no modelo plano. Passados dois anos do primeiro contato com Henrique, ele me conta que, desde então, nada mudou em sua relação com a Terra Plana: “continuo estudando, vendo vídeos e convicto da minha crença”.

Lisarde conta<sup>98</sup> uma história semelhante, mas com outro desfecho. Até 2019, antes de aderir ao terraplanismo, essas ideias haviam chegado a ele por diferentes meios — um vídeo no YouTube, uma longa entrevista de quatro terraplanistas na televisão aberta, uma conversa presencial inesperada com dois defensores do modelo. De um momento a outro, sua rejeição inicial cedeu espaço à curiosidade, facilitada por interesses anteriores: “eu sempre gostei, né, dessa parte assim de buscar conhecimento, de questionar algumas coisas. (...) eu era um pouco, assim, curioso e conspirador”. No começo de 2020, descobriu que seu cunhado vinha assistindo vídeos no YouTube sobre a temática:

Foi tudo se encaixando. (...) Ele fez uma visita aqui na nossa casa e ele me indicou alguns canais. Ele já estava também vendo essa questão, e praticamente despertamos juntos. E aí ele me indicou dois canais, que foi o do Afonso, né, *Ciência de Verdade*, e o do Leandro, *Inteligência Natural*. Aí, quando eu passei a ver esses dois... [Lisarde se corrige] Sim, depois o de Bruno, porque eu me lembrava da [presença dele na] entrevista de Danilo Gentili, né?

O *despertar*, em suas palavras, foi “aquele impacto, aquelas escamas que caem dos nossos olhos”, quando “acordamos para o mundo real, né? Saímos da matrix”. Mas continuar apenas como espectador não lhe pareceu o suficiente. Poucos meses depois, em maio de 2020, criou o *Canal Ciência Bíblica*, também no YouTube, movido, em suas palavras, por “felicidade”, “entusiasmo”, por uma “sensação de libertação [que] superabunda”, uma “vontade de sair falando pra pessoas” que “a Terra é plana, nos enganaram, não é como nos foi ensinado” — num termo repetido com frequência por alguns youtubers terraplanistas, movido pela *missão* de divulgar o terraplanismo. Sua atividade no YouTube seguiu roteiro semelhante à maioria dos canais que lhe inspiraram: os vídeos pré-gravados, as *lives* ou os *hangouts* com outros terraplanistas exploravam a noção de que terraplanismo significa “ciência de verdade”, a premissa de que a Bíblia

---

<sup>98</sup> Em *hangout* transmitido em 01 de setembro de 2021 no canal *Akira Dunada*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nB2YfNJ-cvs&t=4s>. Acesso em: 18/09/2022.

descreve a cosmologia de uma Terra plana, os argumentos conspiratórios sobre atores malignos ocultos interessados em controlar a humanidade. Porém, sua chegada na plataforma aconteceu num momento de baixa na breve história recente do terraplanismo: o total de quase 48 mil visualizações de seu canal — somando todos os vídeos publicados em cerca de três anos no YouTube — não chega a um terço das visualizações de um único vídeo do *Ciência de Verdade*, canal fundamental ao seu despertar<sup>99</sup>.

As noções de *despertar* e *missão*, concentrando a “lógica de mídia” espectador–produtor que marca o fenômeno da “pós-verdade” de meados da década de 2010 (Kalpokas, 2019), apontam para a mediação fundamental dos vídeos de YouTube na constituição, nesse mesmo momento histórico, de um público fortemente engajado na sustentação desse modelo de Terra. Como passagem, o movimento do *despertar* à *missão* está contido também numa propriedade básica desse tipo de ambiente digital, que faz de cada usuário um “produtor-em-potência” (Martini, 2018). Da *missão* à geração de novos *despertares*, no entanto, as condições não são tão simples, e precisam levar em conta a “coemergência entre usuários comuns, sistemas algorítmicos e influenciadores” (Cesarino, 2022, p. 62): o alcance de canais terraplanistas no YouTube está dividido entre um período de eclosão e crescimento, de 2015 a meados de 2020, e outro de queda, desse momento em diante, determinados, respectivamente, pela ausência e pela implementação de políticas limitando a recomendação algorítmica desse tipo de conteúdo pela plataforma.

Este capítulo se dedica a analisar o nó entre *missão* e *despertar*, que concretiza certas expectativas daquele que produz vídeos a favor da Terra Plana e insere o neófito numa trajetória imprevista de compromisso com o modelo. No tópico que segue, nos afastamos da biografia dessas pessoas, colocando o foco não em propensões, dificuldades, estratégias e readequações para a produção ou recepção de vídeos terraplanistas, e sim em alguns fatores envolvidos na situação social que gera o encontro entre *missão* e *despertar*. Reconfigurações recentes no ambiente de mídia tornaram possível o cenário em que isso que terraplanistas chamam de *pesquisa* ou *busca de conhecimento* — um padrão de consumo de vídeos por imersão num *rabbit hole* [toca do coelho] (Woolley e Sharif, 2021) — se tornasse uma experiência tão comum e determinante no radical

---

<sup>99</sup> Comparo com um vídeo do *Ciência de Verdade* de janeiro de 2020 (período aproximado do “despertar” de Lisarde), que, sozinho, soma hoje 144.977 visualizações. Disponível em: [https://youtu.be/4l\\_PeGuWZ9o](https://youtu.be/4l_PeGuWZ9o). Acesso em: 20/05/2023.



processo de transformação pessoal que os engajou na defesa dessa nova versão de mundo, a despeito do reconhecimento geral como ideia absurda e carente de evidências científicas. Essa produção audiovisual constrói epistêmica e esteticamente um “mundo” (Goodman, [1978] 2013), na mesma medida em que produz artefatos persuasivos para a consolidação de um modelo cosmológico e peças de ataque contra o mundo que pretende desmontar e rejeitar; da parte do espectador, a “queda” *rabbit hole* adentro reconfigura a experiência (Meyer, 2019a) ao apresentar esses novos mediadores de acesso ao “mundo”, dando forma àquilo que terraplanistas nomeiam como “despertar”. No tópico final, retomo a caracterização do “globaloide” como “devoto” de imagens do heliocentrismo, apresentada no Capítulo 1, para pensá-la em comparação ao consumo de vídeos dos próprios terraplanistas imersos num *rabbit hole*, levando em conta também sua autodefinição como “questionadores”.

### **Imersão e captura em um objeto distribuído**

A imersão na produção audiovisual terraplanista no YouTube e sua transformação num hábito de consumo de vídeos, experiências corriqueiras no meio terraplanista e tratadas por essas pessoas como *pesquisa* e *busca por conhecimento*, já foram nomeadas até agora como a entrada num “*rabbit hole*”, mas o termo ainda não foi explicado. Ele é oriundo do livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, e é empregado no momento em que a personagem principal troca de mundo e inaugura sua jornada: Alice, num dia banal, surpresa ao ver um coelho falante, resolve segui-lo e adentra em sua toca, que vira um poço e põe a personagem numa queda desorientadora e aparentemente sem fim, até aportar no “país das maravilhas”. Em décadas recentes, a expressão se popularizou ao ser citada metaforicamente no filme *The Matrix*<sup>100</sup>, quando seu protagonista abraça um convite ambigualmente sedutor e amedrontador do desconhecido — na mitologia do filme, escolhe tomar a pílula vermelha [*red pill*] — em troca de respostas sobre a verdade oculta por trás de um mundo de ilusão que lhe parece errado e sem sentido, dando início ao processo de despertar e descobrir “até onde vai a toca do coelho”. O universo semântico e visual de *Matrix* foi apropriado por parcelas diversas da nova direita, como negacionistas do Holocausto, grupos masculinistas, supremacistas brancos etc. (Lewis e Marwick, 2017; Cesarino, 2022) — como aponta Yuk Hui (2020,

---

<sup>100</sup> Dir.: Lana Wachowski e Lilly Wachowski, 1999.

p. 69) sobre a noção de “pílula vermelha”, “uma tática retórica que apresenta suas tendências reacionárias como verdades ocultas”. O termo *rabbit hole*, utilizado com frequência por essas pessoas (incluindo aí terraplanistas), tornou-se sinônimo da adesão transformadora à nova visão de mundo em questão, geralmente influenciada pelo acesso a conteúdos digitais.

No entanto, é importante notar que o termo também vem sendo utilizado cada vez mais como gíria de internet com acepção ampla, referindo-se à imersão em outros tipos de informação, muitos deles a princípio alheios a processos de radicalização — por exemplo, em conteúdo perturbador e não necessariamente conspiratório (caso dos intrincados crimes reais sem resolução), em universos alternativos de narrativas ficcionais (as chamadas *fanfics*, versões alternativas de uma obra ficcional criadas por seus fãs), em compilações temáticas de páginas de sites com amplo tráfego de usuário (como listas de artigos bizarros da Wikipedia ou anúncios inusitados no Craigslist) etc<sup>101</sup>. Em que pese as inúmeras diferenças de premissas e consequências no engajamento com assuntos tão radicalmente distintos entre si, esse outro uso informal do termo *rabbit hole* parece sugerir que haveria aí um padrão subjacente de consumo de conteúdo digital, ainda carente de teorização. Kaitlin Woolley e Marissa A. Sharif (2021), em artigo recente, perseguem essa via, menos interessadas nos tipos de transformação pessoal resultantes da entrada num *rabbit hole* e mais na sua definição como uma nova modalidade de acesso — cada vez mais comum — a certos conteúdos disponíveis no YouTube. Em linhas gerais, ele se caracterizaria pelo “consumo consecutivo de mídias semelhantes entre si, que leva à escolha por consumir mais mídias similares” (Woolley e Sharif, 2021, p. 9); essa “escolha”, no entanto, seria experimentada com a sensação de, em algum grau, se ver “preso” no desejo por novos vídeos, instalando-se aí o efeito de “queda sem fim” num *rabbit hole*.

O que se descreve aí, portanto, não é o mesmo que a experiência de permanecer no YouTube saltando entre recomendações de vídeos sobre temas diversos (ainda que essa curadoria algorítmica esteja fundamentada noutro tipo de similaridade, que é o perfil de consumo daquele usuário). No *rabbit hole*, segundo as autoras, há consistência e

---

<sup>101</sup> Uma página que organiza informalmente dezenas desses exemplos é [https://icebergcharts.com/i/Rabbit\\_Holes](https://icebergcharts.com/i/Rabbit_Holes), objeto de discussão de muitos youtubers com largas audiências (por exemplo, em <https://youtu.be/Gsbj8wZ3mwU>). Note-se aí a inserção do terraplanismo (em duas entradas, *Flat Earth* e *Mark Sargent*). Acesso em: 30/04/2023.

estabilidade temática. Porém, ele difere também da prática popularmente conhecida como “maratonar” [*binge watching*], em que se imerge, por exemplo, numa longa sequência de episódios de um seriado: neste caso, de acordo com Woolley e Sharif (2021), as mídias estão conectadas entre si por um enredo em comum, enquanto que no *rabbit hole* elas são peças divisíveis e independentes umas das outras. O senso de similaridade e abrangência, segundo as autoras, residiria na percepção de que esses vídeos participam de uma “categoria compartilhada” — conceito que Ülkümen, Chakravarti e Morwitz (2010) usam para se referir à influência empiricamente observada da categorização temática (reconhecida individual, coletiva e ou externamente) no consumo de mídias digitais. Um exemplo banal, mas elucidativo: “depois de assistir a diferentes vídeos de gatos, a categoria ‘vídeo de gato’ se tornará mais acessível, na medida em que se faz mais saliente e lembrada, tornando os consumidores mais imersos na categoria ‘vídeo de gato’” (Woolley e Sharif, 2021). “Saliência”, na terminologia das autoras, diria respeito ao senso de pertencimento de diferentes vídeos a uma mesma categoria, o que, junto à “repetição” (a alta dose de vídeos de uma mesma categoria) e o “consumo consecutivo” (a experiência de sequenciá-los), favoreceria o retorno posterior àquele *rabbit hole* — que, como lembram as autoras, “aprisionam” na mesma medida em que podem produzir estímulo, satisfação e senso experiencial de presença.

Woolley e Sharif (2021, p. 46), que escrevem a partir da área da Psicologia Comportamental aplicada ao Marketing, fazem do artigo também um espaço de sugestões para “para companhias que desejam incentivar seus consumidores a se engajarem mais com seu conteúdo de mídia”, tratando os atributos do *rabbit hole* anteriormente citados como “estratégias” aplicáveis na arquitetura das plataformas — na medida em que, segundo as autoras, algoritmos de recomendação de conteúdo seriam capazes de influenciar esse modo de consumo de mídia. O propósito não é estranho ao dia a dia dessas empresas de mídia, que mobilizam recursos e esforços no aperfeiçoamento de seus algoritmos de sugestão de conteúdo num cenário em que a *atenção* dos usuários é tratada como um bem escasso (Terranova, 2012). Como argumenta o antropólogo Nick Seaver (2018), que realizou pesquisa com desenvolvedores de sistemas de recomendação de plataformas digitais, uma perspectiva behaviorista, interessada no que pode haver de previsível e modelável no comportamento humano, está na base dessas arquiteturas algorítmicas, que, nos termos do autor, atuam na consolidação de uma infraestrutura de captura, como uma “armadilha em câmera lenta” na fronteira entre a “persuasão” e a

“coerção”. Wendy Chun (2016) já notava isso ao apontar que o circuito de construção e a reconstrução de hábitos de uso de mídias digitais, em constante atualização, é um processo de formação de rotinas, em grande medida semelhante à adicção: “Hábito é uma nova forma de dependência, uma condição de débito” (Chun, 2016, p. 2). Passados alguns anos de terraplanismo no YouTube, a ideia de que essa produção correspondia a um *rabbit hole* radicalizante impulsionado pelos algoritmos de recomendação da plataforma se difundiu tanto na imprensa<sup>102</sup> como academicamente, ainda que o argumento fosse alvo de controvérsias, sustentadas pelos obstáculos na auditoria desse sistema — pelo menos um artigo, de Ledwich e Zaitsev (2019), contesta o papel da plataforma na geração desse efeito. Essa discussão é retomada no Capítulo 5, apresentando alguns elementos que apontam para a impossibilidade de separar a emergência do terraplanismo da arquitetura da plataforma e de certas decisões da companhia, ainda que não tente estipular o grau de eficácia dos algoritmos na formação de um *rabbit hole*.

Mas o ponto que quero enfatizar aqui tenta avançar a definição proposta por Woolley e Sharif (2021) para levar em conta também o próprio conteúdo exibido nesses vídeos — no caso desta tese, aquilo que está na base da própria possibilidade de se manter com a “categoria compartilhada” do terraplanismo o padrão de consumo de mídia de um *rabbit hole* e de ser persuadido pela proposta de redescrição da realidade almejada pelos criadores desses vídeos. Lembremos da solicitação de Mark Sargent aos espectadores no vídeo que inaugura o fenômeno do terraplanismo no YouTube: “Faça sua tarefa de casa, faça as perguntas, permita essa possibilidade e veja se consegue passar para uma imagem ainda mais ampla”. Essa orientação, mesmo quando não assume a forma imperativa, permeia toda a produção audiovisual terraplanista, com sua dedicação à apresentação de “provas”, “evidências”, “demonstrações”, “indícios”, “sinais”, “argumentos”, “questionamentos”, “perguntas” e “respostas” interessadas em defender e consolidar um modelo cosmológico, persuadir os espectadores e alcançar novos terraplanistas em potencial, que precisariam apenas de um primeiro estímulo para iniciar o desmonte do

---

<sup>102</sup> “The making of a youtube radical”, de 08/06/2019: <https://www.nytimes.com/interactive/2019/06/08/technology/youtube-radical.html>; “Hundreds Of People Share Stories About Falling Down YouTube’s Recommendation Rabbit Hole”, de 15/10/2019: [https://www.huffpost.com/entry/youtube-recommendation-rabbit-hole-mozilla\\_n\\_5da5c470e4b08f3654912991](https://www.huffpost.com/entry/youtube-recommendation-rabbit-hole-mozilla_n_5da5c470e4b08f3654912991); “Read real stories of how YouTube pushed people down shocking rabbit holes”, de 15/10/2019: <https://www.fastcompany.com/90416541/read-real-stories-of-how-youtube-pushed-people-down-shocking-rabbit-holes>. Acesso em: 09/02/2023.

aprendizado de fatos estabelecidos pela ciência. Na lógica de mídia (Kalpokas, 2019) que imprime no terraplanismo a relação youtuber–audiência como condição fundamental do processo de *despertar*, a noção de que a produção audiovisual é uma *missão de revelação da verdade* é sua contraparte.

Partindo da teoria do nexa da arte de Alfred Gell, esses vídeos podem ser entendidos como objetos que operam dentro de um “sistema de ação”<sup>103</sup>: eles são “índices”, “fontes de e alvos para a agência social” que encarnam um nexa complexo de intencionalidades — que, no caso, podem ou não ser percebidas como se emanassem dos próprios objetos (Gell, 2020, p. 155; Gell, [1996] 2001). No que chama de “vizinhança” dos índices estão os demais agentes e pacientes das ações (na sua economia conceitual, *artistas, destinatários, protótipos* e outros *índices*), fazendo do objeto um mediador do processo social do qual participa (Gell, 2020). Uma primeira questão derivada daí diz respeito ao esquema clássico emissor–receptor das teorias da comunicação, com suas modulações que complexificam os fluxos entre os termos: no caso terraplanista, a partir de Gell (2020), a noção de “missão” descreve um *artista* (continuaremos chamando de *youtuber*) que inscreve nos *índices* (os vídeos) um vetor de ação sobre seus *destinatários* (uma audiência concebida como potencialmente influenciável). Além disso, o *feedback* destes *destinatários* também modifica o processo de produção de novos *índices*, operando como agentes sobre os próprios *artistas* — em outras palavras, é isso o que Kalpokas (2019) nomeia como “conluio” da relação produtor–audiência.

Postos para circular no YouTube, outras agências são adicionadas a esses artefatos audiovisuais. Nos termos de Yuk Hui (2016, p. 41), esse vídeo–índice seria entendido como um “objeto digital” que, numa “ordem de granularidade” distinta à da manifestação audiovisual sensorialmente percebida<sup>104</sup>, inscreve e está inscrito em relações “interobjetivas” (“materializadas como relações discursivas”). Ou seja, o vídeo digital publicado no YouTube, sendo um composto de dados e metadados (Gaboury, 2015, p. 41), é lido e distribuído de acordo com as políticas (maquínicas e humanas) de

---

<sup>103</sup> Escrita em termos suficientemente abertos, a teoria da arte de Gell (2020) se presta bem para um domínio como a produção audiovisual terraplanista, que pouco ou nada tem a ver com arte.

<sup>104</sup> “É verdade que esses objetos aparecem para os usuários humanos como seres coloridos e visíveis, mas, no nível da programação, são arquivos de texto; mais abaixo no sistema operacional, são códigos binários e, finalmente, no nível das placas de circuito, são nada mais do que sinais gerados por valores de tensão e operações de portas lógicas. (...) Olhando mais abaixo, podemos terminar na mediação do silício e do metal. E, finalmente, poderíamos entrar em partículas e campos. Seria possível abordar [esses objetos] a partir dessas diferentes camadas (...)” (Hui, 2016, p. 28, 29).

distribuição de conteúdo operadas pelos algoritmos de recomendação da plataforma<sup>105</sup>. Na medida em que essa é uma infraestrutura de captura que opera para “fisgar” os usuários ao recomendar conteúdo potencialmente engajante que os mantenham na plataforma (Seaver, 2018), o vídeo terraplanista, ele mesmo criado como *índice* que se espera que fisgue a atenção dos *destinatários* e afete seu entendimento de mundo, surge na tela como um artefato que pode dar início à “queda” num *rabbit hole*.

Isso, no entanto, ainda não explica esse padrão de consumo de mídia. Além do fato de que a inscrição da intencionalidade da captura de atenção do youtuber não garante um efeito de persuasão — e, dependendo do público que esse vídeo encontra, esse efeito é muito baixo (Landrum, Olshansky e Richards, 2019) —, o que os próprios terraplanistas costumam relatar é que o primeiro contato com a defesa da Terra Plana, mesmo por meio do YouTube, levou à reação oposta, recebendo a ideia como “absurdo”, “loucura”, “idiotice” (para ficarmos nos termos mais comumente citados). Mas é de se notar também que essas são características que descrevem muito da roupagem do que vem sendo classificado como desinformação em plataformas digitais, que, justamente por se apoiar no dissenso, na controvérsia, no choque ou na excepcionalidade, encontra condições eficazes para “capturar a atenção da audiência e maximizar a gratificação da experiência” (Kalpokas, 2019, p. 37), facilitando a passagem para outros vídeos sobre o assunto<sup>106</sup>. O “despertar” relatado por terraplanistas dificilmente acontece no contato com um primeiro vídeo, mas em algum ponto desse movimento que encadeia outros índices dessa “categoria compartilhada” (Woolley e Sharif, 2021). Levando isso em conta, uma segunda questão derivada da teoria do nexa da arte de Gell permite compreender a lógica do *rabbit hole* terraplanista.

Ao propor o conceito de *pessoa distribuída*, Gell (2020) busca conciliar o par sujeito/objeto afirmando haver um “isomorfismo estrutural” entre *mente* e *índice*, ambos inerentemente relacionais, engendrados por nexos de agências. Na medida em que os objetos são sínteses do mental e do material, de modelo e forma (Küchler e Carroll, 2021), eles são também a exteriorização e coletivização dos processos cognitivos que os

---

<sup>105</sup> A distribuição algorítmica também incorpora, em algum nível, a agência dos destinatários, na medida em que é vendida pelas empresas de mídia como uma previsão de interesses (reais ou potenciais) de perfis de consumo/demográficos dos usuários. Voltaremos a isso no Capítulo 5.

<sup>106</sup> No Capítulo 5, retomo essa questão. Antecipadamente, é importante ter em mente que até 2019 o YouTube não possuía nenhuma medida para evitar que vídeos terraplanistas fossem sugeridos pela plataforma, tanto na página inicial do usuário como depois de assistir algum vídeo, e que esses youtubers usavam as táticas ao seu alcance para extrair uma maior eficácia desse impulsionamento.

conformam; simultaneamente, a agência que realiza uma “intervenção no meio causal” ao gerar *índices*, “conjuntos de diferenças materiais”, está deixando ali “um conjunto disperso de objetos, vestígios e restos” que “dão testemunho (...) de existência biográfica” (Gell, 2020, p. 323). Daí, Gell (2020) retira um segundo conceito, que consoma o isomorfismo: assim como a *pessoa distribuída* corresponde a uma mente que “não se limita a coordenadas espaço-temporais”, sua externalidade ganha forma num conjunto disperso, ainda que coerente, de objetos — ou seja, num *objeto distribuído* (Gell, 2020, p. 322, 323). Como argumenta Gell (2020, p. 319, 322), é isso o que se vê no vínculo entre um artista e suas obras completas: estas, segundo o autor, formam um “objeto múltiplo”, distribuído temporal e espacialmente, como “fragmentos holográficos, ou refrações, da [sua] totalidade imaginária”, ou seja, de sua abordagem como “um todo macroscópico”.

Trazida para o caso terraplanista, a teoria gelliana permitiria, à primeira vista, tomar o vínculo youtuber-canal a partir da chave pessoa-objeto distribuído. Até certo ponto, isso foi metodologicamente útil, e por razões óbvias — há muitos vídeos e *lives* em que se fala, por exemplo, sobre o processo de descoberta do terraplanismo, sobre as relações (amistosas ou conflitivas) com outros terraplanistas ou que simplesmente realizam enquadramentos pessoais de um argumento ou prática pró-terraplanismo (no Capítulo 3, por exemplo, esse modo de enunciação aparece da forma mais caricata, com Marthins propondo uma “equação” com seu nome). Porém, ainda que na rotinização do consumo de vídeos terraplanistas seja normal que se tenha preferências por uns e outros youtubers, aquilo que caracteriza a entrada no *rabbit hole* que leva até o “despertar” é uma imersão que realiza passagens entre vídeos e entre canais, inferindo aquilo que se considera como “a verdade” sobre a Terra Plana sem compartimentá-la em idiosincrasias de cada youtuber. Mais que isso, os próprios youtubers, em muitas ocasiões, reforçam a ideia de que a produção audiovisual terraplanista é uma só, movida por um mesmo compromisso e fundamentada num mesmo conjunto de parâmetros.

Clarissa e Leandro, por exemplo, enfatizavam a unidade a partir da equivalência e da similaridade<sup>107</sup>:

Cara, não interessa se a explicação é do Gideão, é do Marthins, é do Leandro, ou do Enzo. É a mesma explicação. Então não faz diferença. (...) é uma coisa só. Eu tenho certeza que 90% dos assuntos que vocês querem ver vão estar

<sup>107</sup> Em *live* transmitida em 26 de fevereiro de 2017 no canal *Inteligência Natural*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONkrBpUzHEg>. Acesso em: 02/05/2023.

nesses canais. Do *Mistérios do Mundo*, [do] Bruno, que tá aqui também. (...) Do *Brasil Live*, do Rubens e da Madinha. Vai lá, gente, procura, vocês vão achar. (Clarissa).

Galera, nós somos uma equipe. (...) Eu sempre falo no meu canal: somos uma grande família. (Leandro).

A fala de Leandro resvala no idílico, não dando conta do histórico de conflitos entre youtubers<sup>108</sup>, mas é correta não só quando se leva em conta as construções expressamente coletivas do terraplanismo (por exemplo, o *hangout* ou a republicação de vídeos de outros canais como algumas das práticas mais comuns dos canais) como aquilo que já está dito por Clarissa: em geral, encontra-se em diferentes vídeos as mesmas explicações, apenas enunciadas por youtubers diferentes, com acréscimos ou não de novos elementos. Mesmo quando há divergências frontais de proposições (Urandir, por exemplo, defende em seu “instituto” Dákila Pesquisas que a Terra não é exatamente plana, mas levemente convexa), a premissa central de um planeta não esférico é mantida, e colocando a produção num mesmo campo de ideias, marcada por convergências em muitos outros pontos. Débora, noutra ocasião<sup>109</sup>, ressaltava a unidade como parte da complementaridade: a grande quantidade de terraplanistas em atividade na plataforma, para ela, correspondia a um mesmo “movimento” em busca da “*red pill*, que nem o filme do *Matrix*”, e os diferentes canais se complementavam porque “cada pessoa aqui tem seu nível de assuntos”, todos comprometidos com “a verdade”.

Portanto, proponho tratar aqui a própria *produção terraplanista no YouTube*, em termos muito gerais, como a “totalidade imaginária” que faz do *terraplanismo* (sua *cosmologia*, mas também sua abertura a *tópicos correlatos*) um “objeto distribuído”. De certo modo, Gell (2020) realiza movimento semelhante quando aponta as relações entre as obras de um artista e um “todo estilístico”, complexificando análises que incorressem no erro de entender um conjunto de “obras completas” como expressão meramente individual; para outros casos, quando se busca relacionar um estilo a um povo, o autor propõe pensar a “cooperação sinérgica” entre atributos formais que constituem padrões culturais. Aqui, não sigo nenhum desses dois caminhos, tentando evitar tanto um preciosismo descritivo individualizante (com a tendência a fazer do terraplanismo a soma das produções de diferentes canais) como uma fixação de marcos rígidos de uma tradição (com a tendência a homogeneizar a experiência de ser terraplanista). É o próprio *rabbit*

<sup>108</sup> Mas é importante dizer que, de modo geral, esses desentendimentos não eram motivados por divergências quanto à cosmologia da Terra Plana.

<sup>109</sup> Em vídeo publicado em 13 de agosto de 2019 no canal *Débora G. Barbosa* (link indisponível).



*hole* terraplanista que indica que a apreensão da dita “verdade” da Terra Plana com o apoio de vídeos no YouTube tem contornos mais frouxos, mas também suficientemente consistentes na consolidação de certos parâmetros cosmológicos.

Por um lado, a experiência de imersão por dias, semanas ou mesmo meses na larga produção audiovisual está aberta à realização de múltiplos trajetos entre esses artefatos, com diferentes retenções de atenção ao longo de cada vídeo (nem sempre se assiste um vídeo por inteiro, e, mesmo quando é esse o caso, não necessariamente a atenção dada a cada elemento que o compõe é a mesma), assistindo um maior ou menor número de vídeos (a “totalidade” dos vídeos não é e não precisaria ser “totalizada”), com o uso ou não das ferramentas interativas (comentários em vídeos ou no *chat* de *lives*), sem falarmos, obviamente, do acessos às outras regiões do ecossistema digital terraplanista ou a outros meios, *online* ou *offline* (há terraplanistas que relatam a realização de buscas por meio do Google de sites de divulgação científica ou de leituras da Bíblia, ambos orientados pela cosmologia que está sendo aprendida naquele momento). Por outro lado, a dispersão espaço-temporal das rotas de acesso ao *rabbit hole* é estreitada por alguns limites e inclinações: há certos vídeos e canais que alcançam métricas favoráveis ao impulsionamento pelo YouTube, tendendo à viralização (pelo menos até 2019, como veremos no Capítulo 5); entre estes, há os canais que consolidam um status diferencial dentro da comunidade terraplanista, tendendo a ser mais compartilhados (caso do *Sem Hipocrisia*, *Ciência de Verdade* ou do extinto *Mistérios do Mundo*); a produção terraplanista, ainda que grande (e crescente, ao menos entre 2017 e 2019), está longe de formar um acervo de vídeos colossal.

Aquilo que Gell (2020) nomeia como os movimentos de “protenção” e “retenção”, que estabelecem diferentes relações retrospectivas e projetivas entre os itens de um conjunto de “obras completas” distribuído no tempo e no espaço, é, por outras vias, o que se espera que um espectador realize ao imergir num *rabbit hole*, conectando argumentos e demonstrações de diferentes linhas discursivas, que, se fossem tomados isoladamente, dificilmente levariam à “imagem ainda mais ampla” [*bigger picture*] da qual fala Sargent em seu vídeo inaugural. A conexão entre, por exemplo, as interpretações conspiratórias sobre o Tratado da Antártida, da “ciência de verdade” sobre o Efeito Coriolis e da “cosmologia bíblica” sobre a palavra “cúpula”, a despeito de possíveis divergências sobre um ou outro, toma esses elementos específicos como “partes” de um “todo”: o “modelo” ou a “cosmologia” da Terra Plana, sendo o próprio “mundo plano” que ela diz representar

o seu *protótipo* — este último, um termo que Gell (2020) usa para se referir à “entidade” que pode ser representada, figurativamente ou não, em *índices*. As peças são muito mais inexatas do que a coerência garantida por um quebra-cabeças (terraplanistas não conseguem se decidir sobre alguns atributos muito simples de seu próprio modelo, como a distância do solo ao domo) e não possuem qualquer validade fora da cosmologia para a qual foram criadas (a não ser pelo trânsito dos tópicos correlatos, oriundos de universos de sentido próximos). Ainda assim, é levando em conta uma montagem — reconhecida, sob seus critérios, como harmônica e de perfeito encaixe — que terraplanistas se engajam com a produção audiovisual terraplanista, na condição de youtubers ou espectadores.

Dessa forma, o *rabbit hole* terraplanista que conduz um espectador do espanto inicial com o tema até a experiência do “despertar” depende, em parte, disso que podemos chamar de “eficácia indexical” — descendo um degrau semiótico no conceito celeberramente elaborado por Lévi-Strauss ([1958] 2014). Com a noção de “eficácia simbólica”, o autor descreve a cura xamânica como um processo no qual a desordem vivida pelo doente em seu sofrimento fisiológico e afetivo é transformada em ordem por meio da reordenação simbólica do mito social narrada pelo xamã; este, ao oferecer ao doente a linguagem, organiza simbolicamente a estrutura que o paciente experimenta enquanto operações corporais que encaminham à cura (Lévi-Strauss, 2014). No *rabbit hole* terraplanista, o primeiro vídeo com o qual se tem contato oferece um princípio de desordem — ao mesmo tempo contraintuitivo, pois remete a um fato científico completamente insuspeito, e seu oposto, dada a impossibilidade de constatar a olho nu, em condições normais da vida cotidiana, a curvatura do planeta. Mas a queda definitiva na desestabilização, em paralelo à exigência de reconstrução de um mundo que volte a fazer sentido, depende de um encadeamento de índices; a ordem a ser alcançada já está pronta no “objeto distribuído” produzido por youtubers, mas é o espectador (mediado por agências menos ou mais visíveis da arquitetura da plataforma e do restante do ecossistema digital terraplanista) quem irá traçar os trajetos entre os índices, a partir dos quais a imersão será percebida como “pesquisa” e “busca de conhecimento”, até a recomposição de uma ordem que consolide o “despertar” (ou a cura).

A autoatribuição de um papel ativo como espectador duplamente “emancipado” — a reordenação dos conhecimentos sobre o mundo entendida como “libertação” da “ilusão” e a superação da oposição olhar/agir como, nos termos de Rancière (2012, p. 17), definição de um espectador que “observa, seleciona, compara, interpreta” e “relaciona o

que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares” — elabora a experiência de fruição de vídeos em certo contraste com aquilo que, do ponto de vista da infraestrutura algorítmica do YouTube e das intencionalidades encarnadas nos índices produzidos por youtubers, equivale a um processo de captura. A condição de suscetibilidade que marca a “queda” *rabbit hole* adentro também implica em se assumir uma necessária posição de “paciente” — apesar de todos os fantasmas associados à caracterização do espectador como um sujeito “passivo” ou “manipulado” (Rancière, 2012). Gell (2020, p. 75) pensava essa posição como um efeito — em grande medida, fugaz — do encontro com um agente na “região” onde se localiza o índice; ali, a “condição de paciente” é experimentada como a emergência de um “meio causal” onde se está sujeito à “influência de agentes externos”. Apesar de seu vocabulário acentuar intenções humanas circundando objetos e abusar das categorias duais (externo/interno, agente/paciente etc.), Gell (2020) tanto destaca os efeitos atribuídos aos próprios objetos e experimentados na interação com eles como dispensa a absolutização da posição de “vulnerabilidade” do paciente à ação do outro. Como enfatiza, trata-se não de tomá-lo como um mero “autômato”, mas de tentar reconhecer em que aspectos uma outra absolutização (o espectador como plena e unicamente um indivíduo exercendo agência) é insuficiente (Gell, 2020).

No caso do *rabbit hole* terraplanista, sua eficácia depende não apenas de se ter a atenção capturada e comprometida com o sequenciamento de novos índices que revelem o protótipo da Terra Plana, mas de reconhecer esse resultado como o próprio *mundo* em que se habita. Trata-se de um processo de transformação subjetiva que, tendo lugar preferencialmente em vídeos de YouTube, implica numa modulação sensorial específica e compartilhada (Meyer, 2019a), conduzida em contato com esse *objeto distribuído* — quer se entenda isso como persuasão ou como aprendizado. Nos termos de Meyer (2019a), o “impacto formativo” de uma estética, inscrevendo “ideias, emoções, disposições, valores e práticas comuns, e um ‘senso comum’ compartilhado”, que é também “um senso de verdade e poder” (Meyer, 2019a, p. 53; 2019d, p. 195), depende de *formas sensoriais*. Com o conceito, a autora dá mais precisão ao que se passa na relação com mediadores que “abordam e mobilizam as pessoas e as formam esteticamente”, a partir de “modos relativamente fixos, autorizados, de invocar e organizar o acesso ao transcendental” (fundamentalmente, mediando o visível e o invisível, seja como “revelação” ou “perturbação”), que “moldam tanto os conteúdos

religiosos (crenças, doutrinas, conjuntos de símbolos) quanto as normas religiosas”, produzindo vínculos de comunidade e atuando na “modulação” dos praticantes religiosos como “sujeitos morais” (Meyer, 2019a, p. 63, 64).

O terraplanismo, evidentemente, não é uma religião (ainda que argumentos e práticas religiosas participem de sua definição de mundo) e não se funda nos mesmos dispositivos frequentemente observados no domínio do religioso (como tradição, doutrinas, normas). No entanto, a exposição audiovisual e algorítmica intensiva possibilitada pela “queda” no *rabbit hole* abre espaço para um processo de estruturação da experiência (Meyer, 2019, 64), a ser posteriormente interpretada pelos sujeitos como um “despertar”, no qual os meios de consolidação do modelo da Terra Plana (vídeos e demais objetos digitais) se tornam mediadores privilegiados de acesso ao *mundo*, agora redescoberto e reaprendido enquanto uma Terra plana e estacionária. Ainda que não se reduza a eles (nas Considerações Finais, comento mais diretamente situações de “ver” a Terra Plana “a olho nu”), a experiência de se reconhecer num novo mundo, convictamente plano e estacionário, é garantida por esses artefatos que condensam e expressam materialmente “práticas, atitudes e ideias” (Meyer, 2019a) fundamentais para tornar o modelo visível. As maneiras como esses vídeos exploram um conjunto variado de potencialidades do formato audiovisual, organizando, por meio de imagens e palavras, o que conta ou não como verificação correta da realidade, são fundamentais para que o “objeto distribuído” da produção terraplanista opere para seu público como um *modo do fazer mundo* [*way of worldmaking*] (Goodman, 2013).

Com o termo, o filósofo analítico Nelson Goodman (2013, p. 94) descrevia os processos por meio dos quais diferentes modos de organizar “palavras, numerais, imagens, sons ou outros símbolos de qualquer tipo em qualquer meio” (na arte, ciência, experiência cotidiana etc.) podem produzir diferentes “versões de mundo”, ficcionais ou não. Goodman (2013) não queria dizer com isso que qualquer manipulação de mediadores automaticamente fabrica um mundo, nem que todas as versões de mundo sejam corretas e reais. “Fazer mundo”, para o autor, envolve a articulação de certos “modos” de construção, que se baseiam em mundos já existentes<sup>110</sup>; do ponto de vista do *framework*

---

<sup>110</sup> Goodman (2013) propõe alguns: “composição e a decomposição”, dividindo categorialmente aspectos relevantes desse mundo e identificando e reunindo seus elementos correspondentes; por “ponderação” [*weightening*], enfatizando o que é menos ou mais relevante nos termos de um mundo; por “ordenação”, organizando e traduzindo o mundo em imagens menos ou mais gerais e tornando essas diferentes escalas de inteligibilidade comensuráveis entre si; por “exclusão e suplementação”, rejeitando e substituindo

de cada versão de mundo, as demais podem ser identificadas como sendo marcadas por diferentes tipos de “supressões, acréscimos, irregularidades, ênfases”, “simplificações, distorções” (Goodman, 2013, p. 30). A evocação às elaborações de Goodman (2013) é especialmente interessante para o caso aqui analisado porque se situa muito mais num nível epistêmico do que ontológico, insistindo na premissa de que aquilo que se encontra na ordem do “dado” é necessariamente uma relação entre o perceptivo e o conceitual que funciona dentro de um mundo.

Assim, aquilo que do ponto de vista da produção dos vídeos foi chamado de “protótipo” (Gell, 2020) é o próprio “mundo” produzido *nos* vídeos (as “demonstrações”, as “evidências”, os “argumentos” audiovisuais sendo modos de consolidar os parâmetros do modelo terraplanista). A *partir* dos vídeos, o espectador pode vir a se tornar um “desperto”, desde que passe a reconhecer o mundo que emerge das imagens como o próprio mundo ao seu redor, com o qual se relacionará como indivíduo que reaprende a mapear totalidades cosmológicas — espaciais, espirituais e conspiratórias (como veremos no Capítulo 7 e nas Considerações Finais). Num quadro mais amplo, a experiência contemporânea de imersão no *rabbit hole* terraplanista formou e consolidou um público na mesma medida em que essa produção audiovisual para o YouTube mediou uma *partilha do sensível*. Este último termo, conceito elaborado por Rancière (2009), refere-se a um vínculo entre o estético e o político a partir do duplo sentido do verbo “partilhar”:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, *um comum partilhado e partes exclusivas*. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (Rancière, 2009, p. 15; grifos meus).

Isso implica, portanto, num duplo movimento. A produção audiovisual em defesa da Terra Plana busca forjar seu público como uma *comunidade política e sensível* que define suas próprias “percepções, afetos, nomes e ideias” e pré-condições para o sensível e o inteligível (Rancière, 2013, p. xi), concebendo a si mesma como parte de uma disputa sobre a distribuição do que há ou não há para ser visto e compreendido — seus vídeos e demais usos de mídia sendo tomados como os instrumentos de “revelação da verdade”, capazes de separar o mundo “real” do “ilusório” (por meio da “ciência de verdade”, da

---

elementos de um modo anterior para o mundo recriado; por “deformação”, produzindo mudanças que podem ser reconhecidas como traduções e reformulações.

“cosmologia bíblica”, da lógica conspiratória). Porém, como público antiestrutural (Cesarino, 2022), o terraplanismo sobrevive numa tensão com o *comum* na qual este deve ser tanto combatido como reapropriado. Denunciando-o como mundo da “mentira”, terraplanistas entendem o *comum* como uma constituição da realidade que fornece as coordenadas inadequadas do perceptível e do pensável e destrói as capacidades de “libertação” e acesso à “verdadeira cosmologia”; reivindicando a autoridade epistêmica de domínios que participam da consolidação desse *comum* (a ciência, a religião, etc.), mas dos quais terraplanistas estão eminentemente apartados, terraplanistas tanto reinscrevem sua própria apartação fundamental e irresolúvel como encontram vazão e condições de permanência e impulsionamento na infraestrutura de plataformas emergente que põe esse *comum* em crise (Cesarino, 2022).

Uma última questão a ser apontada aqui diz respeito a como “mundo”, “formas sensoriais” e sua “partilha” são consolidados audiovisualmente no terraplanismo. Se esse *rabbit hole* promove uma série de apartações — do espectador que imerge no consumo consecutivo de vídeos, da subsequente redefinição de um mundo que não encontra qualquer validade nos sistemas de peritos a serem a partir daí antagonizados —, ele nem por isso recria todos os critérios de validação daquilo que reconhece como “fatos”. As “provas”, “evidências”, “demonstrações” e demais formas de consolidar os parâmetros da Terra Plana, ao serem construídas como vídeos de YouTube, participam diretamente da “economia representacional”<sup>111</sup> (Keane, 2018) do mundo digital contemporâneo e compartilham de uma série de “ideologias semióticas” — “suposições básicas”, tácitas ou explícitas, “sobre o que são os signos e como eles funcionam no mundo” (Keane, 2003, p. 419) — prevalentes nesse novo ambiente de mídia, ou mesmo anteriores a ele.

Os vídeos estudados nesta tese, em sua variedade formal, exploraram, desde os primeiros dias de terraplanismo no YouTube, diferentes efeitos de realidade potencialmente encontrados nessa modalidade de mídia, sob as condições de circulação e impulsionamento garantidas pela plataforma digital que os recebeu. A definição geral de Aupers (2020, p. 474) sobre a produção audiovisual de teorias da conspiração no YouTube resume bem as características dos vídeos terraplanistas: trata-se de “montagens multimídia de fragmentos textuais, visuais e de áudio que são selecionados, editados e combinados de maneira particular por seus produtores para construir uma narrativa

---

<sup>111</sup> Keane (2018, p. 18) define como o conceito como “a totalidade de tecnologias, mídias, instituições e práticas prevalentes em qualquer contexto histórico e social, desde que tenham efeitos um sobre os outros”.

coerente e convincente”, frequentemente acompanhada da “narração do autor”. Evidentemente, há muitos outros formatos possíveis: os imperativos algorítmicos de produção constante de vídeos (discutidos no Capítulo 5) muitas vezes reduzem o trabalho de exploração do campo visual ao mero registro do rosto do youtuber, num modelo de *vlog* que pode ou não contar com o apoio pontual de outras imagens e textos escritos (seja uma fotografia, uma notícia de jornal ou uma Bíblia online), geralmente acionadas com o recurso técnico do “compartilhamento de tela” do youtuber; o mesmo se passa nas *lives* e nos *hangouts*, muito frequentes no meio terraplanista, mas abertos à interação em tempo real com espectadores por meio de *chat*; quando há narração em vídeos pré-gravados, ela não necessariamente acontece por voz, mas por texto escrito.

Se nos determos na visualidade, o que se abre são amplas possibilidades de exibição de quaisquer imagens estáticas ou em movimento: fotografias, simulações, histórias animadas em 3D, gravuras, trechos de filmes ou de outros vídeos do YouTube, memes etc. Em certos casos, o uso pode ter uma função meramente ilustrativa, consolidando ou enfatizando argumentos — como em uma palestra que recorre à apresentação de *slides*. Mas algo muito distinto acontece em situações como as do Capítulo 1, para as quais o que interessa é a própria superfície imagética — o que ela dá ou não a ver, o que se pode extrair dela, como reconstruí-la e de que maneira rejeitá-la. Também são diferentes casos como os que são analisados nos Capítulos 3 e 4, em que certas imagens são tratadas como nada menos do que “provas incontestáveis” da planicidade da Terra e vinculadas, respectivamente, a uma mimetização de retóricas e práticas científicas e a um programa específico de leitura da Bíblia. Enquanto isso, variadas gravuras que tornam a distribuição de poder de atores conspiratórios ou o próprio modelo da Terra Plana comensuráveis ao olhar (analisadas no Capítulo 7 e nas Considerações Finais) exercem outro tipo de papel, com efeitos não menos importantes. Muitas vezes, vídeos que registram “experimentos” têm a função de traduzir visualmente algo que se prevê em discurso oral; noutros casos, a exploração de recursos básicos de edição produz sentido a partir das próprias imagens ou explora recursos sonoros que engrandecem emocionalmente a fruição das cenas exibidas. Mesmo quando a produção não contém essas articulações de imagens, adotando apenas o formato *vlog*, podemos dizer que sua materialidade como vídeo de YouTube é por si mesma um espaço de encontro com o espectador no qual a relação rosto–voz forma o circuito que reinscreve a autoridade no sujeito falante.

Não estamos falando aqui de inovações formais, mas de modos de construção audiovisual recorrentes no que se convencionou chamar de “cultura participativa” do YouTube (Burgess e Green, 2018) redirecionados a extrair consequências da negação de conhecimentos elementares consolidados pela ciência, iniciando anos a fio de publicação e impulsionamento algorítmico de vídeos sem restrições, no momento em que a plataforma reconfigurava a própria indústria da produção e consumo de audiovisual e consolidava seu lugar no *mainstream* (Burgess e Green, 2018). As diferentes combinações amadorísticas de imagem, som e texto por terraplanistas são parte de um momento de barateamento técnico e ubiquidade de estéticas do *remix*, da “pós-produção” (reciclando, reinterpretando, modificando, reexpondo e reproduzindo artefatos pré-existentes) (Navas, 2012; Bourriaud, 2009), das “trocas infinitas” e da “migração” de imagens distribuídas em grande velocidade (Osborne, 2010; Mitchell, 2015; Palmer, 2013). Entranhadas na produção de vídeos educativos, de divulgação científica e de todo tipo de conteúdo encontrado no YouTube, essas lógicas e estéticas constituem também o material do qual vídeos terraplanistas são feitos, convivendo lado a lado na plataforma (muitas vezes, literalmente, com a recomendação de vídeos em defesa da Terra Plana após a exibição de vídeo dedicados a refutá-la, como presenciei algumas vezes no início da pesquisa, em 2019).

Da mesma maneira, mas por uma chave diferente, o registro audiovisual de si atende ao que Wendy Chun (2016) chamou de “epistemologia do *outing*” (a valorização da confissão, da autoexposição) é uma lógica estruturante da comunicação, afetada pelas inversões do par privado/público e pela valorização do “você” como figura digital primordial, e que ganha vazão também no terraplanismo. A expectativa de “transparência” midiática em vídeos digitais depende também de uma transparência anterior, vinculada à própria imagem — um “projeto” de realismo longamente associado à fotografia, mas com efeitos sobre outros tipos de mediações visuais (Mitchell, 2015). A recorrente e generalizada concepção da visão como sentido garantidor da “evidência” e da autoridade testemunhal foi transferida para a fotografia logo nas primeiras décadas de seu uso, fosse como instrumento de vigilância do poder colonial, como ferramenta de denúncia dessa mesma devastação colonizadora ou como apresentação fotojornalística dos horrores das guerras (Bloch, 2008; Pinney, 2008; Sontag, 2011). O valor da imagem estática ou em movimento como modo de documentação da realidade existiria por conta de uma dupla indexicalidade: sua contiguidade ao evento enquadrado — seu traço



material, diria Barthes (1984) pensando no processamento químico das fotografias analógicas — e sua encenação do gesto performativo de apontar para um “evento no mundo” e presumidamente declarar que ele aconteceu, numa “forma de designação que atrai a realidade para o campo da imagem” (Green e Lowry, 2003, p. 48, 56).

As ansiedades e dilemas em torno da perda do referente e da própria indexicalidade com a emergência das imagens digitais se tornaram uma questão premente (Osborne, 2010; Mitchell, 2015). Ainda que os meios analógicos nunca tenham passado imunes a algum grau de intervenção humana sobre aquilo que é retratado (seja no nível mais fundamental da escolha do enquadramento, seja na manipulação flagrante dos elementos em cena), hoje o problema alcança novos patamares com as técnicas avançadas de geração de imagens com alto grau de fidelidade de eventos não factuais com o *deep fake* e outros usos de inteligência artificial (como vimos no Capítulo 1, outra versão desses dilemas é encampada pelos próprios terraplanistas). Porém, simultaneamente, discursos de garantia de acesso ao real permanecem vigentes nas imagens digitais, irredutíveis a uma definição de antemão vinculada à configuração material das tecnologias de captação (Pinney, 2008; Sontag, 2011; Murray, 2008). A experiência de “imediatez”, segundo Mitchell (2015), é comum às transições para novos tipos de mídias, e isso se repetiu com a digitalização, para além do campo visual. Para Chun (2016, p. 1), a passagem do novo para o “habitual” equivale à repetição de uma “visibilidade invisível” que consolida, por exemplo, ferramentas de busca de plataformas digitais como “modo padrão de aquisição de conhecimento”. Trata-se, de acordo com Cesarino (2021a, p. 91), do que se experimenta como “mediações (i)mediatas”, ou seja, “mediações que se ocultam como tais”, um padrão que se repete no cenário emergente da “pós-verdade” e, conseqüentemente, para o terraplanismo.

Num registro mais amplo, imagens são “dispositivos” (visuais, interativos, sensíveis), “mecanismos”, “tecnologias” que “convidam os observadores ao engajamento” como “agentes em busca de visibilidade”, especialmente se sustentadas por um “ecossistema de imagens” mais abrangente que “estrutura o acesso e a experiência” (Morgan, 2018, p. 87, 90, 92). Para Gottfried Boehm (2017, p. 32), imagens são produzidas e percebidas como *diferenças icônicas*, ou seja, como processos de diferenciação material que produzem sentido independentemente das regras linguísticas de predicação; elas, assim, se mostram para corpos, mas enquanto “mostrações originárias”, e não “simples representações demonstrativas de uma significação já

constituída em outro lugar”. A atribuição dessas capacidades às imagens leva em conta a existência de um amplo espectro de respostas emocionais e afetivas a elas, que, na esteira de David Freedberg (1989), podem estar situadas nas interseções entre seus poderes estéticos, mágicos, religiosos e sexuais.<sup>112</sup> Mas esses são apenas alguns dos atributos possíveis das imagens. Concretamente, elas estão “lançadas numa teia de práticas e transações que raramente são meramente icônicas” (Alloa e Cappelletto, 2020, p. 8).

Emmanuel Alloa (2017, p. 13, 14) situa os problemas teóricos e práticos sobre as imagens num aparente paradoxo que, ainda que possa ter representado paradigmas opostos, é um primeiro indicativo de um duplo registro constitutivo das imagens. Há nelas *opacidade*, uma “presença real” e unificante cuja materialidade seria explicada noutros termos que não o da linguagem, pois “o ser-imagem coincide com seu ser aí”; nesse sentido, elas evocam uma “estética da imanência”, que mantém o olhar na superfície que se dá a ver numa “ontologia do objeto”. Mas há também *transparência*, sendo toda imagem “sempre imagem de alguma coisa”, como uma “janela aberta”, atada a uma estrutura referencial que se afasta de sua materialidade em direção ao discurso e ao objeto representado; assim, sua apreensão depende de uma “semiologia da referência”. Para Elloa (2017, p. 16), essa dupla constituição pode estar colocada noutros termos, enquanto um desequilíbrio fundamental, em que imagens são *iminentes* e *instáveis*, estão em suspensão, pois uma imagem “resiste à generalização, mas excede sempre, no seu aparecer a um espectador, sua simples redução ao artefato individual”<sup>113</sup>. Como atributos tácitos, generalizadamente presumidos ou sentidos em determinados contextos de uso de imagens, eles também participam da construção audiovisual terraplanista (especialmente em alguns casos apontados no Capítulo 4).

---

<sup>112</sup> As chamadas viradas *pictórica*, *icônica* e *visual*, anunciadas no campo da História da Arte na última década do século XX, sistematizaram e aprofundaram essa preocupação, num esforço de desvencilhar a compreensão das imagens do paradigma da linguagem, do discurso, da representação e da semiose. Abrindo um campo de diálogo entre si, essas propostas, segundo Francisco Santiago Júnior (2019, p. 5, 28), coincidem no reconhecimento das imagens como “alteridades” — não apenas por princípio, mas porque a presença ubíqua de imagens na modernidade industrial impõe novos desafios e ansiedades em relação ao “padrão vigente” de mídias.

<sup>113</sup> É disso que fala Georges Didi-Huberman (2010, p. 37, 38) ao descrever a “cisão inelutável do ver”, do *aquém* e do *além*, na experiência de ver um túmulo: este é a “evidência de um volume”, mas é também um “esvaziamento”, a “imagem impossível de ver” da finitude do espectador um dia morto. Na Antropologia, é sabendo do cruzamento complexo entre essas dimensões que Birgit Meyer (2019a, 2019c) propõe abordar imagens como *coisas*, preservando uma “indeterminação” que as situa entre o propriamente visual e a sua materialidade.

Diferentes usos desses atributos das imagens no contexto da produção audiovisual no YouTube (junto às suas passagens pelo restante de seu ecossistema digital) são retomadas no decorrer dos capítulos desta tese. O ponto central a ser retido dessa discussão é seu efeito no *rabbit hole* terraplanista: se o consumo de vídeos de YouTube é peça fundamental na diluição da força de certas autoridades epistêmicas (a “ciência oficial”, o “sistema religioso”, a “mídia convencional” etc.) sobre o controle e filtragem daquilo que esse público passa a considerar como “fato”, parte dessa eficácia pode ser atribuída a como esses vídeos constroem, a partir do próprio material audiovisual, fontes de “testagem”, “confirmação”, “refutação” e “evidenciação”.

### **A formação estética de um “questionador”**

No Capítulo 1, vimos que as operações terraplanistas sobre imagens do heliocentrismo simultaneamente projetam uma concepção acerca de quem é o “globaloide”: do ponto de vista da relação espectador–imagem, ele seria um “doutrinado”, um “devoto”, seduzido e comovido por representações fantasiosas, cego e resistente à realidade concreta do mundo, incapaz de distinguir falso e verdadeiro, ficcional e real. Num jogo de inversões, o terraplanista põe em prática aquilo que assume como sua autodefinição: ele não só se entende como alguém capaz de aferir a falsidade de todas as imagens do heliocentrismo como também exhibe suas técnicas de refutação e desmascaramento com todo o deboche e a ironia próprios de quem presume ver o que o outro não vê — ainda que sua suposta distância crítica envolva infiltrar-se nessas imagens, ser afetado por elas e tratá-las como índices de outra verdade: a realidade da falsidade e, decisivamente, a realidade do mundo plano e estacionário que não ganha espaço nessas cenas<sup>114</sup>. O terraplanista, portanto, recusa imagens do heliocentrismo na mesma medida em que imerge nelas para demonstrar e reiterar sua inveracidade.

Entretanto, à luz da situação de “queda” num *rabbit hole*, a ideia de imergir em imagens assume outros contornos, pois o olhar “questionador” que “refuta e desmascara”

---

<sup>114</sup> Cabe acrescentar aqui um outro tipo de situação, em que terraplanistas parecem vislumbrar o dilema em que se veem envolvidos: não raro, suspeitam que as imagens do heliocentrismo foram construídas já com a intenção de serem vistas como falsas por uma minoria de pessoas (no caso, os próprios terraplanistas), pois aos atores conspiratórios interessaria produzir tanto o maravilhamento de uma maioria de “devotos” como o desmaravilhamento de uma população quantitativamente menor — e portanto mais facilmente controlável — de “despertos”; com isso, borram-se definitivamente as fronteiras entre ser e não ser capturado pelas imagens do heliocentrismo.

opera dentro de uma divisão falso/verdadeiro que é, também ela, centralmente informada por imagens. A “formação estética” (Meyer, 2019a) do terraplanismo, produtora de sujeitos e comunidade para os quais o consumo do “objeto distribuído” (Gell, 2020) audiovisual é condutor de um “despertar”, demanda o posicionamento como espectador diante de vídeos que incitam reconfigurações do olhar, desestabilizando os efeitos de realidade de certas imagens (do heliocentrismo) e os redirecionando para outras (da Terra Plana), oferecendo também meios de verificação proporcionais à experiência fenomenológica individual. Terraplanistas operam com imagens, mas também são operados por elas. Nesse sentido, aquilo que permite que o antagonismo entre o heliocentrismo e o terraplanismo se consolide enquanto abandono da pressuposição do primeiro e abertura à certeza do segundo é o próprio espaço comum da imagem: a despeito do longo encadeamento de mediadores que precedem o próprio processo de produção das cenas do heliocentrismo, é o seu aspecto imagético que é incorporado em meio às outras formas estéticas encontradas no objeto distribuído do terraplanismo no YouTube, e ali despotencializadas, de acordo com critérios que alçam outras imagens à condição de “evidência”.

Olhar imagens do heliocentrismo enquanto um “questionador” — sendo movido ao riso diante delas, suspeitando da falsidade de todo tipo de cena que se apresente como tal e produzindo ou assistindo novas imagens que se acredita serem suficientemente “refutadoras” e “desmascaradoras” dessa “farsa” — é também o efeito de uma lógica de mídia (Kalpokas, 2019) que reconhece canais de youtubers apartados da ciência oficial como fornecedores de saídas para os impasses que são por eles mesmos colocados. Como apontado anteriormente, a negação da realidade de viagens espaciais é um tópico que existe independentemente dos compromissos com um modelo de planeta plano e estacionário, de forma que, a princípio, os vídeos analisados no Capítulo 1 (ou pelo menos aqueles menos dependentes de argumentação sobre o formato da Terra) podem funcionar como índices da “realidade da falsidade” para parcelas de públicos não terraplanistas que não realizarão o movimento completo de “despertar” para o modelo. Mas o acesso *rabbit hole* adentro implica no contato com certas imagens que solicitam outros tipos de atitude espetatorial, na medida em que tratar certas cenas como “evidências” passa por aceitar sua capacidade de enunciar e exibir uma “verdade”. Aí, o modo “questionador” não é suficiente: apesar de se autodefinirem como “céticos”, movidos pela “dúvida”, a plena

consolidação da condição terraplanista de “espectador emancipado” depende de uma grande dose de certeza e convicção.

Nos Capítulos 3 e 4, veremos como, a partir das linhas discursivas da ciência e da religião, são fabricadas algumas das *evidências* de um mundo plano e estacionário, reconhecidas como tal durante o processo de “despertar” e alimentando por anos a fio (e repetidamente) a produção de canais no YouTube. É verdade que a posição de “questionador” sobrevive nessas modalidades audiovisuais, pois tudo aquilo que é apresentado como “prova” da Terra Plana dialoga virtual ou expressamente com a negação do heliocentrismo, sendo simultaneamente reconhecido por seus defensores como outro modo de refutá-lo e desmascará-lo. Trata-se, contudo, de imagens de grande impacto formativo distintas daquelas analisadas no Capítulo 1, e que fornecem peças importantes do protótipo da Terra Plana revelado ao se consumir vídeos no *rabbit hole* terraplanista.

### 3 A MIMESE TERRAPLANISTA DA CIÊNCIA: REJEIÇÕES E APROPRIAÇÕES PRÁTICAS E RETÓRICAS

Nas práticas de “refutação e desmascaramento” discutidas no Capítulo 1, a palavra *ciência* aparecia na maior parte do tempo como categoria nativa de caráter pejorativo, sinônima à cosmologia rejeitada pelos terraplanistas. Esse sentido, entretanto, não esgota seus usos, sujeitos a certas inversões típicas do terraplanismo. Um vídeo de Leandro, do canal *Inteligência Natural*, introduz bem a questão<sup>115</sup>. O youtuber reage a um curto texto jornalístico<sup>116</sup> (tratado por ele como uma peça de propaganda do heliocentrismo) no qual a Terra Plana é citada como um exemplar do fenômeno do negacionismo por “recusar e negar uma realidade cientificamente comprovada — o método científico, é bom lembrar, é baseado em fatos e evidências”. Leandro lê a frase com ironia, retrucando: “Gostei muito da sua definição, porque eu posso usá-la contra você. Então, vamos lá”. Ele prossegue:

A forma da Terra foi *cientificamente comprovada*? O que vocês acham? A Terra realmente é uma esfera com 40 mil quilômetros de circunferência, 6373 km de raio? Ela é uma esfera inclinada num eixo imaginário em 23,5 graus orbitando a aproximadamente 110 mil km por hora em torno de um sol que é 1 milhão de vezes maior do que esta Terra e girando num movimento em torno do seu próprio eixo chamado rotação, em aproximadamente 1666 km/h? (...) Isso tudo *foi cientificamente provado ou isso tudo é um modelo teórico de formato da Terra e, automaticamente, do sistema solar*? É uma pergunta. Foi comprovado? Como que foi comprovado? Por imagem de agências espaciais? É assim, então? (...) Bom, eu não tô convencido. Porque, se esses números que são passados pra nós sobre a forma da Terra, [se] eles fossem a realidade, quando você *testasse* se a Terra é um globo aqui no solo mesmo, você iria ter o resultado positivo e congruente [de] que ela é um globo. E a coisa não tá batendo, não. Tá rolando uma diferença. Um exemplo são os vários *testes de curvatura* que tem aí. (Fala de Leandro no vídeo citado; grifos meus).

Leandro, que não possui formação acadêmica em nenhuma *hard science*<sup>117</sup>, recusa a pecha de negacionista e transfere a definição de ciência sugerida pela reportagem (baseada em “fatos e evidências”) para o próprio terraplanismo, sobrando à própria

<sup>115</sup> Vídeo de 15/03/2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=axWYc\\_ECSWI&t=96s](https://www.youtube.com/watch?v=axWYc_ECSWI&t=96s). Acesso em: 02/06/2022.

<sup>116</sup> “O que é negacionismo e como ele apareceu ao longo da História”, publicado no site educativo Guia do Estudante em 12/03/2021. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/o-que-e-negacionismo-e-como-ele-apareceu-ao-longo-da-historia/>. Acesso em: 21/06/2022.

<sup>117</sup> Em alguns de seus vídeos, Leandro já indicou ter passado pelo curso de Ciências Biológicas (antes de se tornar terraplanista e sem concluí-lo) e estar cursando Relações Internacionais (já enquanto terraplanista); porém, muito mais citado é seu passado militar, como cabo do exército.

ciência (daqui em diante, identificada como “oficial” ou “*mainstream*”) a condição de mera “teoria” ou “imagem” (ou seja, carente de sustentação empírica).

Como já apontado por Alyne Costa (2021, p. 307), o que muitos negacionismos “negam não é ‘a ciência’, mas sim determinadas práticas e enunciados dos quais se duvida que sejam verdadeiramente científicos”<sup>118</sup>. Assim, a expressão de um desdém muitas vezes endereçado em termos genéricos “à ciência” convive com a reivindicação para si do termo (no caso terraplanista, sob a forma da *ciência de verdade*) e da apropriação de outras práticas e enunciados (ou modos de enunciar) da ciência oficial — ainda que, nas palavras de Keith Kahn-Harris (2021, p. 31), façam isso por meio de uma “perversão do método acadêmico”. Trata-se, mais uma vez, de operações no par *verdadeiro/falso*, mas adicionadas de um forte elemento mimético. Este capítulo trata disso, analisando num primeiro momento o que terraplanistas querem dizer com sua noção de “ciência de verdade” e quais são as condições em que ela é praticada e defendida, em sua (não) interação com a ciência oficial. Na segunda parte do capítulo, a discussão se volta mais detidamente a certas operações da “ciência de verdade” terraplanista: primeiro, de ordem discursiva, analisando o que está em jogo na oposição *empírico/fantástico* (e pares correlatos); segundo, de ordem prática, descrevendo a modalidade audiovisual dos “experimentos” terraplanistas a partir de dois casos.

Durante todo o capítulo, a categoria da *mimese* é mobilizada para apontar diferentes tipos de continuidades e discontinuidades entre a chamada “ciência de verdade” e a ciência oficial. Trata-se de uma aplicação que não se limita ao sentido estrito discutido no Capítulo 1, em que uma imagem comparativa “refuta e desmascara” uma imagem do heliocentrismo. Mas, num sentido mais geral, não é algo muito distinto disso. Outras autoras e autores já apontaram como processos de mimese e assimilação fazem parte dos discursos, práticas, métodos ou modos de organização de doutrinas que estão à margem da ciência oficial (Gordin, 2021) — caso da ufologia (Dean, 1998; Almeida, 2015; Lepselter, 2016), do parapsiquismo e da conscienciologia (Chiesa, 2017) e dos negacionismos (Kahn-Harris, 2021). Há mais de um tipo de ênfase possível ao se abordar a questão nesses termos: Kahn-Harris (2021), por exemplo, vê o negacionismo como um desejo de negação, em que se tende a aceitar como legítimos argumentos que precisam apenas “parecer” científicos ou técnicos, produzidos numa espécie de “simulacro

---

<sup>118</sup> Muitas vezes, do negacionismo do Holocausto aos negacionistas da crise climática, sob a alegação de que estão “apenas exercitando seu direito ao *ceticismo*” (Danowski, 2018, p. 5).

acadêmico” [*simulacrum of scholarship*]; Almeida (2015, p. 365), estudando coletivos ufológicos, reconhece a validade das noções de mimesis ou similitude, mas chama atenção para os limites analíticos quando se resume a relação cópia/original à inadequação do primeiro ao segundo termo, sob o risco de não se compreender o que há de particular no primeiro para além da descrição de uma “emulação forçada” em direção ao segundo.

Na forma como analiso a relação ciência “de verdade”/oficial, procuro passar por essas duas dimensões. Se por um lado há também no terraplanismo, como noutras formas de “negacionismo”, uma “vontade de verdade” e de “proteção contra o engano” que espera alcançar verdades absolutas prometidas pela ciência (Costa, 2021), por outro ele tem como uma de suas características principais uma enérgica atitude de negação de uma imensa cadeia de atores associados ao heliocentrismo. Do desequilíbrio conflituoso entre o desejo e a negação da legitimidade científica, é importante compreender alguns aspectos que impossibilitam sua resolução enquanto uma modalidade “oficial” de ciência. Mas interessa também entender como terraplanistas assimilam e manipulam esses elementos da ciência oficial de acordo com sua condição própria como público antiestrutural (Cesarino, 2022), com consequências mais amplas aos seus trabalhos de criação de mundo (Goodman, 2013). A noção de mimese, então, atende aqui a mais de uma demanda. No sentido mais geral que a aproxima do uso no Capítulo 1, o conflito ciência “de verdade”/oficial continua remetendo à elaboração de Taussig (1993): o “tornar-se Outro” da imitação busca assimilar algo do poder e da magia do original, muitas vezes agindo nos termos dele para despotencializá-lo — ou, como indica Cesarino (2021a, 2022), numa relação mais específica de “mimese inversa”. Entretanto, outras configurações particulares da relação similitude/diferença surgem no decorrer das análises, sendo interessante manter também uma aplicação mais aberta do termo, atenta às várias formas de instanciá-lo (Lempert, 2014), permitindo perceber limites na pretensão de ciência reivindicada por terraplanistas.

### **A reivindicação de uma “ciência de verdade”**

*Ciência de Verdade* é um dos canais de YouTube de maior sucesso no meio terraplanista, ativo desde 2016 e somando (até o momento de escrita desta tese) 459 mil inscritos e cerca de 29 milhões de visualizações. Seu nome é uma expressão muito comum



entre terraplanistas, uma síntese da operação de negação da ciência convencional e afirmação de algo em seu lugar a partir da autoatribuição da capacidade de enunciação da “verdade científica”. O que não é nada corriqueiro entre os defensores da Terra Plana é o currículo do youtuber por trás do *Ciência de Verdade*: antes de romper seus vínculos institucionais, mudar-se para os Estados Unidos (onde reside até hoje, trabalhando com relatórios técnicos e consultoria na área de sismologia) e começar a criar vídeos para o YouTube, Afonso graduou-se e doutorou-se em Geofísica pela Universidade de São Paulo (USP), onde foi professor efetivo entre 2010 e 2012. Sua área de formação dos tempos de academia é ocasionalmente mobilizada na “ciência de verdade” que diz praticar em seu canal (por exemplo, quando explica o funcionamento de algum aparelho de medição geofísica), mas, ao que tudo indica, seus trabalhos acadêmicos, concentrados no campo da sismologia, não possuíam qualquer relação com a defesa de uma Terra plana.

Sua produção audiovisual vai muito além de questões relativas ao formato do planeta<sup>119</sup>, mas foi sua concordância com a crescente defesa do terraplanismo na internet o que lhe rendeu uma audiência cativa logo após seus primeiros dias no YouTube, em junho de 2016. Jota Marthins, um dos precursores da produção terraplanista brasileira na plataforma, não deixou de ressaltar a qualidade do novo aliado do modelo: “Geocientista, professor e doutor apoia a Terra Plana e detona a gravidade”, dizia o título da republicação do vídeo original de Afonso<sup>120</sup>. Os anos progressos do youtuber do *Ciência de Verdade* eram valorizados e, desde então, tomados como fator que emprestava respaldo à causa terraplanista<sup>121</sup>. Afonso não era exatamente o único com formação numa *hard science* a se colocar publicamente na defesa da Terra Plana, mas era o mais lembrado, dada a projeção de seu canal<sup>122</sup>. Um valor diferencial ocasionalmente reconhecido naqueles que

---

<sup>119</sup> Tanto quanto grande parte dos demais youtubers terraplanistas, Afonso aborda temas religiosos diversos (criacionismo cristão, diluvianismo, a volta do Anticristo, Yom Teruáh e outras festas bíblicas etc.), tópicos conspiracionistas (maçonaria, sociedades secretas, sinais de uma Nova Ordem Mundial) e assuntos negacionistas correlatos (a pauta antivacina, por exemplo). Um dos temas mais presentes em seu canal era a anúncio de um evento cataclísmico de “fim dos tempos e a inversão do campo magnético” (as aspas são do título de um de seus vídeos sobre isso).

<sup>120</sup> Vídeo publicado em 21/06/2016 no canal *Sem Hipocrisia*. Disponível em: <https://youtu.be/YZqd9WZSOQA>. Acesso em: 07/03/2023.

<sup>121</sup> Até um *ebook* foi escrito em sua homenagem, assinado pelo terraplanista Domingos. *A Ciência de Verdade de Afonso Vasconcelos: uma compilação de textos, divulgando o magnífico trabalho de um cientista brasileiro que faz ciência de verdade*, comercializado no site da Amazon, é composto por pequenas resenhas de uma seleção de 35 vídeos publicados por Afonso no YouTube. Seu autor descreve o youtuber como um “cientista de verdade” não apenas por suas atividades na plataforma, exaltando também seu passado como estudante com boas notas na faculdade, sua admissão no doutorado direto, as entradas de seu currículo Lattes e suas experiências de pesquisa de campo na área da sismologia.

<sup>122</sup> Há pelo menos mais dois. Um é Christian, licenciado em Química pelo Centro Universitário Herminio Ometto de Araras (UNIARARAS) e professor de educação básica, encaixado de última hora como um dos

estiveram de algum modo inseridos em redes tecnocientíficas, portanto, não é completamente descartado<sup>123</sup>, por vezes representado como uma espécie de personificação da ciência convencional que se voltaria contra si mesma, libertando-se heroicamente dos grilhões da “mentira”.

A “ciência de verdade” defendida pelos terraplanistas, no entanto, tem pouco a ver com isso, e seus defensores sabem bem que Afonso, um ponto fora da curva em termos de trajetória acadêmica, tem muito mais semelhanças do que diferenças em relação a, por exemplo, Marthins. O youtuber do *Sem Hipocrisia* prefere manter um ar de mistério quando perguntado se possui formação acadêmica, dizendo que responder positiva ou negativamente influiria indesejadamente na sua produção no YouTube, que prescindiria desse tipo de *background*; assim, Marthins prefere se apresentar publicamente apenas como “pesquisador” e “escritor”. Não há indícios de que, secretamente, a resposta à pergunta seria positiva. De todo modo, é um consenso (mais que isso, uma *premissa*) entre terraplanistas que sua “ciência de verdade” não depende de qualquer tipo de vínculo acadêmico e institucional, habilitando-os igualmente enquanto “pesquisadores” — entrevistado num programa do canal de televisão SBT, Marthins formularia nesses termos: “Terraplanista é gente do povo”. A enorme maioria dos defensores da Terra Plana é formada por pessoas com diferentes níveis de escolaridade (quando com ensino superior, em áreas distintas das *hard sciences*) e empregadas em variadas ocupações (mas nenhuma delas em centros de pesquisa, laboratórios, institutos de pesquisa, observatórios astronômicos ou espaços equivalentes<sup>124</sup>).

Trata-se de pessoas com ou sem formação no ensino médio, com ensino superior incompleto ou completo (em Jornalismo, Direito, Antropologia, Biblioteconomia, Serviço Social, Farmácia, Administração, Pedagogia, Ciências da Computação,

---

pastrantes da FlatCon 2019, e um dos colaboradores da *Revista Terra Plana*. O outro, Douglas, é graduado, mestre e doutorando em Física pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), e, apesar de nunca ter se declarado terraplanista, era consagrado no meio por seus elaborados vídeos negando a veracidade das viagens à Lua e defendendo a Teoria do Design Inteligente; Douglas manteve diálogo constante com diversos youtubers terraplanistas, chegando inclusive a gravar uma apresentação em vídeo que seria reproduzida na FlatCon (mas que não foi exibida por problemas técnicos).

<sup>123</sup> Vale destacar que isso se repete no frequente enaltecimento de alguns personagens da história da ciência que nunca manifestaram nenhum tipo de concordância com o modelo de uma Terra plana, como Michael Faraday, Georg Simon Ohm ou, mais paradigmaticamente, Nikola Tesla (tomado como um “gênio injustiçado”). Todos estes desenvolveram estudos no campo do eletromagnetismo, área da Física da qual terraplanistas se apropriam amadoristicamente para sustentar muitos de seus argumentos cosmológicos.

<sup>124</sup> Douglas, citado na penúltima nota, talvez seja a exceção, dado seu vínculo institucional corrente com a universidade.

Veterinária, dentre outros cursos); profissionalmente, atuam como músico, designer, dentista, empresária, pastor, DJ, marceneiro, eletricista, vendedor, ilustrador, corretor imobiliário, agricultor, motorista de Uber, mecânico, policial, soldado, youtuber, dentre outras ocupações<sup>125</sup>. Essa composição diversa é semelhante àquela observada por McKenzie-McHarg (2019, p. 155) entre teóricos da conspiração dedicados ao atentado de 11 de setembro nos Estados Unidos: o “preço de admissão na cultura da contranarrativa” não é maior do que o “preço de admissão na própria internet”, espelhando uma diversidade de ocupações da própria sociedade moderna. Mas, como sugere, certas profissões são “notavelmente ausentes”: no caso estudado pelo autor, “o jornalismo profissional e a historiografia acadêmica”; no caso do terraplanismo brasileiro, a atuação nas redes tecnocientíficas das *hard sciences*. Bruno, com curso técnico em Eletrotécnica e graduação em Serviço Social e trabalhando num pequeno comércio próprio, desvincula “ciência” de “diploma” num vídeo oportunamente intitulado “Falando de ciência de verdade”<sup>126</sup>:

Ainda que eu não tivesse nenhum [diploma], eu poderia, sim, fazer ciência, porque grandes homens ao longo da ciência fizeram muito mais coisas do que muitos diplomados aí, né? (...) Como se um papel dado pelo Estado, um diploma referendasse alguém para ser verdadeiro absolutamente. (...) E você tem um monte de cientistas cheio de gabarito, cheio de diplomas, que não acrescentaram absolutamente na humanidade, em nada, né? Pelo contrário, se tornam um atraso. (Fala de Bruno em vídeo do *Mistérios do Mundo*).

Mesmo uma figura como Afonso expressa convergência com a oposição *diplomado x cientista (de verdade)* visível na fala de Bruno, recusando que sua própria diplomação fosse aquilo que o definia enquanto um “cientista de verdade”. Diferentemente de certas manifestações de negacionismo — como a negação da crise climática, os movimentos antivacina ou os defensores do “tratamento precoce” para COVID-19 — nas quais especialistas vinculados à “ciência *mainstream*” têm papel determinante como “mercadores da dúvida”, financiados por grandes corporações e ou por agentes governamentais interessados na pauta em questão (Oreskes e Conway, 2010; Cesarino, 2022), a agenda terraplanista é tocada a partir de um “ativismo comunitário de base” (também presente, por exemplo, nos grupos antivacina, mas sem ser sua forma exclusiva) (Gordin, 2021). O terraplanismo, segundo Michael Gordin (2021), é um exemplo paradigmático de “teoria à margem” [*fringe theory*], no rol das *pseudociências*

<sup>125</sup> A lista, evidentemente, não é exaustiva e corresponde a informações que acumulei no decorrer da pesquisa, por diferentes meios, em contato indireto ou direto com essas pessoas.

<sup>126</sup> Vídeo de janeiro de 2020 (link indisponível).

que, apartadas da (e deslegitimadas pela) ciência oficial, mobilizam práticas e discursos que se pretendem científicos<sup>127</sup>. Mas, mais do que isso, ela é um tipo de doutrina cuja própria origem está fundada na demarcação de um antagonismo frontal à “ciência *mainstream*” — ou seja, seus defensores “acreditam estar simplesmente fazendo ciência, mas reconhecem que sua ciência está fora do consenso *mainstream*”, tomando-o como seu alvo (Gordin, 2021, p. 41). Isso levanta duas consequências importantes.

Primeiro, o terraplanismo é mais um desses fenômenos que incitam discussões sobre o problema da demarcação entre o que é e não é ciência (Frietsch, 2015; Pigliucci e Boudry, 2013), estampando uma falta de legitimidade e validade pragmaticamente afirmada tanto nos trabalhos de fronteira [*boundary-works*] (Gieryn, 1983) de divulgadores da ciência que responderam à emergência da defesa da Terra Plana para demonstrar sua inadequação aos conhecimentos e métodos científicos como na reiteração dessas contestações por veículos de comunicação, usuários de mídias digitais e públicos sem vínculo direto com a prática científica (a “opinião pública”). Não irei me demorar em exemplos, que são numerosos e provavelmente fizeram parte da experiência de quem quer que tenha ouvido falar em terraplanismo nos últimos anos no Brasil por meios não terraplanistas. Mas é relevante chamar atenção para o fato de que parte das respostas à propagação do terraplanismo teve lugar também no YouTube, em canais já dedicados ou não à divulgação científica<sup>128</sup>; e, dentre eles, uma pequena rede de canais capitaneados por físicos, geofísicos, matemáticos e engenheiros dedica-se com maior frequência à contestação do terraplanismo, chegando até mesmo a participar de debates em canais terraplanistas no YouTube — a fala de Bruno sobre a separação entre “diplomados” e

---

<sup>127</sup> A lista de Gordin (2021) de “teorias à margem” é extensa e heterogênea: ela abrange desde disciplinas que um dia foram convenionadas como científicas (por exemplo, alquimia e teoria do éter) até doutrinas surgidas já em oposição à ciência estabelecida (ufologia, criptozoologia, criacionismo etc.), passando pelo que chama de usos “hiperpolitizados” da ciência (caso da eugenia e da ciência nazista), pelas práticas com fundamento no campo religioso (como a teoria do design inteligente e a parapsicologia) e pelos casos de fraude dentro da própria ciência convencional (um caso famoso é o experimento de fusão a frio). É importante destacar que algumas dessas doutrinas fazem parte do campo de interesse de muitos terraplanistas (caso da teoria do éter ou, minoritariamente, da ciência nazista). Já o criacionismo bíblico, discutido no Capítulo 4 desta tese, é mais do que um exemplo de teoria adicional ao terraplanismo, constituindo sua própria cosmogonia.

<sup>128</sup> Dentre os canais de divulgação científica conduzidos por pessoas com formação acadêmica especializada e com ampla audiência há, por exemplo, *O Físico Turista*, do físico Caio Gomes, ou *Space Today*, do geofísico Sérgio Sacani; ambos já produziram vídeos voltados à refutação de especulações e experimentos terraplanistas, tornando-se personagens recorrentemente criticados pelos defensores da Terra Plana.

“cientistas de verdade” reagia exatamente à contestação, durante um *hangout* entre canais dessa rede, de um argumento por ele defendido<sup>129</sup>.

A segunda consequência, que mais nos interessa aqui, é que terraplanistas se arrogam “científicos” praticando também sua modalidade particular de trabalho de fronteira. Isso é encenado nos ocasionais debates com canais de divulgação científica — cenários de “disputa de credibilidade” onde “representantes” da ciência oficial performam a “autoridade epistêmica” da ciência, ou seja, “o poder legítimo de definir, descrever e explicar os domínios da realidade postulados pela ciência” (Gieryn, 1999, p. 1) —, nos quais se discute tópicos tão específicos como movimento das ondas, densidade do ar ou nivelamento das águas. Ali, do ponto de vista desses divulgadores da ciência oficial, a delimitação do que é “verdade científica” ou “objetividade” é reassegurada com fins educativos, penetrando na audiência desse público antiestrutural (Cesarino, 2022) com *desafios* ao modelo da Terra Plana (ou seja, a exigência da apresentação de explicações para fenômenos naturais já bem estabilizados pela ciência oficial e convergentes com o paradigma heliocêntrico). Porém, da perspectiva de um youtuber terraplanista, esses são momentos de autorização à disputa de propostas divergentes de “ciência” e de modelos astronômicos, quando se oferece um rosto da ciência *mainstream* com o qual a campanha da Terra Plana possa contracenar.

*Lives* de debates não faziam parte da produção audiovisual cotidiana em defesa da Terra Plana no YouTube, e só se tornaram mais frequentes entre 2021 e 2022, envolvendo poucos youtubers terraplanistas. Toda a defesa de uma “ciência de verdade” que se expressava desde a emergência do terraplanismo em 2015 já se propunha não só como a modificação de um modelo cosmológico, mas como um trabalho de redefinição das fronteiras entre o que deveria ou não ser considerado ciência. Quando, por exemplo,

---

<sup>129</sup> Trata-se de um conjunto de 18 canais, com audiências mais modestas, ligados ao *Sphaerica Est*, projeto de divulgação científica criado em 2019 com o objetivo de “compilar e fornecer informações e evidências sobre o verdadeiro formato do nosso planeta, entre outras informações, fornecendo às pessoas informação real e abalizada por artigos científicos sobre assuntos referentes à real forma de nosso planeta”. O *Sphaerica Est* está vinculado ainda ao Centro de Referência para o Ensino de Física (CREF), projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) dirigido por Fernando Lang, professor titular do Instituto de Física da mesma instituição. Lang é figura ativa nos debates sobre os problemas relativos ao negacionismo científico — não apenas em âmbito acadêmico —, aparecendo com recorrência em vídeos e espaços de comentários dos canais do projeto e, por isso, tornando-se outro nome infame entre terraplanistas. O *Sphaerica Est* divulga longos textos sobre o assunto num site, e é de lá a citação desta nota. Disponível em: <https://sphaericaest.com.br>. Acesso em: 24/02/2023.

Marthins divulga seu livro *O Universo...*<sup>130</sup> como “124 páginas de puro conhecimento e embate à ‘ciência’ moderna”, inverte-se a posição de demarcação (“Esta obra desmente o sistema de ensino mundial corrompido através de uma *pseudociência maligna*”) para que se rejeite: 1) o que a ciência oficial enuncia como verdade (o heliocentrismo e outros fatos científicos a ele vinculados), mas também 2) certas condições que permitem que tais enunciados sejam amplamente aceitos como verdade (as redes tecnocientíficas que estabilizam esses fatos, figuradas na fala anterior de Bruno em sua sinédoque, o diploma). Desenvolverei esses dois pontos nos subtópicos seguintes.

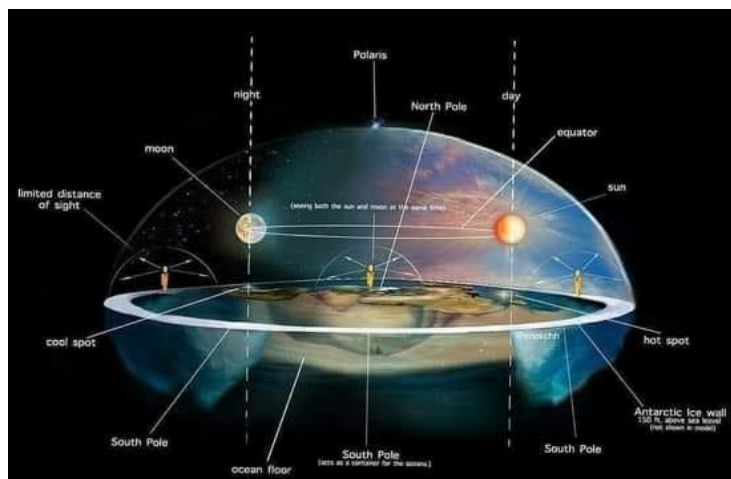
#### *Redescrição de mundo: a mimetização do discurso científico*

Como um modo de criação de mundo que depende da recriação de um mundo anterior (Goodman, 2013), o terraplanismo rejeita o heliocentrismo desconstruindo e redescrivendo fenômenos, leis da física, conceitos, objetos de diferentes escalas e outros elementos, para que se adequem às premissas espaciais básicas do modelo da Terra Plana. Na Figura 16, alguns delas podem ser visualizadas: além do formato plano da Terra e da presença de um domo, Sol e Lua são, “na verdade”, corpos menores que a Terra, formando alternadamente o dia e a noite conforme giram no céu; estrelas, “na verdade”, estão sob o domo; a Antártida é, “na verdade”, uma borda de gelo ao redor da Terra; o polo Norte está, “na verdade”, no centro da Terra etc. Em todos estes casos, algum elemento estabilizado pela “ciência oficial” ganha outra forma, tamanho, funcionamento.

---

<sup>130</sup> Textos retirados do livro e da página onde é vendido, disponível em: <https://shopee.com.br/LIVRO-O-UNIVERSO-QUE-N%C3%83O-TE-APRESENTARAM-V1-Jota-Marthins-i.420163453.9046757160>. Acesso em: 20/11/2022.

Figura 16 - Cosmograma da Terra Plana: espacialização de alguns parâmetros do modelo.



Fonte: Imagem publicada no grupo *Terra Plana Brasil Exclusivo*.

Seguindo esses parâmetros, surge uma enorme série de questões carentes de explicação. Ao fazerem do colossal espaço sideral não mais que um conjunto de pequenos astros que cabem no domo, terraplanistas precisam reformular algo tão básico como a força da gravidade, cuja definição pela “ciência oficial” está vinculada à descrição da Terra como mais um dentre outros corpos celestes com variadas massas, tamanhos e distâncias — o Sol, por exemplo, com uma massa cerca de 300 mil vezes maior que a do nosso planeta (Barroso e Borgo, 2010). Nesse caso, terraplanistas não *redescvem* a gravidade, e sim a *eliminam*, afirmando sumariamente que ela não existe; um fenômeno tão banal como a queda dos corpos, por sua vez, exige explicações, e para isso terraplanistas transformam outros elementos do vocabulário das ciências oficiais (densidade, eletromagnetismo) em elementos de composição de sua explicação (esse exemplo será retomado no tópico seguinte). No contexto de onde a fala anterior de Bruno foi retirada, o terraplanista reagia ao “desafio” do grupo de divulgadores da ciência: como explicar o fenômeno do Sol da meia-noite, quando o astro fica visível na Antártida ou no Ártico por dias a fio, sem se por sob o horizonte?

A “ciência oficial” o explica por um encadeamento coerente de fatores que envolvem translação, rotação e ângulo de inclinação da Terra, fundamentados num conjunto ainda maior de fatos estabilizados no modelo heliocêntrico (distância entre o planeta e o Sol, formação de dias e noites e das estações do ano, efeitos atmosféricos, distribuição dos continentes etc.), além da própria visibilidade do fenômeno, experienciada por turistas em visita à Antártida e ao Ártico ou registrada em vídeos de fácil acesso na internet. Na resposta terraplanista vocalizada por Bruno no vídeo citado,

dizia-se que, assim como a gravidade, o Sol da meia-noite não existia. O que os vídeos mostravam seria apenas um fenômeno óptico: “na minha visão, ele filmou um reflexo [do Sol]. É simples. (...) Coisas simples, reflexão você pode testar, você pode experimentar. (...) Uma coisa simples, um reflexo no espelho, pô!”. O desafio dos divulgadores da ciência dramatizava a questão, mas tanto ele já havia sido lançado outras vezes por “globalistas” em grupos e espaços de comentários como a própria explicação terraplanista já tinha sido “estabilizada” pela produção audiovisual para o YouTube. Em 2016, Marthins juntava algumas informações básicas da física óptica sobre o comportamento dos raios solares na cor branca para dizer que, refletidos no domo e no gelo, “são propagados até se encontrarem, 180° para o leste e 180° para o oeste. Eu, Marthins, denomino este fenômeno como efeito ferradura”; em 2017, sua explicação era complementada com a alegação de que alguns dos vídeos do fenômeno eram “montagens toscas”, feitas “através de um CGI, alguma coisa de computador”<sup>131</sup>.

A deslegitimação gráfica se repete (talvez como uma forma elementar da negação), mas aquilo que terraplanistas nomeiam como “ciência de verdade” excede esse tipo de procedimento. O que aparece como resposta a “desafios” muitas vezes é antecipado pelos próprios terraplanistas, e uma grande parcela de suas produções audiovisuais no YouTube se dedica a progressivamente preencher os pontos cegos de sua cosmologia com novos argumentos — “Por que que em cinco anos nós temos que saber tudo e ter todas as respostas?”, questionava Bruno. Com esses esforços, muitas explicações (por vezes, conflitantes entre si) já foram sugeridas em grupos, páginas e, principalmente, vídeos de YouTube, onde se consolidam e circulam para audiências mais amplas. É o caso dos argumentos “físicos” sobre, por exemplo, aurora boreal, formação das estações, eclipses solar/lunar, pôr do sol no horizonte ou diminuição de tamanho e desaparecimento de objetos que se afastam no horizonte, readequados à cosmologia terraplanista com uma notória inclinação a conformá-los sob algum nível de coerência lógica, ainda que sem assumir todas as consequências dos conceitos científicos incorporados em suas explicações — assim, abrindo novos flancos a serem identificados como fragilidades por divulgadores da ciência e outros “globalistas”.

Em alguma medida, é isso o que com frequência se observa noutras doutrinas à margem da ciência (Gordin, 2021) — tomando apenas o exemplo dos ufólogos, é o que

---

<sup>131</sup> A primeira citação é de vídeo de 19/03/2016, disponível em: <https://youtu.be/R84IXDnlGWE>. A segunda, de 03/03/2017, disponível em: <https://youtu.be/Y-SWnJboh6I>. Acesso em: 15/07/2022.



Jodi Dean (1998, p. 42, 46) entende como uma “assimilação” de “linguagens oficiais” e “lógicas e critérios” da ciência<sup>132</sup>, ou o que Susan Lepselter (2016, p. 121, 122) identifica como um “estilo cientificista intensificado”, que é “mimético ao discurso científico”. No caso terraplanista, ainda que a rearticulação mimética de vocabulários da ciência oficial não seja a única maneira utilizada para preencher esses pontos em aberto (há também os argumentos religiosos e conspiratórios, todos complementares entre si), é ela o modo por meio do qual seus defensores atribuem a designação de “ciência” a seus trabalhos de criação de mundo, muitas vezes (mas nem sempre) associados à produção de “evidências empíricas” que, sob seus critérios, dão a sustentação suficiente para validar seus enunciados.

#### *Contestação da ciência: a mimetização da autoridade epistêmica da ciência*

Terraplanistas rejeitam a ciência oficial e a “posição institucional e social na qual sua autoridade está baseada” (Harambam e Aupers, 2014, p. 6) na mesma medida em que reivindicam para si a autoridade epistêmica da ciência (Gieryn, 1999). Sua “ciência de verdade” descola essa autoridade das redes tecnocientíficas e dos consensos que a sustentam, distribuindo-a a quem quer que identifique no terraplanismo um programa válido de investigação da realidade. A divisão *ciência de verdade/ciência oficial* é marcada pelo que Letícia Cesarino (2022, p. 76) entende como uma “dupla torção do tipo mimese inversa”, na qual “a forma das categorias normativas preexistentes é mantida, porém seu conteúdo e função relativa são invertidos”. Há na base dessa operação, segundo Cesarino (2022, p. 77), uma “bifurcação amigo–inimigo”, na qual, do ponto de vista do público antiestrutural em questão, “autenticidade” e “verdade” são valores reconhecidos entre os pares, antagonicamente ao “inimigo externo” — o próprio “mundo compartilhado” da ciência oficial. O tensionamento desse processo, ainda para Cesarino (2022, p. 246), vai em direção a “um englobamento do contrário: ocupar o centro a partir das margens e, assim, pressionar por virar o sistema como um todo ‘do avesso’”.

---

<sup>132</sup> E também do Direito, no caso analisado por Dean (1998, p. 42, 46); a autora argumenta que a tentativa de “lutar no mesmo terreno” dos discursos que enquadram os ufólogos no campo da irracionalidade termina por reinscrevê-los na sua posição de exclusão, tornados “incompreensíveis nos termos dessas linguagens e lógicas”.

O estilo hiperbólico frequentemente observado em títulos e artes de *thumbnails* no YouTube — fala-se de “revolução”, “demolição”, “fim do globo” e afins (“nós já derrubamos milhares de paradigmas científicos desses caras”, dizia Bruno ainda nos conflitos do Sol da meia-noite) — é mais do que isca sensacionalista à caça de visualizações (ainda que este seja um fator importante, discutido no Capítulo 5). A linguagem que prevalece em grupos e espaços de comentário é precisamente a mesma, indissociável da compreensão de que é a “ciência de verdade” que desafia e ameaça a ciência oficial, e não o contrário. Mas a tomada para si da autoridade epistêmica da ciência, mesmo nessa forma superlativa, leva a duas questões relativas a *custos*. A primeira delas é o *custo alto* imposto à “ciência de verdade”: sua radical distância dos consensos científicos e dos espaços de institucionalização da ciência implica na *incapacidade de instauração de uma controvérsia científica*. Isabelle Stengers (2002) aborda essa questão ao comentar o caso da parapsicologia, quando diz que existem

disciplinas que fracassam em fazer com que se admita que elas possam produzir algo além de ficções. É o que ocorre com a parapsicologia, que (...) dedicou todos os seus esforços a inventar um conjunto de protocolos experimentais, cada um mais rigoroso que o outro, mas se choca com os “não”-interlocutores, dispostos a admitir não importa que hipótese, desde que ela permita concluir que não há fatos. As regras da controvérsia científica desabam: os críticos recusam-se a mostrar interesse, a se reunir no laboratório. Limitam-se a lembrar alguns casos, supostamente válidos para todos, em que “todos sabem” que só há aí artefato, no sentido negativo, ou truque. (Stengers, 2002, p. 111).<sup>133</sup>

Que as interações com divulgadores de ciência no YouTube mantenham acesa uma controvérsia pública ao redor do tema da Terra plana é sinal menos de que se leva a sério a possibilidade de o modelo estar correto, e muito mais de que se considera sua defesa um problema para o ensino das ciências<sup>134</sup>. É comum terraplanistas argumentarem que suas ideias, ao contrário da ciência oficial, esbarram nos baixos recursos financeiros que os impedem de realizar mais experimentos, ou experimentos materialmente mais ousados (envolvendo balões, câmeras de maior qualidade e outros equipamentos). Bruno, no exemplo supracitado e noutros vídeos onde realiza seus testes, reclamava de uma má alocação do dinheiro em pesquisa científica, fantasiando um cenário em que “o povo”

---

<sup>133</sup> O argumento é muito adequado ao caso terraplanista, mas há muitas diferenças entre ele e a parapsicologia, que conta inclusive com aliados que participam das redes da tecnociência (Collins e Pinch, 1982).

<sup>134</sup> O físico Fernando Lang (2017, p. 12, 13) é um bom exemplo. Seu engajamento acadêmico com o assunto é “endereçoado principalmente aos professores de física”, consolidando os argumentos úteis pedagogicamente para o combate à “proliferação da anacrônica e esdrúxula” de uma “concepção em conflito com todo o conhecimento acumulado e aperfeiçoado sobre nosso planeta desde a Antiguidade”.

decidiria não destinar dinheiro para “algum lixo pseudocientífico” como o “sonho Star Trek”. Mas a dificuldade terraplanista de produzir controvérsias e estabilizar novos fatos excede o problema da obtenção de recursos para promover mais experimentos, marcado por uma completa apartação das redes tecnocientíficas, sem alistar ou ser alistado por laboratórios, grupos de interesse e novos aliados em universidades, institutos, observatórios, agências (Latour, 2011). Por isso mesmo, o comparecimento de “mercadores da dúvida” (Oreskes e Conway, 2010) na causa terraplanista é muito limitado.

A autoatribuição da autoridade epistêmica não implica em qualquer reconhecimento “oficial” de que aquilo que se faz tenha a ver com ciência; porém, num sentido oposto à incapacidade de instauração de uma controvérsia científica, a “ciência de verdade” terraplanista produz artefatos aceitos por certos públicos como “evidências” bombásticas a um *baixo custo*. É disso que fala Cesarino (2021a, p. 77) ao definir a pós-verdade como “a condição epistêmica na qual qualquer enunciado pode ser potencialmente modificado por qualquer um, a um custo muito baixo”, pondo em crise o tipo de controle sobre a construção da verdade que é característico da ciência. Um laboratório, como descreve a autora a partir de Latour e Woolgar, funciona como

um sistema organizado de mediações materiais e discursivas – desde os rígidos processos de inscrição burocrática envolvidos nos controles experimentais até o processo de revisão por pares; da artificialização e da padronização do ambiente na “fenomenotécnica” do laboratório (conjunto de equipamentos e outros não-humanos) a uma ética da impessoalidade e economia de credibilidade dos cientistas. (Cesarino, 2021a, p. 76).

Nas chamadas *alt-science*, termo com o qual a autora abarca do terraplanismo aos grupos de tratamento precoce para COVID-19, essa rede é dispensada, e o processo de produção e estabilização de verdade acontece por “métodos caseiros”, “experimentos *do it yourself*”, “compilações de testemunhos pessoais, evidências anedóticas, estudos observacionais” e outros procedimentos semelhantes (Cesarino, 2021a, 2022, p. 262). Sendo o ecossistema digital terraplanista o ambiente principal onde se pratica e divulga essa “ciência de verdade”, seu circuito de estabilização dos “fatos” tem na programação dos canais de YouTube o espaço privilegiado de construção, testagem e consolidação de material audiovisual reconhecido como provedor de argumentos e “evidências” do modelo cosmológico defendido (afinal, assumem uma posição como porta-vozes/influenciadores do público terraplanista). O circuito se estende para além do conteúdo produzido em mídias digitais, e corresponde à própria infraestrutura das

plataformas, que garantiu a circulação, manutenção e expansão da empreitada terraplanista por meio de seu impulsionamento algorítmico (posteriormente condicionando também seus limites, como veremos no Capítulo 5), alcançando novas audiências e novos aliados. Marthins, num vídeo analisado no fim do tópico seguinte, solicita a divulgação de seu experimento com uma síntese do “alto custo” (do ponto de vista da incapacidade de instalação de controvérsias científicas) e do “baixo custo” (do ponto de vista do estabelecimento de um circuito paralelo de validação) da “ciência de verdade”:

Infelizmente, ele [o experimento] nunca será publicado na revista *Science*, então, para que ele tome dimensões grandiosas, eu peço encarecidamente para você, inscrito do canal e companheiro do meu dia a dia, que deixe seu *like* e compartilhe o link em todos os lugares que você puder. Que a verdade venha à tona até que consigam nos parar. Combinado?

A “ciência de verdade” terraplanista, assim como seus demais procedimentos de construção de mundo, é configurada pela “lógica de mídia” característica do fenômeno da pós-verdade (Kalpokas, 2019) a partir do que Cesarino (2022, p. 18) chama de “dialética de crise e reorganização”: um processo de “desintermediação” (“enfraquecimento dos mediadores do sistema de peritos anterior: a mídia pré-digital, os partidos, a academia, a ciência”) dá forma também a “processos emergentes de reintermediação” (a partir de “novos mediadores de base algorítmica”). Isso corresponde a um cenário muito diferente daquele onde se situavam as doutrinas à margem da ciência de décadas passadas. A comum replicação de “marcadores profissionalizantes da ciência estabelecida” (Gordin, 2021) tomava forma na criação de institutos, conferências, revistas, organizações, laboratórios, *workshops*, bibliotecas e outras iniciativas alternativas, sobrevivendo e mantendo alguma visibilidade pelo apoio de “comunidades de consumidores” (Wallis, 1985) — de modos distintos, isso era parte do repertório organizacional de coletivos ufológicos e de parapsiquismo, inclusive no Brasil (Almeida, 2015; Chiesa, 2017).

Com isso, não quero dizer que terraplanistas contemporâneos também não tenham buscado criar iniciativas e instituições para além das plataformas digitais, interessados numa “estética acadêmica e científica” (Chiesa, 2017) que pudesse “dotar seu trabalho com a pátina da seriedade” e arregimentar aliados, ou a “aparência de ter aliados” (Kahn-Harris, 2018, p. 33, 40). Nos poucos anos de terraplanismo brasileiro, algumas iniciativas de enraizamento institucional foram almeçadas (uma biblioteca e pelo menos dois eventos

que não saíram do papel), outras foram efetivamente realizadas (uma revista, livros originais e traduções e pelo menos outros três eventos) e mais algumas foram construídas e descontinuadas (caso de pelo menos três coletivos: o Centro de Pesquisas, o Núcleo de Projetos e a Academia Terra Plana). Essa institucionalização alternativa, no entanto, esteve na maior parte das vezes à margem de atividades muito mais intensas nas plataformas digitais — a FlatCon 2019, discutida em detalhes no Capítulo 6, é talvez sua maior exceção<sup>135</sup>. A seguir, sem deixar de mencionar uma dessas iniciativas (a *Revista Terra Plana*), passamos para a análise de como terraplanistas pensam e realizam aquilo que é tratado por eles como seu grande trunfo: a realização e divulgação no YouTube de “experimentos” que comprovariam que a Terra é plana.

### **Cenas de um terraplanismo experimental**

Este tópico se divide em quatro partes. Na primeira, conto rapidamente a história de uma tentativa de institucionalização da “ciência de verdade” terraplanista, atravessada por uma lógica de mídia (Kalpokas, 2019) que termina por dissolver o esforço coletivo original. Na segunda parte, descrevo a importância da ideia de “experimento” para o terraplanismo, definido pela oposição *empírico/fantástico*. Na terceira e quarta, descrevo experimentos postos em prática por terraplanistas: num, exibe-se à câmera a “prova” da inexistência da gravidade; noutra, um trabalho mais dispendioso para a realização de um “teste de curvatura” apresenta a “prova” de que a curvatura do planeta não existe.

---

<sup>135</sup> Outro caso que foge à regra é o Ecossistema Dákila, nome mais recente da organização que Urandir Fernandes fundou nos anos 1990 para acolher suas empreitadas na ufologia, parapsicologia e outras doutrinas à margem da ciência. Com a emergência do terraplanismo nos anos 2010, Urandir (que também se autointitula cientista, mesmo sem formação acadêmica) se aproximou da temática e criou sua própria versão, a Terra Convexa. Sua atuação aconteceu predominantemente fora das plataformas digitais, mas manteve também alguma penetração ali ao realizar, gravar e divulgar em vídeo seus próprios “experimentos”. Apesar de ser ocasionalmente tomado como um aliado por youtubers citados nesta tese, Urandir costuma receber tratamento semelhante àquele que Almeida (2015, p. 239) viu ser dispensado a ele na comunidade ufológica, tomado como farsante e charlatão, com sua “Cidade Zigurats”, “conjunto de instalações em uma fazenda [no interior do Mato Grosso do Sul] onde recebia caravanas de peregrinos”, sendo reconhecida como lócus de uma seita. Sua infâmia se aprofundaria em 2010, quando uma reportagem em sua fazenda, exibida em televisão aberta no canal Record, registrou cenas de um canhestamente enigmático “Et Bilú” — que, como se descobriria pouco depois, era ninguém menos que o próprio Urandir sob disfarce. Transformado em meme e continuamente rememorado na cultura brasileira de internet, Bilú é também para muitos terraplanistas a senha de que a Terra Convexa de Urandir não deve ser levada tão a sério.

### *Ascensão e queda do Centro de Pesquisas Terra Plana Brasil*

A efêmera trajetória do Centro de Pesquisas Terra Plana Brasil (ainda mais breve que os poucos anos de terraplanismo no Brasil) exibia alguns traços significativos do que se entendia por “ciência de verdade”, mesmo sendo uma exceção em relação ao tipo de atividade que predominava entre terraplanistas brasileiros. A “estética acadêmica e científica” e os “marcadores profissionalizantes” comuns às doutrinas à margem da ciência (Chiesa, 2017; Gordin, 2021) estavam todos lá: da sobriedade do nome até a realização de eventos presenciais (os primeiros do Brasil), o grupo almejou movimentar o emergente terraplanismo brasileiro para alavancar a produção de “evidências científicas” que validassem seu modelo cosmológico. Sua criação se deu em 2017, no ano seguinte à realização da Primeira Palestra Nacional Terra Plana, quando o carioca Bruno, do *Mistérios do Mundo*, viajou ao norte do país e se juntou aos paraenses Denis e Ricardo no auditório da Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua, no Pará. A repercussão do evento foi baixa, mas dali germinou a iniciativa de institucionalização do terraplanismo. Quando uma segunda edição veio a ocorrer em 2018, no mesmo local (também com público abaixo do esperado), o Centro de Pesquisas já atuava como promotor do evento.

Naquele momento, ele já era formado pelos palestrantes anteriores e por Raí, Claudio, Rony e Siddhartha (de Roraima, Minas Gerais, Paraná e Goiás). Todos os seus membros possuíam canais no YouTube, com diferentes índices de audiência. Bruno, o mais bem-sucedido dentre eles, alcançava números dezenas de vezes maiores que a pouca expressiva média de duzentas visualizações do canal criado especialmente para divulgar as atividades do Centro de Pesquisas. Anunciava-se ali o interesse principal do grupo: realizar “experimentos” e “testes”, semelhantes aos que eram produzidos em maior quantidade em canais estrangeiros, que gerassem “evidências” de que o planeta não era um globo. Na prática, as atividades do coletivo eram inconstantes e o canal era usado muito mais para republicar conteúdo dos canais individuais de seus integrantes. A ideia de criar uma sede física para o Centro havia sido aventada, mas nunca se concretizou; um plano de percorrer o país fazendo duas palestras por ano também nunca saiu do papel. O grupo não possuía centralidade no ecossistema terraplanista, ainda que tenha alcançado um desejado efeito institucional ao ser procurado por reportagens de sites de notícias e

entretenimento que registravam o crescimento do interesse pela Terra Plana no país<sup>136</sup>. Em 2019, cessou suas atividades, deixando poucas lembranças no meio terraplanista.

O fracasso dessa tentativa de estabilizar uma estrutura institucional complementar ao apoio mútuo mais difuso que já acontecia entre canais individuais (assunto retomado no Capítulo 5) pode estar ligado a um conjunto maior de fatores, mas chamo atenção para um, pivô da dissolução do grupo, tornado público em vídeos do Centro de Pesquisas e de seus membros. Ele tem origem logo em 2017, a partir da ideia mais ambiciosa do coletivo, explicada por Cláudio<sup>137</sup>:

O projeto do Centro de Pesquisa é adquirir equipamentos, máquina Nikon P900, canhão de laser, talvez telescópio, isso ainda vai ter que ser analisado. (...) Não vai ser de nenhum canal. Veja bem, isso é um projeto que merece atenção, merece valorização. Não dos canais de vocês, vocês terraplanistas que são aí os espectadores. Eu também sou espectador. Aqui, eu tô falando no meu canal, mas eu sou espectador de quase todos os canais de Terra Plana (...) assim como vocês. A ideia é reunir equipamentos, e esses equipamentos vão ser emprestados para vários canais. Para que? (...) [Para] que possa ser feito vários testes em várias partes do Brasil, em locais diferentes: testes no sul, sudeste, norte, nordeste. (Fala de Cláudio no vídeo citado).

A criação de uma infraestrutura material para a elaboração de experimentos considerados centrais à prática da “ciência de verdade” já estava subsumida à lógica de mídia (Kalpokas, 2019) por meio da qual o próprio terraplanismo fora fundado. Se ser *espectador* era a condição comum (potencial ou atual) na relação youtuber–audiência que caracterizava a construção de mundo terraplanista, estava justificado o esforço coletivo para viabilizar meios de produção de novos vídeos. Os instrumentos desejados eram, inclusive, eminentemente visuais. Claudio vislumbrava as possibilidades abertas pela aquisição daquela que deveria ser sua ferramenta central: “com a [câmera] Nikon, a gente anda estudando aí, ela tem muitos recursos, é uma máquina fantástica, aonde pode ser colocados filtros, observações do Sol. Vamos fazer um trabalho show em cima do Sol, porque tem poucos trabalhos sobre o Sol”. O Centro, responsável por administrar o maquinário (Claudio enfatizava: “não vai ser de uso exclusivo, vai ser de um uso coletivo. Coletivo!”), deveria circulá-lo por meio dos Correios, inclusive entre terraplanistas que

<sup>136</sup> A primeira, da BBC Brasil, de 16/09/2017, foi republicada em muitos outros portais (G1, R7, Uol, Terra), disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41261724>. A segunda é da Mundo Estranho, publicada em 10/04/2018, disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/terra-plena-por-que-a-teoria-da-terra-plana-nao-faz-nenhum-sentido/>. Acesso em: 15/06/2020.

<sup>137</sup> Vídeo de 22/06/2017, publicado no canal *Acordei Flat Earth*. Disponível em: <https://youtu.be/5buN77ARxGo>. Acesso em: 10/08/2022.

não participavam do grupo, multiplicando experimentos em todas as partes do país (tratava-se de “um projeto revolucionário”, nas palavras de Claudio).

Uma importante questão logística tomava estatísticas do YouTube como critério central: “não vai chegar amanhã um canal com 10 inscritos e vai falar: 'Oh, eu quero a máquina emprestado'. Não, não vai poder ser assim. Tem que haver uma avaliação, tem que ver a credibilidade, quanto tempo o canal tá falando de Terra Plana”; o mesmo valia para se aferir a confiabilidade dos membros do Centro: “Não são de hoje, tão aí mais de 1 ano, 2 anos no YouTube. (...) vocês conhecem e sabem que não são vagabundos, são pessoas sérias”. Uma campanha de financiamento coletivo foi lançada. Suas metas eram a compra de uma Nikon P900 e de passagens para a realização de um primeiro experimento na Argentina, mas só o primeiro objetivo foi alcançado. De todo modo, não era uma conquista pequena: o “teste de curvatura” que se pretendia realizar, registrando imagens de objetos distantes no horizonte (e que supostamente deveriam ser encobertos pela curvatura na Terra esférica), poderia ser preparado noutras locações — isso foi feito no lago Paranoá, em Brasília, e na Ilha do Mosqueiro, em Belém.

O projeto de circulação da câmera não chegou a se concretizar. Ironicamente, uma disputa em torno do acesso ao aparelho resultou num conflito entre os integrantes do Centro, com trocas de acusações registradas em vídeo. O grupo se desmembrou, e Bruno, em posse da Nikon P900 no momento, permaneceu com ela. Mas o aparelho financiado pela comunidade de terraplanistas-espectadores não deixou de lhes servir: desde 2018, a programação do canal individual de Bruno vinha sendo incrementada com vídeos da realização do famoso teste (“Terra Plana testes provam incondicionalmente”, dizia esse primeiro experimento), conquistando grande audiência com um segundo, no ano seguinte (“O teste que põe fim ao globo vejam”, realizado em Portugal, contava com mais de 64 mil visualizações), e divulgando outro em 2021 como “o maior já feito por um canal brasileiro”<sup>138</sup>. Um desses vídeos rendeu a Bruno um importante aliado: o ideólogo de extrema-direita Olavo de Carvalho assistiu e compartilhou em seu Twitter um dos testes, na sequência de suas manifestações públicas, iniciadas em maio de 2019, favoráveis às

---

<sup>138</sup> O primeiro é de 29/09/2019; o segundo, de 26/02/2019. Links indisponíveis após a remoção de *Mistérios do Mundo* do YouTube. O terceiro foi publicado no canal reserva *Cb Bruno Alves* em 21/06/2021. Disponível em: <https://youtu.be/oPAoJg7i9dQ>. Acesso em: 01/07/2021.



“evidências” produzidas por canais terraplanistas no YouTube. Com a morte de Olavo, Bruno rememorou o momento<sup>139</sup>:

Eu tenho uma dívida de gratidão com o Olavo de Carvalho porque o canal principal, o *Mistérios do Mundo*, ele cresceu muito também pela ajuda ali do Olavo de Carvalho, né, quando ele compartilhou um vídeo meu, um experimento que eu fiz em Portugal. Então deixo aqui os meus pêsames (...) e a minha gratidão, o canal que alcançou aí os 133 mil inscritos.

Na trajetória do Centro de Pesquisas, uma tensão interna ao seu modo híbrido de organizar a “ciência de verdade” era resolvida com a decisão (não sabemos se voluntária ou não) de retorno ao modo que lhe era anterior. A ideia da institucionalização em torno de um “centro” formalizava e visibilizava os intercâmbios que já ocorriam entre canais individuais no YouTube, com o potencial de desvincular o terraplanismo de sua atual subsunção à lógica de mídia (Kalpokas, 2019) do YouTube e de seu ecossistema digital como um todo. Esse modelo mais tradicional de criação de “marcadores profissionalizantes da ciência estabelecida” (Gordin, 2021), no entanto, não recebeu a adesão esperada, nem em sua forma presencial, nem em sua expressão digital; a criação do coletivo não foi capaz nem mesmo de nivelar a audiência dos canais individuais de seus membros — ali, operava a lógica algoritmicamente beneficiada de expansão e consolidação de audiências do terraplanismo enquanto público antiestrutural (Cesarino, 2022). No projeto de circulação da câmera, a tensão assumiu sua forma mais aguda. A comunidade de espectadores poderia coletivizar a ferramenta de produção daquilo que se considerava a forma mais eficaz de “comprovação da Terra Plana”: vídeos exibindo um tipo particular de “experimento”. Ela, portanto, atenderia ao canal de um coletivo tanto quanto a um conjunto indefinido de outros canais, potencialmente nacional (os membros dispersos do coletivo ou além).

Mas problemas de viabilização do projeto e outros fatores terminaram por fazer da Nikon P900 um instrumento na mão de uma única pessoa, dona de um único canal. O *Sem Hipocrisia*, como veremos, realizava o primeiro teste de curvatura no Brasil no fim de 2016; com a câmera, o *Mistérios do Mundo* tornava-se outro dos canais que, por inserir em sua programação experimentos próprios, consolidava um status como fonte confiável naquele meio e parada obrigatória para “pesquisadores”-espectadores da Terra Plana. Não à toa, Olavo chegou ao seu vídeo, encaminhando alguma parcela do público antiestrutural

---

<sup>139</sup> Vídeo publicado em 25/01/2022 no canal *Cb Bruno Alves* com o título “Morre Olavo de Carvalho e canal removido”. Disponível em: <https://youtu.be/VUAvTfg-uZM>. Acesso em: 28/01/2022.

mais amplo do bolsonarismo (Cesarino, 2022) para canais como o de Bruno — e, conseqüentemente, ampliando a visibilidade do fenômeno do terraplanismo como um todo. O Centro de Pesquisas foi dissolvido e caiu no esquecimento; a modalidade de criação audiovisual que ele almejou expandir (vídeos de “experimentos” de comprovação da Terra Plana) permaneceu atada à lógica de mídia que a originou.<sup>140</sup>

### *A oposição empírico x fantasioso*

Na capa da primeira edição da *Revista Terra Plana*, lê-se, logo abaixo de seu título, a frase: “Evidências irrefutáveis da planicidade do nosso mundo”. Passando ao seu Editorial, na primeira página, há uma declaração de intenções: trata-se de “uma publicação que realmente apresente a ciência que estudamos de maneira correta, com artigos, opiniões e, principalmente, experimentos empíricos que provam que vivemos em um mundo completamente plano e estacionário”. Logo a seguir, a ênfase em “experimentos empíricos” se concretiza num texto de três páginas com o título “Teste de Curvatura”, descrevendo aquele que é considerado por terraplanistas o mais completo experimento de refutação do globo e comprovação da planicidade. No texto seguinte, encabeçado pela chamada “Sabedoria popular x pseudociência”, sugere-se ao leitor a realização de um experimento simples: um ovo fresco colocado num copo d’água afunda, mas um ovo podre flutua; o imperativo é de que o leitor faça “questionamentos” e “pesquise por si mesmo”, mas a sugestão é de que o teste refutaria a força da gravidade. Avançando mais uma página, um novo texto, agora com a intenção de “explicar cada passo” do “método científico” — num quadro comparativo, este é colocado em oposição à “metodologia baseada na fé”. No topo da página ao lado, uma chamada com mais termos em oposição: “ciência verdadeira empírica x pseudociência fantasiosa e falsa”. Na imagem que encerra a página, aquele mesmo imperativo: “questione sempre”.

A revista, lançada em 2019, materializava num formato até então estranho ao ecossistema digital terraplanista o tipo de distribuição temática já explorado nos anos anteriores no YouTube: depois das páginas dedicadas ao “método científico experimental”, encontramos textos sobre o funcionamento das marés, da atmosfera, da

---

<sup>140</sup> A história da FlatCon 2019, descrita no Capítulo 6, tem trajetória semelhante, mas com outras mediações e conseqüências.

movimentação lunar, sobre cosmologia bíblica, forças conspiratórias e a experiência do “despertar” terraplanista, dentre outros assuntos, além de entrevistas com Marthins, Bruno e Leandro sobre o sucesso de seus canais<sup>141</sup>. Nesse jogo de espelhamento e tradução do objeto distribuído (Gell, 2020) da produção audiovisual terraplanista, o posicionamento privilegiado de textos sobre as *evidências*, o *empírico* e o *experimento* — enquadrados nos imperativos de intenção refutatória do *questionamento* e da *pesquisa* — é, no mínimo, ilustrativo da importância dada por terraplanistas a essas ideias e às práticas a elas relacionadas. Os pares antagônicos que ganharam destaque também são relevantes: a reunião de *verdadeiro/falso*, *empírico/fantástico* e *ciência/pseudociência* indica os traços fundamentais da “ciência de verdade” terraplanista, com a mimese inversa (Cesarino, 2022) do antagonismo *ciência/pseudociência* sobrepondo-se ainda a *sabedoria popular/pseudociência* (sobre o primeiro termo, lembremos de Marthins dizendo que “terraplanista é gente do povo”) e *ciência/fé* (sobre o segundo termo, lembremos da noção de *devoção* a imagens do heliocentrismo).

Operando com esses mesmos pares, outros termos são acrescentados à contradefinição da *ciência verdadeira empírica* terraplanista. Na fala de Leandro que inicia este capítulo, sua inversão da acusação de negacionismo interroga se o modelo heliocêntrico “foi cientificamente provado” ou se, ao contrário, “isso tudo é um *modelo teórico* de formato da Terra e, automaticamente, do sistema solar”. Bruno, no vídeo sobre o Sol da meia-noite, dizia algo semelhante: “Nunca provaram a gravidade deles, nunca provaram a relatividade. (...) nada disso bate com a realidade da observação. Peraí, cara. Não explicam o universo deles a não ser se for *invisível e indetectável*”. O mesmo se passa nas corriqueiras noções de que a ciência oficial corresponde ao *filosófico* e à *doutrinação*, ou de que a “deusa gravidade” (palavras do texto sobre ovos no copo d’água) se apresentaria apenas como *mágica*, na forma de *cálculos matemáticos* (num trocadilho comum, *cálculos matemáticos*). Atribui-se uma intangibilidade sem referente à ciência oficial semelhante à dessubstancialização das imagens heliocêntricas promovidas nas

---

<sup>141</sup> Comparativamente, a publicação assumia um formato mais próximo da divulgação científica do que do periódico acadêmico, com curtos textos em linguagem coloquial, sem adoção de algum sistema de referências, repleta de ilustrações e empregando diagramação típica de revistas orientadas ao entretenimento. À venda por meio de um site próprio, a divulgação da revista se dava em grande parte nos canais terraplanistas de YouTube, especialmente pelo youtuber Siddartha, responsável por receber e enviar os pedidos; exemplares de seu primeiro número foram distribuídos aos inscritos na FlatCon 2019.

práticas de “refutação e desmascaramento”, mas isso não pode ser entendido sem nos atentarmos aos processos miméticos em sua base.

Para além das mimeses na retórica científicista e no modo de reivindicar a autoridade epistêmica da ciência, terraplanistas assumem noções de método e prática científica estritamente vinculadas à testagem empírica de hipóteses. Lemos na *Revista Terra Plana*: o método científico se inicia ao se “observar o fato e, logo após, questionar o porquê ele acontece”; com isso, “pensaremos numa hipótese para esse fato” e, “em seguida, faremos vários experimentos”, quando se descobre se “existe alguma evidência para dar suporte à ideia”; se a hipótese for verdadeira, é o momento de “divulgar os resultados”; se este for um “experimento verdadeiro”, deverá “ser possível de ser replicado por qualquer pessoa nas mesmas condições”, pois essa “é a característica fundamental da ciência verdadeira, sempre poder ser replicado”. Estamos falando aqui de um texto que se propõe a sistematizar essas etapas, e, por mais que elaborações desse tipo sejam repetidamente declaradas por youtubers terraplanistas, suas práticas, como veremos adiante, dificilmente as seguem com rigor. Mas é importante notar que a assimilação desse discurso sobre método não é uma particularidade terraplanista: a redução da prática científica ao empirismo clássico e ao indutivismo é frequentemente encontrada em manuais, materiais didáticos ou mesmo no ensino escolar de ciências, como um dos modos mais corriqueiros — a despeito de suas limitações — de se entender o que a ciência faz (Praia, Cachapuz e Gil-Pérez, 2002).

Complementarmente, o poder de “refutação” atribuído por terraplanistas aos seus experimentos termina por se servir de uma compreensão falsificacionista de ciência, popularizada no decorrer do século XX com a resolução dada por Karl Popper ao problema da demarcação: a ciência seria caracterizada por propor enunciados que podem ser testados, falsificados e modificados — o contrário das pseudociências, elaboradas para serem “irrefutáveis”. Os pressupostos e as limitações contidas nessa concepção já foram fartamente explorados<sup>142</sup>, e a mais importante diz respeito diretamente a doutrinas

---

<sup>142</sup> Como lembra Stengers (2002, p. 40), Popper estava interessado numa definição que permitisse excluir o marxismo e a psicanálise da categoria de ciência; Pigliucci e Boudry (2013) argumentam que a própria história da ciência não se sucedeu com momentos de demolição substitutiva de teorias a partir da falsificação experimental de enunciados estabilizados como teorias. Stengers (2002, p. 44), reconstruindo a crítica a Popper do filósofo da ciência Imre Lakatos, aponta que a concepção falsificacionista “é diretamente inspirada no positivismo do tipo logicista, que reduz a ciência a uma dupla fonte de conhecimento, que são os fatos, observáveis, particulares, e o raciocínio, que constrói uma proposição teórica geral a partir dos fatos”.

à margem baseadas no antagonismo à ciência *mainstream* (Gordin, 2021). Como argumenta Larry Landau (1983, p. 121), uma de suas consequências seria “aceitar como ‘científica’ toda afirmação excêntrica que faça afirmações comprovadamente falsas” — e o terraplanismo é o primeiro exemplo citado pelo autor —, desde que seus defensores estivessem “preparados para indicar alguma observação, ainda que improvável, que (se acontecesse) faria com que mudassem de ideia”.

Por um lado, a retórica terraplanista da solicitação de “imagens reais do globo” (apesar da convicção de que não existam) se repete no pedido de “provas concretas” de que a curvatura existe. Por outro, antes mesmo de qualquer *desafio* dirigido a defensores da Terra Plana, a própria empreitada terraplanista está fundada na apresentação de “evidências empíricas” julgadas como capazes de demolir por inteiro o heliocentrismo — para eles, rejeitadas pela ciência oficial por motivações conspiratórias, mas também pela suposta falta de compromisso com o próprio método científico: como argumenta a *Revista Terra Plana*, a ciência oficial praticaria uma “metodologia baseada na fé” justamente por ignorar “todas as evidências contraditórias”. O poder de reformulação dos enunciados da ciência oficial atribuído por terraplanistas a seus experimentos, uma vez praticando a mimese inversa (Cesarino, 2022) de certa concepção de método e experimento científico, explora exatamente a “cena típica” e “primordial” do falsificacionismo, da “confrontação entre uma proposição teórica e uma observação”, em que se acredita que, “ao passo que nenhum acúmulo de fatos, seja qual for, basta para confirmar uma proposição universal, um único fato basta para refutar (falsear) tal proposição” (Stengers, 2002, p. 39, 44-45)<sup>143</sup>. Se na perspectiva popperiana é a própria possibilidade falsificatória o que tornaria a ciência digna de seu nome, no caso terraplanista a “falsificação” tem o intuito contrário: “refutar” todo o paradigma heliocêntrico para acusar a ciência oficial de “pseudociência” — ou seja, “falsificada” não mais no sentido popperiano, mas do “fantasioso”, similar ao *fake* atribuído às imagens do heliocentrismo.

Na modalidade de vídeos de YouTube dedicados a práticas experimentais, terraplanistas literalizam mimeticamente o aspecto cênico da cena falsificacionista. O que

---

<sup>143</sup> Nesse momento, ainda remetendo-se às críticas de Lakatos a Popper, a autora prossegue: “A ‘experiência crucial’, na qual o cientista expõe deliberadamente sua teoria à prova da experiência, é provavelmente a cena mais retórica e artificial da história: o mais frequente é que seja apresentada como crucial *após* a experiência, *quando bem-sucedida*; e ela constitui, na verdade, uma execução pública e altamente ritualizada de uma hipótese rival.” (Stengers, 2002, p. 44).

veremos nos vídeos analisados a seguir é a replicação, como cenas audiovisuais, da cena típica do confronto teoria/experimento, que se pretende como “execução pública e altamente ritualizada de uma hipótese rival” (Stengers, 2002, p. 45). As condições exatas em que essa mimese é praticada são importantes: como já apontado, “experimento” quer dizer uma série de métodos caseiros do tipo “faça você mesmo” (Cesarino, 2021a, 2022), comuns a outras doutrinas à margem, em que se montam “dispositivos de medição que usam baixa tecnologia e, de certa forma, lembram os primórdios da ciência, quando ainda havia espaço para o amador individual” (Nowotny, 1979, p. 17). O que se enquadra nesses vídeos é uma rede relativamente curta de elementos: o “terraplanista como cientista” manipula alguns poucos objetos e interage com alguns elementos do ambiente; quando muito, é acompanhado por uma segunda pessoa que registra o vídeo ou por outros terraplanistas-espectadores presenciais. Mas tão importantes quanto esses elementos materiais são objetos discursivos, figurados ou não em tela, que não necessariamente encontram lugar em suas exigências explícitas de “empirismo” e “observação” — ainda que sejam imprescindíveis para sua eficácia. Outras consequências mais gerais dos experimentos aqui descritos são discutidas no tópico que encerra este capítulo.

#### *O experimento terraplanista como modalidade audiovisual I: refutando a gravidade*

Num vídeo<sup>144</sup> de pouco menos de 10 minutos, o canal *Mistérios do Mundo* prometia apresentar uma surpreendentemente poderosa evidência visual contraditória aos conhecimentos estabilizados pela ciência oficial. Quando falava dos impactos do seu experimento, a descrição era grandiosa: este “desesperou” e “preocupou doutores e físicos”; para se referir à sua realização, evocava a simplicidade: um “experimento simples”, “um experimento tão simples feito por uma pessoa tão humilde como eu”, “a verdade de forma simples, prática e observável”. Antes mesmo de sua execução, a simplicidade já podia ser constatada visualmente. O vídeo transcorria num plano-sequência dentro da modesta residência de Bruno, filmado por uma segunda pessoa (possivelmente sua esposa, que já o acompanhou noutros experimentos). O cenário era o mais corriqueiro possível: enquadrado em meio a uma composição doméstica do dia a dia, podíamos ver duas cadeiras cujos encostos estavam ocupados com toalhas e peças de

---

<sup>144</sup> Vídeo de 20/01/2018 intitulado “Experimento que preocupou doutores e físicos” (link indisponível). Acesso em: 02/09/2021.

roupa, uma porta sanfonada aberta revelando outro cômodo da casa, um quadro de parede, um fogão, uma geladeira. O objeto que tinha em suas mãos — e que continha toda a materialidade necessária à realização do experimento — era um pequeno caderno, tão banalmente cotidiano quanto tudo que o cercava.

Basicamente, as etapas de seu “teste” consistiam em destacar duas folhas do caderno, amassar apenas uma delas no formato de uma pequena bola, segurar ambas a uma mesma altura, uma em cada mão, e, por fim, soltá-las. O foco estava no momento da queda: o terraplanista queria demonstrar que a folha e a bola de papel não alcançavam o solo juntas devido às suas diferenças de formato. Cada um dos movimentos do breve experimento era explicado e exibido à câmera, como se buscasse imprimir nele o máximo de transparência possível, sem trapaças. Bruno dizia com um cuidado protocolar: “eu tenho dois corpos [as folhas de papel] de mesma massa, da qual eu tirei aqui na frente de vocês do mesmo caderno, correto? (...) mesma massa, mesma quantidade de matéria, não exatamente, mas bem parecido, né?”. Logo de início, Bruno discorria sobre a lei da física que pretendia refutar:

Segundo a lei de Newton, (...) um corpo maior de massa maior atrai os menores. Então você tem lá aquela constante gravitacional, que é  $9,81 \text{ m/s}^2$ , mas na realidade a gente tem a constante  $e$ , porque os corpos, segundo a lei de Newton, atraem os corpos, é... o peso, a força, com que a Terra os atrai tem a ver com suas massas, a constante gravitacional e tudo mais.

Ao soltar os objetos, a câmera acompanhava sua queda e a cena se desdobrava como Bruno havia previsto: a bola de papel tocava o solo antes da folha. Ele explicava:

Então, isso significa, gente, que esses corpos eles caem simplesmente pelo fato deles serem mais densos que o ar. E, ao eu amassar essa folha, o ar acabou encontrando menos resistência e (...) esse papel [não amassado] acabou sofrendo mais resistência do ar.

Para ele e os demais terraplanistas que escreviam comentários parabenizando pelo feito, essa “força ilusória, a deusa gravidade”, fora refutada; em seu lugar, teriam agido as diferenças de densidade e resistência do ar.

Apesar da simplicidade dos elementos observáveis, a elaboração discursiva de Bruno era fundamental para dar sentido às imagens. A “expectativa” (e Bruno não dava qualquer sinal de que suas convicções iniciais pudessem ser abaladas) apresentada como premissa era a de que a gravidade, sendo uma força real, deveria encontrar expressão material e visual levando a folha e a bola de papel ao chão ao mesmo tempo — a todo momento, enfatizava-se que todas as condições necessárias para o comparecimento da

gravidade haviam sido satisfeitas, por mais simples que fossem elas. Assim, a mimetização de um procedimento experimental dependia também da mimetização de um enunciado científico acerca da ação da gravidade; uma vez que Bruno entendia ter demonstrado algo oposto do que afirma a ciência oficial (em suas consequências mais amplas, “refutando” a existência de forças gravitacionais governando os corpos estelares descritos pela astronomia moderna), era também por meio de actantes do discurso científico que o terraplanista explicava o “real motivo” da queda dos objetos. Mas estes não eram os protagonistas do vídeo em questão, e seu foco recaía na evocação hipotética de uma gravidade hiperpoderosa que deveria se superpor à qualidade dos objetos ou a forças concorrentes.

Como expressão de uma mimesis fundamentada na extração de autoridade epistêmica a partir da execução de um experimento entendido como científico, o procedimento possui ressonância com outras cenas, junto às quais instaura um tipo de “instabilidade mimética” na relação cópia/original (Lempert, 2014). Ele remete a um célebre experimento, estruturalmente semelhante ao de Bruno, e comumente atribuído a Galileu Galilei, que no século XVI teria soltado duas esferas (no seu caso, de massas diferentes) do alto da Torre de Pisa para demonstrar que os objetos, devido à gravidade do planeta, cairiam com a mesma velocidade. A factualidade do episódio é controversa entre historiadores da ciência. Segundo Alexandre Koyré (1991), ele não passaria de um mito, não só por não haver qualquer registro que o confirme, mas também porque o próprio Galileu, ao propor em seus escritos experimento mental equivalente, já havia indicado que se tratava de um caso abstrato, aplicável apenas na condição de vácuo. A despeito disso, a costumeira reprodução dessa história, acrescida da afirmação de que as esferas lançadas da Torre de Pisa teriam tocado o solo ao mesmo tempo (o que seria impossível para as próprias demonstrações teóricas de Galileu, que já considerava os efeitos da resistência do ar), faz parte também do repertório de terraplanistas. Em seu livro, Marthins expõe a versão da história que circula entre eles:

No experimento da Torre de Pisa, Galileu Galilei, ao soltar duas esferas de massa diferentes e mesmas dimensões, alegou que as duas chegaram ao mesmo tempo no solo e sabemos que isso não passou de uma mentira, pois quando reproduzimos o experimento, sempre constatamos que o objeto de maior massa atinge o solo primeiro. Após notarem a terrível falácia experimental, foi instituído que o experimento teria que ser feito no vácuo. Como podemos provar e reproduzir algo que acontece na atmosfera retirando do experimento a própria atmosfera?



Alçado entre terraplanistas à posição de experimento infamemente icônico e representativo da ciência oficial, sua mimetização torna-se ainda a instanciação da “mentira” atribuída ao poder institucional da ciência: entre o suposto relato da ciência convencional sobre seu experimento (a alegação terraplanista de que Galileu teria mentido sobre a chegada dos corpos ao solo ao mesmo tempo) e sua reprodução por terraplanistas (“sempre constatamos que o objeto de maior massa atinge o solo primeiro”), ficaria evidente um “diferencial mimético” (Lempert, 2014). O que tornaria a cópia “imperfeita” em relação ao seu “original”, no entanto, seria para terraplanistas justamente o elemento de onde sua mimesis extrai seu poder de refutação, não importando aos seus argumentos que esse “original” ao qual se referem não exista, nem como fato, nem como premissa. O vácuo, na história contada por Marthins, aparece como mero obstáculo interposto àqueles que poderiam verificar por conta própria a impossibilidade de se ver objetos de massas diferentes tocarem o solo ao mesmo tempo. No vídeo de Bruno, verificação semelhante é praticada, e, ainda que a observação do gesto “refutatório” na diferença de velocidades de queda dependa da elaboração discursiva demarcando o que se espera ou não que seja visto, é ao dado visual registrado pela câmera que se atribui um poder evidencial questionador e inquestionável.

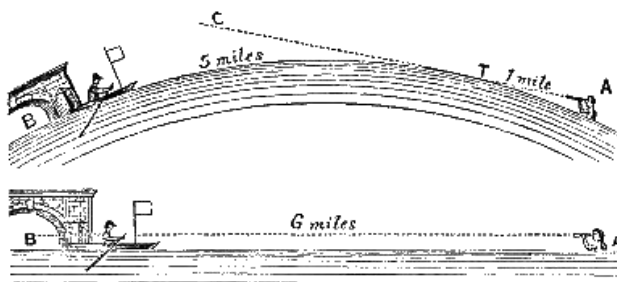
#### *O experimento terraplanista como modalidade audiovisual II: o teste de curvatura*

Nenhuma variação de experimento em prol da Terra Plana é tão valorizada quanto aquela reconhecida pelo nome de *teste de curvatura*. Considerado por terraplanistas como a forma mais robusta e sistemática de “refutação” do globo, o experimento recorre a um encadeamento de mediadores que dota o procedimento de um aspecto mais protocolar que qualquer outro experimento terraplanista, seguindo etapas demarcadas que se complementam entre si: há ida a campo, medições de alturas e distâncias, cálculos matemáticos, uso de aparelhos tecnológicos e produção de imagens. Mas testes de curvatura não são apenas uma mimetização da ciência oficial, e sim a reprodução de um procedimento fundador da “astronomia zetética” de Samuel Rowbotham, antepassado moderno do terraplanismo.

Como descreve Garwood (2010), uma parte significativa do conteúdo das publicações de Rowbotham consistia em descrições dos experimentos que dizia ter repetidamente realizado em vários locais da Inglaterra. A lógica de observação por trás

de seu teste de curvatura era a seguinte: um observador imóvel diante de um rio vendo um objeto se deslocando na água em direção ao horizonte ficará em algum momento incapacitado de observá-lo, dadas as limitações do olho humano para grandes distâncias; porém, se esse observador estiver munido de um telescópio, tais limitações serão compensadas e ele verá o que acontece ao objeto na medida em que este se afasta. Duas alternativas mutuamente excludentes seriam derivadas daí: se a Terra for esférica, o observador verá com seu telescópio o gradual encobrimento do objeto pela curvatura da Terra, até que este desapareça por completo; se a Terra for plana, o objeto continuará sendo observado por inteiro, já que não haveria curvatura para encobri-lo (Figura 17). Rowbotham dizia que via objetos por inteiro em seus testes, tendo diante de si, portanto, uma evidência que, ao mesmo tempo, refutaria o globo e comprovaria a planicidade.

Figura 17 - Teste de curvatura na astronomia zetética de Rowbotham.



Fonte: Ilustrações contidas no livro *Zetetic astronomy: Earth not a globe!*, de Samuel Rowbotham.

Assim como os terraplanistas contemporâneos, Rowbotham se dizia preocupado em “expandir sua reputação como um investigador confiável, disposto a fazer com que seus leitores replicassem seus testes se quisessem reunir provas diretas para si mesmos” (Garwood, 2010, p. 69), posição que sustentou mesmo após uma malfadada tentativa de reprodução do experimento, em 1870, realizada por alguns de seus principais discípulos num desafio público direcionado à comunidade científica britânica da época<sup>145</sup>. Naquele que se tornou seu mais conhecido livro, *Zetetic Astronomy, Earth is not a Globe!: an Experimental Inquiry into the True Figure of the Earth*, lançado em 1865, procedimentos, cálculos e diagramas compõem o receituário de sua replicação. Entre os terraplanistas do Brasil contemporâneo, Marthins se tornaria referência na realização desse tipo de teste.

<sup>145</sup> De acordo com a minuciosa descrição de Garwood (2010), o desafio foi aceito por Alfred Russel Wallace, notável cientista que, à época, elaborava simultaneamente a Charles Darwin a teoria da evolução das espécies (em parte, resultado de expedição que realizara anos antes noutra região fluvial, o Rio Negro, na Amazônia). Realizado o experimento, atestou-se que, sim, havia curvatura nele, não obstante os protestos dos terraplanistas desafiantes, que permaneciam irredutíveis quanto à sua alegação de que a Terra era plana — o que levou a uma escalada de conflitos que chegou a resultar na prisão de um dos discípulos de Rowbotham.

Já em 2016, num dos dois capítulos de seu livro concentrados na figura de Rowbotham, “A reprodução dos experimentos de Samuel Rowbotham nos dias de hoje”, descrevia dez testes de curvatura recentes, realizados em diversas partes do mundo (a maioria nos Estados Unidos), pintando um cenário internacional no qual estariam proliferando provas da Terra Plana com a reativação do modelo de experimento do antecessor inglês:

Conclui-se que milhares de experimentos são feitos por ano em todo o mundo, por pessoas que não dependem dos governos para provar algo e nunca, em nenhum experimento independente, foi detectado desnível de curvatura. Após tantos experimentos, pode-se provar que a água de canais e oceanos está sempre no nível e não faz curva, portanto a Terra não pode possuir um formato esférico ou geoide.

Em julho do mesmo ano, um vídeo com o bombástico título “Prova definitiva 10.000% – Detonamos o globo imaginário”, com cenas de um desses testes estrangeiros, já havia rendido ao *Sem Hipocrisia* de Marthins uma audiência de quase meio milhão de visualizações<sup>146</sup>. O passo seguinte foi dado no fim de 2016, com a realização do primeiro teste de curvatura brasileiro, um feito que Marthins expõe com orgulho e que foi muito celebrado e compartilhado em grupos terraplanistas desde sua divulgação (mais de uma vez reconhecido, inclusive por outros youtubers, como uma das mais fortes peças de comprovação da planicidade produzidas no país). Curiosamente, o experimento, dividido numa sequência de seis vídeos<sup>147</sup>, recebeu um nome que noutras ocasiões poderia indicar a qualidade daquilo que é “fantasioso” ou “imaginário”: *Terra Plana – Matemática* ocupou o canal nos últimos meses daquele ano, com os cinco primeiros vídeos sendo exclusivamente voltados à demonstração de operações matemáticas necessárias à realização do teste. Se no experimento de Bruno anteriormente analisado a visualidade da “refutação” experimental dependia de que se adotasse como premissa o enunciado de que a gravidade faria os objetos tocarem o chão ao mesmo tempo, no teste de curvatura os enunciados aparecem em primeiro plano a partir da manipulação das fórmulas matemáticas, sem as quais os elementos observáveis do experimento seriam ineficazes.

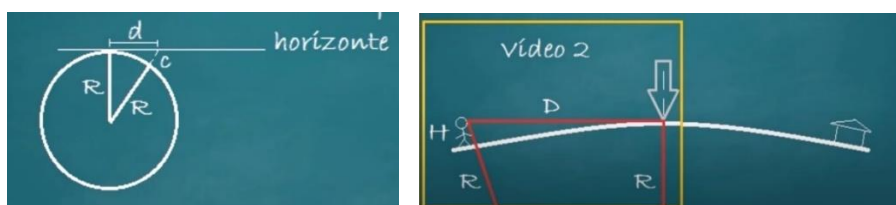
Nesses cinco vídeos iniciais, com uma média de 12 minutos de duração cada um, predomina a animação digital de uma lousa, acompanhada da voz de Marthins explicando cada etapa das operações, numa linguagem audiovisual próxima à de vídeos de ensino de

<sup>146</sup> Disponível em: <https://youtu.be/qLuSEJPTIxo>. Acesso em: 04/09/2021.

<sup>147</sup> Vídeos publicados em 13, 20 e 26 de novembro e 11, 25 e 28 de dezembro de 2016. Disponíveis em: <https://youtu.be/LaLRNCM1ysU>; <https://youtu.be/k4YuZJKzt48>; <https://youtu.be/iBf9ybntBiE>; <https://youtu.be/6VltHfhA7xA>; <https://youtu.be/H4gs2IQmWWk>; [https://youtu.be/A28\\_tUJ5UrM](https://youtu.be/A28_tUJ5UrM). Acesso em: 04/09/2021.

matemática não tão incomuns noutros nichos do YouTube ou em programas educativos de televisão. O experimento de imaginação do teste de curvatura é proposto à maneira de Rowbotham (ainda que o britânico não seja citado): um “observador mira um “alvo” distante, devendo haver na “suposta Terra esférica” alguma curvatura entre “observador” e “alvo”, que encobriria o segundo. Também ao modo do antepassado, diagramas inserem a situação imaginada nos parâmetros da geometria básica, a partir da qual Marthins buscará encontrar, por conta própria, fórmulas para calcular a curvatura, a distância do observador até o horizonte e a altura do observador.

Figura 18 - Usos terraplanistas da matemática.



Fonte: *Frames de vídeo terraplanista (canal Sem Hipocrisia).*

O brasileiro assume a linguagem matemática e vai além das rápidas demonstrações de Rowbotham: para Marthins, interessa apresentar o passo a passo de sua mobilização do teorema de Pitágoras e da fórmula de Báskara, as duas elementares equações matemáticas utilizadas. O próprio terraplanista ressalta a simplicidade das noções empregadas, querendo dizer que esse letramento escolar na disciplina seria o suficiente para destronar a complexidade de conhecimentos avançados da ciência. Para invocar numericamente “o quanto deve haver de declive de curvatura a uma distância de 1km”, o terraplanista atravessa uma sequência de cálculos repleta de casas decimais, até chegar no valor de 7,848 centímetros. A partir dele, oferta aos espectadores “um cálculo exclusivo”, que permitiria “calcular a suposta curvatura em apenas 10 segundos ou menos”. Para Marthins, estes não são apenas números, mas segredos escondidos pela ciência oficial:

Eu revirei livros, trabalhos acadêmicos, destrinchei o Google, e não achei um artigo sobre o 7,848 como constante (...). Eu creio que não fui eu que descobri. Eles sabem a verdade, mas eles escondem a verdade. Mas, de birra, eu podia chamar o 7,848 de constante de Marthins. Ou falar que a equação  $c = 7,848 \times D^2$  é a equação de Marthins. Afinal, o que Pitágoras deixou com o seu teorema e Báskara deixou com a sua fórmula, um terraplanista reduziu os cálculos em menos de 5 minutos.

Entre um vídeo e outro da série, Marthins comunica que a equação e a constante batizadas com seu nome viraram objeto de chacota na mão de “escarnecedores”. Agora sua versão sobre ela é ligeiramente diferente: “essa constante ela está em todos os livros

de topografia (...). Ou seja, se você é engenheiro, se você é topógrafo ou, quem sabe, arquiteto, [conhece a constante]”. Aproveitando a circunstância de exposições matemáticas, chega a conjecturar quantos brasileiros estariam cientes do segredo: 0,2%, segundo ele, mais um dado que orna seu discurso com um tom de coletivização de um saber retido por uma minoria. Prosseguindo cumulativamente em seus cálculos, Marthins constrói seu resultado final: uma “equação geral para cálculos da suposta curvatura” e uma equação simplificada, que cortam os trabalhosos caminhos por ele demonstrados com o alcance direto a um mediador que “facilitará todos os experimentos que qualquer pessoa possa fazer para concluir, sim, que a Terra é plana”.

Sua equação funcionava como uma *inscrição*, que, de duas maneiras, estabilizava numa forma imutável, apresentável, legível e combinável (Latour, 2015, p. 7) procedimentos necessários à prática experimental terraplanista. Em primeiro lugar, do ponto de vista da economia interna do teste de curvatura, a sequência de cálculos, independentemente de se basear numa matemática escolar, era longa e acionava a necessidade de transferir a situação de campo para a abstração de suas partes geométricas e aritméticas. Com a “equação geral de Marthins”, esses processos eram resumidos no que não é senão o efeito mais fundamental da produção de fórmulas, tabelas, diagramas e outras inscrições para a ciência estabelecida: a simplificação de processos, o seu transporte para outros tempos e espaços, sua integração a outros procedimentos (Latour, 2015) — o que, para o terraplanismo, implicava não apenas na passagem entre as etapas de cálculo e campo do teste de curvatura, mas no projeto de tornar suas práticas experimentais acessíveis. Porém, se os procedimentos de Marthins sintetizam a mimesis dos escritos de Rowbotham e de modos de proceder da ciência estabelecida, o segundo aspecto dessa forma de inscrição diz respeito ao que a separa dos modos como a própria ciência estabelecida produz esse tipo de cálculo.

Quando Marthins diz que sua equação facilita a realização de experimentos de maneira que qualquer um possa “concluir, sim, que a Terra é plana”, suas palavras são muito exatas. Uma vez mobilizada para a etapa seguinte de observação e preenchida com valores numéricos do local onde o experimento será realizado, a fórmula devolve resultados que, de fato, confirmam que o “alvo” deveria ter parcelas muito maiores encobertas, atestando a inexistência da curvatura na verificação visual. A inscrição cuja mediação dará sentido à ida a campo, no entanto, mimetiza o gesto de demonstração matemática na mesma medida em que se blinda de algumas normas que, na ciência

oficial, tornariam a fórmula matemática e fisicamente ilógica: unidades de medidas diferentes convivem juntas numa mesma equação (a “constante de Marthins”, um resultado em centímetros, é multiplicado na sua equação central por uma distância medida em quilômetros, distorção que ocorre noutras ocasiões de suas demonstrações, com passagens súbitas entre unidades medidas não convertidas)<sup>148</sup>. Aquilo que garante a eficácia da inscrição, portanto, é seu diferencial mimético (Lempert, 2014) em relação à ciência oficial, e é também isso o que, de saída, a invalida fora do público terraplanista.

Estabilizadas as operações que regularão o visível, o vídeo que conclui a série assume outro formato. Mais longo, com quase meia hora, ele mostra o resultado da realização em campo dos testes de curvatura, com a narração de Marthins esclarecendo como alia observações e cálculos na sua “comprovação” da planicidade da Terra e com uma montagem sequencial de cartelas digitais com textos e equações, fotografias originais ou coletadas na internet, vídeos, mapas e réguas digitais. Ele é também o ponto alto da série de vídeos, não à toa recebendo em seu título a habitual provocação refutadora hiperbólica: “Acabou para o globo”. No início do vídeo, com uma música de fundo serena, o terraplanista se diz “mais feliz do que nunca” (estado de espírito confirmado por uma fotografia sua em campo, sorrindo e acenando com sinal de positivo, que ocupa o primeiro minuto de tela), prenunciando o sucesso do experimento, “tudo como manda o verdadeiro método científico”.

Marthins passa à apresentação da rede mais curta dos atores enquadrados em tela: além de sua agência onipresente, data, hora e local (“No dia 21 de dezembro de 2016, me desloquei até o litoral do estado de São Paulo, mais precisamente na cidade de Itanhaém, no bairro Jardim Soarão, e iniciei os testes às 10 horas da manhã”), a equipe que o acompanhava (dois amigos e duas amigas, uma delas munida de uma câmera para registrar os bastidores do experimento) e os instrumentos utilizados (“estávamos munidos de um laser, uma fita métrica, uma câmera Nikon P900, um tripé e muita força de vontade”). Marthins escolheu observar três “alvos”, cada um a partir de três pontos de observação ligeiramente diferentes (portanto, nove testes de curvatura num mesmo vídeo). Informações diversas sobre os pontos de observação são apresentadas, inclusive

---

<sup>148</sup> Além disso, a “ciência oficial” elenca outros fatores necessários a esse tipo de experimento, o que modifica drasticamente os resultados (por exemplo, considerando o fenômeno óptico da refração e usando a trigonometria para cálculos de grandes distâncias). O canal do engenheiro Filipe Brandão (<https://www.youtube.com/@filipecb>) foi o principal dentre os divulgadores de ciência vinculados ao projeto *Sphaerica Est* a apresentar contra-argumentos ao teste de Marthins.

com coordenadas geográficas, “a título de protocolo”, diz Marthins, “para quem quiser constatar a veracidade dos fatos que apresento neste vídeo”. Na sua missão de uma “ciência de verdade” para todos, ele defende que qualquer pessoa “pode ir ao local conferir e ver o que eu vi e realizar seus próprios testes”, já que “tudo foi feito às claras, com a máxima transparência e honestidade”, como diz ao encerrar o vídeo.

As gravações informais de bastidores (nomeadas pelo terraplanista como “imagens da câmera auxiliar comprobatória”) mostram Marthins fazendo medições que, no vídeo final, participarão da mobilização de suas equações: agachado na areia da praia, usa uma fita métrica para verificar a distância entre sua câmera Nikon P900, apoiada num tripé, e o solo; mais próximo ao mar, estende a fita para calcular a altura da luz projetada por um pequeno aparelho de laser posicionado no ponto anterior. Para obter valores de distância e altura de seus “alvos” (as ilhas do Farol, da Queimada Pequena e da Queimada Grande, cada uma posicionada num ponto mais distante em relação à costa), Marthins recorre ao site Google Earth<sup>149</sup>. A partir disso, como narra o terraplanista, obtém-se “os dados necessários para realizar os cálculos da suposta curvatura”, momento em que a “equação geral de Marthins” entra em ação. A fórmula é aplicada para cada ilha, obtendo-se valores que, para o terraplanista, indicariam quantos metros de cada uma delas deveriam ser encobertos pela curvatura da Terra esférica: 2 metros da primeira e impressionantes 33 e 83 metros de cada uma das outras. Nesse momento, Marthins já começou a pôr para funcionar o mecanismo previsto nos seus vídeos anteriores: a inscrição por ele estabilizada permite “concluir, sim, que a Terra é plana” — a despeito dos cálculos de curvatura da ciência oficial, que revelariam valores muito menores do que os do terraplanista.

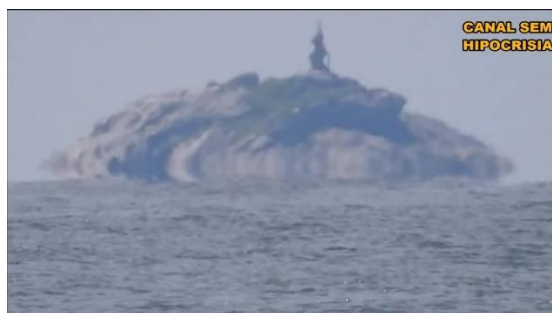
O momento seguinte é o ápice do experimento, quando a visualidade, necessariamente mediada por toda a construção discursiva e material anterior, é consagrada como a forma mais acabada do dado “empírico” e “observável”. O que nos diagramas correspondia ao “ponto do observador” é agora ocupado por Marthins munido de sua câmera Nikon P900; os “alvos”, enquanto isso, se materializam como imagens de cada uma das ilhas. No vídeo que divulga o experimento, esse é o momento em que a

---

<sup>149</sup> Há espaço também para argumentos de ordem conspiratória: o terraplanista diz que faltam no Google Earth dados sobre a altura do pico de uma das ilhas “devido à sua proximidade da costa, [porque] através deste dado fundamental os moradores e visitantes de Itanhaém começariam a questionar o formato da Terra”. Para contornar isso, Marthins calcula valores aproximados a partir de algumas fotografias da ilha, também disponíveis nos mecanismos de busca do Google.

suave música de fundo retorna e Marthins cessa temporariamente sua narração. Acompanhamos o ponto de vista da Nikon P900 diante de uma linha do horizonte que, a princípio, apenas divide o mar e o céu, sem nenhum outro objeto à vista. Com a aplicação do *zoom*, o primeiro “alvo” começa a surgir, até ocupar a maior parte da tela (Figura 19). O procedimento se repete para cada um dos alvos. Dadas as diferenças de distância em relação à costa, as ilhas seguintes vão sendo exibidas com progressiva perda de qualidade de imagem (Figura 20) — a última delas chega a necessitar de uma suave linha desenhando seu contorno (Figura 21). Para cada imagem, o terraplanista acrescenta uma faixa vermelha, orientando o olhar a perceber a parcela de cada ilha que, de acordo com seus cálculos, deveria ser encoberta pela curvatura na Terra esférica (um exemplo na Figura 21). Para cada um dos alvos, independentemente da maior ou menor definição das imagens, Marthins reconhece ilhas que estariam aparecendo “em sua totalidade”, “dos pés ao pico”, comparando-as ainda com outras fotografias obtidas na internet.

Figura 19 - Ilha do Farol pela câmera de Marthins: mais próximo à costa, o “alvo” aparece com razoável definição de imagem.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Sem Hipocrisia*).

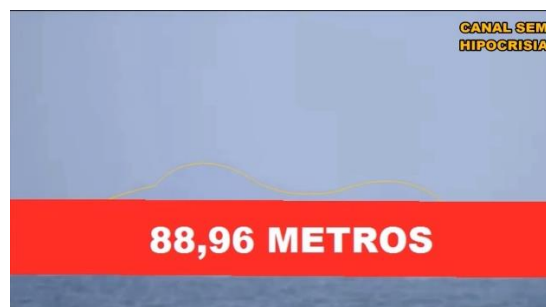
Figura 20 - Ilha da Queimada Pequena pela câmera de Marthins: com a perda de definição da imagem, o “alvo” se torna uma mancha visual.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Sem Hipocrisia*).



Figura 21 - Ilha da Queimada Grande observada por meio da câmera de Marthins: acréscimo de linha de contorno e de faixa visual representando a curvatura



Fonte: *Frame de vídeo terraplanista (canal Sem Hipocrisia).*

Nos comentários ao vídeo, a “ciência de verdade” ali praticada evoca muitas percepções em torno do significante que, para terraplanistas, demarca sua diferença em relação à ciência oficial: “Parabéns pela experiência de verdade”; “A verdade é clara, simples, direta! A verdade não precisa de inúmeras justificativas para se manter firme, ela prova por si só”; “A verdade sempre vem à tona! Porque não há nada oculto que não venha a ser revelado, e nada escondido que não venha a ser conhecido e trazido à luz” (citando o versículo bíblico Lucas 8:17). Marthins encerra o vídeo agradecendo à “equipe” que lhe acompanhou no teste e “ao Criador do céu, da terra e de tudo que nela há”, convidando seus críticos a “se torn[ar]em cientistas de verdade, e não ocultistas que só sabem andar nas trevas”. A passagem da prática experimental à temática bíblica prenuncia aquele que é o objeto central do Capítulo 4.

#### *Mimese do dispositivo experimental da ciência como um modo de partilha do sensível*

Numa passagem frequentemente citada em estudos sobre doutrinas à margem da ciência, Latour (2021, p. 76) identifica nelas uma “confiança inabalável (...) num método científico datado do século XIX para explorar o único modo de existência que são capazes de imaginar: o da coisa já lá, presente, esperando ser fixada, conhecida, irreduzível”. Do ponto de vista dos trabalhos de purificação do par natureza/sociedade (Latour, 2013), esse objeto de confiança ao qual o autor se refere estava instituído na criação do dispositivo experimental da ciência. Stengers (2002, p. 104) vê nele um “duplo registro”, de “*fazer falar*’ o fenômeno para *calar*’ os rivais”: o experimento opera como um “dispositivo tutelar”, com a “qualidade de representação legítima de um fenômeno”, que “permite ao seu autor que se retire”, ao mesmo tempo em que é uma montagem material e discursiva

que estabiliza um tipo de “verdade de combate”, com o poder “de constituir um enunciado” autorizado que desqualifica “a não aceitação do desafio colocado por essa encenação” (Stengers, 2002, p. 94, 107, 109, 110).

Se o terraplanismo toma para si o trabalho de pôr em ação o dispositivo experimental da ciência (com todos os diferenciais miméticos implicados na sua apropriação, apartada dos fatos estabilizados pela ciência oficial, de prática, discurso e método), ele faz isso extraíndo do dispositivo os elementos mais fortemente estéticos, contidos na operação purificadora. No intuito de fazer a “verdadeira” natureza falar (nos experimentos analisados neste capítulo, a densidade dos objetos e a própria planicidade da Terra), terraplanistas montam uma configuração material do “empírico” interessada em representar os “fenômenos” e “fatos” que a ciência oficial supostamente evitaria tornar constatáveis. Sua mimetização da autoridade epistêmica da ciência, de certa maneira, levanta uma demanda por redistribuição das “competências e incompetências” na participação do “comum” (Rancière, 2009), rejeitando a prerrogativa da ciência oficial sobre a produção de fatos (mera “falsificação”) e reivindicando sua capacidade de acessá-los (a transformação de elementos da cosmologia da Terra Plana numa “evidência” sensível). Para isso, produzem uma encenação com uma montagem particular de artefatos (a breve configuração de tempos, alturas e materiais na queda de folha/bola de papel e na aproximação imagética de ilhas à distância) que “retrata algo [e] dá poder sobre aquilo que é retratado” (Taussig, 1993, p. 13).

Com isso, assume-se que a Terra Plana foi não apenas representada, mas acessada e tornada sensorialmente comensurável para seu público — um resultado que, no entanto, já está prefigurado nas decisivas mediações discursivas (elas também calcadas na mimetização de uma retórica cientificista) que conformam o experimento à cosmologia da Terra Plana que se busca comprovar. À assimilação de um *fazer falar* se soma a mimetização estética do *calar*: novamente, a mimese implica no “poder sobre aquilo que é retratado” (Taussig, 1993, p. 13), mas o retratado, nesse caso, é a própria ciência oficial. Os experimentos terraplanistas se pretendem como “refutadores” porque acreditam reencenar a ciência contra si mesma, e assim “testar” negativamente o heliocentrismo, demonstrando a “verdade” (a diferença de velocidade de queda dos objetos e a visibilidade “por inteiro” das ilhas) na mesma medida em que descartam o “falso” como potência negativa (a impossibilidade de ver objetos caírem ao mesmo tempo e a não detecção visual de trechos das ilhas encobertos pela curvatura).

Há aí uma longa cadeia mimética (Taussig, 1993): se o trabalho purificador da ciência experimental se baseia no “poder de conferir às coisas o poder de conferir ao experimentador o poder de falar em seu nome” (Stengers, 2002, p. 108), terraplanistas recorrem a esse processo de transferências tutelares para, enfim, *reencenarem a cena experimental*. Para além das exigências de “simplicidade” e “replicabilidade” dos métodos caseiros e apartados das redes tecnocientíficas, os experimentos terraplanistas devem caber num vídeo — seja no enquadramento frontal de uma câmera (o registro de Bruno manipulando seu caderno na sala de sua casa), seja na edição de diferentes tipos de registro audiovisual (Marthins com a lousa digital com simples fórmulas matemáticas, as imagens coletadas por meio do Google, os registros de bastidores em que arma sozinho seus instrumentos e a visão “em primeira pessoa” com sua Nikon P900). Todas as hipérboles da “demolição” ou “fim” do globo, assim, estão encapsuladas na literalização da cena como produção estética do visível e do dizível (Rancière, 2012). Nessa modalidade audiovisual, constrói-se o tipo de “evidência” a ser considerada legítima e eficaz para os fins e critérios de um público antiestrutural interessado em descartar o sistema de peritos da ciência (Cesarino, 2022); a “partilha do sensível” que reivindica a redistribuição das competências para o comum também reparte e reorganiza o sensível (Rancière, 2009) para consolidar argumentos e imagens de um mundo à margem da ciência.

#### 4 A COSMOLOGIA BÍBLICA SEGUNDO O TERRAPLANISMO

Em *Jamais Fomos Modernos*, as conhecidas teses de Latour (2013) sobre a separação promovida pela constituição moderna entre ciência e política, ou entre natureza e sociedade, vêm acompanhadas daquilo que o autor nomeia como a garantia do “Deus suprimido”: ao removerem da natureza e da sociedade a presença divina, os modernos teriam distribuído a transcendência de Deus entre os indivíduos na forma da espiritualidade privada, preservando, assim, a separação e a autonomia da ciência e da sociedade. Os primeiros séculos da Europa moderna, momento a partir do qual seriam produzidas as próprias categorias de “religião” e “ciência” no sentido em que hoje são comumente reconhecidas (Giumbelli, 2011; Allen, 2009), guardam muitos pontos de contenda para a historiografia da ciência, menos ou mais afeita aos aspectos conflitivos, distintivos ou interativos entre atores que, do ponto de vista do tempo presente, estariam assentados em um ou outro desses dois domínios (Wilson, 2000; Feldhay, 2006). Um dos episódios para os quais trabalhos retroativos de purificação guardam certos desafios é a publicação em 1543 do tratado no qual Copérnico descrevia matematicamente a Terra como um corpo em movimento ao redor do Sol. Tratava-se de um momento de fundação do posteriormente aceito modelo heliocêntrico<sup>150</sup> atravessado por atores religiosos, numa relação complexa que nem se resumia à inauguração de uma disjunção absoluta com a teologia, nem se adequava ao cânone cristão (Feldhay, 2006; Gingerich, 2000).

Remeto ao caso de Copérnico porque ele é de especial interesse para os terraplanistas, situado no centro de um de seus principais argumentos contra aquilo que nomeiam criticamente como *sistema religioso*. Este capítulo começa analisando em que consiste uma agenda terraplanista por vezes condensada na ideia de “reinsere o Criador na equação” e quais são as consequências disso para a forma como relacionam ciência (“de verdade” e oficial) e “sistema religioso”. Depois, uso um *hangout* entre youtubers terraplanistas e um membro da Igreja Batista, recém-chegado no universo de produção audiovisual da plataforma, como mote para pensar a posição terraplanista “fora das igrejas”. No segundo tópico, faço alguns comentários sobre a interpretação literalista da Bíblia praticada por terraplanistas e sua relação com a construção de uma *cosmologia*

---

<sup>150</sup> Vale destacar que, de acordo com Edward Grant (1962), Copérnico não foi o primeiro a elaborar uma concepção astronômica heliocêntrica; já havia modelos desse tipo durante a Idade Média, mas que não chegaram a conquistar seguidores.

*bíblica* da Terra Plana, analisando em seguida a modalidade audiovisual que materializa isso nas passagens entre palavra e imagem.

### **A equação bíblica do terraplanismo: inserir o Criador, subtrair o “sistema religioso”**

Como é de amplo conhecimento, o astrônomo polonês Nicolau Copérnico foi também cônego da Igreja Católica, instalado por décadas, até o fim de sua vida, na Catedral de Frombork. No prefácio de seu *De revolutionibus orbium coelestium*, onde propunha seu modelo, constava uma dedicatória ao Papa Paulo III. Para a historiadora Rivka Feldhay (2006), tratava-se de uma estratégia para transferir autoridade à matemática e à astronomia, disciplinas então subordinadas pela Igreja à filosofia e à teologia, por meio do arbítrio de seu chefe supremo<sup>151</sup> — uma “necessidade de justificação religiosa” que, segundo a autora, seria observada nos anos seguintes em figuras como Johannes Kepler e René Descartes<sup>152</sup>. A posição de Copérnico não era incomum (no mesmo século XVI, universidades jesuítas e luteranas eram fortes centros de estudo e pesquisa nessas mesmas disciplinas), e foi com o estímulo de membros oficiais da Igreja que o astrônomo publicou seu livro (Feldhay, 2006; Gingerich, 2000; Lindberg, 2008). Apesar de temer a repercussão negativa, na medida em que propunha um modelo contrário à física aristotélica geostacionária, então aceita como cânone, a publicação só causaria furor décadas depois, quando Copérnico já estava morto, ao ser retrabalhada por Galileu Galilei. A rejeição que o heliocentrismo viria a sofrer nesse momento por parte da Igreja Católica e que levaria ao julgamento de Galileu pelo Tribunal da Inquisição, dado seu desacordo com o geocentrismo bíblico (que, vale destacar, considerava a Terra como esférica), sustentaria a condenação ao sistema copernicano até o início do século XIX (Lindberg, 2008).

A revolução copernicana, que Freud notoriamente caracterizou como a primeira das feridas narcísicas por remover cosmologicamente a humanidade do centro do

---

<sup>151</sup> Para Grant (1962, p. 2013), para além do modelo heliocêntrico em si, há uma ruptura epistemológica significativa em Copérnico em relação à tradição escolástica quando este assume que “hipóteses” não corresponderiam simplesmente a elaborações destituídas da qualidade de fenômeno real, mas sim à descrição de “uma verdade fundamental do universo físico”. É nesse contexto que se situa a questão da autoridade disciplinar levantada pelo astrônomo.

<sup>152</sup> “(...) para Kepler, ao identificar o intelecto de Deus com a geometria, e, para Descartes, ao apelar para a natureza de Deus a fim de garantir os princípios básicos da filosofia e a verdade das ideias claras e distintas” (Feldhay, 2006, p. 748).

universo, é tomada por terraplanistas como a consolidação de um paradigma científico ao qual fortemente se opõem — não apenas por refundar os parâmetros da astronomia, mas também pelos efeitos religiosos e existenciais de tal descentramento. Mas há ainda outra razão para essa rejeição. Para terraplanistas, essa é uma mácula incontornável na história da própria Igreja Católica, e mais amplamente de todo o *sistema religioso*. A existência de algum nível de relação entre Copérnico e a Igreja — e o grau dessa relação é diferente para a historiografia e para o terraplanismo —, somada à experiência de terraplanistas ao encontrarem hoje, em diversos atores religiosos, um amplo endosso ao heliocentrismo, é recebida como a constatação de que, tanto como a ciência, a face institucional das religiões estaria comprometida com a sustentação de uma “farsa”. Anderson e Marthins, entrevistados em programa da rádio Jovem Pan<sup>153</sup>, tocaram no assunto ao serem contestados por um estudante de astronomia que integrava a bancada e que rejeitava seus argumentos de que o terraplanismo teria sido uma doutrina comumente aceita no passado: “na Inquisição, ser canhoto era motivo pra ser queimado na fogueira. E agora?”, disse o jovem. Anderson reagiu impaciente à associação ao domínio do religioso: “O que é que tem a ver a Inquisição? Eu não sou representante do Vaticano”. Dirigindo-se ao apresentador, disse: “ele omite que o primeiro que fez a teoria heliocêntrica foi o Copérnico. Fala pra ele responder: quem financiou Copérnico no século XV?”.

O estudante sinalizou que não sabia a resposta. Anderson apontou então uma suposta equivalência entre a instituição religiosa e a ciência: “Copérnico foi financiado pela Igreja. Sim, você [ouvinte] que não gosta da Igreja, que é o cientista, que é ateu, saiba que ele foi financiado pela Igreja”. O estudante rebateu sugerindo que Copérnico teria corrido o risco de ser queimado pela Inquisição, ao que Marthins devolveu com ironia: “Pelos padrões? ‘Meu funcionário está fazendo o que eu quero. Vou queimá-lo’”. Para a historiografia da ciência, a relação entre, de um lado, a atividade administrativa e astronômica de Copérnico na catedral onde atuava e, de outro, a elaboração do modelo heliocêntrico não era direta, de modo que a segunda não era uma simples consequência da primeira; com Anderson e Marthins, ao contrário, Copérnico teria elaborado seu modelo atendendo a uma demanda de seus superiores eclesiásticos. Anderson comenta um tanto vagamente sobre a força da Igreja Católica: “é o tal jogo de poder”. E

---

<sup>153</sup> O episódio de *Stand Up*, programa de humor em formato de entrevista, foi ao ar em 11/11/2019, transmitido também pelo YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pyCypTeGHXw>. Acesso em: 23/08/2022.

complementa com sua versão da história, mais interessada em levantar a dúvida de inspiração conspiratória do que explicar como isso teria ocorrido:

No século XV, todo mundo achava que a Terra é plana, todo mundo sabia que a Terra é plana. E causava estranheza alguém vir com a ideia maluca de que a Terra era uma bola giratória. Mas aí a Igreja apresenta uma... ela financia um paradoxo: a Igreja que é contra o globo financiou Copérnico, que desenvolveu a teoria do globo. Não é curioso?

Marthins, em seu livro *O Universo...*, expande a cadeia de atores por trás de Copérnico: “Assim como a maçonaria, a Igreja, até os dias de hoje, cultua o deus Sol Invictus”. Em vídeos, *lives* e *hangouts* de terraplanistas como Flavio, dono do *Canal do Evangelista Flávio*, ou de Alê, do canal *O Evidencialista*, os jesuítas, tomados como responsáveis pela aceitação religiosa do heliocentrismo, são retratados como uma seita “satânica” de propagação da “ideologia romana” de adoração ao Sol (terraplanistas se referem diretamente ao mitraísmo), e o próprio Copérnico chega a ser associado a essa ordem religiosa (apesar de nunca ter pertencido a ela). As mediações historicamente reconhecidas entre atores científicos e religiosos no caso de Copérnico, iluminadas pela separação moderna entre esses domínios, são o mote para que terraplanistas, por sua própria conta, multipliquem as interações julgadas indevidas, imaginando uma profusão de problemas nos nexos presumidos entre o astrônomo, a Igreja e o heliocentrismo. Há espaço ainda para que Copérnico seja apresentado muito mais como um religioso do que como astrônomo: Marthins escreve em seu livro que o “cônego da Igreja Católica, fato que muitos não sabem”, iniciador do “paganismo moderno”, é alguém que “nunca tocara em um telescópio e se autointitulava astrônomo” (uma afirmação que se repete com frequência em vídeos de terraplanistas); numa *live* em seu *Terra Plana Reloaded*, Gilberto argumenta que o astrônomo polonês (e também Kepler) elaborava e aperfeiçoava o heliocentrismo movido simplesmente por “motivação religiosa”<sup>154</sup>.

Poderia parecer que, pela identificação de comprometedoras sobreposições e interações históricas ou conspiratórias com a religião, terraplanistas estariam denunciando um trabalho de purificação impossível de se completar, mas ainda assim desejado, como se assumissem para si, em nome da ciência, a tarefa de revisar sua história para cobrar a supressão de Deus, indicando que haveria muito menos ciência e bem mais religião naquilo que hoje entendemos como verdade científica — um tipo de questão que

---

<sup>154</sup> *Live* transmitida em 09/04/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/X4G0J1yX9VQ>. Acesso em: 06/11/2022.

Costa (2021), ao pensar na relação entre ciência e política, entende como a vontade negacionista de pureza da ciência, prometida pela disciplina. Mas esse não é exatamente o caso. A expectativa terraplanista por “mais ciência” no exemplo do cônego Copérnico não é senão a expressão de seu antagonismo generalizado ao heliocentrismo: podemos imaginar que, tivesse ou não “tocado num telescópio”, o astrônomo estaria na mira dos terraplanistas, assim como ocorre, por exemplo, com Galileu, que fez amplo uso do aparelho<sup>155</sup>. Sobre o fato de que este último astrônomo foi contestado à época pela Inquisição por defender o heliocentrismo, Marthins diz se tratar apenas de uma história que “eles jogam na nossa cabeça”, porque, ao fim e ao cabo, “isso foi uma criação deles. O heliocentrismo foi criado pelo sistema religioso” — e prossegue: “Newton era da Igreja Católica. Galileu era da Igreja Católica”.

Ainda que assumam certa retórica de purificação desses domínios, o problema de fronteira colocado pelo terraplanismo nesse tipo de argumento denuncia não apenas uma infiltração da *religião na ciência*, mas também da *ciência na religião*, num trabalho de criação de mundo igualmente preocupado em demarcar o terreno do “falso” no campo religioso e interessado em tomar para si a capacidade de enunciação da “verdadeira religião”. Numa conversa registrada em vídeo e divulgada no *Sem Hipocrisia*<sup>156</sup>, Marthins, Rubens e Thiago falavam sobre o *sistema religioso*, domínio que poderia ser entendido como um equivalente à ciência oficial à qual a “ciência de verdade” se contrapõe. Marthins apresentava ali sua concepção de que a verdadeira libertação deveria passar pelas “cinco pontas” (“eu até faço a analogia à estrela de Baphomet”, dizia) por meio das quais o “Sistema” (grafado aqui em maiúsculo em referência a seu sentido mais amplo e geral) exerceria seu domínio sobre a humanidade, de forma ampla e integrada. O *sistema educacional e científico*, pelo qual o terraplanismo acaba sendo mais conhecido, seria apenas uma dessas pontas, somando-se aos sistemas *religioso, político, econômico-financeiro e de saúde e alimentação* — acrescidos pela “luz que ilumina as cinco pontas”, a *mídia*. Essa sistemática elaboração de Marthins será retomada no Capítulo 7. O que interessa agora é notar o quadro onde o terraplanista localiza as “doutrinas religiosas (...),

---

<sup>155</sup> O aparelho viria a ser inventado apenas algumas décadas após a morte de Copérnico, no fim do século XVI, sendo popularizado por volta de 1610; um outro instrumento de observação e medição, o *triquetrum*, fora utilizado pelo astrônomo polonês (King, 1979).

<sup>156</sup> Vídeo publicado em 03/03/2017. Disponível em: <https://youtu.be/Y-SWnJboh6I>. Acesso em: 12/11/2022.



porque eles dividem pra que cada grupo seja dominado por um grupo menor, e no contexto inteiro, cada igreja serve à mesma cabeça”.

Trata-se de uma descrição de domínios de poder que estariam mutuamente comprometidos e exercendo dominação e controle por meio da “mentira” e da “falsificação”, de modo semelhante às caracterizações atribuídas à ciência oficial. No *sistema religioso*, isso se expressaria especialmente na sua face institucional e em suas figuras de liderança, e seu referente varia de acordo com a ocasião e com os comprometimentos pessoais de cada terraplanista que mobilize o termo: tal “sistema” pode implicar todas as religiões (mais comumente, preservando preceitos cristãos e a narrativa bíblica) ou conter exceções (muitos terraplanistas declaram alguma identidade religiosa, e excluíam no mínimo sua igreja); ele pode se referir especificamente a uma religião/instituição religiosa (a Igreja Católica é o alvo mais recorrente) ou se valer de critérios diferentes de comprometimento (enquanto se costuma preservar o deus cristão, entidades das religiões nomeadas como “pagãs” são tomadas como expressões da força “maligna” por trás do sistema e figurações da demonologia cristã). Para entender isso, é importante fazer uma breve apresentação de Marthins, situando sua posição quanto ao “sistema religioso” no cenário geral do terraplanismo brasileiro.

Marthins seria um bom exemplo de uma categoria religiosa em expansão no país, os chamados “sem-igreja”, “avessos à instituição e a qualquer forma de institucionalização mediante a afirmação da autonomia” individual (Santos e Martinez, 2020, p. 47). De acordo com Denise Rodrigues (2007), o grupo censitário dos “sem religião” chegava à década de 2000 com acentuado crescimento e abrigando um conjunto heterogêneo de indivíduos, muitos deles sem qualquer relação com o ateísmo ou o agnosticismo. Ao contrário, como mostra a autora, muitos deles conjugavam críticas às instituições e denominações religiosas com a adesão não a uma religião, mas a alguma forma de religiosidade ou espiritualidade. Na década 2010, segundo Douglas Santos e Elias Martinez (2020, p. 33), essa tendência de crescimento desacelerou, e, somada à contínua retração de católicos e ao aumento dos evangélicos no Brasil, subiu o número do que os autores chamam de “evangélicos sem-igreja”, indivíduos que se autoneameavam evangélicos ou cristãos, ainda que “não filiado[s] às alternativas de denominação oferecidas, tradicionais ou não”, abandonando “a instituição igreja, sem deixar de exercer a fé religiosa nela praticada”, inclusive participando “assiduamente dos rituais ligados à

identidade evangélica, muitas das vezes em pequenas reuniões em lares, espaços públicos, auditórios, hotéis etc.”.

No caso de Marthins, a identificação com qualquer religião ou denominação é expressamente negada. Como afirmou outra vez em seu canal<sup>157</sup>, aderir ao sistema religioso é como “cair na mão de lobos. Qualquer religião: cristianismo, budismo, judaísmo. Qualquer religião. Fugam de religiões!”. A Igreja Católica é um alvo frequente de suas críticas, mas não é exclusivo. Sua posição em relação ao “sistema religioso” como um todo é taxativa, mas o terraplanista repudia o ateísmo — ao contrário: na orelha de seu livro, define-se como “um cientista criacionista ativo”. A descrição poderia sugerir que Marthins professa uma fé muito particular com pouco diálogo com qualquer tradição religiosa, mas não é esse o caso: sua linguagem é bíblica, referindo-se ao “criador do céu e da Terra” como “nosso pai eterno” e posicionando sua atitude religiosa numa “fé no Messias”. Mais que isso, é através da Bíblia cristã (acrescida de livros apócrifos<sup>158</sup>) que constrói sua relação com a ordem do religioso:

Eu falo uma coisa: você quer tirar uma pessoa da religião? Faça ela ler isso aqui [exibe à câmera a Bíblia que tem em suas mãos]. Você quer tirar uma pessoa do ateísmo? Faça ela ler isso aqui [exibe novamente a Bíblia]. Por quê? Porque religião não gosta que as pessoas leiam a Bíblia. Porque a própria Bíblia ela é contra a religião. Né? O Messias lutou contra a religião. (...) Não estou falando somente de religiões pagãs, [ou] daquelas que ensinam o Evangelho, tá? Eu tô falando de todas as religiões. Em Atos 17:24, nós temos que o Deus que fez o céu e a Terra e tudo que nela há não habita em templo feito por mãos de homens. Então por que que nós temos que seguir, continuar a pregar, a ouvir as coisas dentro de um templo de pedra? Sendo que lá não está o nosso Pai — e muitas religiões colocam o título lá: “a casa de Deus”. (...) Sendo que o próprio Pai, nas Escrituras, questionou Natã, que queria que Davi construísse um templo pra ele. Questionou e falou: eu sou o que dou tudo. Onde você quer que eu habite? Então, o nosso Pai, ele prometeu um templo que duraria por toda a eternidade. E todos os templos de pedra nessa terra foram destruídos (...) Qual é o templo que dura toda a eternidade? É a nossa fé no Messias. É a única coisa que sustenta a nossa vida aqui nessa terra. É a fé no Messias e a esperança dele voltar e conceder a cada um de vocês a vida eterna. (Fala de Marthins em *live* do *Sem Hipocrisia*<sup>159</sup>).

A condição desinstitucionalizada, “sem-igreja”, é justificada por Marthins na própria Bíblia: “sistema religioso” e Evangelho são colocados por ele em lados opostos, e é nessa separação que se inscreve, mais uma vez, o par *falso/verdadeiro*. Esse modo de

<sup>157</sup> *Live* transmitida em 09/08/2018 no canal *Sem Hipocrisia*. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/GMfrW9jz3hQ>. Acesso em: 17/12/2022.

<sup>158</sup> Os livros apócrifos são textos considerados não canônicos do ponto de vista de alguma denominação religiosa baseada na Bíblia; no caso terraplanista, costuma-se tentar revitalizar livros que são tomados como apócrifos pela Igreja Católica.

<sup>159</sup> Trata-se da mesma *live* referenciada na nota anterior.

abordar a questão religiosa não é incomum no meio terraplanista, muitas vezes com a aceitação sem maiores objeções da nomeação como “cristão”. Voltaremos a esse ponto mais adiante. O que é importante de se ressaltar no momento é que não só Marthins como grande parte dos youtubers de maior sucesso que atuam ou atuavam como influenciadores no meio terraplanista — Bruno, Afonso, Débora, Leandro, Gilberto, Siddhartha, Priscila e outros, e aqui não estou incluindo os muitos outros youtubers cujo conteúdo principal versa diretamente sobre questões religiosas — compartilham da associação da Bíblia à “verdade” e da elaboração de algum tipo de crítica à dimensão institucional das religiões (especialmente a Igreja Católica)<sup>160</sup>. Mais importante que isso, essas posições não dizem respeito apenas a inclinações pessoais tangenciais ao tema da Terra Plana. O modelo cosmológico (e cosmogônico) que defendem também busca sua legitimidade na própria Bíblia, a partir de uma abordagem propriamente terraplanista das escrituras que termina por exigir, no mínimo, um porquê para o fato dessa interpretação não ser amplamente aceita pelas instituições religiosas cristãs.

Levando isso em conta, a atenção à Bíblia como um terreno de disputa do terraplanismo torna-se mais compreensível. Quando falava sobre o papel das religiões nas “cinco pontas do sistema”, Marthins dizia: “querem ensinar a gente através de doutrinação em cima das escrituras, e não dizendo a verdade das escrituras”. Em seu livro, já formulava o que estava em jogo nessa “doutrinação”: “a própria Igreja afastou os crentes do Criador do céu, da Terra e de tudo que nela há para adorarem o Sol”; portanto, de um lado, a consolidação de um mundo científico-religioso sem o “Criador” e, do outro, a missão de acusar essa falta e sugerir que o terraplanismo seria mais habilitado para evidenciar a verdadeira narrativa cosmogônica. A denúncia terraplanista da suposta mútua contaminação entre ciência e religião, assim, não está preocupada em separar o científico do espiritual, mas em restaurar um Deus suprimido pela ciência e pela própria religião — ainda que isso dificilmente seja colocado nos termos de uma “religião de verdade”, tal como no caso da reivindicação da designação de “ciência”. Numa entrevista

---

<sup>160</sup> Por exemplo, em, respectivamente: “O modelo cosmológico bíblico”, de *Mistérios do Mundo* (vídeo de 05/05/2019; link indisponível); “Profundezas do sheol: o lago de fogo”, de *Ciência de Verdade* (<https://www.youtube.com/watch?v=kE5OFWSSH0k>); “A Bíblia e o formato da Terra”, de *Débora G. Barbosa* (<https://youtu.be/u0yT3X52cik>); “A bíblia e a ciência”, de *Inteligência Natural* (vídeo de 01/02/2018; <https://youtu.be/OMMQ8pQOmNU>); “Encontrando a Terra Plana na Bíblia”, de *Terra Plana Reloaded* (live transmitida em 11/09/2018; <https://www.youtube.com/watch?v=WGqmr4EnYUM>); “Jesuítas e a conspiração global”, de *Professor Terra Plana* (vídeo de 08/11/2017; [https://youtu.be/aq6LuUQh\\_Sc](https://youtu.be/aq6LuUQh_Sc)); “Os planetas não existem! O que fala a Bíblia”, de *Prisca de Côco* (vídeo de 11/04/2018; <https://youtu.be/rt4gj0Jtcw4>). Acesso em: 17/07/2023.

concedida ao canal de YouTube *Quem Somos Nós?*<sup>161</sup>, parte dela republicada no *Sem Hipocrisia*, Marthins comparava a condição do “Criador” no heliocentrismo científico-religioso e no terraplanismo, lidando com o problema da ferida narcísica à qual Freud se referia. No primeiro, imperaria a tentativa de se “tirar Deus da equação”, projetando “um universo enorme em expansão, onde a Terra é um simples pingo em uma galáxia e nós somos o grão de areia em cima desse pingo”. No segundo, o descentramento era resolvido: “você é a coroa da criação. Tudo foi feito pra você. Essa é a grande diferença. Então, a importância do ser humano nesse modelo, psicologicamente e ativamente falando, é muito maior do que no modelo do globo”.

O Universo, para o terraplanista, não poderia “ser fruto de uma explosão, de uma inflação. Isso aqui tem que ser criado. Seu relógio de pulso não nasce do nada”. Contra o heliocentrismo e a teoria do Big Bang, Marthins defendia o surgimento do mundo tal “como descrito no livro de Gênesis, no primeiro livro do Pentateuco, esse é que é o modelo”. Tratava-se, segundo ele, não de uma questão de “religião”, mas de “fé”. Uma interrogação era prontamente levantada pelo seu entrevistador, atento à súbita transformação na fala de Marthins, deslocada dos “experimentos” e “provas científicas” para “Deus” e “Bíblia”: isso não seria, enfim, falar de religião? Marthins respondia:

A minha crença é na ciência. Na ciência verdadeira, na ciência provada empiricamente. Por experimentos observáveis, mensuráveis e reproduzíveis (...) o que é relatado em Gênesis pode ser provado cientificamente. Essa é a grande chave da questão. Você não tem um relato de uma Terra esférica em Genesis, você tem um relato de Terra plana. Então você vai pra ciência e tenta provar se as águas do mar são planas ou não. Como que religião — ou fé, ou crença, como você queira falar — e ciência não têm ligação?

Não seria tão acertado levar adiante todas as consequências epistemológicas dessa fala, como se o terraplanismo necessariamente submetesse a aceitação da Bíblia à testagem de suas passagens em termos “científicos”. A imbricação entre o compromisso com o “Criador” e com as “evidências” da Terra Plana, na prática, não necessariamente se submete a esse suposto controle rigoroso (ainda que, como veremos mais adiante, “testagens” desse tipo existam e sejam praticadas na produção de vídeos para o YouTube). Além disso, no que parece ser a maior parte dos casos, a fé no “Criador” é anterior à própria adesão ao terraplanismo<sup>162</sup>. O ponto que nos interessa aqui é a confluência

<sup>161</sup> O canal não tem qualquer vínculo com o terraplanismo e recebeu Marthins como uma voz vinculada ao fenômeno do negacionismo. Disponível em: <https://youtu.be/XH1ITfddsM>. Acesso em: 23/08/2022.

<sup>162</sup> Mas de tempos em tempos surgem testemunhos de ateus que se converteram ao cristianismo (“sem” ou “com” igreja) como resultado da adesão ao terraplanismo. É o caso de Christian, participante de *live* do *Sem Hipocrisia* de agosto de 2018, anteriormente citada, com título que enfatiza justamente isso: “Terra

entre a defesa da “ciência verdadeira” e da palavra bíblica do “Criador”, notória na fala de Marthins. A conceitualização de John Law *et al.* (2013) sobre a ecologia de sincretismos que constitui a prática como o próprio domínio do heterogêneo, do impuro e do não coerente ilumina bem o que aqui aparece no nível do discurso. O terraplanismo opera “modos de sincretismo” que podem apresentar feições distintas, a depender da perspectiva assumida. Num primeiro momento, aquilo que motivou o entrevistador de Marthins a interrogá-lo foi a constatação de um traço nítido na sua fala: entre o apelo à “ciência” (“de verdade”) e os elementos que indiscutivelmente reconhecemos como religiosos (Deus/Criador, Bíblia), operava-se um intercâmbio que atravessava domínios distintos, a princípio diferenciáveis pelos trabalhos de purificação da lógica conflitiva (Law *et al.*, 2013) que fundamenta a singularidade disciplinar da ciência moderna.

Inicialmente, esse intercâmbio ganha forma na fala de Marthins como um modo sincrético de colapso de fronteiras (Law *et al.* 2013, p. 5), onde aquilo que seria incoerente da perspectiva da lógica conflitiva é tomado como uma mistura não problemática. Ele permite que, num primeiro momento, o terraplanista passe sem esforço entre os “experimentos” que comprovariam a planicidade da Terra e a noção de que o planeta abrigaria a “coroa da criação” de Deus, dando como certa a convergência entre ambos sem que isso implique em necessariamente prestar contas sobre as mediações necessárias para removê-los da lógica conflitiva entre ciência e religião. Esse colapso por vezes aparece nas próprias práticas diretamente ligadas à “ciência de verdade”, como no teste de curvatura descrito no Capítulo 3, cuja lista de agradecimentos se inicia com a menção ao “Criador do céu, da terra e de tudo que nela há”. Isso não é um mero detalhe (lembremos da autodefinição que consta no livro de Marthins: “cientista criacionista ativo”) e não se restringe a esse terraplanista (Afonso, geofísico mencionado no capítulo anterior, é outro exemplo paradigmático: o peso simbólico de suas credenciais convive com defesas de argumentos de base criacionista bíblica). Ainda que constituam autoridades epistêmicas distintas, como veremos logo mais, “experimentos empíricos” e

---

Plana converte ateu científico ao criacionismo!”. É também o caso do youtuber Akira, do canal *Akira Dunada*, que já contou numa *live* que foi um terraplanista ateu por alguns anos: “queria debater com as pessoas mostrando que tinha como você ser ateu defendendo a Terra Plana, (...) e eu arrumei briga com o pessoal que não era ateu terraplanista (...). Eu falei: ‘vou provar’. Foi quando eu comecei a estudar também o assunto e aí pra isso eu tenho que voltar lá na origem do planeta, porque eu tenho que conceber o período de criação, e a estrutura muda tudo. E aí quando você muda a estrutura de criação, eu comecei a descobrir outras conspirações que eu não tinha como conspiração, como a questão da própria evolução. (...) como que eu vou sustentar isso? Não tem como. (...) Foi quando eu comecei a aprender também nas escrituras, e eu comecei a ver nexos (...) E você descobre que você tá absurdamente errado, entende?”. Disponível em: [https://www.youtube.com/live/8gAYR\\_2goNU](https://www.youtube.com/live/8gAYR_2goNU). Acesso em: 20/03/2023.

argumentos bíblicos são tomados por terraplanistas como se atendessem à mesma “verdade”.

De volta à fala de Marthins, um segundo modo de sincretismo aparece logo após a interrogação de seu entrevistador, que solicita que o intercâmbio realizado pelo terraplanista seja explicado. A isso, Marthins responde com o reconhecimento da circulação por dois domínios, que passam a ser aceitos como distintos e agora submetidos a uma operação de “domesticação” (Law *et al.* 2013), traduzidos nas lógicas um do outro, sem que aos seus olhos isso seja o sinal de alguma contaminação indevida (neste caso, ele brinca com uma espécie de síntese da “crença na ciência”; noutras ocasiões, a formulação é invertida, com a ênfase colocada sobre o Criador, sem prejuízo de sentido). Do ponto de vista do próprio terraplanista, entretanto, é no heliocentrismo copernicano que religião e ciência se perverteriam mutuamente, e é o “globaloide” quem materializaria mais um tipo sincrético, de “negação” — um modo “utópico”, como lembram Law *et al.* (2013), por sua recusa plena da incoerência —; ele seria a figura incapaz de perceber toda a heterogeneidade que na prática (e por vias conspiratórias) colapsaria fronteiras entre instituições científicas e religiosas, plenamente notada e denunciada pelos terraplanistas.

Na dupla lógica de articulação entre Criador e “ciência de verdade” realizada em suas próprias práticas e discursos, o terraplanismo ora se instancia no trânsito entre práticas experimentais e gramática bíblica sem que a relação entre religião e ciência esteja em questão, ora se vê às voltas com a explicação de por que aquilo que praticam é algo menos ou mais “religioso”, menos ou mais “científico”. Em ambos os casos, o que terraplanistas extraem do campo religioso é um tipo de poder epistêmico de uma ordem diferente daquele mimetizado na ciência, que reconfigura o próprio conceito de seu principal objeto de interesse e aprofunda o tipo de problema cosmológico que lhes interessa: como repetem com frequência, a Terra não seria um *planeta*, caracterizável como mero corpo astronômico, mas sim um *reino*, um mundo intencionalmente plano, criado por Deus para abrigar a humanidade, coroa de sua criação. O acesso à “verdade” prometida e buscada no ecossistema digital terraplanista tem como um de seus pilares uma legitimação prático-argumentativa de base bíblica, ainda que predominantemente desvinculada de redes religiosas. É sobre isso que falamos a seguir.

*Alguns apontamentos sobre o terraplanismo “fora das igrejas”*

Certa vez, Márcio, do canal *Além da Nuvem*, fez uma generalização interessante: “Todo mundo que acredita na Terra Plana, a grande maioria, é cristão. Não 100%, mas talvez 98, 99”<sup>163</sup>. A descrição difere um pouco da heterogeneidade de vertentes do terraplanismo pintada por Julio, do canal *MagneticaMente*, num comentário escrito no YouTube noutra ocasião: “sionismo, judaísmo, nazismo, satanismo, fanatismo religioso, gnosticismo, xamanismo, visão anunnaki, Terra Plana sem cúpula, apenas sol físico, sol holográfico, universo elétrico, universo holográfico, legalismo religioso, infinitas visões bíblicas e teológicas, etc”. Durante a pesquisa, não realizei um levantamento rigoroso que permitisse quantificar com precisão a demografia religiosa do terraplanismo, mas, a partir da observação em canais, grupos e páginas, não seria equivocado especular que tudo aquilo que na lista de Julio escapa ao cristianismo “com” ou “sem” igreja corresponderia, se não aos “um ou dois por cento” da conjectura de Márcio, ao menos a uma minoria pequena o suficiente para não influir na perceptível hegemonia da concordância com a bíblia cristã.

Nos grupos de Facebook, espaços a princípio muito mais permeáveis à heterogeneidade descrita por Julio, discussões sobre a relação entre religião e Terra Plana também dificilmente excediam as fronteiras do cristianismo “sem” ou “com” igreja — neste último caso, sendo declarado o pertencimento a denominações protestantes, ao catolicismo e ao adventismo. No YouTube, o alinhamento à narrativa bíblica era notório. A maior parte dos canais brasileiros que reuniram e consolidaram grandes audiências nos primeiros anos da chegada da temática na plataforma e que formaram o núcleo principal de influência sobre públicos terraplanistas<sup>164</sup> não necessariamente estiveram em uníssono em termos religiosos, mas auxiliaram na construção de um cenário onde o vínculo entre terraplanismo e cristianismo parecesse eminentemente necessário. Se por um lado alguns conflitos e ataques mútuos motivados por questões religiosas atravessaram a comunidade terraplanista e contribuíram para dotá-la de certo caráter fraticida, por outro eles não colocavam em xeque a validade do paradigma bíblico nesse público<sup>165</sup>. Na verdade, estes

<sup>163</sup> Vídeo de 11/09/2021 (link indisponível).

<sup>164</sup> *MagneticaMente*, de Julio e Samuel, parecia um canal com maior porosidade a leituras “místicas” da Terra Plana (ainda que Julio, no mesmo comentário anteriormente citado, dissesse estar “ao lado de Jesus”). Aqui, estou apenas supondo, baseando-me nas poucas visitas que fiz ao canal e na fala de Julio na FlatCon. O canal não entrou num primeiro recorte da pesquisa e foi excluído por seus donos entre 2019 e 2020.

<sup>165</sup> As acusações endereçadas ao rival enquadravam práticas religiosas no campo do “maligno” ou da “feitiçaria”, medidas justamente por um risco de afastamento de uma norma cristã: Flávio, do *Canal do*

eram parte dos trabalhos de estabilização de grupo (Latour, 2012) que, junto à farta produção de vídeos, páginas e grupos interessada em fazer da Bíblia um meio de validação do Terra Plana, construíram essa convergência como o horizonte ideal do terraplanismo.

Modos de extração de autoridade bíblica para a causa terraplanista são analisados no tópico seguinte, desenvolvendo-se os pontos em que o recorte da “grande maioria cristã” tende a um maior alinhamento (a interpretação de uma *cosmologia bíblica* formada pela descrição “física” da Terra e pela cosmogonia do livro de Gênesis). Antes disso, é importante chamar atenção para as condições em que esse trabalho é realizado, a partir de um ponto em que a concordância é potencialmente menor. As denúncias do “sistema religioso” não necessariamente são elaboradas com as mesmas consequências, dados os diferentes (não) pertencimentos a instituições religiosas. Nisso está implicado o tipo de relação do terraplanismo com redes religiosas — até certo ponto semelhante à apartação das redes tecnocientíficas, mas em grande medida diferente, e com outros tipos de efeitos. Aqui, o mote para essa discussão é um *hangout* transmitido no canal *O Evidencialista*<sup>166</sup> realizada por Alê junto com Gilberto (*Terra Plana Reloaded*) e Bruno (*Mistérios do Mundo*).

Na ocasião, os youtubers, já estabelecidos no meio terraplanista, recebiam Pastor Thiago, membro da Igreja Batista vinculado à Convenção Batista Nacional e à Ordem de Pastores Batistas do Brasil e atuante numa escola bíblica dominical. Thiago publicara há poucos dias o primeiro vídeo de seu canal *Teologia & Verdades*, intitulado “Pastor Batista afirma: a Terra é plana!”<sup>167</sup>. A produção já vinha circulando nas redes terraplanistas e o intuito da *live* era ampliar ainda mais a divulgação do canal (a técnica de transferência audiência era direta, com metas crescentes de 100, 150, 200 inscritos sendo estabelecidas e cumpridas no decorrer da transmissão). O entusiasmo em torno de Thiago, evidentemente, era motivado por seu prestígio como pastor numa igreja grande e consolidada. Seus companheiros de *hangout* parabenizavam o que era entendido como

---

*Evangelista Flávio*, e Gustavo, do *4USA Florida*, brigaram porque o primeiro reprovou a experiência do segundo na umbanda antes de sua conversão evangélica; Marthins enquadrou como “feitiçaria” a recomendação de um ritual de cura, baseado no livro apócrifo de Tobias, por Afonso (que se autodenomina cristão, mas também possui predileções ao judaísmo); Cláudia, do canal *Nunca te contaram mas eu te conto*, condenou o que entendeu como uma indevida simpatia de Débora pelo islamismo (apesar de Débora se dizer uma seguidora do Messias e da Bíblia).

<sup>166</sup> *Live* de 19/06/2019. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=kCJW7Sz4IZ4>. Acesso em: 15/11/2022.

<sup>167</sup> Vídeo de 04/06/2019. Disponível em: <https://youtu.be/3iVt1B1Euts>. Acesso em: 15/11/2022.



um ato de coragem pelo posicionamento público em favor da Terra Plana, que assumia os riscos advindos de seu pertencimento a uma instituição do “sistema religioso”. Eles falavam a partir de um ponto de vista diferente, desvinculado desse tipo de rede religiosa.

A posição de Bruno era similar à de Marthins. Como um “sem-igreja” alicerçado no universo bíblico cristão, o terraplanista não expunha em seu canal e demais redes sociais qualquer tipo de vínculo (passado ou presente) com grupos religiosos, apresentando sua relação com esse campo como uma jornada individual. Bruno dizia: “eu não sigo nenhuma [religião], eu sigo as escrituras sagradas”, porque “toda religião foi inventada por homens e eles utilizam dela ao seu bel prazer”; em relação ao “Criador”, falava: “Eu creio que somos indissociáveis do Criador, porque ele habita em nós”, “me sinto feliz pelo Criador ter me concedido esta missão” de “defender e buscar a verdade”<sup>168</sup>. Essas mesmas ideias circulavam também nos canais de Gilberto e Alê, mas a experiência religiosa se configurava para eles de outra forma. Ambos participavam da Igreja de Deus (do Sétimo Dia), movimento congregacionista com uma história mais longa e cheia de cisões, mas que, ao menos desde o início da década de 2010, vem sendo conduzido sob esse nome, e como um grupo local, por Flávio, seu pregador mais proeminente. Em junho de 2018, este criou o *Canal do Evangelista Flávio* no YouTube, espaço onde realizava transmissões praticamente diárias de estudos bíblicos que, logo de início, tinham como um de seus assuntos a defesa e propagação do terraplanismo.<sup>169</sup>

O trânsito entre os canais de Flávio, Alê e Gilberto era frequente, com *hangouts* dedicados não apenas ao tema da Terra Plana, mas ao escopo mais amplo de tópicos escriturais ensinados no “discipulado” da Igreja de Deus, sem dispensar as menções diretas e os convites à participação na congregação. Além da leitura conjunta da Bíblia, práticas de jejum e oração e a realização de batismos dotavam a experiência religiosa desses terraplanistas com um aspecto minimamente cerimonial, institucionalizado e doutrinário, muito distinto daquele exibido e praticado por Bruno em seu canal<sup>170</sup>. Ainda

<sup>168</sup> Falas retiradas da *Revista Terra Plana*, de vídeo de 11/04/2022 publicado no canal *Cb Bruno Alves* (disponível em: <https://youtu.be/zTz6uEqHb9U>) e da *live* de *O Evidencialista* anteriormente citada. Acesso em: 20/03/2023.

<sup>169</sup> Os parênteses constam em seu nome para diferenciá-la da adventista Igreja de Deus do Sétimo Dia. Mais informações sobre sua história são encontradas neste link: <https://igrejadedeus.biz/historia-da-igreja-de-deus/>. Acesso em: 21/03/2023.

<sup>170</sup> A congregação mantinha encontros presenciais domiciliares em São Paulo, posteriormente com um templo também em Minas Gerais. Mas os meios digitais eram de suma importância: seus membros são direcionados ao material gravado do discipulado, disponível em áudios e textos no site da Igreja (administrado por Flávio); as *lives* do canal de YouTube de Flávio e do canal *O Caminho Estreito*, de Gilberto (desde dezembro de 2020), bem como videochamadas em salas do Google Meet, eram pontos de

que Flávio não se colocasse como um “líder” da Igreja de Deus, era evidente seu papel de destaque como evangelizador — um protagonismo gradativamente dividido com Gilberto, dentro do próprio *Terra Plana Reloaded*. De certo modo, o terraplanismo participava aí de uma rede religiosa, defendido não simplesmente pelos fiéis da comunidade religiosa (isso já era o caso para qualquer terraplanista “com igreja”), mas pelas figuras que ocupavam a posição de porta-vozes da pequena congregação.

Porém, frente ao caso do Pastor Thiago, ficava evidente o que havia de semelhante entre a Igreja de Deus e indivíduos como Bruno. A congregação de Flávio tinha um perfil “não só desinstitucionalizado, mas desinstitucionalizante”, característico do tipo de grupo evangélico local considerado também “desigrejado”, dada sua rejeição às igrejas tradicionais do próprio protestantismo (Santos e Martinez, 2020, p. 38, 39) em termos equivalentes às críticas ao “sistema religioso”. A diferença entre o pastor batista e os companheiros de *hangout* apartados das instituições eclesiais se materializava tanto na expectativa de possíveis efeitos de sua adesão à causa da Terra Plana quanto na necessidade de aplacar as objeções de alguns espectadores ao seu pertencimento a uma igreja. Alê dizia:

Galera, vamos dar essa força aqui pro Pastor Thiago. (...) É um pastor que é terraplanista, futuramente vai falar a verdade ali, aos poucos, né, divulgando aí o verdadeiro Gênesis, né? (...) Eu tô vendo alguns comentários: “Não, mas [é] religião...” Galera, assim, o que é que a gente entende por religião? “Não, mas (...) a gente tem que sair das igrejas!” Não é assim, galera.

O esforço de encontrar o que havia de comum entre a igreja e o desigrejamento reiterava a percepção de que existia uma diferença anterior a ser aplacada:

Eu posso convidar uns amigos aqui, uns irmãos, pra vir na minha casa e orar: é uma igreja aqui em casa. (...) Onde dois ou mais estão reunidos no nome de Jesus é uma igreja, né? Por exemplo, lá na casa do irmão Flávio, ele faz uma igreja lá. Eles se reúnem com os irmãos dele, oram: criou uma igreja naquele momento, né? Agora, a gente tem que saber separar o que é templo e o que é igreja. Muitas instituições tornaram suas igrejas em templos. A gente não pode dar bola pra isso aí. Pelo que a gente tá vendo, a igreja do pastor Thiago é uma benção, galera. Sou totalmente a favor. Agora, no momento em que começam a comercializar a parada e virar templo, né, pastor, daí é muito errado. (Alê na *live* citada).

Desde o início da *live*, Thiago desenhava uma imagem positiva da Igreja Batista para afastá-la das caracterizações de um “sistema religioso” implacável na supressão da

---

encontro frequentes de seus membros. Os grupos de Telegram de *Evangelista Flávio* e *Caminho Estreito* são muito ativos e contam, cada um, com pouco mais de 550 membros. Links disponíveis em (<https://igrejadedeus.biz/discipulado/>; <https://www.instagram.com/igrejadedeus.biz> e <http://evangelistaflavio.blogspot.com>). Acesso em: 21/03/2023.

agenda terraplanista. Em suas palavras, ela era um espaço democrático que garantia a liberdade de seus pastores, e o mesmo preceito foi respeitado quando outros pastores souberam de seu posicionamento favorável à Terra Plana. Thiago contava com alegria sobre seu *despertar*, processo vivido ao imergir em vídeos de youtubers como Bruno: “Tenho aprendido muito com vocês, né? O que vocês postam e falam, vocês assim são referência no tema Terra Plana”. Mas um primeiro passo foi dado na própria igreja, durante uma de suas aulas na escola bíblica dominical:

Um dos membros da nossa igreja ele era terraplanista, eu não sabia, né? E ele me abordou no meio da aula e falou assim: “Ah, pastor, a Terra é plana”. Aí eu [me] assustei, né, falei: “Como assim? Não, claro que não (...) Oh, nós não vamos falar disso agora não, isso não é legal, você tá vendo muito YouTube, você tá muito envolvido com essas coisas” (Thiago na *live* citada).

O pastor diz ter ficado “transtornado” com a informação, e resolveu se informar sobre o tema para contra-argumentar o membro da congregação. Aí teve início sua entrada no *rabbit hole*:

Isso foi em (...) final de 2016. E eu fiquei praticamente o ano todo de 2017 vendo muitos vídeos, né, avaliando, pesquisando. (...) No começo de 2018, em março, foi quando eu cheguei à conclusão, né, porque aí começou a aparecer muitas evidências, né, principalmente aí sobre a questão da planicidade das águas. Foi quando então eu tive que reconhecer: a Terra é plana, né? (Thiago na *live* citada).

Desde 2019, ao começar a produzir vídeos para seu *Teologia & Verdades*, o pastor daria maior ênfase aos aspectos bíblicos do tema da Terra Plana, abordando-os como parte de uma programação mais ampla de evangelização a partir das escrituras, sem abrir mão das argumentações de fundo conspiratório e das informações relativas à “ciência de verdade” terraplanista<sup>171</sup>. No entanto, chama atenção como esse último aspecto teve um peso determinante no seu *despertar*. Seu relato parece abdicar dos traços da experiência de revelação espiritual, mais demarcados noutros casos. Thiago explica:

Para a gente chegar a essa conclusão que a Terra é plana, na verdade, é uma colcha de retalhos, né? Então você pega uma informação daqui, pega uma outra informação de lá, vai juntando então essas informações, né? Talvez as informações de forma isolada ela não seja assim uma prova que dê uma grande sustentação a essa verdade, mas quando você junta essas provas elas têm validade, né? Até no meio jurídico é assim, né (...) Advogados usam isso como prova (...) Isso na ciência também é aceito, né, quando você junta vários argumentos (...) Você tem uma verdade. (...) Foi assim que eu cheguei a essa

<sup>171</sup> A descrição que consta na aba “Sobre” do canal dá um bom resumo do tipo de conteúdo lá disponível: “O Canal Teologia & Verdades é um canal com o propósito de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo e também revelar as conspirações que estão sendo utilizadas para a preparação da vinda do Anticristo: Temas Teológicos; Devocional diário; A verdade sobre conspirações (Terra Plana, Ida a Lua, Rastros Químicos, Haarp, BlueBean e etc); Temas teológicos polêmicos”.

conclusão, juntamente com vocês, claro, né? Assisti muitos vídeos, né, acompanhei aí o canal dessa turma bacana aí que tem revelado a verdade.

A fundamental mediação dos vídeos nas práticas de conhecimento da construção de mundo terraplanista é assumida também na decisão de criar seu canal, ainda que ciente do ônus de defender publicamente esse tipo de ideia. Mas, no caso do pastor, havia outra questão a ser explicitada: já em seu vídeo de estreia, deixava claro que defendia a Terra Plana de um ponto de vista pessoal, e não falava em nome da Igreja Batista. Esse limite é reiterado nos seus planos de divulgação do modelo terraplanista no YouTube, e não em sua congregação. Involuntariamente, Thiago entregava aos seus companheiros de *live* elementos para a crítica ao “sistema religioso”. Eles salientavam a existência de um problema profundo nessas instituições, que excederia a experiência pessoal do pastor, satisfeito por não ter sido defenestrado pelos companheiros de igreja. Rindo, Thiago contava que outros pastores chegaram a lhe telefonar dizendo: “Eu vou orar por você pra tirar isso da sua cabeça”. Bruno, sisudo, ouvia o relato exibindo preocupação com futuras retaliações a Thiago, tomando isso como mais um nítido sinal dos vícios nefastos dentro da instituição.

A questão da manifestação a favor da Terra Plana dentro da igreja estava posta. Se é garantida a liberdade dos pastores, ela em algum momento se estenderia à discussão sobre o assunto no culto? Essa era a pergunta de Bruno, e a resposta de Thiago era vacilante: “Eu acredito que isso nós não teríamos problema, não. Eu posso falar assim pela minha denominação. Eu acredito que não... Eu não posso garantir também, né? [Ri] Porque a gente não sabe, talvez, né?” Bruno, enquanto isso, remetia a Copérnico como exemplo máximo do enraizamento maligno profundo nas instituições religiosas, que já teria levado o próprio pastor a tomar o heliocentrismo como uma certeza pela maior parte de sua vida, antes de seu “despertar”. Esse problema, na perspectiva dos demais participantes da *live*, implicava numa incongruência na própria figura do cristão não terraplanista. Gilberto perguntava ironicamente: “pra você ser cristão eu parto do princípio que você tenha que ser criacionista, certo?”. O terraplanismo, de seu ponto de vista, deveria estar contido nessa premissa. Alê explicitava:

Se nós formos debater com os nossos irmãos que ainda acreditam na teoria ficcional do globo, né, assim, eles não têm nem como debater, né? Só o fato de perguntar pra eles: tá, mas quem é o Deus do modelo globo? É o Big Bang, não é Deus. A Terra Plana ela só faz sentido com o Criador, né? Quem criou a Terra foi o Criador, né? No nosso modelo, né?

A Terra Plana como forma de reinserção do Criador na “equação” era o ponto defendido — do outro lado, dizia Bruno, estava um conjunto de “coisas indissociáveis”: “modelo do globo, Big Bang, com teoria da evolução, que a gente evoluiu da ameoba”. Por mais que o pastor divergisse quanto ao nível de culpa das instituições religiosas (ele não acreditava num comprometimento “maligno” da Igreja com o heliocentrismo), concordava que havia nela uma falha. Nos seus termos, tratava-se de um “erro teológico”, atribuído por ele à prática da “interpretação alegórica” da Bíblia, quando, ao invés disso, deveria haver uma *leitura literal* que reconhecesse que o Velho Testamento narrava a criação divina de uma Terra plana e que isso era uma verdade cosmológica. Ao seu modo, Thiago assumia o desigrejamento como o horizonte de ação do terraplanismo. No seu relato, a igreja “se deixou levar” por uma ciência moderna que produziu “uma verdade tão absoluta para as pessoas e para a sociedade” que, por muito tempo, “não se tinha condição e não se tinha informação suficiente pra provar o contrário”; o cenário hoje seria outro, e a mudança estaria vindo de fora: “antes havia esse monopólio da informação”, mas hoje “a internet nos deu essa possibilidade de ver as mentiras que nos contaram”.

O terraplanismo lhe parecia um programa válido de investigação da “verdade” que atravessaria “ciência de verdade”, “cosmologia bíblica” e demonstração de poderosos atores conspiradores agindo nas sombras. Ali, a zona de convergência com o cristianismo lhe era nítida: “Muitos terraplanistas são cristãos ou são teístas, (...) e eu já ouvi também pessoas aí que nem mesmo acreditavam em Deus, ateus, se convertendo por entender que a Terra é plana”; isso acontecia porque esse “é um modelo que na verdade aponta para o Criador, sem dúvida alguma, né? Porque ele é um modelo [que] além de ser bíblico (...) faz com que nós reconheçamos isso, né?”. Para além da institucionalidade, nas palavras de Thiago, estaríamos vivendo no Brasil

um tempo de renovação eclesiológica, né, você percebe que há uma discussão das pessoas nesse sentido de: “Como ser igreja? Eu creio na Bíblia, eu creio que Jesus Cristo é o Senhor, mas como que eu posso ser igreja no século XXI?” Querendo ou não, há uma discussão eclesiológica no ar, na internet, pra todo lado, muitos livros que estão sendo feitos aí sobre essa questão. (...) “Eu creio em Deus, mas e aí, e agora?” Há uma crise sobre esse tema, né? (...) A Terra Plana também vem de alguma forma mexer com isso.

A detecção de Thiago de uma “renovação eclesiológica”, da qual o terraplanismo faria parte, converge com o tipo de autonomia bíblica do “sistema religioso” apregoadada por Marthins ou Bruno e com a evangelização desigrejada da congregação de Alê, Gilberto e Flávio. Este último, numa *live* em seu canal intitulada “A fissura na Matrix”,

dizia<sup>172</sup>: “O homem precisa aprender a ter um contato com Deus e ser um templo de Deus. Nosso corpo, nossa mente é templo do espírito santo. Deus não habita em templos feitos por mãos de homens”. Em seu diagnóstico,

muitas pessoas estão acordando para isso e vendo que não precisam participar de uma denominação religiosa, seguir ali dogmaticamente os preceitos daquela religião — muitos deles fora do ensino das Escrituras —, de uma matrix religiosa, para ser ou pertencer a Deus. (...) As pessoas tão percebendo que estão sendo enganadas e estão voltando mais pras escrituras.

Esse retorno às escrituras — rejeitando o “sistema religioso” ou, no caso de figuras como Thiago, o pressuposto predominante nas igrejas de uma Terra esférica — parece convergir com o modo como terraplanistas trabalham sua demanda por uma “ciência de verdade”. O paralelo óbvio entre os dois domínios (ciência e religião) era traçado na própria *live* com Thiago: dado seu *status* como pastor, era comparado por Bruno ao geofísico Afonso, ambos parabenizados pela “coragem” de se assumirem terraplanistas mesmo com algum tipo de vínculo às suas respectivas instituições. Do ponto de vista de um terraplanista fora das igrejas, o pastor e o geofísico eram, no mínimo, dois desgarrados de campos de oficialidade postos sob contestação, mas não descartados por inteiro — afinal, exigia-se a autoridade epistêmica sustentada em cada um deles. Mas as semelhanças param por aí. No caso da “ciência de verdade”, com completa apartação das redes tecnocientíficas (Afonso, terraplanista melhor posicionado em relação a elas, sustentava um vínculo que não ia muito além de um diploma e um currículo progressivo), a autoridade epistêmica da ciência era acessada apenas por vias miméticas, deslegitimada diante dos circuitos de validação de enunciados do sistema de peritos da ciência (Cesarino, 2022).

A posição de Thiago como pastor era real e atual, mas ele tinha pouca ingerência para além dos limites de sua congregação local, e mesmo ali sua atuação como terraplanista não era garantida. Esse não é um caso necessariamente generalizável: no decorrer da pesquisa e por meio de grupos, tive notícia de outros três pastores terraplanistas que afirmavam ter levado a temática para o espaço do culto. Há pouco a ser dito aqui sobre isso, pois não tenho mais informações sobre os casos e não explorei essa via de pesquisa. O fato é que, pelo menos entre youtubers, a falta de apoio no campo religioso (de instituições ou lideranças) era admitida como a condição geral do terraplanismo, e as repetidas manifestações de repúdio ou desdém de pastores e padres de

---

<sup>172</sup> Live transmitida em 01/05/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mM6KJY38TIs>. Acesso em: 24/03/2023.

igrejas evangélicas, católicas e adventistas contrários ao terraplanismo eram conhecidas e abordadas em vídeos e outros espaços<sup>173</sup>. Porém, as condições de legitimação de discursos, práticas e experiências religiosas não são as mesmas da ciência. O apelo terraplanista à “verdade” do “Criador”, acessada a partir da bíblia cristã, buscava extrair das próprias escrituras a autoridade de enunciação convergente à agenda cosmológica da Terra Plana, aberta às jornadas individuais, às congregações locais independentes do “sistema religioso” e, especialmente, à produção e circulação de vídeos no ecossistema digital terraplanista.

### **Delineando uma “cosmologia bíblica”**

Um mesmo princípio parece nortear as interseções entre a defesa da Terra Plana e a aceitação da Bíblia: acredita-se que as escrituras são uma poderosa via de validação dos argumentos centrais do terraplanismo, pois conteriam uma descrição precisa do modelo. Com o termo *cosmologia bíblica*, terraplanistas se referem à reunião dessas dezenas de passagens, distribuídas em diferentes livros das escrituras<sup>174</sup>, que, como resume Flávio em sua palestra na FlatCon, detalhariam a existência de

uma grande cúpula que é chamada de firmamento, ou domo; acima dela existe as águas primordiais; no meio dela existe a expansão, os ares, que é conhecido como atmosfera; o sol, a lua, as estrelas e os planetas, que são estrelas errantes, compõem parte do reino da Terra, compõem toda essa parte da cúpula; (...) os continentes foram tirados do meio dos mares, e abaixo da Terra existe pilares, fundamentos que mantêm toda essa estrutura, e também os oceanos ou abismos abaixo da Terra.

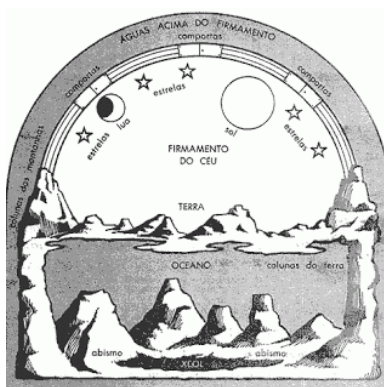
Alê diz que a descrição não é fortuita: “Todo engenheiro (...), quando vai entregar sua obra, ele deixa a planta da obra pra quem vai viver ali. O Criador também. Quando ele construiu a Terra, ele deixou a planta da obra dele pra nós”. Youtubers terraplanistas, por essa lógica, se veem dando continuidade ao trabalho de depurar a legibilidade dessa planta, de demonstrar sua correspondência com a própria obra, de lembrar que o mundo vivido é a própria obra de um Criador. Pastor Thiago oferece uma perspectiva “interna” ao “sistema religioso” quanto às razões para que o valor de verdade de uma *cosmologia*

<sup>173</sup> O *Inteligência Natural*, por exemplo, chegava a chamar uma dessas manifestações de “neoinquisição” (disponível em: <https://youtu.be/c-ZmhmZYcc>). Priscila, em sua palestra na FlatCon 2019, dizia que “a Terra Plana tá incomodando a religião”, apresentando um compilado de trechos de falas recentes de padres críticos ao modelo.

<sup>174</sup> Os versículos são parte tanto do Antigo como do Novo Testamento, além de livros apócrifos (sendo o de Enoque aquele mais comumente citado).

*bíblica*, tão evidente para os terraplanistas, não seja amplamente aceito. Ele relata que ministrava aulas nos seminários da Igreja Batista desde 2006, mais de 10 anos antes de se tornar terraplanista, e exibia representações imagéticas da *cosmologia hebraica*, descrita no Velho Testamento, que podiam ser encontradas em algumas edições da Bíblia.

Figura 22 - Cosmograma divulgado por terraplanistas como exemplo de ilustração contida em algumas edições da Bíblia.



Fonte: Imagem publicada no grupo de Facebook *Terra Plana Brasil Exclusivo*.

Sua explicação para a apresentação dessa cosmologia na Bíblia era de que “com certeza Deus trouxe essa informação para eles [os hebreus] de uma forma alegórica”. O pastor atribui ao Iluminismo a prevalência da razão sobre a fé, ganhando terreno dentro das próprias igrejas e afastando pastores da “verdade” das escrituras ao contrapor a elas evidências favoráveis ao heliocentrismo, ao Big Bang e aos demais conhecimentos sobre o universo cientificamente estabelecidos. “Dentro” ou “fora” do “sistema religioso”, terraplanistas concordam que são capitaneadores de outra abordagem da Bíblia, acreditando apresentar “evidências” contrárias aos fatos da ciência oficial que, conseqüentemente, induziriam não mais a uma leitura *alegórica* das escrituras, mas sim *literal*.

Por “evidências”, entenda-se qualquer tipo de demonstração tomada como favorável ao modelo da Terra Plana, celebrada como a construção de uma “ciência de verdade” — por exemplo, os experimentos de Bruno e Marthins apresentados no Capítulo 3. Mas demonstrações que se debruçam diretamente sobre a palavra bíblica, apontando como operar sua leitura *literal*, também são fundamentais ao terraplanismo e ocupam uma parcela significativa da programação de muitos de seus canais. O terraplanismo, mais do que simplesmente oferecer um material complementar que sugeriria que tudo o que sua automeada “ciência de verdade” produz é compatível com aquilo que a *cosmologia bíblica* descreve, ocupa-se demoradamente da prática de *estudos bíblicos*, voltados à



compreensão das escrituras nos termos de um literalismo criacionista da Terra Plana. Nesse sentido, é possível compreendê-lo no quadro mais amplo do que Simon Coleman e Leslie Carlin (2004) chamam de culturas do criacionismo, que, sujeitas a diferentes discursos e práticas religiosas baseadas na Bíblia, costumam remontar, no ocidente moderno, a um conjunto de tendências do protestantismo conservador norte-americano de meados do século XIX, disseminadas globalmente no decorrer do século seguinte.

Para os propósitos desta tese, seria mais adequado simplesmente apontar que há sobreposições do terraplanismo a certos núcleos de ideias criacionistas do que ratificar sua localização numa linha do tempo que remonta aos momentos-chave de recuo e ressurgência do criacionismo nos Estados Unidos — as tentativas de conciliação entre os novos avanços científicos de fins do século sobre a datação do planeta e do surgimento da vida<sup>175</sup>, o fortalecimento de uma tendência cristã fundamentalista no início do século XX em defesa de uma interpretação literal e antievolucionista da criação<sup>176</sup>, a formulação do “criacionismo científico” nos anos 1960 em defesa da produção de “evidências” extrabíblicas de uma Terra jovem de cerca de 6 mil anos ou as novas estratégias pró-criacionismo, reformulado como “design inteligente” (Numbers, 1993; Numbers, 2014; Coleman e Carlin, 2004) — e que prossegue na acentuação de sua disseminação global em meados do século XX — Numbers (2014) localiza seu aporte na América Latina, especialmente no Brasil, nos anos 1990.

Em nenhuma dessas principais correntes de elaboração do criacionismo norte-americano ao longo dos últimos séculos parece ter havido espaço para a defesa de uma Terra plana — ao menos não de modo expressivo, como mostra o trabalho do historiador Ronald L. Numbers (1993) —, ainda que em muitas delas a defesa de uma interpretação literal da Bíblia fosse o que estivesse em jogo. No Brasil, além das manifestações públicas de rejeição do terraplanismo da parte da Sociedade Criacionista Brasileira, a Sociedade Brasileira do Design Inteligente o ignorou, ao menos em seu site oficial<sup>177</sup>; além disso,

---

<sup>175</sup> Segundo Numbers (1993), consolidam-se nesse momento, nos Estados Unidos, a *day-age theory* (por uma interpretação figurativa, cada “dia” da criação seria não um período de 24 horas, mas toda uma era de milhares de anos) e a *gap theory* (com uma interpretação literal sobre os dias, os eventos de um passado instantâneo descritos pela ciência teriam acontecido num período de cataclismos anterior aos 6 dias da criação).

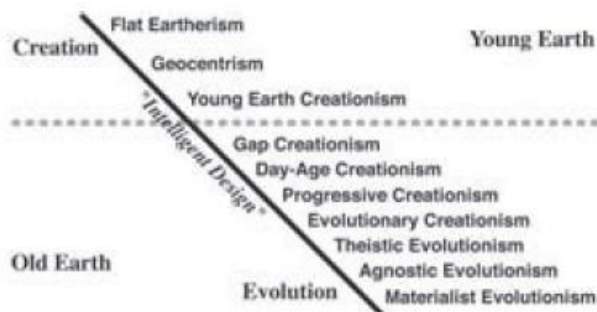
<sup>176</sup> É nesse cenário que ocorre em 1925, nos Estados Unidos, o célebre julgamento de Scopes, que lidava com os embates em torno do ensino do evolucionismo darwiniano nas escolas do Tennessee, analisado por Susan Harding (1991).

<sup>177</sup> O que não quer dizer que não pudesse haver sobreposições (era o caso de Douglas, youtuber citado em nota no capítulo anterior: pertencente à entidade, não se declarava terraplanista, mas mantinha trânsito frequente com youtubers terraplanistas, com os quais compartilhava audiências). Lucas Braga (2016)

muitos terraplanistas, em diversas ocasiões, comunicaram suas discordâncias com elas. Ao mesmo tempo, no entanto, alguns desses argumentos são aceitos e defendidos por terraplanistas, descartadas suas premissas heliocêntricas (caso da defesa de uma Terra jovem, da negação da teoria da evolução ou da realidade do evento bíblico do dilúvio).

Apresentar-se como verdadeiro restaurador da figura do “Criador” bíblico, portanto, longe de ser uma peculiaridade do terraplanismo, posiciona-o num jogo de forças entre tendências menos ou mais expressivas no cenário brasileiro, em parte valendo-se de formulações anteriores. “Literalismo”, por sua vez, é também um campo em disputa, assumindo formas variáveis a depender dos elementos considerados, nem sempre compatíveis entre si. Steven Engler (2007), por exemplo, preocupado em estabelecer uma tipologia de criacionismos cristãos, considera como um de seus critérios leituras do Gênesis numa chave que pode ser mitológica, figurativa ou literal; esta última abarcaria concepções tanto de uma Terra jovem como antiga, além da *day-age* e da *gap theory*. A antropóloga Eugenie C. Scott (2004), enquanto isso, monta um diagrama no qual há lugar para o próprio terraplanismo:

Figura 23 - Continuum criacionismo-evolucionismo



Fonte: Reprodução de diagrama publicado em Eugenie C. Scott (2004, p. 57): *The Creation/Evolution Continuum*, de autoria de Alan Gishlick.

Segundo a autora, o *continuum* “reflete o grau segundo o qual a Bíblia é interpretada como literalmente verdadeira” e o quanto, inversamente, a ciência moderna é aceita (Scott, 2004, p. 57). Na posição mais extrema do espectro, o terraplanismo é considerado “o mais estrito dos literalistas bíblicos. Poucos outros literalistas bíblicos sustentam interpretações tão rigorosas da Bíblia” (Scott, 2004, p. 58). Curiosamente, comentando sobre esse mesmo diagrama, Engler (2007) julga inadequada a inserção do terraplanismo (e do geocentrismo), vendo nessa escolha uma “agenda polêmica” e

---

estudou a Teoria do Design Inteligente num momento em que se iniciava o *boom* do terraplanismo, mas, de todo modo, não indicava qualquer predileção desses grupos em direção à ideia de uma Terra plana.

“anticriacionista”, por tratar-se de doutrinas que “do ponto de vista de quase todos os criacionistas” são falsas. Uma década depois do texto de Engler, problema de demarcação semelhante se repetiria, na prática, com um emergente terraplanismo brasileiro que buscava se apresentar como interpretação válida da Bíblia. Independentemente do quão adequada é a elaboração de um *continuum* desse tipo, contando ou não com o terraplanismo, o que interessa aqui é chamar atenção para como se configura uma versão particular de criacionismo bíblico, fundamental em seus trabalhos de construção de mundo a ponto de deixar pouco espaço para uma defesa da Terra Plana não criacionista.

Da perspectiva terraplanista, entender que literalismo é um termo que atende a construções discursivas distintas sobre as escrituras cristãs implica necessariamente em, mais uma vez, mobilizar oposições derivadas do par *verdade/engano*. Em concordância com Ednardo, dono do canal *Cosmologia Bíblica* — que reconhece que em um espectro de criacionismos o terraplanismo “vai ter uma leitura bíblica diferente, a gente vai ter uma interpretação das escrituras de uma maneira mais literal” —, Lisarde, num *hangout* em seu *Canal Ciência Bíblica*<sup>178</sup>, posiciona o literalismo terraplanista como a fronteira que o aparta do desvio “cientificista” que se imporia sobre outros criacionistas:

E o impressionante é que, quando perguntamos a outros irmãos ou teólogos que [acreditam que] a criação é literal, eles afirmam: a criação é literal. Lá fala de água, são águas mesmo; animais é animais mesmo; terra é terra mesmo; o homem, lógico, isso aí é 100% unânime. Mas quando vamos ali para o primeiro elemento que é corrompido, que é o céu no segundo dia, já jogam pra ciência: “não, aí a Bíblia não responde.” (...) Então é lamentável mesmo o cientificismo que se cria, né, com esse falso entendimento. (Lisarde no *hangout* citado).

Alguma percepção mais matizada dos literalismos criacionistas — Ednardo, por exemplo, reconhece que certas interpretações geocêntricas são em algum nível compatíveis com a sua, ainda que baseadas numa Terra esférica — tende a se perder com o enquadramento da literalidade (ao modo terraplanista) como operação representacional indiscutivelmente atrelada a um valor de *verdade*. Alê, defendendo a convergência entre o terraplanismo e uma passagem como a de Josué 10:13 (“O sol, pois, se deteve no meio do céu, e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro”), diz num vídeo<sup>179</sup>:

Quem está falando a verdade pra nós? O nosso Criador, o nosso Pai, o nosso Deus, ou a ciência moderna? Simples homens que não sabem nem a sua origem? Bom, eu prefiro acreditar no meu criador, certo? E você que é cristão,

<sup>178</sup> *Hangout* transmitido em 30/09/2021 com o título “O geocentrismo nas escrituras”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=92EtTr7cekY>. Acesso em: 11/09/2022.

<sup>179</sup> Publicado em 08/06/2020 com o título “Série Deus e a Ciência Moderna! Parte 01/ Josué 10,13 - Deus é irresponsável?”. Disponível em: <https://youtu.be/F-1Mx0Dz3o4>. Acesso em: 07/08/2022.

que ainda continua acreditando que vive em uma bola giratória? Vamos interpretar este texto aqui literalmente. Porque a exegese nada mais é do que uma conjectura humana. Você tem que interpretar literalmente o que a Bíblia fala.

Na antinomia entre o *literal* e a *conjectura*, a rejeição ao suposto sincretismo que colapsaria a “ciência moderna” e o “sistema religioso” pela via da dominação se apresenta explícita e implicitamente: a ciência se oporia flagrantemente à palavra que comunica a verdade do Criador por ser adulterada pelos vícios humanos, tanto quanto a religião, com ela compactuada, que se relacionaria com o texto bíblico pela “exegese”, uma sobreposição de camadas de distorção conjectural sobre aquilo que, ao contrário, exigiria literalidade — uma “doutrinação em cima das escrituras”, como falava Marthins anteriormente. Ao convidar a “interpretar este texto aqui literalmente”, Alê não suspeita que, como intérprete, ele também delimitará significados através de mediações exegéticas, ainda que apartadas de institucionalidade religiosa. Priscila, num vídeo em seu canal *Prisca de Côco*<sup>180</sup>, aciona Mateus 13:13 (“Porque vendo eles não veem, e ouvindo não ouvem, e nem entendem”) para equacionar o *literalismo* a uma espécie de capacidade de acesso não mediado à “verdade”: “A verdade, gente, está aí, mas é pra poucos. São pra aqueles que amam a verdade. Dizem que tudo isso é poético, simbólico, não é literal, é abstrato. Porque essas pessoas estão comprometidas com a falsa religião chamada ciência”.

Numa caracterização literal de literalidade, por assim dizer, o termo atende, de acordo com Peter Stromberg (1993, p. 7), a uma ideologia referencial que compreende a linguagem como a correspondência direta entre uma palavra e um sentido específico, “posicionando a linguagem como meio entre as ideias de um eu essencial e a realidade externa” — neste caso, com o entendimento de que este “eu essencial” seria neutralizado, tornado incapaz de distorcer e conjecturar, preenchido pelo acesso à “verdade divina” do Criador. Em certo sentido, terraplanistas anunciam sua recusa ao “simbólico” e “alegórico” da Bíblia num movimento não muito diferente da oposição entre o *empírico* e o *abstrato*, levantada ao apresentarem sua “ciência de verdade”. Sua noção de *literalidade* os situa próximo à definição de fundamentalismo de Latour (2005, p. 21, 31), entendido como uma política sem “coisas” [*ding*] que sustenta a “convicção de que as mediações podem ser contornadas sem custo” pela rejeição do “caráter indireto das representações”, acreditando-se “diretamente inspirado pelo Bem, muitas vezes por seu

---

<sup>180</sup> Vídeo de 24/01/2020 intitulado “♥ Bfblias atuais que mostram a Terra disco!!!” (link indisponível).

Deus [*by the Good, often by their God*]” — exceto pelo fato de que o que preocupa terraplanistas em relação à Bíblia não é seu estatuto como “coisa”, e sim as operações de sentido que a vinculariam a sistemas de dominação humanos.

Uma análise do literalismo bíblico, no entanto, como alerta Simon Coleman (2007, p. 49), passa por compreender a performatividade das práticas que se baseiam numa “ideologia do literalismo” mesmo que “não necessariamente *constituam* literalismo tal como convencionalmente compreendido”, até mesmo “subvertendo e substituindo suas implicações”. Para William Graham (1987, p. 162), práticas de literalismo bíblico dizem respeito muito mais à “percepção de autoridade das escrituras” do que à concentração na textualidade como “forma primária de expressão”: do ponto de vista da dimensão sensorial implicada na relação com o texto sagrado, o literalismo é também um fato visual e oral. Desse modo, entendendo que o literalismo bíblico terraplanista é uma ideologia semiótica (Keane, 2007) que define lógicas, práticas e efeitos que seriam próprios à palavra bíblica — e que a entende como contendo um poder sagrado em particular, que se espera que seja o veículo de sentidos discretos a serem apresentados como o oposto do “alegórico” —, cabe aqui observar como ela opera pragmaticamente articulações com os registros *oral* e, especialmente, *visual* enquanto modalidade de conteúdo produzido para o YouTube.

A seguir, analiso vídeos e *lives* terraplanistas concebidos por seus criadores como demonstrações de que tal ideologia literalista, debruçando-se sobre os elementos que compõem uma *cosmologia bíblica*, seria capaz de comprovar a veracidade do terraplanismo, consequentemente fazendo do modelo defendido um modo de reinserir o Criador “na equação”. Os exemplos aqui trazidos estão dispostos gradativamente, partindo daqueles que discutem a tradução de determinadas palavras em imagens mentais e chegando até aqueles que se descolam das operações minuciosas entre palavras e imagem para produzir modos de maravilhamento por meio do recurso audiovisual. Na última parte deste tópico, aponto de que modos as diferentes articulações de imagens ao texto bíblico buscam legitimar produções audiovisuais terraplanistas. Acompanhar outras possibilidades da visualidade exploradas por terraplanistas nessas produções, que excedem o recurso da exposição oral, permite retomar a questão da produção de “evidências”, cara ao trabalho constante de youtubers de fazer com que sua programação funcione como uma série de mecanismos de revelação da “verdade”.

*A modalidade audiovisual do literalismo bíblico terraplanista*

Numa das muitas *lives* realizadas por Gilberto e Flávio dedicadas aos seus *estudos bíblicos*, a cosmologia bíblica é abordada em exposição oral, apoiada visualmente apenas pela exibição de trechos de uma Bíblia online, sobre a diferença entre as palavras *globo* e *cúpula*. Da leitura do versículo Isaías 40:22, Flávio chama atenção ao trecho que diz: “Ele se assenta no seu trono, acima da cúpula da terra”. A palavra *cúpula*, segundo ele, teria sido propositalmente trocada por *globo* em outras edições, distorcendo o sentido original do termo hebraico *chûg* — “significa círculo compassado, redondeza”, diz Flávio. Uma segunda passagem do mesmo livro bíblico é acionada (agora, Isaías 22:18) por conter a palavra *bola* — “Certamente com violência te fará rolar, como se faz rolar uma bola” —, e, por meio dela, Flávio tenta mostrar que já existia em hebraico uma palavra específica para designar formas esféricas (*ddur*, segundo ele), o que reforçaria seu argumento de que a palavra *cúpula* em Isaías 40:22 se refere a algo geometricamente distinto de uma esfera. Numa minúcia de tradução, como busca mostrar o terraplanista, residiria tanto a verdade quanto a tentativa de sua ocultação: falar de um trono de Deus acima de um *globo* ou *bola* equivaleria a deixar o texto bíblico ser invadido pela ciência moderna, negando uma passagem que, por falar, na verdade, de *cúpula* ou *círculo*, descreveria a Terra tal como ela é.

Noutra *live* de Flávio, desta vez com Neemias, a noção de *cúpula* aparece junto a outros termos (domo, firmamento, câmara, redoma, tenda) tomados como equivalentes. Remetendo-se a Salmos 19, de onde lê o trecho “pôs uma tenda para o Sol”, Neemias procede com a explicação de que a cosmologia bíblica descreve a existência de uma estrutura que recobriria toda a extensão da Terra. O formato dessa estrutura, anunciado pela palavra *tenda*, é, primeiro, traduzido pela sugestão de imagens mentais exemplificativas. Neemias diz que a arquitetura de prédios como as mesquitas ou o Capitólio (a casa legislativa dos Estados Unidos) possui a mesma estrutura da *redoma*, posteriormente exibindo, através do site Google Imagens, fotografias de um dos edifícios citados. O literalismo bíblico, aqui, é realizado não apenas pela convocação de imagens a serem acrescentadas para ocupar o lugar de significado no texto bíblico, mas pela escolha de imagens que possuem função metafórica por apenas aludirem às formas geométricas buscadas, funcionando como figurações que abrem visualizações não previstas nas próprias escrituras. Exemplificar imagetivamente *redoma* e outros substantivos de seu campo semântico, portanto, soma sustentação visual à palavra.

Priscila, numa de suas videomontagens dedicadas à cosmologia bíblica, dá um passo a mais na tradução desses versículos bíblicos em imagens. Remetendo-se a Salmos 104:12 e Isaías 40:22 (nas passagens “estende os céus como uma *tenda*” e “desenrola [os céus] como *tenda*”), ela exibe a seguinte figura:

Figura 24 - Desenhos de tendas sobre modelos de Terra.



Fonte: Frame de vídeo terraplanista (canal *Prisca de Côco*).

Priscila resume-se a comentar em tom irônico: “Agora, isso aqui... Fica meio complicado, né?”. Nesse momento, o que seu vídeo produz não é apenas a demonstração por meio de uma imagem daquilo a que determinada palavra da Bíblia se refere (que, aliás, é já no texto bíblico uma figura de linguagem, pela metáfora “como tenda”). Mais que isso, sua gravura extrai sentido de uma rearticulação que se dá no campo da própria imagem, funcionando como um breve teste visual do versículo bíblico: para o modelo contestado, a composição absurda e propositalmente patética de uma tenda que repousa sobre a Terra como um chapéu; para o modelo defendido, uma tenda armada de modo congruente à experiência cotidiana de manipulação desse tipo de objeto.

Na *live* de Flávio e Neemias, os terraplanistas também extraem novos sentidos a partir das imagens que escolhem associar ao texto bíblico. Recorrendo ao Google Imagens, exibem duas fotografias nas quais é possível ver o teto de duas salas do prédio da Organização das Nações Unidas (ONU), mais uma vez exemplificando visualmente a cúpula que recobriria a Terra Plana. As novas imagens, no entanto, não são meras ilustrações de uma forma geométrica, mas materiais imagéticos apresentados como *evidências* da veracidade da cosmologia bíblica e dos processos de *ocultação* da Terra Plana. Na primeira fotografia, o teto do salão de conferências da ONU, com formato côncavo e preenchido com dezenas de pequenas lâmpadas, inspira a alegação, por parte de Flávio, de que a organização sabe que as estrelas não passam de pequenos “luminares” espalhados no céu e contidos pelo domo (o que remeteria diretamente à descrição do Sol

em Salmos 19). Na segunda fotografia, agora de outra sala, o teto abobadado é um afresco preenchido pela pintura de animais marinhos, o que, como Flávio aponta, indicaria não só que a ONU sabe que a Terra é plana e coberta por um domo, mas também que, tal como indicado por subseqüentes leituras da Bíblia, existem “águas acima do firmamento”.

O tema das “águas acima do firmamento” é trazido também numa *live* realizada por Flávio e Gilberto. Numa seqüência de tópicos relativos à cosmologia bíblica, os terraplanistas já haviam lido Apocalipse 4, onde é descrita a presença do “trono de Deus” no céu, e apresentada uma coleção de imagens de pedras preciosas como forma de dar materialidade visual ao que seriam as cores do trono, inferindo, a partir de versículo que faz menção a um “mar de vidro, claro como o cristal”, sua posição (acima do domo) e a composição do domo (feito de cristais como aqueles do trono). Partindo disso, Gilberto exhibe imagens que havia salvo em seu computador. Trata-se de fotografias encontradas na internet que mostram em alta resolução o céu noturno preenchido pela via láctea, que ocupa parte grande das imagens. Gilberto ironiza: “‘Ah, não tem foto real do domo.’ Tem, você pode ver a hora que você quiser”. Em sua demonstração visual, o terraplanista afirma que a via láctea não é uma galáxia, mas sim uma marca no próprio domo: suas partes esbranquiçadas seriam o resultado da “cicatrização” de “uma fissura no domo de quartzo”; colorações arroxeadas ao seu redor, por sua vez, corresponderiam a pedras preciosas de camadas do céu próximas ao trono. Flávio aponta nas imagens algo mais: elas não apenas revelariam o domo, mas dariam acesso visual ao evento do dilúvio, descrito em Gênesis 1. A via láctea, para ele, não seria senão o resultado dessa grande inundação, uma rachadura no domo através da qual teriam fluído as “águas acima do firmamento”. Por um lado, as imagens da via láctea seriam duplamente indexicais: a marca deixada por uma fissura faria ver o domo, além de conferir profundidade temporal ao trazer para o presente um traço visual referente a um evento bíblico distante. Por outro, todo esse processo de evidenciação por meio da imagem põe em jogo uma força icônica, fazendo do visual um momento de revelação.

No canal *Reino Plano*, da terraplanista Katia, a visibilidade do domo surge a partir de uma imersão demorada em imagens científicas. Partindo de livro apócrifo, Katia lê em Enoque 44:1: “E também verão relâmpagos como estrelas que se elevam, mas não perdem a sua forma”. Katia explica que essa passagem se refere ao fenômeno conhecido pela

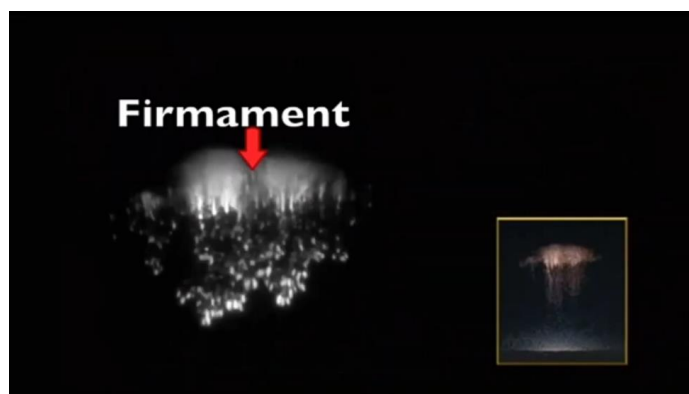


ciência como *sprites*, um tipo de descarga elétrica atmosférica que é descrita pela terraplanista como

eventos luminosos transientes que ocorrem durante tempestades, produzidos por campos elétricos quase eletroestáticos (...) Se não houvesse uma barreira, seria impossível haver esse efeito, porque ele estaria se formando em nada. O firmamento é a causa deles. Quem nega essa realidade nega o Pai. Mateus 10:33: “Entretanto, qualquer que me negue diante das pessoas também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus”.

Katia apresenta cenas aparentemente retiradas de um documentário televisivo, originalmente em inglês, de cientistas manipulando equipamentos utilizados para a visualização dos *sprites*, sem indicar fonte ou traduzir falas, interessando-lhe muito mais seu conteúdo imagético. A terraplanista anuncia: “Vocês estão prestes a ver vídeos raros do firmamento” (a “barreira” à qual se refere na citação anterior). O que se segue é uma sucessão de cenas da ocorrência das descargas elétricas, que surgem na tela em variadas cores e formas.

Figura 25 - *Sprites* como materialização visual do domo.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Reino Plano*).

Algumas das imagens são congeladas e acrescidas de intervenção assinalando e legendando regiões semiesféricas dos *sprites*, reconhecidas por Katia como vestígios visuais do firmamento. A terraplanista vê o firmamento também em vídeos e fotografias de testes de explosão de ogivas nucleares, identificando-o em formas semiesféricas semelhantes àquelas produzidas pelos *sprites*.

Para ambos os casos, Katia incita o espectador a ver nessas imagens tentativas humanas de “ultrapassar a grande barreira do firmamento”, ou seja, a atestação da existência do firmamento pela sua interação com uma ciência moderna que o negaria — ainda que, dada a origem das imagens, seriam a própria ciência e a mídia *mainstream* as responsáveis pela visibilização do firmamento. E é essa própria visibilidade o que lhe

interessa: as cenas revelariam à visão aquilo que na Bíblia é palavra. Operação semelhante acontece no vídeo no qual Katia vê o firmamento na explosão de ogivas nucleares.

Figura 26 – Diferentes colorações como materializações visuais do domo.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Reino Plano*).

Enquanto as imagens se sucedem, Katia descreve o vínculo entre a literalidade bíblica e a visualidade: “Está claro que há algo que segura e separa as águas que estão acima de nós. Isso não é uma visão poética. A descrição bíblica relata o que podemos ver com os nossos sentidos”. O impacto da evidência sensorial é reconhecido no espaço de comentários ao vídeo do YouTube: “E ainda tem gente que nega a palavra do criador...?!”, diz um; “Simples e verdadeiro, nada a mais e nada a menos, apenas os fatos”, escreve outro.

Nesse caso e no da “foto real do domo” de Flávio e Gilberto, uma tendência ao maravilhamento diante das imagens é sutilmente suscitada. Ela se evidencia mais nitidamente noutro estilo de vídeo, menos focado na leitura e debate da Bíblia. Num deles, produzido por Gilberto com o sugestivo título “Contemplando a obra do Criador!”, uma edição simples soma um registro da Terra em alta altitude (terraplanistas veem no limite entre a Terra e o espaço uma linha reta, e o brilho distante do sol seria indicativo de que é um corpo pequeno e interior ao domo) a uma sequência de cartelas de texto com versículos do Gênesis e de outros livros bíblicos relativos a descrições cosmológicas. Sem voz, o som do vídeo é preenchido por uma música ambiente feita em sintetizadores, de cadência suave, com harmonia edificante, quase épica.

Figura 27 - Imagem de condução à contemplação da Terra Plana.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Terra Plana Reloaded*).

O vídeo é recebido como aquilo que seu título indica: maravilhados, terraplanistas *contemplam* a Terra Plana como a beleza da obra do Criador. Alê escreve nos comentários: “Isso é muito lindo, irmão Gilberto! Caramba, sem palavras... É de emocionar!”. Jean, organizador da FlatCon, também está presente nos comentários: “A grande obra do nosso Criador está diante dos nossos olhos”. Outros espectadores expressam o impacto visual e a comoção diante do divino: “Não me canso de olhar tamanha maravilha do altíssimo YHWH”; “Coisa linda e maravilhosa do nosso Criador..!”; “Me emocionei com o vídeo. Agradeço ao Senhor por nos permitir saber da verdade. Minha [vida?] faz muito mais sentido”; “Ohhh Glória....lindo demais, pena q n[ão] vejam a realidade”; “Com essas imagens só posso dizer uma coisa. Obrigada meu adonai pelos olhos perfeitos que tenho pois posso ver tamanha beleza e perfeição em tudo que meu Deus criou”; “Uma imagem verdadeira diz mais de que qualquer teoria da pseudociência, que nada é provado e das imagens de CGI da nasarenta”. As imagens, aí, já não se referem a trechos específicos da Bíblia. Terra Plana e escrituras compõem juntas um pequeno espetáculo, cujo propósito é menos o de apresentar evidências, e muito mais o de oferecer, a partir da contemplação, o encanto religioso.

#### *Da palavra à imagem: revelação*

A leitura da Bíblia praticada por esses youtubers, como pudemos observar, extrai das escrituras uma representação cosmológica convergente com o modelo terraplanista ao partir da premissa de que elas descrevem a realidade tal como ela é, cabendo então tomar as palavras por seu sentido *literal*. Na operação mais próxima da análise textual e oral de um significado específico e não metafórico, cenas como aquela em que Flávio e

Gilberto discutem a tradução correta de certos termos em hebraico mostram um tipo de produção audiovisual na qual a visualidade é menos explorada, prevalecendo o registro da discussão oral que decompõe o texto bíblico a partir de sua leitura e análise, visando revelar significados que evocam os antagonismos entre terraplanismo (ou *verdade*) e globo (ou *engano*). Apesar de muitos vídeos terraplanistas sobre cosmologia bíblica serem ocupados por procedimentos semelhantes, a produção audiovisual da literalidade bíblica, por si só, encadeia outros mediadores no vetor que sairia da palavra em direção à *verdade*. Simon Coleman (2007) nota que práticas literalistas não se esgotam na relação entre palavra e cognição, sendo, ao contrário, permeadas por indeterminações e ambiguidades. O autor observa na igreja protestante sueca *Word of Life* situações de “disciplinadas de leitura, escuta e fala” nas quais o literalismo bíblico é praticado pela produção, por parte do pastor, de “linguagem inspirada”, que converteria o texto em “linguagem a ser corporalmente apropriada pelo fiel”; em casos como esses, nos quais mediações sensoriais importam tanto quanto aquilo que se encontra originalmente na forma textual, a literalidade seria praticada nos deslizamentos entre cognição e ação, ouvir e fazer, fazer e falar (Coleman, 2007, p. 44, 45).

No caso terraplanista, cuja economia representacional (Keane, 2007) é marcada pela circulação de vídeos e *lives* no YouTube alçados à condição de mediadores privilegiados da *pesquisa* e *estudo* favorável à hipótese de uma Terra Plana, o gênero de *estudos bíblicos* dá margem para passagens não apenas ao *falar* e *escutar*, mas também ao *ver*. Ao explorarem modos de traduzir a literalidade bíblica em algo que pode ser experimentado por meio do *olhar*, terraplanistas rapidamente extrapolam o que seria um “sentido literal de literalidade”, manejando no terreno do visual — de preocupação recorrente quando a ênfase não é colocada sobre atores religiosos, como visto nos capítulos anteriores — aquilo cuja literalidade diria respeito, a princípio, ao texto: há a imagem como recurso exemplar, como abertura para o encadeamento de outras imagens a partir das quais se extraem sentidos novos e imprevistos, como meio no qual se testa e demonstra a veracidade daquilo que se quer afirmar, como comprovação da existência daquilo que a palavra diz ou como instrumento de contemplação e maravilhamento.

Nesses procedimentos, encena-se uma transitividade mútua de autoridade entre palavra bíblica e imagem. Se, por um lado, a atribuição às escrituras da capacidade de enunciar a verdade sobre a física da Terra, normativizada por uma ideologia literalista, transfere o poder do Criador ao terraplanismo, por outro lado as próprias imagens,

independentemente de sua origem (contanto que sejam rearticuladas em favor da Terra Plana) são mobilizadas como mediadores com poder de evidenciação. A comum associação entre verdade e visão, que toma fotografias e vídeos como confiáveis por serem produzidos por maquinários automatizados que, em tese, reduziriam a agência humana (Bloch, 2008; Pinney, 2008), ganha lugar no tratamento terraplanista da imagem como comprovação das escrituras — que, numa situação como a exibição de gravuras de tendas por Priscila, chega até mesmo a transferir para o campo do visual a autonomização de uma “testagem” do texto bíblico, resolvendo imagetivamente quais modelos cosmológicos funcionam ou não. Preocupações com a possibilidade do *fake*, ou mesmo com a diretriz literalista contrária ao “alegórico”, são momentaneamente deixadas de lado — é o caso, respectivamente, da aceitação de que certas imagens da ciência são verdadeiras, na medida em que revelariam aquilo que terraplanistas buscam (nada menos que uma “foto real do domo”), e do mote bíblico para a alegação de que as cúpulas do teto da ONU guardariam metáforas das escrituras (exibindo então suas fotografias como provas de que a própria “literalidade” do texto bíblico se prestaria a uma poetização visual conspiratória, rastro dos acobertamentos de órgãos que representam um poder mundial maligno)<sup>181</sup>.

Assim, imagens são mobilizadas como uma forma de confirmação visual do dito e do escrito, mas o fazem também pela capacidade de levar ao olhar algo que não é alcançável apenas pela palavra. É pela ativação de sua “diferença icônica”, ou seja, daquilo que é próprio à imagem e que produz sentido para além das regras de predicação da linguagem (Boehm, 2017), que se alcança o efeito da comoção — esboçada na “foto real do domo” e nas manifestações visuais dessa estrutura exibidas por Katia, mas mais amplamente desenvolvida no vídeo de “contemplação” da “obra do Criador” de Gilberto. No caso deste último, sua construção como um “dispositivo de encantamento” (Morgan, 2018, p. 21) promove um tipo de experiência religiosa que, ao conferir “a capacidade de olhar para o domínio invisível à visão ordinária”, promove por meio da imagem uma “exuberante pictorialização do oculto” (Meyer, 2019c, p. 155; 2019, p. 234e). O olhar *devoto*, discutido no Capítulo 1, detectado por terraplanistas no que entendem como sendo a recepção “globaloide” de imagens de “ficção científica”, ganha corpo nos próprios terraplanistas diante de artefatos que, produzidos por seres humanos, retornam como se

---

<sup>181</sup> Ocorre aqui uma inversão semelhante àquela analisada por Meyer (2019c, p. 119) na recepção de certas imagens estáticas de Jesus entre pentecostais no sul de Gana, quando se tornam “ícones que presentificam não o que está representado, mas uma força obscura que por trás delas se esconde”.

não se reduzissem à sua capacidade de produzi-los, experimentados como instigadores de encanto e maravilhamento (Morgan, 2018; Meyer, 2019c). Tais vídeos passam a ser reconhecidos e validados pela sua audiência como a exibição emocionante do nexos entre Deus e Terra Plana, entre o “Criador” e sua “obra”, entre a cosmologia criacionista terraplanista baseada na interpretação literal da Bíblia e a criação de vídeos terraplanistas para divulgação no YouTube<sup>182</sup>.

Atravessando o espectro de operações de mediação visual da prática de literalismo bíblico materializadas nos vídeos terraplanistas, desenha-se uma simetria entre a ideologia literalista e a valorização da visão como sentido primordial de acesso à “verdade”. Um comentário de Katia, anteriormente citado, já indicava explicitamente essa relação: “Isso não é uma visão poética. A descrição bíblica relata o que podemos ver com os nossos sentidos”. Num de seus vídeos de apresentação da cosmologia bíblica, Alê também comentava sobre esse paralelismo: “se nós conseguimos observar que é o Sol que se move, [e] se a Bíblia, o Criador, fala [que] é o Sol que se move, por que continuar acreditando em um formato de Terra-bola e giratória?”. As díades *literal/alegórico* e *empírico/abstrato* sobrepõem-se, na medida em que os primeiros termos de cada uma, ao se basearem em premissas de “tomar as coisas tão como elas são”, fazem da visão a via fundamental de verificação da verdade. Nega-se aquilo que se interpõe entre sujeito e mundo — ainda que um experimento, tanto quanto a leitura literal da Bíblia, sejam por definição dependentes de mediadores materiais e discursivos —, e o que se tem diante de si é a certeza de se habitar a obra do Criador. No *empírico*, espera-se garantir que uma câmera Nikon P900 entregue à visão a linha plana distante no horizonte; no *literalismo*, espera-se que as palavras correspondam inequivocamente a elementos tangíveis do mundo, apresentados ao olhar pela experiência ou pelas imagens que os registram.

Leticia Cesarino (2021a) nota que, no fenômeno emergente da pós-verdade, a valorização dos “sentidos imediatos” e da “experiência pessoal”, calcada numa epistemologia centrada no indivíduo como aferidor da verdade, reflete uma tendência ao “literalismo” comparável à “ênfase na leitura direta da Bíblia pelos fiéis comuns na

---

<sup>182</sup> Evidentemente, há mais do que imagens nos vídeos terraplanistas: uma produção audiovisual como a contemplação da Terra Plana proporcionada por Gilberto, por exemplo, é composta por música, textualidade bíblica e um título que orienta o que será visto (isso sem nos remetermos a toda série de outros mediadores, menos ou mais visíveis, que viabilizam sua apreensão por espectadores); além disso, a busca pela remoção daquilo que seria abstrato reencontra, a todo momento, esses mesmos mediadores, invisíveis à empiria onde terraplanistas dizem operar.

Reforma Protestante”. Historicamente, essa associação não é estranha à própria prática de literalismo bíblico. Como apontam Coleman e Carlin (2004, p. 28, 29), o criacionismo protestante norte-americano do início do século XIX já relacionava a leitura das escrituras à apologia das percepções físicas do indivíduo em contato com o mundo natural, considerada como fonte importante de “evidências da existência e das ações de Deus”. A herança do empirismo baconiano, ainda anterior aos impactos do evolucionismo darwiniano da segunda metade do século sobre os esforços teológicos de conciliação das interpretações do livro do Gênesis aos conhecimentos científicos então estabelecidos, seria marcada no fim do século por uma mudança gradativa do privilégio dado às “conclusões do senso comum a partir da observação direta” para as “construções teóricas e hipotéticas da realidade” (Coleman e Carlin, 2004, p. 28, 29).

Contemporaneamente, como argumenta Cesarino (2021a, p. 79), o processo de “reorganização cognitiva” que enfatiza epistemes calcadas na experiência sensorial e intuitiva individual acontece em contraposição e contestação aos sistemas de peritos consolidados ao longo do século XX, numa crise de legitimidade sobre “a ciência, a imprensa profissional e as instituições do estado democrático de direito”. Como vimos, ao menos do caso do terraplanismo, essa lista pode ser ampliada para abarcar o monopólio da palavra divina percebido na institucionalidade do “sistema religioso”. O literalismo, enquanto modo de interpretação da Bíblia que encontra precedentes em práticas religiosas extraterraplanismo, é também uma lógica de valorização daquilo que terraplanistas dizem confirmar sensorialmente, na contramão da aceitação hegemônica da esfericidade terrestre pelo “sistema religioso”. Tanto quanto conferir à Bíblia autoridade sobre a descrição da natureza, trocar o “alegórico” pelo “literal” corresponde a deslocar a validação da “verdade” das escrituras da concordância com doutrinas largamente aceitas em instituições religiosas para a experiência sensorial — que, por exemplo, confirma a existência do domo pela visualidade de sua alegada “foto real”.

Imagens como essas, que sob o pretexto da defesa de uma cosmologia bíblica terraplanista oferecem “evidências” ao olhar, podem assumir a ambígua posição de “mediações (i)mediatas”, ou seja, mídias tomadas como se fossem transparentes e garantissem o acesso “direto” ao mundo (Cesarino, 2021a, Mitchell, 2015). Nas falas de Alê e Kátia, elas mesmas enunciadas por meio de suas criações audiovisuais para o YouTube, a defesa da sensorialidade como aferidora da verdade toma como referente tanto aquilo que pode ser visto em primeira pessoa — o exemplo, a “movimentação” do

Sol no céu — como aquilo que se apresenta aos seus sentidos diante de vídeos terraplanistas. Nas Considerações Finais, retorno a exemplos de experiências sensoriais terraplanistas que não se dão diante de uma tela. Agora, o foco recai na recusa ao “alegórico”, “poético” ou “abstrato” que reconhece em vídeos meios legítimos de contato com uma “verdade” submetida ao crivo do “literal” e do “empírico”.

Vídeos terraplanistas que revelam uma cosmologia bíblica por meio da articulação entre texto bíblico e imagem (ou entre o texto e o recurso audiovisual, de modo mais amplo) são a materialização sintética de um trabalho que também se desenrola fora dos limites da produção de vídeos para o YouTube. Em grupos e espaços de comentários, muitos terraplanistas relatam a conjugação de suas próprias leituras da Bíblia, já informada pelo viés terraplanista, com a visualização de imagens inseridas nos vídeos sobre cosmologia bíblica. Ou seja, a experiência individual de circular entre leituras da Bíblia, vídeos (ou práticas) de experimentos, observações e reflexões pessoais é acelerada e comprimida nos vídeos de cosmologia bíblica. Mas mais do que um catalizador de passagens entre texto e imagem, os vídeos cumprem também uma função didática, que mostra aos seus espectadores que essas passagens são possíveis. Por fim, esses vídeos tornam-se peças de convencimento ou de reiteração e reforço da convicção no modelo terraplanista.



## 5 TERRAPLANISMO COMO FENÔMENO DE PLATAFORMA

Neste capítulo e no seguinte, nos afastamos temporariamente das “maneiras de fazer mundo” (Goodman, 2013) acessadas na produção audiovisual terraplanista para focar algumas das condições que tornaram o próprio fenômeno do terraplanismo contemporâneo possível. No Capítulo 6, discutiremos como terraplanistas lidaram com a tarefa de constituir públicos que extrapolassem as fronteiras desse ecossistema digital, encampada no processo de organização da FlatCon ao longo de 2019. Mas os limites desse ecossistema só foram devidamente testados após anos de gestação e expansão do terraplanismo como um público antiestrutural assentado em plataformas digitais. É esse o mote do presente capítulo. Aqui, o YouTube assume posição central, descrito a partir dos modos como alguns componentes da plataforma estiveram articulados (algoritmos, interface, modelo de negócios, acordos de usuários etc.) e de manifestações públicas da própria empresa (em seu blog oficial e site, mas também em falas à imprensa) nos anos em que o terraplanismo emergiu. A relação entre YouTube e Terra Plana é acessada aqui por três ângulos. O primeiro tópico é um comentário sobre a infraestrutura técnica na qual se apoia a experiência, frequentemente relatada, de descoberta do terraplanismo a partir da inesperada recomendação desse tipo de conteúdo no YouTube. O segundo tópico, mais longo, está centrado na descrição da instalação de controvérsias públicas que situaram o YouTube (e outras plataformas) no centro do problema da desinformação e radicalização em meios digitais, resultando mais adiante em decisões sobre a modificação (ou não) de seus algoritmos de recomendação de conteúdo e de seu documento com diretrizes aos usuários, com impactos diretos sobre a produção audiovisual terraplanista.

Dada a brevidade da história recente do terraplanismo, optei por seguir nesse segundo tópico uma descrição cronológica, que mostrasse a emergência do terraplanismo como um objeto de atenção pública lado a lado com o paulatino enquadramento do YouTube como protagonista do impulsionamento de vídeos terraplanistas e afins. Para isso, cobrindo um período que vai de 2016 a 2019 (mas com alguns dados que chegam até 2022), baseio-me em reportagens de veículos de comunicação norte-americanos e britânicos, em textos divulgados pelo YouTube em seus meios oficiais (com inserções pontuais de falas de seus representantes divulgadas pela imprensa estrangeira) e nas manifestações públicas de Guillaume Chaslot, ex-funcionário do YouTube e

*whistleblower*<sup>183</sup> que teve papel fundamental no enquadramento do terraplanismo como um problema inerentemente vinculado à arquitetura algorítmica da plataforma. No terceiro e último tópico, trago alguns apontamentos sobre a constituição da figura do influenciador terraplanista a partir da configuração do modelo de negócios no qual se baseia o YouTube, levantando questões sobre como esses youtubers buscaram se adaptar ao funcionamento da plataforma para melhor aproveitarem as possibilidades de impulsionamento algorítmico.

É importante ressaltar que há outras perspectivas sobre a relação entre os algoritmos do YouTube e processos de radicalização, seja separando e desvinculando um problema social de uma causalidade técnica — por exemplo, em Lewis (2018) —, seja indo pelo caminho diametralmente oposto ao se afirmar que tal vínculo não existe e que o YouTube favorece a recomendação de conteúdo de fontes autorizadas — caso de Ledwich e Zaitsev (2019). Não tenho aqui a pretensão de (e menos ainda condição e habilidade técnica para) avaliar o grau de influência direta dos algoritmos de recomendação do YouTube na radicalização de seus usuários. No entanto, foi a formulação do problema nos termos da existência desse vínculo — entendido aqui como um viés não intencional, mas com fortes efeitos estruturais (Cesarino, 2022) — que pressionou o YouTube a dar respostas e realizar modificações que, se não endossavam tais argumentos, no mínimo reconheciam pragmaticamente a existência desses efeitos.

### **A exposição às recomendações do YouTube**

Em sua palestra na FlatCon 2019, Anderson narrava brevemente como se deu seu encontro com o terraplanismo:

O primeiro contato que eu tive com a Terra Plana foi em 2013, particularmente quando apareceu no meu *feed* do YouTube alguns vídeos de balões (...) em alta altitude. Obviamente, num primeiro momento nos causa bastante estranheza. “Poxa, Terra Plana?” (...) Mas, por curiosidade, eu assisti esse vídeo (...) Demorou um pouco, ou pelo menos alguns dias, pra que eu voltasse ao assunto. Ficou uma curiosidade grande que me fez assistir alguns vídeos.

---

<sup>183</sup> A figura do *whistleblower*, denunciante que revela segredos de uma instituição da qual fez parte, tornou-se comum no campo das *big tech*. O documentário “O Dilema das Redes” [*The Social Dilemma*; dir: Jeff Orlowski, 2020], com grande repercussão ao ser distribuído pela plataforma Netflix, reunia vários desses personagens (dentre eles, Chaslot), oriundos de empresas como Google, Facebook e Twitter. O filme é mais um resultado de uma mudança de percepção sobre o funcionamento de plataformas digitais que busco, em parte, reconstruir no segundo tópico deste capítulo.

Na busca por mais vídeos sobre o assunto, as produções de Eric Dubay chamaram sua atenção e o tornaram um espectador de seu canal, de modo semelhante a muitos outros terraplanistas que foram introduzidos na temática antes que as traduções e produções originais brasileiras começassem a ser publicadas<sup>184</sup>. A história do primeiro contato de Leandro, do *Inteligência Natural*, guarda algumas semelhanças com a de Anderson, mas explicita também a mudança de rota da “ciência oficial” à “ciência de verdade”. Ele conta<sup>185</sup>:

Eu cursei Ciências Biológicas, tá? Então por isso eu acompanhava o [youtuber e divulgador de ciência] Pirula. O Pirula é biólogo, doutor, se eu não me engano. (...) Até que um dia ele fez um vídeo com um título assim: “Terra Plana e o filtro para teorias da conspiração”. E aquilo me chamou atenção. E quando eu comecei a assistir esse vídeo do Pirula, eu vi que ele tava dizendo ali que a ideia da Terra Plana era absurda (...) Moral da história: por causa desse vídeo do Pirula, eu cheguei na Terra Plana, porque quando eu terminei de assistir o vídeo dele, o vídeo dele sugeriu vídeos de canais terraplanistas.

A sugestão não partiu de Pirula, que não cita o nome de youtubers e canais terraplanistas em seu vídeo<sup>186</sup>. Leandro se refere aí às recomendações geradas pelo próprio YouTube, dentro da janela de um vídeo que terminou de ser assistido. A partir daí, Leandro imergiu num *rabbit hole* com uma sequência de vídeos costurada pela própria plataforma:

Por exemplo, o vídeo dele sugeriu o canal do Gideão (...) Aí eu tive os meus primeiros contatos com o canal do Gideão. Do vídeo do Gideão, sugeriu o Marthins, o *Sem Hipocrisia*, que sugeriu o Bruno, *Mistérios do Mundo*, que sugeriu o *Rede Plana*, que é o Enzo, né (...) E por aí foi. Então a tentativa de ridicularizar e de atacar a Terra Plana é um tiro que sempre sai pela culatra. Não adianta. (...) Eu acho que a forma mais eficaz de se combater a Terra Plana seria ninguém falar sobre ela. Mas os caras não conseguem compreender o efeito reverso que eles estão causando quando eles citam a palavra Terra Plana. Aí não importa se tá falando mal, não importa se tá debochando, não importa se o cara está sendo imparcial.

No caso do goiano Max, pastor do Ministério Luz para os Povos em Portugal<sup>187</sup> que criaria em abril de 2019 o canal *Escatologia e Ciência de Verdade*, o contato inicial

<sup>184</sup> Encontrei poucos indícios de que Dubay produzisse conteúdo sobre terraplanismo no YouTube em 2013 — o levantamento de Paolilo (2018), a cronologia elaborada pelo terraplanista Paul Michael Bales (<https://youtu.be/9q0egAwqLsk>) e o blog do próprio Dubay (<http://www.atlanteanconspiracy.com/2014/11/the-flat-earth-conspiracy.html>) levam a crer que isso aconteceu apenas no fim de 2014. Os anos de “despertar” mais citados pelos primeiros terraplanistas brasileiros são 2014 e 2015. Se Anderson não se confundiu ao falar de 2013, é possível que tenham se passado bem mais do que “alguns dias” entre os vídeos de balões e o contato com o canal de Dubay.

<sup>185</sup> Em vídeo de 15/11/2017 publicado no canal *Inteligência Natural*. Disponível em: <https://youtu.be/ZI7ujLprZFM>. Acesso em: 21/05/2023.

<sup>186</sup> Disponível em: <https://youtu.be/yzY7swaTwmA>. Acesso em: 21/05/2023.

<sup>187</sup> A igreja foi criada nos anos 1980, em Goiânia. Constam no site da igreja 143 “células” no Brasil (mais da metade em Goiás) e mais 7 em outros países.

com a temática aconteceu pela linha religiosa. Ele relembra<sup>188</sup> esse momento, contando que sua intenção original era buscar no YouTube vídeos com interpretações de matriz cristã sobre o fim dos tempos:

Eu tive contato mesmo de fato com a Terra Plana (...) [no] final de 2018, ali pra começo de 2019. Na realidade, eu tava fazendo pesquisa ali sobre outras coisas, sobre escatologia. E me deparei (...) com o canal do... O primeiro canal que eu vi foi o do [terraplanista] Rômulo Maraschin. (...) Só que [no] meu primeiro contato com aquilo eu falei assim: “Esse cara é louco. Esse cara é maluco. Esse cara não bate bem da cabeça, não”. Ridicularizar, né, é o que eu acho que muita gente faz. Só que depois eu assisti um... Eu fui assistir um segundo vídeo, que o YouTube acaba indicando, né? Aí eu vi outro vídeo. [Falei:] “Mas tem mais gente falando disso?” Aí eu fui ver o canal do Márcio, do *Além da Nuvem*. Foi o segundo vídeo que eu vi. E depois eu caí no seu canal [*Mistérios do Mundo*, de Bruno] e no canal [*Inteligência Natural*] do Leandro. Seu canal ainda tava bem menor naquela altura, mas já tava sendo indicado, e aí eu falei assim: “Cara, mas esse tanto de gente falando nesse assunto, eu tenho que no mínimo pesquisar”.

Em meio a todos esses relatos, o YouTube surge como denominador comum. Ele é não apenas um ambiente privilegiado de consumo e divulgação de vídeos favoráveis à Terra Plana, mas um ator que agiu decisivamente ao apresentar a esses usuários uma categoria nova, que atçou e capturou sua atenção, em maior ou menor continuidade em relação às suas buscas e interesses anteriores — ainda que, definitivamente, causando um choque sedutor em suas expectativas, até então alheias à própria existência dessas ideias. O instante em que se atribui à plataforma uma ação é identificado e elaborado com ar de trivialidade: um vídeo “apareceu no meu *feed* no YouTube” (mas o foco da história recai na interação com um conteúdo que gera estranheza, afastamento, curiosidade, retorno e interesse crescente); “me deparei” com um canal com conteúdo que apenas tangenciava o que originalmente buscava e depois “fui assistir um segundo vídeo, que o YouTube acaba indicando, né?” (mas a ênfase do relato está na passagem da impressão inicial de que o tema era sinônimo de loucura à concessão de que poderia guardar alguma validade, dada sua aparente popularidade). Na naturalidade dada a esse momento tão fugidivo, uma agência externa que recomenda vídeos alheios àquilo que se estava diretamente buscando no YouTube é reconhecida na mesma medida em que a operação que a torna possível é invisibilizada, tomada quase como um acaso. O resultado é um curioso contraste: Anderson, Leandro e Max (e muitos outros terraplanistas com quem tive contato direto ou indireto no decorrer da pesquisa) mencionam de modo muito sucinto um mesmo instante primeiro em que um tema até então fora de seus horizontes de possibilidades se

---

<sup>188</sup> Em *hangout* de 01/07/2021 no canal *Akira Dunada*. Disponível em: <https://youtu.be/9BWHu83x5cw>. Acesso em: 22/03/2023.

apresentou como uma opção e deu início a uma transformação avassaladora em suas formas de conceber o mundo e de posicionar os humanos em relação ao universo.

Diferentemente dos encontros pragmáticos descritos por Mauro Almeida (2013), antecipáveis por pressupostos ontológicos — ou seja, pelo conhecimento da preexistência dos entes antes de seu encontro fenomênico —, o contato inicial com o terraplanismo era precedido pela incapacidade de prever tanto os entes que compõem o modelo como o nível da imersão num *rabbit hole* que se seguiria a partir dali (e o invariável espanto com as proposições terraplanistas apenas atesta isso). O caso terraplanista dramatiza um tipo de experiência comum no uso de plataformas digitais. Uma “exposição incidental” (Lee e Xenos, 2022) ocorre sempre que um usuário se depara com algum tipo de conteúdo não previsto, convergente ou não com seus interesses anteriores, mas que é resultado de escolhas algorítmicas de distribuição de conteúdo, e que pode, inclusive, produzir efeito na “participação” (política, no caso analisado pelos autores) no tópico em questão. Muitas vezes, os critérios para que um usuário veja um conteúdo incidental no seu *feed* escapam ao seu entendimento, oferecendo a ele uma seleção de vídeos inferida com modelos estatísticos a partir de categorias populacionais produzidas na reunião e processamento de quantidades massivas de dados (Cheney-Lippold, 2011).

A recomendação de vídeos em defesa da Terra Plana para alguém que nunca ouviu falar desse assunto, claro, não é um mistério técnico absoluto. Num caso como o de Max, por exemplo, mesmo sem sabermos mais informações sobre a forma como usava o YouTube, é possível supor que a procura direta pelo tema da escatologia (tópico diretamente abordado em muitos canais terraplanistas, com *Ciência de Verdade* ou *Canal do Evangelista Flávio*) teria sido o suficiente para que o sistema de recomendação da plataforma reconhecesse o terraplanismo como tema relacionado. Um exemplo mais comum, analisado em Olshansky (2018), Landrum, Olshansky e Richards (2019) e Olshansky, Peaslee e Landrum (2020), são os recorrentes casos de “conversão” ao terraplanismo precedidos pelo interesse e pelo consumo de vídeos sobre outros tipos de teorias da conspiração (por exemplo, relativas às viagens à Lua ou ao atentado de 11 de setembro) — uma inclinação prévia com frequência relatada também em grupos e vídeos de terraplanistas brasileiros. No entanto, como é possível notar, estou aqui me baseando em dados poucos sólidos de uso da plataforma (não disponho, por exemplo, de histórico de busca e exibição de vídeos dessas pessoas), de modo que minhas tentativas de imaginar

os critérios algorítmicos para a recorrência de “exposições incidentais” ao conteúdo terraplanista seriam apenas especulações.

Plataformas como o YouTube possuem “arquiteturas privadas” e “opacas” (D’Andréa, 2020)<sup>189</sup>, operando com algoritmos de “seleção das informações consideradas de maior relevância para nós” que são pouco transparentes, a despeito de sua “relevância pública” como controladores dos “fluxos de informação dos quais dependemos” (Gillespie, 2018, p. 97) e de sua utilização “como tomadores de decisões subjetivas” (Tufekci, 2015, p. 206)<sup>190</sup>. No sistema de recomendações de vídeos do YouTube reside um de seus principais empregos de algoritmos (Arthurs, Drakopoulou e Gandini, 2018), que atuam sobre gigantescas estruturas de dados de vídeos e dos usuários. Em 2012, uma mudança importante nos algoritmos de recomendação do YouTube era anunciada<sup>191</sup>: em seu comprometimento em disputar frontalmente a hegemonia da televisão (nas palavras de Eric Meyerson, chefe de conteúdo da empresa, a meta era que “o YouTube se tornasse a mídia mais importante na vida das pessoas”), os critérios de recomendação passariam a se voltar não mais a cliques, mas ao tempo efetivamente gasto assistindo um vídeo, privilegiando o conteúdo que “mantivesse os espectadores engajados”.

Com seus algoritmos em constante atualização, demandas por transparência da empresa, exigindo dados mais concretos sobre os critérios utilizados nas recomendações, já resultaram em notas públicas com algumas informações básicas sobre seu funcionamento<sup>192</sup>. Segundo texto de 2021 de seu blog oficial, ele se baseia na captura e no processamento automáticos de “sinais”, traduções em dados de todos os cliques,

---

<sup>189</sup> Para Jenna Burrell (2016), os algoritmos de uma plataforma possuem pelo menos três formas de opacidade: as *big tech* (inclusa aí a Alphabet/Google, dona do YouTube) costumam tratá-los como segredo de mercado, dificultando o estabelecimento de mecanismos de transparência; sua compreensão e mesmo sua auditoria exigem um alto nível de conhecimento técnico; em alguns casos, a própria escala dos dados sobre os quais atuam é um fator que complexifica sua inteligibilidade.

<sup>190</sup> Nos termos da Ciência da Computação — e, aqui, nas palavras de Paul Dourish (2016, p. 3) —, um algoritmo é “uma descrição abstrata e formalizada de um procedimento computacional”, podendo assumir tipos, propriedades e fins diversos, em versões das mais simples às mais complexas (por exemplo, um algoritmo que organiza uma lista de nomes em ordem alfabética ou um algoritmo que se baseia em dados meteorológicos para calcular a probabilidade de chuva numa região). Nesta tese, estou me referindo apenas àqueles que Tarleton Gillespie (2018) nomeia como “algoritmos de relevância pública”, utilizados por grandes plataformas digitais na seleção, ranqueamento e distribuição de dados *de e para* usuários (e empresas), com impactos na qualidade da circulação de informação.

<sup>191</sup> “YouTube Now: Why We Focus on Watch Time”, de 10/08/2012. Disponível em: <https://blog.youtube/news-and-events/youtube-now-why-we-focus-on-watch-time/>. Acesso em: 12/05/2022.

<sup>192</sup> As informações constam em texto intitulado “On YouTube’s recommendation system”, publicado em 15/09/2021 no blog oficial da empresa. Disponível em: <https://blog.youtube/inside-youtube/on-youtubes-recommendation-system/>. Acesso em: 03/04/2022.

compartilhamentos, *likes* e *dislikes*, e, principalmente, de todo o tempo dispendido por cada um de seus bilhões de usuários em cada vídeo disponibilizado na plataforma. Na escala do *big data*, e não numa personalização estritamente individual (Pettman, 2016), a compilação e o cruzamentos de dados demográficos (por exemplo, baseada em região geográfica, gênero, idade e outros critérios) aproxima usuários em padrões de consumo que transformam milhões de possibilidades de vídeos em apenas algumas centenas de opções oferecidas (e modificadas) a cada acesso do usuário à plataforma, afinadas por um ranqueamento que maximiza o interesse do usuário em permanecer na plataforma assistindo novos vídeos (Covington, Adams e Sargin, 2016)<sup>193</sup>. O sistema de recomendação é, por isso, uma “tecnologia persuasiva”, menos interessada em prever os interesses de um usuário, e muito mais em capturar e sustentar sua *atenção* (Seaver, 2018).

Segundo Neal Mohan, chefe de produto do YouTube, as recomendações eram, por volta de 2018, responsáveis por 70% do tempo gasto pelos usuários na plataforma<sup>194</sup>. O resultado dessa curadoria algorítmica é encontrado na página inicial do site/aplicativo<sup>195</sup> (aquilo a que Anderson se refere como “*feed*”), na coluna (lateral no site, inferior no aplicativo) de vídeos exibida enquanto um vídeo é assistido e na própria janela do vídeo quando sua exibição é concluída (caso a função *autoplay* esteja ativada, a plataforma

---

<sup>193</sup> As “técnicas estatísticas de *machine learning*” (Dourish, 2016) que fundamentam essas operações são valorizadas por executarem ações que excedem capacidades humanas, a princípio resolvendo “problemas para os quais a codificação de uma lógica explícita de tomada de decisão [humana] funcionaria muito insuficientemente” (Burrell, 2016, p. 5, 6), apoiadas ideologicamente numa “promessa de objetividade algorítmica” (Gillespie, 2018). A partir de estruturas de dados (no caso do YouTube, informações dos usuários e dos próprios vídeos), algoritmos são capazes, basicamente, de produzir “generalizações baseadas em correlações entre variáveis” (Mosco, 2014, p. 180). Em outras palavras, eles atuam reconhecendo automaticamente (não sem terem sido previamente treinados por humanos), padrões e generalizações estatísticas com alguma eficácia na entrega de resultados considerados potencialmente “adequados” aos interesses e comportamento dos usuários (Gorwa, Binns e Katzenbach, 2020; Mosco, 2014; Burrell, 2016; Gillespie, 2018). Apesar do discurso da personalização individual — palavras do site oficial do YouTube: “Utilizamos as informações que coletamos para personalizar nossos serviços para *você*”, “fornecendo recomendações, personalizando os resultados da pesquisa e exibindo anúncios relevantes para *você* [grifo meu]” ([https://www.youtube.com/intl/ALL\\_br/howyoutubeworks/our-commitments/protecting-user-data/](https://www.youtube.com/intl/ALL_br/howyoutubeworks/our-commitments/protecting-user-data/)) —, seus algoritmos não produzem “previsões exaustivas”, mas sim “aproximações suficientes” (Gillespie, 2018, p. 102), sendo esse o “modo de individuação” ou de “identidade algorítmica” das plataformas, fundado num valor relacional (Chenney-Lippold, 2011; Lury e Day, 2019).

<sup>194</sup> Texto publicado em 10/01/2018 no blog oficial da empresa com o título “YouTube's AI is the puppet master over most of what you watch”. Disponível em: <https://www.cnet.com/tech/services-and-software/youtube-ces-2018-neal-mohan/>. Acesso em: 12/05/2022.

<sup>195</sup> Na própria página inicial do YouTube, subseções clicáveis reelaboram as recomendações de acordo com palavras-chave disponibilizadas pela própria plataforma (algumas são categorias genéricas, como “Música”, “Ao vivo” ou “Notícias”, e outras são categorias temáticas específicas baseadas no histórico de visualização de um usuário). Soma-se a isso outras abas, como *Subscriptions* (com novos vídeos dos canais nos quais o usuário está inscrito) e, hoje, *Shorts* (com novo formato de vídeo vertical de curta duração, popularizado mais recentemente por outras plataformas, como TikTok e Kwai).

reproduzirá automaticamente o primeiro da coluna de vídeos anteriormente mencionada) — além, claro, do algoritmo responsável por filtrar e ranquear uma infindável lista de vídeos como resultado de cada termo ativamente procurado pelo usuário na ferramenta de busca da plataforma. Algoritmos de recomendação de vídeos estão em operação por toda a interface do YouTube, funcionando, portanto, como uma infraestrutura pervasiva (Seaver, 2018). Numa escala individual, eles acompanham, capturam, modificam e respondem à experiência de acesso de um usuário à plataforma; em escala populacional, eles formam audiências e estruturam públicos (Gillespie, 2018).

Assim, até certo ponto, a efemeridade do encontro de Anderson, Leandro ou Max com vídeos daquela temática que até então desconheciam era similar a outros encontros efêmeros naturalizados no uso corriqueiro da plataforma, quando se está exposto ao resultado de operações rotinizadas e invisíveis que ocorrem num nível infraestrutural (Bowker e Star, 1999). A simultaneidade de encontros fugazes de muitos outros usuários com vídeos terraplanistas, mesmo desconhecendo a possibilidade de se duvidar do formato esférico da Terra, era uma primeira via de acesso à temática, que depois ganharia no Brasil outros meios de circulação (com formação de grupos, aparição na “grande mídia” e produção de um corpo ainda mais extenso de objetos digitais submetidos às dinâmicas de circulação de conteúdo na plataforma). Contudo, essa descrição não diz o suficiente sobre o fenômeno do terraplanismo na plataforma. Controvérsias em torno do quão regular era essa “simultaneidade” de encontros com vídeos que disseminavam desinformação (sendo o terraplanismo apenas uma de suas modalidades) colocaram plataformas como YouTube no centro de debates públicos sobre o decisivo papel desse tipo de ambiente digital na emergência do fenômeno da pós-verdade.

### **O lugar do YouTube na consolidação, expansão e retração do terraplanismo**

De modo geral, a *moderação de conteúdo* nas novas mídias digitais — ou seja, a demarcação de limites para a circulação de determinados tipos de informação num site ou plataforma — é uma tarefa continuamente realizada e normalmente estabilizada em conjuntos de regras pré-fixadas. Essas regras, no entanto, frequentemente tornam-se alvo de contestação, seja por excessos na sua aplicação, seja por suas insuficiências, que incitam controvérsias acerca de algum tema candente ainda não regulado (Roberts, 2019; Gillespie, 2018). A logística disso é muito diferente do que se via nas mídias de massa



pré-digitais, na forma da “linha editorial”: segundo Sarah Roberts (2019, 2020), a moderação de plataformas com “conteúdo gerado por usuário” [*user-generated content*] acontece em escala *global*, pois essas empresas de tecnologia têm penetração transnacional, e *industrial*, porque utiliza-se de trabalho em parte humano, em parte automatizado sobre quantidades massivas de dados continuamente enviados por usuários. Como aponta Gillespie (2018, p. 72), há muitas convergências entre as políticas de uso de diferentes plataformas digitais sobre tópicos a serem moderados (alguns são preocupações tradicionais da cultura ocidental, como sexo e violência explícita, e outros surgem em resposta a temores contemporâneos, como o terrorismo), mas elas não são resultado de algum tipo de legislação externa, e sim de espécies de “*frameworks* de permissividade e obrigação”, estabelecidos pelas próprias companhias, gradualmente inscritos como “normais industriais”.

Essas empresas — e aqui já podemos nos referir mais especificamente às *big techs* do Vale do Silício, poderoso polo tecnológico ao norte da Califórnia, nos Estados Unidos, onde estão situadas a Alphabet/Google e o YouTube — operam num quadro de ausência de leis reguladoras, concentrando um desproporcional poder de decisão sobre a permissão ou sustação dos conteúdos que disponibilizam (Suzor, 2019). Segundo Gillespie (2018), a Seção 230 da lei de telecomunicações dos Estados Unidos, instituída em 1996, contém um instrumento legal (um *safe harbor*) que ao mesmo tempo isenta os “provedores de serviços online” de qualquer responsabilidade sobre o conteúdo que usuários publicam em suas páginas (em nome da “liberdade de expressão”, supostamente) e permite que aqueles provedores que decidam exercer algum tipo de moderação sobre esse conteúdo o façam segundo seus próprios critérios, sem a necessidade de seguir normas específicas. Em outras palavras, os provedores de internet (por extensão, as plataformas digitais, inexistentes à época da elaboração da lei) são tratados como meros distribuidores [*distributors*] de conteúdo, e não como editores [*publishers*] — nesta segunda categoria estariam, por exemplo, canais de televisão ou jornais (Gillespie, 2018). Como aponta Gillespie (2018, p. 32), a Seção 230 privilegia “os direitos dos provedores em detrimento do interesse público” e desconsidera todo o processo de seleção, hierarquização e recomendação de conteúdo, que faz dessas plataformas muito mais do que meras intermediárias; por isso, a lei é enfrentada dentro e fora dos Estados Unidos com demandas crescentes de reformulação, mas permanece vigente.

Na segunda metade da década de 2010, especialmente após a eleição presidencial norte-americana de 2016, que levou a extrema-direita de Donald Trump ao poder, essas demandas se fortaleceram. Escândalos envolvendo manipulação de votos a partir da captura de dados de eleitores em plataformas digitais naquele pleito (e no referendo do Brexit, no Reino Unido) colocavam, mais do que em momentos anteriores, empresas como Facebook, Google e Twitter (mas ainda não o YouTube) sob os holofotes de veículos de imprensa, governos, entidades civis e a academia (Kaye, 2019; Suzor, 2019). Um novo problema público<sup>196</sup> (Cefaï, 2017) era formulado, enquanto termos como *fake news* e *pós-verdade* tornavam-se parte do vocabulário cotidiano, sintetizando preocupações quanto à disseminação de informação falsa e de baixa qualidade num novo ambiente informacional, específico em termos de escala, velocidade, motivações, técnica e distribuição<sup>197</sup> (Ireton e Posetti, 2018; Leal, 2020; Molina *et al.*, 2021). *Teorias da conspiração* eram outra variação de conteúdo no centro desses debates, especialmente após o amplamente noticiado caso do Pizzagate, quando um apoiador de Trump, alimentado por argumentos conspiratórios que imaginavam vínculos entre uma suposta rede internacional de pedofilia e uma pizzeria em Washington, deslocou-se dos fóruns, páginas e canais de extrema-direita para a “vida real”, entrando no restaurante armado e atirando<sup>198</sup>.

Em campos como o Jornalismo e os Estudos de Mídia, esforços para organizar uma tipologia que desse conta da diversidade de casos no cenário de “desordem informacional” catalisado pelos últimos eventos políticos produziram categorias de uso analítico e prático, aplicadas, por exemplo, na elaboração de guias para divulgação de notícias ou checagem de fatos por veículos de mídia tradicionais (Wardle, 2017; Wardle e Derakhshan, 2017; Ireton e Posetti, 2018; Molina *et al.*, 2021). Esse era o caso, por exemplo, da consolidação de uma distinção mais ampla entre *misinformation* (“informação incorreta”, repassada sem a intenção de desinformar, porque se acredita que seja verdadeira) e *disinformation* (“desinformação”, informação que se sabe que é falsa e que é deliberadamente disseminada, com a intenção de desinformar) — ainda que, em

---

<sup>196</sup> Na definição de Cefaï (2017, p. 192), “uma rede de números, categorias, tipos, relatos e argumentos disponíveis que permitem apreender um estado de coisas como um problema identificável e reconhecível”.

<sup>197</sup> Um indicador disso é uma pesquisa do Pew Research Center realizada em dezembro de 2016: segundo ela, 64% dos norte-americanos acreditavam que *fake news* geravam confusão sobre fatos relacionados a eventos recentes e 42% atribuíam a responsabilidade disso às plataformas digitais.

<sup>198</sup> “In Washington Pizzeria Attack, Fake News Brought Real Guns”, de 05/12/2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/12/05/business/media/comet-ping-pong-pizza-shooting-fake-news-consequences.html>. Acesso em: 17/05/2022.

muitos casos, os termos sejam usados de forma intercambiável<sup>199</sup> (Wardle, 2017; Ireton e Posetti, 2018). No conjunto de categorias sugerido por Claire Wardle (2017, sem página), muito citado desde então, eram listados “sete tipos distintos de conteúdo problemático encontrados no nosso ecossistema de informação”, distribuídos num espectro de uma menor a uma maior intenção em desinformar<sup>200</sup>. Como mostra Molina *et al.* (2021), algumas propostas de categorização também incluíam na noção de “informação falsa” as subcategorias de “propaganda” ou conteúdo “polarizador” e “sensacionalista”, enquanto outras questionavam o lugar de “teorias da conspiração” e “rumores”, ou mesmo recombinaavam e redefiniam cada um desses termos.

Elaborações desse tipo são apenas um breve indicativo do trabalho de produzir e afinar termos que fossem adequados às novas demandas práticas e reflexivas numa “guerra de informação” não apenas em curso em grupos, páginas e canais operando com pouca ou nenhuma restrição em plataformas digitais — e efetivamente se beneficiando de vieses técnicos desses ambientes —, mas também inflamada pela movimentação política de grupos que, àquela altura, nos Estados Unidos, haviam alcançado o domínio da máquina estatal (Molina *et al.*, 2021; Wardle, 2016; Cesarino, 2022; Miguel, 2022). Durante a década de 2010, documentos como os Termos de Serviço ou Diretrizes da Comunidade do YouTube<sup>201</sup> passaram ao largo dessas categorizações. Foi só em 20 de maio de 2020, dois meses após o início da pandemia, que a empresa inseriu a desinformação como uma das proibições expressamente descritas nas suas Diretrizes de Comunidade.

O subtópico “Política contra desinformações médicas relacionadas à COVID-19” [*COVID-19 Medical Misinformation Policy*], acrescido à já existente categoria de

---

<sup>199</sup> Segundo Karlova e Fisher (2013), ambas as palavras já constavam no dicionário de Oxford, mas para *misinformation* não havia especificação do elemento da intencionalidade. Os autores identificavam até 2013 uma baixa e pouco aprofundada produção acadêmica em torno da categoria de *misinformation* (um pouco maior em relação a *disinformation*, especialmente no contexto da Guerra Fria). De todo modo, elas não estavam vinculadas ao problema da informação em novas mídias digitais. Neste capítulo, uso *desinformação* em sentido genérico, remetendo simplesmente a esse cenário mais amplo de problemas.

<sup>200</sup> Eram eles: *Sátira ou paródia*, *Conexão falsa*, *Conteúdo enganoso [misleading content]*, *Contexto falso*, *Conteúdo impostor*, *Conteúdo manipulado* e *Conteúdo fabricado* (Wardle, 2017).

<sup>201</sup> Assim como noutras plataformas, esses dois documentos descrevem as regras de uso, mas possuem funções distintas (Gillespie, 2018): segundo (Suzor, 2019, p. 10, 11), os Termos de Serviço têm caráter legal e funcionam como um documento contratual que traça os termos de uma relação de consumo, com a função de “proteger os interesses legais da companhia”; já as Diretrizes da Comunidade, como resume Gillespie (2018, p. 46), não são escritas em linguagem jurídica, mas apresentam “as expectativas da plataforma sobre o que é apropriado e o que não é. Também anuncia[m] os princípios da plataforma e lista[m] as proibições, com graus variados de explicação e justificação”.

“Conteúdo violento ou perigoso”, previa remoção de vídeos que contivessem, por exemplo, “alegações de que pessoas não morreram de COVID-19”, de que a doença “é causada pela radiação de antenas de 5G” ou de que “medidas de distanciamento social ou isolamento” não são eficazes ou necessárias<sup>202</sup>. Uma classificação própria que fosse além de questões relacionadas à doença seria criada pelo YouTube apenas em julho de 2021, a partir da categoria “Desinformação” [*Misinformation*], abarcando a subcategoria anterior sobre a COVID-19, as “Políticas contra desinformação” e as “Políticas contra desinformação em eleições” (em novembro de 2021, acrescida de uma quarta, a “Política contra desinformação sobre vacinas”)<sup>203</sup>. Até essa mudança finalmente ganhar forma, a empresa foi duramente criticada pela imprensa por negligenciar e mesmo impulsionar a circulação de informações nocivas em sua plataforma<sup>204</sup>.

O caso do terraplanismo não estava (e continua não estando) previsto em nenhuma das políticas contra desinformação das Diretrizes da Comunidade do YouTube. Numa determinada fase dessas controvérsias, no entanto, ele foi posicionado no centro dos debates sobre o problema de desinformação na plataforma, posteriormente enquadrado como um objeto a ser moderado por outras vias, algorítmicas, de limitação de circulação — não sem antes constituir audiências que, ao que parece, foram inflamadas pelo sistema de recomendação do YouTube. Para falar disso, precisamos retroceder alguns anos.

---

<sup>202</sup> Nos primeiros meses de 2020, antes mesmo da classificação da crise de saúde como pandemia, a própria OMS alertava para o início de uma nova “infodemia” em plataformas digitais, com a explosão de informações conflitantes, falsas ou enganosas. A OMS também esteve reunida com algumas dessas empresas de tecnologias, incluindo a Google ([https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1); [https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf\\_files/WHA73/A73\\_R1-en.pdf](https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA73/A73_R1-en.pdf); <https://www.who.int/news/item/23-09-2020-managing-the-covid-19-infodemic-promoting-healthy-behaviours-and-mitigating-the-harm-from-misinformation-and-disinformation>). Em 03 de abril de 2020, o jornal *The Guardian* acusava o YouTube de “lucrar com vídeos que promovem tratamentos não comprovados para COVID-19” (<https://www.theguardian.com/technology/2020/apr/03/youtube-coronavirus-treatments-profit-misinformation>). Em 20 de maio, o YouTube finalmente adicionou o conjunto de políticas no documento das Diretrizes da Comunidade (<https://support.google.com/youtube/answer/9777243>). Acesso em: 30/03/2022.

<sup>203</sup> Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/9288567>. Acesso em: 02/04/2023.

<sup>204</sup> Só em julho de 2021, por exemplo, temos: “YouTube’s recommendations still push harmful videos, crowdsourced study finds”, de 07/07/2021: <https://www.nbcnews.com/tech/tech-news/youtubes-recommendations-still-push-harmful-videos-crowdsourced-study-rcna1355>; “YouTube’s algorithm pushes violent content and misinformation: study”: 09/07/2021: <https://nypost.com/2021/07/09/youtubes-algorithm-pushes-violent-content-and-misinformation-study/>; “Facebook and YouTube spent a year fighting covid misinformation. It’s still spreading”, de 22/07/2021: <https://www.washingtonpost.com/technology/2021/07/22/facebook-youtube-vaccine-misinformation/>. Acesso em: 04/04/2022.

“Como o algoritmo do YouTube distorce a verdade”?

Logo após as eleições 2016, um editorial do *The New York Times*<sup>205</sup> resumia o problema sociotécnico da desinformação nas plataformas digitais: se uma empresa como o Facebook reconhecia a possibilidade de selecionar por critérios comerciais aquilo que aparece a um usuário em seu *feed*, então “o sistema é maleável e sujeito ao julgamento humano”, não havendo impedimentos técnicos para o controle da circulação e do impulsionamento de notícias falsas. Durante a maior parte de 2017, enquanto veículos de imprensa abordavam de modo semelhante a relação entre algoritmos, moderação e desinformação política noutras plataformas digitais, o YouTube parecia permanecer fora do radar. Mas alguns alertas vinham sendo dados, ainda que sem maior repercussão na grande mídia. Numa entrevista à rádio norte-americana *NPR* em fevereiro de 2017, Zeynep Tufekci, socióloga que já atuava extra-academicamente discutindo problemas políticos dos algoritmos do Facebook e do Twitter, chamava atenção para uma tendência que havia observado enquanto utilizava o YouTube em período eleitoral, no ano anterior:

Uma plataforma como o YouTube tem algoritmos projetados para recomendar coisas que ele acha que irão engajá-lo mais. E o que quer que eu estivesse assistindo, ele me empurrava uma versão mais extrema daquilo.<sup>206</sup>

Um exemplo dado por Tufekci: ao assistir vídeos de comícios de Trump, passou a receber recomendações de vídeos de teorias da conspiração de supremacistas brancos. Os próprios propagadores desse tipo de conteúdo, segundo a socióloga, contavam que haviam “descido no *rabbit hole* do YouTube”. A plataforma era citada também em um relatório sobre manipulação de mídia e desinformação por grupos de extrema-direita produzido por Alice Marwick e Rebecca Lewis (2017) para a organização *Data & Society*, publicado em maio de 2017<sup>207</sup>. O importante estudo mapeava um conjunto de “subculturas de internet — às vezes resumidas como ‘*alt-right*’, mas mais precisamente

<sup>205</sup> “Facebook and the Digital Virus Called Fake News”, de 19/11/2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/11/20/opinion/sunday/facebook-and-the-digital-virus-called-fake-news.html>. Acesso em: 17/05/2022.

<sup>206</sup> Seu entrevistador dava um depoimento pessoal que envolvia um conteúdo que nos interessa aqui: “Eu lembro que uma vez alguém me enviou um vídeo pretendendo mostrar que o homem nunca pisou na Lua. E lá [no YouTube], durante alguns dias após isso, eu tinha 8 ou 10 vídeos similares [sendo recomendados], cada um mais convincente que o outro, me mostrando por que o homem nunca pousou na Lua. (...) depois de ver aquele vídeo, recebi muito material dizendo que o 11 de setembro nunca aconteceu”. A entrevista foi transcrita no site da *NPR*, com o título “How YouTube Is Changing Our Viewing Habits”, e publicada em 04/03/2017. Disponível em: <https://www.npr.org/2017/03/04/518461970/how-youtube-is-changing-our-viewing-habits>. Acesso em: 30/03/2023.

<sup>207</sup> Disponível em: <https://datasociety.net/library/media-manipulation-and-disinfo-online/>. Acesso em: 30/03/2023.

um amálgama de teóricos da conspiração, tecno-libertários, nacionalistas brancos, defensores dos direitos dos homens, *trolls*, antifeministas, ativistas anti-imigração e jovens entediados” — que aproveitavam “as vulnerabilidades do ecossistema de mídia de notícias” e da cultura participativa de internet para “manipular notícias, definir agendas e propagar ideias” geralmente apresentadas como “anti-*establishment*” (Marwick e Lewis, 2017, p. 1, 3). Segundo as autoras, os grupos atuavam em blogs e sites, fóruns e quadros de mensagens e nos “sites de mídias sociais *mainstream*, como Twitter, Facebook e YouTube” — este último, oferecendo “uma plataforma para teóricos da conspiração e grupos à margem, que podem fazer vídeos persuasivos e envolventes sobre tópicos ultrajantes” (Marwick e Lewis, 2017, p. 26).

Esse cenário ganharia espaço nos veículos de notícia nos dias seguintes ao 1º de outubro de 2017, quando um atirador assassinou 61 pessoas e deixou outras 867 feridas em Las Vegas. Parte da imprensa norte-americana<sup>208</sup> chamou atenção para a rápida disseminação no YouTube de vídeos de canais de extrema-direita com teorias conspiratórias que afirmavam que o morticínio teria sido uma operação secreta planejada por poderosos agentes ocultos. Segundo as reportagens, o sistema de recomendação da plataforma não apenas sugeria esses vídeos logo na primeira página dos resultados de pesquisa (nos testes da reportagem do site *Buzzfeed News*, a busca por termos simples como *las vegas shooting* já levava a esses resultados) como os incluíam no recurso de reprodução automática. Na reportagem do britânico *The Guardian*, a denúncia era direta: “Parece que o YouTube está ativamente ajudando esses vídeos a alcançarem grandes audiências”. Naquele momento, a empresa comunicou ao jornal que vídeos com teorias conspiratórias não violavam as diretrizes da plataforma. Internamente, o YouTube se apressava para identificar e excluir parte desse material, sem dispor de um plano de ação para gerenciar a crise e sem lançar mão de um novo conjunto de regras de uso da plataforma<sup>209</sup>. Um mês depois, a história se repetia com outro tiroteio (e, agora, o novo

---

<sup>208</sup> “Facebook, Twitter, and Google failed to stop fake news after Vegas shooting”: <https://www.vice.com/en/article/zmyw45/facebook-twitter-and-google-failed-to-stop-fake-news-after-vegas-shooting>; <https://www.buzzfeednews.com/article/charliwarzel/heres-how-youtube-is-spreading-conspiracy-theories-about>; “Las Vegas survivors furious as YouTube promotes clips calling shooting a hoax”: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/oct/04/las-vegas-shooting-youtube-hoax-conspiracy-theories>. Acesso em: 10/03/2022.

<sup>209</sup> Foi o que relatou Geoff Samek, gerente de produto do YouTube na época (e ainda hoje), ao ser perguntado pela revista *Wired* sobre o episódio, em reportagem de 10/09/2020. Disponível em: <https://www.wired.com/story/youtube-algorithm-silence-conspiracy-theories/>. Acesso em: 11/03/2022.

atirador era falsamente apontado por youtubers como um “antifascista” membro de “grupos de esquerda”<sup>210</sup>.

A empresa se manifestou reconhecendo que o site carecia de melhorias, mesmo após a implementação de algumas mudanças que visavam privilegiar fontes “autorizadas” e “verificadas” no ranqueamento dos vídeos, especialmente em situações que envolviam eventos de última hora e com ampla repercussão<sup>211</sup>. Entre o fim de 2017 e o início de 2018, a plataforma publicou alguns textos em seu blog oficial<sup>212</sup> comunicando novas modificações, ainda motivadas pelos acontecimentos recentes: aumento na equipe de moderadores humanos do site, adoção de critérios mais rígidos para a monetização de canais e extensão da categoria “Conteúdo extremista violento” a vídeos que contivessem discurso de ódio ou afetassem a segurança das crianças. Os textos evitavam mencionar explicitamente os eventos e se referiam genericamente aos vídeos em questão como “conteúdo problemático”, manufaturado por “maus atores” que estavam “explorando nossa abertura para enganar, manipular, assediar ou mesmo ferir”. A empresa não assentia na associação dos seus algoritmos de recomendação a uma tendência ao impulsionamento desse tipo de vídeo.

Um escrutínio público mais amplo do YouTube teria início apenas em 2018, impulsionado pelo francês Guillaume Chaslot. Engenheiro de software com formações em Ciência da Computação e em Inteligência Artificial, Chaslot fez parte dos quadros do Google de 2010 a 2013 e foi reposicionado por alguns meses para trabalhar diretamente no aperfeiçoamento do sistema de recomendação do YouTube. Em 2016, já fora da empresa, Chaslot criou um programa de compilação e análise de dados que analisava quais vídeos o sistema de recomendação do YouTube tendia a oferecer a um usuário independentemente de seu histórico de buscas. Em 2018, com 1 ano e meio de operação

---

<sup>210</sup> “Google and YouTube spread false claims Texas shooting suspect had leftwing ties”: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/nov/06/google-youtube-texas-shooting-fake-news>. Acesso em: 11/03/2022.

<sup>211</sup> As mudanças eram a criação de duas “prateleiras” com vídeos produzidos por “fontes seguras”: *Breaking News* ficava disponível na página inicial do site; *Top News*, nos resultados de busca. “YouTube responds to criticism after unverified Texas Shooting reports top search results”: <https://finance.yahoo.com/news/youtube-responds-criticism-unverified-texas-202157978.html>. Acesso em: 11/03/2022.

<sup>212</sup> “Expanding our work Against abuse of our platform”, de 05/12/2017: <https://blog.youtube/news-and-events/expanding-our-work-against-abuse-of-our/>; “Additional Changes to the YouTube Partner Program (YPP) to Better Protect Creators”, de 16/01/2018: <https://blog.youtube/news-and-events/additional-changes-to-youtube-partner/>. Acesso em: 14/03/2022.

do *software*, Chaslot oficializou a criação do projeto AlgoTransparency<sup>213</sup>, que anunciava como missão “expor o impacto dos mais influentes algoritmos” e reivindicar “transparência algorítmica”, alertando para o papel da inteligência artificial no “controle do que o mundo está assistindo”. “O objetivo real do algoritmo”, dizia ele no site do projeto, era “maximizar tempo de exibição”, e o resultado disso era a amplificação de um “viés algorítmico” que tendia à “desinformação, polarização do debate público e promoção de conteúdo nocivo”.

Ainda que sem qualquer repercussão, Chaslot já havia publicado em seu blog, em 27 de novembro de 2016<sup>214</sup>, um resultado inicial das inspeções do *software*. Durante as recentes eleições norte-americanas, os algoritmos do YouTube pareciam recomendar mais vídeos favoráveis a Trump (grande parte deles *fake news*) do que à candidata do Partido Democrata, Hillary Clinton. A estranha tendência se repetia com um tipo de conteúdo sobre o qual o YouTube demoraria a se pronunciar: “Se a crença de que ‘a Terra é plana’ faz os usuários gastarem mais tempo no YouTube do que a de que ‘a Terra é redonda’, a inteligência artificial de recomendação estará mais propensa a sugerir vídeos que defendem a primeira”, porque as “recomendações podem se alinhar com qualquer teoria que gere engajamento”, ainda que se trate de “teorias da conspiração, fatos alternativos e *fake news*”. Chaslot prosseguia: “Descobrimos que, ao buscar [no YouTube] ‘a Terra é plana ou redonda?’ e seguir cinco vezes suas recomendações, mais de 90% dos vídeos sugeridos passavam a afirmar que a Terra é plana”. Noutro texto, de fevereiro de 2017<sup>215</sup>, retornava ao assunto, acrescentando alguns dados: conteúdos favoráveis à Terra Plana ocupavam 20% e 35% dos resultados de busca no Google e no YouTube, respectivamente; nas recomendações, o valor permanecia nos impressionantes 90% — um número mais alto do que quando os tópicos analisados eram outros (conspirações envolvendo o papa e a ex-primeira-dama Michelle Obama e negacionismo do aquecimento global), atrás apenas das 95% de recomendações pró-Pizzagate.

Naquele momento, início de 2017, o terraplanismo já havia emergido e constituído audiências de dezenas ou centenas de milhares de espectadores por vídeo. No Brasil, não apenas abundavam traduções para o português dessas produções — só nas últimas seis

---

<sup>213</sup> Disponível em: <https://www.algotransparency.org>. Acesso em: 15/03/2022.

<sup>214</sup> Disponível em: <https://medium.com/the-graph/youtubes-ai-is-neutral-towards-clicks-but-is-biased-towards-people-and-ideas-3a2f643dea9a>. Acesso em: 18/05/2022.

<sup>215</sup> Disponível em: <https://guillaumechaslot.medium.com/how-youtubes-a-i-boosts-alternative-facts-3cc276f47cf7>. Acesso em: 18/05/2022.



semanas de 2015, o *Sem Hipocrisia* publicara 45 vídeos desse tipo — como já havia sido divulgado o primeiro “teste de curvatura” do país (o mesmo analisado no Capítulo 3). Nos Estados Unidos, já se passavam dois anos desde a viralização do primeiro vídeo de Mark Sargent, de fevereiro de 2015. Em janeiro de 2016, surgiam notícias sobre algumas “celebridades” que manifestavam publicamente adesão ao terraplanismo; a interação discordante entre uma delas, o rapper B.o.B., e o divulgador de ciência Neil deGrasse Tyson em redes sociais ganhou uma maior repercussão na mídia *mainstream*, resultando numa aclamada participação de Tyson em esquete do canal de televisão (e de YouTube) *Comedy Central*, inteiramente centrada na refutação do modelo da Terra Plana — uma cena repercutida por anos a fio em canais terraplanistas, não apenas por sucumbirem ao seu aspecto provocativo, mas pelo reconhecimento do fato de que, bem ou mal, o tema havia sido inserido em cadeia televisiva<sup>216</sup>.

Algumas dessas reportagens já constatavam a existência de vídeos, canais e audiências dedicadas à temática no YouTube. No *The Guardian*, descrevia-se até mesmo as atividades de Sargent e Dubay, mas ainda parecia haver espaço para dúvidas sobre o comprometimento de parte daquele público: “Claro, os vídeos atraem centenas de milhares de visualizações de página, mas quem são aqueles que de fato acreditam?” A presença em veículos da grande mídia, ainda que pequena em 2016, por um lado mostrava que terraplanistas não eram um “público refratado” funcionando completamente “abaixo do radar” (Abidin, 2021); por outro, retratava o insólito muito mais nas ideias defendidas por essas pessoas do que no fato de que era no YouTube que encontravam espaço para divulgar e até mesmo viralizar suas produções. Isso se repetia em 2017, quando duas situações que eram apenas a consequência de um fenômeno que já se estruturava há anos nas plataformas digitais (um popular atleta de basquete declarava simpatia pelo terraplanismo e a primeira conferência terraplanista era realizada na Carolina do Norte, em novembro) concentraram a atenção da maior parte das notícias sobre o tema<sup>217</sup>. As denúncias de Chaslot em seu blog eram de outra ordem, enlaçando o negacionismo científico e a arquitetura da plataforma num mesmo problema de desinformação.

<sup>216</sup> Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/flat-earth-truthers-tila-tequila\\_n\\_56a0f23ae4b076aadcc55c6c](https://www.huffpost.com/entry/flat-earth-truthers-tila-tequila_n_56a0f23ae4b076aadcc55c6c); <https://www.theguardian.com/science/2016/jan/20/flat-earth-believers-youtube-videos-conspiracy-theorists>; <https://edition.cnn.com/2016/01/29/entertainment/neil-degrasse-tyson-bob-flat-earth-twitter-spat/index.html>. Acesso em: 29/03/2023.

<sup>217</sup> Por exemplo, <https://www.washingtonpost.com/news/early-lead/wp/2017/07/28/kyrie-irvings-flat-earth-beliefs-now-the-bane-of-middle-school-teachers/>; <https://www.economist.com/graphic-detail/2017/11/28/americas-flat-earth-movement-appears-to-be-growing>; <https://www.youtube.com/watch?v=4yLYvNnP1rg>. Acesso em: 30/03/2023.

Remetendo à sua condição de *whistleblower*, o francês dizia na postagem de 2017: “O poderoso algoritmo que eu ajudei a construir desempenha um papel ativo na propagação de informação falsa”.

Suas investigações ganharam repercussão a partir de 02 de fevereiro de 2018, com a publicação de uma longa reportagem em duas partes no *The Guardian*<sup>218</sup>, reproduzindo parte dos resultados já divulgados no blog e detalhando a investigação realizada pelo próprio jornal na base de dados usada pelo engenheiro. O diagnóstico sintetizado no título de uma das reportagens a partir de fala de Chaslot — “‘A ficção está superando a realidade’: como o algoritmo do YouTube distorce a verdade” — colocava a companhia definitivamente no mapa do problema público da desinformação e da pós-verdade. Contactado pelo jornal, um representante da empresa dizia duvidar dos dados, das metodologias e das conclusões de Chaslot, negando a existência de viés e atribuindo os resultados da recomendação a “um reflexo do interesse do espectador”; ao mesmo tempo, parecia concordar parcial e veladamente com pelo menos um dos argumentos ao afirmar que o “sistema de recomendação reflete o que as pessoas buscam, o número de vídeos disponíveis e os vídeos que as pessoas escolhem assistir”.

A reportagem notava a admissão de inação mascarada de argumento de neutralidade técnica: “O YouTube parecia dizer que seu algoritmo era um espelho neutro dos desejos das pessoas que o usam — se nós não gostamos do que ele faz, só podemos nos culpar”, mas o que a empresa entende por “interesse do espectador”? O impacto disso na ação dos algoritmos parecia nítido: “Oferecida a escolha, nós podemos clicar instintivamente num vídeo” sensacionalista ou que defenda teorias da conspiração, “mas esses impulsos do momento são realmente um reflexo do conteúdo que queremos receber” por meio do sistema de recomendação? O *The Guardian* explicitava outros movimentos da empresa, que já davam um indicativo de como a plataforma viria a ser cada vez mais colocada na berlinda: antes da reportagem ser concluída, o YouTube havia pedido para acrescentar à sua declaração seu compromisso em controlar aqueles “vídeos que não violam claramente nossas políticas, mas que contêm conteúdo inflamatório de natureza religiosa ou supremacista” — segundo o jornal, uma adição que acontecia

---

<sup>218</sup> “Fiction is outperforming reality: how YouTube’s algorithm distorts truth”: <https://www.theguardian.com/technology/2018/feb/02/how-youtubes-algorithm-distorts-truth>; “How an ex-YouTube insider investigated its secret algorithm”: <https://www.theguardian.com/technology/2018/feb/02/youtube-algorithm-election-clinton-trump-guillaume-chaslot>. Acesso em: 15/03/2022.

poucos dias após a publicização no site do Comitê de Inteligência do Senado dos Estados Unidos de correspondências trocadas entre o órgão e o Google sobre a suscetibilidade do sistema de recomendações do YouTube à desinformação<sup>219</sup>.

Aquele dois de fevereiro foi um dia cheio para o YouTube. Simultaneamente à reportagem, a companhia anunciou em seu blog oficial e numa matéria do *Wall Street Journal*<sup>220</sup> uma nova medida focada em canais de notícias que recebiam “algum nível de financiamento governamental ou público”, adicionando abaixo desses vídeos uma pequena nota indicando a natureza da emissora e um link para o Wikipedia com mais informações sobre ela. Apesar do texto do blog se referir apenas a esse tipo de conteúdo, na declaração dada ao *Wall Street Journal* era considerada a possibilidade de “exibir vídeos relevantes de fontes de notícias confiáveis ao lado de vídeos que defendem teorias da conspiração, como aqueles que afirmam que o pouso na Lua foi uma farsa” — um tipo de medida que Chaslot de antemão já havia criticado, por não reduzir diretamente o impulsionamento algorítmico do conteúdo negacionista. As denúncias do engenheiro francês reverberaram nos meses seguintes em muitos veículos de notícias<sup>221</sup>, com a reprodução das informações da reportagem original ou a realização de investigações próprias na sua base de dados; além disso, um artigo de opinião de Zeynep Tufekci sobre o tema, publicado no *The New York Times*, teve ampla repercussão<sup>222</sup>.

<sup>219</sup> Disponível em: [https://www.intelligence.senate.gov/sites/default/files/documents/Google\\_Response\\_to\\_Committee\\_QFRs.pdf](https://www.intelligence.senate.gov/sites/default/files/documents/Google_Response_to_Committee_QFRs.pdf). Acesso em: 16/03/2022.

<sup>220</sup> Para o *The Guardian*, o YouTube tentava se antecipar às denúncias de Chaslot logo após a empresa ser informada que a reportagem seria de fato publicada. Disponíveis em: <https://blog.youtube/news-and-events/greater-transparency-for-users-around/>; <https://www.wsj.com/articles/youtube-to-label-state-funded-broadcasters-in-drive-against-misinformation-1517567403> e <https://www.theguardian.com/technology/2018/feb/05/senator-warns-youtube-algorithm-may-be-open-to-manipulation-by-bad-actors>. Acesso em: 16/03/2022.

<sup>221</sup> Por exemplo, “How YouTube Drives People to the Internet’s Darkest Corners”, de 07/02/2018: <https://www.wsj.com/articles/how-youtube-drives-viewers-to-the-internets-darkest-corners-1518020478>; “YouTube’s Algorithm Wants You to Watch Conspiracy-Mongering Trash”, de 07/02/2018: <https://nymag.com/intelligencer/2018/02/youtubes-recommendation-algorithm-favors-conspiracy-videos.html>; “How YouTube’s algorithm prioritizes conspiracy theories”, de 05/03/2018: <https://www.vice.com/en/article/d3w9ja/how-youtubes-algorithm-prioritizes-conspiracy-theories>; “As algorithms take over, YouTube’s recommendations highlight a human problem”, de 19/04/2018: <https://www.nbcnews.com/tech/social-media/algorithms-take-over-youtube-s-recommendations-highlight-human-problem-n867596>; “Ex-Employee Says YouTube’s Algorithm Favors Conspiracy Theory Videos”, de 23/04/2018: <https://www.kqed.org/news/11663508/ex-employee-says-youtubes-algorithm-favors-conspiracy-theory-videos>. Acesso em: 17/03/2022.

<sup>222</sup> Publicado originalmente com o título “YouTube, the Great Radicalizer”, em 10/03/2018 (<https://www.nytimes.com/2018/03/10/opinion/sunday/youtube-politics-radical.html>), ele foi traduzido e divulgado em 15 e 17 do mesmo mês e ano nos jornais *Gazeta do Povo* (<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigos/youtube-o-grande-radicalizador-3zeveo0urp47emy5xfvaxeo/>) e no *Estadão* (<https://www.estadao.com.br/internacional/nytiw/youtube-o-grande-agente-da-radicalizacao/>). Acesso em: 30/03/2023.

Os textos descreviam o tipo de conteúdo “radicalizado”, “extremo”, “enganoso”, “divisivo” e “falso”, preenchido por teorias da conspiração, notícias falsas, sensacionalismos e modalidades afins, impulsionado pelo sistema de recomendação da plataforma, atraindo usuários a *rabbit holes*, aos “cantos mais obscuros da internet”, à “franja lunática do YouTube”. Dada a imensa quantidade de usuários que eram alvos dessa curadoria algorítmica, Tufekci definia a plataforma como “talvez um dos instrumentos radicalizadores mais poderosos do século XXI”. O caso do terraplanismo era citado na maior parte dessas matérias. Na investigação do *The Wall Street Journal*, por exemplo, destacava-se como mesmo “consultas inofensivas” devolviam resultados preocupantes: “uma busca na semana passada por ‘eclipse lunar’ retornou um vídeo, com apenas 3.000 visualizações, que sugeria que a Terra é plana”. No *Intelligencer*, a base de dados de Chaslot era testada com a busca “a Terra é plana ou redonda” e o resultado era que determinado vídeo terraplanista tinha uma chance 8,6 vezes maior de ser exibido do que outros vídeos. A Terra Plana, de modo geral, estava sendo apresentada pela imprensa como um exemplo que capturava de forma quase autoexplicativa a profundidade do fosso de desinformação impulsionado pela atual arquitetura do YouTube.

De 2018 em diante, grande parte das reportagens<sup>223</sup> interessadas em abordar especificamente o fenômeno do terraplanismo (com o tema chegando ao seu ápice de atenção pública nos Estados Unidos) retratava, de uma forma ou de outra, seu enraizamento e impulsionamento no YouTube — em alguns casos, descrevendo o *rabbit hole* facilitado pela recomendação de vídeos como uma “lavagem cerebral”. A tendência continuava com a chegada do ano de 2019, rendendo manchetes que afirmavam que o “YouTube ajuda os terraplanistas a se organizarem” ou que a empresa teve um papel no “crescimento do número de terraplanistas”<sup>224</sup>. À essa altura, a companhia dava poucos sinais de uma resolução algorítmica para os casos denunciados. Durante um evento de

<sup>223</sup> Por exemplo, “The Flat Earth movement: A society of disbelievers in scientific fact”, de 14/10/2018: <https://www.cbsnews.com/news/the-flat-earth-movement-a-society-of-disbelievers-in-scientific-fact/>; “Inside the Flat Earth Conference, Where the World’s Oldest Conspiracy Theory Is Hot Again”, de 18/11/2018: <https://www.thedailybeast.com/inside-the-flat-earth-conference-where-the-worlds-oldest-conspiracy-theory-is-hot-again?ref=scroll>; “Flat Earth conference attendees explain how they have been brainwashed by YouTube and Infowars”, de 18/11/2018: <https://www.rawstory.com/2018/11/flat-earth-conference-attendees-explain-brainwashed-youtube-infowars/>. Acesso em: 18/05/2022.

<sup>224</sup> Duas delas, de fevereiro de 2019, partiam do exemplo do terraplanismo. “How YouTube helps flat-earthers organize”, de 20/02/2019: <https://www.theverge.com/interface/2019/2/20/18232524/youtube-flat-earth-recommendation-algorithm-conspiracy>; “Study blames YouTube for rise in number of Flat Earthers”, de 17/02/2019: <https://www.theguardian.com/science/2019/feb/17/study-blames-youtube-for-rise-in-number-of-flat-earthers>. Acesso em: 24/03/2022.

tecnologia em março de 2018<sup>225</sup>, Susan Wojcicki, CEO do YouTube, havia anunciado que quadros informativos com links para a Wikipedia deveriam ser utilizados também em “conspirações de internet muito conhecidas” — para ilustrar, exibia um modelo de um vídeo com um fotograma de um astronauta na Lua. Para além dos questionamentos sobre a validade do seu uso para checagem de fatos<sup>226</sup>, o recurso viria de fato a ser implementado no decorrer dos anos seguintes, afetando diretamente vídeos terraplanistas, ainda hoje acompanhados de quadro informativo onde se lê que “o modelo da Terra plana é uma concepção arcaica e cientificamente refutada”.

*Terra Plana como objeto de moderação: a categoria de “conteúdo borderline”*

“Do ponto de vista do algoritmo, a Terra Plana é uma mina de ouro”, dizia Chaslot em novembro de 2018 em seu perfil no Twitter<sup>227</sup>. O francês constatava que, àquela altura, o quadro informativo ainda não havia sido inserido em vídeos que negavam a esfericidade do planeta, mas chamava atenção principalmente para como essa alteração de interface não tocava no problema da recomendação desses vídeos. “O algoritmo do YouTube que eu ajudei a construir em 2011 continua recomendando a teoria da Terra Plana na casa das 100 milhões” de vezes, e agora, acrescentava, “o YouTube está promovendo *merchandising*” diretamente ligado à doutrina. Para Chaslot, os terraplanistas eram os “canários de mina”<sup>228</sup> do problema algorítmico do YouTube: não importa que eles sejam uma fração pequena dos usuários da plataforma, mas sim o quão sintomático é o processo de aceitação de adesão à Terra Plana a partir da imersão nesses vídeos impulsionados algoritmicamente. “Com a inteligência artificial no comando das nossas informações, estamos enfrentando um problema existencial totalmente novo, que diz respeito a todos nós”.

A onda de críticas ao sistema de recomendação do YouTube surtiu alguns efeitos. O mais importante, que descrevo a seguir, foi um anúncio publicado no blog oficial da

<sup>225</sup> “YouTube will add information from Wikipedia to videos about conspiracies”, de 13/03/2018: <https://www.theverge.com/2018/3/13/17117344/youtube-information-cues-conspiracy-theories-susan-wojcicki-sxsw>. Acesso em: 17/03/2022.

<sup>226</sup> Uma delas foi “Don't Ask Wikipedia to Cure the Internet”, de 16/03/2018: <https://www.wired.com/story/youtube-wikipedia-content-moderation-internet/>. Acesso em: 17/03/2018.

<sup>227</sup> <https://twitter.com/gchaslot/status/1064554284757340161>. Acesso em: 18/05/2022.

<sup>228</sup> A expressão remete ao uso de canários engaiolados ao se descer em minas de carvão como forma de aferir a existência de gases tóxicos no lugar; mais sensíveis a esses gases, canários intoxicados são o sinal de alerta para que os humanos saiam da mina.

empresa em 25 de janeiro de 2019, com o título “Continuando nosso trabalho para melhorar as recomendações no YouTube”<sup>229</sup>. O problema simbolicamente vocalizado por seu *whistleblower* era em parte negado, em parte reconhecido — ainda que cifrado no discurso de preservação da marca da empresa. O texto iniciava enaltecendo as potencialidades do sistema de recomendação “quando (...) está em sua melhor condição” e declarando a abertura da companhia às demandas dos usuários para alterações nos algoritmos: esse teria sido o caso das medidas contra o impulsionamento de vídeos *clickbait* ou de um ajuste no excesso de recomendações de vídeos similares. A modificação a ser ali anunciada, assim, era apresentada como apenas mais passo numa longa série de “aprimoramentos”.

A caracterização do conteúdo alvo das novas mudanças era breve e elencava poucos exemplos, e também não teve reflexos imediatos sobre documentos como as Diretrizes da Comunidade ou os Termos de Serviço. Mas era a primeira vez que a empresa falava diretamente em seu blog sobre desinformação (“conteúdo que pode desinformar [*misinform*] de formas nocivas”) citando explicitamente o terraplanismo, apresentado com um dos casos sobre os quais a companhia iria se debruçar (“vídeos promovendo uma falsa cura milagrosa para um problema grave, alegando que a Terra é plana ou fazendo afirmações descaradamente falsas sobre eventos históricos como o 11 de setembro”). O YouTube lançava mão de uma categoria ampla para delinear esse conjunto de temas, que naquele momento afirmavam corresponder a “menos de 1% do conteúdo da plataforma”<sup>230</sup>: tratava-se de “conteúdo *borderline*” [limítrofe], ou seja, “conteúdo que chega perto — mas não exatamente cruza a linha — da violação das nossas Diretrizes de Comunidade”. A ambiguidade conferida pela demarcação implicaria num tratamento diferente de conteúdos expressamente proibidos nas diretrizes da plataforma: ao invés de excluí-los, o objetivo seria “reduzir sua propagação”, “limitando a recomendação desses tipos de vídeos” — uma espécie de permissão condicionada, transferindo o ato de moderação para a curadoria algorítmica. Os vídeos continuariam sendo sugeridos na ferramenta de busca e na página inicial e nas recomendações de usuários inscritos nesses

---

<sup>229</sup> “Continuing our work to improve recommendations on YouTube”: <https://youtube.googleblog.com/2019/01/continuing-our-work-to-improve.html>. Acesso em: 19/03/2022.

<sup>230</sup> Por um comunicado de dezembro de 2019, sabemos que a estatística de “menos de 1%” não se refere ao total de vídeos disponibilizados no YouTube, mas sim ao total de vídeos *assistidos*, e especificamente nos Estados Unidos. Disponível em: <https://blog.youtube/inside-youtube/the-four-rs-of-responsibility-raise-and-reduce/>. Acesso em: 22/03/2022.

canais, mas se reduziria a tendência de recomendá-los em larga escala, mesmo para os usuários que buscavam ativamente esse tipo de conteúdo.

A categoria de conteúdo *borderline* não era nova, e, por sua própria acepção topológica contida em seu nome, já era utilizada em outros contextos. Joanne Meyerowitz (1996) assinala o uso da noção de “material *borderline*” como forma de se referir a um tipo de representação imagética de mulheres nas mídias de massa situado numa zona indefinida de imagens eróticas que não se encaixavam nem nos seminus publicamente aceitos, nem como pornografia. No caso descrito por Meyerowitz (1996, p. 10), o termo era parte de “uma nova linguagem que emergia [no início do século XX] para representar as categorias instáveis de uma nova taxonomia de exibição sexual”. Instabilidade semelhante era preservada também pelo YouTube, que organizava um conjunto de fenômenos contemporâneos — semelhantes pelas suas conexões com um problema geral envolvendo a noção de verdade, mas heterogêneos em suas manifestações — sob uma categoria geral e operacional. Conteúdo *borderline* cumpria, então, a função daquilo que Bowker e Star (1999, p. 150) chamam de “categoria residual”, capaz de “assinalar incerteza no nível da coleta ou interpretação de dados” e “gerenciável” justamente por inscreverem “uma zona de ambiguidade”.

Dentre as novas mídias digitais, o próprio Google já havia utilizado o termo, de forma pontual e não consolidada em uma política oficial, para se referir a alguns tipos de conteúdo envolvendo terrorismo<sup>231</sup>. Mais expressivamente, o Facebook trouxe a categoria para o debate sobre desinformação quando, em novembro de 2018, em comunicado assinado por seu dono, Mark Zuckerberg<sup>232</sup>, anunciou as medidas a serem adotadas pela plataforma. A definição e as consequências da categoria eram muito semelhantes àquelas que o YouTube anunciaria 3 meses depois<sup>233</sup>, com a diferença de que o Facebook apresentava algumas justificativas para essa abordagem. A empresa sugeria que o fenômeno circunscrito seria muito mais um padrão de engajamento em direção aos extremos, que independe de tipos específicos de conteúdo; se opção fosse por excluir o conteúdo que hoje se considera *borderline*, argumentava Zuckerberg, a tendência de

<sup>231</sup> <https://www.techagainstterrorism.org/2017/07/12/tat-at-chatham-house/>. Acesso em: 19/05/2022.

<sup>232</sup> “A Blueprint for Content Governance and Enforcement”, de 15/11/2018: <https://www.facebook.com/notes/751449002072082/>. Acesso em: 18/03/2022.

<sup>233</sup> Posteriormente, no entanto, um funcionário anônimo do YouTube viria a dizer que a mudança já vinha sendo planejada há cerca de um ano. Disponível em: <https://www.wired.com/story/youtube-recommendations-crackdown-borderline-content/>. Acesso em: 23/03/2022.

movimentação para o limite da linha da proibição se repetiria e faria surgir novos tipos de conteúdo *borderline*, tornando a política de moderação um interminável redesenho de linhas de proibição cada vez mais restritivas.

Assumida ou não como premissa também pelo YouTube<sup>234</sup>, essa argumentação ressoava no tipo de dilema que a companhia atualizava ao recorrer à categoria do *borderline* — esta, segundo a CEO Wojcicki, a medida de “crescimento responsável” mais “desafiadora” para a empresa até então<sup>235</sup>. A intenção de operar fora do par permissão/proibição era apresentada como a resolução possível para um conflito entre “moderar” e garantir a “liberdade de expressão” — ou, podemos dizer, entre as demandas por regulação de plataformas digitais e a manutenção de um quadro legal que não as responsabilizasse pelas quantidades massivas de conteúdo que controlam e distribuem. Isso já estava colocado no comunicado de janeiro de 2019 (ele dizia buscar o “equilíbrio entre manter uma plataforma para a liberdade de expressão e cumprir nossa responsabilidade com os usuários”), mas seria retomado noutras ocasiões por Wojcicki. Num texto de agosto do mesmo ano<sup>236</sup>, a CEO caracterizava as recentes controvérsias da plataforma como “um coro crescente de legisladores [*policymakers*], imprensa e especialistas [que] estão questionando se uma plataforma aberta é valiosa [*valuable*]... ou mesmo viável”. Evidentemente, sua resposta à dúvida era um “sim”, sem deixar de dizer que “um compromisso com a abertura” da plataforma (ou seja, com a “oportunidade”, o “aprendizado” e a formação de “comunidade”) não era tarefa fácil. Ainda nas palavras de Wojcicki, o desafio, personificado em “maus atores” que exploravam o YouTube “em seu benefício próprio”, às vezes significa deixar [*leaving up*] conteúdo que não é *mainstream*, que é controverso ou até mesmo ofensivo” na plataforma; por outro lado, “ouvir uma ampla gama de perspectivas, em última análise, nos torna uma sociedade mais forte e informada, mesmo que discordemos de algumas dessas visões”.

---

<sup>234</sup> Uma justificativa semelhante seria apresentada apenas em setembro de 2021: “por que nós simplesmente não removemos o conteúdo *borderline*? A desinformação tende a mudar e evoluir rapidamente, e, diferente de áreas como terrorismo ou segurança infantil, muitas vezes carece de um consenso claro”.

<sup>235</sup> “The Most Measured Person in Tech Is Running the Most Chaotic Place on the Internet”, de 17/04/2019: <https://www.nytimes.com/2019/04/17/business/youtube-ceo-susan-wojcicki.html>. Acesso em: 20/05/2022.

<sup>236</sup> “Susan Wojcicki: Preserving openness through responsibility”, de 27/08/2019: <https://blog.youtube/inside-youtube/preserving-openness-through-responsibility/>. Acesso em: 31/03/2022.



Num texto de 2021 divulgado no blog oficial da empresa (originalmente publicado no *The Wall Street Journal*)<sup>237</sup>, Wojcicki desenvolvia esses argumentos. O conteúdo *borderline*, para ela, sintetizava a questão da “coexistência” entre “liberdade de expressão” e “responsabilidade”, por não ser da mesma natureza que um “conteúdo que pode causar danos reais” (seus exemplos disso: “extremismo violento, violação de direitos autorais e brincadeiras perigosas”), este sim passível de remoção. A CEO prosseguia admitindo que certas decisões das empresas são “controversas”, mas afirmava que elas eram baseadas na justa aplicação de suas políticas, “independentemente de quem publica o conteúdo”, e no princípio de manter a plataforma “aberta”, pois “abraçamos a complexidade e a confusão inerentes à internet. Eliminar tudo o que é controverso pode silenciar vozes e ideias importantes”. Wojcicki aceitava a colaboração dos “governos democráticos” na definição de normas relativas estritamente ao conteúdo “ilegal” — e a ressalva vem logo em seguida: “Mas nem tudo que diz respeito à moderação de conteúdo será supervisionado pelos governos”. Wojcicki defende que o próprio mercado (as empresas, os anunciantes e os órgãos de autorregulamentação) mantenha a “flexibilidade de desenvolver práticas responsáveis para lidar com” conteúdo que seja “legal, mas potencialmente nocivo”, como é o caso do *borderline*. Desaprovando regulação estatal nessa direção, a CEO pinta um cenário onde “regras prescritivas podem ter sérias consequências” — inclusive, de “roubar de nós a próxima grande ideia ou grande descoberta”.

Não há motivos para crer que Wojcicki considere o terraplanismo (ou teorias da conspiração afins) um exemplo de “grande ideia”, assim como não há dúvidas de que ele esteja presumido no conteúdo “legal, mas potencialmente nocivo”. Pragmaticamente, no entanto, a categoria utilizada para delimitá-lo e manejá-lo se transforma na própria preservação de uma agenda antirregulatória, que espera manter inalterado o atual quadro legal norte-americano, frente às formulações recentes e crescentes de um problema público que atava essas empresas à desinformação. O discurso de Wojcicki sobre a “abertura” do YouTube mantém alguma continuidade com a “narrativa dominante da história da internet”, com sinais de sobrevivências do imaginário “ciberlibertário” das redes descentralizadas e formadoras de uma comunidade global (Bory, 2020) — uma

---

<sup>237</sup> “Free Speech and Corporate Responsibility Can Coexist Online”, de 01/08/2021: <https://www.wsj.com/articles/free-speech-youtube-section-230-censorship-content-moderation-susan-wojcicki-social-media-11627845973>; “Free Speech and Corporate Responsibility Can Coexist Online”, de 01/09/2021: <https://blog.youtube/inside-youtube/wsj-oped-lines-on-speech/>. Acesso em: 31/03/2022.

“tecnoutopia” (D’Andréa, 2020) por si só destoante do monopólio das *big techs* e de sua falta de transparência algorítmica —, afinado ainda com o que Evgeny Morozov (2011, p. xiii) nomeia como “a doutrina Google”, na qual “*start-ups* do Vale do Silício” se arrogam emissárias da “luta global por liberdade”, ou com o que Richard Barbrook e Andy Cameron ([1995] 2017, p. 27) já nos anos 1990 chamavam de “ideologia californiana”, com seu “sermão antiestatista de libertarianismo hi-tech”.

Mas a crise da desinformação era mais uma ocasião em que esse imaginário era readaptado por essas companhias (Bory, 2020). Agora, a publicização do compromisso com essa demanda pública pela limitação de um tipo de conteúdo que a empresa não considerava passível de formalização nas Diretrizes da Comunidade ou nos Termos de Uso do YouTube — sem nos esquecermos que, como lembra Gillespie (2018, p. 21), algoritmos de recomendação são, de forma “essencial, constituinte, definidora”, uma infraestrutura de moderação de conteúdo. De 2019 em diante, a categoria do *borderline* foi incorporada nos esquemas retóricos da empresa sobre “responsabilidade” e “compromisso” em tornar o YouTube “mais seguro”<sup>238</sup> — uma formulação insistentemente repetida era a dos “quatro R de responsabilidade”, os “quatro pilares” para “proteger a comunidade do YouTube de conteúdo nocivo”: “reduzir” (a recomendação algorítmica de conteúdo *borderline*), “remover” (conteúdo que viola as políticas do site), “recomendar” (fontes confiáveis) e “recompensar” (criadores de conteúdo confiáveis)<sup>239</sup>; outra, o *slogan* “Responsabilidade é bom para os negócios”<sup>240</sup>.

---

<sup>238</sup> Além da recorrente divulgação nos textos de seu blog oficial, ele figura em destaque na primeira página do *How YouTube Works*, lançado em junho de 2020 com o intuito de reunir, resumir e apresentar de mais acessivelmente informações que vinham sendo lançadas de modo mais disperso. Disponível em: <https://www.youtube.com/howyoutubeworks/>. Acesso em: 31/03/2022.

<sup>239</sup> “The Four Rs of Responsibility, Part 1: Removing harmful content”, de 03/03/2019: <https://blog.youtube/inside-youtube/the-four-rs-of-responsibility-remove/> e “The Four Rs of Responsibility, Part 2: Raising authoritative content and reducing borderline content and harmful misinformation”: <https://blog.youtube/inside-youtube/the-four-rs-of-responsibility-raise-and-reduce/>, de 03/12/2019. Acesso em: 22/03/2022.

<sup>240</sup> No espaço de um mês, de 01 de agosto a 25 de agosto 2021, a frase apareceu em quatro comunicados diferentes (referenciados noutras notas de rodapé): “Free Speech and Corporate Responsibility Can Coexist Online”, “On YouTube’s recommendation system”, “Responsibility is good for business and for the creator economy” e “Perspective: Tackling Misinformation on YouTube”.

*Alguns impactos da mudança nas recomendações: o que mudou para o terraplanismo?*

Ao longo de 2019 o YouTube anunciou os resultados da modificação algorítmica iniciada em janeiro<sup>241</sup>: seis meses depois, informava queda de 50% na quantidade de tempo de exibição de vídeos *borderline* contendo “desinformação nociva” oriundos das recomendações; em dezembro, o índice chegava a 70% — dados relativos apenas aos Estados Unidos, onde a nova medida fora primeiramente aplicada; conforme anunciado no fim de 2019, o Brasil estava na lista dos cinco primeiros países não falantes de inglês onde a alteração seria implementada. Na imprensa, o comunicado de janeiro foi noticiado como uma medida do YouTube contra a disseminação de vídeos de teorias da conspiração, com impressões que se variavam entre o aguardo de efeitos concretos e a suspeita de que a medida não seria suficiente<sup>242</sup>. Chaslot caminhou entre cada uma dessas percepções. Em 9 de fevereiro<sup>243</sup>, comemorava a “vitória histórica”, que “evitará que milhares de pessoas caiam em *rabbit holes*” ao reduzir as “bilhões de visualizações vindas esmagadoramente das recomendações”; “depois de 13 anos”, dizia ele, a empresa optou não por “fazer as pessoas gastarem mais tempo com vídeos sobre a Terra esférica”, mas sim “modificar a inteligência artificial”, reduzindo diretamente a circulação de vídeos conspiratórios e nocivos. No dia 19, em depoimento ao *The New York Times*<sup>244</sup>, ponderava: a mudança era “positiva, mas insuficiente” — talvez, apenas “jogada de marketing” —, pois tanto o conteúdo afetado continuava disponível na plataforma, com grande número de inscritos acumulados, como a arquitetura algorítmica do YouTube continuava capaz de produzir novos *rabbit holes*.

Um ano depois, a atuação do francês acontecia também em âmbito acadêmico, num artigo científico do qual era coautor, que analisava o comportamento diário do sistema de recomendações do YouTube entre outubro de 2018 e fevereiro de 2020

---

<sup>241</sup> “Our ongoing work to tackle hate”, de 05/06/2019: <https://blog.youtube/news-and-events/our-ongoing-work-to-tackle-hate/>; “The Four Rs of Responsibility, Part 2: Raising authoritative content and reducing borderline content and harmful misinformation”, de 03/12/2019: <https://blog.youtube/inside-youtube/the-four-rs-of-responsibility-raise-and-reduce/>. Acesso em: 22/03/2022.

<sup>242</sup> Por exemplo, “YouTube Moves to Make Conspiracy Videos Harder to Find”: <https://www.nytimes.com/2019/01/25/technology/youtube-conspiracy-theory-videos.html>; “YouTube Will Crack Down on Toxic Videos, But It Won’t Be Easy”: <https://www.wired.com/story/youtube-recommendations-crackdown-borderline-content/>; “YouTube vows to recommend fewer conspiracy theory videos”: <https://www.theguardian.com/technology/2019/jan/25/youtube-conspiracy-theory-videos-recommendations>. Acesso em: 23/03/2022.

<sup>243</sup> Disponível em: <https://twitter.com/gchaslot/status/1094359564559044610>. Acesso em: 23/03/2022.

<sup>244</sup> “YouTube Unleashed a Conspiracy Theory Boom. Can It Be Contained?”, de 19/02/2019: <https://www.nytimes.com/2019/02/19/technology/youtube-conspiracy-stars.html>. Acesso em: 24/03/2022.

(Faddoul, Chaslot e Farid, 2020). Tratava-se de um primeiro diagnóstico externo aos já habituais comunicados da companhia sobre o conteúdo *borderline*, e o que os autores detectavam era uma oscilação na circulação de vídeos conspiratórios e negacionistas: em dezembro de 2018, um *boom* de recomendações; a partir de janeiro de 2019, uma queda progressiva, levando até seu ponto mais baixo em maio; daí em diante, no entanto, uma recuperação, que mantinha os índices apenas 40% menores em relação ao início de 2019 — portanto, nas palavras dos autores, ainda “relativamente altos”, com um impulsionamento algorítmico que permanecia preocupante. Como mostram Faddoul, Chaslot e Farid (2020), outros *rabbit holes* continuavam a ser beneficiados pelo sistema de recomendações da plataforma, agrupados pelos autores em três conjuntos temáticos mais amplos: “ciência e história alternativa”, “cultos e profecias online” e “conspirações políticas” como QAnon<sup>245</sup>, Pizzagate e Nova Ordem Mundial<sup>246</sup>.

Dentro do amplo ecossistema de conteúdo *borderline* nocivo não resolvido pela plataforma, no entanto, outra questão importante era observada: parecia haver “relativamente poucos casos de promoção de vídeos conspiratórios sobre os três tópicos explicitamente citados pelo YouTube em seu anúncio [de janeiro de 2019]: Terra Plana, curas milagrosas e 11 de setembro”, ou seja, as medidas estavam sendo mais efetivas sobre os tópicos que recebiam um “escrutínio público mais minucioso, enquanto outras conspirações ainda são regularmente recomendadas” (Faddoul, Chaslot e Farid, 2020, p. 5). Mark Sargent, lembrado por ser o autor do primeiro vídeo terraplanista viralizado no YouTube, dessa vez contava um infortúnio. Em depoimento a uma reportagem da *Wired* de setembro de 2020<sup>247</sup>, explicava que depois de janeiro suas visualizações tiveram uma queda brusca: antes, “nós [terraplanistas] éramos recomendados constantemente”, porque do ponto de vista dos algoritmos “as pessoas que entram na Terra Plana aparentemente descem por esse *rabbit hole*, então [“nós”, algoritmos do YouTube] continuaremos recomendando”; agora, no entanto, “você não vai ver vídeos terraplanistas sendo recomendados para você praticamente nunca mais” — um efeito que, segundo a *Wired*, estava sendo sentido também por outros terraplanistas.

---

<sup>245</sup> Em linhas gerais, seus defensores acreditavam que Donald Trump liderava uma batalha contra uma extensa e demoníaca rede de tráfico de crianças. Apesar da teoria ter ganhado pouca tração no Brasil, alguns de seus elementos tornaram-se parte do repertório terraplanista.

<sup>246</sup> Significante comum em teorias da conspiração que figuram um poder maléfico de escala global, retomado no Capítulo 7.

<sup>247</sup> “YouTube’s Plot to Silence Conspiracy Theories”, de 18/09/2020: <https://www.wired.com/story/youtube-algorithm-silence-conspiracy-theories/>. Acesso em: 27/03/2022.

A moderação de conteúdo terraplanista também se consolidaria em meados de 2021 nas Diretrizes do Avaliador de Qualidade de Pesquisa, extenso documento periodicamente reelaborado pela Google para orientar empresas terceirizadas responsáveis por parte do trabalho humano de avaliação de conteúdo disponível na plataforma<sup>248</sup>. Um dos principais fatores analisados no documento é a “Qualidade de Página”, medida no espectro “Baixíssima–Baixa–Média–Alta–Altíssima” [*Lowest–Low–Medium–High–Highest*] e pormenorizada em subcategorias, exemplos práticos e descrições. Inicialmente, em 2017, com o estopim do criticismo à condução do problema da desinformação pelas plataformas digitais, a Google produziu uma versão do documento<sup>249</sup> na qual páginas com teorias da conspiração e “fatos científicos duvidosos” constavam na categoria da “Baixa Qualidade”. Em outubro de 2020, uma nova versão do documento<sup>250</sup> rebaixava esse conteúdo à categoria da “Baixíssima Qualidade”, especificado como “Páginas que Potencialmente Desinformam Usuários” [*Pages that Potentially Misinform Users*]. Dentre os exemplos citados, estavam sites que defendessem que “os pousos na Lua foram forjados”<sup>251</sup>. Finalmente, em 2021, uma nova alteração<sup>252</sup> — agora enquadrando esse conteúdo não mais como potencialmente desinformador, mas como “Informação Prejudicialmente Enganosa” [*Harmfully Misleading Information*] — citava nominalmente o terraplanismo como exemplo de conteúdo de “Baixíssima Qualidade”.

---

<sup>248</sup> Essa, segundo Sarah Roberts (2019, p. 1), é a “moderação comercial de conteúdo”, trabalho humano de assistir, “avaliar e julgar o conteúdo online gerado pelos usuários e decidir se ele pode permanecer no ar ou deve ser excluído”. Ainda segundo a autora, a moderação automatizada por meio de inteligência artificial existe quando um tipo de conteúdo já consta em “bancos de dados de material ruim já conhecido”; porém, “dada a complexidade desses processos e as muitas questões que devem ser pesadas e balanceadas ao mesmo tempo, a grande maioria do conteúdo de mídia social carregado por seus usuários requer intervenção humana para que seja adequadamente rastreado — especialmente quando há vídeo ou imagens envolvidos” (Roberts, 2019, p. 34, 35).


<sup>249</sup> Versões comentadas disponíveis em: [http://www.theseempost.com/updated-google-quality-rater-guidelines-fake-news-clickbait-targeted/#Low\\_Quality\\_Pages](http://www.theseempost.com/updated-google-quality-rater-guidelines-fake-news-clickbait-targeted/#Low_Quality_Pages) e <http://www.theseempost.com/google-tackles-fake-news-inaccurate-content-hate-sites-rater-guidelines-update/>. Acesso em: 05/04/2022.

<sup>250</sup> Publicado em 14/10/2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210305155630/https://static.googleusercontent.com/media/guidelines.raterhub.com/pt-BR//searchqualityevaluatorguidelines.pdf>. Acesso em: 05/04/2022.

<sup>251</sup> Nas instruções sobre esse tipo de conteúdo lê-se: “*While some of these topics may seem funny, there have been real world consequences from people believing these kinds of internet conspiracy theories and misinformation*”.

<sup>252</sup> Publicado em 19 de outubro de 2021. Disponível em: <https://static.googleusercontent.com/media/guidelines.raterhub.com/pt-BR//searchqualityevaluatorguidelines.pdf>. Acesso em: 05/04/2022.

Figura 28 - A Terra Plana como conteúdo de “Baixíssima Qualidade”.

<p><b>Lowest: Flat earth</b> (YMYL)</p> <p>This is a homepage of The Flat Earth Society, a group of people dedicated to spreading the belief that the earth is flat.</p>	<p><b>Harmfully Misleading Information</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Contains unsubstantiated theories/claims not grounded in any reasonable facts or evidence</li> <li>• Contains clearly inaccurate information that can easily be refuted by straightforward and widely accepted facts</li> <li>• Contains information that contradicts well-established expert consensus</li> </ul>	 <p>The purpose of this website is promoting misleading information. It is harmful to people and society as it undermines trust in public institutions.</p>
--	--	---

Fonte: Diretrizes do Avaliador de Qualidade de Pesquisa do Google (2021).

Num texto do blog oficial do YouTube de setembro de 2021<sup>253</sup>, Cristos Goodrow, vice-presidente de engenharia da empresa, explicava que o processo de moderação de vídeos da plataforma também se orientava pelas Diretrizes do Avaliador da Google. Seu comunicado não deixa claro como (ou se) elas eram usadas em 2017, quando teorias da conspiração e “fatos científicos duvidosos” foram incluídas pelo Google — na verdade, Goodrow dá a entender que a limitação do impulsionamento da desinformação, inscrita nas “formas como usamos nosso sistema de recomendação, incluindo desinformação problemática e conteúdo limítrofe”, está vinculada à medida de janeiro de 2019. A categoria do “*borderline*”, por exemplo, não consta nas Diretrizes do Google, mas faz parte do treinamento dos moderadores humanos. Como explica o engenheiro, um conjunto de perguntas sobre o quanto um vídeo assistido pelo profissional é “qualificado” [*authoritative*] ou *borderline* resulta numa pontuação; no caso da segunda categoria, ela varia de acordo com outras subcategorias (se o vídeo é “impreciso”, “errôneo ou enganoso”, “insensível ou intolerante” ou “nocivo ou com potencial de causar dano”).

No comunicado assinado por Goodrow (mais um resultado de pressões externas por transparência quanto aos critérios utilizados na moderação do conteúdo *borderline*, e a primeira manifestação pública do YouTube com informações mais concretas sobre a alteração<sup>254</sup>), o terraplanismo era novamente colocado como exemplo:

Considere o conteúdo de terraplanistas. Embora existam muito mais vídeos publicados dizendo que a Terra é plana do que dizendo que ela é redonda, os

<sup>253</sup> “On YouTube’s recommendation system”, de 15/09/2021: <https://blog.youtube/inside-youtube/on-youtubes-recommendation-system/>. Acesso em: 01/04/2022.

<sup>254</sup> Um exemplo eram as demandas por auditoria dos algoritmos da empresa levantadas pela Mozilla Foundation, que publicou relatório em julho de 2021 apontando problemas oriundos da falta de transparência do YouTube quanto aos critérios utilizados para classificar o conteúdo *borderline*. A organização chegou a se reunir com o YouTube, mas não teve os pedidos atendidos. Apesar do texto de Goodrow assumir tom de prestação de contas, muitos dados sobre o sistema de recomendações, tais como “quantas vezes o YouTube recomenda conteúdo *borderline* e a quantidade total desse tipo de conteúdo na plataforma” (Mozilla Foundation, 2021, p. 26), também permaneciam sem resposta. Informações sobre a reunião estão disponíveis em: <https://foundation.mozilla.org/pt-BR/blog/our-recommendation-youtube/>. Acesso em: 25/04/2022.

vídeos sobre Terra Plana, em média, recebem muito menos visualizações. As pesquisas mostram que o conteúdo *borderline* é satisfatório apenas para uma parcela muito pequena dos espectadores no YouTube. Investimos muito tempo e dinheiro para garantir que ele não chegue a um público mais amplo por meio de nosso sistema de recomendações. Hoje, o conteúdo *borderline* recebe a maior parte das suas visualizações de outras fontes, distintas da recomendação a usuários não inscritos [nos canais terraplanistas].

O reconhecimento de que o sistema de recomendações teve algum efeito na divulgação de vídeos em defesa da Terra Plana aparece de forma sutil, mas é o suficiente para que o discurso sobre “responsabilidade” da empresa assuma o tom implacável e resolutivo: “Alguém pode dizer que está muito satisfeito com vídeos que afirmam que ‘a Terra é plana’, mas isso não quer dizer que nós queremos recomendar esse tipo de conteúdo de baixa qualidade”, escrevia Goodrow. Naquele momento, em 2021, o tratamento dispensado à Terra Plana como exemplo de trabalho de moderação bem sucedido remetia sobretudo a um fenômeno que já tinha perdido lugar na delimitação do problema da desinformação online. As questões prementes haviam se deslocado em 2020 para as novas eleições presidenciais dos Estados Unidos e, especialmente, para a pandemia de COVID-19 — ambas atravessadas pela proliferação de teorias da conspiração, peças de desinformação e dados equivocados nessa e noutras plataformas. Num comunicado de fevereiro de 2022<sup>255</sup>, Neil Mohan, chefe de produto da companhia, dizia:

Por vários anos, o cenário de desinformação online foi dominado por algumas narrativas principais — pense nos céticos do 11 de setembro, teóricos da conspiração dos pousos na Lua e nos terraplanistas. Essas teorias da conspiração de longa data construíram um arquivo de conteúdo. Como resultado, nós fomos capazes de treinar nossos sistemas de *machine learning* para reduzir as recomendações desses vídeos e outros similares com base em padrões desse tipo de conteúdo. Mas, cada vez mais, uma narrativa completamente nova pode surgir rapidamente e ganhar visualizações. Ou as narrativas podem escorregar de um tópico para outro — por exemplo, algum conteúdo genérico de bem-estar pode levar a hesitação vacinal. Cada narrativa pode também ter uma aparência e uma propagação diferentes, ou às vezes ser hiperlocal.

Para não voltarmos à já mencionada explosão de desinformação em torno da pandemia de COVID-19, o diagnóstico de Goodrow era convergente com alertas anteriores, como os de Faddoul, Chaslot e Farid (2020), que no começo de 2020 já apontavam o crescimento de vídeos com as teorias conspiratórias de extrema-direita dos QAnon (antes disso, desde 2019, elas eram apontadas como um risco interno nos Estados

---

<sup>255</sup> “Inside Responsibility: What’s next on our misinfo efforts”, de 17/02/2022: <https://blog.youtube/inside-youtube/inside-responsibility-whats-next-on-our-misinfo-efforts/>. Acesso em: 26/05/2022.

Unidos<sup>256</sup>). Desde que a empresa passou a operar com a categoria do *borderline*, denúncias de negligência no manejo de outras modalidades de vídeos não afetados pela mudança de janeiro de 2019 continuaram proliferando na grande mídia. Em meados de 2020, quando companhias como o Twitter e o Facebook começavam a se mobilizar para remover conteúdo pró-QAnon de suas plataformas, a CEO do YouTube era criticada por se posicionar diante do problema de modo “hesitante” (era o que dizia a *CNN* em outubro daquele ano), escolhendo manter parte desses vídeos nas plataformas por considerá-los como conteúdo *borderline*; a empresa, enquanto isso, era acusada de “desempenhar um papel maior do que a maioria das plataformas em mover o QAnon das margens para o *mainstream*” (segundo reportagem do *The New York Times*) — até a empresa ceder à pressão dias depois, prevendo remover vídeos “envolvendo teorias da conspiração usadas para justificar violência no mundo real”<sup>257</sup>.

\*\*\*

Como veremos no capítulo seguinte, o terraplanismo brasileiro teve seu ápice de popularidade em 2019 — em grande medida, por motivos que excediam as rotinas de produção de conteúdo em plataformas digitais. De todo modo, o atraso na implementação no Brasil das políticas de conteúdo *borderline* delineadas em janeiro daquele ano, no mínimo, não jogou contra um tema em ascensão no debate público. Débora Barbosa, por exemplo, a última youtuber terraplanista a conseguir arrebanhar inscritos na casa das centenas de milhares, contava que foi durante o primeiro semestre de 2019<sup>258</sup> que saiu dos 2 mil para a marca de 241 mil inscritos em seu canal homônimo. Afonso é outro exemplo: ele, que durante 2019 recusava participar da FlatCon apoiado na garantia de um público amplo o suficiente em seu *Ciência de Verdade* (questão retomada no Capítulo 6),

---

<sup>256</sup> Relatório vazado do FBI apontava que ela e outras “*fringe political conspiracy theories*” elevavam os riscos de “terrorismo doméstico” no país. Disponível em: “Local FBI field office warns of 'conspiracy theory-driven domestic extremists'”, de 01/08/2019: <https://www.nbcnews.com/tech/tech-news/local-fbi-field-office-warns-conspiracy-theory-driven-domestic-extremists-n1038441>. Acesso em: 30/03/2022.

<sup>257</sup> “Facebook Removes 790 QAnon Groups to Fight Conspiracy Theory”, de 19/08/2020 (<https://www.nytimes.com/2020/08/19/technology/facebook-qanon-groups-takedown.html>); “YouTube CEO won't say if company will ban QAnon”, de 12/10/2020: (<https://edition.cnn.com/2020/10/12/tech/youtube-susan-wojcicki-boss-files/index.html>); “Managing harmful conspiracy theories on YouTube”, de 15/10/2020 (<https://blog.youtube/news-and-events/harmful-conspiracy-theories-youtube/>); “YouTube Cracks Down on QAnon Conspiracy Theory, Citing Offline Violence”, de 15/10/2020 (<https://www.nytimes.com/2020/10/15/technology/youtube-bans-qanon-violence.html>). Acesso em: 30/03/2022.

<sup>258</sup> Em vídeo de 13/08/2019 (link indisponível; vídeo excluído).



em março de 2020<sup>259</sup> se queixava da performance do canal, aferida nas estatísticas oferecida pela própria plataforma aos criadores de conteúdo:

O YouTube indicava quase 3 milhões de *thumbnails* do meu canal nos meus vídeos: tinha lá meu vídeo, aí tinha lá [na barra lateral] 5, 6 *thumbnails* [ou seja, 5 ou 6 indicações de outros vídeos do canal]. Então, um vídeo de 100 mil visualizações tinha 500 mil indicações, porque [tinha] 5 *thumbnails* [indicadas] no meu próprio vídeo, incluindo as *thumbnails* que eu coloco dentro dos meus vídeos — eu coloco sempre duas *thumbnails*, certo? [refere-se aí às indicações de outros vídeos do canal que surgem na tela quando uma exibição é concluída] Então, se tem 100 mil visualizações, o YouTube indica 200 mil. Olha só o que acontece aqui: hoje o YouTube indica (...) 323 mil *thumbnails*, saiu de 3 milhões pra 300 mil, tá? Caiu 90%.

Isso, segundo ele, reverberava também na quantidade de novos inscritos — a queda teria sido de 97%, saindo da impressionante média de 1500 novas inscrições por dia para apenas 50. O impacto, em outras palavras, se assemelhava àquele que Mark Sargent sentira já em 2019: nas palavras de Afonso, “quem chega no canal *Ciência de Verdade*, hoje, chega através de indicação [de outras pessoas], não chega ninguém através, quase, do Youtube, [só] um ou outro”. Nesse momento, o terraplanista anunciava que um canal de transmissão no Telegram seria usado para publicar vídeos que viessem a ser excluídos do *Ciência de Verdade*, pois, além da limitação nas recomendações, via-se sujeito às novas políticas de moderação de conteúdo relativo à COVID-19<sup>260</sup>. A forte tendência geral de incorporação dos negacionismos pandêmicos na pauta de canais terraplanistas os colocou com maior frequência num tipo de mira que, diferentemente da permissão condicionada do enquadramento *borderline*, poderia gerar consequências mais drásticas. Ainda que algumas dessas produções tenham passado praticamente despercebidas à moderação do YouTube<sup>261</sup>, outras foram penalizadas com desmonetização, exclusão de vídeos ou mesmo remoção de canal. Esse foi o caso de Bruno e seu *Mistérios do Mundo*, que somava 133 mil inscritos quando foi removido da

<sup>259</sup> Vídeo publicado em 18/03/2020 (link indisponível; vídeo excluído).

<sup>260</sup> O movimento em direção ao Telegram, realizado também por canais como *Sem Hipocrisia* ou *Mistérios do Mundo*, convergia com uma tendência observada por Nascimento *et al.* (2021) no ecossistema digital mais amplo da extrema-direita, que se sobrepunha à disseminação de desinformação e teorias da conspiração acerca da pandemia. Segundo os autores, a plataforma passava a ser amplamente utilizada por permitir tanto o anonimato como um alcance expressivamente maior do que grupos de WhatsApp (o Telegram permite a formação de canais de transmissão, com envio unilateral de mensagens, com número ilimitado de inscritos, e de grupos de até 200 mil membros, em contraste ao limite de 256 no WhatsApp).

<sup>261</sup> Um exemplo é um vídeo do *Terra Plana Reloaded* de 19/04/2019 intitulado “Revoltante: hospital vazio em SP e hospital desmontado no Ceará, para simular a falta de leitos!”, ainda hoje no ar, e que foi afetado apenas pela inserção de quadro informativo sugerindo a busca no Google por notícias mais recentes sobre a pandemia. Disponível em: <https://youtu.be/qZbfSdGdwI>. Acesso em: 07/04/2023.

plataforma, em dezembro de 2021 — no ano seguinte, recuperou um terço dessa audiência pondo em atividade o canal reserva que havia criado anos antes.

Isso não significou o fim de canais terraplanistas, ainda que tenha implicado em diferentes modos de readaptação. Além de canais que foram praticamente abandonados, mas cujo acervo continua disponível na plataforma (caso do *Terra Plana Reloaded*), ou que passaram a lançar vídeos apenas esporadicamente (como *Professor Terra Plana*), canais como o *Sem Hipocrisia*, por exemplo, evitaram banimento produzindo vídeos quase estritamente voltados à cosmologia da Terra Plana, ainda que sofrendo diminuição na tendência de crescimento de audiências com o enquadramento na política do *borderline* e emplacando audiências ainda maiores com conteúdo sobre a pandemia e em apoio ao golpismo bolsonarista em canais no Telegram; outros, como o *Inteligência Natural*, mantiveram produção audiovisual sobre o modelo simultaneamente a vídeos sobre a pandemia, agora adotando formas alusivas de se referir à doença, assim escapando da moderação do YouTube; mais alguns canais, por fim, reavaliaram suas prioridades e trocaram a Terra Plana por outros tópicos nas linhas de “ciência”, “religião” e “conspiracionismo”, até mesmo apagando seus vídeos anteriores sobre o assunto, ainda que com indicativos de que a crença numa Terra plana não tenha sido abandonada, e alcançando maior ou menor sucesso nas novas apostas (*Ciência de Verdade*, por exemplo, teve queda de audiência nessas produções; *Débora G. Barbosa*, por sua vez, triplicou os números conquistados até 2019, acumulando hoje 754 mil inscritos). Como sobrevivida para uns e desmobilização para outros, as mudanças no ambiente audiovisual terraplanista pós-2020 refrearam as expectativas de expansão da onda de defesa do modelo; esse ecossistema digital, entretanto, segue ativo, cabendo observar seus possíveis desenvolvimentos futuros.

### **A formação de influenciadores: o terraplanismo no YouTube e o YouTube no terraplanismo**

Segundo Elizabeth Van Couvering (2017), a política econômica do YouTube consiste basicamente na manutenção de uma massa de usuários interessados e no incentivo à produção contínua de vídeos pelos provedores de conteúdo (sejam eles usuários tornados produtores ou veículos de comunicação já existentes levados à plataforma), com a finalidade de atrair anunciantes. Esse modelo de negócios caracteriza

essa e outras “plataformas de publicidade”, como Google ou Facebook: de acordo com Nick Srnicek (2017, p. 33), trata-se de infraestruturas que “extraem informações sobre os usuários, realizam um trabalho de análise e, em seguida, usam os produtos desse processo para vender espaço publicitário”; algoritmos de recomendação cumprem aí o papel de “tornar as funções da plataforma muito mais eficientes e acessíveis” (Couvering, 2017, p. 1812). O “efeito de rede” (“quanto maior o número de usuários, mais valiosa a plataforma é para todos”) é, segundo Srnicek (2017, p. 31, 37), aquilo que garante o monopólio de mercado da empresa, mas também o que fundamenta a “promessa” de que essa infraestrutura “combinará habilmente um anunciante com os usuários corretos quando necessário” — afinal, para essa operação, ela dispõe de imensas estruturas de dados, bem central do capitalismo de plataforma.

Esse modelo assume uma forma particular no caso do YouTube, que, diferentemente de plataformas como Instagram, Facebook ou Twitter, *monetiza* parte de seus produtores de conteúdo, dividindo uma parcela da receita obtida a partir da exibição de anúncios. A estratégia, nomeada Programa de Parcerias do YouTube (YPP)<sup>262</sup>, foi implementada já em 2006, quando a plataforma foi comprada pela Google, fazendo do ambiente de “cultura participativa” ensejado pela companhia — resumido no seu mote publicitário do “Transmita-se” [*Broadcast Yourself*] — um “espaço cultural-comercial híbrido”, um “ecossistema mais complexo e gerenciado, projetado para monetizar conteúdo tanto amador como profissional” (Lobato, 2016, p. 1). Para estar apto à monetização, cada canal deve cumprir um conjunto (frequentemente modificado) de pré-requisitos baseados em métricas de alcance — em 2018, por exemplo, a monetização poderia ser solicitada pelo canal que possuísse 4 mil horas de exibição nos 12 meses anteriores e somasse pelo menos mil inscritos. Durante o período de avaliação do pedido, cabe ao YouTube determinar se o canal se adequa às suas políticas, expressas nas Diretrizes da Comunidade, nos Termos de Serviço, nas normas de direitos autorais e no regulamento do Google AdSense, serviço diretamente responsável por veicular os

---

<sup>262</sup> As informações que apresento aqui constam em páginas oficiais do YouTube e da Google. “Políticas de monetização” ([https://www.youtube.com/intl/ALL\\_br/howyoutubeworks/policies/monetization-policies/](https://www.youtube.com/intl/ALL_br/howyoutubeworks/policies/monetization-policies/)); “Políticas de Monetização de Canais do YouTube” (<https://support.google.com/youtube/answer/1311392/>); “Como ganhar dinheiro no YouTube” (<https://support.google.com/youtube/answer/72857?hl=pt-BR/>); “Diretrizes de conteúdo adequado para publicidade” (<https://support.google.com/youtube/answer/6162278/>); “Additional Changes to the YouTube Partner Program (YPP) to Better Protect Creators” (<https://blog.youtube/news-and-events/additional-changes-to-youtube-partner/>); “Políticas do programa Google AdSense”: (<https://support.google.com/adsense/answer/48182?ctx=checkboxlist>). Acesso em: 17/10/2022.

anúncios e gerar receita (a “desmonetização” — de todo um canal ou de vídeos específicos — também é possível, caso a plataforma julgue que alguma de suas políticas de publicidade foi infringida).

Hoje, o AdSense é uma das seis ferramentas por meio das quais um canal monetizado pode obter dinheiro com o intermédio do YouTube<sup>263</sup>, mas se diferencia das demais por ser a única que não depende de um pagamento originado do espectador/usuário. Uma vez que o canal é monetizado, os anúncios adicionados pelo YouTube antes (ou no meio) de cada vídeo passam a gerar faturamentos, pagos ao youtuber pela própria plataforma. Os valores são calculados algoritmicamente, dependendo do número de visualizações e anúncios do vídeo, da quantia investida pelos anunciantes e de outros parâmetros de engajamento e relevância do canal. Fontes de muitas controvérsias, dada a baixa transparência do YouTube em relação a esses cálculos, os valores pagos variam bastante. Em dezembro de 2018, a *Forbes*, por exemplo, estimava uma média de 5 dólares a cada mil visualizações em canais de muito sucesso; em abril de 2020, o *Influencer Marketing Hub* fazia a estimativa de 4,7 a 7,8 dólares por mil visualizações em canais com alto engajamento e 0,3 a 0,5 dólares em canais com baixíssimo engajamento<sup>264</sup>.

Não sendo vetados pelas normas de nenhuma das políticas expressas nos documentos que regem o Programa de Parcerias, terraplanistas dependem apenas das métricas de engajamento de seus canais para se habilitarem à monetização. Assim, *Sem Hipocrisia*, *Ciência de Verdade*, *Débora G. Barbosa*, *Inteligência Natural* e *Mistérios do Mundo* são exemplos de canais que são (ou eram) monetizados pelo YouTube e encontraram na empresa um tipo de retorno financeiro inexistente em qualquer outra plataforma do ecossistema digital terraplanista. É verdade que os ganhos não necessariamente são altos, tendendo a diminuir com as variações na visibilidade dos

---

<sup>263</sup> São eles: *Clube dos canais*, *YouTube Shopping*, *Super Chat* e *Super Sticker*, *Valeu demais* e o *YouTube Premium*.

<sup>264</sup> “Highest-Paid YouTube Stars 2018: Markiplier, Jake Paul, PewDiePie And More”, de 03/12/2018 (<https://www.forbes.com/sites/natalierobehmed/2018/12/03/highest-paid-youtube-stars-2018-markiplier-jake-paul-pewdiepie-and-more/?sh=43d51f61909a>); “Quanto os Youtubers ganham? – O guia financeiro de um YouTuber [calculadora]”, de 17/04/2020 (<https://influencermarketinghub.com/br/quanto-os-youtubers-ganham/>). Acesso em: 18/10/2022.

canais. Em um *hangout* de setembro 2017<sup>265</sup>, Marthins reclamava dos valores ganhos no *Sem Hipocrisia*, que naquele momento atingia a marca de 50 mil inscritos:

Pra mim, [a quantidade de inscritos] é uma grande surpresa e uma grande recompensa. Não uma recompensa financeira, porque, pra quem não sabe, o YouTube não dá dinheiro: dá migalhas de dólares, que nós temos que coletar (...) pra um dia pagar uma conta de internet, pagar uma conta de água e uma conta de luz, tá? Quem ganha dinheiro no YouTube é aquele cara que fala um monte de porcarias que o sistema pede pra que ele fale e tenha milhões e milhões de inscritos. Aí sim, com milhões de visualizações, você consegue algum dinheirinho.

Em 2019, Débora fazia queixa semelhante ao negar que o retorno financeiro da plataforma fosse sinal de “enriquecimento”<sup>266</sup>. No mesmo ano<sup>267</sup>, Afonso contava que seu *Ciência de Verdade* chegara a ficar um ano desmonetizado após publicar conteúdo antivacina, mas que naquele momento o serviço já havia sido reabilitado, ainda que lhe desse um retorno financeiro pequeno (uma afirmação contestada por terraplanistas como Jean, organizador da FlatCon, que falava: “não é uma merreca, como você gosta de dizer, fale a verdade”<sup>268</sup>). As possíveis limitações nos ganhos diretos com o Programa de Parcerias, no entanto, não dizem tudo sobre o empreendedorismo desses youtubers que consolidaram grandes audiências na plataforma: Marthins, desde 2016, utilizava seu canal para divulgar sua venda de livros, camisetas e bonés com temática terraplanista; desde 2017, Afonso pedia aos seus inscritos para pagarem por seus cursos online ou por pacotes de vídeos privados em sites como Udemy, SubscribeStar e Patreon; Débora, desde 2019, fazia o mesmo por meio do site Kiwify<sup>269</sup>.

Mas a percepção dos ganhos do Programa de Parcerias por youtubers como Marthins, Afonso e Débora não é consensual entre terraplanistas — ou, no mínimo, varia

<sup>265</sup> Transmitida pelo canal *Inteligência Natural* em 23/09/2017 com o título “Terra Plana — Direto do fim do mundo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/g1nKhAvd2xE>. Acesso em: 18/02/2023.

<sup>266</sup> “Não tem como você virar milionário falando a verdade”, dizia ela em vídeo publicado em seu canal em 23 de agosto de 2019 (link indisponível).

<sup>267</sup> Em vídeo publicado em 04/03/2019 em seu canal. Disponível em: <https://youtu.be/u8ZP9g-RKA8>. Acesso em: 09/01/2023.

<sup>268</sup> A frase foi dita em live do canal de Jean, *O Questionador*, transmitida em 12/11/2019 (link indisponível). Independentemente do que se passava ou não com os ganhos de Afonso, a percepção de Jean é importante e será retomada e explicada no capítulo seguinte.

<sup>269</sup> Ambos abordavam tópicos diretamente relacionados ao formato da Terra (por exemplo, suas interpretações apocalípticas sobre a “inversão do campo magnético” do planeta), vinculados ao conspiracionismo (caso, por exemplo, de “Os Controladores Do Mundo - Desvendando Sociedades Secretas”, de Débora) ou fundados na preparação para um apocalipse vindouro (por exemplo, “Produção Familiar de Lenha para Iniciantes”, de Afonso). Uma grande parte de seus cursos, no entanto, aproveitavam a reputação construída no YouTube para vender conteúdo do universo *coach*/empreendedor — por exemplo, “Aprenda a Vencer a Timidez!”, “Liderança: Aprenda a ser um(a) Líder de Verdade” e “A Arte dos Preços: A Diferença entre o Lucro e o Prejuízo”, de Afonso, ou “*Hacks* de Produtividade” e “Renda Online (Curso De YouTuber)”, de Débora.

de acordo com as circunstâncias. Quando o *Mistérios do Mundo* de Bruno foi permanentemente removido do YouTube, em janeiro de 2022, o terraplanista publicou vídeo em seu canal reserva<sup>270</sup> explicando que ele e a esposa haviam ficado recentemente desempregados e a plataforma havia se tornado o principal ganha-pão da família: “A única renda que eu tinha era o YouTube, de dezembro pra cá. Os vídeos estavam indo bem, eu estava começando a ganhar razoavelmente, não muita coisa, mas que dava...”. Sua situação estava difícil e a frase incompleta indicava que esse rendimento não ia muito além do mínimo à sobrevivência, precisando ser complementado com doações diretas de amigos e espectadores. Nesse momento crítico, enquanto iniciava os esforços para cumprir os requisitos de monetização do canal reserva, as condições e expectativas de profissionalização saltavam ao primeiro plano:

Você tá há 5 anos como parceiro da plataforma, gerando receita pra plataforma, noites em claro pra gerar conteúdo, pra pesquisar, investindo em equipamentos, em material, em viagens pra realizar experimentos. Olha só quantos vídeos tinham lá, né? Experimentos da Ilha de Búzios, experimentos em Portugal que provavam a Terra Plana de maneira incisiva, né? E foi tudo perdido. A plataforma não teve nenhum comprometimento com tudo que eu investi do meu tempo e da minha vida pra criar conteúdo pras pessoas. (...) Muita gente fala: “o Youtube é uma plataforma privada”. Não, mas ela tem contrato de trabalho com os criadores de conteúdo. Você, quando entra no YouTube, cria um canal e começa a ser monetizado, você tem um contrato de trabalho, um contrato de criador de conteúdo.

Leandro, do *Inteligência Natural*<sup>271</sup>, sustenta essa percepção de forma ainda mais explícita, ainda que reconheça a falta de proteção empregatícia na plataforma (“não existe vínculo trabalhista com o YouTube, é como se fosse *freelancer*”). Em 2021, após a plataforma remover um vídeo seu que infringia a política sobre “Informações médicas incorretas”, Leandro falava sobre o fato remetendo à sua condição como youtuber: “Meu trabalho é monetizado, sim. Ele [o YouTube] divide a receita dele comigo, então eu posso considerar um trabalho. É o patrão puxando a minha orelha”. Em 2022, comentando o caso de Bruno, Leandro dizia:

A plataforma tem as suas regras, é como se fôssemos funcionários dela (...) Eu procuro sempre estar me atualizando nessas regrinhas da plataforma pra não cometer aí alguma infração. Não tem jeito, não dá pra falar tudo o que você quer no YouTube. Não dá, tem as regras dele aí, você tem que seguir. É uma empresa, é como se fosse regras de um trabalho qualquer.

<sup>270</sup> Vídeo publicado em 25/01/2022 no canal *Cb Bruno Alves*, intitulado “Morre Olavo de Carvalho e canal removido”. Disponível em: <https://youtu.be/VUAvTfg-uZM>. Acesso em: 04/04/2023.

<sup>271</sup> Falas retiradas de *live* transmitida em 14 de julho de 2020 (link indisponível), de vídeo de meados de 2021 (link indisponível) e de *live* transmitida em 25/01/2022 (<https://www.youtube.com/live/AKVv0WLyR0Y>). Acesso em: 04/04/2023.

Isso não significava, no entanto, que a divulgação da cosmologia terraplanista, tema que impulsionou o sucesso de seu canal, estivesse em algum momento sob ameaça: “Até hoje, o YouTube nunca me deu nenhum aviso sobre... Qualquer coisa que já botei aqui, astronauta, ida do homem à Lua, essas questões de ufologia, questões bíblicas, questões religiosas, notícias. Até hoje, tranquilo”. Ao contrário, em 2020, ao receber em sua casa uma placa de prata concedida pelo YouTube aos canais que alcançam 100 mil inscritos, o youtuber terraplanista comunicava sua gratidão à empresa:

Tem uma cartinha aqui muito legal que a CEO do YouTube manda pra gente, oh. A chefe. Então, obrigado também à chefe Susan Wojcicki. Falar o sobrenome aqui da chefe é meio difícil. (...) [Lendo trecho da carta:] “Cada uma dessas pessoas inscritas no seu canal gostou do trabalho que você realizou. Você as inspirou, desafiou ou divertiu”. Então, eu agradeço ao YouTube, sim. É uma plataforma que de vez em quando a gente reclama, a gente desabafa, mas apesar de tudo isso ela ainda permite que eu grave um conteúdo, que eu fale basicamente ou praticamente de qualquer assunto, desde que não infrinja as suas diretrizes principais, e a gente tem um espaço aqui pra expor a nossa opinião, o nosso ponto de vista. Então, eu agradeço muito, estou muito feliz. É um marco, né?”

Leandro expressa muitos marcadores de uma retórica profissionalizada não necessariamente subscrita por outros youtubers terraplanistas, mas isso não é indicativo de mera peculiaridade individual. Sua fala torna visível uma condição comum aos seus pares — ao menos àqueles que, como Bruno, Marthins, Afonso ou Débora, formaram maiores audiências. Em primeiro lugar, há a já discutida garantia infraestrutural de permanência do tema da Terra Plana na plataforma (o não dito aí é o enquadramento do *borderline*, ainda não plenamente aplicado no Brasil); segundo, a própria premiação que motiva o vídeo de Leandro materializa a categoria do youtuber como ocupação que, se não inteiramente profissionalizada, pelo menos tende à manutenção de um tipo particular de relação social (produtor–audiência), com efeitos de autoridade que não dependem apenas de seus esforços pessoais enquanto criadores de conteúdo, uma vez que já estão inscritos na própria configuração dessa plataforma de vídeo.

Na “lógica de mídia” que, segundo Kalpokas (2019, p. 6), conforma a condição da experiência na “pós-verdade”, a relação entre *produtor de conteúdo* e *audiência* é uma forma social elementar à “construção de mundos de vida compartilhados” em “mercados de verdade”. A posição de *influenciador*, central nas mídias contemporâneas, evidentemente ultrapassa o caso do terraplanismo ou do que se vem a chamar de pós-verdade. Do ponto de vista da fragmentação e “pulverização dos canais potenciais de publicização de discursos”, o influenciador é um tipo de *gatekeeper*, ou seja, de figura

que “recolhe”, “seleciona” e “hierarquiza” informações para públicos específicos no “novo ambiente comunicacional” (Miguel, 2022, p. 204). Num sentido semelhante, Crystal Abidin (2018, p. 6) propõe entender outras “culturas de influência” que vão além do tradicional perfil do “profissional em atividade continuada e altamente promovida por marcas” que forma a “elite econômica” das celebridades de internet, chamando atenção para a condição de “amplificadores de informação”, definidos pela posição diferenciada que lhes permite disseminar informação em escala mais ampla.

Esse é o caso dos youtubers terraplanistas, cujo destaque na economia interna do terraplanismo brasileiro já foi anteriormente mencionada (em termos do conteúdo exibido: traduzindo material estrangeiro, consolidando argumentos, realizando “experimentos”, promovendo *hangouts*, analisando imagens do heliocentrismo etc.). Evidentemente, há certos atributos de uma posição geral de influenciador que podem coincidir com o caso terraplanista. Abidin (2018) descreve, por exemplo, certas inclinações à produção de conteúdo filtrado por elementos da vida pessoal, por vezes assumindo (a depender do nicho em questão) retóricas e estéticas informais e espontâneas, associadas a uma expectativa de “autenticidade” (ainda que, em alguns casos, frutos de construção calculada e apoiadas por equipes mais amplas de profissionais). A questão que enfatizo aqui é outra, que diz respeito ao que Abidin (2018, p. 98) caracteriza como “habilidades econômicas, técnicas, culturais e sociais” utilizadas para identificar tendências na produção de conteúdo digital, a fim não apenas de capturar atenção, mas de gerar engajamento de seus espectadores.

Táticas de “autopromoção” não se restringem a capacidades individuais (Abidin, 2018) e envolvem uma boa dose de adequação à infraestrutura de uma plataforma — ou seja, posicionando-se favoravelmente às dinâmicas de impulsionamento algorítmico. Nos termos de Kelley Cotter (2019, p. 895), isso significa jogar o “jogo de visibilidade”: influenciadores (ou potencialmente qualquer usuário dessas mídias) tentam interpretar a “arquitetura algorítmica” de uma plataforma a partir de suas “interações conscientes e instrumentais” com as normas que regulam a recomendação de conteúdo nesses ambientes. Segundo Taina Bucher (2012), num cenário de saturação de informação e constante “ameaça de invisibilidade”, a adesão a lógicas embutidas na arquitetura das plataformas se traduz numa “subjetividade participativa”, comprometida com a utilização dos recursos disponíveis em sua interface na espera da “recompensa” — ou seja, da entrega do material produzido aos seus públicos (ou para além deles) por meio do sistema



de recomendação de conteúdo. No entanto, dada a baixa transparência das plataformas quanto aos critérios de amplificação algorítmica, esse trabalho de adesão não é linear, baseando-se em grande medida em deduções, fragmentos de informação lançados em notas oficiais das empresas, boatos e outros modos de apreender indiretamente seu funcionamento: em grande medida, os influenciadores estão se valendo de “conhecimentos tácitos” em interação com “imaginários algorítmicos” (Bucher, 2017), em “cumplicidade” com seus “sinais enigmáticos” (Bishop, 2018).

Esforços desse tipo marcam o terraplanismo brasileiro desde o seu surgimento. O *Sem Hipocrisia*, que a partir de setembro de 2015, quando começou a tratar da cosmologia terraplanista, passou a ser tratado como um pioneiro no ramo, tinha uma trajetória pregressa curta, mas digna de nota. Marthins criou seu canal em 19 de janeiro de 2015 e, nesses primeiros nove meses, conseguiu em pouco tempo partir do zero para altos índices de visualização, com uma produção audiovisual numerosa e constante. Alguns elementos posteriormente conciliáveis com o terraplanismo já estavam presentes, como as denúncias conspiratórias envolvendo Nova Ordem Mundial, *chemtrails*, satanismo e afins. Porém, outros vídeos, que concentravam seus maiores números de visualização, eram um tanto destoantes de sua produção futura. Em junho de 2015, por exemplo, publicou “Crianças grávidas – As meninas mães mais jovens (Top 10)”, em duas versões (português e inglês), que somam hoje 86 mil e 65 mil visualizações<sup>272</sup>. A chocante *thumbnail* mostra a fotografia de uma criança negra, sorrindo (parte de seu rosto encoberto pelos dizeres “crianças grávidas”, em caixa alta), com a blusa levantada na protuberante região da barriga; no curto vídeo, essa e outras imagens são editadas junto a cartelas de texto que descrevem casos aparentemente reais, sem narração, acompanhadas apenas por uma música suave, quase burlesca.

Antes disso, em março de 2015, publicava “Cachorro sendo comida vivo pela boca (pit bull) – mífase bucal, larvas se alimentando do cachorro”, que soma hoje 745 mil visualizações. Na *thumbnail*, uma faixa amarela com os dizeres “cenas fortes”, prevendo e incitando o clique no vídeo, é acompanhada de fotografia que revela apenas parcialmente a imagem da doença do animal<sup>273</sup>. Em agosto de 2015, era a vez de “Melhor comercial proibido do mundo – Mensagem subliminar”, com *thumbnail* sexualmente

<sup>272</sup> Disponíveis em: [https://youtu.be/\\_C\\_uGTvX8fk](https://youtu.be/_C_uGTvX8fk) e <https://youtu.be/qoeIWIVXPqA>. Acesso em: 15/01/2023.

<sup>273</sup> Disponível em: <https://youtu.be/EH13EN0F0Ko>. Acesso em: 15/01/2023.

sugestiva — a imagem de uma mulher de padrão de beleza europeu, com farto decote — , que é até hoje o vídeo de maior sucesso do canal, com 844 mil visualizações<sup>274</sup>. Conteúdos do tipo se repetiam, num momento em que Marthins parecia querer fazer do canal recém-criado um espaço de captura da atenção de espectadores ávidos a clicarem em vídeos sensacionalistas, apelativos, extremos ou no mínimo controversos. Consciente das possibilidades da plataforma identificar nessas produções a apologia ou exploração de tópicos que infringiam diretrizes da plataforma, o youtuber buscava se salvaguardar: na descrição textual do vídeo das crianças grávidas, dizia: “fotos e descrições dos fatos”; no título de outro em que um rato vivo é devorado por uma piranha, escrevia: “vídeo educativo sobre cadeia alimentar”. Quando deu sua guinada ao terraplanismo, publicou um interessante texto na aba “Sobre” do canal:

(...) No início do canal, tivemos que pescar e para isso, postamos diversos vídeos “fora de contexto” em relação à proposta do canal. Para conseguirmos pegar peixes, fomos obrigados a utilizar as iscas adequadas para atingirmos os determinados cardumes e obtive sucesso com esta operação. Hoje, já temos o comprometimento exclusivo com a verdade e faremos de tudo para que consigamos despertar mais e mais peixinhos sonolentos (...).

Se Marthins havia realmente planejado a mudança de rumos, como descreve em sua prosa autodignificante, ou se o abandono daquele tipo de conteúdo era apenas algum tipo de readequação conveniente, é uma questão em aberto. O fato é que, quando o terraplanismo aportou em seu canal, foi beneficiado por métricas de engajamento já previamente infladas, resultado da capacidade (consciente, ao que parece) de Marthins interpretar os sinais de crescimento da circulação de seus vídeos revestidos e recheados com sensacionalismo e incitação ao choque — e é possível reconhecer que, no mínimo, o próprio terraplanismo não era senão outra modulação desse universo mais amplo de conteúdos que tendiam aos extremos. Técnicas de captura da atenção e beneficiamento algorítmico não se extinguiram com a mudança editorial do canal. Ao contrário, eram corriqueiras, por exemplo, nas *thumbnails* preenchidas com letras garrafais e frases categóricas: por exemplo, com as oposições verdade/mentira e saber/não-saber articuladas ao endereçamento direto ao espectador (“Os pássaros sabem o que você não sabe”, “Você foi enganado”, “Todo mundo sabe menos você”, “Vai continuar sem enxergar?”), com a reversão do que se espera do inimigo, rendido ao que o canal defende (“A Terra é plana: Nasa assumiu!”, “A Nasa prova que a Terra é plana”) ou com as já

<sup>274</sup> Disponível em: [https://youtu.be/8OV2qm\\_eXiA](https://youtu.be/8OV2qm_eXiA). Acesso em: 15/01/2023.

mencionadas hipérboles figurando efeitos avassaladores (“Gravidade da Lua sepultada”, “Terminou! Destruímos a bola!”)<sup>275</sup>.

O “jogo da visibilidade” toma forma também numa série de outras práticas generalizadas entre youtubers, tais como a explícita manutenção das métricas de engajamento na plataforma (caso dos habituais pedidos de *like*, compartilhamento, inscrição, visualização, comentário e ativação de sino de notificação) ou o cumprimento de um “imperativo de produção” [*output imperative*] (Gregersen e Ørmen, 2021) que atrela os bons resultados de visibilidade à publicação contínua e regular de conteúdo — todo o trabalho de “auto-otimização” de um canal, assim, compatibiliza a figura do influenciador digital com a lógica neoliberal do empreendedorismo de si (Bishop, 2018; Gregersen e Ørmen, 2021; Arthurs, Drakopoulou e Gandini, 2018; Cotter, 2019). Descrições pormenorizadas dessas ações seriam exaustivas, e, claro, elas podem variar bastante: o *Inteligência Natural*, por exemplo, costuma manter um ritmo diário de publicação (muitas vezes, com dois ou mais vídeos por dia), enquanto o *Sem Hipocrisia*, mantendo frequência semelhante entre 2015 e 2017, tendeu a espaçar mais suas publicações nos anos seguintes. Pedidos pelo engajamento do público com os recursos que embasam a recomendação algorítmica e o cálculo da monetização, enquanto isso, são mais regulares, e podem ser resumidos numa fala de Marthins durante *live* em seu canal<sup>276</sup>:

[Comentando sobre o sucesso de seu último vídeo] Nós tivemos um aumento de inscritos muito grande. Eu queria inclusive agradecer vocês que compartilharam, que ajudaram, deram *like*, que deixaram aquela mensagem de carinho. Isso aí tudo ajuda o YouTube contar pra poder tá divulgando pra mais pessoas. E obrigado também pelos compartilhamentos externos, tá? Via WhatsApp, via Facebook, via Instagram, via Twitter, que vocês fizeram. Meu trabalho aqui é desse tamanho [faz gesto indicando um tamanho pequeno]. O trabalho junto com vocês, ele fica enorme. Então não adianta eu postar um vídeo aqui e ninguém assistir. Não adianta eu postar um vídeo e ninguém compartilhar, que esse vídeo ele vai morrer aqui no canal. Então, o que vocês fizeram com esse vídeo aí, eu só tenho a agradecer, e espero contar com vocês também pros próximos vídeos.

Falas desse tipo se repetem no meio terraplanista, e apontam não só para a manutenção dos públicos constituídos por meio dos recursos da plataforma, mas também

<sup>275</sup> Importante notar que, mesmo quando despidas desses marcadores retóricos mais caricaturais, muitas *thumbnails* terraplanistas com simples orações afirmativas ou negativas já guardam por si só um valor de choque: por exemplo, “Satélites não existem”; “O sol nunca se põe”; “Planetas são estrelas”; “Equador não é possível no globo”.

<sup>276</sup> Transmitida em 20/09/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYjp8WQMgMI>. Acesso em: 06/04/2023.

para a vinculação desses procedimentos à expansão de audiências, mediada pelas métricas impostas pelo YouTube para a recomendação de conteúdo. Trata-se aí de auto-otimização (Bishop, 2018), evidentemente, mas um último ponto a ser aqui destacado é a consciência entre youtubers terraplanistas de que a *otimização mútua* dos canais era fundamental tanto para a possibilidade de sucesso individual como para a expansão da agenda terraplanista. Os exemplos disso são inúmeros e sempre fizeram parte do dia-a-dia da produção audiovisual terraplanista, expressos em pedidos de inscrição em canais iniciantes, realização de *hangouts* entre canais com maiores e menores audiências (o caso da divulgação do canal de Pastor Thiago, descrito no Capítulo 4, é um exemplo) e atuação direta comentando e dando *likes* nos vídeos novos de outros canais.

O caso do canal de Leandro é um bom fio condutor. Criado em janeiro de 2017, o *Inteligência Natural* realizou seu primeiro *hangout* em fevereiro, apenas 6 semanas depois, recebendo Gideão, youtuber dono do *Cosmologia Zetética*, canal em atividade desde o ano anterior e com boa reputação no meio terraplanista. Entre os espectadores daquela *live* estava Bruno, cujo *Mistérios do Mundo*, àquela altura, já havia consolidado uma audiência consistente<sup>277</sup>. Em abril, para seu segundo *hangout*, o convidado era o próprio Bruno, a quem Leandro agradecia<sup>278</sup>:

Eu tava mais ou menos com uns 100 inscritos, ou 80, por aí, e você deu aquela força, indicou o canal. Muitas pessoas escreveram pra mim: “Eu cheguei aqui através do Bruno, *Mistérios do Mundo*, ele falou que você tem um conteúdo aí também interessante” e tal. E então eu só agradeço: meu canal cresceu muito, cresceu muito rápido, graças à ajuda de cada um de vocês: você, o Gideão, o Marthins, o Enzo, o RCA, o *Acordei Tarde*, o *Brasil Live* também.

O crescimento do *Inteligência Natural* foi bastante veloz. De zero inscritos em janeiro de 2017, Leandro chegou a mil com apenas um mês de existência e a 10 mil quando completou sete meses, em agosto (fechando o primeiro ano no ar, alcançou os 17 mil; em junho de 2020, esse número chegaria aos 100 mil, mantendo-se hoje na marca dos 149 mil). Naquele agosto de 2017, um novo *hangout* trazia de volta Gideão e Bruno, em comemoração à nova marca de audiência. Junto a eles estava o desconhecido Rogério, que poucos meses antes criara o canal *Minhas Verdades*, e agora era Leandro quem

---

<sup>277</sup> *Hangout* transmitido em 26/02/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ONkrBpUzHEg>. Acesso em: 06/04/2023.

<sup>278</sup> *Hangout* transmitido em 28/04/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/9VexFztBjp4>. Acesso em: 06/04/2023.

assumia a posição de agente propulsor, descrevendo o principiante como “um dos mais novos prodígios do tema Terra Plana”<sup>279</sup>.

No seu primeiro *hangout* com Gideão, o dono do *Inteligência Natural* dizia: “Galera, nós somos uma equipe. Não tem nenhum querendo ser maior do que ninguém”. O sentimento comunitário experimentado por Leandro naquele momento, claro, era circunstancial. Conflitos, rupturas e percepções de incontrolável desagregação foram comuns em toda a breve história do terraplanismo brasileiro. Mas a otimização mútua, compartilhando audiências, incentivando manutenção de boas métricas, apoiando novos produtores de conteúdo e tentando não relegar canais menores ao isolamento era generalizadamente entendida como a garantia de uma fatia de mercado relevante e crescente, expandindo as possibilidades de alcançar novos espectadores por meio de um sistema de recomendação que, àquela altura, ainda não havia afetado a circulação dos vídeos terraplanistas brasileiros.

Em 2019, antes que os canais brasileiros passassem a sentir os efeitos do enquadramento na categoria do *borderline* que já naquele ano era aplicada sobre produtores terraplanistas de língua inglesa, o terraplanismo brasileiro viria a alcançar o ápice de sua visibilidade fora de seu ecossistema digital. Para alguns youtubers, “sair da bolha” seria um passo arriscado, criando tensionamentos desnecessários com uma lógica de mídia (Kalpokas, 2019) relativamente estável, ao menos até aquele momento; para outros, era o impulso necessário para se criar novos mecanismos de reprodução da defesa da Terra Plana, esperando-se atingir públicos cada vez mais amplos. É para essa relação entre “bolha” e novas facetas de um terraplanismo público que nos voltamos no capítulo seguinte.

---

<sup>279</sup> *Hangout* transmitido em 05/08/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/GYezpIzHXPC>. Acesso em: 06/04/2023.

## 6 ESFORÇOS POR UM TERRAPLANISMO ALÉM DO DIGITAL

É 10 de novembro de 2019 e Jean Ricardo está desejando um “bom dia” a uma plateia de cerca de 250 pessoas confortavelmente sentadas em um bem equipado teatro na região central de São Paulo. Os espectadores — vários deles vestindo camiseta com a logo da primeira convenção terraplanista do Brasil — respondem em coro: “Bom dia!”. O clima geral é de excitação, encorajado pelo discurso congregatório de Jean: “Vocês todos que estão aqui nesse dia são muito importantes, são verdadeiros guerreiros, lutadores e propagadores da verdadeira ciência. Hoje conquistamos definitivamente nosso espaço merecido. Sejam todos muito bem vindos à FlatCon”. Sob aplausos, o organizador do evento conclui sua fala de abertura e dá sequência à programação do evento, numa longa sequência de palestras que se estenderia até o fim da tarde daquele domingo.

A convenção, que durou apenas um dia, não foi o primeiro evento presencial organizado por terraplanistas, mas foi o único a conseguir reunir uma grande quantidade de participantes e a movimentar uma atenção pública que fosse além das audiências constituídas em canais de YouTube e grupos terraplanistas, sendo noticiado e comentado em portais de notícias, sites de entretenimento e programas de rádio e televisão. Desde a emergência do terraplanismo no Brasil, nunca o termo “terra plana” fora tão buscado no Google ou no YouTube quanto em 2019 e no mês de realização da FlatCon<sup>280</sup>. A celebração de Jean pela presença dos espectadores e pela “conquista de um espaço” não era fortuita: nesse momento, o organizador dialogava diretamente com a percepção, difundida entre terraplanistas envolvidos na FlatCon, de que “perseguições” e “censuras” rondavam os preparativos para a convenção. O apelo dramático de sua fala é ainda mais forte quando se leva em conta que, longe de ter sido um consenso, a FlatCon foi a disparadora de uma crise interna entre youtubers terraplanistas, com alguns deles se posicionando explicitamente contra a sua concretização.

O processo de concepção, organização e realização da convenção nos meses que antecederam novembro de 2019, as controvérsias internas despertadas pelo evento e as abordagens de veículos de mídia tradicionais acerca dele (assim como os efeitos por elas suscitados) são descritos e analisados neste capítulo. Trata-se aqui de uma proposta

---

<sup>280</sup> Dados do site *Google Trends*, ferramenta de medição de buscas da própria Google, explorando o intervalo de tempo entre 01/01/2015 e 28/10/2022.

similar à que fez Rafael Almeida (2015, p. 61) junto a congressos promovidos por coletivos ufológicos, com uma “etnografia das dinâmicas de organização de um evento” atenta a atividades organizativas, formação e mudança de quadro de palestrantes, deliberações acerca de espaços de realização da convenção e outras atividades semelhantes. Esses elementos ajudam a observar como terraplanistas lidaram pragmaticamente com um dilema concernente ao que era, até o início de 2019, uma demarcação relativamente consolidada quanto aos limites de seu pequeno ecossistema digital. Jean, organizador da FlatCon, dizia que sua iniciativa era uma forma de fazer o terraplanismo “sair da bolha digital”. Tomando isso como ponto de partida, não interessa aqui apontar para algum tipo de transição entre “virtual” e “real” ou entre “digital” e “presencial” — até mesmo porque, como apontam Nick Couldry e Andreas Hepp (2017, p. 51), esse tipo de divisão se torna cada vez mais questionável no atual estágio de “midiatização profunda” [*deep mediatization*], com “crescente dependência de todos os processos sociais às infraestruturas de comunicação”. Trata-se, ao invés disso, de discutir como, em 2019, esboçou-se um “terraplanismo público” a partir do momento em que pessoas que se envolveram com a FlatCon buscaram operar (e foram operados por) traduções entre as dinâmicas de formação de público próprias à sua organização em plataformas digitais e as demandas por amplificação de suas ideias orientadas por outra definição prática de “público”.

### A “bolha digital” e seus públicos

No início de 2019, começavam os preparativos para a terceira edição da *Flat Earth International Conference*, marcada para acontecer em Dallas, nos Estados Unidos, em novembro daquele ano, numa sequência anual iniciada em 2017. Eventos terraplanistas desse tipo — reunindo em amplo auditório um quadro de palestrantes e pelo menos uma centena de espectadores, contando com esforços de divulgação que excediam as redes sociais de seus participantes — eram inéditos no Brasil. A repercussão desses eventos internacionais no ecossistema digital terraplanista brasileiro foi baixa, e o aparente desinteresse se estendia também às modestas *Primeira e Segunda Palestra Nacional Terra Plana*, realizadas em 2016 e 2018, ambas organizadas pelo Centro de Pesquisas Terra Plana Brasil e tendo lugar no auditório da Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua, no Pará. Os rastros deixados por tais palestras são escassos: da primeira, não fui capaz de encontrar nenhum registro; da segunda, restou apenas um *teaser*, publicado

no canal do Centro de Pesquisas, e um vídeo de poucos minutos com trechos quase inaudíveis da fala de Bruno Alves diante de cerca de uma dúzia de espectadores<sup>281</sup>. Até 2018, reportagens de jornais ou veículos de divulgação científica brasileiros sobre a inusitada onda de defesa da Terra Plana localizavam essas ideias prioritariamente na internet, com breves menções aos planos “offline” então aventados pelo Centro de Pesquisas<sup>282</sup>. Porém, além da *Palestra Nacional*, outras iniciativas de saída do ciclo de produção de conteúdo para a internet foram malfadadas<sup>283</sup>. Os efeitos institucionais e de produção de unidade ensaiados na nomenclatura desses grupos e eventos (*Academia Nacional Terra Plana*, *Centro de Pesquisas Terra Plana Brasil*, *Palestra Nacional*) eram limitados, com força de agregação muito menor do que a já habitual manutenção e expansão de audiências e grupos no ecossistema digital terraplanista formado em anos anteriores.

Desde que se tornou terraplanista, em 2015, Jean Ricardo cogitava a ideia de organizar um grande encontro, mas foi só em 2019 que tomou uma decisão: “é o ano pra você fazer esse encontro, e não pode passar”<sup>284</sup>. Em março, deu o primeiro sinal da FlatCon numa publicação no grupo de Facebook *Terra Plana Brasil Exclusivo*. O nome provisório, *1º Encontro Brasileiro de Terraplanistas*, reiniciava a contagem de iniciativas dessa natureza e salientava sua dimensão presencial. Na imagem que acompanhava uma de suas publicações, isso era reforçado com a prefiguração de afetos estimulados pelo prometido encontro:

---

<sup>281</sup> Num grupo de Facebook, nem mesmo o anúncio de um “super coffee break” e do sorteio de um HD, um pen drive e dois ingressos para o filme *Os Vingadores* teve força de convocação suficiente.

<sup>282</sup> Caso de matéria da BBC Brasil de 16/09/2017, replicada noutros portais, tais como G1, R7, Uol, Terra (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41261724>), de matéria do jornal Folha de São Paulo de 01/10/2017 (<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1923164-redondamente-enganados-por-que-a-ideia-da-terra-plana-nao-faz-sentido.shtml>) e de reportagem da Super Interessante de 10/04/2018 (<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/terra-plena-por-que-a-teoria-da-terra-plana-nao-faz-nenhum-sentido/>). Acesso em: 31/10/2022.

<sup>283</sup> Além de uma *Caravana Terra Plana*, idealizada em 2017 como um agregado de produtores de vídeos terraplanistas do YouTube que ofereciam contratação para a realização de palestras, mas que nunca saiu do papel, tentou-se realizar também o *1º Congresso Terra Plana*, em 2018. Seus organizadores, membros da rapidamente extinta Academia Brasileira da Terra Plana, terminaram por cancelar o evento, que deveria acontecer num hotel em São Paulo.

<sup>284</sup> Ele conta em *hangout* transmitido em 20/07/2021 no canal *Esaias Navi – Círculo da Terra*. Trechos de sua participação são usados noutros momentos deste capítulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/2RkJAgNaemQ>. Acesso em: 20/04/2023.



Figura 29 - Meme pré-FlatCon.



Fonte: Imagem publicada no grupo de Facebook *Terra Plana Brasil Exclusivo*.

A palavra “finalmente”, na Figura 29, é um elemento importante: a alegria expansiva dos personagens da imagem representava não apenas os prazeres da interação face a face, mas a satisfação de uma demanda reprimida. Nesses primeiros anúncios, a projeção de “um primeiro grande evento” apelava nitidamente à transformação da interação digitalmente mediada em presença física, materializando noutro tipo de espaço certa dimensão comunitária formada nas plataformas digitais. Se observado do ponto de vista da “saída da bolha digital”, expressão que Jean usaria algumas vezes em referência à FlatCon, esse primeiro anúncio poderia significar muito mais uma tentativa de *deslocamento* do digital ao presencial do que um *rompimento* de limitações inerentes à formação de públicos em plataformas digitais. Mas esse não era o caso — ainda que a atribuição de um valor positivo a esse deslocamento participasse das motivações para a realização do evento —, e tal rompimento estava no horizonte de Jean. Já em março de 2019, ele manifestava no mesmo grupo seu interesse em “convidar todas as emissoras de TV” para a FlatCon, considerando esse um gesto “importante”, que garantiria uma “maior visibilidade”. Ele conta que o evento tinha que ser “grande”, tinha que estar

à altura de todos nós que defendemos a Terra Plana [e] que também chamasse a atenção da mídia. Isso é inevitável. Não tem como escapar, você fazer um evento dessa magnitude e não ter a cobertura da mídia — claro, na visão deles, mas a gente tem que ter. (Fala de Jean em *hangout* no canal *Esaiias Navi – Círculo da Terra*, anteriormente citado).

Há algo muito elementar nesse tipo de movimentação, mas ela se torna analiticamente interessante quando se leva em conta as discontinuidades entre o modo como essa “bolha” se organizava digitalmente, as mediações que foram necessárias para que os públicos nela engendrados arriscassem uma existência para além dela e as

concepções dos riscos que estariam envolvidos nisso (o próprio comentário de Jean, naquela ocasião, dialogava com um membro do grupo que dizia ver no encontro uma brecha à “ridicularização” da Terra Plana pela cobertura dessas mesmas emissoras de TV). Se a consolidação de um ecossistema digital terraplanista lançou as bases para a formação de um público antiestrutural (Cesarino, 2022), aquilo que a “saída da bolha digital” tentou produzir foi um tensionamento dessa condição, buscando reescrever as linhas do público terraplanista — não sem disparar contradições, crises e rupturas internas. Isso leva a dois apontamentos importantes. Primeiro, a noção terraplanista de “bolha digital” não é tomada aqui como simples equivalente dos conceitos de “público antiestrutural” ou “refratário”, ou mesmo de “bolha de filtro”; isso não significa, no entanto, que o termo “nativo” não aponte para um núcleo de problemas semelhante, como um diagnóstico pragmático de certas condições desse tipo de público que também podem ser verificadas teoricamente (ver Introdução). Em segundo lugar, ao passo que o terraplanismo buscou expandir seus modos de divulgação para “fora” de seu ecossistema digital, o processo de organização da FlatCon foi marcado por uma série de situações ambíguas em que definições de público distintas do repertório prático e discursivo da tensão antiestrutural entraram em operação — ainda que sem deixar de retornar a ele.

### **“2019 é o ano da Terra Plana no Brasil”**

A frase que dá nome a este tópico foi escrita por Jean Ricardo em uma postagem de junho de 2019, cinco meses antes da realização da FlatCon, em sua página terraplanista no Facebook. Ainda que a afirmação já tivesse sido feita para anos anteriores<sup>285</sup>, seu otimismo categórico, repetido por ele noutras postagens, vídeos e mensagens, expressava uma percepção relativa não apenas às expectativas para a chegada do dia da convenção que estava organizando, mas também à crescente visibilidade do assunto da Terra Plana em jornais, revistas e programas de televisão e rádio — em grande medida, resultado do próprio processo de organização do evento. Jean insistiria nessa correlação mesmo após realizado o evento, quando já se aprofundava uma crise interna no ecossistema terraplanista iniciada com a recusa de alguns youtubers a participarem da convenção. Em publicação textual de 10 novembro de 2019 em seu canal no YouTube, ele dizia: “Efeito FLAT CON: goste você ou não! Quem está reclamando, quer continuar vivendo com o

---

<sup>285</sup> Bruno Alves, do extinto *Centro de Pesquisas Terra Plana*, por exemplo, dizia o mesmo sobre 2017.

lucro do YouTube e Patreon, essa é a verdade!”. Esse “efeito”, para ele, estaria sendo sentido na garantia de boas audiências para todos os canais terraplanistas, revertendo ao próprio ecossistema digital os louros de uma visibilidade que havia levado o terraplanismo a espaços regidos por outras lógicas de publicidade — ainda que sob condições nem sempre desejáveis.

Nascido em Santos (SP), Jean<sup>286</sup> se apresenta como jornalista, radialista e promotor de eventos. Seus pais, atuantes na mesma área, foram editores de um jornal numa cidade pequena no interior de São Paulo, onde vieram também a fundar uma rádio comunitária. Jean esteve envolvido nos dois projetos de seus pais durante a década de 1990, e sua experiência seguiu com a criação de um jornal noutra pequeno município no interior paulista, mas que teve pouca duração. Depois disso, atuou por um ano — junto à esposa, também jornalista — como apresentador de um programa de televisão na Record TV Paulista, retransmissora de Bauru (SP) e região, pertencente à Rede Record. Ainda ao lado de sua companheira, trabalhou no ramo editorial, dirigindo a publicação de revistas especializadas nos setores de calçados e cuidados de animais domésticos. Como produtor de eventos, foi por 11 anos diretor de uma empresa de eventos que tinha como uma de suas principais ações a organização de cerimônias de premiação de empresas e indústrias. Destaco aqui um trecho da descrição dessa atividade, tal como consta no currículo de Jean<sup>287</sup>:

Os eventos de premiação sempre foram muito organizados e requintados, características que marcaram o meu trabalho e de minha esposa (...). Além do “Prêmio Saga”, lançamos também o “Prêmio Celebridades”, realizado em Barra Bonita, Jaú e Brotas. Mais tarde, esse evento inspirou uma premiação similar que ocorreu na novela “Celebridades”, na Rede Globo.

Nos meses de organização da FlatCon, adjetivos semelhantes àqueles empregados na caracterização dos eventos promovidos por sua empresa eram mencionados por Jean como demonstrações de seu cuidado no preparo dessa nova experiência presencial do terraplanismo. Mais importante que isso, sua trajetória nas beiradas da “grande mídia” parecia valorizar veículos de comunicação tradicionais como metas desejáveis de sucesso profissional, replicadas ao comandar a organização da convenção terraplanista. Logo no primeiro anúncio do evento no grupo *Terra Plana Brasil Exclusivo*, no início de 2019, seu interesse em “convidar todas as emissoras de TV” indicava a continuidade desses

<sup>286</sup> Essa e as demais informações sobre Jean foram encontradas por meio de buscas no Google, publicadas em redes sociais, blogs, vídeos e entrevistas.

<sup>287</sup> Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/jean-martins-10420798>. Acesso em: 28/06/2020.

esforços, ainda que os meios de comunicação tradicionais fossem, em geral, tratados naquele ecossistema como fontes de uma suspeita equivalente àquela reservada à “ciência convencional” ou ao “sistema religioso”. Em resposta a alguns comentários iniciais que salientavam os riscos do terraplanismo ser alvo de ridicularizações, Jean evocava seu *know-how* como garantia no manejo desse tipo de contratempo.

As atividades anteriores de Jean no meio terraplanista, no entanto, estavam mais restritas à configuração habitual daquele público antiestrutural. Automeado terraplanista desde 2015, ele criou em janeiro de 2017 a página (hoje extinta) *Terra Plana Brasil*, no Facebook, que ao longo dos anos acumulou quase 20 mil seguidores. Até o ano de 2019, foi também parte do quadro de moderadores do *Terra Plana Brasil Exclusivo*, maior grupo de Facebook dedicado ao tema. Comparado à grande maioria de terraplanistas que não atuava nesse tipo de produção de conteúdo, Jean, evidentemente, havia conquistado uma posição de maior projeção, mas ela tinha pouco a ver com a figura de “influenciador” construída em torno de youtubers. Jean criaria o canal (hoje também extinto) *Papo Plano*, no YouTube, apenas em 2019, na mesma semana em que comunicava sua intenção de organizar o evento, e com a amplificação de seu nome no meio terraplanista a partir daquele momento conquistou alguns milhares de inscritos. Durante o ano de 2019, as movimentações do organizador da FlatCon o estabilizaram temporariamente como um produtor de “mapa de interesses” (Callon e Law, 1998)<sup>288</sup> com forte impacto nos rumos do terraplanismo brasileiro — ainda que mediados e alterados junto a outros terraplanistas e de acordo com as circunstâncias.

Os anúncios iniciais do evento no Facebook sondavam o interesse de terraplanistas pela convenção, recebendo, em sua maioria, comentários positivos. Mas essa aferição não era uma tarefa simples, dada a dificuldade de manter grupos de Facebook como espaços de “silossociabilidade” (Abidin, 2021). Apesar da tentativa de filtrar a presença de “globaloides” (como se dizia com certa frequência, pessoas que “não estavam ali para aprender”, ou, mais sucintamente, “infiltrados”), centenas ou mesmo

---

<sup>288</sup> Almeida (2015) já desenvolveu reflexões semelhantes ao analisar a construção do posicionamento de Ademar Gevaerd enquanto porta-voz da ufologia ao organizar um evento ufológico. O autor, também dialogando com o conceito de mapa de interesse — em seu caso, traduzido como *interessamento* (Callon, 1986 *apud* Almeida, 2015) —, aponta para a “centralidade de actantes que, de alguma forma, dão início ao processo de ‘interessamento’” (Almeida, 2015, p. 107). Testa (2020), ainda que não chegue a desenvolver uma análise nesse sentido, descreve como encontros presenciais entre ateus no Brasil são frequentemente calcados em investimentos individuais de organização, de divulgação e de aplicação de recursos financeiros — o que, em alguns casos, implica na eventual desmobilização desses eventos, dados os problemas relativos a esse tipo de responsabilidade que recai sobre uma ou poucas pessoas.

milhares de pessoas dentre seus 12 mil membros eram apenas curiosos que, a depender da ocasião, se envolviam em diálogos conflituosos com terraplanistas, até serem terminantemente expulsos. Nas páginas, tipos de espaço em que as publicações são necessariamente abertas, qualquer filtragem era impraticável, e isso se fez sentir numa enquete que Jean publicou na *Terra Plana Brasil*: votos contrários à realização da convenção tiveram ligeira vitória sobre votos a favor, ao que se somava a grande quantidade de comentários com piadas, contra-argumentos ou xingamentos e de “reações” de risada<sup>289</sup>. Criar postagens nesses grupos e páginas de Facebook, num grau ou noutro, significava, na prática, dirigir-se a um público que potencialmente incluía estranhos, de modo a sempre “exceder sua base social conhecida” (Warner, 2012, p. 55).

Apesar de rapidamente sobrecodificados como “infiltrados” passíveis de exclusão, esses usuários surgiam a todo momento, num ritmo quase diário (ao menos em 2019, e crescentemente após o lançamento do popular documentário *Behind the Curve* na plataforma Netflix), movimentando publicações com interações que iam das tentativas de diálogo pedagógico à *trollagem*. A interferência desses “estranhos” no processo de organização do evento seria retomada apenas em junho de 2019, após alguns meses de silêncio de Jean quanto aos rumos de seu evento. Foi nesse mês que o jornalista criou um segundo canal no YouTube, o *Flat Con Brasil*, dedicado apenas aos materiais de divulgação do evento — agora, com nome oficial, logomarca, site, vídeo de lançamento e data marcada para novembro daquele ano.

Figura 30 - Logomarca da FlatCon Brasil 2019.



Fonte: Site da FlatCon Brasil 2019.

<sup>289</sup> Refiro-me aqui a uma das variantes do botão “curtir” disponíveis no Facebook.

O *teaser* comunicava algumas informações básicas (data, nome do auditório, nomes dos palestrantes, e-mail de contato, número-limite de inscrições) junto a uma construção audiovisual climática (sucessão de imagens aceleradas da vida urbana de São Paulo, música eletrônica com concentração, crescimento e liberação de tensão) e a algumas frases de efeito evocando o impacto da revelação da “verdade” (“O globo não existe. A razão da mentira. A verdade está aqui”, “São Paulo não será mais a mesma”). Naquele momento, previa-se uma capacidade máxima de 100 pessoas e um custo de 80 reais por ingresso, com direito a “kit do evento” que incluía uma camiseta com a logo oficial — esta, replicada em todos os materiais de divulgação da convenção, conferindo a ela certa unidade visual. É importante notar que, em comparação aos números de inscritos e membros de canais e grupos terraplanistas, era baixa a quantidade de cadeiras disponibilizadas. E, mesmo assim, o material de divulgação da FlatCon não produzia nenhum gesto explícito de afunilamento de audiência. Isso era verificado também na seção *Sobre nós* do site. Num determinado trecho, lia-se que “A Flat Con Brasil é *um empreendimento educacional de divulgação* formado por pessoas unidas em torno do propósito comum de uma séria investigação científica do verdadeiro formato da Terra” [grifos meus]. Noutro, o convite era endereçado a um sujeito indeterminado não terraplanista: “*Junte-se a nós em novembro para saber por que discordamos da teoria heliocêntrica da cosmologia*” [grifos meus]. Na seção *Contato*, Jean (que não deixava de apresentar suas credenciais profissionais) indicava seu nome para “informações gerais sobre mídia, solicitações de entrevistas, informações sobre patrocínio, expositores”. Uma premissa já estava posta, posteriormente notada e resumida por um participante no grupo de WhatsApp dos inscritos: “a divulgação já é o evento”.

### *Interações com a mídia profissional*

Ainda em março, numa das primeiras publicações sobre o evento no grupo *Terra Plana Brasil Exclusivo*, Jean solicitava sugestões de convidados para a montagem do quadro de palestrantes. As respostas listavam, unanimemente, nomes de youtubers terraplanistas (os mais citados eram Afonso, Marthins, Bruno e Leandro). Produzia-se ali, conjuntamente, uma primeira delimitação do formato da convenção, que dava continuidade à lógica de mídia (Kalpokas, 2019) organizadora da relação youtuber–audiência. A posição especial desses influenciadores no ecossistema digital terraplanista

era garantida no modelo presencial, ao mesmo tempo em que essa forma máxima do prestígio entre defensores da Terra Plana era transferida à convenção — poucos dias depois, noutra postagem, seu organizador informava que já havia iniciado o contato com esses “palestrantes de renome do meio terraplanista”. O elenco dos confirmados (o primeiro deles) viria a ser conhecido apenas em 14 de julho de 2019, com a divulgação de um *banner* em sua página no Facebook (Figura 31).

Figura 31 - Primeira versão do *banner* da FlatCon.



Fonte: Imagem publicada no grupo de Facebook *Terra Plana Brasil Exclusivo*.

Visual e textualmente, o novo material de divulgação dava destaque a alguns dos principais youtubers que influenciavam o público terraplanista (o mais próximo de uma exceção era Anderson, que tinha um canal com baixo número de visualizações, mas que havia se somado à organização do evento; um fato a se destacar era a ausência de Afonso, amplamente notada nos comentários). Mas esse importante trunfo da FlatCon também catalisava outros efeitos: para “infiltrados”, a galeria de rostos oferecia uma face endereçável e concreta para as qualificações negativas atribuídas de modo mais difuso ao terraplanismo, expondo a contradição fundamental entre o tipo de ideias defendidas e a solene designação como “palestrantes”. Entre os comentários, lia-se, por exemplo: “olha a carinha deles, todos tem a mesma carinha de imbeciloides”, “Aquele último ali até confiei agora, óculos redondinho, pinta de cientista maluco... agora levei fê!”, “Quais as formações desses palestrantes? Em que eles trabalham? Quais suas áreas de pesquisa?” ou “Ignorantes que, sem ter nenhum conhecimento científico ou obra relevante para

conquistar status, quer ganhar fama insuflando e adulando a própria ignorância e a de inúmeros pobres diabos”<sup>290</sup>.

É difícil cravar o nível exato do impacto da onda de comentários e reações para o impulsionamento da publicação pelos algoritmos de recomendação do Facebook, mas o fato é que as métricas da publicação de divulgação do *banner* receberam uma considerável ajuda involuntária de não terraplanistas<sup>291</sup>. Esse foi o momento em que a FlatCon deu um primeiro salto significativo em seu alcance, ganhando uma visibilidade externa aos ciclos de atenção das plataformas digitais. Em sites, blogs e páginas de entretenimento<sup>292</sup>, a convenção foi noticiada em textos breves que reproduziam o *banner* (num dos casos, como link clicável, levando à postagem de Jean), predominantemente em tom irônico e levemente jocoso. No título da matéria do site *Hypeness*, destacava-se que “100% de palestrantes em conferência sobre Terra Plana são homens”. A reação de Jean era um indicativo de outro tipo de reversão dessa visibilidade em benefício à agenda da FlatCon: três mulheres (Priscila, Elaine e Amanda, todas youtubers) foram incluídas no quadro de palestrantes, traduzindo o que originalmente era uma observação crítica sobre o terraplanismo como uma demanda pública por aprimoramentos na convenção. No programa *The Noite*, exibido no canal de televisão SBT (também disponibilizado no YouTube<sup>293</sup>), seu apresentador, Danilo Gentili, fez piada com a convenção; em sua página no Facebook, Jean escrevia: Danilo Gentili faz propaganda gratuita da FlatCon (...) Mesmo em tom de deboche e zoeira, ainda vale pela divulgação gratuita do nosso grande evento”.

Na semana seguinte à repercussão do *banner*, Jean anunciava em suas redes que a convenção “já é notícia na mídia brasileira”, um “sucesso total”, com todas as vagas

---

<sup>290</sup> Comentários à publicação de 14 de julho de 2019 da página *Terra Plana Brasil* (link indisponível; publicação removida).

<sup>291</sup> A publicação de 14 de julho na página *Terra Plana Brasil*, com métricas nitidamente superiores às demais, recebeu o total de 1,7 mil comentários, 1,9 mil compartilhamentos e 1,8 mil “reações”. A divisão de públicos mobilizados era fortemente assimétrica: dentre essas 1,8 mil “reações”, as modalidades que podiam denotar concordância (o tradicional “curtir” e o “amei”) haviam sido ativadas apenas 270 vezes; enquanto isso, o número de “reações” de “risada” era de 1,5 mil.

<sup>292</sup> O de maior alcance era, provavelmente, a coluna do jornalista Guilherme Amado no site da *Época* (pertencente ao Grupo Globo): <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/sao-paulo-tera-convencao-da-terra-plana-23820254>; <https://www.hypeness.com.br/2019/07/100-de-palestrantes-em-conferencia-sobre-terra-plana-sao-homens/>; <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/sao-paulo-recebe-a-primeira-convencao-nacional-da-terra-plana/>; <https://blogdadadania.com.br/2019/07/acredite-vai-ocorrer-a-primeira-convencao-nacional-da-terra-plana/>; <https://olivire.com.br/terraplanistas-se-preparam-para-evento-nacional>. Acesso em: 22/06/2020.

<sup>293</sup> O programa foi transmitido em 24 de julho de 2019. Disponível em: <https://youtu.be/7YwG8pnfSa8>. Acesso em: 14/04/2023.



preenchidas e uma lista de espera de mais de 200 interessados. Os planos, agora, envolviam a mudança para um espaço maior (Auditório Paraíso, também em São Paulo) e a viabilização de transmissão ao vivo no dia do evento. Porém, simultaneamente, o enquadramento discursivo pouco convidativo à causa terraplanista gerava uma breve mudança de rota na relação desejada com os veículos de comunicação: agora, seria vedada a participação da imprensa na convenção, sendo disponibilizado apenas um “mídia kit” para divulgação, impondo maior controle no trânsito de informação. Discussões sobre perdas e ganhos com a renovada aparição na mídia convencional haviam sido disparadas no Facebook, em canais de YouTube e num grupo de WhatsApp recém-criado por Jean que reunia apenas palestrantes e inscritos na FlatCon<sup>294</sup>. Acusações de que estavam sendo “atacados”, contrabalanceadas com o diagnóstico otimista de que “a verdade” estava “incomodando”, eram as reações de sempre às representações do terraplanismo pela imprensa — estas, em ascensão desde o fim de maio, quando o ideólogo de extrema-direita Olavo de Carvalho estendeu a mão ao ecossistema digital terraplanista numa série de falas e compartilhamentos de vídeos em suas redes sociais<sup>295</sup>, e aprofundadas em julho, com a divulgação da pesquisa do Instituto Datafolha apontando que 7% de brasileiros acreditavam que a Terra era plana.

A relação com a mídia profissional era ambígua, pois sua “propaganda” era não tão gratuita — o custo, afinal, era se submeter a um enquadramento depreciativo de ampla penetração nos públicos que não estavam ao alcance dos canais terraplanistas. O próximo pico dessa tensão veio em 15 de setembro, quando foi exibida no programa *Fantástico*, da Rede Globo, reportagem sobre os 500 anos da primeira circum-navegação da Terra, capitaneada pelo português Fernão de Magalhães. A reportagem narrava o feito apresentando o terraplanismo contemporâneo como fenômeno “retardatário”, deslocado do bem estabelecido conhecimento prático da esfericidade do planeta por navegadores históricos. Anderson e Marthins (ambos, palestrantes da FlatCon) concederam entrevista

---

<sup>294</sup> Como os demais inscritos, fui incluído nesse grupo de WhatsApp (no fim de julho). Para isso, não me foi dirigida nenhuma questão sobre interesses ou convicções relativas à Terra Plana ou à FlatCon. No decorrer dos meses, soube da presença de jornalistas, expulsos à medida que suas reportagens iam sendo publicadas (me recordo de 3 nomes). No dia da convenção, conheci pelo menos uma dezena de pessoas que, como eu, estavam lá e não eram terraplanistas (algumas delas, também realizando pesquisa sobre o tema).

<sup>295</sup> Algumas das reportagens sobre o assunto são: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2019/05/29/olavo-de-carvalho-flerta-com-terraplanismo-e-memes-em-resposta-nascem-redondos/>; <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-05-30/internet-nao-perdoa-flerte-de-olavo-de-carvalho-com-terraplanismo-veja-memes.html>; <https://super.abril.com.br/blog/supernovas/nao-olavo-a-agua-tambem-nao-e-plana/>. Acesso em: 21/06/2020.

ao jornalista Ernesto Paglia — segundo postagem da página *Terra Plana Brasil*, “sob a coordenação de Jean Ricardo” —, ganhando alguns segundos de tela no programa televisivo das noites de domingo. No mesmo dia, mais cedo, reportagem sobre o mesmo assunto, com o mesmo trio de terraplanistas, havia sido exibida num jornal da TV Cultura.

Alguns dias antes, Jean anunciava nos grupos de Facebook e WhatsApp que as entrevistas haviam sido realizadas e iniciava a construção do clima de expectativa pelas suas exibições — em especial, a da Globo, dada sua hegemonia na comunicação televisiva no país, sendo divulgadas fotos de bastidores nas quais ele, Marthins e Anderson sorriam ao lado de Paglia. Para os que reagiam com otimismo, parecia desaparecer temporariamente o habitual antagonismo à “grande mídia”: falava-se de “momento histórico”, comemorava-se efusivamente a “divulgação” da FlatCon “fora do YouTube” e celebrava-se o grande feito de, como resumia Jean, colocar a “Terra Plana na TV aberta”. Dentre os que reagiam negativamente, a palavra de ordem era o receio da *edição*: fosse questionando a “honestidade” e a “seriedade” da emissora, fosse imaginando uma ação orquestrada da mídia profissional para “ridicularizar” e “descredibilizar” o terraplanismo e a FlatCon, predominava a certeza de “manipulação” e “deturpação” da “verdade” da Terra Plana em rede nacional.

Passado o fatídico domingo, reclamações dirigidas à Globo se avolumavam no ecossistema digital terraplanista, confirmando os prognósticos de controle narrativo depreciativo exercido pela emissora. Canais de YouTube se movimentavam, tanto expressando descontentamento com a forma como viram o terraplanismo ser retratado como se esforçando para “refutar” as evidências da esfericidade exibidas na televisão<sup>296</sup>. Saltava à vista de todos a impossibilidade de transportar para a televisão, sem perdas, os argumentos basilares do modelo terraplanista, pormenorizados livremente em seus canais no YouTube. Jean havia tomado uma precaução — até certo ponto, insuficiente, mas aplacando o sentimento de injustiça que predominava nos grupos. Acompanhando as gravações, fez um registro em vídeo, praticamente sem cortes, do total de quase uma hora

---

<sup>296</sup> Dentre eles, os vídeos compartilhados no grupo de WhatsApp da FlatCon foram: “Flat Con detonando o Globo Round 1”, do canal *Mr. Anderson Terra Plana*; “Minha resposta à reportagem do FANTÁSTICO (15/09/19)”, do canal *Débora G. Barbosa*; “Refutando a “Globolixo” em menos de 1 minuto! | Volta ao mundo na Terra plana! | Circum-navegação!”, do canal *Terra Plana Reloaded*; “FANTÁSTICO NA GLOBO PROVA TERRA REDONDA E NÃO ESFÉRICA”, do canal *Mistérios do Mundo*; “Terra Plana no Fantástico da Rede Globo”, do canal *daves terra plana*; “Urandir desafia a Rede Globo”, do canal *Dákila Pesquisas*; “RÔMULO MARASCHIN refuta FANTÁSTICO sobre a TERRA PLANA - 100% Turn Down For What!”, do canal *Firmeza da Verdade*.

de entrevista (somando as duas emissoras), publicado ainda na noite de domingo em seu canal no YouTube. Estavam lá os muitos argumentos e pormenores relativos à “ciência de verdade”, que terraplanistas esperavam ser transmitidos na televisão, mas que, por fim, retornaram à mesma plataforma que sempre lhes garantiu espaço e impulsionamento.

Jean exibia ali sua captação pessoal do material bruto das entrevistas como o contorno possível, ao alcance do ecossistema terraplanista, para as ansiedades com o problema da “edição”. Sua caracterização da grande mídia diferia da celebração dos dias anteriores, reestabelecendo o divisor *verdade/mentira* que caracterizava o antagonismo de um público antiestrutural ao sistema de perito do jornalismo profissional (Cesarino, 2022; Miguel, 2022), escrevendo na descrição do vídeo:

Na Rede Globo, uma reportagem especial de Ernesto Paglia defendeu o heliocentrismo com unhas e dentes, inserindo apenas alguns segundos das duas entrevistas dos terraplanistas. Esse “modus operandis” já era esperado. Confira aqui o que a GLOBO não mostra, com as duas reportagens na íntegra, sem cortes ou qualquer censura. Estamos juntos sempre nessa LUTA! [#IssoAGloboNãoMostra #Fantástico #TerraPlana](#)

Por essa mesma via, no entanto, uma parcela grande de terraplanistas (Jean incluso) dava alguma continuidade à celebração demonstrada antes da exibição das reportagens, num movimento similar — agora, alguns degraus acima em nível de exposição — ao episódio do *banner*. Nos grupos, apontava-se, em primeiro lugar, que a simples presença do tema da Terra Plana no programa *Fantástico*, independentemente do enquadramento discursivo, apresentava a um público amplo a possibilidade de existência de outra concepção cosmológica. Em outras palavras, entendia-se a televisão como outra plataforma para a exposição incidental (Lee e Xenos, 2022), não da totalidade do modelo, mas sim de um germe, de uma pequena sinalização suficiente à busca por informações entregues noutros espaços. Em segundo lugar, notava-se que a própria reportagem fizera o trabalho de apontar esse caminho, exibindo cenas e nomes de alguns dos principais canais terraplanistas do YouTube. A disputa com a mídia tradicional era colocada em pauta: a “má fama” de canais como a Globo, argumentava-se, era o combustível adicional para inflamar nos espectadores a suspeita de equívoco no retrato negativo da Terra Plana; num balanço final, o *Fantástico* teria “dado margem” para o convite ao *rabbit hole* do mundo digital terraplanista.

Indo além da questão da qualidade de uma visibilidade pública sujeita à *edição* discursiva, desenhava-se aí um dos lados de um conflito de pontos de vista sobre a relação

FlatCon–YouTube. O vídeo de Jean com as entrevistas “sem cortes” era concluído com uma cartela de texto: “Esse destaque na grande mídia só foi possível graças à ampla divulgação da FlatCon: saiam de suas bolhas virtuais!”. Sair da “bolha” — ou seja, da lógica habitual de formação de audiência nas plataformas digitais — beneficiaria a agenda terraplanista como um todo, conquistando um novo espaço de visibilidade pública na esteira do processo de organização da FlatCon. Simultaneamente, consolidava-se uma posição contrária aos novos ventos trazidos pela convenção, e sua formulação mais demorada era feita por Afonso em vídeo publicado na semana anterior, em 9 de setembro<sup>297</sup>. Seus argumentos ganhavam grande repercussão numa parcela do público terraplanista, especialmente por se instalarem num conflito anterior, que já se arrastava desde julho.

Naquele mês, havia se iniciado um conflito entre Jean e o youtuber SniperOne, então cotado como palestrante, com trocas de acusações sobre supostos interesses financeiros e de controle da pauta da Terra Plana, o que se propagou como uma crise que levou à desistência, por motivos diversos, de alguns dos youtubers que participariam da convenção (chegou-se a planejar, de última hora, a realização de um evento presencial paralelo, mas a ideia foi logo abandonada). Afonso, talvez o nome mais requisitado desde os primeiros anúncios do evento, declinou o convite, finalmente explicando seus motivos nesse vídeo de setembro. Para ele, eventos presenciais sobre Terra Plana eram “desnecessários”. Além de apontar uma “falta de sintonia” religiosa entre os participantes (disputas de interpretação da Bíblia, por si só, já vinham disparando longos conflitos entre youtubers) e sugerir riscos de violência contra terraplanistas, Afonso argumentava que faltava à FlatCon um “objetivo real”, que justificasse a mudança na configuração do ecossistema terraplanista. No mesmo vídeo, dizia:

Os caras do YouTube têm mais alcance do que uma conferência. (...) Nós já temos canal que tem alcance. A gente não precisa de revista vir entrevistar, a gente não precisa de dar entrevista pra televisão. Não precisa de nada disso. Os canais do YouTube eles já são o suficiente, são uma ótima ferramenta, o Criador abençoou esses canais, tão crescendo etc e tal. Então eu penso que qualquer outro mecanismo não é tão eficiente quanto o YouTube.

Os números de inscritos ou de visualizações num canal como o dele — àquela altura, com mais de 390 mil inscritos — ofereciam o contraste necessário às expectativas de público de uma convenção presencial: “Aqui, eu vou fazer esse vídeo [e] talvez 60 mil

---

<sup>297</sup> Vídeo excluído do *Ciência de Verdade*, republicado no canal *YAHUsef netsarym*. Disponível em: <https://youtu.be/OEXLW2-7Bc4>. Acesso em: 19/04/2022.

peças vão assistir esse vídeo. Você não consegue colocar isso em nenhum auditório do mundo. Então assim, já é legal pra caramba”; “por exemplo, o Leandro ele já tem um canal com 100 mil inscritos. Por que ele vai dar uma palestra pra 400?”. A FlatCon, portanto, era “desperdício de tempo e de dinheiro”, e, ainda pior, a criação de um espaço de inaceitável “idolatria” de youtubers: “Esse tipo de conferência é bem aquela coisa *Star Trek*, sabe? A coisa dos bolistas. Dos globaloide que gosta de ficar lá idolatrando os cara do *Star Trek* (...) A gente não deve cair nisso, né?”.

No mesmo dia, Jean divulgava sua resposta às críticas<sup>298</sup>, em frontal discordância: o evento era “necessário”, com o objetivo de “fortalecer a Terra Plana com uma grande confraternização”. O cenário, para ele, era de ganhos:

A FlatCon já foi divulgada amplamente por diversos veículos de comunicação do país. Os canais no YouTube não são suficientes para alcançar o grande público que ainda desconhece a Terra Plana. Somente um grande evento é capaz disso.

Da perspectiva de Jean, a posição assumida por Afonso era a de um conforto próprio de quem teria constituído um empreendimento rentável na onda favorável ao terraplanismo na plataforma. Ele dizia, num comentário ácido: “Não ganho dinheiro com o meu canal no YouTube, não tenho Patreon e não ganho 10 mil dólares por mês. Não faço vídeos com conteúdos especulativos somente para ganhar inscritos”. Em *lives* transmitidas em seu canal dias depois da realização da FlatCon<sup>299</sup>, Jean mantinha a opinião, dirigindo-se a Afonso: “se você não quer participar do evento e se saiu dele, fica na sua e faz seu papel no seu canal monetizado e fica aí ganhando seu dinheiro mensal, que não é uma merreca, como você gosta de dizer, fale a verdade”. O comportamento de youtubers como Afonso seria o de “dividir para conquistar”, preocupado com prejuízos de visualização e monetização mensal e vendo na FlatCon uma ameaça ao monopólio das informações propagadas e amplificadas cotidianamente no YouTube. Em seus argumentos, invertia-se aquilo que, para Afonso, era a transposição da categoria do influenciador como indivíduo idolatrável: a reverência, para Jean, estava contida muito mais na manutenção da lógica youtuber–audiência como único horizonte possível para o terraplanismo.

---

<sup>298</sup> Vídeo publicado no canal *Flat Com Brasil*. Disponível em: <https://youtu.be/W-eALRyELtk>. Acesso em: 29/06/2022.

<sup>299</sup> Transmitidas em 12 e 16 de novembro de 2019 no canal *Papo Plano* (links indisponíveis; vídeos excluídos).

Os públicos de plataforma, como observava o organizador da FlatCon, eram uma fração muito pequena comparada à busca do “grande público”: “não adianta você ter aí os seus 100 mil inscritos, os seus 200 mil inscritos achando que você está atingindo aí todo o Brasil. De maneira nenhuma”. Naquele momento, em novembro, Jean avaliava: “a gente não pode se esconder, a gente não pode ficar nessa bolha digital achando que nós seremos alcançados. (...) Sem a FlatCon, nós não teríamos tanto alcance, o enorme alcance que nós tivemos em 2019”. Seu balanço, evidentemente, deixava de fora uma série de outras situações que fizeram da interação entre terraplanismo e grande mídia algo muito mais turbulento do que os benefícios ambíguos do enquadramento discursivo negativo pela grande mídia até a ocasião da reportagem no *Fantástico*. De volta a setembro, nos dias que se seguiram à aparição na Globo, os argumentos de Jean apontavam para ganhos menos difusos do que a simples ideia de “alcance”. Numa publicação de texto no seu canal *Papo Plano*, isso estava vinculado à própria estrutura youtuber–audiência:

O crescimento do canal e o número de visualizações é espantoso! Após a reportagem do Fantástico, muitos canais tiveram um aumento significativo no número de inscritos e o interesse pelo tema está aumentando muito a cada dia. Esse efeito positivo demonstra claramente que estamos no caminho certo! Sigamos em frente!

O *print* que acompanhava a postagem, com dados gerados pelo próprio YouTube, apresentava as estatísticas: seu canal conquistara 5.895 novos inscritos nos últimos 28 dias, com os aumentos de 490% no tempo de exibição e 658% no número total de visualizações de seu *Papo Plano*. É difícil mensurar com precisão o quanto desses números era efeito da crescente exposição na mídia profissional. De todo modo, era enfatizando esse vínculo que a consolidação de um projeto de “saída da bolha” ganhava força, em consonância com quem viu na reportagem da Globo uma ponte para o *rabbit hole* do YouTube: *sair do digital* era, em grande medida, um outro modo de *atrair para o digital*, por meio dos próprios veículos cuja autoridade era ostensivamente negada naquele ambiente.

### *Instauração de uma crise: limites da “saída da bolha”*

Em setembro de 2019, ainda não estavam colocadas todas as condições para dizer o quão sustentável era a manutenção de um terraplanismo “fora da bolha”. Por um lado, os desgastes com conflitos internos mostravam a impossibilidade de consenso. Por outro,

a crescente expectativa por um evento que ainda não havia se concretizado injetava otimismo nas mediações além do digital: fora a venda de produtos (maquetes e chaveiros, basicamente) e o lançamento da *Revista Terra Plana* (inserida como brinde para os inscritos na convenção) planejados para o dia do evento, era anunciada a inauguração (logo após a última palestra da FlatCon) do Vila Plana, bar-restaurante temático idealizado por um terraplanista como ponto de encontro entre pares (ainda que aberto a um público mais amplo)<sup>300</sup>. Enquanto isso, o terraplanismo continuava navegando no aumento de interesse pelo tema na mídia profissional; para alguns desses veículos profissionais, ainda que assumindo o ponto de vista da defesa da ciência, aquele parecia o momento em que se buscava não apenas noticiar, mas ouvir terraplanistas<sup>301</sup>.

Nos primeiros dias de outubro, contudo, os inscritos na FlatCon receberam a informação de que o evento passava por atribulações. O motivo era um conflito de interesses aparentemente iniciado por uma breve notícia sobre a convenção publicada no jornal *Estadão* ainda no fim de setembro<sup>302</sup>. Constava ali uma informação básica, apresentada despretensiosamente, mas ausente no material de divulgação da FlatCon (e fato desconhecido pelo seu próprio organizador, como indicaria depois): o auditório que receberia o evento estava localizado no interior de um colégio católico. Dois dias depois, uma reportagem da *Gazeta do Povo*<sup>303</sup> desdobrava a informação entrando em contato com a instituição, que relatava que o contrato havia sido firmado com um intermediário, a empresa Salas Brasil. Porém, como conta o jornalista, “o colégio havia decidido não ceder o espaço ao evento terraplanista, por estar em desacordo com os princípios da escola”; a empresa, então, moveria o evento para outro local. A mudança teve grande repercussão entre participantes do evento, atribuída a um “assédio”, uma “censura”, uma

---

<sup>300</sup> Acrescente-se aí outra iniciativa, de criação de uma biblioteca física dedicada ao terraplanismo e temas correlatos (até onde tenho notícia, capitaneada por um youtuber); o plano, porém, nunca saiu do papel.

<sup>301</sup> Esse foi o caso, por exemplo, do podcast do jornal *Estadão*, que publicou episódio contendo 6 minutos de fala de Bruno, do canal *Mistérios do Mundo*, em entrevista ao programa (publicado em 30 de setembro de 2019, disponível em: <https://youtu.be/6vTu9n66Sgs>), e do quadro “Mude a minha ideia – Quebrando o Tabu”, do canal no YouTube da emissora de televisão *GNT*, que promoveu um amigável debate com Leandro, do *Inteligência Natural* (publicado em 8 de outubro de 2019, disponível em: <https://youtu.be/2wQRyzvkDSg>). Acesso em: 06/03/2021.

<sup>302</sup> Publicada em 21 de setembro de 2019. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,primeira-convencao-brasileira-sobre-terraplanismo-ocorre-em-novembro,70003019443>. Acesso em: 28/06/2020.

<sup>303</sup> Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/tubo-de-ensaio/colegio-catolico-evento-terraplanista/>. Acesso em: 28/06/2020.

“perseguição” da grande mídia à FlatCon — para alguns, supostamente em conluio com a Igreja Católica.

O jornalismo profissional, desta vez, era percebido com uma feição distinta da já esperada representação negativa do terraplanismo, pois estaria gerando prejuízos tangíveis ao projeto de “saída da bolha”, a pouco mais de um mês até a realização do evento. Realocado para um novo espaço (agora, um auditório com mil cadeiras), a organização da FlatCon se via num novo tipo de dilema: o quão seguro seria, a partir daquele momento, divulgar à grande mídia informações sobre o evento? A percepção de que se estava “sob ataque” resultou na identificação e expulsão de dois jornalistas presentes no grupo de WhatsApp da FlatCon; a existência dos “infiltrados”, agora, tornava-se um problema urgente. A organização do evento decidia que o nome e o endereço do novo espaço seriam mantidos em segredo até uma semana antes do evento, revelando-se por enquanto apenas a estação de metrô mais próxima. As precauções, ainda que cientes dos riscos de “vazamento”, tentavam cerrar limites entre terraplanistas e mídia profissional, adotando às pressas uma lógica refratária (Abidin, 2021). A fragilidade da nova medida seria testada poucos dias depois, num vídeo publicado por Bruno em seu canal no YouTube<sup>304</sup>. Ali, o palestrante lamentava o que via como “um atentado contra a liberdade de expressão, de crença”, praticado pela “religiosidade pseudocientífica” e pelo “cientificismo dogmático”. Assumindo um tom mais triunfante, exaltava a saída da “bolha das mídias sociais” por sua nova conquista, apesar dos contratemplos: “um auditório de primeira, muito melhor do que o outro, muito maior do que o outro”. Bruno, informado sobre o local, conferia-lhe distinção revelando que o espaço já havia recebido o primeiro-ministro do Japão. “É isso o que o Criador reserva para quem luta pela verdade: coisas melhores”, concluía.

Uma notícia sobre os percalços da FlatCon publicada na *Folha de São Paulo* dois dias depois<sup>305</sup>, atenta ao vídeo de Bruno, reconheceu o local a partir da pista involuntária deixada pelo youtuber: o auditório alugado pertencia à Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (Bunkyo). Em contato com o responsável pelo espaço, a jornalista era informada que “a Bunkyo ‘não tem nenhuma ideologia política ou

---

<sup>304</sup> Vídeo publicado em 06 de outubro de 2019 no canal *Mistérios do Mundo* (link indisponível).

<sup>305</sup> Publicada em 08 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/10/escola-catolica-em-sao-paulo-rejeita-evento-terraplanista.shtml>. Acesso em: 03/09/2021.



religiosa” e não havia “se aprofundado no teor das falas na convenção”; Jean, entrevistado, dizia que “a Bunkyo sabe do que trata a FlatCon. ‘Sabem, porque perguntaram. O evento está sendo divulgado amplamente’”. Poucos dias depois, similarmente à situação com o colégio católico, a instituição optava por não mais receber a FlatCon. “Ameça”, “boicote” e “guerra” eram as palavras que permeavam as reações à nova crise no processo de organização da FlatCon — agora, prestes a ser cancelada, dada a dificuldade de se encontrar tanto um espaço disposto a ter sua imagem publicamente associada a uma convenção no mínimo controversa como, mais pragmaticamente, um que estivesse desocupado a menos de um mês da data marcada.

Tentativas de solucionar essa dimensão muito concreta da “saída da bolha” contaminavam todos os interessados, multiplicando vozes fragmentadamente lidando com a questão do que significava, de fato, essa condição urgente de um terraplanismo público sob o risco de solapar a qualquer momento. Enquanto Jean se movimentava nos bastidores, grupos e espaços de comentários cogitavam uma diversidade de opções: outros auditórios, hotéis, salões de festa, chácaras, sítios, área de *camping*, quadras de escola de samba, salões de *buffet*, igrejas evangélicas. Em algumas, perdia-se o conforto ou a facilidade de acesso; no caso das igrejas, especificamente, a associação ao domínio do religioso nem sempre era desejada, levando-se em conta como a “grande mídia” retrataria esse assunto. Demandas pela continuidade na visibilização crescente do terraplanismo “fora da bolha” apontavam os riscos de isolamento na escolha de espaços privados, sugerindo a realização do evento em locais abertos: ruas, parques, praças ou o vão livre do MASP<sup>306</sup> eram algumas dessas opções, que permitiriam o uso de caminhões de som, megafones, camisetas, faixas ou cartazes. Mas muitas objeções surgiam daí, sugerindo riscos de descaracterização da FlatCon: trata-se de uma convenção ou de uma manifestação? O interesse é mostrar publicamente uma pauta ou “aprofundar um conhecimento”? Como palestrantes exibiriam seus *slides*?

Um “local neutro”, concluía alguns terraplanistas, parecia a opção congruente com a proposta inicial da FlatCon. Jean dizia à *Folha de São Paulo*, na matéria anteriormente citada: “O meu evento não é religioso, não é político. O cunho é científico, é o debate sadio do formato da Terra”. Apesar do acirramento no antagonismo à mídia tradicional (ou talvez exatamente por causa disso), a escolha de um novo local estava

---

<sup>306</sup> Espaço do Museu de Arte de São Paulo que recebe desde manifestações políticas até feiras e atrações artísticas.

predominantemente submetida a critérios que excediam a satisfação dos interesses de confraternização presencial do público terraplanista; era dirigindo-se a um público mais amplo — de contornos pouco definidos e em grande parte mediado pelos veículos do jornalismo profissional — que a organização da FlatCon filtrava as opções de espaço que lhe restavam.

### *A proximidade do evento e um episódio inédito no terraplanismo brasileiro*

Em meados do mês de outubro, a crise estava aplacada. Um novo contrato havia sido assinado (sem a intermediação da empresa anterior) e um novo *banner*, com escalação atualizada, passava a circular nas mídias terraplanistas (Figura 32). Nesse material de divulgação, o controle da informação era ainda mais restritivo: o local seria divulgado apenas no dia anterior à convenção. De fato, foi isso o que ocorreu. No fim de outubro, no entanto, as ansiedades diante da “interferência” da imprensa motivavam a elaboração de um “esquema de segurança” intrincado, já compartilhado com os inscritos: estes, na noite do dia 9, seriam informados apenas com o nome de uma estação de metrô; chegando lá, avistariam membros da organização da convenção, identificados com a camiseta do evento, que encaminhariam os participantes para o auditório ali próximo.

Figura 32 - Terceira versão do *banner* da FlatCon.

**1ª CONVENÇÃO NACIONAL DA TERRA PLANA**  
**SÃO PAULO**  
**FLAT CON**  
**BRASIL 2019**

**DIA 10 DE NOVEMBRO DE 2019**  
 LOCAL SERÁ DIVULGADO NO DIA 9/11  
 DAS 8 ÀS 19 HORAS

**PALESTRANTES CONFIRMADOS**

- JOTA MARTHINS  
SEM HIPOCRISIA
- SIDDHARTHA CHAIBUB  
PROF. TERRA PLANA
- BRUNO ALVES  
MISTÉRIOS DO MUNDO
- GILBERTO ASSEF  
TERRA PLANA RELOADED
- JULIO MIRANDA  
MAGNETICAMENTE
- ANDERSON NEVES  
ASTROPHOTOGRAPHER
- FLAVIO CARVALHO  
EVANGELISTA FLAVIO
- DOUGLAS ALEODIN  
INTELIGENTISTA
- PRISCILA BANDEIRA  
PRISCA GÓGO
- ELAINE E AMANDA  
EU & ELA CURIOSA

**PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS:**

- OLIVER IBÁÑEZ  
CANAL OLIVER IBÁÑEZ
- DÉBORA BARBOSA  
CANAL DÉBORA G BARBOSA
- DOUGLAS ALEODIN  
INTELIGENTISTA

ORGANIZAÇÃO: JEAN RICARDO G. MARTINS  
 INSCRIÇÕES: [www.flatcon.com.br](http://www.flatcon.com.br)  
 INGRESSO PROMOCIONAL: 50 REAIS

Fonte: Imagem publicada no grupo de Facebook *Terra Plana Brasil Exclusivo*.

Na tarefa de equilibrar as novas condições de visibilidade da Terra Plana a partir desse evento que já havia consolidado seu lugar como objeto de atenção pública de interesse da imprensa, a tática de retenção dessa informação primordial tentava implementar, na própria passagem da plataforma digital ao espaço público, um resquício da lógica de público refratário (Abidin, 2021) adotada com dificuldades no próprio grupo de WhatsApp da FlatCon. Os argumentos de coloração conspiratória, tão corriqueiros em toda a produção audiovisual terraplanista, apareciam com cada vez mais força em meio à série de percalços. Num vídeo do *Sem Hipocrisia*<sup>307</sup>, também republicado no canal da FlatCon no YouTube, Marthins dizia que “na história da humanidade o sistema maçônico-comunista sempre se utilizou de oposições controladas para minar e destruir qualquer levante pela verdade”, numa tática de infiltração do inimigo por meio de supostos aliados que estaria se repetindo naqueles youtubers terraplanistas dissidentes da FlatCon:

Após os ataques dos opositores controlados, estes, não obtendo êxito em seu plano maquiavélico, e [após] a FlatCon continuar crescendo, foi a vez do próprio sistema dar as caras e começar a minar e destruir a relação do Jean Ricardo com os auditórios contratados. (...) Faço então algumas perguntas: se essas entidades [que romperam contrato] não possuem medo da Justiça e de danos materiais, seriam pessoas poderosas que estariam contra o acontecimento do evento? Seriam influentes ou grandes milionários? (...) Porque o medo de acontecer a FlatCon?

O tom de inflamado antagonismo, retratando um público antiestrutural (Cesarino, 2022) cercado pelas ameaças de uma batalha assimétrica contra atores conspiratórios poderosos, começava a se amenizar com a definição do novo auditório. Uma nova rodada de convites de veículos profissionais de comunicação tinha início com a proximidade da FlatCon. Dentre eles, o mais celebrado, recebido praticamente como a coroação final do êxito na organização da convenção, foi a longa participação no programa de entrevistas *The Noite*, apresentado por Danilo Gentili, transmitido pela emissora SBT em 29 de outubro de 2019 e publicado no seu canal oficial no YouTube no dia seguinte<sup>308</sup>. Tratava-se do maior tempo de exposição do terraplanismo na televisão: os terraplanistas, que a princípio ocupariam apenas um bloco, viraram pauta do episódio inteiro, com uma entrevista que durou 40 minutos. No YouTube, os números não foram nada modestos, e o episódio acumula hoje mais de 5,5 milhões de visualizações (mais de 740 mil só nas primeiras 24 horas). A menos de 10 dias da FlatCon, Gentili, a quem Jean havia

<sup>307</sup> Vídeo publicado em 13 de outubro de 2019. Disponível em: <https://youtu.be/kF6AZIWQI5s>. Acesso em: 03/09/2021.

<sup>308</sup> Disponível em: [https://youtu.be/CHHxxcH\\_T6o](https://youtu.be/CHHxxcH_T6o). Acesso em: 18/09/2020.

endereçado em julho um agradecimento levemente irônico por mencionar o evento num monólogo humorístico naquele mesmo programa, agora concedia uma “propaganda gratuita” de proporções ainda maiores ao terraplanismo brasileiro.

No dia em que o programa iria ao ar, Jean publicou em seu *Papo Plano* um vídeo intitulado “Terra Plana no THE NOITE: a saída da bolha digital”<sup>309</sup>, com fotos sorridentes dos bastidores da gravação e um relato ainda mais otimista do que o episódio da entrevista ao *Fantástico*: ele e os youtubers–palestrantes Bruno, Marthins e Siddartha estavam em “sinergia” e foram recebidos por uma plateia “interessada” e por um Gentili com um “humor comedido” e pontuado por “questionamentos sérios”; cumpriu-se a missão de “divulgar esse questionamento em rede nacional”, numa participação “histórica”, e, a partir dela, “milhares de pessoas vão pesquisar sobre a Terra Plana em nossos canais”. Nos comentários ao vídeo e no grupo da FlatCon, o clima era de comemoração, sem sinais da apreensão experimentada com a espera da exibição do programa da Globo. A questão pública contida na expectativa pela participação no SBT era bem traduzida no título de uma *live* publicada no mesmo dia noutro canal: “Contagem regressiva no Brasil – A Terra Plana está prestes a se tornar *mainstream*?”<sup>310</sup>. Aproximando-se do horário de exibição, o grupo de WhatsApp compartilhava fotos de seus televisores ou sites de transmissão pirata.

*The Noite* é um programa com estrutura e estética semelhantes a outros programas de entrevistas de fim de noite, reunindo plateia, banda de apoio, locutor e apresentador num cenário que simula a noite de uma grande metrópole e com uma interação apresentador–entrevistado permeada por tiradas humorísticas. Os terraplanistas se acomodaram no amplo sofá posicionado ao lado de Gentili — este, tendo à sua frente uma mesa que comportava alguns objetos levados por seus convidados: a camiseta com a logomarca da FlatCon, idêntica àquela que Jean trajava durante toda a gravação; maquetes da Terra plana e esférica, utilizadas em alguns momentos da entrevista para fins

<sup>309</sup> Vídeo publicado em 29 de outubro de 2019 (link indisponível).

<sup>310</sup> O título original está em inglês (*Countdown Brazil – Is FE about to Mainstream?*) e o vídeo foi publicado em 29/10/2019 no canal *In Fiction We Trust – Cosmological Explorations* (disponível em: <https://www.youtube.com/live/EKFstUJx-4>). O youtuber, Rodrigo, é um terraplanista brasileiro radicado na Escócia. Lá, concluiu seu doutorado em Antropologia Social, na Universidade de Aberdeen (sua formação anterior também foi na área, na Universidade da Colúmbia Britânica). Ao que parece, há pelo menos um trabalho acadêmico seu relacionado ao tema da Terra Plana, apresentado num evento em 2018, mas seu principal campo de pesquisa é a Antropologia da Música. É no seu canal no YouTube que os argumentos terraplanistas convivem com referências a teóricos das Ciências Sociais — por exemplo, em “Erving Goffman e a dramaturgia do astronauta: as artes do gerenciamento de impressões” (*Erving Goffman and Astronaut Dramaturgy the Arts of Impression Management*). Acesso em: 20/02/2021.

de demonstração e comparação visual; o livro *O Universo...*, escrito por Marthins; a primeira edição da *Revista Terra Plana*, a ser entregue aos participantes no dia da convenção. O primeiro tópico da conversa foi a FlatCon, divulgada a cada início de bloco — Gentili, num desses momentos, convidava seus espectadores: “Se você é um simpatizante, se você é um terraplanista, um curioso, ou até mesmo se você quer ir lá para ver qual é a explicação dos caras, aparece lá”. Após os comentários de Jean sobre a convenção e os percalços com o “assédio da mídia”, a entrevista teve sequência com o predomínio das vozes dos outros três terraplanistas, convocados pelo apresentador a explicar os fundamentos e alguns pormenores do modelo defendido.

A participação no SBT era nitidamente distinta da experiência anterior de terraplanistas com a mídia tradicional. O tom humorístico enquadrava o tema no campo do excêntrico e do curioso, mas não do danoso ou do preocupante. Por um lado, não havia dúvidas de que Gentili ocupava a posição de quem entende que o planeta é esférico, notada ao enfatizar pequenas contradições ou inconsistências da Terra Plana em seus pedidos de explicação (em alguns casos, insistindo na reelaboração de respostas vagas em termos mais diretos); as piadas, distribuídas ao longo de todo o diálogo e com seu ápice na exibição comentada de uma seleção de memes, baseavam-se exatamente na exploração do absurdo do modelo terraplanista. Por outro lado, as intervenções de Gentili assumiam muito mais a forma de perguntas sobre os novos pontos abertos a cada argumento terraplanista do que na contraposição firmada em sólidos fatos científicos; em outras palavras, aquele formato de entrevista dava ao apresentador uma função de “escada”, alçando a fala de seus convidados para as searas cada vez mais distantes do discurso terraplanista (ou indo cada vez mais fundo naquele breve sumário dos pontos de apoio do *rabbit hole*). O “humor comedido” que Jean atribuiu a Gentili, em outras palavras, significava uma cordialidade que mantinha a interação longe da pura chacota — os convidados, na verdade, riam junto, como se reconhecessem no humor apenas uma modulação natural do espanto inicial de públicos não acostumados com as alegações terraplanistas<sup>311</sup>.

---

<sup>311</sup> Vale mencionar que os únicos breves momentos de acirramento dos ânimos, a partir das perguntas de um membro da banda de apoio (primeiro, questionando sobre interesses financeiros; depois, demarcando seu desacordo com um experimento terraplanista), tiveram sequência na produção terraplanista no YouTube com vídeos explorando o antagonismo com o “globalismo” marcado nesse conflito.

A participação no SBT, imensamente celebrada no grupo de inscritos da FlatCon, era entendida como a conquista de um espaço na grande mídia onde, enfim, terraplanistas foram escutados com atenção. A contradição era evidente (a premissa do programa era satírica, mas a intenção de publicização do modelo terraplanista era séria), ainda que suficientemente explorável pela agenda da Terra Plana: nas muitas brechas abertas para que se debruçassem sobre seu modelo, costuraram os fundamentos de sua construção de mundo e os pontos de “dúvida” sobre o heliocentrismo para um público amplo — como Jean lembraria no *hangout* com Esaías, “nenhum outro canal conseguiu até hoje uma abrangência dessa maneira, um vídeo com 4 milhões e meio de visualizações; então isso é uma vitória pra todos nós”. No apanhado de tópicos discutidos, argumentos religiosos apareceram apenas em breves menções, predominando as explicações mais próximas ao domínio da “ciência de verdade”. Segundo Marthins, essa foi uma escolha consciente, combinada antes de entrarem no estúdio<sup>312</sup>. Jean já partia dessa premissa no processo de divulgação da FlatCon, quando se referia à anteriormente citada ideia do evento como parte de um “debate sadio” sobre o formato da Terra, que pouco tinha a ver com política ou religião. Num *live* posterior<sup>313</sup>, ele dizia:

Claro, eu acredito na Bíblia, eu também sou cristão, eu acredito em tudo que está escrito ali, eu fui batizado também em nome do Senhor Jesus, tá? (...) Só que não podemos nos basear pela fé, nós temos que conversar com a classe científica de igual pra igual, mostrando testes científicos. O debate tem que ser científico, e não religioso. (...) nós participamos da TV aberta, lá do programa do Danilo Gentili. Nós não poderíamos ficar falando da Bíblia, [de] trechos bíblicos que falam realmente que a Terra é plana, citar trechos de Gênesis (...) O debate é científico.

Nas modulações do que deveria ser um terraplanismo público apresentável em cadeia televisiva nacional, projetava-se um cenário de controvérsia aberta sobre o formato do planeta, de interesse público, com o modelo da Terra Plana sendo defendido enquanto proposta cumpridora das regras do jogo — ela seria “científica”, baseada em “evidências” empíricas, reproduzíveis etc., dizeres que não deixaram de ser enfatizados pelos entrevistados. Tratava-se de “ciência de verdade”, mas numa versão que temporariamente docilizava os elementos discursivos de antagonismo à ciência oficial, substituindo sua dimensão conflitiva fundamental pela posição enquanto um lado do “debate”. A situação era em certa medida distinta dos *desafios* (comentados no Capítulo 3) lançados por “globalistas” aos defensores do modelo em grupos e caixas de comentários de canais,

<sup>312</sup> Era o que dizia Marthins em *live* transmitida em 16/11/2019 no *Sem Hipocrisia* (link indisponível).

<sup>313</sup> Transmitida em 12/11/2019 no canal *Papo Plano* (link indisponível).

pois, dessa vez, eram os terraplanistas que eram recebidos no ambiente que ocupava o polo da oficialidade (não da ciência estabelecida, mas da mídia *mainstream*). A tentativa de conformar a pretensão de ciência à ocasião, evidentemente, era insustentável — não apenas pelos tipos de argumento e de critério prático usados sob o nome de “ciência”, mas porque, após minutos iniciais de entrevista dedicados a descrever o que seriam os parâmetros físicos do modelo defendido, os convidados precisavam movimentar todo o aparato conspiratório do qual o terraplanismo depende (“controle”, “manipulação” e “escravização” foram alguns dos termos usados).

A escolha pela aparência científicista numa situação como aquela não era consenso entre terraplanistas. Afonso, por exemplo, comentava em vídeo do *Ciência de Verdade*<sup>314</sup> que, se fosse ele na condição de entrevistado no programa de Gentili, entraria no estúdio com uma Bíblia na mão, baseando-se apenas nela para defender a Terra Plana, pois “o Brasil é um país cristão e entenderia isso”. Ele divergia também em relação ao saldo de uma “saída da bolha” que precisava se submeter a intenções satíricas: a entrevista, de início, pareceu-lhe interessante, até notar que os convidados do episódio seguinte eram os “presidentes das associações de vampiros e lobisomens”. Ali, Afonso teve certeza de que o objetivo do programa era uma “palhaçada” comparável a um cientista explicar o funcionamento de um motor no palco de um circo: “o programa do Danilo Gentili serve (...) para ridicularizar coisas, não serve para fazer entrevista séria”. O youtuber parecia tentar lembrar aos terraplanistas a condição de enunciação que a plataforma vinha garantindo a eles, diferente das “arapucas” às quais estavam sujeitos fora desse terreno:

Eu tô gravando pra vocês aqui: eu tenho o controle da situação. Tô aqui gravando, sei onde tá a filmadora, sei onde tá a lâmpada (...), a televisão tá aqui, fui eu que coloquei os *slides*. Eu tenho algum controle (...) Agora, se eu tô numa situação que não tem controle, a pessoa vai ficar me interrompendo toda hora e tudo mais, não tem por que arriscar. Eu tenho muita gente aqui assistindo o canal, eu não preciso me expor ao risco do ridículo, como o pessoal [da FlatCon] fez aqui [no programa do SBT] (...) Eu vejo que o pessoal aqui da (...) FlatCon não foram cuidadosos em nenhum momento.

Se do ponto de vista dos entusiastas da participação no *The Noite* aquela havia sido a melhor situação de inserção do terraplanismo brasileiro na mídia profissional, mesmo com o tom humorístico (alguns chegaram a dizer que Gentili podia ser

---

<sup>314</sup> Publicado em 15/11/ 2019 (link indisponível).

considerado um aliado<sup>315</sup>), as condições ali postas nunca viriam a se repetir. Logo após a realização da FlatCon, o interesse satírico motivaria pelo menos duas outras entrevistas (ambas na rádio Jovem Pan, nos programas *Stand Up* e *Pânico*<sup>316</sup>). Entretanto, além das audiências consideravelmente menores (no YouTube, o segundo soma pouco mais de meio milhão de visualizações e o primeiro não chega a 100 mil), os entrevistados precisavam dividir o frenético e escasso tempo de fala com muitos intervalos comerciais, vozes sobrepostas, humoristas menos “comedidos” e contrapontos mais incisivos — o terraplanista–palestrante Anderson, presente em ambas as ocasiões, parecia visivelmente irritado. Os terraplanistas retornariam à tela da Globo em 11 de dezembro, no programa *Profissão Repórter*, cuja equipe estava presente no teatro onde foi realizada a FlatCon. A emissora registrou cenas das palestras e entrevistou Jean e outros participantes, mas o material utilizado no corte final totalizava poucos minutos. Diferentemente dos shows de humor de rádio e TV, a seriedade demandada por terraplanistas dava o tom do programa da Globo, ainda que não no sentido por eles almejado: lá, ao lado da agenda antivacina e do negacionismo climático, era mais um segmento do tema central do episódio, o negacionismo científico.

#### *A realização da FlatCon e o retorno à “bolha”*

No dia 10 de novembro de 2019, o Teatro Liberdade, na zona central de São Paulo, hospedou a tão aguardada FlatCon. Por volta das 8h30 da manhã daquele domingo, era grande e vistosa a movimentação na calçada do prédio, com uma longa fila de credenciamento e a perambulação de voluntários trajando camiseta do evento e crachá e de uma equipe de filmagem realizando entrevistas. Em frente ao portão de entrada, um grande painel com um mapa da Terra Plana apoiado num pedestal ornado com balões verdes, amarelos e brancos demarcava que ali se concentrava o primeiro grande evento terraplanista brasileiro. No *hall* do prédio a decoração se repetia, abrigando também alguns poucos estandes com venda de chaveiros, maquetes e quadros temáticos. A densa

---

<sup>315</sup> Jean também demonstrou sua gratidão a Gentili no *hangout* com Esaías: “Foi a primeira vez que um *talk show* do mundo dedicou um programa inteiro pro tema Terra Plana. O Danilo Gentili foi único, no mundo, apresentador de *talk show*, que praticamente só falou desse tema (...). Ele também se mostrou muito interessado nos bastidores. Claro que ali, apresentando, a entrevista, ele tem que fazer parte, ali. Ele cria um personagem, né? Mas nos bastidores ele demonstrou muito interesse na Terra Plana, sim”.

<sup>316</sup> Os programas foram, respectivamente, nos dias 11 de novembro e 11 de dezembro de 2019, disponibilizadas no canal de um dos entrevistadores do primeiro programa ([https://www.youtube.com/watch?v=hjHUKVmAB\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=hjHUKVmAB_Q)) e no canal oficial do segundo (<https://www.youtube.com/watch?v=74r2lSCvaOs>). Acesso em: 05/10/2020.



aglomeração de pessoas nesse espaço — conversando, transitando, tirando fotos — contrastava com a tranquilidade do amplo auditório, que também permitia melhor dimensionar a quantidade de público (contei por volta de 250 pessoas, mas Jean falava de 400). Jean fez sua fala de abertura por volta das 9h30, seguido da execução de uma música no violão pelo terraplanista Douglas e, finalmente, da primeira palestra do dia.

Figura 33 - Hall do Teatro Liberdade no dia da FlatCon 2019.



Fonte: Registro do autor.

Falar sobre a relação entre esse domingo e o projeto de “saída da bolha” implica em considerar duas impressões diametralmente opostas, sentidas e compartilhadas no meio terraplanista, e determinantes (ainda que não a única razão) para a retração desse tipo de iniciativa: ela foi um *sucesso* ou um retumbante *fracasso* (inclusive, para alguns, foi as duas coisas ao mesmo tempo). Durante sua realização, era difícil observar qualquer sinal dessa segunda impressão. Apesar de um atraso de mais de meia hora para o início da primeira palestra e um problema ou outro na administração do tempo de fala, tudo transcorreu aparentemente bem. Durante todo o domingo, Jean esteve ocupado concedendo entrevistas à mídia profissional presente no local (além de uma equipe da Globo, estavam lá jornalistas do R7, da Folha de São Paulo, da Época, da Vice e do Uol, que publicaram reportagens nos dias seguintes<sup>317</sup>, fora a equipe de filmagem que acompanhava um humorista). Estavam lá também outros “infiltrados” que, como eu,

<sup>317</sup> Disponíveis em: <https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/viaje-nas-ideias-dos-brasileiros-que-acreditam-que-a-terra-e-plana-13112019>; <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/11/convencao-em-sao-paulo-reune-quem-duvida-de-que-a-terra-seja-redonda.shtml>; <https://epoca.globo.com/sociedade/primeira-convencao-de-terraplanistas-do-brasil-tem-infiltrados-revelacoes-de-deus-criticas-nasa-24074319>; <https://www.vice.com/pt/article/ywa9by/a-primeira-convencao-brasileira-sobre-terra-plana-foi-exatamente-como-voce-imagina>; <https://paulosampaio.blogosfera.uol.com.br/2019/11/12/a-ignorancia-e-uma-bencao-diz-palestrante-da-1a-convencao-da-terra-plana/>. Acesso em: 05/10/2020.

observavam, anotavam e registravam, realizando ou não pesquisas acadêmicas<sup>318</sup>. Essa presença, ainda que gerasse corriqueiras suspeitas, era também, como demonstraria Jean em suas publicações pós-FlatCon, um índice de *sucesso*, em continuidade com todo o trabalho de divulgação dos longos meses de organização.

A socialização presencial, tão aguardada desde o primeiro anúncio de Jean no Facebook, foi enfim concretizada, propiciando no Teatro Liberdade, nos seus arredores durante a pausa para o almoço e na confraternização noturna no bar–restaurante Vila Plana as situações propícias para o encontro com youtubers, amigos de grupos virtuais e desconhecidos (muitas dessas pessoas vindo de outros estados do país). A mudança do nome do grupo de WhatsApp, naquele mesmo dia, de *FlatCon Br* para *Família FlatCon 2019* era um bom indício não apenas do clima de celebração coletiva que tomava grande parte dos participantes, mas da tentativa de tornar aquela dimensão socializante durável. Em *live* realizada dois dias depois em seu canal, Jean falava de um evento “épico”, “uma das maiores convenções [terraplanistas] do mundo”, com grande interação entre convidados e inscritos e palestras de “alto nível” — impressões compartilhadas também por grande parcela dos membros do grupo de WhatsApp, que o mantiveram muito ativo, com centenas de mensagens por dia, por semanas a fio.

As palestras, bastante elogiadas durante e após o evento, eram a materialização de uma relação que a maior parte daquelas pessoas já experimentava na forma youtuber–audiência, agora com todas as traduções próprias da situação de compartilhamento presencial de um espaço (o efeito “institucional” de “buscar conhecimento” na programação de um evento, as reações em tempo real, os aplausos, os registros pessoais com celular em punho etc.). Sem excluirmos tudo o que obviamente torna um evento desse tipo distinto da manifestação digital do terraplanismo, não deixam de saltar à vista as continuidades na passagem entre YouTube e FlatCon, submetendo a segunda à “lógica de mídia” (Kalpokas, 2019) da primeira. Além da já mencionada transformação de youtubers em palestrantes, o ordenamento e o conteúdo de cada fala fazia delas uma espécie de “versão teatral” da produção audiovisual habitual de seus respectivos canais (ou algo que por outras vias apontava de volta para suas rotinas na plataforma). Uma

---

<sup>318</sup> Conheci ali um físico, uma socióloga e um psicanalista, estando presentes também um professor do curso de Gestão de Políticas Públicas da USP, um pesquisador que creio que fosse da área de ensino de ciências e um estudante de jornalismo que produzia um minidocumentário sobre negacionismo científico; havia mais alguns não terraplanistas (meia dúzia ou um pouco mais) cujos *backgrounds* desconheço.

exceção era Anderson, com uma produção para o YouTube escassa e pouco relacionada ao que tratou em sua longa palestra, a primeira do dia (ela pode ser descrita, num oxímoro, como uma livre associação planejada, numa conexão quase imparável de tópicos díspares, mas previamente programada em seus *slides*); ao fim, ofereceu à plateia um artefato físico: um *banner* com o “novo mapa da Terra Plana”, por ele elaborado, exposto no saguão do teatro para ser observado e fotografado.

Para os demais palestrantes, a relação com a produção no YouTube era notória — em sua maioria, com falas expositivas guiadas pela apresentação de *slides*, numa configuração voz/imagem parecida com aquela já praticada em seus vídeos e *lives*<sup>319</sup>. Evangelista Flávio escolheu falar sobre “cosmologia bíblica”, tema central de seus vídeos, fazendo (mais) um apanhado geral dos argumentos religiosos terraplanistas e exibindo sua sequência de ilustrações e de passagens bíblicas a serem lidas e interpretadas. Gilberto procedeu como em muitos vídeos do seu *Terra Plana Reloaded*: escolhendo um tópico específico do modelo da Terra Plana (no caso, o funcionamento do Sol, tema também já abordado mais de uma vez em seu canal) e concluindo com a apresentação de vídeos que teriam a função de “provas” do modelo. Siddhartha, por sua vez, tratou de questões de ordem conspiratória, levando ao palco argumentos e fartos materiais imagéticos (montagens visuais como as que são discutidas no Capítulo 7) já utilizados em seu canal *Professor Terra Plana*. Bruno, como relatado no Capítulo 1, fez de sua breve palestra um trabalho em tempo real de “refutação e desmascaramento” das “imagens do heliocentrismo” exibidas pelo projetor.

Algumas variações de formato foram experimentadas. Priscila subiu ao palco e cumprimentou a plateia com o mesmo bordão usado no início de seus vídeos (“Olá, gente linda que me assiste”), seguindo então para a apresentação de uma longa série de vídeos curtos de “globalistas” criticando a Terra Plana. Sua palestra era estruturada como uma espécie de *react* a cada uma dessas cenas, semelhante ao que praticava no YouTube; noutros breves momentos, exibiu trechos de seus próprios vídeos, escutando em silêncio a narração de sua própria voz previamente gravada nesses segmentos. Concluindo a apresentação, cantou sua música “A Terra é plana, meu irmão!”, que foi lançada como um videoclipe em seu canal no mês anterior (e exibido durante sua inesperada

---

<sup>319</sup> Não falo aqui de Julio (do canal *MetafísicaMente*) e Christian (do extinto *The Questionators*), pois tive pouco ou nenhum contato com suas produções no YouTube, mas o formato de apresentação foi o mesmo.

performance)<sup>320</sup>. Elaine e Amanda repetiram no Teatro Liberdade o exato bordão empregado em seus vídeos, flertando comicadamente com leve efeito dissociativo: “esse aqui é o canal *Eu & Ela Curiosa*”. Na única palestra do dia sem utilização de *slides*, falaram diretamente sobre a “missão” como produtoras de conteúdo terraplanista, solicitando o engajamento dos espectadores no ecossistema digital terraplanista e no *Eu & Ela*:

Eu acho que todos nós temos aqui o dever de postar o máximo de fotos, postar o máximo de informação. Realmente colocar esse evento aqui como um marco pra Terra Plana. Divulgar bastante (...). Não estamos pedindo atenção, não é nada disso. Nós estamos somente querendo alertar às pessoas que tudo foi manipulado (...). Nós temos um trabalho de vir aqui falar com vocês que nós temos essa missão, mas a missão se estende a todos vocês. Vocês precisam participar disso com a gente. Quando tiver *live*, quando tiver vídeo, quando tiver informação, compartilhem, não custa nada, não vai cair o dedo. Clicar num *like* ou compartilhar uma *live* de uma pessoa, ou um *hangout* com pessoas trazendo informações importantes. Mesmo que às vezes não seja importante pra você.

Marthins, último palestrante do dia, subiu ao palco e disse: “Bom, queria fazer uma pergunta antes de começar: tem algum inscrito do canal *Sem Hipocrisia* aqui?”, vendo à sua frente um mar de mãos levantadas. Dias antes, no YouTube, havia anunciado no tom hiperbólico habitual do canal que apresentaria na FlatCon (mais uma) prova definitiva da Terra Plana. No auditório, deu sequência ao show: com certo suspense, convidou dois “infiltrados”<sup>321</sup> para subirem ao palco e responderem uma pergunta; as respostas seriam colocadas em contradição com a prometida imagem que servia como “evidência” da planicidade, comparada depois com *slides* de “demonstrações matemáticas” (“do jeito que vocês gostam”, dizia o terraplanista) — momento em que o terraplanista citou a sequência de vídeos de “cálculo de curvatura” de seu canal (discutidos no Capítulo 3). Concluiu a apresentação com uma frase que ostentava a entonação demolidora usada na sua produção no YouTube: “Parabéns. A Terra é plana!”. Para encerrar o dia, Jean retornou ao palco com microfone na mão:

---

<sup>320</sup> Vídeo publicado em 18 de outubro de 2019 no canal *Prisca de Côco*. Disponível em: <https://youtu.be/bdFsse5KwGY>. Acesso em: 19/04/2023.

<sup>321</sup> Um deles era um homem que dizia à imprensa e aos demais presentes que era astrofísico e havia trabalhado para a NASA. A presença de um “inimigo” tão ilustre na plateia da FlatCon foi orgulhosamente explorada no ecossistema terraplanista no pós-FlatCon. No entanto, em buscas na internet desde então, nunca encontrei qualquer confirmação sobre essa formação e atuação profissional — ao invés disso, além de informações sobre sua atuação numa empresa de outro ramo, me deparei com suas intervenções em canais de YouTube e eventos online contrárias às medidas de contenção da pandemia de COVID-19, às vacinas e à gravidade da doença (por exemplo, em <https://youtu.be/XreuVZnuNng>; acesso em: 19/04/2023).

O objetivo do evento foi realmente alcançado. Ouvimos aqui de todos os palestrantes um conteúdo exclusivo e inédito, e que inclusive será discutido amplamente nos próximos dias nas redes sociais, nos veículos de comunicação (...), na grande mídia brasileira e também estrangeira.

Todos as palestras foram filmadas e disponibilizadas no canal da FlatCon no YouTube, dando sequência à circulação desse “conteúdo exclusivo e inédito” na mídia digital na qual terraplanistas rotineiramente consolidavam sua construção de mundo. Com o horizonte da produção audiovisual sendo, em algum grau, mantido no tipo de conteúdo, na forma e no destino dos registros daquela primeira edição da convenção, é difícil prever que novas configurações da relação YouTube–FlatCon poderiam surgir caso o encontro se rotinizasse. Jean, na sua entusiasmada fala de encerramento, declarava: “Temos a partir de hoje um ponto de encontro anual. Daqui pra frente, não vamos parar. É um caminho sem volta, e todos aqui fazem parte dessa história”. Evidentemente, o terraplanista não teria como prever que, com a crise de saúde da pandemia de COVID-19, eventos desse tipo estariam potencialmente inviabilizados em 2020; as condições de atenção da grande mídia, já de saída, também eram outras, com novas, urgentes e brutais modalidades de negacionismo científico colocando vidas diretamente em risco.

No entanto, a FlatCon já estava condenada a não se repetir (e assim permanece até o momento de escrita desta tese) desde que Jean fechou contrato com o local que definitivamente abrigou o encontro. A razão para isso tinha a ver com um dos pilares da própria construção de mundo da Terra Plana. O organizador revelou o nome do Teatro Liberdade na noite anterior à convenção, e, numa reviravolta inacreditável, os inscritos descobriram que o prédio não apenas estava situado exatamente em frente à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo como era, ele mesmo, propriedade de maçons — o famoso símbolo do esquadro e do compasso estava gravado no brasão logo acima do portão do teatro (Figura 34). A informação caiu como uma bomba no grupo de WhatsApp da convenção, e já ali algumas pessoas declararam sua repulsa à ideia de adentrarem no espaço de um dos “inimigos” mais citados na argumentação conspiratória terraplanista. Muitas outras compreenderam a decisão bastante pragmática de Jean: depois da sequência de perdas de auditório — há menos de um mês da convenção — e da busca ostensiva por um novo espaço, o teatro surgia como a última opção disponível e viável; sabendo dos riscos (“Eu acho que o pessoal não vai gostar, entendeu? Não vamos ter como justificar

depois. Eles vão falar que a gente faz parte disso”<sup>322</sup>), Jean precisou escolher entre a controvérsia e o fiasco do cancelamento da FlatCon depois de meses de divulgação.

Figura 34 - Dupla presença da simbologia maçom na entrada do Teatro Liberdade: o esquadro e o compasso no brasão do prédio e no reflexo da loja maçônica à sua frente.



Fonte: Google Maps.

No domingo, era difícil notar no teatro as repercussões da proximidade maçônica (na fila de credenciamento, uns olhavam demoradamente para os símbolos de ambos os prédios; ao meio dia, outros cochichavam quando Jean comunicava que a loja maçônica defrente concederia preços promocionais ao almoço dos inscritos). Enquanto a FlatCon acontecia, youtubers que não participaram do evento começaram a publicar vídeos sobre o assunto, elaborando a percepção da FlatCon como um *fracasso* e inflamando a nova crise no meio terraplanista. As coisas pioraram nos dias seguintes, multiplicando-se os ataques e rompimentos, publicizados em vídeos no YouTube e tomando conta do grupo de WhatsApp da FlatCon, onde muitos do que apoiaram Jean num primeiro momento terminaram por dar razão àqueles que levantavam suspeitas sobre o organizador do evento. Se o nome do grupo é um bom termômetro dos ânimos de seus membros, vale dizer que o clima comunitário do recém-alterado *Família FlatCon* foi poucas semanas depois substituído por *Terra Plana Raiz*, num gesto de separação entre quem era terraplanista “de verdade” e “de mentira” (Jean e alguns dos palestrantes, retirados do grupo, foram colocados na segunda categoria).

Num vídeo (anteriormente citado) de 15 de novembro, cinco dias após o evento, Afonso dizia que toda a mobilização pela construção da FlatCon, só pode ter tido como objetivo “dar munição para os adversários”, pois, “nunca um globalóide fez tanto estrago

<sup>322</sup> Fala de Jean retirada do *hangout* com Esaiás, anteriormente citado.

à Terra Plana como a FlatCon fez, e eu sabia disso e avisei”. Sua opinião, com grande repercussão no ecossistema digital terraplanista, vinha acompanhada de uma série de suspeitas que caçava outros “sinais” de uma conexão escusa entre o organizador e os palestrantes da FlatCon à maçonaria. Jean gravou seus vídeos em resposta aos ataques, lembrando que, naquele ano, crescimentos de alcance dos canais que o atacavam eram “efeito [da] FlatCon: goste você ou não”. No redirecionamento de um pensamento conspiratório ao próprio meio terraplanista, Jean se tornou um alvo fácil, e logo declarou que permaneceria convicto de que a Terra é plana, mas abandonaria a FlatCon e a própria produção de vídeos para o YouTube — e o espaço de organizador de um grande evento terraplanista permanece vago desde então. Se a suspeita conspiratória foi forte o suficiente para gerar uma crise dessas proporções, fazendo ruir a própria empreitada de um evento presencial que, sob outro ponto de vista, era também um sucesso na “saída da bolha”, resta discutirmos algumas questões relativas ao papel das *teorias da conspiração* na construção de mundo terraplanista.

## 7 MAPEANDO E FIGURANDO CONSPIRAÇÕES

O opróbio experimentado por Jean após a FlatCon colocava o terraplanista no centro de uma controvérsia que lhe parecia absurda: como era possível que ele, “desperto” desde os primórdios da formação daquele ecossistema digital — e logo depois de dedicar seu 2019 quase inteiramente à divulgação e expansão do terraplanismo no Brasil —, fosse tachado como “maçom” e peça de “oposição controlada”? Numa *live* em seu canal<sup>323</sup>, furioso com os ataques, Jean enfatizava que não havia fechado nenhum acordo com “a maçonaria”, mas sim com uma simples empresa de locação de salas que administrava diferentes prédios na cidade, dentre eles o Teatro Liberdade, de fato propriedade de maçons. Ele comparava: quando um terraplanista põe os pés num *shopping*, ele não leva em conta que, muito provavelmente, aquele espaço também pertence a um maçom; ao rotineiramente fazer suas compras numa grande rede de supermercados, o terraplanista certamente está entregando seu dinheiro ao estabelecimento de um maçom e levando para casa produtos cujas marcas são também, em sua maioria, vinculadas à maçonaria; o mesmo deveria valer para outras lojas, hotéis, plataformas digitais. Jean dizia, em resumo: “Nós fazemos parte do sistema deles”.

Havia quem validasse e quem contestasse os argumentos de Jean. Mas o que estava em disputa era apenas o nível de comprometimento atribuído às diferentes formas de se interagir com uma vastidão de espaços, objetos e sujeitos que, incontestadamente, estariam comprometidos com os poderes “malignos” e “ocultos” da maçonaria — estes, distribuídos de tal modo que formariam todo o *sistema* onde a vida da pessoa comum se construía, e do qual a ruptura não era simples ou garantida<sup>324</sup>. A *maçonaria*, amplamente presente nas descrições terraplanistas dessas forças conspiratórias pervasivas e indesejadas, era também um significante circunstancial, que noutras ocasiões poderia ser substituído ou tomado em conjunto com uma série de sociedades secretas, instituições,

<sup>323</sup> Transmitida em 12/11/2019 no canal *Papo Plano* (link indisponível).

<sup>324</sup> A prática do *sobrevivencialismo*, ou *vivencialismo*, é estimulada e almejada por muitos terraplanistas (canais como o *Sem Hipocrisia*, *Ciência de Verdade*, *Débora G. Barbosa* e *Além da Nuvem* produzem ou já produziram conteúdo sobre o assunto, que é sustentado por por públicos conspiratórios que excedem o ecossistema terraplanista). A meta é a saída dos grandes centros urbanos, subsistindo do plantio e da caça, resistindo ao uso de remédios, vacinas e outros produtos atribuídos às indústrias farmacêutica e alimentícia, desvinculando-se do sistema financeiro etc. Viver mais plenamente essa “saída do sistema”, ao que parece, é algo experimentado por poucos.



indivíduos e grupos reais ou fictícios (como os que são diretamente mencionados na Figura 35).

Figura 35 - Alguns atores do discurso conspiracionista do terraplanismo.



Fonte: Imagem publicada no grupo de Facebook *Terra Plana Brasil Exclusivo*.

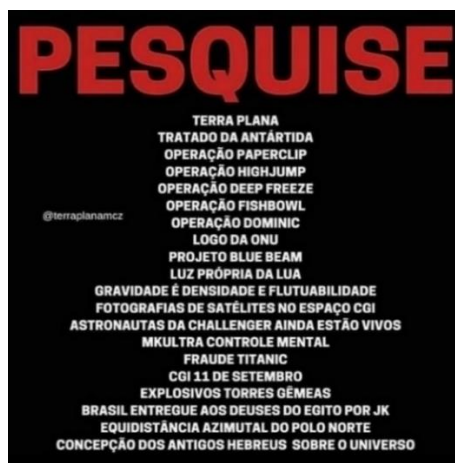
Evidentemente, a atribuição desse tipo de poder a tais atores não é exclusividade do terraplanismo — por exemplo, o histórico de associações da maçonaria ou dos Illuminati a narrativas conspiratórias precede bastante a defesa da Terra Plana<sup>325</sup>. Mais importante do que a lista (aberta, variável e nem sempre consistente) dos “inimigos” nos quais terraplanistas localizam a fonte de articulações conspiratórias, o que nos interessa neste capítulo é a suposta *abrangência* desse poder. Nos primeiros capítulos, vimos que as acusações de “falsificação” e “mentira” direcionadas a certos atores “diretamente envolvidos” com a ocultação da “verdade” da Terra Plana — as agências espaciais e a indústria do entretenimento (Capítulo 1), a ciência estabelecida, de modo geral (Capítulo 3), e o sistema religioso (Capítulo 4) — são fundamentais à criação de mundo terraplanista, pois é na contestação e reivindicação de seus respectivos campos de autoridade que se elabora, audiovisualmente, aquilo que esperam que funcione como seus substitutos. Esses procedimentos conspiracionistas, no entanto, vão muito além desses

<sup>325</sup> Elas remontam à Revolução Francesa: segundo Oberhauser (2020, p. 555), acusações de que sociedades secretas como a maçonaria e os Illuminati (ainda que a própria existência dos últimos fosse contestável) teriam “intenções revolucionárias” e estariam “tramando uma conspiração contra a sociedade como um todo” eram comuns nas narrativas antirrevolucionárias da Europa dos séculos XVIII e XIX; posteriormente, somadas ao antissemitismo, formariam a base de diversas teorias da conspiração propagadas no século XX, com notórias ressonâncias no terraplanismo contemporâneo.

domínios, e não só atravessam a defesa de uma Terra Plana como mantêm sua agenda aberta à conexão com *tópicos correlatos*.

A Figura 36 é um bom exemplo disso. Muito compartilhada em grupos terraplanistas, seu imperativo da “pesquisa” versa sobre uma lista de assuntos na qual a Terra Plana é apenas o primeiro dos tópicos:

Figura 36 - Uma lista de tópicos conspiratórios.



Fonte: Imagem publicada no grupo de Facebook *Terra Plana Brasil Exclusivo*.

É verdade que vários deles estão diretamente ligados ao problema do formato da Terra — além de questões relativas à “física” do modelo (a Lua, a negação da gravidade etc.), cita-se eventos geopolíticos e ou científico-militares reais aos quais são atribuídas interpretações conspiracionistas relativas à Terra Plana (nelas, o Tratado da Antártida seria um acordo entre as nações para obstruir o acesso às paredes de gelo ao redor do planeta; a Operação HighJump teria sido uma abafada investida militar na região que descobriu “a verdade” sobre o formato da Terra etc.). Outros tópicos, no entanto, são pontes para outras regiões do pensamento conspiratório que não possuem vinculação explícita com a física do planeta (o 11 de setembro, os conhecidos experimentos da CIA com uso de psicoativos em humanos por meio do Projeto MK-Ultra entre as décadas de 1950 e 1970), mas que estendem o universo de interesses e fenômenos abarcados.

A argumentação conspiratória que marca decisivamente o terraplanismo é o objeto central deste capítulo. Interessa aqui um aspecto mais específico dela: as operações estéticas que relacionam o sujeito à totalidade de um mundo concebido como uma imensa rede de atores conspiratórios. O conceito de *mapeamentos cognitivos* (Lynch 1989; Jameson, 1988) é a peça-chave dessa discussão, definido e discutido no tópico seguinte a

partir de outros contextos conspiracionistas; mais adiante, são apresentados e discutidos exemplos de produção terraplanista de imagens voltados a essa modalidade estética.

### **“Totalidade como conspiração”: fantasmas de uma dominação mundial**

Fredric Jameson (1988) refletia sobre um problema estético e político premente para as últimas décadas do século XX: como fazer o espaço social do capitalismo tardio inteligível à experiência individual? Essa questão, como argumentava, não era nova, e já se agudizava em estágios anteriores. No capitalismo monopolista do fim do século XIX, a “experiência fenomenológica do sujeito individual — tradicionalmente a matéria prima suprema da obra de arte — se torna limitada a um pequeno canto do mundo social”, ao mesmo tempo em que a “forma econômica e social que governa essa experiência” excede vastamente o ponto de vista fenomenológico do indivíduo, remontando à relação entre potências imperiais e nações e povos colonizados (Jameson, 1988, p. 349). Um século depois, o sistema-mundo capitalista está reconfigurado num “novo espaço internacional enormemente complexo”, num “conjunto multidimensional de realidades radicalmente descontínuas” que desafia ainda mais as capacidades de representação de uma “totalidade social global” que é em última medida irrepresentável (Jameson, 1988, p. 351).

Para Jameson (1995, p. 56), o aprofundamento dessa “incompatibilidade radical” entre, de um lado, “as possibilidades de expressão e articulação estéticas” e, do outro, a “organização mundial, transnacional, da infraestrutura econômica do capitalismo contemporâneo” (leia-se aí a generalização da lógica financeira) corresponde a um problema de *figuração* — ou seja, uma cisão entre as formas representacionais da experiência fenomenológica individual, que operam na escala do tangível e do visível, e uma totalidade estrutural que se presta a figuras abstratas e conceituais, mas não necessariamente acessíveis à imaginação da vida cotidiana (Jameson, 1988, 1995). O autor introduz aí o conceito de *mapeamento cognitivo*, cunhado pelo teórico urbano Kevin Lynch. Originalmente, Lynch (1989, p. 11, 12) se ocupava da relação entre experiência e espaço, entendendo que, “na maior parte das vezes, a nossa percepção da cidade não é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências”, ao mesmo tempo em que a cidade como um todo é necessariamente “mais do que os sentidos alcançam”. Argumentando que as pessoas constroem e se orientam por meio de suas “imagens mentais” da totalidade espacial, construídas pela experiência de interação com

a cidade, Lynch (1989) se interessa em pensar meios de tornar a cidade mais “legível” e “imaginável”, para além das limitações da percepção individual, incrementando as formas de participação e habitação no espaço.

No núcleo do conceito de mapeamento cognitivo, Jameson (1988, p. 353) diz se interessar pela “dialética entre o aqui e o agora da percepção imediata e o senso imaginativo/imaginário” de uma “totalidade ausente”, mas a fim de extrapolar a questão espacial. Na verdade, para suas preocupações, uma simples equivalência da totalidade social ao mapeamento do espaço físico poderia ser um exemplo de figuração que “caricaturiza” o “modo de produção em si (...), cujos mecanismos e dinâmicas não são visíveis nesse sentido, e não podem ser detectados nas superfícies escaneadas por satélites” (Jameson, 1992, p. 2). Como desenvolvem Alberto Toscano e Jeff Kinkle (2015, p. 17, 27) a partir dos apontamentos de Jameson, “o problema do mapeamento cognitivo é um problema colocado no e a partir do ‘Ocidente’, como centro de acumulação do capital e estrela-guia ideológica da imaginação imperialista”, mas não se confunde com “a maneira como imaginamos o mapeamento absoluto do universo” — ou seja, a “verticalização” da visão por meio de técnicas cartográficas avançadas pela própria ciência potencializa as capacidades imagéticas e pode funcionar como “os atalhos mais rápidos para essa dificuldade perceptual”, mas por si só não é o suficiente para mapear o “funcionamento de uma economia política global” e “as relações complexas e dinâmicas que intervêm nos domínios de produção, consumo e distribuição” (Jameson, 1992, p. 2; Toscano e Kinkle, 2015, p. 32, 36)<sup>326</sup>.

A preocupação de Jameson diz respeito, enfim, a como produzir mapeamentos cognitivos que funcionem como formas estéticas suficientemente capazes de tornar um “hiperfenômeno” (no caso, o capital como sistema-mundo) comensurável à experiência e que, assim, incidam sobre as capacidades de ação política coletiva (Tupinambá, 2018; Tupinambá *et al.*, 2020; Toscano e Kinkle, 2015; Jameson, 1988). Mas um ponto fundamental de sua proposta é o entendimento de que, assim como nas “imagens mentais” dos habitantes da cidade discutidas por Lynch, há figurações sendo realizadas a todo momento, conscientemente ou não, de modo que é possível falar de toda uma “estética

---

<sup>326</sup> Latour (2020a) escreve argumento semelhante ao propor o conceito de Gaia como substituto de compreensões unitárias e homogeneizantes do planeta, e também ao se preocupar com as formas de tornar essa ideia mobilizável diante da crise climática (ou seja, uma questão de como figurá-la) — ainda que precise pagar muito mais pedágios ao seu próprio modelo teórico para se poder se referir a problemas da ordem da “totalidade” (categoria que, aliás, rejeita expressamente).

do mapeamento cognitivo” sujeita a diversos tipos de tradução, inclusive apontando para direções políticas distintas àquela ensejada pelo autor (Jameson, 1988; Toscano e Kinkle, 2015). Jameson está especialmente interessado na análise de filmes ficcionais norte-americanos e soviéticos que lidam de um modo ou de outro com esse trabalho figurativo (Jameson, 1992), mas uma série de outros artefatos entram na categoria<sup>327</sup>. É também analisando esse material audiovisual que o autor aprofunda sua hipótese de que as teorias da conspiração, produtos da “onipresença do tema da paranoia” na cultura norte-americana, são (apenas) um dos modos de produzir “mapeamento cognitivos”, numa “tentativa desesperada de representar esse sistema” do capitalismo tardio (Jameson, 1988, p. 356).

Jameson (1992, p. 3) entende o discurso conspiratório nessas obras como um “esforço coletivo e inconsciente para tentar descobrir onde estamos e que paisagens e forças nos confrontam no final do século XX”, num estágio de aprofundamento da contradição entre a experiência individual e as causas e lógicas sistêmicas que não se apresentam imediatamente à visão — como resume o título de um capítulo em que discute o assunto, trata-se de uma elaboração da “totalidade como conspiração”. Ele é uma “narrativa sintomática”, uma “estrutura mediadora e alegórica imperfeita” que “oferece os mais graves dilemas representacionais” em sua tentativa de “fantasiar um sistema econômico na escala do globo”, mas que é eficaz para seus difusores porque é “capaz de reunir os componentes básicos mínimos”: o *coletivo* (na forma de uma “rede potencialmente infinita” desvendada pelo indivíduo) e o *epistemológico* (enquanto explicação para a invisibilidade dessa trama) (Jameson, 1992, p. 9). Em operação, ele produz um “efeito de fechamento”, ou seja, de “tornar o invisível tangível e o macrocosmo uma realidade palpável, que pode de algum modo ser possuída a olho nu” (Jameson, 1992, p. 31). Analisando o filme *Videodrome*<sup>328</sup>, uma dentre muitas outras produções cinematográficas norte-americanas que trabalhavam nessa lógica pela via da paranoia conspiratória, o autor comentava sobre esse efeito de “unir esses dois polos e forçá-los a um mundo comum”, quando

---

<sup>327</sup> Alberto Toscano e Jeff Kinkle (2015) dão sequência ao trabalho de Jameson analisando, por exemplo, diagramas artísticos que projetam linhas de influência entre nós de poder econômico internacional, gráficos estatísticos de balanças de importação e exportação de um país, o uso artístico de tecnologias como o Google Maps para a criação de obras representando a globalização, o projeto do cineasta russo Sergei Eisenstein de traduzir em filme a obra *O Capital* de Marx etc.

<sup>328</sup> *Videodrome*, dir. David Cronenberg, 1983.

dois níveis incomensuráveis do ser entram numa interseção impossível, e na qual o sujeito individual do protagonista consegue, de algum modo, cair na teia coletiva da ordem social oculta. Essa interseção, essa incomensurabilidade, é a forma-problema fundamental das novas representações globalizantes (Jameson, 1992, p. 33).

É importante notar que a aproximação sugerida por Jameson (1992, p. 2) entre teorias da conspiração e outros modos de elaborar e conhecer essa “totalidade” (como a teoria crítica e o marxismo, mas também outras vertentes das Ciências Sociais e da Economia) não diz respeito ao conteúdo das explicações ou ao modo de proceder, mas a um “gesto” anterior contido na operação, que no caso das teorias da conspiração se dá pela “intenção de formular hipóteses”, num “desejo chamado mapeamento cognitivo” (Jameson, 1992, p. 3). Daí decorrem duas consequências. A primeira, como já salientado por Cesarino (2022, p. 267), é que crítica e conspiracionismo são distintas entre si, assim como se diferencia “ciência normal de *alt-science*”. Alguns autores parecem identificar um contorno geral em comum entre mapeamentos, em volta da figuração de agências estruturais e sistêmicas operando numa escala que não se apresenta plenamente à fenomenologia humana, e, diante disso, “jogam o bebê da crítica social junto com a água do banho das teorias da conspiração” (Fassin, 2021, p. 136) — é o caso de Latour ([2004] 2020b, p. 180), advogando o “realismo” das “questões de interesse” contra “algo preocupantemente semelhante na estrutura da explicação” de uma e outra, e de estudiosos de teorias da conspiração, como Butter e Knight (2020, p. 28) e Aupers (2020), que oferecem pouco mais do que certa paralisia analítica diante de “paralelos desconfortáveis” e explicitamente forçam uma redução generalista e caricata das teorias críticas aos procedimentos e resultados em que chega o conspiracionismo.

Não me alongo nessa questão, e bons argumentos sobre essa diferença já foram produzidos<sup>329</sup>. Se, como defende Latour (2020b, p. 180), teorias da conspiração produzem

---

<sup>329</sup> Destaco dois. Para Timothy Melley (2020, p. 431), teóricos da conspiração apontam para causalidades estruturais, mas continuam figurando nelas a lógica do indivíduo: “Quando confrontados com evidência de que são de fato influenciados por estruturas sociais, mensagens corporativas ou regulações estatais, o sujeito paranoico se apega a um individualismo combativo, chocado com o aparente esgotamento da agência individual. Em vez de adotar uma teoria estrutural de controle social mais convincente (como a encontrada no marxismo ou na sociologia de forma mais ampla), o modelo conspiratório projeta as qualidades ideais do indivíduo — racionalidade, intencionalidade e autocontrole — na própria ordem social, eventualmente vendo-o como um ser obstinado e malévolo: Um ‘eles’. Ironicamente, então, é o desejo frenético de teorizar a regulação social que leva o teórico da conspiração a defender um conjunto de conceitos que não podem explicar a regulação social – exceto como uma forma de controle total e mágico”. Para Cesarino (2022, p. 20-21, 267), a divergência central reside no “espaço-tempo” em que operam: enquanto a crítica parte de um modelo de “reconhecimento universal” (de base pública e universal, na lógica dos sistemas de peritos), o conspiracionismo opera a partir do “reconhecimento bifurcado” (de “base particularista, sendo conferido apenas aos membros de uma mesma comunidade de destino que se integra, em última instância, pela

“deformações” nesse “arsenal” teórico, mas ainda assim estão em posse das “nossas armas” — consequentemente, exaurindo o fôlego e o alcance da crítica, a ser trocada pelo projeto teórico-metodológico do autor —, é de se questionar o que deveríamos fazer então com a quantidade ainda maior de termos, práticas, gestos e operações que são igualmente mimetizadas e alteradas por esses grupos (“questionamento”, “pesquisa”, “dúvida”, “experimento” etc.)<sup>330</sup>. Se uma questão de escala parece para Latour (2012), por si só, a conservação dos perigos de dualismos entre local e global e de se tomar o lugar ocupado por uma “totalidade” como sinônimo de totalização de um poder pronto e todo-poderoso, é ainda mais preocupante equivaler o risco de sua formulação teórica mais apressada ao pensamento que de fato assume a conspiração como explicação suficiente<sup>331</sup> e que se assemelha à crítica apenas por conta de um gesto mais geral, que sobrevive fora desse campo.

Isso leva à segunda consequência da diferença entre crítica e conspiração sugerida por Jameson. Gabriel Tupinambá (2018) aprofunda a proposta jamesoniana destacando as sugestões do próprio autor, tomando a passagem entre os termos contidos no processo de mapeamento cognitivo como “modelos”. A partir daí, Tupinambá (2018, p. 387) aponta para sua utilidade para “modelar relações formais, e não apenas (...) ‘dar sentido’ ao capital”: como ferramenta teórica — e inserindo um terceiro termo que retire o peso do aspecto “cognitivo” do conceito —, ela pode se referir à correlação entre uma “organização de indivíduos” e uma “organização de estruturas sociais complexas”, mediadas pela “organização dos espaços representacionais” (estéticos, culturais etc.). O que nos interessa reter daí é o mapeamento como uma operação que se realiza menos ou mais rigorosamente, com maior ou menor consciência, com outros fenômenos ou objetos

---

contraposição a um entorno experimentado como ameaçador e incerto”, em públicos que “vicejam na e pela lógica emergente da economia da atenção”).

<sup>330</sup> Latour (2020b) inicia seu texto em tom de autocrítica quanto às possíveis semelhanças entre seus escritos e o tipo de relativismo e controvérsia incitados por negacionistas do aquecimento global, para, logo em seguida, reafirmar seu projeto como algo por princípio distinto dos meios e dos fins em que o negacionismo opera. Se usássemos aí o mesmo critério que o autor aplica para a teoria crítica, o protótipo de uma “incerteza” direcionada à ciência também se converteria em “arma” que, uma vez reapropriada, condenaria para sempre qualquer esforço de salientar a diferença entre sua teoria e o negacionismo. Poucos anos depois, com a instalação do problema da pós-verdade, debate semelhante se instalou no campo das STS — como em Sismondo (2017a, 2017b), Collins, Evans e Weinel (2017) e Lynch (2017).

<sup>331</sup> Toscano e Kinkle (2015, p. 61) escrevem: “Precisamente, ninguém — e certamente não teóricos como [C. Wright] Mills ou Jameson — imagina que o capitalismo como uma totalidade possua um centro de comando e controle facilmente compreendido. Isso, como já sugerimos, é precisamente o porquê de se colocar um problema *estético*, no sentido de exigir formas de representar as relações complexas e dinâmicas que intervêm entre os domínios da produção, consumo e distribuição, de tornar visível o invisível”. Uma crítica mais detida à posição de Latour pode ser encontrada em Noys (2010).

que assumam o lugar de uma “totalidade” — como “processos com eficácia causal [que] ultrapassam nossa capacidade de fazer sentido deles” (Caron, 2020, p. 29) —, para além da cidade, na proposta original de Lynch, e do capitalismo, em Jameson<sup>332</sup>. Essa perspectiva é especialmente importante para o terraplanismo porque, como veremos no decorrer deste capítulo, seus “desejos de mapeamento” excedem o campo das teorias conspiratórias.

Mas, voltando a elas, é importante destacar que sua caracterização tal como sugerida por Fredric Jameson não é necessariamente universalizável. A ampla bibliografia dedicada ao tema indica que esse é um fenômeno complexo, sujeito a outras mediações nos diversos momentos históricos e contextos culturais em que se apresenta<sup>333</sup>. Além disso, não podemos esquecer que o ato propriamente conspirador (ou seja, a prática real de complô nos bastidores de poderes político-econômicos) não é por si só sinônimo de hipótese descabida, e em alguns casos (o escândalo Watergate é um dos exemplos mais lembrados na história estadunidense) a atenção a ele é de fato válida e documentada, ainda que aí ele seja “geralmente chamado de outra coisa — jornalismo investigativo ou apenas análise histórica bem fundamentada” (Knight, 2003, p. 16). Jameson (1992) não tenta generalizar a associação entre lógica conspiratória e “paranoia”, indicando apenas que o modelo da narrativa paranoica (e do *thriller* de espionagem) vinha prevalecendo no cinema norte-americano<sup>334</sup>, mas é pertinente a crítica de Michael Butter e Peter Knight (2020) aos limites impostos pelo tipo de material no qual os trabalhos de Jameson e de toda uma vertente de estudos culturais sobre teorias da conspiração se baseiam — a

---

<sup>332</sup> J.-P. Caron (2020), por exemplo, analisa pela via dos mapeamentos cognitivos as tentativas de se figurar um “hiperfenômeno” como a pandemia: ela ocupa o lugar da “totalidade” não apenas para o teórico da conspiração que diz que o vírus foi criado em laboratório num plano de dominação mundial, mas para a pessoa cientificamente orientada quanto às dinâmicas de disseminação global da doença; entre ambos, o que há de comum é apenas o espaço da figuração desse hiperfenômeno emergente, além do fato de que, na experiência fenomenológica individual de cada um, a própria categoria estrutural da pandemia não se apresente por inteiro (o mapeamento é especialmente variável: a experiência do isolamento social ou do atendimento em emergência médica, por exemplo, implica em elaborações e efeitos muito distintos).

<sup>333</sup> Como argumenta McKenzie-McHarg (2020), é possível traçar os primeiros usos da expressão “teoria da conspiração” na segunda metade do século XIX, crescendo em popularidade em meados do século seguinte, mas não há consenso historiográfico quanto ao primeiro registro de um fenômeno caracterizável como um pensamento ou discurso conspiratório (há historiadores que atribuem à Roma antiga, à Idade Média ou ao início do período moderno). Briggs (2004) e Fassin (2021) apontam limitações de análises etnocêntricas das teorias da conspiração, investigando outras composições do fenômeno, respectivamente, entre povos indígenas do delta do Orinoco na Venezuela e na África do Sul.

<sup>334</sup> Sua comparação é com a figuração conspiratória no cinema soviético da mesma época, que se expressava por uma via muito distinta, a da ficção científica (ela mesma diferente da versão ocidental desse gênero) (Jameson, 1992).



produção cultural norte-americana a partir dos anos 1960, especialmente do ponto de vista de sua produção, e não de sua recepção<sup>335</sup>.

No entanto, é questionável o tratamento de Butter e Knight (2020) à análise jamesoniana como um exemplar (ou mesmo como a obra seminal) das “abordagens revisionistas” nos trabalhos sobre conspiração, numa vertente de estudos culturais que partiam do desacordo com o estilo abertamente provocativo do importante ensaio de Hofstadter ([1964]1996). De fato, entender as teorias da conspiração como manifestação de um “desejo” de mapeamento cognitivo coloca a análise de Jameson num terreno diferente do ponto de partida patologizante de Hofstadter (1996), centrado na categoria da paranoia — ainda que, como já mencionado, Jameson (1992) também empregue esse termo. Porém, situá-lo em meio a trabalhos que estariam interessados em “caridosamente” entender as teorias da conspiração em seus próprios termos a fim de salientar o “potencial contracultural” e as “formas lúdicas, criativas, perspicazes e potencialmente progressivas de conspiração”, correndo o risco de “minimizar ou ignorar as formas *nonsense* e prejudiciais” — é como Butter e Knight (2020, p. 35) caracterizam, em linhas gerais, as tendências e premissas dos estudos culturais sobre pensamento conspiratório — é perder de vista as ferramentas que o autor fornece para entender esse fenômeno.

Não se trata aqui de defender a abordagem jamesoniana a qualquer custo (ainda que seja evidente que o autor faça uma leitura crítica da lógica conspiratória, muito distante da celebração), mas de enfatizar que a via analítica do mapeamento cognitivo permite aprofundar o entendimento do engajamento com teorias da conspiração, especialmente no caso terraplanista — e sem que isso signifique otimismo<sup>336</sup>. Um elemento central evocado por ela é provavelmente a caracterização mais popular sobre como operam as teorias da conspiração, e que já estava presente no ensaio de Hofstadter.

---

<sup>335</sup> A hipótese do “excepcionalismo norte-americano”, que afirma uma propensão muito particular do país ao “estilo conspiratório”, tem força pelo menos desde a publicação do seminal *The paranoid style in American politics*, de Richard Hofstadter, em 1964. Segundo Butter e Knight (2020), ela é contestada por pesquisas mais recentes, que mostram a pervasividade de teorias da conspiração na Europa séculos antes, ainda que as análises que interrogam o porquê de sua proeminência nos Estados Unidos no último século seja uma questão que tenha ocupado muitos trabalhos sobre o tema — para uma lista dos principais argumentos nesse sentido, ver Knight (2003).

<sup>336</sup> Cabe então destacar o que talvez seja a hipótese mais fraca de Jameson (1988, p. 356), sugerida na sua primeira menção explícita à questão: a de que a conspiração seria o “mapeamento cognitivo dos pobres na era pós-moderna”. Sem entrarmos nos detalhes de sua validade ou não no contexto em que o autor escrevia, ela é insustentável pela simples observação da sua amálgama com o bolsonarismo, ele mesmo um “fenômeno interclasses” (Nunes, 2022).

Ali, o autor dizia que essa “mentalidade” imaginava existir “uma vasta, insidiosa e sobrenaturalmente eficiente rede conspiratória internacional, desenhada para perpetrar atos do mais diabólico feitio”, uma “gigantesca, ainda que sutil, maquinaria de influência”, expressa em tom “grandioso” e “sistemático”, numa representação com a tendência à racionalização de um todo “muito mais coerente do que o mundo real, na medida em que não abre espaço para erros, falhas ou ambiguidades” (Hofstadter, 1996, p. 14, 36). A isso, Hofstadter (1996) dava o nome de “estilo paranoico”.

As críticas ao ensaio de Hofstadter abrem um painel de outras questões encaminhadas desde então nos estudos sobre teorias da conspiração. Sua própria abordagem como “teoria” (ainda que o termo não tenha validade literal) implicaria num peso excessivo ao discursivo, perdendo de vista sua dimensão como uma prática<sup>337</sup>. A caracterização como “racionalidade” (ou mesmo “mentalidade” e “estilo”), da mesma forma, possui limites, e muitas outras formas de descrever o núcleo epistêmico, afetivo e ou psíquico das teorias da conspiração foram sugeridas desde então<sup>338</sup>. Além dos riscos de se psicopatologizar indivíduos apontados por estudos que rejeitavam o uso da categoria da paranoia (Butter e Knight, 2020), Alexander Dunst (2014), que defende a pertinência do termo a partir de uma leitura lacaniana<sup>339</sup>, discorda quanto à sua caracterização como um mecanismo orientado à sistematização e à abrangência: a paranoia, ao contrário, diz respeito à “alta volatilidade de sentido”, calcada na “instabilidade imaginária”. Por outras vias, muitas pesquisas já apontaram que a narrativa abrangente não necessariamente é uma característica encontrada em todas as teorias da conspiração<sup>340</sup> e que, mesmo quando é esse o caso, elas dificilmente são tão sistemáticas, coerentes ou livres de ambiguidades.

---

<sup>337</sup> Alasdair Spark (2000, p. 59) chama atenção para isso, encarando a popularização de relatos conspiratórios acerca de uma Nova Ordem Mundial nos Estados Unidos dos anos 1990 não apenas como o sucesso de *teorias da conspiração* (a “disponibilização do intenso detalhamento de narrativas tal como pensadas e disseminadas por um núcleo” de disseminadores), mas de *práticas conspiracionistas* [*conspiracy practices*] (a “emoção da conjectura e a experiência iluminadora de aparentemente conectar as coisas”).

<sup>338</sup> Por exemplo: “hábito de pensamento”, “rota conhecida para a interpretação”, “modo de estar no mundo”, “modo de conhecer”, “estilística” (Almeida, 2018); “resposta cultural a inseguranças ontológicas modernas”, “estratégia de racionalização das ansiedades” (Aupers, 2012); “idioma” (Harambam e Aupers, 2014); “estrutura particular de sentimento”, “prática terapêutica”, “terapia de compulsões” (Harding e Stewart, 2003).

<sup>339</sup> Trata-se de “reescrever a paranoia não como uma loucura fora da razão, mas como a loucura *da* razão: concebê-la não apenas como uma paranoia sobre o Estado, mas também como parte da razão de Estado” (Dunst, 2014, p. 296).

<sup>340</sup> Essa característica parece mais adequada ao que, na tipologia proposta por Michael Barkun (2003, p. 6), corresponderia às *conspirações sistêmicas* (que especula sobre “objetivos amplos, normalmente concebidos para garantir o controle sobre um país, uma região ou mesmo o mundo inteiro”) ou às *superconspirações* (um tipo de “constructo” que teria se popularizado nos anos 1980, com “múltiplas conspirações que se

Como lembra Rafael Almeida (2018, p. 6), teorias da conspiração formam “rotas conhecidas” de interpretação, mas nem por isso se baseiam num “*corpus* dogmático”, e se valem de “remendos, extensões de seu alcance interpretativo ou da adição de novos atores na trama”. No caso dos ufólogos, por exemplo, é a própria incompletude e ausência de “provas finais” que, produzindo “visibilidades parciais”, mantêm o segredo e a dúvida como motores do engajamento com a ufologia (Almeida, 2015). Dinâmica semelhante é observada por Susan Lepselter (2016, p. 24) num conjunto de teorias da conspiração, memórias desconfortáveis, narrativas de abdução alienígena e outras histórias com apelo ao fantástico nos Estados Unidos dos anos 1990: compondo uma mesma “poética vernacular”, esses discursos “conectam pontos” que revelariam algum tipo de padrão oculto, mas tal processo “nunca forma uma constelação completamente fechada”, estando sempre aberto ao sentimento de que “há algo mais”, ou seja, novos elementos a serem enredados na trama. Susan Harding e Kathleen Stewart (2003), analisando grupos e discursos milenaristas, também apontam nessa direção: o pensamento conspiratório é “uma história multifacetada, um conjunto sobreposto de discursos heteroglóssicos que conjuga reações e resultados contraditórios e concorrentes numa estrutura de sentimento carregada e inquieta que anseia e se desespera por soluções finais” (Harding e Stewart, 2003, p. 261).

Instabilidade, adição, abertura e heteroglossia, no entanto, ainda que constitutivos do pensamento e da prática conspiracionista, não são incongruentes com a pretensão de figurar aquilo que, na análise jamesoniana, ocupa o lugar da “totalidade”. Algumas pesquisas antropológicas sobre o tema trataram desse salto de escala que excede o que pode ser apresentado aos sentidos de um indivíduo. É também Lepselter (2016, p. 4) quem dá centralidade em sua análise à noção de “ressonância”: o dispositivo discurso do “há algo mais”, segundo a autora, encadeia diferentes tipos de signos em paralelos, rimas e combinações (por exemplo, um elemento visual que é reencontrado em sonhos, numa memória distante, num filme, numa notícia etc.), produzindo-se aí “um sentimento ou senso estético de ressonância”. Neste instante, uma “estrutura profunda oculta” e poderosa — “um governo onisciente em conluio, alienígenas oniscientes ou a sensação de que uma sincronicidade inexplicável está subjacente a aparentes coincidências aleatórias” — é apreendida, produzindo “intensidade estética” (Lepselter, 2016, p. 24,

---

acredita estarem conectadas hierarquicamente”) — com âmbito mais restrito, pontual e definido, haveria as *conspirações de evento*.

26). Há algo inescapavelmente ambíguo na ressonância: segundo a autora, ela é “simultaneamente um senso de contingência e de design”, que tem a efemeridade de um “flash”, mas “toca um acorde que inexplicavelmente soa verdadeiro, um som cujas notas se prolongam”; a integralidade dessa “estrutura” é também invisível, entendida como estando “abaixo da superfície” e podendo “apenas ser sentida” (Lepselter, 2016, p. 24).

Uma outra ambiguidade, ainda que correlata, é analisada por Michael Vine e Matthew Carey (2017). Para os antropólogos, o engajamento com teorias da conspiração na internet<sup>341</sup> é duplamente marcado por um “núcleo de *certeza*”, como convicção da existência e das intenções dos supostos atores conspiratórios, e uma permanência da *dúvida*, como geradora de “uma especulação incessante e à primeira vista quase sem forma sobre o que exatamente está acontecendo e por quê” (Vine e Carey, 2017, p. 52). Mas há um fundo em comum entre elas: ambas são “produtos da natureza fundamentalmente mimética do pensamento conspiratório”, cada uma assumindo os “contornos” de um dos “ambientes infraestruturais” nos quais emergem (Vine e Carey, 2017, p. 49). No que diz respeito à *certeza*, os autores argumentam que a definição dos “inimigos”, mesmo que muitas vezes seja imprecisa e difusa, envolve, “indiscutivelmente, uma rede poderosa, tipicamente secular, com vastos recursos organizacionais e materiais à sua disposição, e cujo objetivo é o domínio absoluto de uma população” (Vine e Carey, 2017, p. 52). A atribuição a eles de “sofisticação lógica” mimetizaria, assim, o modelo burocrático de organização estatal que compõe parte do cenário cotidiano do meio conspiracionista californiano (onde a pesquisa teve lugar) — não tanto em sua realidade prática, e mais enquanto forma idealizada de “objetividade, impessoalidade, universalidade e ubiquidade” (Vine e Carey, 2017, p. 54).

A *dúvida*, por sua vez, ao multiplicar possibilidades e “prometer, mas nunca oferecer de fato um momento límpido de revelação”, seria facilitada pela “arquitetura do principal meio pelo qual o pensamento conspiratório agora se propaga — ou seja, a internet” (Vine e Carey, 2017, p. 53). Com sua atenção restrita aos blogs, os autores perdem de vista o papel importante de agências algorítmicas de recomendação de conteúdo nas plataformas digitais, definindo o conspirólogo–usuário simplesmente como um “curador”. Mas um ponto do argumento se sustenta para além dos ambientes onde a pesquisa teve lugar: a distribuição de uma teoria da conspiração por diferentes formatos

---

<sup>341</sup> Apesar de ter sido publicado num momento de hegemonia das plataformas digitais, estas não aparecem no material discutido pelos autores, que se concentraram apenas em sites e blogs.

de conteúdo, em mais de uma página, formaria um universo de informação que “transborda o campo visual imediato”, incitando a “adição contínua” de novas informações por meio de novos links, imagens, textos (Vine e Carey, 2017, p. 57). Mimetizando esse modo de dispor e acessar conteúdo digital, “cada novo fragmento de evidência pode impor ao que o precedeu uma nova qualidade ou uma rearticulação de sentido”, produzindo o efeito de uma “conspiração que se desdobra em uma escala inapreensível” (Vine e Carey, 2017, p. 57, 58). A imagem total da conspiração, segundo os autores, nunca se completa de fato, o que faz da passagem entre cada fragmento não uma montagem de peças que pode fechar a “figura completa” [*full picture*], mas sim uma prática significativa enquanto “corrente de movimento” (Vine e Carey, 2017). Os *chemtrails*, teoria da conspiração analisada pelos autores, seriam formulados como resposta a um fenômeno também incomensurável: a crise climática, segundo Vine e Carey (2017, p. 49), seria um “hiperobjeto”, ou seja, um “fenômeno ou evento tão massivamente e complexamente distribuído no tempo e no espaço que não está diretamente disponível à percepção sensorial humana”.

Para Letícia Cesarino (2022, p. 125), o fenômeno recente de radicalização e adesão a teorias da conspiração está relacionado à desestabilização do “metaenquadramento” que organiza a relação dos sujeitos entre si e com as “normas e instituições compartilhadas” (democracia, ciência etc.) — uma crise inflamada pela emergência das novas mídias digitais e que encontra nelas o ambiente de “reintermediação” que acirra o conflito com essas normas e instituições. Nesse processo, nas palavras da autora, “é como se (...) os indivíduos passassem a buscar um novo ‘todo’ ao qual se submeter, uma nova ordem metacomunicativa pela qual se orientar”, encontrando isso em públicos antiestruturais “nos quais podem voltar a ter confiança: no ‘plano’, no líder, nos demais membros do grupo.” (Cesarino, 2022, p. 125). Isso assume os lugares que compõem o que Cesarino (2022, p. 73, 208, 231) chama de “triade epistêmica” que organiza os públicos antiestruturais: na “escala sociológica”, de formação de grupo, opera-se a “bifurcação amigo–inimigo”; na “escala individual”, ou local, uma “eu-pistemologia” ideologicamente configurada pela valorização individualizante do neoliberalismo (funcionando como “integração epistêmica de verdades na escala da cognição individual”); na “escala holística”, ou global, as “conspiritorialidades”, numa reunião de termos díspares (“conspiracionismo políticos e

espiritualidades *new age*”). Sobre a necessária passagem entre as escalas individual e holística, ou local/global, a autora diz:

Teorias conspiratórias costumam envolver agentes humanos ou humanoides operando em escalas afastadas da vida cotidiana, como a estatal (*deep state*), a global (globalismos), a planetária (alienígenas) e/ou, na vertente espiritualista, forças invisíveis situadas em planos espirituais ou quânticos. Ao contemplarem essas causalidades longínquas e inescrutáveis, as conspiritualidades suplementam o imediatismo e a suposta transparência da eu-pistemologia. Assim, à confiança na certeza dos sentidos e na opinião individual corresponde a confiança num plano que é, em última instância, inacessível às pessoas comuns. Ambos convergem enquanto extremos que delimitam um mesmo sistema caótico: na eu-pistemologia, o indivíduo se vê como totalmente livre para “fazer a própria pesquisa” como bem entender. Porém, a entrega total ao “plano” faz com que ele nunca deixe a circunscrição daquele atrator. (Cesarino, 2022, p. 241).

Lepselter (2016), Vine e Carey (2017) e Cesarino (2022) não trabalham diretamente com Jameson, mas de diferentes modos apontam para questões semelhantes, em que o indivíduo se refere à impressão de uma estrutura oculta, a um “hiperobjeto” (da ordem do fenômeno evocado, mas também do corpo de informações conspiratórias) ou àquilo que ocupará a escala do global. Seguindo as possibilidades de conversão da forma do mapeamento cognitivo nesses modos equivalentes de entender o engajamento com teorias da conspiração, passamos agora, finalmente, às vias por onde essa operação se expressa no terraplanismo

### **O terraplanismo como superconspiração: dos fragmentos ao todo**

Nos últimos dias de dezembro de 2019, terraplanistas reunidos no grupo de WhatsApp utilizado no processo de organização da FlatCon lidavam com uma prolongada e desgastante crise, pouco tempo depois dos conflitos que resultaram na defenestração de Jean, criador do evento e do grupo, acusado de manter relações escusas com a maçonaria. Agora, quem estava na berlinda era a equipe de terraplanistas responsável pela edição da *Revista Terra Plana*, graças a uma simples ilustração de um olho que adornava uma de suas páginas. As suspeitas eram de que se tratava de um símbolo dos maçons ou dos Illuminati. Os editores tentavam (sem sucesso) convencer seus companheiros de grupo de que aquela figura era apenas uma escolha inocente do diagramador da publicação, com a intenção de evocar a recorrente metáfora do “despertar” terraplanista como ato de abrir os olhos para a verdade (era exatamente esse o tema do texto que ela ilustrava). Seus antagonistas, incansáveis, passeavam entre a

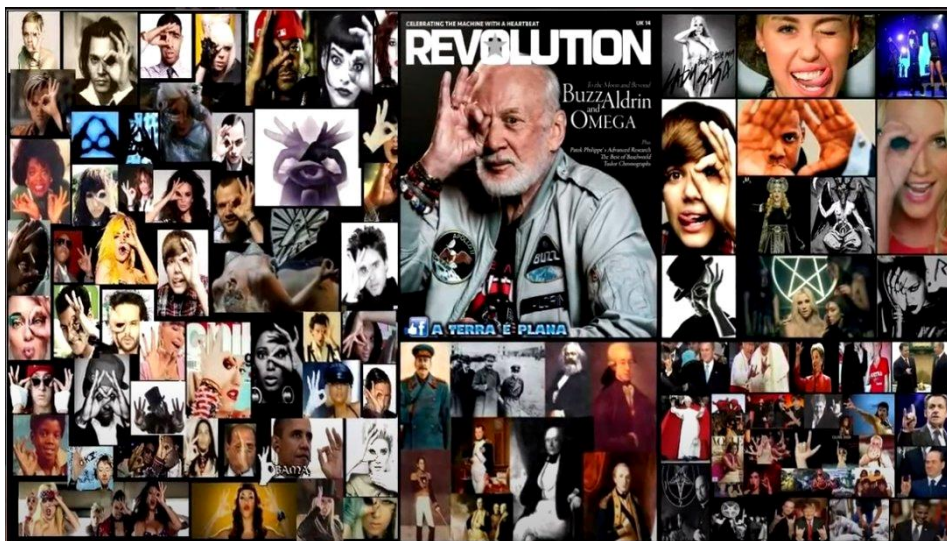
acusação explícita de conexão com atores conspiratórios e a alegação — em tom um tanto irônico — de que suas perguntas não eram nada mais do que o exercício habitual de “duvidar” e “questionar”.

Terraplanistas fragilizavam o coletivo ao redirecionarem para seu interior desconfianças quanto a vinculações obscuras com forças em parte inapreensíveis, em parte flagradas no que colhiam como sinais suspeitos<sup>342</sup>. Contudo, decidir sobre o significado carregado pela ilustração de um olho era motivo suficiente para disparar uma crise entre terraplanistas, não simplesmente porque se constatava a presença desconfortável de um significante associado a um universo simbólico indesejado e repudiado, mas também porque se partia da premissa de que esse mesmo significante proliferava em lugares aparentemente insuspeitos. Na própria FlatCon, a palestra do youtuber Siddhartha já havia dado uma amostra da suposta pervasividade daquele tipo de imagem. Sua participação, conforme anunciou ao tomar o microfone, era guiada por algumas perguntas (“Por que mentiram? Como que eles fazem pra enganar a humanidade, [e como é] esse método deles? E a diferença que faz?”), a partir das quais tentava explicar como a alegada “farsa” da Terra-globo estava relacionada a atores poderosos e obscuros que moviam um enorme plano global de “dominação” e “controle”. Durante a fala, um dos *slides* projetados no telão do auditório mostrava uma colagem, produzida por terraplanistas estrangeiros, na qual o signo do olho era submetido a um paralelismo semelhante àquele analisado por Lepselter (2016) nos discursos conspiratórios (Figura 37).

---

<sup>342</sup> Essa multiplicação interna da suspeita também foi observada por Almeida (2019, no prelo) entre terraplanistas e, de modo mais amplo, por Harambam e Aupers (2016) entre defensores de teorias da conspiração.

Figura 37 – Uma montagem conspiratória: a pervasividade do “simbolismo maçônico”.



Fonte: Slide de palestra terraplanista na FlatCon (frame retirado do vídeo da palestra de Siddhartha, publicado no canal *Flat Con Brasil*).

Siddhartha não chegava a falar diretamente sobre a colagem, exibida enquanto alegava existir uma multidão de “mensagens subliminares” na “cultura popular”, “cada vez [mais] distorcendo o âmbito da família e os bons costumes” — no vídeo da palestra posteriormente publicado<sup>343</sup>, acrescentou a ela a legenda “baseado no misticismo cabalista”, incorporando o pânico antisemita, tópico que constantemente emerge junto a teorias da conspiração em momentos diversos da história do Ocidente (Simonsen, 2020). Pequenas estruturas visuais (o gesto manual à frente do olho, a mão sob as vestes na altura do peito) atravessam as dezenas de imagens compiladas no *slide*, a começar pelo quadro que ocupa a maior parte da tela, onde se vê o astronauta Buzz Aldrin (tripulante da Apollo 11 e segundo homem a pisar na Lua); ao seu redor, os gestos são detectados em fotografias menores de artistas da música, do cinema, da televisão. É possível observar também atores políticos contemporâneos (representantes de democracias liberais) e figuras históricas centenárias (dentre eles, Marx e Stalin compõem o pequeno conjunto de referências ao comunismo). O satanismo ganha lugar nas imagens de um pentagrama e de Baphomet, mas é também um signo que atravessa outros fragmentos (o gesto manual dos “chifres”); próximo a elas, com algum esforço, é possível identificar as autoridades supremas da Igreja Católica, na figura dos papas Francisco e Bento XVI.

<sup>343</sup> O vídeo foi publicado em 18 de novembro de 2019 no canal *A TERRA É PLANA – FLAT EARTH*; nele, esse e os demais *slides* ganharam destaque visual, ocupando a maior parte da tela (disponível em: <https://youtu.be/JtSda18HVss>). A colagem já havia sido já publicada anteriormente nas redes de Siddhartha e reutilizada noutros vídeos de seu canal, como em <https://youtu.be/QV33uK7WsZ8>). Acesso em: 16/11/2022.



Não é garantido que um olhar demorado sobre a imagem seja o bastante para identificar todos os rostos ali presentes, tarefa ainda menos provável nos seus poucos segundos de exibição durante a FlatCon. Mas não é isso que está em questão: mais importante do que atribuir valor a cada personagem individual, a montagem se vale da profusão visual quase caleidoscópica como modo de figurar o salto em escala necessário para se apreender o poder amplo e distribuído por diferentes domínios da vida que, como acreditam os terraplanistas, estaria impondo sua agenda de controle sobre a humanidade. Astronomia, indústria do entretenimento, mídia *mainstream*, política, história do Ocidente, comunismo, satanismo e Igreja Católica (além dos judeus, da maçonaria, dos Illuminati, decifrados nos símbolos que exigem algum letramento anterior em teorias da conspiração) são reunidos e justapostos para revelarem à visão elos conspiratórios ocultos, inserindo o fragmento de informação visual na trama mais ampla que contextualiza sua agência supostamente maligna.

Como mostram Ute Caumanns e Andreas Önnarfors (2020, p. 452), colagens são parte de uma cultura visual de difusão de teorias da conspiração que precede a digitalização: elas estão interessadas em estabelecer “interconexões imediatas entre imagens e eventos aparentemente não relacionados”, adotando uma “estratégia” que “reconhece padrões, detecta agência, mapeia coalizões, constrói imagens inimigas e torna o segredo visível” (Caumanns e Önnarfors, 2020, p. 441). Trata-se de algo menos efêmero que o sentimento de ressonância de Lepselter (2016), na medida em que materializa a cadeia de associações conspiratórias e exhibe o panorama final com a condensação da própria escala global (Cesarino, 2022) — figurando, assim, como desejo de mapeamento cognitivo (Jameson, 1988; Toscano e Kinkle, 2015). Porém, para além da forma em que a operação se dá, o mapeamento construído é decididamente conspiratório: as categorias heterogêneas suscitadas pelos fragmentos da colagem (a astronomia, a Igreja Católica etc.), por si só objetos de teorias da conspiração dentro e fora do terraplanismo, são reunidas sob a marca da gestualidade cifrada e ubíqua, associada a uma “distante mas todo poderosa força maligna” (Barkun, 2003, p. 6), ela mesma definida como mistério (as incógnitas de sociedades *secretas*) e ou expressão espiritual do puro mal (estando ela racializada, com a sugestão antissemitista frente à cabala, ou figurada como o próprio anticristo).

A colagem apresentada por Siddartha, evidentemente, não esgotava os elementos que podiam ser enredados nessa trama. Sua palestra na FlatCon passeava de modo não

sistemático por outros tópicos onde a alegada conspiração se faria sentir (na aplicação de vacinas, nos alertas científicos sobre o aquecimento global, nas escolas ou nos *chemtrails*), ao mesmo tempo em que permanecia fortemente marcada pelo “gradiente de segredo” (Almeida, 2015) em relação à identidade daqueles por trás do suposto projeto de dominação da humanidade. As próprias palavras que nomeavam esse poderoso inimigo, repetidas generalizadamente no ecossistema digital terraplanista, guardavam essa imprecisão obscurecedora: eram os *senhores*, os *elitistas* ou, especialmente, *eles* os atores que, nas palavras de Siddhartha, estavam “por trás de todo esse engano, pra escravizar a humanidade e manter controle”. O terraplanista prosseguia com o nó epistêmico que, para seus fins, tornava qualquer objeto um índice em potencial das poderosas intencionalidades malignas: “Como a gente sempre fala, né: conhecimento é poder. E *eles* têm (...) todo o recurso governamental pra manter o povo dormente nessa mentira”. Lepselter (2016) identifica o mesmo significante, “eles” [*they*], nos discursos de conspirólogos norte-americanos, com sua indeterminação preenchida com atores tão diversos como “alienígenas” ou “o governo”. Segundo a autora, essas representações convergem

(...) em uma figura, alegoricamente sentida, de poder e agência invisíveis, um sobreposto e não finalizado *eles* que invade e rastreia a experiência comum a partir de suas alturas oblíquas e oniscientes. (Lepselter, 2016, p. 44).

É também pela não finalização dessa figura que terraplanistas, quando solicitados a explicar quem exatamente seriam *eles*, embarcam em diálogos circulares e cheios de lacunas. Na breve entrevista de Marthins para a TV Globo no dia de realização da FlatCon<sup>344</sup>, o terraplanista dizia que “existe uma conspiração mundial, sim”, mas “infelizmente a gente não pode desenrolar essa conspiração”, ao que o repórter indagava:

Repórter: Existe alguma suspeita de alguém ou de algum grupo?

Marthins: Sim. Existe.

R: Por exemplo?

M: Existe. Existe.

R: Mas você não quer dar nomes.

M: Lógico que não.

R: Por quê?

M: Porque eu já sou ameaçado o dia inteiro.

R: Você é ameaçado?

M: Sim.

R: Por quem?

M: Por e-mails. Por anônimos. Por um monte de gente. (...)

R: Você já fez boletim de ocorrência?

M: Não, não tenho interesse de movimentar o Estado pra falar que eu sou terraplanista.

<sup>344</sup> Entrevista que foi ao ar em 11/12/2019, em episódio do programa *Profissão Repórter*, da Globo.

(Transcrição do diálogo exibido em episódio do programa *Profissão Repórter*, na Globo).

Poucos dias antes, na entrevista de terraplanistas ao programa de Danilo Gentili no SBT, o apresentador, após escutar argumentos sobre o grande plano de exploração e ocultação da “verdade”, interrogava explicitamente: “Mas quem são *eles*?”. Marthins respondia: “os mentirosos”. Ao insistir na questão, os terraplanistas presentes falavam ao mesmo tempo, e, em meio à confusão de vozes, era possível ouvir de Siddhartha: “São as pessoas que estão cada vez mais acima do topo do sistema”. Com mais algumas tentativas da parte de Gentili de obter respostas mais concretas, Siddhartha dizia, ainda um tanto vagamente:

Conforme vai se criando essa hierarquia de controle, de poder, sempre vai existindo como se fosse uma pirâmide, né, de pessoas acima que retém mais o conhecimento sobre as questões reais do nosso mundo, e isso é benéfico (...) pelo controle da própria população. (Transcrição de fala de Siddhartha em episódio do programa *The Noite*, no SBT).

De certo modo, a dificuldade de capturar discursivamente a figura do *eles* fazia da “fundação do real (...) um terreno movediço” (Lepselter, 2016, p. 43). Para Lepselter (2016, p. 43), não são “explicações” o que teorias da conspiração fornecem, mas sim indicações de “fraturas na ordem das coisas”, que são “moldadas com a ressonância de outras histórias”, fazendo do “real” não “o que você pode definitivamente provar, mas o que você simplesmente sabe [*just know*]”. Siddhartha fornecia também algumas coordenadas comumente acionadas por terraplanistas ao se referirem à sua “superconspiração” (Barkun, 2003) a partir da popular metáfora hierárquica da *pirâmide*, definida por sua desigual relação de poder entre topo e base. Ela não identificava quem seriam *eles*, mas figurava uma justificativa visual (ainda que enquanto imagem mental) para o “nó epistêmico” anteriormente citado: com tal distribuição de forças, todo tipo de “ocultação” seria possível — inclusive (ou principalmente) a Terra Plana. Uma metáfora visual suplementar, citada também por Siddhartha em sua fala na FlatCon 2019 e corriqueiramente utilizada por terraplanistas, figurava a vastidão do próprio “conhecimento” a ser revelado:

E a Terra Plana é praticamente a pontinha do *iceberg*, como eu falo muito em *lives*, é aquela porta que você abre pra descobrir até onde que vai a toca do coelho e até onde que vai essa mentira. E quando você começa a pesquisar, você vai se aprofundando e vai vendo que isso é muito mais fundo do que você pensava. (Trecho da palestra de Siddhartha na FlatCon Brasil 2019).

A noção de *despertar* embutida na evocação do *iceberg*, com todas suas consequências de incitar a imersão cada vez mais funda na “toca do coelho” — ou *rabbit*

*hole* — do terraplanismo, metaforiza espacialmente o mistério, conferindo à imaginação a figura ambigualmente visível e invisível de um corpo abissal a ser descoberto por que aquele que diz não se contentar apenas com o que se apresenta na superfície. A metáfora do *iceberg*, analogamente a uma “cartografia do absoluto” (Toscano e Kinkle, 2015), está aberta a um senso do inapreensível ao mesmo tempo em que mapeia “espaços de conhecimento”, à medida que são “descobertos”: se a Terra Plana é a apenas “a pontinha do *iceberg*”, entrar no *rabbit hole* significa penetrar no universo muito maior de tópicos correlatos encontrados no ecossistema digital terraplanista e além, num encadeamento (e no engajamento) potencialmente sem fim de novos tópicos<sup>345</sup>. O *iceberg*, portanto, figura como o próprio “hiperobjeto” (Vine e Carey, 2017) informacional e imagético a ser conhecido e apreendido como “revelação” do real, tomando a “totalidade como conspiração” (Jameson, 1992).

Numa publicação de julho de 2019 no grupo *Terra Plana Brasil Exclusivo*, por exemplo, uma espécie de correlato textual dessa figura era recitado por um de seus membros na forma de um amplo rol de tópicos conspiratórios, que abarcavam diferentes campos de atuação:

Parabéns aqueles que escolheram tomar a pílula - vermelha (referência ao filme *matrix*) e hoje são “ANTI”: - VACINAS; SOCIEDADES SECRETAS; GLOBO TERRESTRE; DROGARIAS (INDÚSTRIA FARMACÊUTICA); - GOVERNOS; - NASA; - EVOLUÇÃO; - BIG BANG; - BURACOS NEGROS; - ALIMENTOS TRANSGÊNICOS; - PESTICIDAS; - GRANDE MÍDIA; - SOCIALISMO; - GLOBALISMO; - GOVERNO ÚNICO (NOVA ORDEM MUNDIAL); - ONU. POIS NADA HÁ EM OCULTO QUE NÃO VENHA A SER REVELADO, E NADA EM SEGREDO QUE NÃO SEJA TRAZIDO A LUZ DO DIA. MARCOS 4:22. ( Postagem publicada no grupo de Facebook *Terra Plana Brasil Exclusivo*).

O filme *Matrix*, além de fornecer aos terraplanistas ferramentas discursivas como esta que o autor da publicação fez questão explicitar, confere ao discurso conspiratório terraplanista a liga que une essa pluralidade de atores conspiratórios e tópicos correlatos. Termos como *matrix* ou *sistema*, utilizados com muita frequência, complementam noções como as de *poderosos* ou *eles*, mas atendem a fins distintos. Num vídeo em seu canal<sup>346</sup>, Bruno explicava o espectro temático do *Mistérios do Mundo* dizendo que:

(...) eu sabia já que Terra Plana é apenas a ponta do *iceberg* pra outras questões, né? Então, o objetivo principal meu, quando criei esse canal, sempre foi de libertação, libertar as pessoas de todas as *matrix*. Eu sempre falei isso. E

<sup>345</sup> Nesse sentido, talvez *iceberg* e *rabbit hole* sejam como o “negativo fotográfico” um do outro: o primeiro representa o “objeto” de conhecimento e o segundo o “espaço vazio” do trajeto de queda.

<sup>346</sup> Vídeo publicado em fevereiro de 2020 no canal *Mistérios do Mundo* (link indisponível).

quais matrix são essas? A matrix científica, a matrix educacional, a matrix política, a matrix religiosa, a matrix alimentícia... São vários tipos de matrix.

A divisão entre domínios sociais marcados por modos particulares de controle e exploração conspiratória era semelhante ao que Marthins, em vídeo de março de 2017, imaginava como as “cinco pontas do sistema”. O numeral, segundo ele, era “uma analogia à estrela de Baphomet”, e as pontas corresponderiam aos sistemas *religioso, político, econômico-financeiro, educacional e científico* e, por fim, *de saúde e alimentação*. Rubens, youtuber que o acompanhava no vídeo, propõe a existência de um sexto vértice, correspondente ao sistema dos *meios de comunicação* — sugestão acatada por Marthins, que entende a *mídia* como “a luz que ilumina as cinco pontas, porque se você rompe a mídia, você não consegue acatar as cinco pontas”. Reunidas por uma malignidade satânica estruturante, as pontas da estrela permeariam a vida cotidiana, dominando, escravizando e doutrinando a humanidade. Na concepção de Marthins, elas se fariam sentir, por exemplo: nas distorções da “verdade” das escrituras, em todo o espectro da representação política — que serviria às mesmas forças malignas de escala global —, na dependência do dinheiro, no ensino do heliocentrismo e outros conhecimentos científicos nas escolas, nos produtos alimentícios contendo substâncias adoecedoras que, conseqüentemente, levariam à dependência de “pseudocuras” e “venenos” servidos pela indústria farmacêutica e na própria mídia *mainstream* como asseguradora da autoridade de cada uma dessas “pontas”.

Essas figurações com pretensão de sistematicidade, além de sugerirem um programa de tópicos que podiam ser convertidos em mais opções de produção de conteúdo para o YouTube, ofereciam aos espectadores um mapa — não apenas no sentido do mapeamento cognitivo de uma totalidade conspiratória, mas de uma organização menos fragmentada da coleção de discursos e práticas suscitadas pela entrada naquele *rabbit hole*. Nesses casos, trata-se de formulações evidentemente distintas da colagem de Siddartha, mas que operam de formas não tão distantes. Nas “matrix” de Bruno, o núcleo que cumpre a função de unificar e reunir suas partes é um termo derivado da fantasia cinematográfica altamente carregada de simbolismo discursivo e visual que, para terraplanistas, concentra o próprio movimento geral de engajamento com o mistério e a revelação da Terra Plana (a saga de entrada e queda no *rabbit hole*, a percepção da onipresença do inimigo, o *despertar* como meta etc.). Nos “sistemas” de Marthins, os recortes de realidade são arranjados como componentes da cifra maligna da Besta,

revelada como figura final que dá ordem (como imperativo de ação e como organização) às suas partes e reinscreve a escala global na “conspiratorialidade” (Cesarino, 2022).

Essas figurações são levadas ao paroxismo quando sobrepostas à estrutura piramidal — tema de duas *lives* do canal *Terra Plana Reloaded*, reunindo Gilberto e convidados para discutir o que, nas palavras de Alê, era “um dos assuntos mais importantes — eu me arrisco a dizer — do YouTube. Essa pirâmide aí ela mostra todo o sistema dos senhores das sombras”<sup>347</sup>. Totalizando 5 horas e meia de transmissão, “Desvendando a Pirâmide de Controle do Sistema | Governo Mundial” (título de ambas as *lives*) se debruçou sobre uma única imagem, discutida e analisada parte a parte e complementada com outros textos, vídeos, fotografias e gravuras (Figura 38).

Figura 38 - A “pirâmide de controle do sistema”.



Fonte: Frame de vídeo terraplanista (canal *Terra Plana Reloaded*).

A materialização visual conduzia o espectador a se situar na base da pirâmide, onde, nas palavras de Gilberto, estava a “população mundial”, submetidas como

<sup>347</sup> Transmitidas em 25 e 27 de setembro de 2018. Nelas, Gilberto estava acompanhado dos youtubers Alê, Hiram, Milton, Julio e Cesar. Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6eeNFdj-VU&t=2045s> e [https://www.youtube.com/watch?v=IRFQA\\_fL7h4&t=7751s](https://www.youtube.com/watch?v=IRFQA_fL7h4&t=7751s). Acesso em: 18/11/2022.

“ovelhinhas” a um “ciclo de vida” em que se “tem a ilusão de que (...) são donas de alguma coisa”: na escola, dizia o terraplanista, elas são doutrinadas; no trabalho e nos transportes públicos, é onde gastam todo seu tempo de vida; o dinheiro que ganham, por fim, é subtraído pelo Estado na forma de impostos e pelos bancos por endividamento, sugado pelas necessidades de consumo conspícuo, de submissão à indústria farmacêutica e de dependência de planos de saúde. Gilberto questionava: “Por que toda essa massa aceita viver nessa condição?” Até aí, a elaboração de um mal estar sentido na escala individual, generalizado como condição compartilhada entre todos aqueles que não são identificados como atores conspiratórios, assume uma linguagem “antissistema” não necessariamente identificada a alguma parcela do espectro político (“se existisse direita e esquerda, a gente seria de direita, mas você vai ver que o buraco é mais embaixo”, diz Gilberto) e sem indícios diretos do modelo terraplanista.

Esses elementos aparecem na medida em que a figura é interpretada e completada com a adição de novos significantes pelos youtubers do *hangout*, dando ênfase a alguns termos que constam na imagem e menor atenção a outros. Para Gilberto, nos “sistemas de controle da população” do segundo degrau da pirâmide (similares à elaboração de Marthins e Bruno), o universo educacional faz da escola uma difusora do heliocentrismo e das faculdades espaços onde “vigora (...) o marxismo puro”; a mídia, enquanto isso, incentiva a vacinação e a “ideologia de gênero”; o entretenimento midiático e o “sistema religioso” complementam a denúncia da alegada “lavagem cerebral” da humanidade. No terceiro degrau, os terraplanistas veem os grandes conglomerados internacionais administrados por uma pequena quantidade de corporações como uma outra expressão da própria forma piramidal, comparada ao “*modus operandi* da maçonaria”, com níveis hierárquicos de controle e comando; a associação não é apenas de forma, mas de conteúdo, sendo sugerido que as logomarcas dessas empresas remetem a uma simbologia maçônica (ou dos Illuminati, ou ainda da Ordem dos Jesuítas). O quarto degrau suscita breves comentários sobre a perda de soberania das nações pela dívida pública, reconhecendo aí o prenúncio de uma grande mudança que estaria dando seus primeiros passos — para Flávio, que irá “reverter em favor do próprio sistema babilônico-maçônico americano e vai ressurgir um novo sistema nascido das cinzas”.

Os fantasmas de um “governo mundial”, cuja implementação final estaria em curso, são um dos pontos de chegada da argumentação terraplanista. A menção, por exemplo, do Fundo Monetário Internacional (FMI), presente no quarto degrau, está

calcada no gesto de revelação da unificação de uma intencionalidade maligna sob a aparência das diferenças: Gilberto acessa a Wikipedia para informar que o FMI é “uma organização que tem 188 países dentro”, inferindo daí que “não existe esse conflito de ideologia, não tem nada disso”, “todos tão no mesmo balaio”, como intermediários de um poder concentrado numa “elite”, mas que se expressa de modo pervasivo. Descrições de grupos mencionados mais adiante servem a operação semelhante, como amostras de um poder singular que atravessaria diferentes sistemas sociais (sobre a Comissão Trilateral, por exemplo, diz que seus membros são “acadêmicos, políticos, magnatas da indústria, banqueiros internacionais, líderes de centrais, diretores, gigantes da mídia”; sobre o Clube de Bilderberg, diz que é formado por “especialistas em indústria, finanças, educação e meios de comunicação”). Apontar essa composição, nesse contexto, significa evocar uma verdade conspiratória autoevidente, em que há transporte direto de intencionalidades de seu topo a todos os “sistemas de controle” que compõem a pirâmide — levando em conta essa reversão final da complexidade do mundo a uma mesma “elite” onipotente e onipresente, declarações conspiratórias como a de que a Guerra Fria foi “uma falácia” criada apenas “pra causar pânico” aparecem com facilidade nos diálogos das *lives*.

Dos termos-chave do quinto degrau em diante, a ONU (entendida como “uma afronta a Deus, né, ela tenta replicar a Torre de Babel que foi derrubada por Deus”) ganha certo protagonismo, tomada como força motriz da instauração de uma “Nova Ordem Mundial”, um governo global contra o qual o “reino messiânico teocrático de Cristo” iria se sublevar numa guerra espiritual apocalíptica marcada para acontecer nos próximos anos. A profusão de nomes de grupos e organizações internacionais reais e fictícias (Clube de Roma, Comissão Trilateral, Comitê dos 300, *Bohemian Grove*, *Skull and Bones* etc.), com descrições vagas e circulares de seus interesses, agendas ou práticas, opera ampliando a cadeia de significantes (que instigam também novas especulações e associações<sup>348</sup>), mas também fazendo com que eles se sobreponham e se confundam entre si. O mapeamento não para por aí: o repúdio aos atores conspiratórios depende ainda da especulação de que alguns grupos realizariam práticas secretas moralmente abjetas (fala-se de rituais de sacrifício de crianças), de interesses mágicos sobre aquilo que constitui

---

<sup>348</sup> Os terraplanistas acrescentam aí o Foro de São Paulo, a inexistente União das Repúblicas Socialistas da América Latina, ou URSAL, um vídeo do teórico da conspiração e comunicador de extrema-direita norte-americano Alex Jones, os nomes das famílias magnatas dos Rockefeller, Rothschild etc. Vale dizer também que esses youtubers, em consonância com os discursos conspiratórios mais comuns do ecossistema terraplanista, não dão grande importância à figura da Rainha Elizabeth, que na imagem da pirâmide é colocada numa posição-chave.



sua riqueza (o ouro conteria uma propriedade capaz de prolongar a vida) e da vinculação dessa mesma elite ao “ocultismo” e ao “satanismo”. No topo da imagem da pirâmide, diz Gilberto, está o “olho que tudo vê”, entendido como o Diabo do cristianismo ou qualquer outra entidade espiritual que equivalha ao puro mal — novamente reinscrito num símbolo visual enigmático, a ser detectado em todos os campos da vida cotidiana.

Evidentemente, a “totalidade como conspiração” (Jameson, 1992) figurada na “pirâmide de controle”, sujeita a “remendos, extensões” e “adição de novos atores” (Almeida, 2018) no próprio instante em que foi incorporada na produção audiovisual terraplanista, não conclui o exercício de especular sobre intencionalidades ocultas (com o início da pandemia, por exemplo, OMS, China e uma série de outros nomes ganharam papel central nos argumentos conspiratórios), da mesma forma que a conjuntura brasileira a partir do mandato presidencial de Bolsonaro recalibraria o discurso de alguns desses youtubers sobre a submissão generalizada dos Estados à agenda do “governo global” (a depender do grau de adesão ao bolsonarismo, este projeto seria visto como um rival direto das alegadas forças ocultas nacionais ou internacionais). Mas o que não se deve deixar de notar é que a “estética do mapeamento cognitivo” de viés conspiratório na qual o terraplanismo se assenta encontra meios de organizar e consolidar as diversas camadas dessa “superconspiração” (Barkun, 2003), produzindo figurações que fornecem orientações do terraplanista diante de um mundo descrito como uma hierarquia político-espiritual de atores, forças e tópicos a serem “pesquisados” e consumidos neste ou em outros *rabbit holes*.

Materializadas numa imagem como a da “pirâmide de controle” ou simplesmente sugeridas como as imagens mentais dos “sistemas”, “matrix” e “iceberg”, essas figurações produzem aquilo que John Tresch (2005, 2007) nomeou como *cosmogramas*. Com o conceito, o autor se refere a artefatos — textos, “imagens, objetos, formas arquitetônicas, gestos rituais, ações” — que inscrevem uma “totalidade numa forma concreta, como base para novas interpretações e ações” (Tresch, 2005, p. 67, 69). No ecossistema terraplanista, elas são o *produto* de “mapeamentos cognitivos” (Jameson, 1988) tanto quanto *instrumentos* para os “mapeamentos” daqueles que, na condição de espectadores, dizem praticar a “pesquisa” e a “busca de conhecimento” e ou que ainda estão sendo conduzidos no processo de “despertar”. Se é aí que, nas palavras de Mark Sargent em seu vídeo inaugural descrito na Introdução desta tese, é possível “passar para uma imagem ainda mais ampla [*an even bigger picture*]” da “verdade” da Terra Plana,

ela nem por isso é uma operação acessória, reservada às ideias e práticas diretamente vinculadas à linha discursiva das teorias da conspiração. Ao contrário, o próprio engajamento com (e o “despertar” para) o modelo terraplanista compartilha a lógica e a estética dos mapeamentos cognitivos, dando um sentido literal à criação de “cosmogramas”. De início, ele parece negar esse trabalho ao propor o “despertar” como uma espécie de retorno aos “sentidos”, mas depende dessa operação para consolidar seu trabalho de construção de mundo — e é sobre isso que nos debruçamos a seguir, nas Considerações Finais.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta tese, busquei demonstrar que, assim como a recente emergência e sustentação de um público terraplanista dependeu de uma configuração particular do ambiente de mídias digitais (como visto especialmente nos Capítulos 2, 5 e 6), a consolidação da experiência do “despertar” esteve fortemente vinculada ao modo como imagens em defesa de seu modelo de mundo foram produzidas e disseminadas. Vimos no Capítulo 1 como youtubers e seus espectadores se reuniam em torno de imagens denunciadas como “falsas”, revertidas em novas cenas na produção audiovisual terraplanista, interessados “refutar e desmascarar” (imagicamente, por escrutínio, mimese ou deslegitimação gráfica) o próprio paradigma heliocêntrico. Ainda que o antagonismo amigo/inimigo (Cesarino, 2022) atravessasse toda a empreitada de defesa da Terra Plana — em rejeição à ciência oficial, ao “sistema religioso” e a uma cadeia tão ampla quanto oculta de atores em suposto pacto conspiratório —, outras modalidades visuais compunham o “objeto distribuído” da produção para o YouTube, com consequências menos ou mais atadas à sua lógica de mídia (Kalpokas, 2019).

No Capítulo 3, vimos que a “ciência de verdade” se traduzia em cenas que mimetizavam (com importantes diferenças) certo fazer científico experimental — ainda que o apelo terraplanista ao “empírico” precisasse movimentar mediadores que, quando observados no terreno da ciência oficial, eram associados ao “fantasioso”. Mas há aí outro aspecto importante de ser notado: se, por um lado, a apartação entre ecossistema digital terraplanista e redes tecnocientíficas não era entendida por youtubers como empecilho para que atribuíssem às práticas registradas em vídeo o nome de “ciência”, por outro, a reivindicação dessa autoridade epistêmica não se realizava apenas enquanto imagem. Sob a forma de “evidências” visuais, a mimese do dispositivo experimental constrói artefatos audiovisuais cujos “efeitos de realidade” (Meyer, 2019a) são uma das atrações centrais no processo de “despertar” da Terra Plana em seu *rabbit hole* (bem como para as audiências consolidadas), mas a promessa de uma “empíria” caseira e reproduzível, ao alcance de qualquer pessoa — sem necessidade de formação científica —, convida e instrui o espectador a (como) se autonomizar na realização de seus próprios experimentos.

Podemos dizer que o mesmo se passa com o eixo da religião. No Capítulo 4, vimos que o movimento de “inserir Deus na equação” com frequência se expressava em vídeos

de demonstração da “cosmologia bíblica”, que buscavam fornecer mais “evidências” da Terra Plana a partir de costuras entre palavra e imagem capazes de produzir até mesmo efeitos de maravilhamento junto a seus espectadores. Porém, é também com a promessa de fornecer um programa de “leitura literal” verificável por qualquer pessoa munida de seu exemplar da Bíblia — sem a necessidade de vínculo com instituições religiosas —, que youtubers terraplanistas conduzem o espectador a um horizonte de autonomização no que diz respeito à compreensão das escrituras como reveladoras de um mundo plano e estacionário. Evidentemente, youtubers não sugerem que seus espectadores abandonem o consumo de vídeos, e não há indicativos de que alguma espécie de meta de transição da lógica de mídia e à independência em relação às imagens seja uma questão colocada pelo público terraplanista; além disso, colocar ou não em prática a realização de um ou mais experimentos ou a leitura pessoal da Bíblia são percursos tão variáveis como os trajetos entre vídeos de cada terraplanista na condição de espectador (e sabemos que alguns desses expedientes, como os “testes de curvatura”, dependem de recursos financeiros indisponíveis mesmo para aqueles que se “profissionalizam” como influenciadores digitais).

Como é possível notar em exemplos no decorrer desta tese, a convocação de algum tipo de autonomia individual é parte constitutiva da estética terraplanista (como nos onipresentes imperativos “pense” ou “acorde”), tanto quanto da contraparte reflexiva do usuário em queda num *rabbit hole* (elaborada como “pesquisa” e “busca de conhecimento”) e dos fins e meios da transformação de mundo terraplanista (tornar-se um “desperto”, talvez imbuído de uma “missão”). No Capítulo 7, vimos que “mapeamentos cognitivos” (Jameson, 1988) de imensas cadeias conspiratórias também lidam com essa dimensão, tornando a escala de operação desses atores comensurável ao indivíduo. Nas páginas seguintes, trago alguns elementos novos para pensar, em tom conclusivo, outro importante aspecto da construção de mundo terraplanista também apoiado em modos de verificação individual, complementar aos eixos de ciência, religião e conspiracionismo — e compartilhando a estética dos mapeamentos deste último.

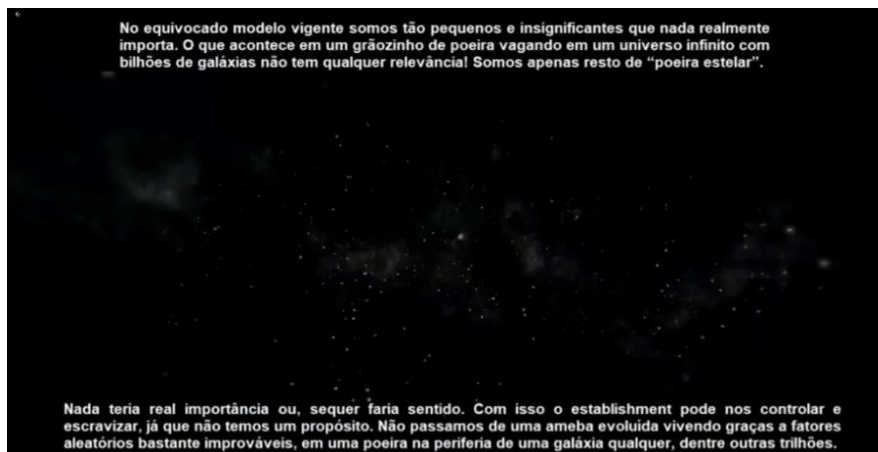
## Contramapeando o heliocentrismo, mapeando a Terra Plana

Noutro vídeo de Gilberto<sup>349</sup>, a “pirâmide de controle” (apresentada no Capítulo 7) era brevemente retomada, seguida por uma sequência de *slides* sobre o problema conspiratório da “fraude do globo”, mas que dependiam de outro tipo de mapeamento (Figura 39).

Figura 39 - Contramapeando terraplanista do universo do heliocentrismo.



<sup>349</sup> Republicado em 20 de agosto de 2022, com o título “Porque escondem que a terra é plana? O que muda a sua vida?”, no canal *Bruno Alves TP*. Não tive acesso à sua publicação original. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mRiTfBArQxM>. Acesso em: 21/11/2022.



Fonte: *Frames* de vídeo terraplanista (canal *Terra Plana Reloaded*).

Há aí um notório encadeamento causal entre a ideia de *fraude do globo* e as especulações conspiratórias que excedem a questão do formato da Terra (um nexos possível entre as figurações da “ponta do *iceberg*” e da “pirâmide de controle do sistema”), apresentando ainda algumas de suas consequências éticas e morais para humanidade. Mas tão importante quanto isso é a consequência metafísica que ele extrai de conhecimentos associados à astronomia moderna — a Terra enquanto resultado de um “acidente cósmico sem causa ou propósito”, habitat de uma humanidade *pequena* e *insignificante*, situada num “*um grãozinho* de poeira vagando no universo *infinito* com *bilhões* de galáxias”, numa “*poeira na periferia* de uma galáxia qualquer, dentre *outras trilhões*”. Nesse contramapeamento de um modelo de Terra e universo consonantes com o heliocentrismo, o contraste entre o ínfimo e o infinito evoca a exigência científica de se reconhecer a extensão da Terra em perspectiva, redimensionada quando situada entre outros corpos celestes e junto à profundidade do espaço-tempo sideral; o terraplanista salienta com isso a falta de sentido das questões humanas frente à vastidão insondável do restante do universo — nas próprias imagens, o aparente vazio do espaço não contém quaisquer vestígios humanos reconhecíveis.

Algo que Gilberto não chega a assinalar é que entre os corpos celestes presentes num dos *slides* (Figura 39) está a Terra, pequena diante do Sol e do cosmo ao seu redor, indiscernível junto aos demais planetas. A imagem corresponde a um *frame* de uma animação digital muito conhecida entre defensores da Terra Plana, popularizada por Eric Dubay em seu vídeo “*200 Proofs Earth Is Not a Spinning Ball*”, de abril de 2015, e reutilizada por diversos youtubers terraplanistas desde então. Nele, podemos ver (por vários ângulos e em alta velocidade) o giro dos planetas do sistema solar em torno de si mesmos e do Sol, ao mesmo tempo em que todo o sistema solar gira ao redor da Via-

Láctea. A animação opta por manter o “rastros” da trajetória dos corpos, destacando visualmente um intrincado desenho de movimentos circulares e espiralados, em velocidades, posições e alturas distintas — algo muito diferente das órbitas harmônicas e simétricas mais comumente observadas em ilustrações desse tipo. A animação, por si mesma, já não é fiel a certas premissas centrais do heliocentrismo<sup>350</sup>, mas aparece em vídeos terraplanistas como a representação adequada desse modelo. A preferência por ela pode ser explicada pelo aspecto caótico, frenético e dissonante desses movimentos, como se encarnassem o *absurdo* de um arranjo cosmológico incompatível com experiências sensoriais de estabilidade e regularidade vividas no solo terrestre. No trecho em que a animação é exibida, Dubai fala:

A NASA e a astronomia moderna dizem que a Terra é uma bola gigante inclinada para trás, oscilando e girando a 1000 milhas por hora ao redor de seu eixo central, correndo círculos a 67.000 milhas por hora ao redor do sol, espiralando a 500.000 milhas por hora ao redor da Via Láctea, enquanto a galáxia inteira é atirada a ridículos 670 milhões de milhas através do Universo com todos esses movimentos originado de um explosivo *Big Bang* cosmogônico há 14 bilhões de anos. Isso dá um total de 670.568.000 milhas por hora em várias direções diferentes às quais todos estamos supostamente correndo simultaneamente, porém ninguém jamais viu, sentiu, ouviu, mediu ou provou a existência de qualquer um desses movimentos.<sup>351</sup>

Descrições das velocidades no sistema heliocêntrico são exaustivamente recitadas por terraplanistas. Bruno, por exemplo, em *hangout*<sup>352</sup>, recorre a esses mesmos dados para concluir: “A gente vivia numa *bola molhada giratória* aí, fazendo 14 movimentos, né? (...) Eu sempre achei isso meio *absurdo*”. Flávio, em uma *live*<sup>353</sup>, parte de operação semelhante:

a Terra bola giratória supersônica perdida pelo espaço com movimentos malucos, movimento de rotação, movimento de translação em torno do sol, movimento de translação em torno da suposta galáxia, movimento da galáxia no universo, movimento de nutação, ou de precessão. É um monte de

<sup>350</sup> Num texto publicado em 04 de março de 2013 na revista online *Slate*, o astrônomo Phil Plait explicava detalhadamente os equívocos do vídeo, criado e publicado no YouTube por um usuário sem vínculos com as redes tecnocientíficas (trata-se de um DJ holandês, sem relação com o terraplanismo). A animação, hoje com quase 8 milhões de visualizações na plataforma, partia do pressuposto de que o heliocentrismo estava errado, advogando por um modelo em que o sistema solar se movimentaria como num “vórtex” dentro da Via-Láctea. Texto disponível em: <https://slate.com/technology/2013/03/vortex-motion-viral-video-showing-suns-motion-through-galaxy-is-wrong.html>; vídeo original disponível em: [https://youtu.be/0jHsq36\\_NTU](https://youtu.be/0jHsq36_NTU). Acesso em: 21/11/2022.

<sup>351</sup> A tradução é do canal *Arthur Boz*, que republicou o vídeo em 23 de abril de 2016. Disponível em: <https://youtu.be/dWqfoedDdVU>. Acesso em: 21/11/2022.

<sup>352</sup> Transmitido em 4 maio de 2021 no canal *Akira Dunada*. Disponível em: <https://youtu.be/KFmLOjXe6PU>. Acesso em: 21/11/2022.

<sup>353</sup> Transmitido em 11 de junho de 2019 no *Canal do Evangelista Flávio*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mfvniNIDjRRE>. Acesso em: 21/11/2022.

movimento. (...) Então é tudo *uma coisa caótica*, que somente por lavagem cerebral é que eles colocam no povo gado desde a sua infância. (Grifos meus).

Em cada um desses comentários, a enxurrada de dados astronômicos funciona como algo mais do que a ostentação mimética de um linguajar técnico adornando o enxovalhamento de uma Terra esférica tomada como *absurda, maluca* ou *caótica*. Ela confere certa densidade descritiva à demonstração de que os conhecimentos atualmente estabelecidos pela ciência moderna exigiriam do indivíduo um mapeamento cosmológico marcado por uma disjunção inconciliável: as coordenadas astronômicas da Terra não seriam coincidentes “empírica” ou “literalmente” com o mundo cotidianamente vivido por um indivíduo e, portanto, deveriam ser abandonadas<sup>354</sup>. É incitando e intensificando esse curto-circuito que terraplanistas, numa prática constante de *contramapeamento* do modelo heliocêntrico, elaboram e validam seu próprio mapeamento de uma Terra plana. Priscila, em sua palestra na FlatCon 2019, dá um bom exemplo da utilização desse efeito:

Porque pra você acreditar na verdade você tem que ser simples. A Terra Plana é simples. A Terra-globo não é, não. Pra mim, entender aqueles trilhões de galáxias, eu aqui com 1 metro e 60, não sei quantos anos-luz... Não entrava, não encaixava. Mas a Terra Plana é simples, pra gente simples.

Na escala do corpo humano, a unidade de medida de anos-luz, segundo Priscila, “não encaixa”. O contraste e a desproporção entre essas duas dimensões convocam o espectador a tomar a vida fenomênica individual como “verdadeiro” fundamento para a apreensão da “verdadeira” cosmologia. Bruno<sup>355</sup> traduz bem essa orientação epistêmica, repetida à exaustão na produção audiovisual terraplanista:

A forma da gente identificar tanto o formato da Terra quanto o comportamento dos astros e todos os paradigmas científicos que foram criados, a melhor forma é utilizando os nossos sentidos. Então pra isso nós temos visão, audição, né, paladar, tato, olfato. Então pra tudo isso nós temos sentidos (...) e nós somos capazes de observar a realidade desses fatos.

Enquanto isso, o que escapa aos sentidos (no caso desse contramapeamento, toda a extensão do espaço sideral descrita pelo heliocentrismo) é relegado à condição de mera ideia falsa — falsa não apenas porque se opõe a uma outra ideia considerada verdadeira, mas porque é atacada como *ideia*, enquanto se defende que o equipamento sensorial individual fornece a *empíria*. É isso que faz Alexandre, em texto publicado na *Revista*

---

<sup>354</sup> Na versão brasileira, com a unidade de medida em quilômetros, a velocidade de rotação da Terra ganha uma coloração dramática, apresentada como mais uma revelação das intencionalidades malignas ocultas, com o valor de 1666 km/h. Esse, de fato, é um dos valores apresentados pela ciência, mas apenas quando se realiza um cálculo rápido e aproximado, considerando números arredondados (40.000 quilômetros de diâmetro do planeta e 24 horas de tempo de rotação).

<sup>355</sup> Em vídeo publicado em 5 de maio de 2019 no canal *Mistérios do Mundo* (link indisponível).



*Terra Plana*, ao afirmar que “Tudo o que precisamos é confiar em nossos sentidos dados por Deus”, para assim estarmos “acordados e vivendo na realidade”, o que ocorreria em oposição à “programação cognitiva”, ao “conhecimento empurrado”, à “memorização do modelo heliocêntrico”. Segundo seu raciocínio, reconhecer a validade do heliocentrismo equivaleria a abdicar da capacidade individual de compreender a espacialidade do mundo e nele se orientar, negando o que seu aparelho sensorial lhe apresenta como “verdade”: “você simplesmente assume respostas doutrinadas e, com isso, a dissonância cognitiva torna-se uma questão sua”, “vivendo em uma realidade sintética” fundamentada em “absurdos absolutamente ridículos”, diz Alexandre.

No discurso terraplanista, é pela agudização da oposição entre sensorialidade individual e heliocentrismo que o “despertar” se torna possível. O *Inteligência Natural* de Leandro, por exemplo, carrega esse antagonismo no próprio nome: “Este canal é destinado a incentivar o pensamento natural com total liberdade aos órgãos dos sentidos, sem manipulações ou mentiras”<sup>356</sup>. Contra a ciência heliocêntrica, o terraplanismo diz oferecer aquilo que é óbvio, patente. Siddartha escreve na *Revista Terra Plana*: “Note que é evidente que a Terra é estacionária e isso qualquer sentido humano pode confirmar. (...) Estamos dizendo que a teoria da Terra em movimento é um absurdo. A teoria da Terra estacionária faz sentido e estamos sendo ridicularizados”. Se o corpo não sente os movimentos do planeta, também não vê a olho nu no horizonte a curvatura que as imagens da Terra esférica apresentam. A exploração dessa disjunção é recorrente na produção audiovisual terraplanista, e não à toa é o argumento que dá início à lista de duzentas “provas” do famoso vídeo de Dubai: “O horizonte sempre se afigura perfeitamente plano ao redor do observador, independentemente de altitude”; por outro lado, “apenas a NASA e outras agências espaciais governamentais mostram curvatura em suas fotos e vídeos falsos”.

Uma vez que o contramapeamento terraplanista pretende remodelar o mundo de acordo com os limites dos sentidos humanos, uma série de outros fenômenos e corpos espaciais são submetidos ao mesmo filtro. Também Dubai<sup>357</sup> elabora um dos mais repetidos argumentos terraplanistas acerca da constituição física de planetas e estrelas

<sup>356</sup> Texto de apresentação do canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/@inteligencianatural6216/about>. Acesso em: 16/05/2023.

<sup>357</sup> Traduzido e republicado em vídeo de 2 de janeiro de 2019 do canal *AcordeiTarde*. Disponível em: <https://youtu.be/3WljsnlHQdE>. Acesso em: 25/11/2022.

observados no céu: estes corpos “*aparentam* ser nada mais que miúdos pontos de luz multicolor”. A assumida aparência fenomênica é alçada à posição de constatação verdadeira, que deve desmontar as distâncias astronômicas que participam do mapeamento heliocêntrico. Ele diz:

se a NASA não houvesse implantado tais ideias em suas cabeças, bem poucas pessoas iriam olhar para o céu noturno e supor que aqueles pequeninos pontos de luz fossem, todos eles, objetos semelhantes à Terra a milhões de milhas daqui, ou sóis a trilhões de milhas daqui, completos com planetas em órbita e luas tal como a nossa! A única razão de as pessoas crerem que estrelas errantes são semelhantes à Terra e que estrelas fixas são sóis distantes é por causa de propaganda da NASA. (Fala de Eric Dubay, traduzida pelo canal *AcordeiTarde*).

Consequentemente, o mesmo tipo de ênfase é dada à percepção do movimento dos astros — num vídeo em seu canal<sup>358</sup>, Alê comentava: “É o Sol que se move, não a Terra. (...) Você pode observar, acordando um pouco mais cedo, o Sol se aproximando de você, de onde você mora, pelo leste. E, no finalzinho da tarde, indo embora, a oeste”. Aquilo que no Capítulo 1 se expressava como prática de “refutação e desmascaramento” de imagens do heliocentrismo aparece aqui como exigência de que o espectador “refute e desmascare”, no nível da experiência sensorial, as “ideias” e “propagandas” do heliocentrismo que não estão materializadas em vídeos e fotografias, mas como modelos incorporados — “implantados”, na linguagem de Dubay. Nas hipóteses terraplanistas sobre seu aprendizado na infância, os “cosmogramas” (Tresch, 2005) da Terra esférica, na forma de simples maquetes do globo ou fotografias e ilustrações que exibem o planeta como um corpo esférico, ganham importância central, tratados como indutores de mapeamentos que contradizem o “conhecimento natural” dos sentidos. Formas mais sofisticadas de assimilação são especuladas, como fazia Akira<sup>359</sup>:

Ela [a NASA] trabalha de forma tão inteligente que ela não precisa [mais] falar que existe espaço, pra você (...) e que você tá no vácuo do espaço. Ela vira e fala assim: “Oh, vai cair um meteoro aí. Tal data”. (...) O meteoro já remete à existência de espaço, remete à existência de planetas, remete à existência de que nós estamos no modelo globo. Então ela não precisa ficar falando: “Nós tamos no modelo globo”. Não, não: “Vai cair um meteoro”.

A concatenação dos elementos que compõem o mapeamento espacial da Terra informado pela ciência, mais uma vez, é desativada e descartada pelo “desperto” na sua experiência de reverter o mundo àquilo que se adequa à escala apreensível pelos sentidos.

<sup>358</sup> Publicado em 8 de junho de 2020 no canal *Terra Plana Evidências*. Disponível em: <https://youtu.be/F-1Mx0Dz3o4>. Acesso em: 23/11/2022.

<sup>359</sup> Em *hangout* transmitido em 20 de maio de 2021 no canal *Akira Dunada*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8gAYR\\_2goNU](https://www.youtube.com/watch?v=8gAYR_2goNU). Acesso em: 16/05/2023.

Em diálogo com Akira no mesmo *hangout*, Luana descreve o impacto sensorial na consideração das distâncias astronômicas:

Nossa, muda tudo porque você abre a mente pro cenário do mundo onde você vive, né? E você descobre que mentiam... (...) Eu olhei pro céu e vi a Lua, olhei a Lua (...) e falei: “Ah, meu Deus, ela tá ali! Pertinho! Meu Deus!” [Risos] Gente, era um negócio muito estranho. Eu olhava o Sol, ficava: “Ah... Meu Deus” (...) Porque você sente que eles estão mais perto e por isso dá aquele medo, parece que você tá voando. É uma coisa muito legal.

Com ponderações desse tipo, terraplanistas colocam sua ênfase na “verdade” dos sentidos num ponto anterior até mesmo a seus experimentos, interpretações bíblicas e “refutações” de imagens do heliocentrismo. Trata-se aí daquilo que Cesarino (2022, p. 231) reconhece como uma das bases epistêmicas dos públicos antiestruturais, que atua na escala da cognição individual enquanto valorização da “experiência imediata”, das “trajetórias pessoais” e da “certeza dos sentidos”, potencializada pelos efeitos do presentismo e da “experiência mistificada de desintermediação espaço-temporal” das novas mídias (Cesarino, 2022, p. 231-232). No caso do contramapeamento do heliocentrismo, no entanto, ela se apoia num experimento perceptivo elementar, que Tim Ingold (2015, p. 158) reconhece de modo mais geral (e sem qualquer relação com o terraplanismo) nos termos de um “dilema existencial mais fundamental” das sociedades informadas pelos conhecimentos estabilizados pela ciência. Reinterpretando um conjunto de pesquisas experimentais em psicologia cognitiva sobre o aprendizado de modelos mentais da Terra por crianças e adultos, o antropólogo defende que a recorrência de concepções “duplas” da Terra — a dimensão propriamente terrestre em que se desenrola a vida humana, presumida pragmaticamente como uma “base plana” (da qual se parte para falar do solo, do céu, do ar), e a figura total do globo (o ponto de vista externo, garantido pelos conhecimentos consolidados pela ciência) — seria uma expressão da divisão moderna entre ser e saber (ou entre natureza e cultura, ontologia e epistemologia etc.), na raiz do conhecimento científico<sup>360</sup>.

---

<sup>360</sup> Ingold (2015) escreve anteriormente ao renascimento contemporâneo do tema da Terra Plana e não toma o terraplanismo moderno como objeto de análise, de modo que, quando fala de “base plana”, não se refere ao modelo cosmológico terraplanista. O autor não anuncia qualquer compromisso teórico em pensar conflitos em torno da construção, instrução ou rejeição de conhecimentos científicos basilares em sociedades nas quais a ciência é um regime de saber estruturante e, de fato, sua teoria parece pouco equipada para considerar quais papeis os mediadores que traduzem a esfericidade da Terra à escala humana podem ter nos próprios processos de “habitação”, “transformação” e “vida” que lhe interessam discutir. Com sua retórica de fluxos, linhas, tessituras e afins, ocupada em apontar movimento e permeabilidade onde detecta discursos de estabilidade e unidade, Ingold (2015, p. 177) encerra sua breve incursão na questão da percepção do formato do planeta assumindo a perspectiva hiperconstrutivista de uma Terra que está sempre “terrando” e, com isso, não tem muito a dizer além de que a Terra “não é nem um objeto no espaço nem

Terraplanistas radicalizam essa contradição entre o indivíduo situado na escala terrestre e as mediações tecnocientíficas que viabilizam pontos de vista pouco ou nada acessíveis à observação direta — estas, negadas como “farsa”, cortando-se os elementos que permitem figurar o heliocentrismo. O mesmo movimento de imanentizar o extramundano, apontado no Capítulo 1, é repetido na experiência de rejeição de um mapeamento heliocêntrico informado por dimensões e conhecimentos astronômicos, encerrando então a capacidade de conhecer dentro dos limites do aparelho perceptivo — o impacto relatado por Luana, inclusive, parece dizer respeito não só ao seu convencimento sobre uma nova “verdade”, mas a uma experiência de alteração sensorial possibilitada pela suspensão da profundidade espacial em troca da materialização das aparências. Evidentemente, o terraplanismo não para por aí. Como lembra Cesarino (2022, p. 231), a escala individual dos públicos antiestruturais “caminha junto com seu suplemento estrutural: causalidades holísticas ocultas”, expressas na argumentação conspiratória (como já vimos, necessitando realizar mapeamentos justamente de forças que escapariam à visão) e na concepção espiritual do “Criador”.

Mas o que é necessário destacar aqui é que a busca pelo acesso a uma “escala global” ou o “desejo de mapeamento cognitivo” (Cesarino, 2022; Jameson, 1992) constituem o próprio núcleo da defesa de um modelo espacial em que a Terra tem um formato plano. Ao explorarem em sua produção audiovisual o choque entre a experiência fenomenológica e a escala astronômica do heliocentrismo, terraplanistas conduzem o espectador a algo semelhante ao que Roy Wagner ([1975] 2010, p. 101) chamava de “percepção da relatividade de um contexto de controle”. Primeiramente, os “pontos de referência” estabilizados pela ciência, que garantem a confiança e a previsibilidade (Wagner, [1986] 2017) na relação indivíduo–Terra–Universo interna a esse encadeamento convencionalizante, são esvaziados e tomados como símbolos arbitrários, “artificiais” — a relatividade, portanto, experimentada como “reação negativa” de “desmascaramento”, ou o “*como se* transformado em *ê*” do modo convencional experienciado enquanto *como se* (Wagner, 2010, 2017, p. 11). Em segundo lugar, a introdução dessa relatividade depende de uma “contrainvenção”: a escala da experiência fenomenológica individual como o “reino do dado ou inato”, da motivação e do eu “naturais” (Wagner, 2010, p. 87, 90).

---

um espaço para objetos; nem uma bola redonda, nem uma base plana. Ou, se você preferir, é ambas as coisas e muito mais além disso”.

O “dado”, como lembra Goodman (2013, p. 6) (“a percepção sem conceito, o puro dado, a não mediação absoluta [*absolute immediacy*], o olho inocente, a substância sem substrato”) está necessariamente vinculado a um “mundo”, a “estruturas, conceitualizações, atribuições de propriedades” — que, no mínimo, mediam a delimitação de determinada ordem de registros nos termos daquilo que é “dado”. Como todo “fazer mundo” que parte de um mundo já construído (Goodman, 2013), terraplanistas experimentam o que chamam de “libertação dos sentidos” sem abrir mão de um outro conjunto de pontos de referências que organizam a experiência: ainda que sejam suspensas certas premissas sobre Sol e Lua, não há dúvidas de que ambos são corpos estelares, objetos reais com alguma função sobre a formação dos dias e das noites; duvida-se da esfericidade não detectada ao se mirar o horizonte a olho nu, mas ainda há uma Terra a ser recomposta, e não, por exemplo, um espaço infinito absolutamente sem coordenadas. Os vídeos, ilustrações e outros tipos de mediadores que circulam no ecossistema digital terraplanista, mesmo quando oferecem aos seus espectadores a experiência de relativização dos pontos de referência do mapeamento heliocêntrico, já contêm certas “referências convencionais” (Wagner, 2017) — latentes, mas determinantes — que conduzem minimamente o “desperto” em direção às coordenadas básicas de um novo mapeamento.

O “despertar” desestabiliza as premissas de um mapeamento anterior, figurado conscientemente ou não, mas não equivale a uma fragmentação completa da capacidade (e do desejo) de assentar novos critérios de encadeamento que reestabeleçam uma relação indivíduo–Terra–Universo. A imersão no “objeto distribuído” do *rabbit hole* terraplanista, submetida às agências humanas e algorítmicas que organizam a adesão a um público antiestrutural (Cesarino, 2022), é eficaz na medida em que confere ao espectador a certeza de que este realiza uma “pesquisa” conectando índices, estabelecendo relações de causalidade entre os elementos relevantes nesse novo contexto e, enfim, observando a Terra Plana como um “modelo” ou “cosmologia”. Esse modo de mapear, propriamente terraplanista, estabiliza um contexto convencional (Wagner, 2010, 2017), experimentado coletivamente, e distribuído pelos índices acessados nesse ecossistema digital — ainda que se mantenham abertos à possibilidade de modificações, desacordos, especulações não previstas etc. Em todo esse processo, terraplanistas constroem uma “totalidade ausente” (Jameson, 1988) que excede os sentidos individuais,

assim como os vídeos individuais apontam necessariamente para a “totalidade imaginária” do *rabbit hole* como “objeto distribuído” (Gell, 2020).

De tão corriqueiro, o ato de mapear pode passar despercebido uma vez que se tenha aprendido os parâmetros do modelo. Na linha de vídeos mais diretamente dedicados à formulação da “ciência de verdade”, é a essa função que atende cada um dos vídeos analisados no Capítulo 3. Noutra produção do *Sem Hipocrisia*<sup>361</sup>, a operação é bastante visível: Marthins inicialmente apresenta um pequeno experimento caseiro envolvendo o afundamento de um palito numa garrafa plástica cheia de água, com a intenção de, mais uma vez, “refutar” a existência da gravidade, defendendo a densidade em seu lugar; o confronto aparentemente aleatório contra um conceito científico cuja relação com a noção de Terra Plana é indireta é justificado a seguir:

Qual é a conclusão que chegamos com esse experimento? Como todos sabemos, vivemos em uma Terra plana, estacionária e coberta por um firmamento. A pressão atmosférica nesse ambiente enclausurado é o que mantém os corpos na superfície da Terra. Então, a densidade desses corpos os coloca em seus determinados lugares. O que nós podemos acrescentar com essas pesquisas e experimentos?

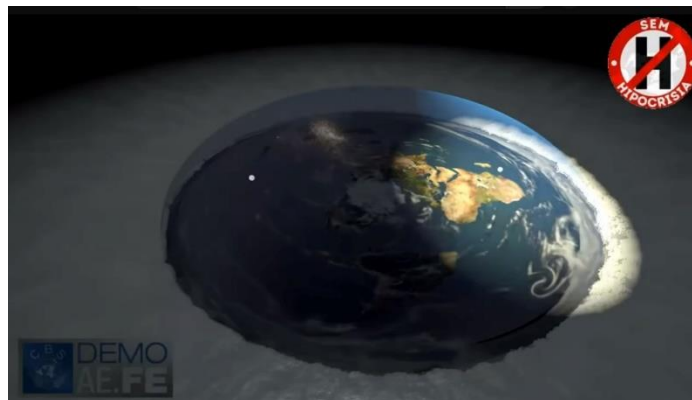
A passagem para uma figuração que excede o experimento e que exige que se “veja” numa escala que amplia o campo sensorial individual organiza os elementos aparentemente dispersos num todo “coerente” — sob critérios sem valor para ciência oficial, mas confirmados dentro *rabbit hole* terraplanista, para seu público, pela exploração audiovisual dos outros elementos que compõem o mapeamento. Dentro desse mesmo vídeo, Marthins chega a realizar novamente esse movimento. Após um segundo “experimento”, agora com a intenção de demonstrar o diamagnetismo da água<sup>362</sup>, salta para o modelo onde os elementos interagem: “Sabemos também que a nossa Terra Plana é elétrica, e não gravitacional. Sabemos que o Sol e a Lua são corpos elétricos e responsáveis pelas marés, empurrando as águas dos oceanos”. Encerrando o vídeo, uma animação em 3D materializa a totalidade espacial terraplanista num cosmograma (Figura 40). O mapeamento do vínculo indivíduo–Terra–Universo insere o terceiro termo dentro dos limites do segundo, reduzindo as distâncias em relação ao primeiro, ainda que,

<sup>361</sup> Vídeo de 20 de dezembro de 2018. Disponível em: [https://youtu.be/vKNNswDNW\\_U](https://youtu.be/vKNNswDNW_U). Acesso em: 13/12/2022.

<sup>362</sup> A propriedade, descrita pela ciência oficial, é o que faz com que a água, assim como muitos outros materiais, seja repelida por campos magnéticos. Terraplanistas tratam a propriedade de modo absoluto, sem considerar as condições (impraticáveis) exigidas por seu modelo, que espera explicar que imensa movimentação das marés dos oceanos pela interferência do campo magnético da Lua, e não por sua força gravitacional.

seguindo a direção oposta da verticalidade, o indivíduo permaneça impossibilitado de averiguar presencialmente os confins da Terra, cabendo-lhe apenas as figurações espaciais e conspiratórias — na prática, tornando esses limites mais inacessíveis e misteriosos que a própria Terra esférica.

Figura 40 - Um cosmograma da Terra Plana, pela linha da “ciência de verdade”.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Sem Hipocrisia*).

Como visto no Capítulo 4, a “cosmologia bíblica” também interage com imagens que se espera que sejam capazes de condensar a totalidade espacial da Terra, e sua reconstrução também depende de uma imersão no “objeto distribuído” (Gell, 2020) da produção audiovisual terraplanista em paralelo à leitura guiada das escrituras cristãs — outros tipos de mapas, apontando versículos e passagens de interesse para essa interpretação, circulam no ecossistema terraplanista. É pelo literalismo bíblico que toda uma outra série de “corpos”, “conceitos” e “fenômenos” (domo, águas primordiais, *sheol*, pilares da Terra etc.) se juntam aos elementos reunidos no mapeamento guiado mais diretamente pela modalidade da “ciência de verdade” (eclipses, marés, estações do ano, fases da Lua, meteoros, pôr-do-sol, distribuição dos continentes etc.). Trata-se de cosmogramas manejáveis para a especulação sobre dimensões inacessíveis aos sentidos, tal como no uso feito por Leandro certa vez numa *live*<sup>363</sup>: comentando a hipótese, lançada por um espectador, de que as estrelas seriam as “comportas do céu” citadas na Bíblia (e que remetem ao evento do dilúvio<sup>364</sup>), o youtuber aciona uma imagem da “cosmologia hebraica” para sugerir que “as comportas do céu são aberturas, brechas no firmamento, tá? No que seria o domo. Não tem a ver com estrela não” (Figura 41).

<sup>363</sup> Transmitida em 23 de junho de 2021 no canal *Inteligência Natural*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6okqsQEq\\_S8](https://www.youtube.com/watch?v=6okqsQEq_S8). Acesso em: 13/12/2022.

<sup>364</sup> Em Gênesis 7:11 se lê: “No dia em que Noé completou seiscentos anos um mês e dezessete dias, precisamente nesse mesmo dia, todas as fontes das grandes profundezas jorraram, e as comportas do céu se romperam”.

Figura 41 - Um cosmograma da Terra Plana, pela linha da “cosmologia bíblica”.



Fonte: *Frame* de vídeo terraplanista (canal *Inteligência Natural*).

Mas a interpretação literal da Bíblia, mais do que fornecer outras peças de encaixe num modelo espacial construído junto às produções audiovisuais da “ciência de verdade”, provê à Terra Plana uma narrativa de criação divina. A escolha de trocar o termo planeta por “reino”, o tratamento do indivíduo como “coroa da criação” (com um mundo feito à sua proporção) e a localização cosmogônica e espacial de Deus como “criador” assentado em seu trono sobre a Terra reescrevem o vínculo indivíduo–Terra–Universo no mapeamento espiritual criatura–Criação–Criador (ou coroa–Criação–Criador). Se o contramapeamento terraplanista do heliocentrismo encontra aí o “absurdo” — e o mapeamento conspiratório, o “mal” —, o mapeamento da Terra Plana (transversal à “ciência de verdade” e “cosmologia bíblica”) acredita recriar aí o “sentido” e o “bem”. Flávio resumia essa elaboração numa *live*<sup>365</sup>, costurando “ciência de verdade”, “cosmologia bíblica” e teoria da conspiração numa visão panorâmica do modelo terraplanista:

Deus fez tudo com grande sabedoria. (...) A Terra é um design perfeito. (...) É um grande motor eletromagnético. O domo, por ser feito de cristal, ele sofre o efeito piezoelétrico, gerando energia. Um campo magnético partindo do centro da Terra formando um campo toroidal em torno de toda a Terra faz o confinamento nas regiões mais altas da atmosfera, faz o confinamento magnético do Sol, da Lua, dos astros, das estrelas. (...) A Lua, ela funciona como um luminar da noite, mas ao mesmo tempo um aterramento plasmático de todo esse sistema fechado da Terra. (...) As estrelas funcionam como relógio, o Sol, a Lua, como um relógio. Deus fez tudo com sabedoria. Isso aqui é um design perfeito. É um design de um criador. O domo ele faz toda a reflexão também de parte da luz do Sol, formando o dia aqui. A constituição da atmosfera é feita de gases nobres que, ao serem excitados pelos raios do Sol, eles produzem luzes, eles produzem uma luminosidade secundária junto com a luz do Sol. Então isso aqui é uma máquina maravilhosa. A criação de Deus é estupenda! É uma máquina maravilhosa, gente! E isso está sendo ocultado pelos senhores das trevas, os senhores do mundo. Pela falsa e pseudociência que nega o Criador. Agora, a Terra-bola giratória supersônica perdida pelo espaço com movimentos malucos (...) veio do caos. É a falsa e pseudociência, que

<sup>365</sup> Transmitida em 11 de junho de 2019 no *Canal do Evangelista Flávio*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mfviNIDjRRE>. Acesso em: 18/05/2023.



não consegue explicar certos fenômenos, tudo é usado, o tal do placebo, o tal da panaceia chamada gravidade, né? (...) Então é tudo uma coisa caótica, que somente por lavagem cerebral é que eles colocam no povo gado desde a sua infância. Para que? Para ocultar, para distanciar o Criador: “Então o Criador ele tá lá numa galáxia a bilhões de anos-luz”. Ele tá bem longe na cabeça daqueles que aceitam essa pseudociência (...) esse sistema heliocêntrico produto de um *big bang* (...).

Como operadores-chave dessa formação estética, mapeamentos conferem a sujeitos e públicos terraplanistas meios de articular índices, em arranjos menos ou mais contraditórios entre si, como as partes que revelam um “protótipo” (Gell, 2020), acessado desde o processo de queda no *rabbit hole* — enquanto práticas que recorrem a reconfigurações dos sentidos, mapeamentos são uma via para vincular experiência e mundo; traduzidos em cosmogramas, eles são um atalho que materializa as coordenadas do modelo. O terraplanismo, como uma programação de imagens que reúne mapeamentos, “refutações e desmascaramentos”, experimentos, demonstrações da “cosmologia bíblica” e outros modos de produzir um modelo de mundo, efetivamente constrói o mundo daqueles que se autoneciam “despertos” — um mundo com frequência evocado por seus defensores como a própria verdade original desarmada de mediações, mas que se apresenta a eles como construção mediada, esteticamente modulada e discursivamente composta por materiais que circulam no recentemente formado ecossistema digital de um público antiestrutural.

## REFERÊNCIAS

- ABIDIN, Crystal. **Internet celebrity**: understanding fame online. Bingley: Emerald Publishing, 2018.
- ABIDIN, Crystal. From “networked publics” to “refracted publics”: a companion framework for researching “below the radar” studies. **Social Media + Society**, v. 7, e. 1, jan./mar. 2021.
- ALBUQUERQUE, Afonso de; QUINAN, Rodrigo. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “Professor Terra Plana”. **Mídia e Cotidiano**, v. 13, e, 3, p. 83-104, 2019.
- ALLEN, David E. Amateurs and professionals. In: BOWLER, Peter J.; PICKSTONE, John V. (org.). **The modern biological and earth sciences**. The Cambridge history of science (Volume 6). New York *et al*: Cambridge University Press, 2009.
- ALLOA, Emmanuel. Entre a transparência e a opacidade – o que a imagem dá a pensar. In: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- ALMEIDA, Mauro. Caipora e outros conflitos ontológicos. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v.5, n.1, p. 7-28, jan./jun. 2013
- ALMEIDA, Rafael Antunes. **Objetos intangíveis**: ufologia, ciência e segredo. UnB, 2015. 508 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ALMEIDA, Rafael Antunes. Notas para uma reflexão sobre as “teorias da conspiração”. **Ponto Urbe** [Online], v. 23, 2018.
- ALMEIDA, Rafael Antunes. **Antropología y posverdad**: contribuciones para una interpretación del tierraplanismo, 2019 (no prelo).
- ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo. **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**: análises conjunturais. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- ARTHURS, Jane; DRAKOPOULOU, Sophia; GANDINI, Alessandro. Researching YouTube. **Convergence**: The International Journal of Research into New Media Technologies, v. 24, e. 1, p: 3–15, 2018.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1999.
- AUPERS, Stef. Trust no one: modernization, paranoia and conspiracy culture. **European Journal of Communication**, v. 27, e. 1, p. 22-34, 2012.

- AUPERS, Stef. Decoding mass media/encoding conspiracy theory. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (org.). **Routledge handbooks of conspiracy theories**. London/New York: Routledge, 2020.
- BACH, Daniel. “**Research Flat Earth!**” A study of cosmology and rationality. AAU, 2018. 139 f. Master thesis —Aalborg University, Copenhagen, Dinamarca, 2018.
- BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. A ideologia californiana. *In*: FERREIRA, Gisele; ROSADO, Luiz; CARVALHO, Jaciara. **Educação e tecnologia**: abordagens críticas. Rio de Janeiro: SESES, [1995] 2017.
- BARKUN, Michael. **A culture of conspiracy**: apocalyptic visions in contemporary America. Berkeley: University of California Press, 2003.
- BARROSO, Marta; BORGGO, Igor. Jornada no Sistema Solar. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 32, n. 2, p. 1–12, 2010.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** (Obras escolhidas; v. 1). 7. ed. São Paulo: Brasiliense, [1933] 1994.
- BISHOP, Sophie. Anxiety, panic and self-optimization. **Convergence**, v. 24, e. 1, p. 69–84, 2018.
- BLOCH, Maurice. Truth and sight: generalizing without universalizing. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 14, p. 22-32, 2008.
- BOEHM, Gottfried. Aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica. *In*: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017.
- BORY, Paolo. **The internet myth**: from the internet imaginary to network ideologies. London: University of Westminster Press, 2020.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOWKER, Geoffrey C.; STAR, Susan Leigh. **Sorting things out**: classification and its consequences. Cambridge/Londres: The MIT Press, 1999.
- BRAGA, Lucas. **Entre a fé e a ciência**: uma análise sobre a teoria do design inteligente. Unicamp, 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2016.
- BRATTON, Benjamin H. **The stack**: on software and sovereignty. Cambridge/London: The MIT Press, 2015.
- BRIGGS, Charles L. Theorizing modernity conspiratorially: science, scale, and the political economy of public discourse in explanations of a cholera epidemic. **American Ethnologist**, v. 31, e. 2, p. 164-187, 2004.

BUCHER, Taina. Want to be on the top? Algorithmic power and the threat of invisibility on Facebook. **New Media & Society**, v. 14, e. 7, p. 1164–1180, 2012.

BUCHER, Taina. The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms. **Information, Communication & Society**, v. 20, e. 1, p. 30-44, 2017.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube: online video and participatory culture**. Cambridge: Polity Press, 2018.

BURRELL, Jenna. How the machine “thinks”: understanding opacity in machine learning algorithms. **Big Data and Society**, v. 3, e. 1, 2016.

BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter. Conspiracy theory in historical, cultural and literary studies. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (org.). **Routledge handbooks of conspiracy theories**. London/New York: Routledge, 2020.

CALLON, Michel; LAW, John. De los intereses y su transformación. Enrolamiento y contraenrolamiento. *In*: DOMÈNECH, Miquel; TIRADO, Francisco. (org.). **Sociología simétrica: ensayos sobre ciencia, tecnología y sociedad**. Barcelona: Gedisa, 1998.

CAPLAN, Robyn; BOYD, Danah. Contemporary issues and concerns primer. **Data & Society**, 2016.

CARBONE, Luca; ACHTERBERG, Peter. “No room for thinking, under the dome”. Flat earth and the boundary construction between science and non-science on Twitter. *In*: IV Forum of Sociology (ISA), 2021, Porto Alegre. [...] **Program Book**. Porto Alegre: ISA, 2021.

CAREY, Matthew. **Mistrust: An ethnographic theory**. Chicago: Hau Books, 2017.

CARON, Jean Pierre. Contagion and Visibility / Contágio e visibilidade. **Journal for Politics, Gender and Culture**, v. 17, n. 1, 2020.

CARREIRA, Filipe. Habermas e a esfera pública: reconstruindo a história de uma ideia. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 35, 2001.

CARROLL, Timothy. Aesthetics. *In*: CUNZO, Lu Ann de; ROEBER, Catharine Dann. **The Cambridge handbook of material culture studies**. Cambridge, Cambridge University Press, 2022.

CAUMANN, Ute; ÖNNERFORS, Andreas. Conspiracy theories and visual culture. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (org.). **Routledge handbooks of conspiracy theories**. London/New York: Routledge, 2020.

CEFAÏ, Daniel. Públicos, problemas públicos, arenas públicas...: O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). **Novos estudos CEBRAP**, v. 36, n. 1, p.187-213, 2017.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021a.

CESARINO, Letícia. Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinaridade. **Civitas**, v. 21, e. 2, p. 304-315, mai./ago. 2021b.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CHENEY-LIPPOLD, John. A new algorithmic identity: soft biopolitics and the modulation of control. **Theory, Culture & Society**, v. 28, e. 6, p.164-181, 2011.

CHIESA, Gustavo Ruiz. Dissolvendo as Fronteiras entre Ciência, Espiritualidade E Terapêutica. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, a. 19, n. 26, p. 112-132, set. 2017.

CHUN, Wendy. **Updating to remain the same**: habitual new media. Cambridge: The MIT Press, 2016.

COLEMAN, Simon; CARLIN, Leslie (org.). **Cultures of creationism**: anti-evolution in english-speaking countries. Abingdon: Routledge, 2004.

COLEMAN, Simon. When silence isn't golden: charismatic speech and the limits of literalism". *In*: ENGELKE, Matthew; TOMLINSON, Matt (org.). **The limits of meaning**. New York/Oxford: Berghahn Books, 2007.

COLLINS, Harry; EVANS, Robert; WEINEL, Martin. STS as science or politics. **Social Studies of Science**, v. 47, n. 1, p. 1-7, 2017.

COLLINS, Harry; PINCH, Trevor. **Frames of meaning**: the social construction of extraordinary science. London: Routledge & Kegan Paul, 1982.

COPEMAN, Jacob. Exposing fakes. *In*: COPEMAN, Jacob; DA COL, Giovanni (org.). **Fake** (Anthropological Keywords), Chicago: Hau Book, 2018.

COPEMAN, Jacob; DA COL, Giovanni (org.). **Fake** (Anthropological Keywords), Chicago: Hau Book, 2018.

COSTA, Alyne de Castro. Negacionistas são os outros? Verdade, engano e interesse na era da pós-verdade. **Principia**, v. 25, e. 2, p. 305-334, 2021.

COTTER, Kelley. Playing the visibility game: how digital influencers and algorithms negotiate influence in Instagram. **New Media & Society**, v. 21, e. 4, p. 895–913, 2019.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality**. Cambridge: Polity Press, 2017.

COUPRIE, Dirk L. **When the Earth was flat**: studies in ancient Greek and Chinese cosmology. Cham: Springer, 2018.

COUVERING, Elizabeth Van. The political economy of new media revisited: platformisation, mediatisation, and the politics of algorithms. *In*: HICSS, 50, Hawaii. **Proceedings of the 50th Hawaii International Conference on System Sciences**, 2017.

COVINGTON, Paul; ADAMS, Jay; SARGIN, Emre. Deep neural networks for YouTube recommendations. **RecSys '16**: Proceedings of the 10th ACM Conference on Recommender Systems, Boston, p. 191–198, set. 2016.

- D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.
- DAHLGREN, Peter. Media, knowledge and trust: the deepening epistemic crisis of democracy. **Javnost: The Public**, v. 25, n. 1–2, p. 20–27, 2018.
- DANIELS, Jesse. The algorithmic rise of the “alt-right”. **Contexts**, v. 17, e. 1, p. 60-65, 2018.
- DANOWSKI, Deborah. **Negacionismos**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- DAS, Veena. Being false to oneself? *In*: COPEMAN, Jacob; DA COL, Giovanni (org.). **Fake** (Anthropological Keywords), Chicago: Hau Book, 2018.
- DEAN, Jodi. **Aliens in America**: conspiracy cultures from outerspace to cyberspace. New York: Cornell University Press, 1998.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DIJCK, José Van. **The culture of connectivity**. A critical history of social media. New York, Oxford University Press: 2013.
- DIJCK, José Van; POELL, Thomas; WAAL, Martijn De. **The platform reality**: public values in a connective world. New York: Oxford University Press, 2018.
- DOURISH, Paul. Algorithms and their others: algorithmic culture in context. **Big Data & Society**, v. 3, e. 2, jul./dez. 2016.
- DUNST, Alexander. The politics of conspiracy theories: american histories and global narratives. *In*: BUTTER, Michael; REINKOWSKI, Maurus (org.). **Conspiracy theories in the United States and the Middle East**: a comparative approach. Berlin: De Gruyter, 2014.
- EATOUGH, Matt. Iconoclasm. *In*: THE UNIVERSITY OF CHICAGO. **Theories of media**, 2004. Disponível em: <http://csmt.uchicago.edu/glossary2004/iconoclasm.htm>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- EDIS, Taner. A revolt against expertise: pseudoscience, right-wing populism, and post-truth politics. **Disputatio: Philosophical Research Bulletin**. v. 9, n. 13, jun. 2020.
- ENGELKE, Matthew. **God's agents**: biblical publicity in contemporary England. Berkeley: University of California Press, 2013.
- ENGLER, Steven. Tipos de criacionismos cristãos. **Revista de Estudos da Religião**, ano 7, p. 83-107, jun. 2007.
- FACCHINI, Regina; SÍVORI, Horacio. Conservadorismo, direitos, moralidades e violência: situando um conjunto de reflexões a partir da Antropologia. **Cadernos Pagu**, n. 50, 2017.

FADDOUL, Marc; CHASLOT, Guillaume; FARID, Hany. **A longitudinal analysis of YouTube's promotion of conspiracy videos**. arXiv, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.48550/arXiv.2003.03318>. Acesso em: 23 mar. 2022.

FASSIN, Didier. Of plots and men: the heuristics of conspiracy theories. **Current Anthropology**, v. 62, e. 2, 2021.

FELDHAY, Rivka. **Religion**. In: PARK, Katharine; DASTON, Lorraine (org.). **Early modern science: the Cambridge history of science (Volume 3)**. New York *et al*: Cambridge University Press, 2006.

FRASER, Nancy. Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy. In: CALHOUN, Craig. **Habermas and the public sphere**. Cambridge/London: The MIT Press, 1992.

FREEDBERG, David. **The power of images: studies in the history and theory of response**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1989.

FRIEDMAN, Elisabeth Jay. The creation of “a modern weaving machine”: bringing feminist counterpublics online. In: FRIEDMAN, Elisabeth Jay. **Interpreting the internet**. Oakland: University of California Press, 2017.

FRIETSCH, Ute. The Boundaries of Science/Pseudoscience. **EGO-Redaktion**, abr. 2015. Disponível em: <http://ieg-ego.eu/en/threads/crossroads/knowledge-spaces/ute-frietsch-the-boundaries-of-science-pseudoscience>. Acesso em: 27 fev. 2022.

FROW, Emma. In Images We Trust? Representation and Objectivity in the Digital Age. In: COOPMANS, Catelijne *et al* (org.). **Representation in scientific practice revisited**. Cambridge/London: The MIT Press, 2014.

GABOURY, Jacob. Hidden surface problems: on the digital image as material object. **Journal of Visual Culture**, v. 14, e. 1, p. 40-60, 2015.

GARWOOD, Christine. **Flat earth: the history of an infamous idea**. London: Pan Books, 2010.

GELL, Alfred. A rede de Vogel: armadilhas como obras e arte obras de arte como armadilhas. **Arte e Ensaios**, v. 8, n. 8, p. 174-191, [1996] 2001.

GELL, Alfred. **Arte e agência: uma teoria antropológica**. São Paulo: Ubu Editora, [1998] 2020.

GIERYN, Thomas. Boundary-work and the demarcation of science from non-science: strains and interests in professional ideologies of scientists. **American Sociological Review**, v. 48, n. 6, p. 781-795, 1983.

GIERYN, Thomas. **Cultural boundaries of science: credibility on the line**. Chicago: The University of Chicago, 1999.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 95–121, 2018.

GINGERICH, Owen. The Copernican revolution. *In*: FERNGREN, Gary B. *et al* (org.). **The history of science and religion in the western tradition: an encyclopedia**. New York/London: Garland Publishing, 2000.

GINSBURG, Faye; ABU-LUGHOD, Lila; LARKIN, Brian (org.). **Media worlds: anthropology on new terrain**. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. A noção de crença e suas implicações para a modernidade: um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 327-356, jan./jun. 2011.

GIUMBELLI, Emerson. Public spaces and religion: an idea to debate, a monument to analyze. **Horizontes Antropológicos**, v. 24, n. 52, p. 279-309, set./dez. 2018.

GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2019.

GOODMAN, Nelson. **Ways of worldmaking**. Indianapolis: Hackett, [1978] 2013.

GORDIN, Michael D. **On the fringe: where science meets pseudoscience**. New York: Oxford University Press, 2021.

GORWA, Robert; BINNS, Reuben; KATZENBACH, Christian. Algorithmic content moderation: technical and political challenges in the automation of platform governance. **Big Data & Society**, jan.–jun., v. 7, e. 1, 2020.

GRAHAM, William. **Beyond the written word: oral aspects of scripture in the history of religions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GRANT, Edward. Late medieval thought, Copernicus, and the scientific revolution. **Journal of the History of Ideas**, v. 23, n. 2, p. 197-220, abr./jun., 1962.

GREEN, David; LOWRY, Joanna. From presence to the performative: rethinking photographic indexicality. *In*: GREEN, David (org.). **Where is the photograph?**. Maidstone: Photoworks, 2003.

GREGERSEN, Andreas; ØRMEN, Jacob. The output imperative: productivity and precarity on YouTube. **Information, Communication & Society**, v. 26, e. 7, p. 1363-1380, 2021.

GROGAN, Paul T.; YUE, Howard; DE WECK, Oliver. Space Logistics Modeling and Simulation Analysis using SpaceNet: Four Application Cases. *In*: **AIAA Space 2011 Conference & Exposition**, Long Beach. American Institute of Aeronautics and Astronautics, 2011.

HABERMAS, Jürgen. The public sphere: an encyclopedia article. **New German Critique**, v. 1, n. 3, p. 49-55, 1974.

HABERMAS, Jürgen. **The structural transformation of the public sphere: an inquiry into a category of bourgeois society**. Cambridge: The MIT Press, 1989.



- HARAMBAM, Jason; AUPERS, Stef. Contesting epistemic authority: conspiracy theories on the boundaries of science. **Public Understanding of Science**, v. 24, e. 4, 2014.
- HARAMBAM, Jason; AUPERS, Stef. I am not a conspiracy theorist: relational identifications in the Dutch conspiracy milieu. **Cultural Sociology**, v. 11, e. 1, p. 1-17, 2016.
- HARDING, Susan. Representing fundamentalism: the problem of the repugnant cultural other. **Social Research**, v. 58, n. 2, p. 373-393, 1991.
- HARDING, Susan; STEWART, Kathleen. Anxieties of influence: conspiracy theory and therapeutic culture in millennial America. *In*: WEST, Harry G.; SANDERS, Todd (org.). **Transparency and conspiracy**. Ethnographies of suspicion in the new world order. Duke University Press: Durham and London, 2003.
- HARSIN, Jayson. Public argument in the new media ecology: implications of temporality, spatiality, and cognition. **Journal of Argumentation in Context**, v. 3, e. 1, p. 7-34, 2014
- HARSIN, Jayson. Regimes of post-truth, post-politics, and attention economies. **Communication, Culture & Critique**, v. 8, p. 327-333, 2015.
- HIRSCHKIND, Charles. Civic virtue and religious reason: an Islamic counterpublic. **Cultural Anthropology**, v. 16, e. 1, p. 3-34, 2001.
- HOFSTADTER, Richard. **The paranoid style in american politics, and other essays**. Cambridge: Harvard University Press, [1964] 1996.
- HUI, Yuk. **On the existence of digital objects**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2016.
- HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie (org.). **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. UNESCO, 2018.
- JAMESON, Fredric. Cognitive mapping. *In*: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence. **Marxism and the interpretation of culture**. Hampshire/London: MacMillan Education, 1988.
- JAMESON, Fredric. **The geopolitical aesthetic: cinema and space in the world system**. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1992.
- JAMESON, Fredric. **As marcas do visível**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- JONES, Graham M. Deep fakes. *In*: COPEMAN, Jacob; DA COL, Giovanni (org.). **Fake** (Anthropological Keywords), Chicago: Hau Book, 2018.

KAHN-HARRIS, Keith. **Denial: the unspeakable truth**. Cumbria: Notting Hill Editions, 2018.

KALIL, Isabela. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro [relatório de pesquisa]. **Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo**, out. 2018.

KALPOKAS, Ignas. **A political theory of post-truth**. London: Palgrave Macmillan, 2019.

KARVOLA, Natascha A.; FISHER, Karen E. A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behaviour. **Information Research**, v. 18, n. 1, mar. 2013.

KAYE, David. **Speech police: the global struggle to govern the internet**. New York: Columbia Global Reports, 2019.

KEANE, Webb. Semiotics and the social analysis of material things. **Language & Communication**, v. 23, p. 409–425, 2003.

KEANE, Webb. **Christian moderns: freedom & fetish in the mission encounter**. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2007.

KEANE, Webb. On semiotic ideology. **Signs and Society**, v. 6, n. 1, 2018.

KESSLER, Elizabeth. Resolving the nebulae: the science and art of representing M51. **Studies in History and Philosophy of Science**, v. 38, p. 477-491, 2007.

KING, Henry C. **The history of the telescope**. New York: Dover Publications, 1962.

KNIGHT, Peter. Making sense of conspiracy theories. *In*: KNIGHT, Peter (org.). **Conspiracy theories in american history: an encyclopedia**. (Vol. 1). Santa Barbara/Denver/Oxford: ABC-CLIO, 2003.

KOYRÉ, Alexandre. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

KÜCHLER, Susanne; CARROLL, Timothy. **A return to the object: Alfred Gell, art, and social theory**. London/New York: Routledge, 2021.

KURGAN, Laura. **Close up at a distance: mapping, technology, and politics**. New York: Zone Books, 2013.

KURGAN, Laura *et al.* Homophily: the urban history of an algorithm. **e-flux**, out. 2019.

LANDAU, Larry. The Demise of the Demarcation Problem. *In*: COHEN, Robert; LANDAU, Larry (org.). **Physics, philosophy and psychoanalysis: essays in honor of Adolf Grilnbaum**. Dordrecht/Boston/Lancaster: D. Reidel Publishing Company, 1983.

LANDRUM, Asheley; OLSHANSKY, Alex; RICHARDS, Othello.. Differential susceptibility to misleading flat earth arguments on youtube. **Media Psychology**, v. 24, e. 1, p. 136–165, 2019.

- LANG, Fernando. Sobre a forma da Terra. **Física na Escola**, v. 15, n. 2, 2017.
- LATOUR, Bruno. From realpolitik to dingpolitik, or how to make thing public. *In*: LATOUR, Bruno; WEIBEL, Peter (org.). **Making things public**: atmospheres of democracy. Cambridge: The MIT Press, 2005.
- LATOUR, Bruno. O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 111-150, jan./jun. 2008.
- LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**. São Paulo, Editora UNESP, 2011.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- LATOUR, Bruno. Cognição e visualização: pensando com olhos e mãos. **Terra Brasilis**, v. 4, 2015.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2020a.
- LATOUR, Bruno. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, p.173-204, jan./jun. [2004] 2020b.
- LATOUR, Bruno. **Sobre o culto moderno dos deuses fatiches**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- LAW, John *et al.* Modes of Syncretism: notes on non-coherence. **CRESC Working paper series**, 119, Manchester, 2013.
- LEAL, Hugo. Networked disinformation and the lifecycle of online conspiracy theories. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (org.). **Routledge handbooks of conspiracy theories**. London/New York: Routledge, 2020.
- LEDWICH, Mark; ZAITSEV, Anna. **Algorithmic extremism**: examining YouTube's rabbit hole of radicalization. arXiv, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.48550/arXiv.1912.11211>. Acesso em: 29 set. 2022.
- LEE, Sangwon; XENOS, Michael. Incidental news exposure via social media and political participation: evidence of reciprocal effects. **New Media & Society**, v. 24, e. 1, p. 178-201, 2022.
- LEMPERT, Michael. Imitation. **Annual Review of Anthropology**, n. 43, p. 379-95, 2014.
- LEPSELTTER, Susan. **The resonance of unseen things**. Poetics, power, captivity, and UFOs in the American Uncanny. Michigan: University of Michigan Press, 2016.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. *In*: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, [1958] 2014.
- LEWANDOWSKY, Stephan; ECKER, Ullrich; COOK, John. Beyond misinformation: understanding and coping with the “post-truth” era. **Journal of Applied Research in Memory and Cognition**, v. 6, e. 4, p. 353–369, 2017.
- LEWIS, Rebecca. **Alternative influence**: broadcasting the reactionary right on YouTube. New York: Data & Society Research Institute, 2018.
- LEWIS, Rebecca; MARWICK, Alice. Taking the red pill: ideological motivations for spreading online disinformation. **Understanding and Addressing the Disinformation Ecosystem**, Philadelphia, dez. 2017. Disponível em: [https://tiara.org/wp-content/uploads/2018/05/lewis\\_marwick\\_redpill\\_ideological\\_motivations.pdf](https://tiara.org/wp-content/uploads/2018/05/lewis_marwick_redpill_ideological_motivations.pdf). Acesso em: 30 abr. 2023.
- LINDBERG, David C. Galileo, the church and the cosmos. *In*: LINDBERG, David C.; NUMBERS, Ronald L. (org.). **When science and christianity meet**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2008.
- LOBATO, Ramon. The cultural logic of digital intermediaries: YouTube multichannel networks. **Convergence**, v. 22, e. 4, p. 348–360, 2016.
- LURY, Celia; DAY, Sophie. Algorithmic personalization as a mode of individuation. **Theory, Culture & Society**, v. 36, e. 2, p. 17–37, 2019.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, [1960] 1989.
- LYNCH, Michael. STS, symmetry and post-truth. **Social Studies of Science**, v. 47, n. 4, p. 593-599, 2017.
- LYNCH, Michael; EDGERTON, Samuel Y. Aesthetics and digital image processing: representational craft in contemporary astronomy. **The sociological review**, v. 35, n. 1, 1987.
- MACDOUGALL, David. The visual in anthropology. *In*: BANKS, Marcus; MORPHY, Howard (org.). **Rethinking visual anthropology**. New Haven: Yale University, 1999.
- MARRES, Noortje. Why we can't have our facts back. **Engaging Science, Technology, and Society**, v. 4, p. 423-443, 2018.
- MARSHALL, Michael. Flat earthers: what they believe and why. [Entrevista concedida a] Steve Mirsky. **Scientific American**. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/podcast/episode/flat-earththers-what-they-believe-and-why/>. Acesso em: 2 mar. 2023.
- MARTINI, Michele. On the user's side. **Convergence**, v. 24, e. 1, p. 33–49, 2018.
- MARWICK, Alice; LEWIS, Rebecca. Media manipulation and disinformation online. **Data & Society**, mar. 2017.

MCKENZIE-MCHARG, Andrew. Experts versus eyewitnesses. Or, how did conspiracy theories come to rely on images? **Word & Image**, v. 35, n. 2, 2019.

MELLEY, Timothy. Conspiracy in American narrative. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (org.). **Routledge handbooks of conspiracy theories**. London/New York: Routledge, 2020.

MELO, Leonardo W. S. de; PASSOS, Marinez M.; SALVI, Rosana F. Análise de publicações ‘terraplanistas’ em rede social: reflexões para o ensino de ciências sob a ótica discursiva de Foucault. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 20, p. 275–294, 2020.

MEYER, Birgit. Going and making public: pentecostalism as public religion in Ghana. *In*: ENGLUND, Harri (org.). **Christianity and public culture in Africa**. Columbus: Ohio University Press, 2011.

MEYER, Birgit. De comunidades imaginadas a formações estéticas: mediações religiosas, formas sensoriais e estilos de vínculo. *In*: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2019a.

MEYER, Birgit. Religião material: como as coisas importam. *In*: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2019b.

MEYER, Birgit. “Há um espírito naquela imagem”: imagens de Jesus produzidas em massa e outras formas de animação protestante-pentecostal em Gana. *In*: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2019c.

MEYER, Birgit. Mediação e a gênese da presença: rumo a uma abordagem material da religião. *In*: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2019d.

MEYER, Birgit. Imagens do invisível: cultura visual e estudos da religião. *In*: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (org.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2019e.

MEYER, Birgit; VERRIPS, Jorada. Aesthetics. *In*: MORGAN, David (org.). **Key words in religion, media and culture**. New York/London: Routledge, 2018.

MEYEROWITZ, Joanne. Women, cheesecake, and borderline material: responses to girlie pictures in the mid-twentieth-century U.S. **Journal of Women's History**, v. 8, n. 3, p. 9-35, 1996.

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo no novo ambiente comunicacional: uma reavaliação da noção do “jornalismo como sistema perito”. **Tempo Social**, v. 34, e. 2, p. 195-216, 2022.

- MITCHELL, William J. T. **Image science**: iconology, visual culture, and media aesthetics. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2015.
- MOHAMMED, Shaheed. N. Conspiracy theories and flat-earth videos on YouTube. **The Journal of Social Media in Society**, v. 8, e. 2, p. 84–102, 2019.
- MOLINA, Maria D. *et al.* “Fake news” is not simply false information: a concept explication and taxonomy of online content. **American Behavioral Scientist**, v. 65, e. 2, p. 180–212, 2021.
- MONTERO, Paula. “Religiões públicas” ou religiões na esfera pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. **Religião & Sociedade**, v. 36, e. 1, 2016.
- MORGAN, David. **The embodied eye**: religious visual culture and the social life of feeling. Berkeley: University of California Press, 2012.
- MORGAN, David. **Images at work**: the material culture of enchantment. New York: Oxford University Press, 2018.
- MOROZOV, Evgeny. **The net delusion**: the dark side of internet freedom. New York: Public Affairs, 2011.
- MOROZOV, Evgeny. **Big tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- MOSCO, Vincent. **To the cloud**: big data in a turbulent world. Boulder/London: Paradigm Publishers, 2014.
- MOZILLA FOUNDATION. **YouTube regrets**: a crowdsourced investigation into YouTube's recommendation algorithm. 2021. Disponível em: [https://assets.mofoprod.net/network/documents/Mozilla\\_YouTube\\_Regrets\\_Report.pdf](https://assets.mofoprod.net/network/documents/Mozilla_YouTube_Regrets_Report.pdf). Acesso em: 24 abr. 2022.
- MURRAY, Susan. Digital images, photo-sharing, and our shifting notions of everyday aesthetics. **Journal of Visual Culture**, v. 7, e. 2, p. 147-163, ago. 2008.
- NASCIMENTO, Leonardo *et al.* Poder oracular e ecossistemas digitais de comunicação: a produção de zonas de ignorância durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 23, e. 2, mai./ago. 2021.
- NASCIMENTO, Leonardo; CESARINO, Letícia; FONSECA, Paulo. “Quando se está morrendo afogado, até jacaré é tronco para se agarrar”: cloroquina e médicos em grupos de direita do Telegram. **Lavits** – Rede de latino-americana de estudos sobre vigilância, tecnologia e sociedade, out. 2020. Disponível em: [https://lavits.org/lavits\\_covid19\\_22-quando-se-esta-morrendo-afogado-ate-jacare-e-tronco-para-se-agarrar1-cloroquina-e-medicos-em-grupos-de-direita-do-telegram/](https://lavits.org/lavits_covid19_22-quando-se-esta-morrendo-afogado-ate-jacare-e-tronco-para-se-agarrar1-cloroquina-e-medicos-em-grupos-de-direita-do-telegram/). Acesso em: 20 jul. 2023.
- NAVAS, Eduardo. **Remix theory**: the aesthetics of sampling. Wien/New York, Springer, 2012.

- NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of oppression**: how search engines reinforce racism. New York: New York University Press, 2018.
- NOWOTNY, Helga: Science and its critics: reflections on anti-science. *In*: NOWOTNY, Helga *et al* (org.). **Counter-movements in the sciences**: the sociology of the alternatives to big science. Dordrecht: Springer, 1979.
- NOYS, Benjamin. The density and fragility of the world: Latour. *In*: NOYS, Benjamin. **The persistence of the negative**: a critique of contemporary continental theory. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
- NUMBERS, Ronald L. **The creationists**: the evolution of scientific creationism. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1993.
- NUMBERS, Ronald L. Foreword. *In*: BLANCKE, Stefaan; HJERMITSLEV, Hans Henrik; KJÆRGAARD, Peter C. (org.). **Creationism in Europe**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2014.
- NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem**: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- OBERHAUSER, Claus. Freemasons, Illuminati and jews: conspiracy theories and the French Revolution. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (org.). **Routledge handbooks of conspiracy theories**. London/New York: Routledge, 2020.
- OLSHANSKY, Alex. **Conspiracy theorizing and religious motivated reasoning**: why the Earth 'must' be flat. TTU, 2018. 64 f. Thesis (Master of Arts) — Graduate Faculty of Texas Tech University, Texas Tech University, 2018.
- OLSHANSKY, Alex; PEASLEE, Robert; LANDRUM, Asheley. Flat-Smacked! Converting to flat eartherism. **Journal of Media and Religion**, v. 19, e. 2, p. 46-59, 2020.
- ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik. **Merchants of doubt**: how a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming. New York: Bloomsbury Press, 2010.
- ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. **Perseu: História, Memória e Política**, ano 7, n. 11, 2016.
- OSBORNE, Peter. Infinite exchange: the social ontology of the photographic image. **Philosophy of Photography**, v. 1, n. 1, p. 59-68, 2010.
- PALMER, Daniel. The rhetoric of the JPEG. *In*: LISTER, Martin. **The photographic image in digital culture**. Abingdon: Routledge: 2013.
- PAOLILLO, John. The flat earth phenomenon on YouTube. **First Monday**, v. 23, e. 12, 2018.
- PARANÁ, Edemilson; TUPINAMBÁ, Gabriel. **Arquitetura de Arestas**: as esquerdas em tempos de periferização do mundo. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

PARISER, Eli. **The filter bubble**: what the internet is hiding from you. New York: Penguin Press, 2011.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PETTMAN, Dominic. **Infinite distraction**: paying attention to social media. Cambridge: Polity, 2016.

PHILLIPS, Whitney; MILNER, Ryan. **You are here**: a field guide for navigating polarized speech, conspiracy theories, and our polluted media landscape. Cambridge/London: The MIT Press, 2021.

PIGLIUCCI, Massimo; BOUDRY, Maarten. Why the Demarcation Problem Matters. *In*: PIGLIUCCI, Massimo; BOUDRY, Maarten (org.). **Philosophy of pseudoscience**: reconsidering the demarcation problem. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

PINNEY, Christopher. Four types of visual culture. *In*: TILLEY, Chris *et al* (org.). **Handbook of material culture**. London: Sage Publications, p. 131-144, 2006.

PINNEY, Christopher. The Prosthetic Eye: Photography as Cure and Poison. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 14, 2008.

PRAIA, João Felix; CACHAPUZ, António Francisco Carrelhas; GIL-PÉREZ, Daniel. Problema, teoria e observação em ciência: para uma reorientação epistemológica da educação em ciência. **Ciência & Educação**, v. 8, n. 1, p. 127-145, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental org./Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **Aisthesis**: scenes from the aesthetic regime of art. London: Verso, 2013.

REED, Patricia. Promiscuous publicness and the uncommon in-common. *In*: PAM, **Public Art Munich**, Munich, 2018. Disponível em: <https://pam2018.de/texts/promiscuous-publicness-and-the-uncommon-in-common/?lang=en>. Acesso em: 18 out. 2022.

ROBERTS, Sarah T. **Behind the screen**: content moderation in the shadows of social media. New Haven/London: Yale University Press, 2019.

ROBERTS, Sarah T. Content moderation. *In*: MERSKIN, Debra L. **The SAGE international encyclopedia of mass media and society**. California: Thousand Oaks, 2020.

ROCHA, Camila; MEDEIROS, Jonas. Jair Bolsonaro and the dominant counterpublicity. **Brazilian Political Science Review**, v. 15, e. 3, 2021.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Religiosos sem igreja: um mergulho na categoria censitária dos sem religião. **Revista de Estudos da Religião**, ano 7, p. 31-56, dez. 2007.



RUSSEL, Jeffrey Burton. **Inventing the flat Earth**: Columbus and modern historians. New York: Praeger, 1991.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. A virada e a imagem: história teórica do pictorial/iconic/visual turn e suas implicações para as humanidades. **Anais Do Museu Paulista**, Nova Série, v. 27, p. 1-51, 2019.

SANTOS, Douglas; MARTINEZ, Elias. “A igreja sou eu, é você, somos nós”: notas sobre a desinstitucionalização evangélica no Brasil a partir da observação da Comunidade Caminho da Graça. **Religião & Sociedade**, v. 40, e. 2, p. 31–54, 2020.

SCOTT, Eugenie C. **Evolution vs. creationism**: an introduction. Connecticut/London: Greenwood Press, 2004.

SEAVER, Nick. Captivating algorithms: recommender systems as traps. **Journal of Material Culture**, v. 24, e. 4, p. 421–436, 2018.

SEVERI, Carlo. Fake as knowledge and relationship. *In*: COPEMAN, Jacob; DA COL, Giovanni (org.). **Fake** (Anthropological Keywords), Chicago: Hau Book, 2018.

SHAPIN, Steven. The man of science. *In*: PARK, Katharine; DASTON, Lorraine (org.). **Early modern science**: the Cambridge history of science (Volume 3). New York *et al*: Cambridge University Press, 2006.

SIMONSEN, Kjetil Braut. Antisemitism and conspiracy. *In*: BUTTER, Michael; KNIGHT, Peter (org.). **Routledge handbooks of conspiracy theories**. London/New York: Routledge, 2020.

SISMONDO, Sérgio. Post-truth? **Social Studies of Science**, v. 47, n. 1, p. 3-6, 2017a.

SISMONDO, Sergio. Casting a wider net: a reply to Collins, Evans and Weinel. **Social Studies of Science**, v. 47, n. 4, p. 587-592, 2017b.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Cia das Letras, 2011

SPARK, Alasdair. Conjuring order: the New World Order and conspiracy theories of globalization. **The Sociological Review**, v. 48, e. 2, 2000.

SPRAGUE, Stephen. How I see the Yoruba see themselves. **Studies in the Anthropology of Visual Communications**, v. 5, e. 1, p. 9–29, 1978.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge/Malden: Polity Press, 2017.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002.

STROMBERG, Peter. **Language and self-transformation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

SUZOR, Nicolas P. **Lawless**: the secret rules that govern our digital lives. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

- TAUSSIG, Michael. **Mimesis and alterity**. A particular history of the senses. New York: Routledge, 1993.
- TERRANOVA, Tiziana. Attention, economy and the brain. **Culture Machine**, n. 13, 2012.
- TESTA, Sabrina. **Oposição e parte**: o movimento ateu e o campo religioso brasileiro. UFSC, 2020. 246 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- TOSCANO, Alberto; KINKLE, Jeff. **Cartographies of the absolute**. Winchester, Washington: Zero Books, 2015.
- TRESCH, John. Cosmogram. *In*: OHANIAN, Melik; ROYUX, Jean-Christophe. **Cosmograms**. New York: Lukas & Stenberg, 2005.
- TRESCH, John. Technological world-pictures: cosmic things and cosmograms. **Isis**, v. 98, n. 1, p. 84-99, mar. 2007.
- TUFEKCI, Zeynep. Algorithmic harms beyond Facebook and Google: emergent challenges of computational agency. **Colorado Technology Law Journal**, v. 13, 2015.
- TUPINAMBÁ, Gabriel. The mismeasure of thought: some notes on organization, scale and experimentation in politics and science. **Crisis & Critique**, v. 5, e. 1, 2018.
- TUPINAMBÁ, Gabriel *et al.* Contribution to the critique of political organization: outline of an ongoing research project. **Crisis & Critique**, v. 7, e. 3, 2020.
- ÜLKÜMEN, Gülden; CHAKRAVARTI, Amitav; MORWITZ, Vicki. Categories create mind-sets: the effect of exposure to broad versus narrow categorizations on subsequent, unrelated decisions. **Journal of Marketing Research**, v. 47, p. 659–671, ago. 2010.
- VAN RIPER, A. Bowdoin. Moon landings. *In*: KNIGHT, Peter (org.). **Conspiracy theories in American history**: an encyclopedia. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2003.
- VINE, Michael; CAREY, Matthew. Mimesis and conspiracy: bureaucracy, new media and the infrastructural forms of doubt. **The Cambridge Journal of Anthropology**, v. 35, n. 2, p. 47–64, 2017.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, [1975] 2010.
- WAGNER, Roy. **Símbolos que representam a si mesmos**. São Paulo: Editora Unesp, [1986] 2017.
- WALLIS, Roy. Science and pseudo-science. **Social Science Information** (SAGE), London/Beverly Hills/New Delhi, v. 24, n. 3, p. 585-601, 1985.
- WARDLE, Claire. Fake news. It's complicated. **First Draft**, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated/>. Acesso em: 17 mai. 2022.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WARNER, Michael. Publics and counterpublics. **Public Culture**, v. 14, e. 1, p. 49–90, 2002.

WILSON, David B. The historiography of science and religion. *In*: FERNGREN, Gary B. *et al* (org.). **The history of science and religion in the western tradition**: an encyclopedia. New York/London: Garland Publishing, 2000.

WOOLLEY, Kaitlin; SHARIF, Marissa A. Down a rabbit hole: how prior media consumption shapes subsequent media consumption. **Journal of Marketing Research**, v. 59, e. 3, 2021.

YURCHAK, Alexei. Fake, unreal, and absurd. *In*: COPEMAN, Jacob; DA COL, Giovanni (org.). **Fake** (Anthropological Keywords), Chicago: Hau Book, 2018.